

V I C T O R S . G O N Ç A L V E S

STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)

Estudos anexos de

EUGÉNIA CUNHA, ANA MARIA SILVA e MARTA MIRANDA (Antropologia)

ALEJANDRO PÉREZ-PÉREZ e JORDI GALBANY (Microestriação dentária)

MARTA MORENO (Fauna)

PAULA QUEIROZ (Flora)



Agradecimentos

Agradeço

1.

O apoio do em breve extinto *Instituto Português de Arqueologia* (desejando-lhe, *en passant*, o destino da fénix...). E uma especial referência para o então seu subdirector. Para além de se ter interessado pela intervenção de terreno, António Monge Soares leu também criticamente o capítulo sobre as datações ^{14}C , elaborou o gráfico que as acompanha e efectuou novas calibrações das datações obtidas há alguns anos para o *tholos* OP-2b. Ao CIPA, e ao seu director, José Mateus, as facilidades no uso de equipamento para fotografia em lupa binocular, no momento em que o da UNIARQ entrou em colapso irreversível. Também no IPA, António Faria, o mais irredutível dos não gauleses, responsável pela excelente secção de publicações, revelou esperada (im)paciência ao discutir comigo pormenores formais da formulação final do texto arqueológico. Questões fracturantes como «3.^o» ou «III» milénio, «vírgula» ou «ponto» a separar decimais, Neolítico «final» ou Neolítico «Final», «Bibliografia» ou «Referências», contam-se entre as mais duras batalhas que, nestes campos específicos, já travei. E que, neste fundamentalista contexto editorial, várias vezes perdi. Mas antes perder pequenas batalhas que bons amigos;

2.

À Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz e ao seu presidente, Vítor Martelo, o apoio consubstanciado no transporte diário da equipa e as máquinas pesadas que, apesar de poucas, não foram negadas para acorrer a situações pontuais;

3.

À Fundação Gulbenkian, Serviço de Belas-Artes, o pequeno subsídio que nos permitiu pagar algumas aquisições de serviço;

4.

A Susana Pombal, uma arqueóloga do «nosso choco», a contínua disponibilidade para execução de tarefas e a meticulosidade com que as realizou, por vezes muito para além do seu horário de trabalho;

5.

A André Pereira, que escavou praticamente sozinho a fase mais antiga de utilização do Corredor, e a Marisa Cardoso e Marco Andrade, pelas horas que, durante a Campanha, roubaram ao sono, passando a computador as listagens de espólio, desenhando cerâmicas e efectuando distribuições espaciais dos artefactos, que muito ajudaram a consolidar no laboratório as primeiras observações de terreno. Os três desenvolveram uma intensa actividade de gabinete, particularmente a nível das cerâmicas e das placas de xisto, e Marco Andrade traçou rapidamente desenhos novos, sempre que se acendeu o alerta vermelho. Carla Matias e Catarina Alves trabalharam na reconstituição da distribuição espacial dos artefactos. Já na fase final de preparação do texto, Eva Machado colaborou no registo dos valores descritivos dos materiais arqueoló-

gicos e na sua reverificação sistemática. Também nesta derradeira fase, e até à entrega da versão final da monografia, Cátia Coelho participou nas últimas descrições de materiais e particularmente nas sessões de fotografia que produziram as imagens de artefactos e objectos que ilustram esta monografia. Acompanhou atentamente o tratamento digital de imagens e discutiu, com entusiasmo, luzes e texturas, o claro e o escuro de um estranho Inverno;

6.

A Paulo Fonseca, que, prolongando amavelmente a colaboração iniciada com STAM-2, classificou a natureza mineralógica de alguns artefactos e esclareceu dúvidas básicas, cuja complexidade para não-geólogos está no extremo oposto da sua aparente simplicidade...

7.

A António Faustino de Carvalho, que aceitou discutir comigo aspectos da tecnologia lítica, a propósito de restos de talhe e indústrias microlaminares;

8.

Ao Museu Monográfico de Odrinhas, e ao seu Director, e remoto companheiro de composição de *operas bufas* de temática arqueológica, José Cardim Ribeiro, o apoio no desenho de algumas placas de xisto, executado por Ana Isabel Neves, e ao Museu Monográfico de Conímbriga, e ao seu Director, Virgílio H. Correia, o pronto restauro de dois vasos cerâmicos;

9.

Ao CNART, e ao seu Director, António Martinho Baptista, o apoio no desenho da excepcional placa recortada J.8-667 e da placa H.8-5 e seu enigmático verso, confiado a Fernando Barbosa, que o efectuou com precisão e eficácia. Foi a partir dos seus desenhos que efectuei as desmontagens de paginação. E se erros houver neles a mim exclusivamente a responsabilidade cabe;

10.

A Ana Margarida Arruda, muito mais que um simples factor estruturante de rectaguarda, cuja leitura crítica de este texto a afastou, por algum tempo, de gregos e fenícios, ainda que os primeiros já fossem, no século IV cal A.C., em cronologia «histórica» ou radiocarbónica..., bem pouco recomendáveis, e, quanto aos outros, o melhor é esquecer;

II.

A Ana Catarina Sousa, que nunca foi propriamente uma simpatizante das antas da Herdade de Santa Margarida, a disponibilidade para verificar referências bibliográficas e o apoio em *software* no tratamento informático dos dados de campo. Acolheu amavelmente no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra, perto de outros esqueletos no seu armário, o espólio antropológico que Eugénia Cunha, Ana Maria Silva e Marta Miranda estudariam. Finalmente, mesmo protestando continuamente pelos atrasos que STAM-3 implicou nos trabalhos que temos em comum em outros monumentos e sítios, nunca deixou de colaborar nas pequenas tarefas que, durante a preparação de uma monografia, e particularmente na sua fase final, degeneram frequentemente em grandes complicações.

Algumas palavras antes do essencial, precedidas por três citações muito a propósito (mesmo que o não pareçam)

L'objectivisme constitue le monde social comme un spectacle offert à un observateur qui prend «un point de vue» sur l'action et qui, important dans l'objet, fait comme s'il était destiné à la seule connaissance et si toutes les interactions s'y réduisaient à des échanges symboliques. Ce point de vue est celui qu'on prend à partir des positions élevées de la structure sociale d'où le monde social se donne comme une représentation – au sens de la philosophie idéaliste mais aussi de la peinture et du théâtre – et d'où les pratiques ne sont que rôles de théâtre, exécutions de partitions ou applications de plans.

PIERRE BOURDIEU, *Le sens pratique*, p. 87

La vision scolastique fait l'économie d'une interrogation méthodique sur la différence entre le point de vue théorique et le point de vue pratique, qui s'impose, en dehors de toute intention de pure spéculation, dans la conduite des opérations les plus concrètes de la recherche en sciences sociales...

PIERRE BOURDIEU, *Méditations pascaliennes*, p. 68

Jacquemort entra sans frapper. La fille, assise sur son lit, lisait un Journal de sept ans plus tôt. Les nouvelles mettaient longtemps à parvenir au village.

BORIS VIAN, *L'Arrache-cœur*, p. 118

Tubarões, sardinhas e pargos num oceano inquieto

Em 1992, há pouco mais de dez anos, ao apresentar em público «Revento as antas de Reguengos de Monsaraz», referia-me a alguns tipos de arqueologia que floresciam no Portugal de então. Sendo uma delas a arqueologia *agit-prop* e outra a arqueologia *promenade*, esta de algum modo não sendo outra coisa senão uma versão bastante *light* da primeira. Tal como o *Campo Arqueológico de Mértola* parecia um excelente exemplo do primeiro caso, a arqueologia do IPPAR era seguramente um magnífico exemplo do segundo, uma arqueologia tão *light* que por vezes parecia levantar voo com a suave brisa de Outono.

É bom que se escreva que nenhuma antipatia particular originava então estas designações. Se o custo de Mértola nunca foi quantificado, tal como nunca o foi o da recuperação de Alcalar 7 (e que susto seria se o fosse ...), as consequências destas intervenções parecem, apesar de tudo, positivas. Alguns dos poucos investigadores associados a estes projectos não são exactamente naufragos, têm os pés bem assentes na terra, e acabaram por produzir trabalho valioso na recuperação social de um património esquecido. Quanto ao IPPAR, o drama não é o da arqueologia que produz, mas sobretudo *da que não produz*, e as escassas excepções não justificam a terrível realidade (mas quantos são os que, enroscados nas cadeias de comando como gatos gordos, alguma vez se importaram com isso?). Claro que há bons investigadores no IPPAR (conheço pessoalmente alguns e sou amigo de outros), como há maus e péssimos (e esses evito cuidadosa-

mente). Aliás, tal como nas autarquias, no IPA, em muitos outros sítios e nas próprias Universidades (essas com alguns *lac-lacs* e *palenkis* infiltrados pelas fendas do sistema e, infelizmente, impossíveis de erradicar).

Às vezes, sem querer ou de propósito, carregamos as cores, mas é preciso distinguir matices (quando existem).

Na verdade, numa certa perspectiva teórica, para a qual a reacção ao pós-modernismo nos arrasta em escusos momentos, não existe sequer uma arqueologia «universitária», uma arqueologia «administrativa» ou uma arqueologia «de empresa». O que existe, indiscutivelmente, é «boa» e «má» Arqueologia. Mas que a melhor versão se concentra preponderantemente num campo, e muito menos nos outros, de onde não está excluída, claro, essa é uma verdade difícil de esconder. E, sobretudo, difícil de aceitar por alguns. Particularmente pelos que, sabendo bem das terríveis limitações do seu «trabalho», não conseguem digerir a qualidade do esforço alheio. Qualidade incómoda, por contrastante. Logo, negada ou justificada por divergências de perfil ou favoritismos do sistema. E se o primeiro caso é frequentemente verdadeiro, o segundo é quase sempre escandalosamente inventado e objecto de uma meticulosa manipulação, que Himmler não rejeitaria.

Assim, vemos por vezes *aparatchiks* vermelhos associados a tristes sombras do neo-liberalismo pseudo-democrático (uma associação sempre rentável) ou criaturas eticamente deficientes assumindo patéticos comportamentos de tribunos de terceira ordem (e se os de primeira são o que sabemos, estes arrepiam muito mais).

Nada disto seria verdadeiramente importante — repito muitas vezes a pragmática máxima americana «é preciso toda a espécie de gente para fazer um mundo» — se o tempo não fosse tão curto, hoje muito mais que ontem, e se os danos acumulados não estivessem já gerando um monstro mutante para o qual nenhum matador de dragões, elfo com boa pontaria ou hobbit corajoso, chegará. E, para o combater, não chegam figuras heroicizadas, é necessária também uma entidade de tutela centralizada, forte, responsável, prestigiada e disciplinadora.

Ora alguns anos atrás (Gonçalves, 1997b), a propósito do IPPAR e do IPA, então em fim de século, escrevia um texto epigrafiado com uma pequena fábula, naturalmente também de minha autoria, e que, a propósito, repito:

«Disse o tubarão à sardinha: sai das minhas águas, que não suporto peixes pequenos e azuis a comerem o mesmo que eu!»

O mesmo?, perguntou a sardinha indignada, o meu apetite é bem menor. Quanto mais não seja por uma questão de princípios, contento-me com escassa parte do que tu consomes!!

— Aí está, retorquiu-lhe o tubarão. O facto de comeres pouco é um insulto a quem, para além de comer mais, tudo tem o direito de comer. Por isso, a tua própria existência é um absurdo, condenado por Darwin e por Keynes.»

(«O tubarão letrado e a sardinha imprevidente»)

E continuava: «Tubarões e sardinhas enfrentam-se hoje num mar agitado, em que pargos universitários, carapaus independentes e algumas douradas francesas navegam perturbados» (id. p. 86). O que era tristemente verdade, e não apenas uma metáfora.

Mas, sendo, infelizmente, as minhas capacidades de adivinhação limitadas pelo positivismo que me impregna desde o berço, não vislumbrava então a justeza da metáfora ictiológica, o distanciamento da corvina, a ameaça do cação ou os progressos da piranha. Nem a desarticulação suicida que conduziria, de algum modo, ao triunfo do tubarão. E à eventual destruição de trabalho importante, na sequência do desgaste originado por uma estúpida distribuição de competências e pela disputa em que inevitavelmente se envolveram os cabeças de cardume.



Hoje, outros tipos de arqueologia floresceram e uma nova ampla categoria veio juntar-se às anteriores: a *arqueologia McDonald's*, ou, numa outra variante, a *arqueologia de supermercado* (mas com horários das dez às cinco).

Estas arqueologias, aparentemente assépticas, que erradamente poderiam ser chamadas de *produto branco* (quando, na verdade, estão bem identificadas) tornaram-se inevitáveis num ambiente neo-liberal, mas alguns dos seus componentes ganharam invulgar periculosidade com o triunfar contextual de uma nova mutação indígena da ideologia neo-liberal, agora tornada selvagem. Não havendo possivelmente, na realidade actual, grandes esperanças que as coisas mudem.

Assim, para um federalista convicto, como eu, resta esperar que a União europeia tenha também consequências a nível das arqueologias, como o teve na obrigatoriedade da indicação da validade dos alimentos (e em tantas outras pequenas coisas que esquecemos facilmente, quando não pensamos que sempre existiram, mal de um povo que come demasiado queijo).

Talvez o exemplo de França, onde o Estado chamou a si o controlo da arqueologia preventiva ou de salvamento, acabe por inspirar alguém, mas o meu intrínseco cepticismo não me faz dormir melhor (o que talvez acontecesse se assim não fosse) e, sendo o nosso universo local o que é, não estou isento de dúvidas sobre a bondade da solução.

Num contexto de discussões surdas e de rumores menores, a lógica de alguns empregadores medíocres, que vendem a arqueologia por grosso e a retalho, numa perspectiva de grandes armazéns, onde tudo se salda a seu tempo, e onde a única perspectiva é vender «o produto», enriquecer e «servir o cliente», parece ter em determinados sectores quem a defenda, promova e proteja, talvez por, de uma ou outra forma, lucrar com isso.

Claro que algo tem que ser feito, e depressa, para que o descalabro se não torne irreversível, os depósitos do IPA ou os museus se não encham de centenas de milhares de peças descontextualizadas, por estudar, ou apenas sumariamente referidas em publicações eternamente preliminares, em revistas de autopropaganda comercial, vendendo margarina ou arqueologia (no contexto, tanto faz). Para que não regressemos, e por muito tempo, aos anos negros que foram os primeiros 70 do século passado.

Sendo isto o mínimo que se pode desejar, o desejo e a realidade são, como sabemos, duas coisas bem distintas e que, desgraçadamente, raramente coincidem.

Alguns comentários a propósito disto e daquilo, com STAM-3 como pretexto...

Qualquer trabalho de Arqueologia que implique uma suficiente dose de reflexão pode trazer perspectivas que nem sempre são claramente assumidas pelos autores, ou porque as não pensaram ou por recearem assumi-las perante um dado universo crítico (o que, entre nós, não faz sentido, sendo esse universo tão restrito, palavroso e inofensivo).

Permite-se assim que bem intencionados e ingênuos leitores, ou exegetas oportunistas, vejam na aparente ausência de método uma obscura filiação em flutuantes correntes teóricas do momento, cuja construção, longe das tarefas de campo, consideradas entediadas ou menores, frequentemente lhes retirou qualquer suporte concreto.

Um dos problemas, para escolher um exemplo, não reside em terem lido Bourdieu, *mas em não terem sabido ler*. O que é deplorável não é o facto de errarem, mas o de não serem capazes de cometer os erros certos*. Não representam, ao contrário do que julgam, o topo de um sistema medíocre, são apenas o verniz que reveste o conjunto e que o tempo se encarregará de escamar, primeiro, e remover, depois. Para dar lugar, se tudo correr pelo melhor, a fermentos indispensáveis às continuidades do devir científico, e não a vistosos adornos baratos que o sufocam à nascença.

Estou certo (e de muito poucas coisas estou) que alguns de esses bonzos, ou neo-bonzos, como muito antes de agora lhes chamei, a Atenas prefeririam Bizâncio, onde as cores das vestes eram mais garridas e carregadas de supremos e feéricos simbolismos. Ignoram Voltaire, cujo humor, se o conhecessem, reprovariam certamente, e assumem superficialmente uma cultura anglo-americana de pacotilha, que mimam em escritos sem história, onde repetem, extasiados, a teoria da última semana. São a nata poluída da tristeza nacional, agravada por suporem que a única língua culta é a dos outros (de alguns outros, mais propriamente), preferindo às ferramentas da nossa identidade a superficialidade de pensamentos traduzidos, ou, curiosamente, sobrevalorizados só por o não terem sido. Expressam a sua adesão ao que consideram o Supremo Exterior, ou julgam absorvê-lo, e assumem-no em citações que pensam estrategicamente estruturantes, de forma obsessiva. São felizmente textos que poucos lêem, que ninguém refere, onde se exprimem interpretações que os próprios autores citados cuidadosamente ignoram (o que, neste caso, é prova de bom gosto e melhor civilização).



Esta monografia, se no campo da perspectiva teórica algum mérito tiver será exactamente o mérito escondido de não ter cedido um milímetro às facilidades encantatórias do momento. Começou com duro trabalho de campo, onde tudo o que podia ser registado o foi, escrupulosamente. Continuou com trabalho de equipa (e ganhou com a excelência de quem estudou com pormenor e exactidão a antropologia, a fauna e a flora). Cresceu com a listagem alternativa das explicações possíveis e avançou uma cronologia absoluta, bem menos discutível neste contexto que noutros, em que os dados foram ingenuamente sobrevalorizados.

Aqui se analisaram, antes do restante, por um lado, artefactos, por outro, gestos (mal) fossilizados, traduzindo ambas perdas acções humanas. Não são perspectivas idênticas, na complexidade aparentemente diversa a que se referem, mas a primeira, sendo sem dúvida muito mais fácil que a segunda, está longe de ser menos importante.

Também é verdade que não fomos a Rapa Nui perguntar o que as comunidades locais fizeram, e como o fizeram, para percebermos o que, a milhares de quilómetros de distância, foi feito num Alentejo certamente muito diferente do actual. Mas usei todas as vias para recuperar o ainda recuperável e integrá-lo numa perspectiva que, sendo apenas a nossa, talvez a anos-luz do III milénio antes da nossa era, é a possível.

E se, a nível de objectos, artefactos, e fragmentos de ambos, se usou sempre um detalhe e minúcia que podem parecer excessivos, tal se deve também a parte do que estava em jogo e que era aqui muito mais diverso do que pode parecer.

Por exemplo, no caso das placas de xisto gravadas, foi minha intenção avançar desde já padrões de rigor na descrição e análise e uma relativa objectividade interpretativa, tudo sem cair na obsessão informático-estatística, neste contexto inadequada e, mesmo, ilusória ou geradora de ilusões. Como consta de um conhecido aforismo gowachin, «a objectividade pura não existe de modo nenhum». Mas é evidente que o equilíbrio entre perspectivas deve determinar os processos de aproximação a este tipo de realidade irremediavelmente mutilada.

E no caso do espólio lítico, particularmente no que se refere aos restos de talhe, a leitura minuciosa e detalhada dos atributos fez-se no pressuposto que eles seriam importantes para a sua caracterização directa e, indirectamente, pelo seu previsto uso no esclarecimento de uma situação que abordei pela primeira vez em relação a STAM-2: a dúvida sobre se os mortos depositados no monumento seriam ou não cobertos por terra proveniente do exterior. E isto ou no momento mesmo da sua deposição ou aquando da deposição de outros mortos no mesmo espaço.

Assim, nesta perspectiva, este trabalho é também um *statement* de uma entre outras formas de estudar o megalitismo e os complexos mágico-religiosos das antigas sociedades camponesas, sem receio dos comentários agressivos de conhecidos *doozers* e *bandar-log*, e esperando, com algum divertimento, porventura antecipado e injustificável, as críticas fáceis de quem supõe que os modelos teóricos não necessitam de ser testados no terreno e têm, só por si, uma validade própria.

Que a Grande Deusa dos Olhos de Sol lhes perdoe e o Oráculo lhes dê melhor conselho.

Continuo a pensar que a Arqueologia não se constrói com rótulos identificadores de escolas de pensamento, mas com pensamento original e criativo, baseado nos dados de campo, com gosto, sensibilidade e, sobretudo, bom senso. Quando me engano, peço desculpa. Se me enganei, começo outra vez.

A anta 3 da Herdade de Santa Margarida enquanto objecto de estudo

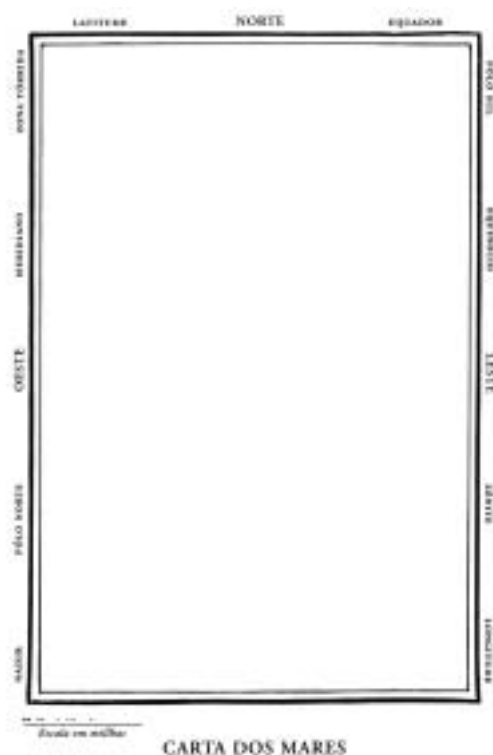
A intervenção na Anta 3 da Herdade de Santa Margarida deve ler-se no conjunto das operações desencadeadas em 2000 pelo *Instituto Português de Arqueologia* para acudir a uma situação de destruição generalizada daqueles monumentos, destruição que tinha sido em parte conseguida.

Irremediavelmente destruída a anta 1, conseguiu-se impedir a total destruição da anta 2, ainda assim muito danificada, e parar a destruição da 3, sem que fosse, de início, possível uma avaliação totalmente fiável do seu verdadeiro estado.

Em 2000, e em condições por vezes penosas, devido ao estado do tempo e aos acessos completamente alagados, foi possível iniciar e concluir a escavação da anta 2 (Gonçalves, 2001a). Para o ano seguinte, foi programada a intervenção no monumento 3, justamente a que deu origem ao presente estudo. Tendo em conta a natureza das intervenções, pensou-se que seria importante divulgar rapidamente os dados conseguidos. STAM-2, escavada em 2000, foi publicada em 2001. STAM-3, escavada em 2001, teve a sua monografia praticamente pronta para edição em fins de 2002. Ainda que uma maldição informática e uma crise de obsessão perfeccionista tenham arrastado revisões e correcções até 14 de Maio de 2003 e mesmo um pouco para além...

Ambos monumentos (e STAM-1, como referência) foram ainda objecto de comunicações em sessões ocorridas em Reguengos de Monsaraz, Lisboa, Córdoba, Bougon e Nantes.

Tendo inicialmente planeado para 2001 a continuação dos trabalhos na Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (uma anta com um impressionante *tholos* anexo), visando informação acrescida sobre os complexos fenómenos que se desenrolam nas práticas funerárias das antigas sociedades camponesas na transição do IV para o III milénio, e durante o decorrer deste, encontrei em STAM-3 um objecto de *timing* não desejado, por imprevisível, a estudar aparentemente (era o que parecia) fora da linha de investigação específica que vinha perseguindo. O que, como quase todas as ideias feitas, se acabou por verificar ser totalmente errado.



STAM-3 apresentou, logo de início, um conjunto extremamente confuso de informação. Mas também forneceu, de imediato, dados fundamentais e, de algum modo, até hoje únicos, no contexto do megalitismo peninsular.

Costumo dizer aos meus alunos da Faculdade de Letras de Lisboa que o verdadeiro desafio para o conhecimento das antigas sociedades camponesas reside nos povoados, uma vez que as sepulturas são de escavação geralmente previsível, e mesmo maçadora, pela escassa diversidade da informação que contém, nos casos em que chega até nós. Mas, felizmente, falar *ex cathedra* nem sempre implica pensar da mesma maneira e a reconfortante realidade de campo ensina-nos que o que hoje parece uma certeza, amanhã poderá estar definitivamente posto de lado.

Na minha experiência pessoal, quis o acaso que as rotinas de campo e gabinete literalmente explodissem com o extraordinário complexo megalítico Olival da Pega 2, que permitiu pôr em causa e reescrever parte da história do megalitismo de fins do IV milénio e da primeira metade do III numa região específica do Alentejo.

STAM-3, artefactualmente muito mais «pobre» e menos diversificada que OP-2, traz-nos porém um acervo documental que permite colocá-la firmemente entre os monumentos de maior interesse escavados ultimamente na Europa. Pelos ritos funerários, evidentemente, mas também pela extraordinária informação antropológica que conservava, praticamente única entre nós neste tipo de monumentos ortostáticos, e pelo significado e natureza específica de alguns dos artefactos recolhidos.

Por isso, e pela excelente equipa que permitiu reunir em torno ao estudo dos seus materiais, justificou inteiramente os quase cem dias que levou a escavar e os muitos mais que a sua monografia levou a escrever.

Lisboa, 2003.04.03

* Com um cumprimento ao Manual do Bu Sab...

A primeira ilustração deste texto introdutório é a de um prato de peixe grego, do século IV a.n.e., a segunda e a terceira são desenhos de H. Holiday para a “Caça ao Snark”.

TRABALHOS DE ARQUEOLOGIA; 32

COORDENAÇÃO EDITORIAL

António Marques de Faria

DESIGN GRÁFICO

TVM Designers

FOTOGRAFIAS

Victor S. Gonçalves

Susana Pombal (Figs. 4 e 5)

Marco Andrade (Figs. 47 e 48)

As fotografias dos anexos sobre a microestriação dentária e a flora são da responsabilidade dos respectivos autores.

DESENHOS

Ana Isabel Neves (placas de xisto)

André Pereira (cerâmica)

Fernanda Sousa (líticos)

Fernando Barbosa (placas de xisto)

Marco Andrade (cerâmica)

Marisa Cardoso (cerâmica)

Susana Pombal (estruturas)

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Facsimile, Lda.

TIRAGEM

500 exemplares

Depósito Legal

158769/00

ISSN 0871-2581

ISBN 972-8662-14-9

Instituto Português de Arqueologia

LISBOA

2003

O Instituto Português de Arqueologia respeita os originais dos textos que lhe são enviados pelos autores, não sendo, assim, responsável pelas opiniões expressas nos mesmos, bem como por eventuais plágios, cópias ou quaisquer outros elementos que de alguma forma possam prejudicar terceiros.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR Portugal

Apoio do Programa Operacional Ciência,
Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



Play it again, STAM!!

(Adaptação circunstancial de uma frase conhecida)

Por todas as razões, e pelas que se tornarão evidentes com a sua leitura, dedico este estudo à memória do meu velho amigo Sprocket, um airedale terrier familiar das antigas sociedades camponesas, que me acompanhou nas escavações da Cova das Lapas, Vila Nova de S. Pedro, Marco dos Albardeiros e Monte Novo dos Albardeiros, Sala n.º 1, Torre do Esporão e Anta 2 do Olival da Pega. Que a terra, de que tanto gostava, lhe seja leve.

| | |
|-------------------------------------|----|
| Algumas palavras antes do essencial | 13 |
| Agradecimentos | 21 |

PARTE UM: ONDE, PORQUÊ, COMO

| | |
|---|----|
| 1. Localização e descrição | |
| 1.1. Localização | 25 |
| 1.2. Descrição e listagem de componentes do monumento | 27 |
| 1.3. Visibilidades | 30 |
| 2. A história do monumento | |
| 2.1. O comentário de Leisner e Leisner, 1951 | 35 |
| 2.2. A situação de emergência detectada em 2000 | 35 |
| 2.3. A situação em 2001 | 37 |
| 3. Equipas, metodologia e estratégias de intervenção | |
| 3.1. Equipas | 41 |
| 3.2. Metodologia | 41 |
| 3.3. Estratégias de intervenção | 42 |

PARTE DOIS: TEMPO E DADOS

| | |
|--|----|
| 4. Radiocarbono e cronologias absolutas | |
| 4.1. STAM-3: as datas de radiocarbono | 45 |
| 4.2. Comentários | 51 |
| 5. A arquitectura do monumento | |
| 5.1. A estrutura tumular | 57 |
| 5.2. O traçado do Corredor | 59 |
| 5.2.1. A estrutura original | 59 |
| 5.2.2. Composição do Corredor (fórmula e soluções) | 59 |
| 5.2.3. Evolução da escavação do Corredor | 60 |
| 5.2.4. O acesso externo ao monumento | 62 |
| 5.2.5. As correcções, em altura, ao lado esquerdo | 64 |
| 5.2.6. O acesso à Câmara | 65 |

| | |
|---|----|
| 5.3. A Câmara | 66 |
| 5.3.1. Os esteios e fragmentos de esteio removidos | 66 |
| 5.3.2. A deslocação lateral dos esteios | 66 |
| 5.3.3. ECm-1 | 66 |
| 5.3.4. ECm-2 | 66 |
| 5.3.5. ECm-3 | 67 |
| 5.3.6. ECm-4 | 67 |
| 5.3.7. ECm-5 | 67 |
| 5.3.8. ECm-6 | 67 |
| 5.3.9. ECm-7 | 67 |
| 5.3.10. A fossa, em J.8 | 67 |
| 5.3.11. O traçado original da Câmara e a sua reconstrução | 69 |
| 5.3.12. A violação da Câmara de STAM-3 | 70 |
| 5.3.13. A Câmara de STAM-3 e a sequência construtiva do monumento | 74 |
| 5.3.14. A planta original de STAM-3 | 74 |
| 5.3.15. A sequência construtiva de STAM-3 | 80 |

6. Deposições funerárias, artefactos e objectos, ritos funerários

| | |
|---|-----|
| 6.1. Deposições funerárias | 83 |
| 6.1.1. No Corredor: Cr-1, Cr-2 | 83 |
| 6.1.2. Na Câmara: Cm-1 a Cm-7 | 85 |
| 6.1.2.1. As deposições funerárias na Câmara de STAM-3 | 85 |
| 6.1.2.2. Restos de deposições funerárias na Câmara designada globalmente Cm-1 | 86 |
| 6.1.2.3. Deposição funerária na Câmara designada Cm-2 | 88 |
| 6.1.2.4. Deposição funerária na Câmara designada Cm-3 | 88 |
| 6.1.2.5. Deposição funerária na Câmara designada Cm-4 | 90 |
| 6.1.2.6. Deposição funerária na Câmara designada Cm-5 | 90 |
| 6.1.2.7. Deposição funerária na Câmara designada Cm-6 | 90 |
| 6.1.2.8. Deposição funerária na Câmara designada Cm-7 | 90 |
| 6.1.2.9. Deposição funerária na Câmara designada Cm-8 | 92 |
| 6.2. Artefactos e objectos | 101 |
| 6.2.1. Artefactos | 103 |
| 6.2.1.1. Pedra lascada | 103 |
| 6.2.1.1.1. Núcleos, lascas e artefactos nucleiformes | 105 |
| 6.2.1.1.2. Restos de talhe, matérias-primas, vária | 106 |
| 6.2.1.1.3. Lâminas, lamelas | 110 |
| 6.2.1.1.4. Pontas de seta | 117 |
| 6.2.1.2. Pedra polida | 123 |
| 6.2.1.3. Artefactos para adorno pessoal: contas de colar | 123 |
| 6.2.1.4. Artefactos para adorno pessoal: osso polido e alfinetes de cabelo | 132 |
| 6.2.1.5. Cerâmica | 134 |
| 6.2.1.5.1. Corredor | 150 |
| 6.2.1.5.2. Câmara | 150 |
| 6.2.1.5.2.1. A «fossa de fundação» | 150 |
| 6.2.1.5.2.2. A Câmara | 151 |

| | |
|---|---------|
| 6.2.1.5.3. <i>Tumulus</i> | 153 |
| 6.2.1.5.4. Considerações genéricas | 154 |
| 6.2.1.6. As placas de xisto gravadas | 154 |
| 6.2.1.6.1. Códigos descritivos adoptados | 156 |
| 6.2.1.6.2. Critérios descritivos adoptados | 156 |
| 6.2.1.6.3. A propósito do grau de fragmentação das placas de xisto gravadas | 158 |
| 6.2.1.6.4. As placas do Corredor | 158 |
| 6.2.1.6.4.1. A placa H.8-5 | 159 |
| 6.2.1.6.4.2. A placa H.8-87 | 166 |
| 6.2.1.6.4.3. A placa H.8-109 | 166 |
| 6.2.1.6.4.4. Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do Corredor, descritas sumariamente | 167 |
| 6.2.1.6.5. As placas da Câmara | 168 |
| 6.2.1.6.5.1. A placa I.8-119 (+ J.9-9) | 168 |
| 6.2.1.6.5.2. A placa I.8-155 (+ I.8-149) | 168 |
| 6.2.1.6.5.3. A placa I.8-223 | 168 |
| 6.2.1.6.5.4. A placa I.8-227 | 169 |
| 6.2.1.6.5.5. A placa I.8-235+I.8-148 | 169 |
| 6.2.1.6.5.6. A placa I.8-247, báculo ou placa de xisto gravada? | 170 |
| 6.2.1.6.5.7. A placa I.8-259 | 172 |
| 6.2.1.6.5.8. A placa I.8-269 (+I.8-2) | 172 |
| 6.2.1.6.5.9. A placa I.9-22 | 174 |
| 6.2.1.6.5.10. A placa J.8-77 | 174 |
| 6.2.1.6.5.11. A placa J.8-576+J.9-82+H.8-30+I.8-11 | 178 |
| 6.2.1.6.5.12. A placa J.8-667 | 178 |
| 6.2.1.6.5.13. A placa J.8-688 (+527+503+327+H.8-3) | 196 |
| 6.2.1.6.5.14. A placa J.9-6 | 196 |
| 6.2.1.6.5.15. A placa J.9-7 | 196 |
| 6.2.1.6.5.16. A placa J.9-8 (+ H.10-1) | 199 |
| 6.2.1.6.5.17. A placa J.9-30 | 199 |
| 6.2.1.6.5.18. A placa J.9-41 | 199 |
| 6.2.1.6.5.19. A placa J.9-96+J.9-36 | 200 |
| 6.2.1.6.5.20. Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes da Câmara, descritas sumariamente | 202 |
| 6.2.1.6.6. As placas do <i>Tumulus</i> | 205 |
| 6.2.1.6.6.1. A placa H.10-1 | 205 |
| 6.2.1.6.6.2. Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do <i>Tumulus</i> , descritas sumariamente | 205 |
| 6.2.1.6.6.3. Recolhas de superfície (placas em pequenos fragmentos, descritas sumariamente) | 206 |
| 6.2.2. Objectos: I.8-290, uma «pedra-almofada»? | 206 |
| 6.3. Ritos funerários | 207 |
| 6.3.1. Restos antropológicos | 207 |
| 6.3.2. Restos de animais | 209 |
| 6.3.3. Traços de fogos rituais? | 209 |

7. Discussão e síntese

| | |
|---|-----|
| 7.1. Um campo de mortos? | 213 |
| 7.2. Arquitectura e cronologia | 213 |
| 7.3. A fossa em J.8, um rito de fundação? | 218 |
| 7.4. Os ritos funerários | 220 |
| 7.4.1. As deposições funerárias da primeira fase de uso de STAM-3 (primeiros séculos do III milénio) | 222 |
| 7.4.1.1. Deposição Cm-7 e placa J.8-667, associada | 222 |
| 7.4.1.2. Comentários gerais | 222 |
| 7.4.1.2.1. Não selectividade, etária ou de género, das deposições | 222 |
| 7.4.1.2.2. Características das deposições | 223 |
| 7.4.2. As deposições funerárias da segunda fase de uso de STAM-3 (últimos séculos do III milénio) | 223 |
| 7.4.2.1. Comentários gerais | 223 |
| 7.4.2.2. O cão «E.T.», associado a Cm-3 ou Cm-4 | 224 |
| 7.4.2.3. As deposições funerárias Cm-2 e Cm-3 | 226 |
| 7.5. Os artefactos | 228 |
| 7.5.1. A pedra lascada | 228 |
| 7.5.1.1. Os diversos artefactos | 228 |
| 7.5.1.2. As matérias-primas | 229 |
| 7.5.1.3. A interpretação do número e da distribuição das pontas de seta e das placas de xisto gravadas | 229 |
| 7.5.2. A pedra polida | 230 |
| 7.5.3. Artefactos para adorno pessoal: as contas de colar e os alfinetes de cabelo | 230 |
| 7.5.4. A cerâmica | 235 |
| 7.5.4.1. Um catálogo de formas. Formas abertas e formas fechadas | 235 |
| 7.5.4.2. As cerâmicas da fossa no interior da Câmara | 241 |
| 7.5.4.3. As cerâmicas da Câmara | 242 |
| 7.5.4.4. As cerâmicas do Corredor | 245 |
| 7.5.4.5. As cerâmicas do <i>Tumulus</i> | 246 |
| 7.5.4.6. Breves considerações sobre atribuições cronológico-culturais | 247 |
| 7.5.5. As placas de xisto gravadas | 248 |
| 7.5.5.1. De novo a questão das placas de xisto votivas | 248 |
| 7.5.5.2. Observações genéricas sobre as placas de STAM-3 | 253 |
| 7.5.5.3. Nota sobre as placas de xisto gravadas | 256 |
| 7.5.5.4. As placas de xisto gravadas do Corredor | 256 |
| 7.5.5.5. As placas de xisto gravadas do <i>Tumulus</i> | 256 |
| 7.5.5.6. As placas de xisto gravadas da Câmara | 257 |
| 7.5.5.7. Placas e deposições funerárias | 260 |
| 7.5.5.8. As placas de xisto reaproveitadas | 262 |
| 7.5.5.9. Placas, formas, símbolos e estilos | 263 |
| 7.5.5.10. O conceito operativo de «paginação» | 264 |

| | |
|--|-----|
| 7.5.5.11. A «síndrome das placas loucas» | 266 |
| 7.5.5.12. A cronologia absoluta e os contextos das placas de xisto gravadas | 272 |
| 7.6. O enquadramento cultural | 274 |
| 7.6.1. STAM-3 e as antas da Herdade de Santa Margarida | 274 |
| 7.6.2. STAM-3 e as antas do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz | 278 |
| 7.6.3. Algumas considerações sobre o megalitismo do Sul de Portugal e STAM-3 | 283 |
| 7.7. A cronologia absoluta e as leituras possíveis | 295 |
| Documentação fotográfica grupada | 303 |

ANEXOS

| | |
|---|-----|
| 1. Inventário dividido por categorias amplas dos registos de campo: restos humanos, faunísticos, flora carbonizada, artefactos e objectos | 346 |
| 1.1. Restos humanos | 347 |
| 1.2. Restos faunísticos | 366 |
| 1.3. Flora carbonizada | 367 |
| 1.4. Artefactos e objectos | 370 |
| 2. Caracterização e estudo dos materiais antropológicos provenientes da Anta 3 de Santa Margarida | 384 |
| EUGÉNIA CUNHA, ANA MARIA SILVA, MARTA MIRANDA | |
| 1. Introdução e objectivos | 385 |
| 2. Hipóteses iniciais | 385 |
| 3. Tratamento inicial dos restos ósseos | 386 |
| 3.1. Identificação das peças ósseas | 386 |
| 4. Alterações tafonómicas | 387 |
| 5. Estimativa do número mínimo de indivíduos | 393 |
| 1. Indivíduos adultos | 393 |
| 2. Indivíduos não-adultos | 396 |
| 6. Composição etária da amostra | 396 |
| 7. Diagnose sexual | 398 |
| 8. Análise morfológica | 398 |
| 9. Alterações paleopatológicas | 399 |
| 10. Análise dos dentes provenientes de STAM-3 | 401 |
| 1. Introdução | 401 |
| 2. Recenseamento das peças dentárias | 402 |
| 3. Estimativa do número de indivíduos pelos restos dentários | 405 |
| 3.1 Indivíduos não-adultos | 405 |
| 3.2 Indivíduos adultos | 406 |
| 4. Desgaste dentário e patologia oral | 406 |

| | |
|---|-----|
| 4.1 Metodologia | 406 |
| 4.2 Resultados | 407 |
| 5. Hipoplasias do esmalte dentário | 408 |
| 5.1 Metodologia | 409 |
| 5.2 Resultados | 409 |
| 6. Análise morfológica dos dentes | 410 |
| 6.1 Metodologia | 410 |
| 6.2 Resultados | 410 |
| II. Análise dos indivíduos encontrados <i>in situ</i> | 412 |
| 1. Esqueleto “Cm-3” | 412 |
| 1.1 Antropologia funerária | 412 |
| 1.2 Estado de conservação | 412 |
| 1.3 Alterações tafonómicas | 413 |
| 1.4 Diagnose sexual | 414 |
| 1.4.1 Crânio | 414 |
| 1.4.2 Esqueleto pós-craniano | 414 |
| 1.5 Estimativa da idade à morte | 414 |
| 1.6 Análise métrica, morfológica e paleopatológica | 415 |
| 1.7 Análise da dentição | 416 |
| 2. Esqueleto “Cm-2” | 417 |
| 2.1 Antropologia funerária | 417 |
| 2.2 Estado de conservação | 417 |
| 2.3 Alterações tafonómicas | 417 |
| 2.4 Diagnose sexual | 417 |
| 2.5 Estimativa da idade à morte | 418 |
| 2.6 Caracterização métrica e morfológica | 418 |
| 2.7 Aspectos paleopatológicos | 419 |
| 3. Esqueleto “Cm-1” | 419 |
| 4. Cm-4 | 420 |

3. Estudio del patrón de microestriación vestibular de algunos dientes del dolmen de Santa Margarida 3 (Portugal)

ALEJANDRO PÉREZ-PÉREZ e JORDI GALBANY

| | |
|---------------------------|-----|
| Material | 423 |
| Método | 423 |
| Resultados | 424 |
| Conservación del esmalte | 430 |
| Patrón de microestriación | 430 |

| | |
|--|-----|
| 4. Estudo dos restos faunísticos | 432 |
| MARTA MORENO GARCÍA | |
| Introdução | 433 |
| Métodos | 433 |
| Identificação e quantificação | 433 |
| Recuperação e estado de conservação | 433 |
| Espécies presentes | 434 |
| Mamíferos | 434 |
| Anfíbios | 435 |
| Répteis | 435 |
| O cão da Anta-3 de Santa Margarida | 436 |
| Conservação | 436 |
| Idade | 438 |
| Dados métricos | 438 |
| Paralelos arqueológicos | 438 |
| Conclusão | 439 |
| 5. Estudos de arqueobotânica | 440 |
| PAULA FERNANDA QUEIROZ | |
| Introdução | 441 |
| Resultados | 441 |
| Lista dos tipos de madeira carbonizada identificados | 441 |
| Lista dos frutos carbonizados identificados | 443 |
| Breve descrição das características morfológicas de diagnóstico na identificação dos fragmentos de carvão de madeira: | 443 |
| Primeiros comentários e interpretações | 453 |
| <hr/> | |
| REFERÊNCIAS | 458 |
| <hr/> | |
| ABSTRACT/RESUMO | 474 |

Onde, porquê, como

O mapa não é o terreno

Isaac Asimov

Quanto mais exacto for o mapa,
mais se parece com o território.
O mapa mais preciso possível seria
o próprio território, perfeitamente
preciso e perfeitamente inútil.

Neil Gaiman, *American Gods*

Este momento presente – nítido.
O passado – histórias.
Apenas histórias. Todas coloridas.
Assim, escolhemos as nossas cores.
Escolhemos as cores que vemos.

Ta Shu, em Kim Robinson, *Antarctica Inc.*

1.1. Localização

A Anta 3 de Santa Margarida encontra-se localizada na Herdade do mesmo nome, Distrito de Évora, Concelho de Reguengos de Monsaraz, Freguesia de S. Pedro do Corval (antiga Aldeia do Mato). A Herdade é actualmente propriedade do Sr. José dos Santos Lopes, residente em Reguengos de Monsaraz, cuja autorização para execução dos trabalhos se agradece, bem como a prontidão com que aceitou a começar, em 2001, a colheita de trigo duro pela fracção que incluía a anta, de forma a que os trabalhos se pudessem iniciar na época programada.

O proprietário operou profundas transformações na Herdade, procurando libertar espaço para cultivo em terreno chão. Removeu assim blocos dispersos de granito, alguns de razoáveis dimensões, regularizou o solo, remobilizou componentes pétreos para efectuar aterros de depressões no terreno e antropizou definitivamente uma área que se mantinha quase selvagem.

A leitura de visibilidades assumiu esta situação como uma condicionante e, em alguns casos, foi mesmo feita antes de terem ocorrido as transformações topográficas que referi. Algumas destas, aliás, sobretudo as efectuadas na área a Norte dos monumentos megalíticos, não afectaram as visibilidades disponíveis inicialmente, interrompidas por acumulações de penhascos de granito que eram impossíveis de destruir completamente.

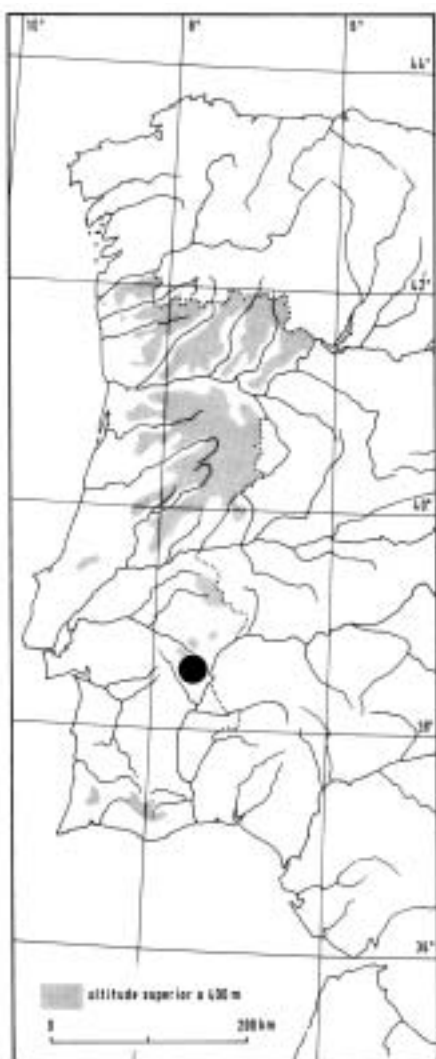
A anta tem o # 34 no inventário de Georg e Vera Leisner (1951, p. 223-224) e recebeu na UNIARQ, para registo, o código STAM-3. A sua localização é:

| Coordenadas | STAM 3 |
|---------------|---------------------------------|
| Rectangulares | (M): X: 260337.25 |
| Militares | (P): Y: 163327.86 |
| Geográficas | Longitude (W): 07° 26' 27''.220 |
| Datum Lisboa | Latitude (N): 38° 26' 00''.836 |
| Geográficas | Longitude (W): 07° 26' 26''.409 |
| Europeu 1950 | Latitude (N): 38° 26' 11''.001 |

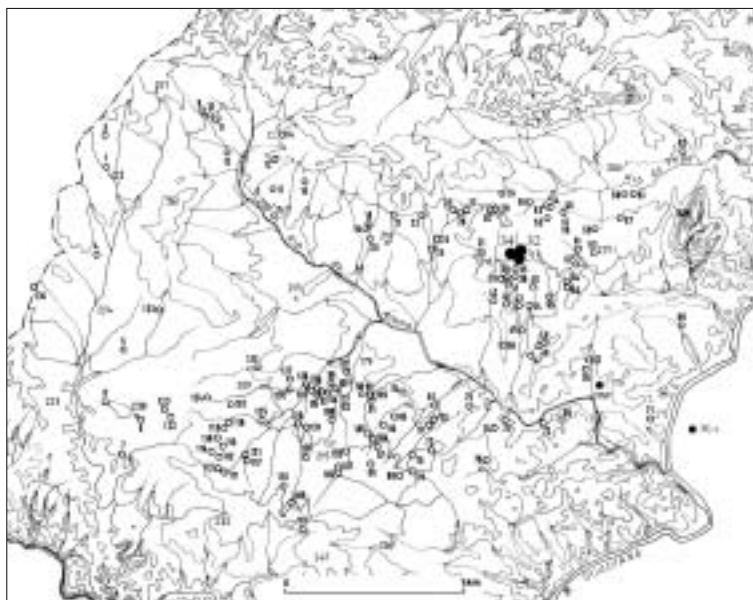
As outras duas antas da Herdade de Santa Margarida têm as seguintes localizações:

| Monumentos → Coordenadas ↓ | STAM 1 | STAM 2 |
|-------------------------------|-------------------|-------------------|
| Rectangulares | (M): X: 260926.49 | (M): X: 260933.15 |
| Militares | (P): Y: 163598.11 | (P): Y: 163242.43 |
| Geográficas | Longitude (W): | Longitude (W): |
| Datum Lisboa | 07° 26' 02''.843 | 07° 26' 02''.680 |
| | Latitude (N): | Latitude (N): |
| | 38° 26' 09''.456 | 38° 25' 57''.920 |
| Geográficas | Longitude (W): | Latitude (N): |
| Europeu 1950 | 07° 26' 02''.030 | 38° 26' 19''.621 |
| | Longitude (W): | Latitude (N): |
| | 07° 26' 01''.867 | 38° 26' 08''.085 |

Note-se que estas coordenadas substituem as divulgadas em Gonçalves, 2001a, p. 118-120, que, por erro de origem, tinham as referências P e M trocadas.



MAPA 1 – Reguengos de Monsaraz no território actualmente português.



MAPA 2 – As antas da Herdade de Santa Margarida no contexto do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. MNP assinala a anta, descoberta recentemente, do Monte Novo do Piornal. FC-I, Anta 1 da Fábrica de Celulose (Mourão). Como se observa facilmente, as antas da Herdade de Santa Margarida ocupam um ponto central na distribuição do megalitismo do território nuclear a Norte da Ribeira do Álamo, que corta transversalmente o Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Base cartográfica segundo Gonçalves, 1992.

1.2. Descrição e listagem de componentes do monumento

Antes do início dos trabalhos, a descrição possível era a divulgada em Gonçalves, 2001, p. 126: «Anta 3 - A anta melhor conservada, com uma estrutura tumular bem visível na paisagem, foi parcialmente arrasada, mas é recuperável. No entanto, as lavras fundas deixam entrever a sua total destruição, se não se verificar uma intervenção imediata. Um dos esteios, ainda intacto, foi totalmente removido do seu alvéolo. Outros apresentam marcas de perda de massa pétrea e estão afectados. O Corredor estava, na altura da última visita, aparentemente intacto. O interior do monumento está preservado.»

Nos inícios da Campanha de 2001, a descrição era a seguinte:

1. *Tumulus*: confirmou-se a sua existência («...*Tumulus* de altura ainda considerável.», Leisner e Leisner, 1951, p. 251), mas não com a volumetria inicialmente sugerida pelo relevo, que deve também ter confundido os Leisner. O aspecto «considerável» do *Tumulus* devia-se afinal a uma grande (e antiga) acumulação de terras e pedras, acrescida de deposições recentes provenientes da remoção mecânica da manta morta em torno do monumento, pelo que, neste acréscimo mais recente, a terra estava misturada com folhas em decomposição e restos do coberto vegetal, apresentando uma cor castanho escuro acinzentado (Munsell 2.5 Y 4/2, *dark grayish brown*, lido às 14:35 h, com iluminação directa, sol sem nuvens);
2. *Corredor*: orientado a 130°. O esteio ECrD-1 está visível como antes, mas apenas o seu topo, tal como acontece com o esteio gémeo ECrE-1. Mas, pelas suas diferentes morfologias de topo, não são «gémeos verdadeiros» e a complexificar a leitura do conjunto estão pedras que podem ter sido tampas do Corredor, ou componentes de mecanismos de fecho, emergindo das terras de acumulação recente (a posição dos esteios do Corredor em relação ao primeiro e último da Câmara não era ainda esclarecedora na fase inicial da escavação e nunca foi completamente nítida);
3. *Câmara*: foram recuperadas nove pedras, duas das quais correspondendo certamente a ECrM-1 e -2, este último intacto (trata-se do esteio que foi arrancado quase na vertical pela máquina que em 2000 tentou destruir o monumento). Estes blocos encontram-se num

QUADRO 1

Listagem de esteios (E), alvéolos de esteios da Câmara (AECm), tampas e fragmentos de ortóstatos. (#= número de inventário).

| # | Função | Larg | Alt | Esp | Comentário |
|--------|---|-------|------|------|---|
| 1 | Desconhecida | 1,65 | 3,46 | 0,45 | |
| 2 | Desconhecida | 1,05 | 2,28 | 0,29 | |
| 3 | Desconhecida | 1,17 | 1,15 | 0,33 | Largura na fractura: 1,04 m. |
| 4 | Desconhecida | 1,52 | 2,32 | 0,40 | |
| 5 | Desconhecida | 1,22 | 0,84 | 0,30 | |
| 6 | Desconhecida | 1,40 | 1,14 | 0,42 | |
| 7 | Desconhecida | 1,07 | 0,37 | 0,30 | |
| 8 | Fragmento de esteio | 1,28 | 1,76 | 0,42 | Topo de ECm-4? Largura na fractura: 1,35 m |
| 9 | Fragmento de tampa do Corredor | | | | |
| 10 | Opérculo-porta da entrada do Corredor | 0,70 | 0,94 | 0,13 | |
| 11 | Uma das tampas do corredor muito provavelmente a primeira | 0,73 | 0,35 | 0,13 | |
| 12 | Esteio, actualmente fracturado, de pré-apoio à porta do Corredor e instalado do seu lado esquerdo | 0,68 | * | 0,25 | * encontra-se actualmente quebrado e a sua base não está definida |
| 13 | Laje que funciona como fecho de cutelo da Câmara | 0,99 | 0,83 | 0,10 | |
| 14 | Primeiro reforço em altura a ECr-1, e o mais pequeno dos dois | 0,73 | 0,27 | 0,17 | |
| 15 | Segundo reforço em altura a ECr-1 | 1,09 | 0,50 | 0,24 | |
| 16 | Bloco de proveniência desconhecida | | | | |
| 17 | Estela (?) | 0,38 | 0,88 | 0,12 | Eventual gravação serpentiforme. Larg. topo: 0,43. |
| ECrE-1 | Único esteio esquerdo do Corredor | 2,33 | 1,06 | 0,38 | Compensado em altura por dois blocos pétreos. |
| ECrD-1 | Único esteio direito do Corredor | 2,33 | 1,17 | 0,52 | |
| ECm-1 | Esteio | | | | Desaparecido. |
| ECm-2 | Esteio | 1,70* | 3,48 | 0,65 | O único esteio intacto da Câmara. * na base. 0,85 de largura no topo. |
| ECm-3 | Esteio | 2,28 | 1,52 | 0,27 | Está aparentemente quase <i>in situ</i> |
| ECm-4 | Esteio | 1,35 | 1,53 | 0,42 | Está fragmentado, mas <i>in situ</i> . |
| ECm-5 | Esteio | 0,65 | 1,07 | 0,15 | Não é o original |
| ECm-6 | Esteio | 1,77 | 1,63 | 0,35 | Não é o original. Talvez fragmento do chapéu reaproveitado |
| ECm-7 | Esteio | 1,43 | 2,40 | 0,30 | Não há certeza de ser o original |
| AECm-1 | Alvéolo do ECm-1 | | | | Calagem com pedras médias |
| AECm-4 | Alvéolo de ECm-4, o esteio de cabeceira <i>in situ</i> | | | | Calagem com grandes pedras. Colou-se em época indeterminável, por desagregação do granito, à fossa de J.8 |
| AECm-5 | Alvéolo do ECm-5 original | | | | Calagem com pedras médias |
| AECm-6 | Alvéolo do ECm-6 original | | | | Calagem com grandes pedras |

A abreviatura ECm refere sempre um esteio da Câmara, sendo seguida pela sua numeração, obtida numa sequência no sentido do movimento dos ponteiros do relógio.

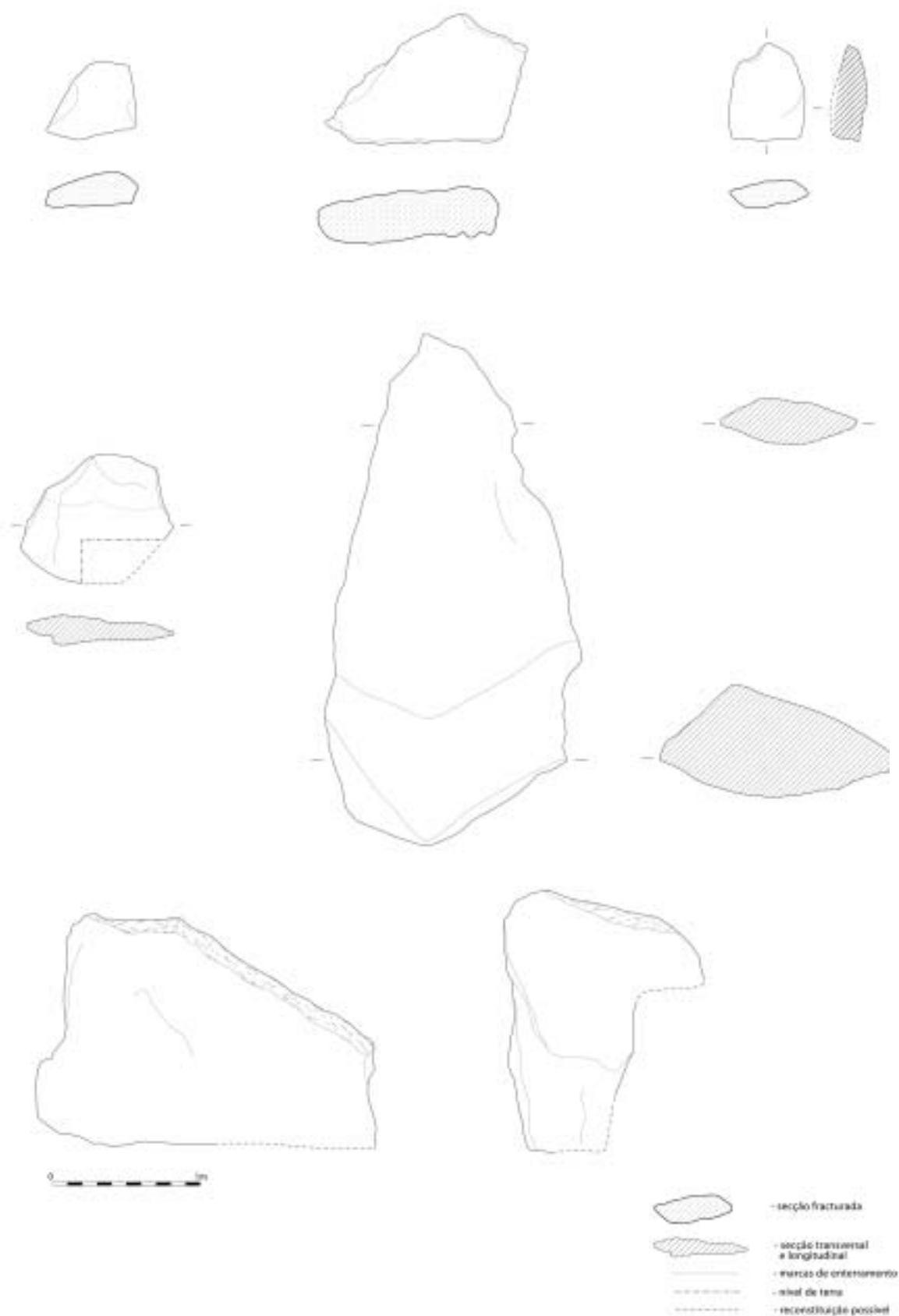


FIG. 1 – Osteos e partes de osteos identificados.

1.3. Visibilidades

Apesar de a visibilidade directa não ser possível, é na direcção geral do Castelo do Azinhalinho, e para Este deste, que a visibilidade ultrapassa claramente os 1000 m, chegando mesmo a distâncias superiores.

Para Norte e Oeste, a visibilidade é muito reduzida e o tipo de vegetação da época poderia ter representado um obstáculo semelhante ao actual.

O topo presumido da estrutura tumular deveria estar a uma altimetria ligeiramente superior a 258,65 m, medida que utilizámos nas definições computadorizadas de visibilidade.

[Este valor foi baseado nos seguintes cálculos:

Altura de ECm-2 (o único esteio intacto): 3,48 m.

Altura do esteio ECrD-1 (cotado): 1,17.

Diferença de altimetrias: 2,31 m.

Cota presumida do topo de ECm-2: $205,99 + 2,31 = 208,3$.

+ presumida espessura do Chapéu da Câmara (espessura média nunca inferior

a 0,35, com base na leitura da provável origem de ECm-6) = 208,65.

+ presumida espessura da cobertura de terra sobre o chapéu (50 cm) = 209,15].

A observação da cartografia automática para visibilidades, obtida a partir de STAM-3 (Mapa 4, p. 33), é significativa e reproduz uma realidade a que fogem raros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Essa realidade difere totalmente da perspectiva teórica generalista avançada por alguns autores, influenciados directamente pela literatura norte-europeia e inglesa: nenhuma monumentalização voluntária da paisagem foi aqui efectuada e o critério de localização dos monumentos em função de uma específica visibilidade é raramente verificável para o conjunto (e em STAM-3 inexistente).

Se observarmos de novo o Mapa 4, veremos que, de STAM-3, nem sequer é visível o limite Norte do Grupo megalítico, de Oeste para Este, as «Serras» das Pedras, de Motrinos e das Barradas. Aliás, nem sequer é visível o Monte do Barrocalinho, localizado junto ao qual se encontra o grande menir com o mesmo nome, a pouco mais de 500 m para NE. Dentro de um território com um raio de 5 km, apenas se vislumbra, a Oeste, uma reduzida mancha, que inclui uma pequena parte da Ribeira da Quinta e outra mancha, mais a SO, com parte do percurso da Ribeira da Sardinha. A Sul, a Ribeira da Santa é parcialmente visível, mas não o Castelo do Azinhalinho, um povoado cronologicamente síncrono com as antas 1 e 3 da Herdade de Santa Margarida. A Este, a visibilidade é também muito curta.

Em vários pontos alternativos de maior visibilidade teria sido possível implantar um monumento ortostático, caso já verificado para a Anta 2 (e mesmo para a 1). Recordo ter escrito, a propósito de STAM-2, « No Neolítico, o monumento seria pouco visível para quem se aproximasse caminhando nas direcções Oeste e Sul, provavelmente camuflado pela vegetação envolvente, encoberto por arbustos de pequeno ou médio porte, a queiró e a urze roxa, mas também pela massa folhuda dos carvalhos cerquinhos (como a análise antracológica permite hoje supor). Para quem viesse de Norte, a visibilidade seria maior e até mesmo considerável para quem seguisse caminho apontando a Este.

Assim, mais uma vez, não se verifica no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz qualquer preocupação específica com uma grande visibilidade em todos os quadrantes, contrariamente ao que tem sido avançado, a meu ver com alguma imprudência, e mesmo, por vezes, com total inadequação, para grupos megalíticos da fachada atlântica da Península. É certo que na construção da Anta 2 de Santa Margarida se procurou intencionalmente uma plataforma ligei-

ramente sobrelevada na paisagem. Mas só quem não conhece a planície alentejana após as chuvas de Inverno (e não teve que desatascar carros, *jeeps* e mesmo pessoas) daria a esse facto uma importância maior que a do mesmo pragmatismo que colocava os acampamentos do Neolítico antigo em localizações por vezes a escassos metros de zonas alagáveis, mas sempre em condições semelhantes à da implantação de esta anta.

A visibilidade máxima a partir do monumento lê-se, na paisagem actual, e com as limitações que sabemos, na direcção Noroeste, para uma paisagem plana, pontuada agora por concentrações de pedras provenientes de despedregas efectuadas em diversas épocas. Mas a origem recente de estes montículos não deve afastar o prospector sério: muitos deles formaram-se em torno a afloramentos e a penedos que os neolíticos usaram como abrigo temporário e em vários deles encontrámos restos cerâmicos de épocas antigas. Também o aparecimento de azinhos ou, mais raramente, sobreiros e oliveiras nestes montículos se explica pela maior retenção de água no solo, que faz que em pleno Verão a humidade seja aí maior, constituindo estímulo para o crescimento de vegetação arbustiva ou arbórea.

O terreno é plano, com suaves depressões provocadas pela acumulação das águas de Inverno e Primavera em zonas baixas. É a última paisagem antiga para muitas Herdades de Reguengos, onde o plantio de vinha implica surribas fundas e a brutal nivelção do terreno, com a total destruição da microtopografia histórica.» (Gonçalves, 2001a, p. 120-122).

Esta longa citação poderia repetir-se em dezenas de outras situações referentes ao Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Mesmo em casos como os de Piornal 3, com uma considerável visibilidade para Este (para além da margem esquerda do Guadiana e com visibilidade directa para a Anta da Fábrica da Celulose), os restantes horizontes são muito curtos e sempre agravados por uma vegetação hoje removida.

É talvez o momento de explicar porque damos frequentemente tanta importância a um coberto vegetal desaparecido e cujos efeitos na visibilidade são, portanto, impossíveis de contabilizar com precisão. E também referir a importância que se atribui a determinadas linhas de água.

Para começar pelo fim, é já antiga a constatação da proximidade entre monumentos megalíticos e linhas de água. No entanto, colocar a questão no campo simbólico parece-me francamente deslocado: é necessária água para consumo dos construtores dos monumentos e talvez mesmo para os ritos fúnebres e, sobretudo, é difícil, até mesmo no Alentejo, encontrar um sítio que não esteja perto de uma das numerosas linhas de água sazonais ou perenes. A configuração do terreno e a multiplicação dos cursos de água, mesmo que de caudal limitado, é uma realidade que deve ser tomada em conta.

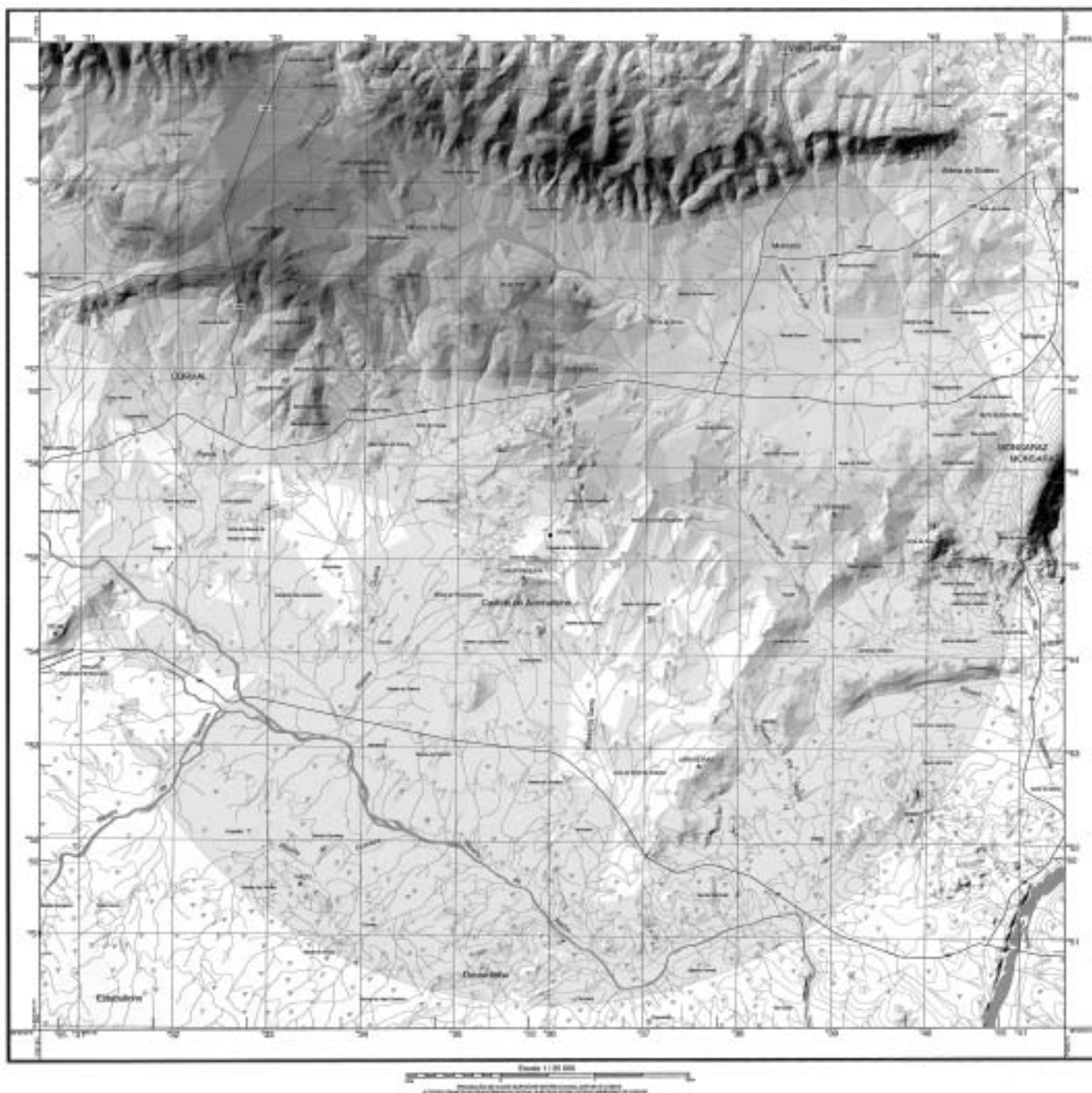
Quanto ao coberto vegetal, vale por si mesmo e pela sua associação específica aos cursos de água. O facto de não conseguirmos ver a Ribeira da Sardinha, cuja importância para os Gorginos e Areias é indiscutível (Gonçalves e Sousa, 1997b) não impede que saibamos que ela lá está, não apenas pelo conhecimento referencial acumulado, mas pelo simples facto de as árvores que crescem ao longo do seu curso apresentarem as folhas mais verdes que as restantes, pela maior quantidade de água que dispõem ao longo do ano, até mesmo na estação seca.

Assim sendo, as Ribeiras e a vegetação têm uma conexão específica na orientação dos indivíduos. Mas também é certo que carvalhos, sobreiros e azinheiras não tratados, como certamente na época aconteceria, geram um denso écran que agrava as visualizações actualmente disponíveis. E reforçando ainda mais a dissociação do conceito teórico idealista de uma monumentalização da paisagem *como se vê* (aqui também em sentido estrito...) e da simples e infinitamente mais modesta realidade.

Poderia parecer demasiado específico este conceito, ou restrito à pequena anta STAM-3, mas se pensarmos nos grandes monumentos, como Olival da Pega 1 e 2, veremos que não se trata de uma excepção, mas efectivamente de uma regra. Que, como todas elas, tem excepções, e incorrecto



FIGS. 2 e 3 – Visibilidades a partir da área sul da estrutura tumular de STAM-3.



MAPA 4 – Visibilidades principais a partir de STAM-3. Cartografia *Instituto Geográfico do Exército*. As manchas brancas, num raio de 5 km em torno ao monumento, são as áreas visíveis, uma ridícula minoria para se fundamentar a implantação de STAM-3 em função da sua visibilidade...

seria não referir aqui, por exemplo, o caso da Anta 1 de Vale Carneiro, talvez a única em Reguengos de Monsaraz que foi desenhada para uma soberba visibilidade, ainda que quase num único sentido. Mas a Anta 1 de Vale Carneiro é um monumento duplamente curioso, por somar à sua invulgar localização...um espólio tardio, com uma caçoila campaniforme (lisa, mas tal é comum nos monumentos ortostáticos reaproveitados de Reguengos de Monsaraz) e um vaso que não destoaria no III milénio, altura em que, com quase absoluta probabilidade, deve ter sido construído...

2.1. O comentário de Leisner e Leisner, 1951

Foi sem dúvida a sumária referência dos Leisner, e a indicação imprecisa de localização, que levou a que se supusesse inicialmente que esta pudesse ser a Anta do Barrocalinho, situação ultrapassada quando relocalizámos aquela anta, que realmente não se encontra longe de STAM-3.

Georg e Vera Leisner registaram os 3 monumentos da Herdade de Santa Margarida nas suas conhecidas monografias (Leisner e Leisner, 1951, 1959), tendo, no entanto, apenas escavado a Anta 1. Posteriormente, publicaram-se comentários e imagens referentes a Santa Margarida 1 (Gonçalves, 1992, 1999, 2001) e o estudo monográfico de Santa Margarida 2 (Gonçalves, 2001), entretanto objecto de escavação (Inverno de 2000).

É a seguinte a primeira referência feita à anta 3:

«N.º 34 - ANTA 3 DA HERDADE DE SANTA MARGARIDA

Situação: 400 m. a Oeste 10° Sul do Monte de Santa Margarida, 500 m. a Leste 35° Sul do Monte do Barrocalinho.

Construção: dois esteios de uma câmara poligonal visíveis num *Tumulus* de altura ainda considerável.».

(Leisner e Leisner, 1951, p. 251)

Esta escassa descrição, com uma economia de palavras relativamente rara nas «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz», e quase só reservada a monumentos destruídos ou muito danificados, traduz na realidade a totalidade das observações de Georg e Vera Leisner publicada em 1951. O laconismo que a referência dos Leisner regista justifica assim uma observação interessante. Ou STAM-3 foi um monumento identificado já na última fase de trabalho dos Leisner em Reguengos de Monsaraz ou é verdadeiramente incompreensível

1. a ausência de referência ao Corredor;
2. a não indicação da orientação da anta (observação habitual nos textos dos arqueólogos alemães).

Naturalmente, agora é impossível sabê-lo, mas, considerada a escavação efectuada na Anta 1, não é improvável que os Leisner se preocupassem menos com monumentos que pareciam à partida mais destruídos. Este seria realmente o caso de STAM-2, mas em relação a STAM-3 a observação referente ao estado de conservação do *Tumulus* poderia ter despertado maior interesse. De qualquer forma, também nas antas da Herdade do Passo se registaram *tumuli* ainda relativamente bem preservados e tal não implicou que os Leisner os tivessem escavado.

2.2. A situação de emergência detectada em 2000

Em 2000, na sequência da integral destruição do monumento 1 e da parcial destruição do 2, (Gonçalves, 2001, p. 115 e seq.) foi programada para 2001 a escavação do monumento 3, ele próprio danificado, mas a um ponto impossível de determinar com clareza antes do início dos trabalhos previstos.

Em 2000, nos trabalhos de reconhecimento de campo que conduziram à operação de salvamento, observava-se a propósito de STAM-3 tratar-se da anta melhor conservada, com uma estrutura tumular bem visível na paisagem. Considerava-se previsível a sua total destruição, se



FIGS. 4 e 5 – STAM-3 em 2001.07.02, em cima vista de Este e, em baixo, de Norte (fotos Susana Pomal).

não se verificasse uma intervenção imediata. Chegou mesmo a ser considerada como a intervenção prioritária, a assumir imediatamente, no caso de uma acção global nas antas restantes do conjunto da Herdade de Santa Margarida. Mas as negociações com a vice direcção do IPA conduziram a que a intervenção, que envolvia maiores custos que a prevista para STAM-2, fosse realmente agendada para 2001.

2.3. A situação em 2001

A Campanha da Páscoa teve que ser ocupada com operações de prospecção e delimitação de áreas de interesse arqueológico a Norte dos monumentos, uma vez o proprietário da Herdade ter semeado trigo duro, cuja colheita só pode legalmente ser feita a partir de 1 de Julho, e todo o terreno estar assim interdito. Isto permitiu a realocização de monumentos perdidos e de novos sítios de ocupação, tal como, posteriormente, a verificação do estado da Anta da Herdade do Duque (já objecto de publicação, Pina, 1961).



FIG. 6 – STAM-3, vista de Oeste, antes do início dos trabalhos, após a primeira limpeza de terreno. A morfologia do relevo explica a observação dos Leisner sobre um «...*Tumulus* de altura ainda considerável.» (Leisner e Leisner, 1951, p. 251), erro compreensível antes da escavação.



FIGS. 7 e 8 – Estrutura do monumento vista de Este e de Sul. Os blocos maiores resultam da fragmentação de esteios. Na foto de baixo, vê-se a posição do grande esteio ECm-2, totalmente arrancado.

Contactando em Junho o Sr. José Lopes, conseguiu-se que os trabalhos de colheita do cereal comessem exactamente por aquela área da Herdade, abrindo-se assim um largo acesso para as viaturas.

Com seis trabalhadores, iniciou-se também, com o apoio da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, a vedação do espaço em escavação (36 x 36 m), de forma a evitar perturbações provocadas pelas vacas que pastavam o restolho do trigo duro. As terras retiradas da escavação, já crivadas, foram transportadas para o interior desta cerca, dispostas em rectângulo. Poderiam vir a constituir suporte de uma vegetação a instalar posteriormente, como protecção natural ao monumento, mas foram afinal usadas, numa situação de emergência provocada pelas fortes chuvas que se registaram nos últimos dias de escavação, para entulhar a sondagem na estrutura tumular, a Câmara e o Corredor do monumento. A cerca comporta uma entrada a Norte, suficientemente ampla para permitir a passagem de um *caterpillar*, indispensável para operações de recuperação de esteios a deslocar.

Só em 2001.07.04, quando começámos a desmontar o empilhado de terra, pedras e restos de esteios quebrados em 2000, e acumulados no topo do que resta da estrutura tumular de STAM-3, foi possível avaliar com relativa precisão o verdadeiro estado do monumento. Usou-se um *caterpillar* STET. 438 Series II, do parque de máquinas da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, para remover os esteios arrancados e permitir a abertura de um plano de ataque à Câmara do monumento. A situação foi esclarecida (tanto quanto possível) e a escavação começou.

3.1. Equipas

A equipa foi coordenada por mim próprio, tendo como auxiliar de campo a lic.^a Susana Pombal.

Na primeira fase dos trabalhos, houve recurso a uma equipa permanente de oito estudantes da Licenciatura em Arqueologia e História e da Variante de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa e, na segunda, a um grupo cujas dimensões variaram de acordo com a estratégia de gestão de campo, normalmente entre 8 e 10. Na última fase de campo, o grupo foi reduzido a cinco elementos, tendo como tarefas finais a conclusão da escavação da Câmara, particularmente do sector mais antigo, e a execução de desenhos de estruturas.

Participantes:

Ana Patrícia Madeira, André Pereira, Belisa Vilar, Hugo Calado, Helena Santos (UNL), Inês Pacheco, Iolanda Duarte, Marco Andrade, Marisa Cardoso, Miguel Laje Correia, Ricardo Grosso, Ricardo Santos, Rui Caetano, Rui de Carvalho, Sandra Pereira, Susana Pais, Telma Carreira, Vanessa Loureiro (UNL).

Sem indicação: Faculdade de Letras de Lisboa. UNL: Universidade Nova de Lisboa

3.2. Metodologia

A natureza específica do sítio não permitiu qualquer compromisso tendente a facilitar ou a «apressar» a escavação.

Assim,

Escavação

1. efectuada com picos de dimensão grande (3 a 1,5 kg), para remoção dos blocos desarticulados da carapaça;
2. efectuada com picos de pequena dimensão, para o interior do monumento e áreas delicadas da estrutura tumular;
3. efectuada com material de precisão para o levantamento dos ossos humanos e materiais fragilizados (placas de xisto gravadas, cerâmica, artefactos de osso polido).

Registo fotográfico

1. para séries a preto e branco, diapositivos e negativos a cor formato 24 x 36, usaram-se três máquinas Nikon, com ópticas especiais para espaços reduzidos de enquadramento (zoom 28-70 mm ED e, sobretudo, a excelente fixa 28 mm 1:1.4);
2. usou-se uma Hasselblad com óptica standard e uma grande angular para registo fotográfico em P&B e Diapositivo, formato 6 x 6.

Registo topográfico

A partir da ligação à rede previamente estabelecida, operaram-se cotagens sistemáticas com um teodolito Wild T2 e um nível da mesma marca.

Registo tridimensional dos artefactos

Em todas as situações. Para artefactos do crivo, usou-se, sempre que possível, a indicação de altimetria para o plano em que se encontravam os artefactos identificados *a posteriori*. Registados, naturalmente, de acordo com os quadrados de onde provinham as terras a crivar.

Medidas, descrição, desenho e fotografia de artefactos

Os artefactos foram medidos com uma craveira digital Mitutoyo Absolute digimatic, modelo CD-6"CS, pesados com uma balança digital Kern 0,00 g, referidos quanto à cor pelo Munsell Soil Color Charts, ed. 2000 (GretagMacbeth, New York).

Os desenhos foram executados de acordo com dois critérios. Todas as placas de xisto gravadas que apresentavam uma gravação *standard* foram desenhadas directamente por Ana Isabel Neves, do Museu de Odrinhas, confrontando-se a primeira versão a lápis dos originais com fotografias ampliadas a 50%. As placas H.8-5 e J.8-667, pela complexidade que evidenciavam, foram, graças ao *Instituto Português de Arqueologia*, enviadas ao CNART, onde se processou o seu desenho com técnicas idênticas às usadas em arte rupestre.

Os artefactos foram fotografados com recurso a uma Nikon F5 provida de uma objectiva Micro Nikkor e, já em fase última, com equipamento digital (Nikon D100, usando como óptica a Micro Nikkor).

Como registo e base de dados, usaram-se as tabelas do Word e do Excel, o Dbase, ainda na versão 5.5, e o File Maker 4.1.

3.3. Estratégias de intervenção

Seguiram-se três critérios básicos (sondar, desmontar e escavar), conforme a situação o exigiu:

1. sondar a estrutura tumular na coordenada 8, atrás da Câmara, apontando a Oeste;
2. decapar a superfície do *Tumulus* na metade Sul do monumento;
3. decapar a área de acesso imediato (entrada) do monumento;
4. escavar integralmente o Corredor e a Câmara;
5. desmontar a remobilizada estrutura tumular junto à Câmara, na metade Norte do monumento;
6. remover das suas implantações de última fase os esteios ECm-6 e -7;
7. desmontar a estrutura de substituição de Cm-5.

Tempo e dados

The perfect blackness of space.
Leo is trying to map his coordinates.
His control panel lights up: A message reads:
COORDINATES UNKNOWN
WIDEN SHOT: The same rush of LIGHTS
we saw from the electromagnetic storm appears
to Leo's right. Blinding him – as it did before.
The Alpha pod is suddenly overwhelmed
with light from the worm hole.
And then it disappears.
Tim Burton, *Planet of the apes*, *The Screenplay*

4.1. STAM-3: as datas de radiocarbono

Em Portugal, é muito rara a situação de se poder datar directamente uma deposição funerária num monumento megalítico ortostático, uma vez que os restos orgânicos de origem humana são extremamente escassos. Geralmente, as datações disponíveis referem-se a carvões, de origem nem sempre rigorosamente conectável com enterramentos ou mesmo com o próprio monumento. No caso de STAM-3, todas as datações significativas foram efectuadas sobre os ossos humanos atribuídos a deposições funerárias específicas. Verifica-se assim que à construção e primeira fase de utilização do monumento se referem datas compreendidas entre 2930-2500 cal BC, com três datações indicando um intervalo de tempo excepcionalmente curto, uma delas para a deposição funerária Cm-7, a que se encontrava associada a grande placa recortada J.8-667, entre 2920-2870 cal BC, intervalo de tempo considerado muito provável para nele estar contida a construção efectiva do monumento.

Entre as restantes placas, salienta-se a placa H.8-5, proveniente do Corredor, com duas faces gravadas e motivos relacionáveis com a Deusa Mãe. Trata-se, aliás, de um artefacto ideotécnico que apresenta características da «síndrome das placas loucas», descrita no texto.

A segunda fase de utilização do monumento, na sequência de uma sua reconstrução, foi datada, a partir das deposições funerárias Cm-2, -3 e -4, e do cão associado, entre 2280-2120 cal BC (ver texto). Identificaram-se ainda, e dataram-se pelo radiocarbono, três violações, duas medievais e uma extremamente recente, provavelmente correspondendo esta última à tentativa de destruição do monumento ocorrida em 2000 da nossa era. As duas primeiras das três violações principais foram certamente efectuadas no Outono, altura em que os frutos do medronheiro (*Arbutus unedo*) estão maduros (encontraram-se 14 frutos carbonizados, em diferentes altimetrias, associados a uma amora, que tem o mesmo período de maturação). As datações indicaram dois intervalos de tempo, um correspondendo ao séc. XIII, outro ao séc. XIV e primeiros trinta anos do XV da nossa era. A última das três violações provocou migração de matéria orgânica carbonizada (aroeira, *Pistacia lentiscus*) quase até ao fundo do monumento, na área de junção Corredor – Câmara.

As datações de ossos humanos, de animal (cão, *Canis familiaris*), de madeira carbonizada, (aroeira, *Pistacia lentiscus*) e de dois frutos carbonizados de medronheiro (*Arbutus unedo*), por radiocarbono, AMS, foram efectuadas nos Laboratórios Beta Analytic, Inc., da Florida, USA, e deram os seguintes resultados

QUADRO 2

Datação referente a um fragmento de caule carbonizado de aroeira.

| Ref. | Tipo de amostra | Registo, Origem e Coordenadas | $\delta^{13}\text{C}$ o/oo | Idade convencional de radiocarbono |
|-------------|-----------------------------------|---|-------------------------------|---------------------------------------|
| Beta-167208 | Carvão, <i>Pistacia lentiscus</i> | H.8-64, Corredor, a um nível inferior ao do vaso H.8-7, X: 079, Y: 162, Z: 204,84, mas cerca da transição Corredor/Câmara | -23,5 | Moderna 105,6 +/- 0,5 pMC |

QUADRO 3

Anta 3 da Herdade de Santa Margarida: datações radiocarbónicas.

| Ref. | Tipo de amostra | Registo, Origem e Coordenadas | $\delta^{13}\text{C}$ o/oo | Anos ^{14}C BP | cal BC, 1 σ | cal BC, 2 σ |
|-------------|---|---|-------------------------------|----------------------------|-----------------------|-----------------------|
| Beta-176897 | Osso humano, frag. de osso longo | J.8-267, Câmara, possível deposição Cm-8, muito destruída. X: 0,58; Y: 1,48; Z: 204,72*. Os frags. de osso longo estavam associados a um 3.º molar superior direito e a uma falange proximal do pé. | -19,7 | 4290±40 | 2910-2890 | 2930-2880 |
| Beta-166416 | Osso humano | J.8-30, Câmara, osso humano do grupo Cm-1, X: 0,59, Y: 0,48, Z: 205,38. | -19,8 | 4270±40 | 2900-2880 | 2920-2870 |
| Beta-166422 | Osso humano, crânio | J.8-588, Câmara, deposição fúnebre Cm-7, X: 1,66, Y: 0,63, Z: 204,87, Associado à placa de xisto recortada J.8-667. | -20,0 | 4270±40 | 2900-2880 | 2920-2870 |
| Beta-176896 | Osso humano, crânio | J.8-694, Câmara, deposição funerária Cm-5 representada por frags. de crânio, um insivo superior dº e uma falange proximal do pé, X: 1,07; Y: 0,60; Z: 204,70 | -20,2 | 4170±40 | 2880-2670 | 2890-2600 |
| Beta-166423 | Osso humano, crânio | J.8-609, Câmara, deposição fúnebre Cm-6, X: 1,75, Y: 0,20, Z: 204,80 | -20,5 | 4100±40 | 2850-2580 | 2870-2500 |
| Beta-166418 | Osso humano, <i>patela</i> direita | J.8-105, Câmara, deposição fúnebre Cm-3, X: 0,47, Y: 1,60, Z: 205,21. | -19,0 | 3780±40 | 2280-2140 | 2310-2050 |
| Beta-166417 | Osso humano, tíbia direita | J.8-71, Câmara, deposição fúnebre Cm-2, X: 0,95, Y: 0,80, Z: 205,34. | -19,2 | 3770±40 | 2270-2140 | 2300-2040 |
| Beta-166420 | Falanges de cão, membro posterior direito | J.8-103, Câmara, imediatamente subjacente ou integrado na deposição fúnebre Cm-3, X: 0,55, Y: 1,70, Z: 205,15. | -20,5 | 3720±50 | 2200-2030 | 2280-1960 |
| Beta-166421 | Osso humano | J.8-341, Câmara, deposição fúnebre Cm-4, X: 1,28, Y: 0,93, Z: 205,09. | -20,6 | 3730±40 | 2200-2040 | 2270-2020 |

| Ref. | Tipo de amostra | Registo, Origem e Coordenadas | $\delta^{13}\text{C}$ o/oo | Anos ^{14}C BP | cal AD, 1 σ | cal AD, 2 σ |
|-------------|--|---|-------------------------------|----------------------------|-----------------------|-----------------------|
| Beta-166419 | <i>Arbutus unedo</i> , fruto carbonizado | J.8-279, Câmara, X: 1,43, Y: 0,44, Z: 205,04. | -23,3 | 730±40 | 1270-1290 | 1240-1300 |
| Beta-166424 | <i>Arbutus unedo</i> , fruto carbonizado | J.8-572, Câmara, X: 1,00, Y: 0,27, Z: 204,86. | -22,6 | 560±40 | 1320-1420 | 1300-1430 |

O primeiro bloco reúne as que se referem às primeira e segunda fases de uso do monumento, o segundo bloco as datações que situaram as violações medievais.

* altimetria absoluta, como todos os ZZ deste Quadro.

Estas datações distribuem-se claramente por quatro grupos;

1.º grupo: construção e primeira utilização do monumento em inícios do III milénio

Beta-166416: 2920-2870 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de um fragmento de osso humano, J.8-30, do que se pensava ser um enterramento quase totalmente destruído por fenómenos pós-deposicionais, associado a fragmentos de dimensão muito reduzida de artefactos votivos, Cm-1, identificado no topo da Câmara, a um Z de 205,38.

Na realidade, tratava-se do topo do vortex de violação que correspondia à remoção de partes das deposições funerárias de primeira fase para o topo. Esta situação tinha sido, aliás,

prevista a partir do momento em que se verificou que o fragmento de placa de xisto gravada I.8-2, recolhido à superfície do quadrado, colava com I.8-269, com um Z de 204,75 m, um pouco acima do nível de base. Ou ainda quando se colaram os fragmentos de placa de xisto gravada J.9-8 e H.10-1, ambos recolhidos à superfície, na metade Norte do monumento, e se verificou a existência do negativo de uma pancada perfurante antiga no ponto de fractura comum.

Beta-166422: 2920-2870 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de fragmentos de crânio associados a uma mandíbula, abaixo da qual se encontrava a grande placa recortada J.8-667, deposição funerária Cm-7, identificada no fundo da Câmara, a um Z de 204,87.

Beta-176897: 2930-2880 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de fragmentos de osso longo, associados a um 3.º molar superior direito e a uma falange proximal do pé. Configuravam o que restava de uma deposição funerária registada como Cm-8, muito desarticulada e afectada pela sopa ácida formada no chão da Câmara do monumento.

Beta-176896: 2890-2600 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de fragmentos de crânio associados um incisivo superior direito e uma falange proximal do pé, recolhidos a um Z de 204,70. Câmara, presumível deposição funerária Cm-5, muito afectada por fenómenos pós-deposicionais.

Beta-166423: 2870-2500 cal BC (a 2 sigmas)

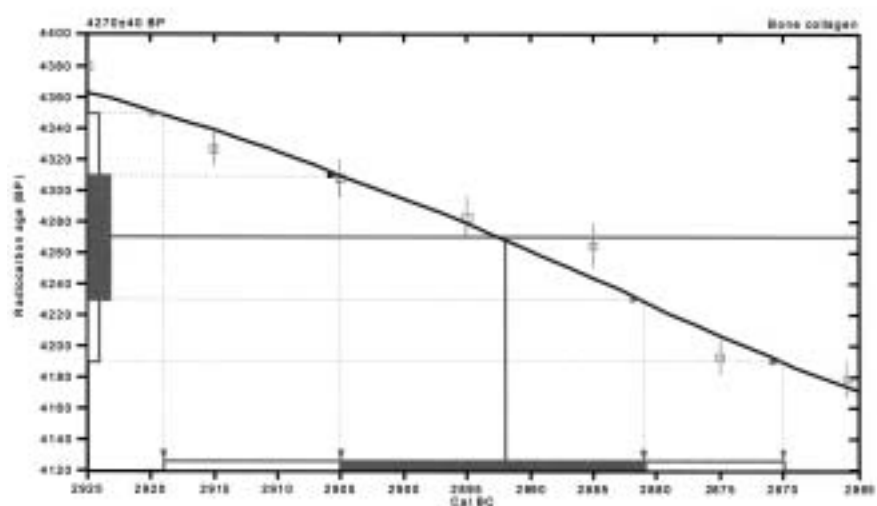
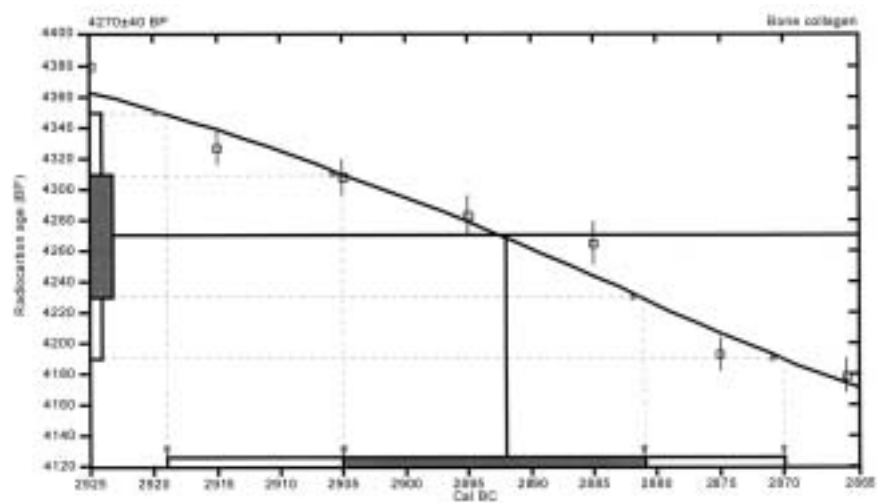
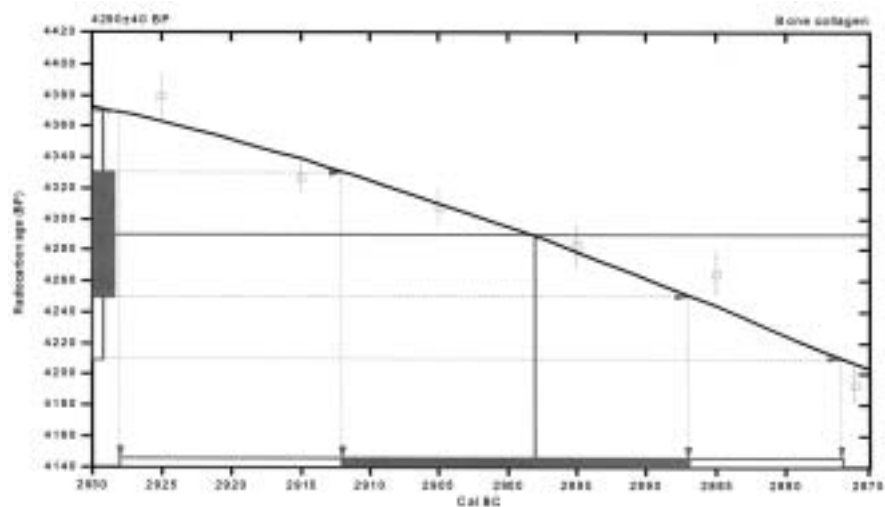
Esta datação foi obtida a partir de dois fragmentos de crânio associados, deposição funerária Cm-6, identificada na primeira fase de enchimento da Câmara, a um Z de 204,80.

As cinco datações que vamos comentar referem-se claramente à mais antiga fase de utilização do monumento, sendo as três primeiras referenciáveis muito provavelmente à construção do espaço funerário e marcando a quarta e a quinta o termo de esta fase.

Por razões atribuídas à especificidade da curva de calibração, foi possível obter para as três primeiras um intervalo de tempo extremamente reduzido de 50 anos a dois sigmas e de 20 anos a um sigma, o que é verdadeiramente notável, particularmente se considerarmos a associação de uma delas a uma placa de xisto gravada com motivos geométricos, a grande placa recortada.

A construção de STAM-3 deve assim ter ocorrido algures entre 2930-2870, num espaço de tempo compatível com o que se obteve para o início e primeira utilização do *tholos* OP-2b, 2920-2505, intervalos de tempo que, a dois sigmas, têm praticamente o mesmo início.

Beta-166423 e Beta-176896 têm o intervalo de tempo habitual para boas datações de radiocarbono. Mas, infelizmente, o percurso da curva de calibração não é exactamente excelente, o que, como sabemos, provoca intervalos de tempo maiores que o desejável. Mas referem-se claramente a um momento da primeira utilização do monumento sequencial ao determinado pelas duas datações anteriores. A sua localização entre 2890 e 2500 é compatível com a de outros monumentos e sítios com placas de xisto gravadas.



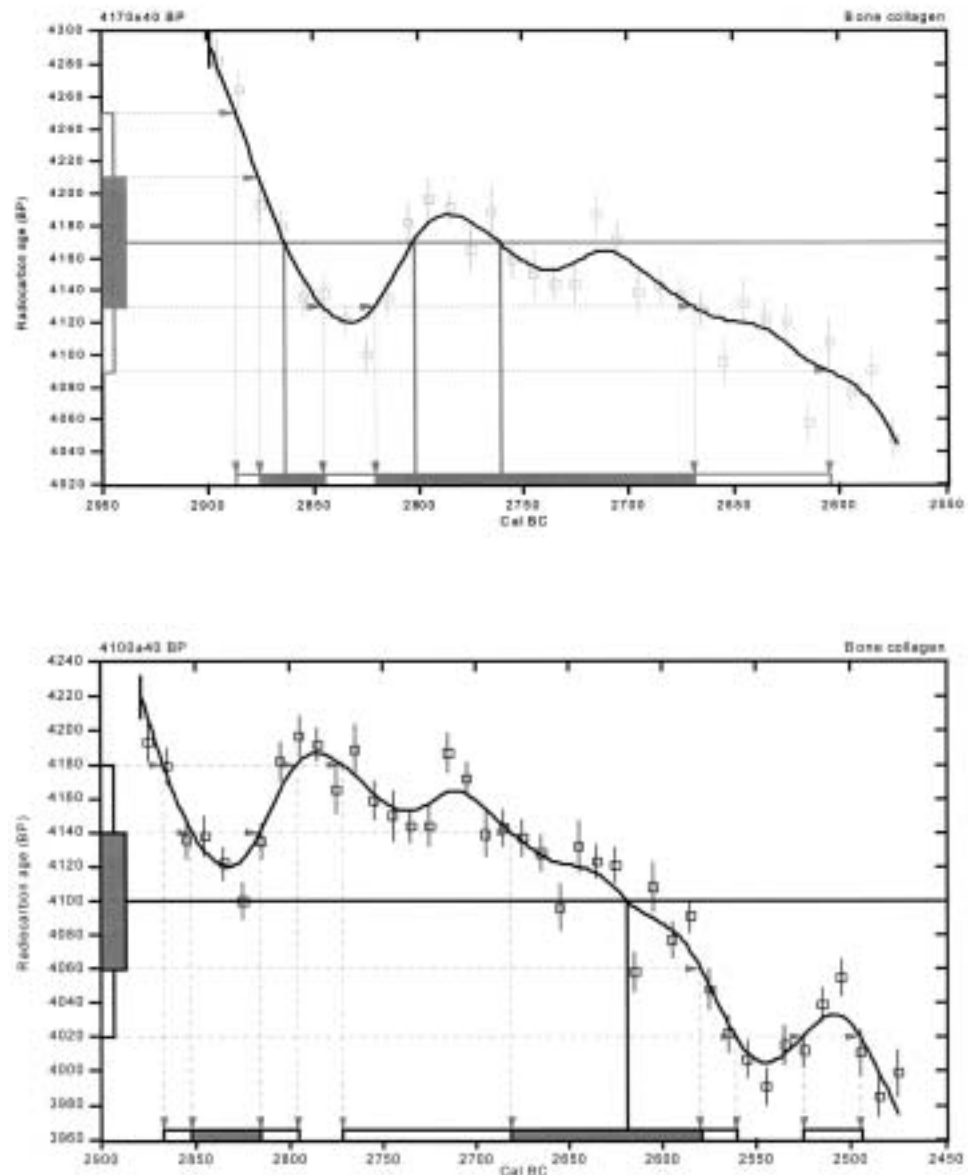


FIG. 9 – Informação gráfica correspondente às datações Beta-176897, -166416 e -166422 (1 a 3), comparadas com as Beta-176896 e -166423, sendo visível a curtíssima dimensão do intervalo de tempo obtido, mesmo quando calibrado a dois sigmas, para as três primeiras, e a irregularidade da curva das restantes, produzindo intervalos de tempo em anos de calendário muito maiores.

2.º grupo: reutilização do monumento em fins do III milénio

Beta-166417: 2300-2120 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir da tíbia direita do indivíduo objecto da deposição fúnebre Cm-2, com o registo J.8-71, recolhido na Câmara, a um Z de 205,34.

Beta-166418: 2310-2120 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir da *patela* direita do indivíduo objecto da deposição fúnebre Cm-3, com o registo I.8-105, recolhido na Câmara, a um Z de 205,21 e associado à taça cerâmica I.8-95.

Beta-166420: 2280-1960 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir do membro posterior direito do cão associado à deposição fúnebre Cm-3, com o registo I.8-103, recolhido na Câmara, a um Z de 205,15. Ver adiante discussão sobre a possibilidade de uma associação a Cm-4.

Beta-166421: 2270-2020 cal BC (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de um fragmento de osso humano, parte da deposição fúnebre Cm-4, com o registo J.8-341, recolhido na Câmara, a um Z de 205,09.

Estas quatro datações poderiam fazer crer na possibilidade de estarmos perante dois grupos de deposições funerárias, ainda que temporalmente muito próximos. Seriam simultâneas as deposições funerárias Cm-2 e Cm-3, por um lado, e, por outro o indivíduo de sexo não determinável Cm-4 e o cão que, nesta perspectiva, estaria a ele associado.

Mas, na realidade, a leitura dos intervalos de tempo evidencia a sua identidade estatística, sendo insustentável afirmar-se com segurança a sua separação, ainda que breve, no tempo. Jogando com a presumível simultaneidade, a um sigma, as quatro situações datadas estariam firmemente compreendidas no lapso de tempo entre 2280-2140 cal BC. A dois sigmas, o lapso de tempo desloca-se para 2270-2120, sendo a diferença entre os dois graus de probabilidade absolutamente irrelevante.

Poderemos assim defender que as quatro datações se referem a um bloco de tempo aceitável como homogéneo, referente a uma fase ainda muito mal conhecida do terceiro milénio e que marca efectivamente o seu último quartel.

3.º grupo: violações medievais

Beta-166419: 1240-1300 cal AD (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de um fruto carbonizado de medronheiro (*Arbutus unedo*), com o registo J.8-279, recolhido na Câmara, a um Z de 205,04.

Beta-166424: 1300-1430 cal AD (a 2 sigmas)

Esta datação foi obtida a partir de um fruto carbonizado de medronheiro (*Arbutus unedo*), com o registo J.8-572, recolhido na Câmara, a um Z de 204,86.

Ambas datações se referem a violações medievais grosseiramente sequenciais, uma na segunda metade do século XIII, outra algures no século XIV ou nas primeiras três décadas do XV. A área da Câmara de onde foram recolhidas está polvilhada de fragmentos de placas de xisto e

materiais fragmentados, mas os pequenos artefactos conservaram-se melhor. Sabemos hoje que o vortex de violações se centrou, como era de esperar, na parte mais exposta da Câmara, a sua área central. O caso de fragmentos da mesma placa de xisto terem sido encontrados a altimetrias muito diversas ilustra esta situação, bem como os dois fragmentos de uma placa, um deles recolhido no exterior do monumento e com um negativo antigo resultante do impacto de um instrumento perfurante.

É interessante observar que nenhum artefacto medieval foi recolhido dentro do monumento, pelo que nos encontramos claramente perante violações e não ocupações oportunistas por parte de pastores, como se verificou em outros monumentos, caso da anta dos Penedos de S. Miguel (Crato).

4.º grupo: violação recente, provavelmente a que esteve para originar a total destruição do monumento

Beta-167208: Moderno (105.6 +/- 0.5 pMC)

Esta datação foi obtida a partir de um fragmento de carvão de aroeira (*Pistacia lentiscus*), com o registo H.8-64, recolhido no Corredor, na área de acesso à Câmara, a um Z de 204,84, portanto inferior ao do vaso H.8-7.

Tal como indica o relatório do Laboratório, «*reported result indicates an age of post o BP and has been reported as a % of the modern reference standard, indicating the material was living within the last 50 years- You will notice that Beta-167208, STAM-3-H.8-64, reported with the units “pMC” rather than BP. “pMC” stands for “percent modern carbon”. When you get a result like this, it means the analyzed material was less than 50 years old. It means the sample had more ¹⁴C than did the AD 1950 reference standard. When we measure a value greater than the standard, the result can only be reported in “pMC”. The source of the ¹⁴C causing the sample to have more activity than the standard is extra ¹⁴C generated during atomic bomb testing (thermonuclear) in the 1950s. So when we see this, we generally know the sample must have been respiring carbon after ~AD 1950. On occasion, the two sigma lower limit will extend into the time region before bomb-carbon onset (i.e. less than 100 pMC). In those cases, there is some probability for 18th, 19th, or 20th century antiquity.*».

Toda esta área se encontrava consideravelmente perturbada, com a estrutura de fecho Corredor - Câmara deslocada do presumido local de origem no sentido vertical. Terra solta marcava o início do sedimento no começo da escavação, mas verificava-se uma menor mistura de sedimentos à medida que os trabalhos progrediam. Aparentemente, a tentativa de desmantelamento do monumento foi seguida por um fogo localizado (de que, no entanto, não encontrei traços). Não é também impossível que a violação tenha permitido a migração, a partir da superfície, de um fragmento de um arbusto carbonizado em uma qualquer queimada. O certo é que não detectei aroeiras no local, o que é irrelevante uma vez a Herdade ter sido quase integralmente limpa da vegetação arbustiva aí existente antes das despedregas.

4.2. Comentários

Se recuperarmos as datações do primeiro grupo, comparando-as agora com as obtidas para o fecho da Câmara de STAM-2 e para a primeira grande fase de utilização do *tholos* OP-2b, teremos uma garantida simultaneidade dos níveis com placas dos monumentos STAM-3 e OP-2b.

Para OP-2b, as datações sobre osso humano indicaram para os níveis de deposição 5/7, 6/7 e 7/7, respectivamente ICEN-957: 2900-2501, ICEN-955: 3303-2615; ICEN-956: 2920-2505 cal BC, o que coloca a primeira fase de uso do *tholos* entre 3303 e 2501, a dois sigmas, parecendo excessivamente recuada a primeira metade do intervalo de tempo indicado por ICEN-955.

Se compararmos as datações que forneceram intervalos de tempo mais curtos, até porque não parece lógico que um segundo nível de deposições (6/6) seja mais antigo que o primeiro (7/7) teremos um intervalo de tempo de 2920-2501 (compreendendo o intervalo de tempo de 5/7 o de 6/7, o que é perfeitamente aceitável).

A primeira utilização de STAM-3 tem assim um intervalo de tempo, como síntese das primeiras três datações, de 2920-2500, perfeitamente simétrico do obtido para OP-2b.

O que se traduz na indiscutível contemporaneidade da construção, no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, de dois monumentos com tipologias completamente distintas por grupos portadores da mesma cultura material. Ou, se optarmos por uma perspectiva hipercrítica, da sua construção em lapsos de tempo tão próximos que o radiocarbono não permite identificar qual o primeiro. Mas sendo as datações de STAM-3 da precisão que vimos, pelo menos em três casos fundamentais para o seu entendimento, esta hipótese sai claramente prejudicada.

STAM-2, com um intervalo de tempo de 3340-2900, a dois sigmas, posiciona-se num momento imediatamente anterior à construção de STAM-3 e, com toda a probabilidade, de STAM-1, tal como fora previsto com base no suporte artefactual (Gonçalves, 2001, p. 172, 178). Convém referir que a datação obtida para STAM-2 se refere ao fecho da Câmara, podendo a construção do monumento ser ainda mais antiga, quanto é impossível dizer.

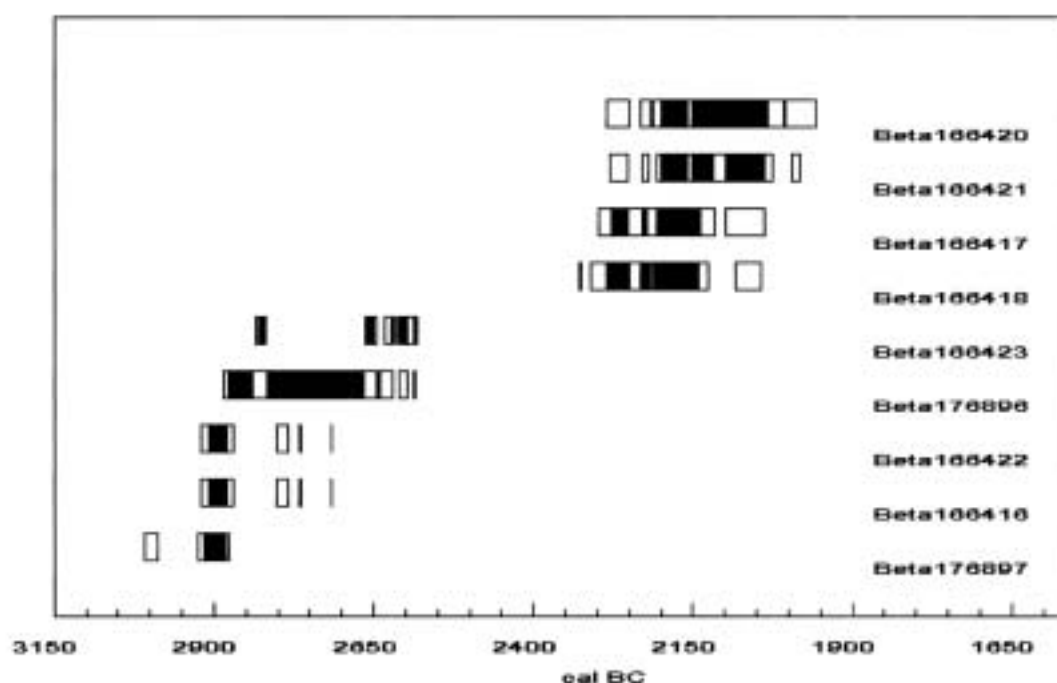


GRÁFICO 1 – Datações obtidas para a utilização pré-histórica de STAM-3, em anos calibrados a dois sigmas.

Câmara: originalmente de sete esteios, orientada a 130º, com as dimensões originais de 2,90 m, na longitudinal, por 3,00 m, transversal, reconstruída nos últimos séculos do III milénio com um aspecto vagamente cistóide, com as dimensões 2,90 x 1,80 m. Esta reconstrução implicou a remoção integral do esteio 5 da Câmara (substituído por outro, tipo laje, mais pequeno) e deslocações dos outros esteios, quer em direcção ao centro da Câmara original quer para Oeste, ultrapassando mesmo os limites do esteio de cabeceira.

Corredor: fórmula 1+1, com o comprimento de 2,33 m e uma altura interna mínima de 1,17 m. Tinha estruturas pétreas móveis de fecho do acesso exterior e um opérculo que encerrava a transição Corredor – Câmara. Como um dos esteios do Corredor era de altura inferior ao outro, foi compensado com duas pedras correctoras de altura.



FIG. 10 – Vista geral de STAM-3 no último dia de escavação. É legível a carcaça do monumento na sua última fase e os alvéolos dos esteios da primeira fase do monumento. À entrada do Corredor, o dispositivo de fecho exterior, com o opérculo que cerraria a entrada. O esteio esquerdo do Corredor cedeu ligeiramente, sob o efeito das fortes chuvas da semana anterior, e a pedra na vertical foi colocada para impedir o seu abatimento contra o esteio direito.



FIG. 11 – Em primeiro plano, grande bloco provavelmente resultante da fracturação do chapéu original do monumento. Em segundo plano, ECm-2.



FIG. 12 – ECm-2, removido para o segmento sul da estrutura tumular.

5.1. A estrutura tumular

A procura do traçado original do *Tumulus* obrigou à abertura de uma sondagem com a largura de um quadrado *standard* (2 m) e o comprimento considerado necessário para se atingir um possível *kerb*. A sondagem, orientada sensivelmente Este-Oeste (330° na orientação geral da quadrícula de referência) não revelou nenhuma estrutura que delimitasse o *Tumulus*, parecendo este resumir-se a terra carregada para cobrir o monumento e a um depósito de pedras de dimensão média, possivelmente externo à Câmara e ao Corredor, mas que se encontrava desestruturado.

A limpeza das terras acumuladas sobre a estrutura tumular evidenciou o que parecia inicialmente ser um *cairn* de pedras de dimensões médias, dispostas com o tipo de acumulação que parecia permitir supor terem integrado uma carapaça maciça do género da identificada na anta Piornal 3. Não são frequentes carapaças de este tipo no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: no limite oriental, apenas se identificou este tipo de cobertura justamente em Piornal 3, tendo monumentos como Xarez 1 ou Piornal 1 sido providos com colares de retenção idênticos ao identificado em STAM-2. Piornal 1 e 2 e Monte Novo do Piornal nem isso, dispunham apenas de apoios exteriores aos ortóstatos da Câmara e Corredor.

A acumulação de pedras no interior da Câmara de STAM-3 evidencia ou entulhamentos antigos ou movimentações mais recentes das pedras que integravam o *Tumulus*.

A primeira limpeza geral do conjunto dá-nos uma imagem em que são evidentes as perturbações sofridas pelo conjunto em épocas ainda indeterminadas.

Na planta actualmente disponível, identificou-se o Corredor, com o seu acesso, a partir do exterior, numa área muito perturbada e alguns dos componentes pétreos da construção original, tampas ou parte de mecanismos de fecho do conjunto (travões ou encaixes de portas, parcialmente desarticulados). Há também um bloco que foi considerado um opérculo ou a laje de cutelo que fecharia a Câmara.

De qualquer forma, não foi possível, inicialmente, seleccionar definitivamente uma forma construtiva em detrimento de outra, mesmo até para a Câmara e sobretudo numa área que se mostrou muito pouco ortodoxa, em termos de arquitecturas funerárias, como a de Santa Margarida (STAM-1 com oito esteios e STAM-2 com seis), na vizinhança das antas da Comenda, elas próprias com particularidades específicas.

No *Tumulus*, é de assinalar que, na sua metade Oeste, foram identificadas fiadas originais das pedras depositadas superficialmente, correndo de Oeste para Sul.

Permanece por resolver (e muito provavelmente permanecerá em aberto indefinidamente) a questão do enquadramento cronológico-cultural dos monumentos com *tumuli* pétreos maciços e sobretudo, e cada vez mais, a questão conexa de se saber se certas arquitecturas têm realmente um significado cronológico-cultural fixo, imutável, representando um bloco associável a determinados conjuntos artefactuais dos construtores dos monumentos.

Uma das situações mais preocupantes referentes tanto ao *Tumulus* como ao Corredor e à própria Câmara reside no preenchimento com pedras que, sendo idênticas, parece terem sido transportadas do *Tumulus* para o interior do monumento. Esta situação pode ser explicada de duas maneiras:

1. numa versão radical, o *cairn* é afinal um pseudo *cairn*, sendo as pedras que se encontram no topo do *Tumulus* provenientes de despedregas que tanto encheram a Câmara como o seu envolvimento imediato. Seria portanto um resultado exclusivo de acções pós-deposicionais. Assim se explicaria o enchimento da Câmara ser em tudo idêntico ao aspecto do *Tumulus*;

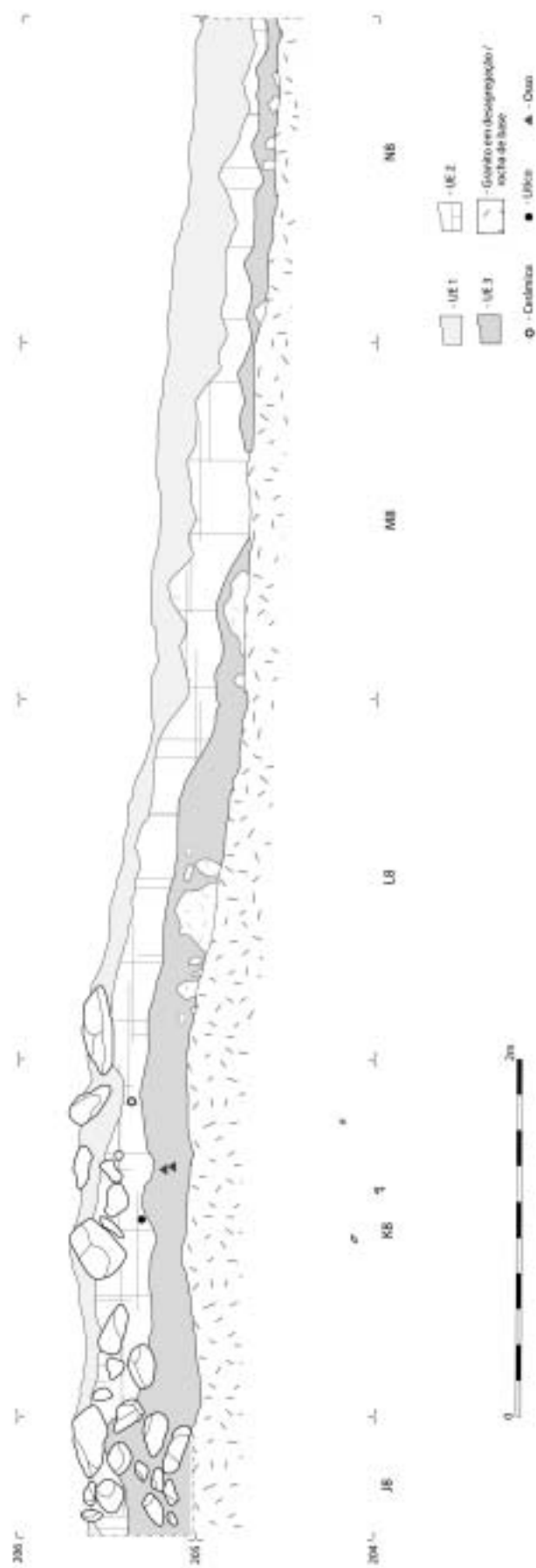


FIG. 13 – O Corte Este-Oeste na estrutura tumular.

2. numa leitura optimista, o *cairn* é efectivamente neolítico (ou, mais adequadamente, calcolítico) e o enchimento da Câmara traduz uma remobilização, efectuada na direcção Sul – Norte, de componentes do *cairn* para um espaço vazio, selando eventuais deposições de segunda fase.

No estado actual dos nossos conhecimentos, prefiro claramente a primeira explicação. No entanto, importaria esclarecer a data provável de esse enchimento, se antiga, se recente.

Observações sobre a estrutura tumular:

1. não restam dúvidas que aquilo que inicialmente aparecia como *cairn* era efectivamente restos de uma carapaça pétrea de constituição pós-deposicional, parcialmente desarticulada, de uma única camada, fornecendo a falsa imagem de uma placa protectora da espessa camada de terra subjacente;
2. o corte efectuado na coordenada 8 evidenciou que esta camada está actualmente muito irregularmente disposta e preservada, tendo sido afectada por remoções parciais em épocas anteriores às violações de 2000;
3. essas remoções foram usadas num entulhamento da Câmara em proporções cuja dimensão foi parcialmente determinada;
4. todas as pedras são de granito local, não existindo quaisquer vestígios de componentes de xisto;
5. a remoção da parte subjacente à área desenhada de L.8 tornou a evidenciar as características dos solos que constituem a estrutura tumular. De cima para baixo: a uma camada de terra muito solta, englobando a manta morta, segue-se um espesso nível único de solo consolidado (de que se recolheram amostras para comparação com os solos envolventes do monumento). Finalmente, o areão que traduz a desagregação do topo do afloramento granítico.

5.2. O traçado do Corredor

5.2.1. A estrutura original

Apresenta uma fórmula 1+1, tendo sido recolhidos componentes de cobertura (tampas), deslocados pela máquina usada na tentativa de destruição do monumento.

No seu exterior imediato, na área de acesso, identificaram-se pedras que integravam um sistema de fecho.

Também na área de transição Corredor - Câmara, muito afectada pelas destruições, se identificou uma pedra que poderia eventualmente corresponder ao fecho em cutelo da Câmara, situação unicamente descrita em Reguengos de Monsaraz, com fiabilidade, no caso da Anta 2 da Comenda, que aliás relocizámos agora, após ter estado perdida longos anos.

Os esteios do Corredor, ainda perfeitamente conservados, têm alturas diferenciadas, devendo o desnível ter sido corrigido logo aquando da construção com pedras de dimensão adequada, exactamente as que se encontram tombadas no interior do Corredor.

5.2.2. Composição do Corredor (fórmula e soluções)

1. O Corredor é constituído de acordo com a fórmula aparentemente mais comum no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz durante o IV milénio (e talvez também nos

- monumentos construídos em inícios do III). No entanto, as dimensões dos esteios e a sua própria morfologia nada têm que ver com a situação comum no IV milénio. São esteios efectivamente diferentes, mais altos, mais semelhantes a esteios de Câmara, depositados horizontalmente, que a esteios do Corredor;
2. a fórmula 1+1 traduz-se geralmente em Corredores curtos ou médios. Monumentos excepcionais, mas largamente minoritários no Grupo megalítico de Reguengos, como Cebolinhos 2 ou Olival da Pega 2, têm geralmente Corredores longos (mais de 14 m...) e fórmulas que traduzem múltiplos esteios em paralelo;
 3. existem ainda outras particularidades no Corredor de STAM-3: os esteios têm alturas diferentes, pelo que, para permitir a horizontalidade da cobertura, seria necessário (tal como na Anta dos Penedos de S. Miguel, no Crato) compensar em altura o de menores dimensões (o que foi efectivamente feito);
 4. os esteios do Corredor não foram calçados pelo interior nem assentam dentro de alvéolos escavados no paleossolo para o efeito. Foram directamente colocados sobre este, repousando em rocha desagregada do substracto granítico;
 5. as dimensões de ECrE-1 são: 2,33 m de comprimento (na horizontal), 1,06 m de altura (na vertical de um ponto médio do comprimento) e 0,38 m de espessura, lida num ponto médio;
 6. as dimensões de ECrD-1 são: 2,33 m de comprimento (na horizontal), 1,17 m de altura (na vertical de um ponto médio do comprimento) e 0,52 m de espessura, lida num ponto médio;
 7. mas, considerando a inclinação dos esteios, prefiro a diferença entre a altimetria absoluta de um ponto médio do topo dos esteios, exactamente 205,76 para ECrE-1 e 205,46 para ECrD-1, o que produz um desnível efectivo actual de 30 cm contra os 11 cm de diferença de alturas. Como o bloco rectificativo da altura de ECrE-1 (bloco # 14) tem uma espessura de 20 cm, é provável que a inclinação dos esteios já existisse no momento da construção, sendo, no entanto, menos acentuada.

5.2.3. *Evolução da escavação do Corredor*

1. o aspecto geral do Corredor era idêntico ao da Câmara, antes da desmontagem do enchimento pétreo;
2. removidas as pedras, identificou-se um solo com terras soltas, de cor castanho escuro acinzentado. Cor Munsell observada às 14:50 h, com luz directa e céu limpo, 2.5 Y 4/2, *dark grayish brown*. Este solo formou-se a partir de enchimentos pós-deposicionais, não contendo materiais arqueológicos, exceptuando alguns poucos fragmentos de cerâmica moderna. Esta concentrava-se aliás, sobretudo, no exterior imediato de ECrD-1;
3. no exterior imediato de ECrE-1, recolheu-se uma placa fragmentada, com gravação no verso, H.8-5. Outros fragmentos foram identificados do lado direito do acesso, todos a escassa profundidade;
4. a entrada nos níveis de utilização pré-histórica do Corredor evidenciou basicamente duas concentrações significativas de espólio antropológico e artefactual, já em nível antigo, com uma tonalidade castanho claro, tendo a leitura Munsell sido efectuada às 10:45 h, com luz directa e céu limpo. Munsell 7.5 YR 6/4, *light brown*;
5. a primeira concentração foi definida quase na transição Corredor/Câmara e incluía um fragmento minúsculo de placa de xisto gravada, o vaso H.8-7, dentes humanos e outros ossos indetermináveis e uma conta de colar discóide de xisto;

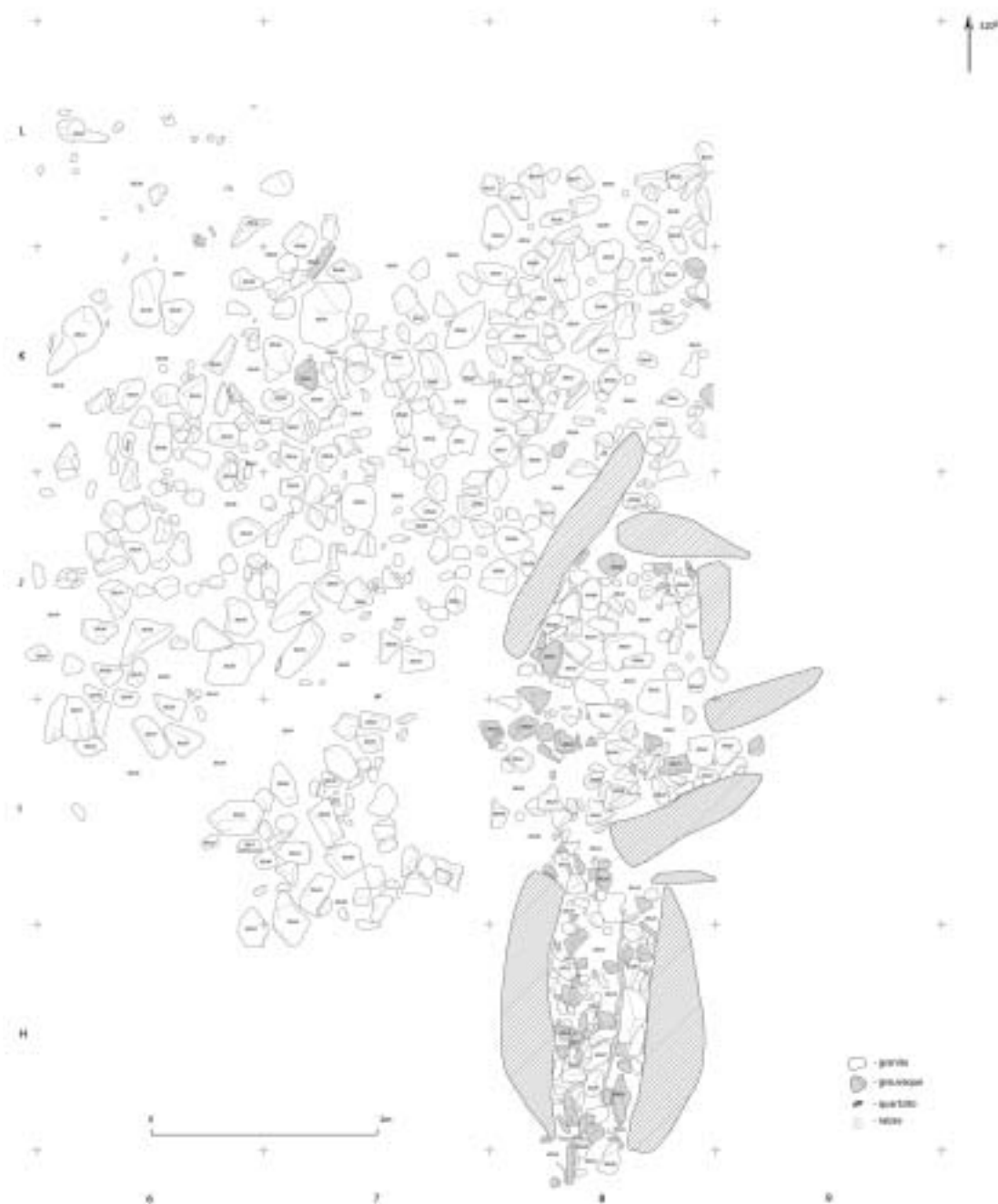


FIG. 14 – Planta geral da área escavada de STAM-3, traduzindo o que sobreviveu da última fase efectiva de utilização do monumento.

6. a segunda foi identificada no início do Corredor e incluía o vaso fragmentado H.8-20, o fragmento de placa de xisto gravada H.8-30, um fragmento (extremidade distal) de uma lâmina, talvez de riolite (H.8-18), molares humanos e outros ossos indetermináveis, a conta bitroncocónica abatida H.8-12, com uma perfuração bicónica tosca, e duas contas de colar discóides espessas, H.8-14 e -17;
7. as concentrações de ossos humanos e artefactos referidas em 5. e 6. dispõem-se em ambos casos do lado esquerdo do Corredor. Contrariamente ao que se tinha verificado com a leitura Munsell dos níveis de enchimento pós-deposicionais, lidos com 100% de concordância pelos 4 observadores mobilizados para a operação de leitura/confirmação,

devido a variações de reflexão da luz foi muito difícil obter leituras concordantes. Houve acordo a quase 100% sobre o *HUE*, mas não sobre o *VALUE*, tendo sido indicados valores como 2.5YR 6/4, 6/6, 5YR 6/4 e 7.5 YR 6/4, *light brown*, idênticos aos do nível superior, cor que o painel acabou por considerar adequada. No entanto, este autêntico nível-camaleão apresentou-se sempre muito seco, não permitindo as clássicas leituras diferenciadas entre o nível decapado de fresco e o nível já seco. Pessoalmente, estou convencido que algum tom rosado, não dominante, se deve a componentes de granito desagregados da sua associação original e transformados em areão. Este estaria presente no sedimento de uma forma não constante, originando uma cor «volátil» uma vez que a sua ocasional presença apenas seria revelada em condições específicas de luz incidente. Ainda com céu limpo, mas com outra temperatura de luz, três em quatro observadores acabaram por fixar a leitura em 10 YR 5/2, *grayish brown*, o que se regista portanto com um grau de confiança de 75%.

O desmonte sistemático do enchimento do Corredor evidenciou o que parece ser uma sequência confirmada, do mais antigo para o mais recente:

- 1.^a fase – utilização primitiva (acesso à Câmara), com um índice de uso desconhecido;
- 2.^a fase – derrube, de origem natural ou antrópica, das pedras que funcionavam como correcção em altura ao esteio ECrE-1;
- 3.^a fase – utilização funerária do Corredor para deposições aparentemente concentradas nos seus dois extremos. As deposições e respectivas ofertas fúnebres foram efectuadas sobre sedimentos que se formaram sobre a maior das pedras correctoras de altura que se encontrava tombada obliquamente no Corredor, junto ao acesso interno à Câmara.

Identificado o vaso quase completo H.8-7, associado a ossos humanos em muito mau estado de conservação, entre os quais os melhor preservados são os molares H.8-9, -10 e -11. No entanto, H.8-11 provem efectivamente das terras (crivadas) do mesmo plano, mas de uma área ligeiramente mais próxima da transição Câmara/Corredor. Trata-se certamente de uma reocupação do Corredor, associável cronológico-culturalmente às placas de xisto gravadas fragmentadas, recolhidas no seu exterior.

5.2.4. O acesso externo ao monumento

No Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, o estado de grande destruição das estruturas tumulares dificulta o entendimento de como se processava o acesso, a partir do exterior, ao Corredor dos monumentos. Por outro lado, a agricultura mecânica «barbeou» muitas vezes os monumentos. Os primeiros esteios do Corredor resistiram, mas tudo o que apresentava menor solidez, como as estruturas pétreas de fecho, acabou por ser afectado pelas máquinas e desapareceu.

Contrariamente ao habitual, STAM-3 apresentava evidências de um sistema de fecho constituído por blocos que travavam uma porta pétrea em forma de opérculo (Fig. 15). Os encaixes garantiam a solidez do conjunto, que deveria estar integralmente adossado aos extremos dos esteios do Corredor e à primeira das suas tampas.

Integram este conjunto os componentes numerados 10 (o opérculo-porta), 11 (muito provavelmente a primeira tampa do Corredor), 12 (o esteio-travão do lado esquerdo).

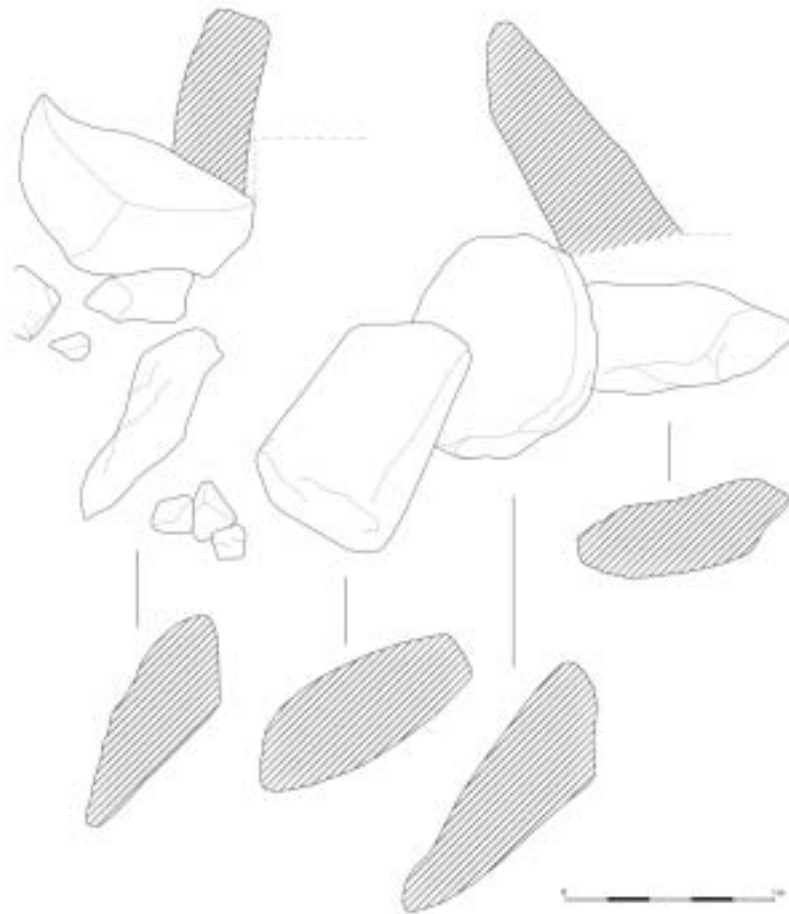


FIG. 15 – Sistema de fecho de porta externa do Corredor de STAM-3. Primeiro acesso ao interior do monumento.

5.2.5. As correcções, em altura, ao lado esquerdo

A construção do Corredor de STAM-3 originou uma situação peculiar, mas não inédita: uma vez montados os esteios, a sua altura divergia em cerca de 20 cm, provocando instabilidade e deficiente fixação nas tampas.

A solução adoptada foi exactamente a mesma que na Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), tendo havido recurso a correctores em altura, neste caso, dois blocos pétreos colocados lado a lado sobre ECrE-I, e cuja espessura anulava o desnível. Posteriormente, estes blocos deslizaram, possivelmente após remoção antrópica das tampas do Corredor, e tombaram no interior do próprio Corredor, selando-o até à escavação de 2001.

Devemos naturalmente discutir o momento em que isto aconteceu, uma vez que a sua determinação poderia ter implicações na definição da fiabilidade estratigráfica dos dados do Corredor. Mas não sendo realmente possível uma determinação rigorosa, creio que, argumentando com a presença de materiais pré-históricos no preenchimento de volumes altimétricos superiores ao ponto de assentamento dos correctores de altura, esta situação se deve ter verificado nos últimos séculos do III milénio, durante as operações de reconstrução da Câmara.

Como se verá, não existem provas concludentes de o Corredor ter sido muito afectado durante a reconstrução do monumento, mas é muito provável que a remoção de blocos e a deslocação dos esteios tenha, de algum modo, desequilibrado a segurança do conjunto e provocado a queda dos blocos correctores, que não teriam sido repostos no lugar de origem.

Os correctores de altura foram numerados 14 (o primeiro e o mais pequeno dos dois, com uma espessura de 0,10 cm) e 15 (com uma espessura de 0,24 cm).

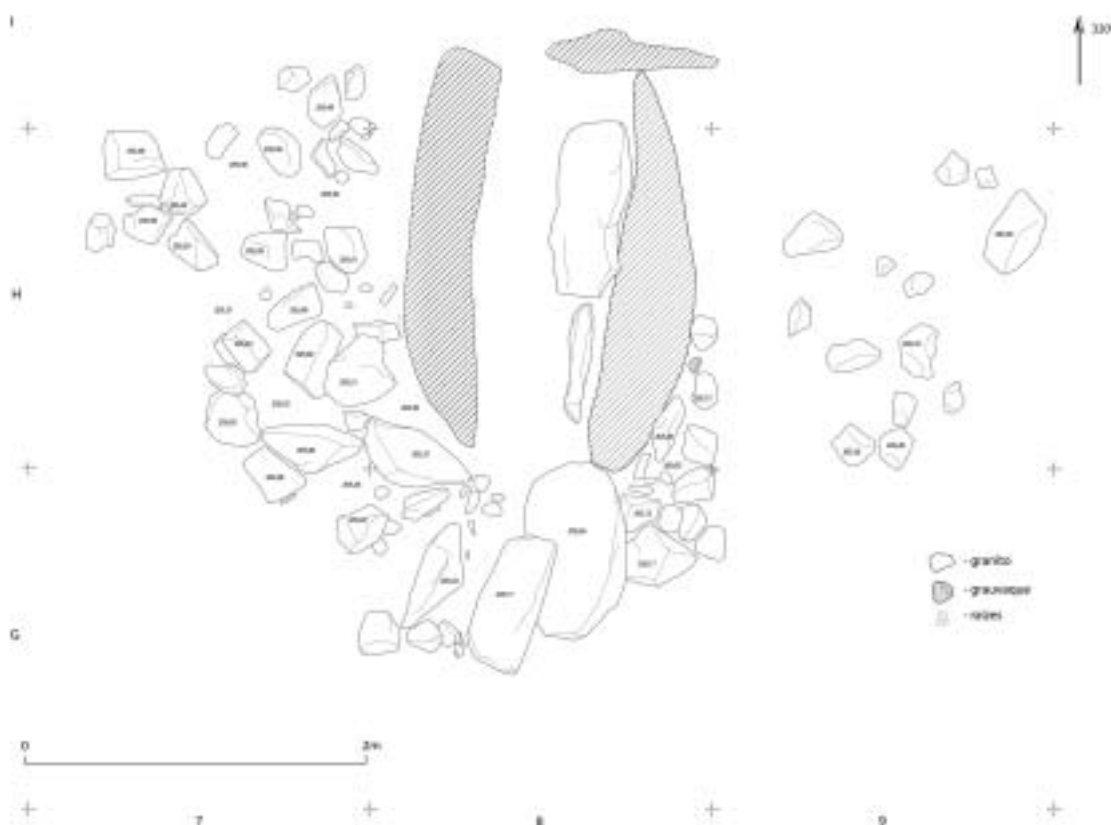


FIG. 16 – Corredor de STAM-3, com os dois blocos correctores de altura do esteio esquerdo tombados.

5.2.6. O acesso à Câmara

Uma das questões de difícil resolução para a maioria dos monumentos megalíticos é a natureza da transição Corredor/Câmara.

Em algumas situações, o desnivelamento dos dois componentes do monumento é evidente, sendo a Câmara mais profunda e obrigando mesmo à construção de um degrau, que garante o acesso seguro ao chão primitivo da Câmara.

Em STAM-2, os esteios do Corredor foram colocados ligeiramente afastados dos esteios da Câmara, de forma a garantir a montagem de um opérculo-porta que selava o acesso a uma Câmara com uma implantação não desnivelada em relação ao Corredor (Gonçalves, 2001, p. 138, Fig. 15). Em STAM-3, o processo utilizado é similar, mas foi encontrado o opérculo-porta, um bloco pétreo numerado 15 na lista dos componentes do monumento, com as dimensões de 0,99 x 0,83 m e a espessura de 0,10.

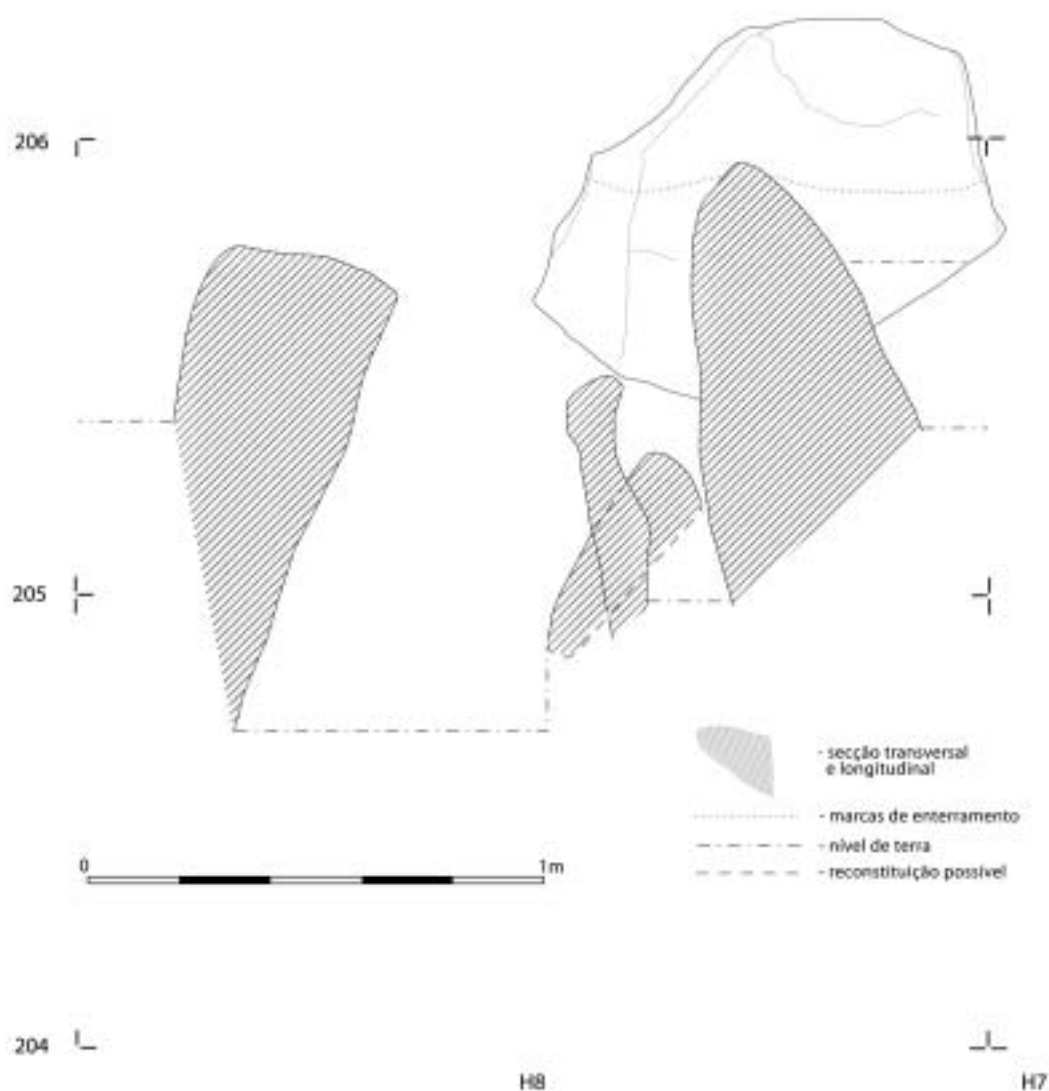


FIG. 17 – Acesso à Câmara de STAM-3, sendo visível, sobreelevado sobre a direita, o opérculo de fecho do acesso à Câmara.

5.3. A Câmara

5.3.1. Os esteios e fragmentos de esteio removidos

Hoje, é impossível saber a origem dos muitos blocos de granito de dimensões extremamente diversificadas, que resultaram das brutais acções traumáticas que a estrutura do monumento sofreu desde a sua reconstrução nos últimos séculos do III milénio, passando pelas duas violações medievais e acabando pela tentativa de destruição de 2000.

Esses blocos foram parcialmente registados, mas muitos encontravam-se em tal estado que era virtualmente impossível determinar se tinham efectivamente pertencido ao monumento ou se eram mesmo eventualmente restos de uma estrutura tumular entretanto desarticulada.

Basicamente, regista-se a nossa incapacidade para ultrapassar as limitações evidenciadas pelas descrições sumárias do Quadro 1.

5.3.2. A deslocação lateral dos esteios

Uma das situações que maior perplexidade causou durante as primeiras fases do processo de escavação de STAM-3 foi a posição relativa dos esteios da Câmara. De tal maneira ela pareceu incomum que, desde o início, se admitiram fortes perturbações pós-deposicionais na própria estrutura do monumento, ainda que não fosse então possível determinar a sua origem ou data.

Não referindo as situações atribuíveis à tentativa de destruição do monumento em 2000, temos a seguinte listagem de situações anómalas:

1. ECm-3: apesar de parecer estar quase *in situ*, regista uma sensível deslocação na horizontal, em direcção a Oeste;
2. ECm-4, o esteio de cabeceira: fragmentado, mas *in situ*. Regista, pela não sobreposição dos planos de fractura superior e inferior, uma deslocação horizontal das duas metades, devido à violência do golpe que originou a cisão e que se presume ser uma agressão recente, talvez medieval, para iniciar o desmantelamento da Câmara;
3. ECm-5: trata-se de um esteio de substituição, colocado em vez do genuíno ECm-5, muito provavelmente removido nos últimos séculos do III milénio, imediatamente antes das deposições da última fase de uso da Câmara;
4. ECm-6: não é o original, admite-se que possa ter sido parte do chapéu da Câmara, reaproveitado;
5. ECm-7: possivelmente, é um fragmento do original, reutilizado para o substituir, na altura em que ECm-5, -6 e -7 foram arrancados do seus alvéolos.

5.3.3. ECm-1

ECm-1, arrancado integralmente e, de seguida, parcialmente destruído.

5.3.4. ECm-2

ECm-2, arrancado integralmente e actualmente colocado na periferia do *Tumulus*.

5.3.5. ECm-3

ECm-3, provavelmente não se encontra na posição original, tendo tombado de pé na direcção Sudeste-Sudoeste. Mas a sua deslocação da posição original ocorreu certamente durante a Pré-História, antes ou logo antes das primeiras deposições funerárias do III milénio. O ponto mais alto do esteio (fragmentado no topo) tem uma altimetria absoluta de 206,47 m. O grande fragmento cerâmico J.8-529 foi cotado a 204,85, numa altimetria em que o esteio parece estar no seu limite inferior, não coincidindo este, no entanto, com o limite em profundidade da Câmara.

5.3.6. ECm-4

ECm-4, o esteio de cabeceira, aparece agora com toda a irregularidade do seu traçado bem visível, com espaços entre ele e ECm-3 e ECm-5 colmatados por blocos do *Tumulus* ou, menos provavelmente, de um colar original. ECm-4 tem fendas e irregularidades provocadas por fenómenos pós-deposicionais muito violentos, mas é também, de origem, de traçado irregular.

5.3.7. ECm-5

ECm-5 é talvez uma das chaves mestras para explicar os fenómenos de transformação de uma Câmara original na Câmara actual de STAM-3. A sua colocação num espaço vazio, entre ECm-4, ainda *in situ*, e ECm-6, desaparecido, poderá ter criado um espaço de topo estruturante para um novo traçado da Câmara, irregular, pouco convencional, mas relativamente sólido.

5.3.8. ECm-6

ECm-6 não é o que se pensava inicialmente que fosse, tratando-se mais provavelmente de um grande fragmento do chapéu que cobriria a Câmara. A sua utilização como esteio é também posterior à presumida primeira fase de utilização do conjunto. Na sua face interna, actualmente num plano oblíquo à face exterior de ECm-5, e no espaço entre os dois blocos, recolheram-se ossos humanos, cerâmica muito fragmentada e pequenos fragmentos de placas de xisto gravadas, com decoração ou anepígrafas.

5.3.9. ECm-7

ECm-7 é provavelmente um dos esteios originais, ainda que hoje ligeiramente deslocado da sua posição primitiva. Parecia, inicialmente, que ele teria escorregado para uma posição consideravelmente mais oblíqua que a de origem, mas verificou-se posteriormente que ele foi extraído do alvéolo de origem e nele reimplantado ao contrário (com a parte superior para baixo).

5.3.10. A fossa, em J.8

Quando a escavação do monumento se encontrava já praticamente concluída, foi detectada uma fossa, escavada no afloramento a cujo topo se adossaram os esteios da pri-

meira fase de construção da anta. ECm-4, o esteio de cabeceira, estava apoiado à face Oeste da fossa.

Dimensões:

1. diâmetro longitudinal: 1 m;
2. diâmetro transversal: 1,20 m (contando com uma pequena extensão de cerca de 0,20 m parcialmente danificada);
3. profundidade média: 0,40 cm.

A fossa estava cheia com 10 grandes blocos de granito, que virtualmente cobriam uma pasta informe de ossos e fragmentos de grandes recipientes cerâmicos, cuja altimetria oscilava entre os 204,70 e 204,36. Os recipientes desenháveis eram (os diâmetros indicados correspondem aos dea):

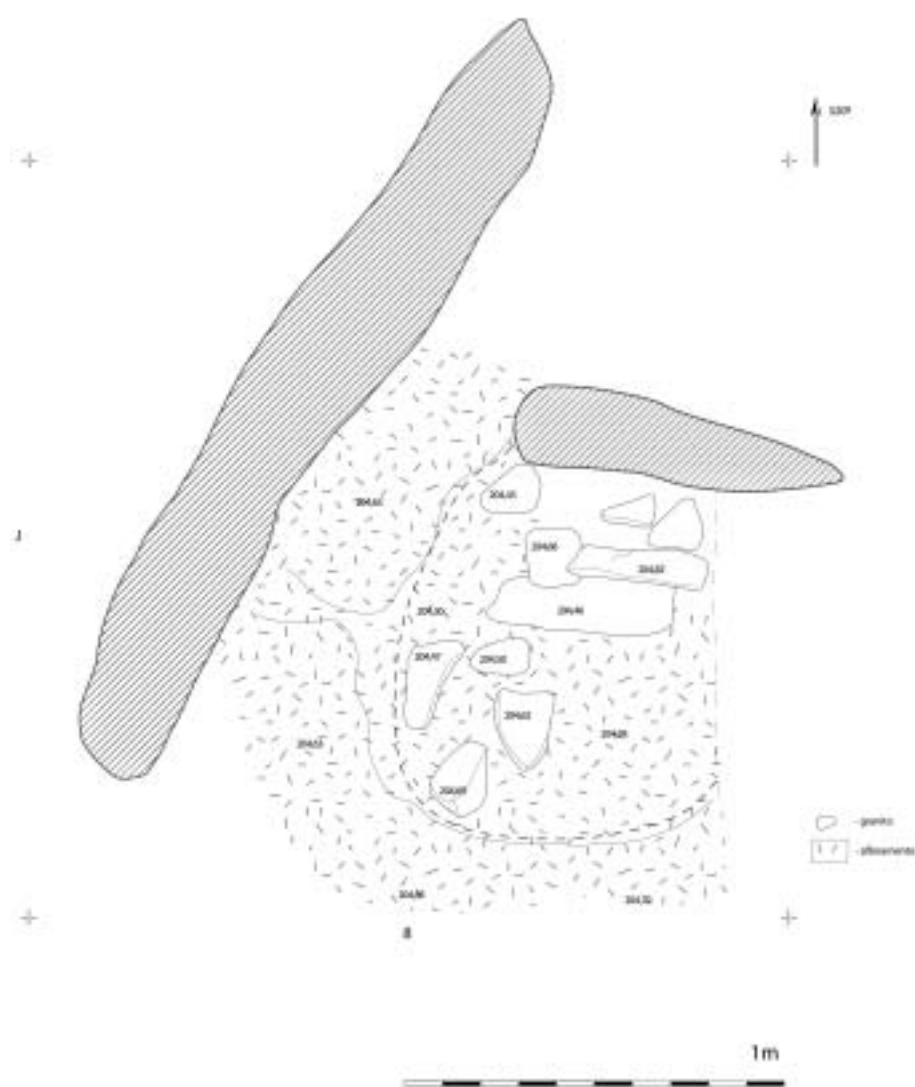


FIG. 18 – Fossa em J.8, junto ao esteio de cabeceira de STAM-3. A conclusão da identificação de esta estrutura foi feita já no último dia de escavação e sob condições particularmente adversas, pelo que se conseguiu registar fotograficamente o conjunto (Figs. 43, 44 e 45), mas não concluir o desenho de uma pequena área a norte. As chuvas torrenciais obrigaram ao imediato enchimento do monumento, após rápida consolidação. Assim, este deve ser considerado como um desenho incompleto, na área a 20°.

1. J.8-707 (Ø 20,2 cm), um esférico de paredes espessas, registado a uma altimetria de 204,70;
2. J.8-778+723 (Ø 26,4), um esférico alto, registado a uma altimetria de 204,63;
3. J.8-744 (Ø 22,2), parte do topo de um grande recipiente com colo largo estrangulado, registado a uma altimetria de 204,59;
4. J.8-763 (Ø 22,0), parte do topo de um grande recipiente idêntico ao anterior, registado a uma altimetria de 204,60;
5. J.8-764, o mais pequeno de todos (Ø 10,6), um pequeno esférico, registado a uma altimetria de 204,60.

Mas também se registaram fragmentos cerâmicos provavelmente pertencentes aos mesmos vasos, a maior parte não permitindo colagem:

1. J.8-777, registado a uma altimetria de 204,48 (cola com J.8-782);
2. J.8-779, um bordo de forma irreconhecível, registado a uma altimetria de 204,48;
3. J.8-780, registado a uma altimetria de 204,36;
4. J.8-782, registado a uma altimetria de 204,37;
5. J.8-783, registado a uma altimetria de 204,36.

O núcleo de basalto filoniano J.8-781, recolhido a 204,37, estava associado a estas cerâmicas, sendo esta a única associação exterior à cerâmica efectivamente registada.

5.3.11. O traçado original da Câmara e a sua reconstrução

Desde o início dos trabalhos que a peculiar geometria da Câmara justificou grande preocupação. Parecia uma clássica Câmara de 7 esteios danificada, a um ponto então imprevisível. Mas a remoção de ECm-2, a fragmentação de grandes blocos dos outros ortóstatos, e os danos gerais, ocorridos possivelmente, no mínimo, em duas épocas distintas, dificultavam conclusões outras que a seguinte: *após uma primeira fase de utilização, o monumento foi reutilizado de novo, também como lugar de enterramento, tendo as deposições fúnebres sido cobertas com blocos de pedra provenientes do exterior do monumento.*

Observou-se à cerca da Câmara que:

1. a compreensão do estudo da desarticulação da Câmara é dificultada pelo seu estado actual, tendo sido difícil mesmo, inicialmente, decidir com certeza se tratava de uma Câmara de seis ou sete esteios, ainda que esta segunda hipótese acabasse por ser, pela evidência dos dados, a confirmada;
2. a história de Cm-4, o provável esteio de cabeceira, indica que sofreu diversas fracturas, permanecendo no entanto praticamente *in situ*. Pensei que se poderia tratar de um dos dois componentes de uma cabeceira dupla em cunha, como acontece em outros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, mas a hipótese foi afastada com o progresso da escavação;
3. também a transição Corredor/Câmara foi difícil de entender no seu estado actual, a tal ponto o seu traçado foi afectado pela aplicação de poderosas forças laterais, provavelmente provocadas pela máquina que, em 2000, foi usada na tentativa de destruir o monumento.

O topo actual da Câmara (mais concretamente: *o que era visível dele quando se retirou a manta morta subjacente aos ortóstatos fragmentados em 2000*) registava, no início dos trabalhos, um enchimento quase maciço de pedras de dimensões médias, regulares.

Na primeira fase da desmontagem, identificaram-se escassos restos cerâmicos, aparentemente modernos, mas a uma altimetria de 205,37 surgiu J.8-17, um osso longo humano, muito provavelmente associável ao que se designou, erradamente, por deposição funerária Cm-1, misturado com contas de colar e fragmentos pequenos de placas de xisto gravadas.

Significativamente, as cerâmicas aqui recolhidas, ainda que muito fragmentadas, confirmam esta situação, derivada afinal de fortes alterações pós-deposicionais. Também a ausência de pedra polida, como se sabe ausência ou extrema raridade verificada em monumentos datados pelo radiocarbono do III milénio (como o *tholos* OP-2b). Realidade que contrasta com o que se verificava no IV milénio (datação ¹⁴C para STAM-2 e datação presumida para a Anta 1 do Poço da Gateira e monumentos afins).

Na Câmara, e a uma altimetria absoluta de 205,78, continuava a registar-se o enchimento com grandes blocos, agora claramente provenientes do exterior, ainda que em menor número.

Desta fase da escavação da Câmara são provenientes:

1. artefactos de adorno pessoal, como as contas de colar I.8-13, J.8-1, -5, -16;
2. fragmentos cerâmicos: J.8-14, -15, -21 e o grande fragmento de bojo I.9-9;
3. fragmentos de placas de xisto gravadas I.8-3, -2, -5, -7, -11, -12, -15, J.8-17.

A violência dos fenómenos pós-deposicionais justifica que se comente a dificuldade em repor as contas de colar nos «colares» (ou «braceletes») de origem, bem como a determinação exacta do número exacto das placas de xisto gravadas a partir de fragmentos tão pequenos.

5.3.12. A violação da Câmara de STAM-3

Uma das questões mais obscuras levantadas pela escavação de STAM-3 reside na interpretação dos dados objectivos que evidenciam uma violação antiga (pré-histórica, nos últimos séculos do III milénio), seguida por uma reutilização, da Câmara e talvez mesmo do Corredor. Independentemente do radiocarbono, vários argumentos, que me parecem convincentes, podem ser invocados em favor de esta afirmação, após considerandos que podiam indicar o contrário:

1. tanto o Corredor como a Câmara se encontravam uniformemente selados por uma espessa e sólida camada de pedras removidas do que se pensava ser a estrutura tumular primitiva;
2. tratava-se, aparentemente, de um enchimento uniforme, e não exactamente um exemplo dos entulhamentos caóticos típicos das sequências das operações de despedrega, que se traduzem sempre pelo acumular de pedras dentro dos monumentos megalíticos;
3. sob a camada pétrea que selava o Corredor, encontrava-se o vaso intacto H.8-7, interpretado como o eventual núcleo de uma deposição votiva e funerária (designada por Cr-2);
4. sob o enchimento da Câmara, e protegido por ele, encontravam-se as deposições funerárias Cm-2, -3 e -4. E se o indivíduo registado como Cm-2 tinha o crânio completamente esmagado, os minúsculos fragmentos não se encontravam desaparecidos, apenas dispersos, e os ossos longos mantinham-se em conexão;
5. fora do âmbito espacial imediato de Cm-2 e -3, os artefactos votivos encontravam-se efectivamente muito dispersos, alguns a altimetrias diferenciadas, tal o caso do vaso cerâmico

mico J.8-54, cujo primeiro fragmento (a referência de altimetria menor é também usada para designar globalmente os diversos fragmentos recuperados) foi recolhido a um Z absoluto de 205,28, enquanto dos restantes fragmentos o mais profundo se encontrava a uma distância na vertical de 22 cm;

6. mas o caso das placas de xisto gravadas é ainda mais evidente, com fragmentos da mesma placa espalhados por quadrados diversos e distintas altimetrias;
7. também ainda no que se refere às placas de xisto gravadas, é impressionante o seu grau de fragmentação (ver Fig. 119:2) e sobretudo a frequente presença de apenas ínfimas partes das placas originais.

Estes factos devem ser completados pela informação adicional fornecida pelo pseudo-esteio ECm-5, já objecto de análise detalhada. Efectivamente, se o esteio original ECm-5 foi removido para facilitar a violação da Câmara (e o seu posterior reaproveitamento) num dado momento do III milénio, houve a preocupação de reparar os danos cometidos na Câmara, repondo um bocado de esteio e calçando-o cuidadosamente, tanto na horizontal como na vertical. Na primeira situação, uniformizando o espaço entre ECm-4, o esteio de cabeceira, e o novo ECm-5. Na segunda, criando um suporte uniforme, quase horizontal, também de granito, à base do novo esteio.

Tudo isto nos leva a supor que nos encontramos perante as seguintes possibilidades:

1. o monumento foi construído ainda no IV milénio, pela sua arquitectura muito provavelmente na sua segunda metade ou já na transição para o III milénio, foi esvaziado, utilizado de seguida em duas fases, uma na primeira outra na segunda metade do III milénio;
2. o monumento foi construído nos primeiros séculos do III milénio, usado durante a sua primeira metade e reaproveitado ainda no III milénio, mais concretamente nos seus últimos séculos.

Ambos cenários poderiam, à partida, e antes das datações radiocarbónicas, ser defensáveis. O primeiro, se houvesse qualquer indicação a nível da cultura material, neste caso lida através dos artefactos ideotécnicos ou sociotécnicos, que nos remetesse claramente para o IV milénio. Mas não só tal não acontece como tudo parece indicar que assim não foi:

1. praticamente, não há artefactos de pedra polida, muito abundantes nos conjuntos do IV milénio;
2. não há geométricos, ainda presentes na transição do IV para o III milénio, e não esquecendo a periculosidade inerente de raiz a este argumento, que venho sublinhando de longa data, e, recentemente, a propósito justamente da vizinha anta STAM-2;
3. existem pontas de seta de sílex (importado) e de xisto (local);
4. as contas de colar configuram e limitam-se a formas típicas do III milénio, ainda que a durabilidade das formas retire força a este argumento;
5. a cerâmica inclui alguns poucos fragmentos de taças carenadas e de taças de bordo espessado. Se as primeiras poderiam ainda eventualmente atribuir-se a fins do IV milénio, as segundas são exemplos das formas dominantes no III.

Claro que a estes argumentos poderíamos acrescentar outros, menos esclarecedores, o que, neste e em outros contextos, é no mínimo estimulante.

Tal é o caso, perturbador, da ausência das grandes lâminas obtidas por pressão de alavanca típicas de OP-2b, e comuns em outros monumentos do III milénio (veja-se o caso da necrópole de Alcalar, no Extremo Sul).

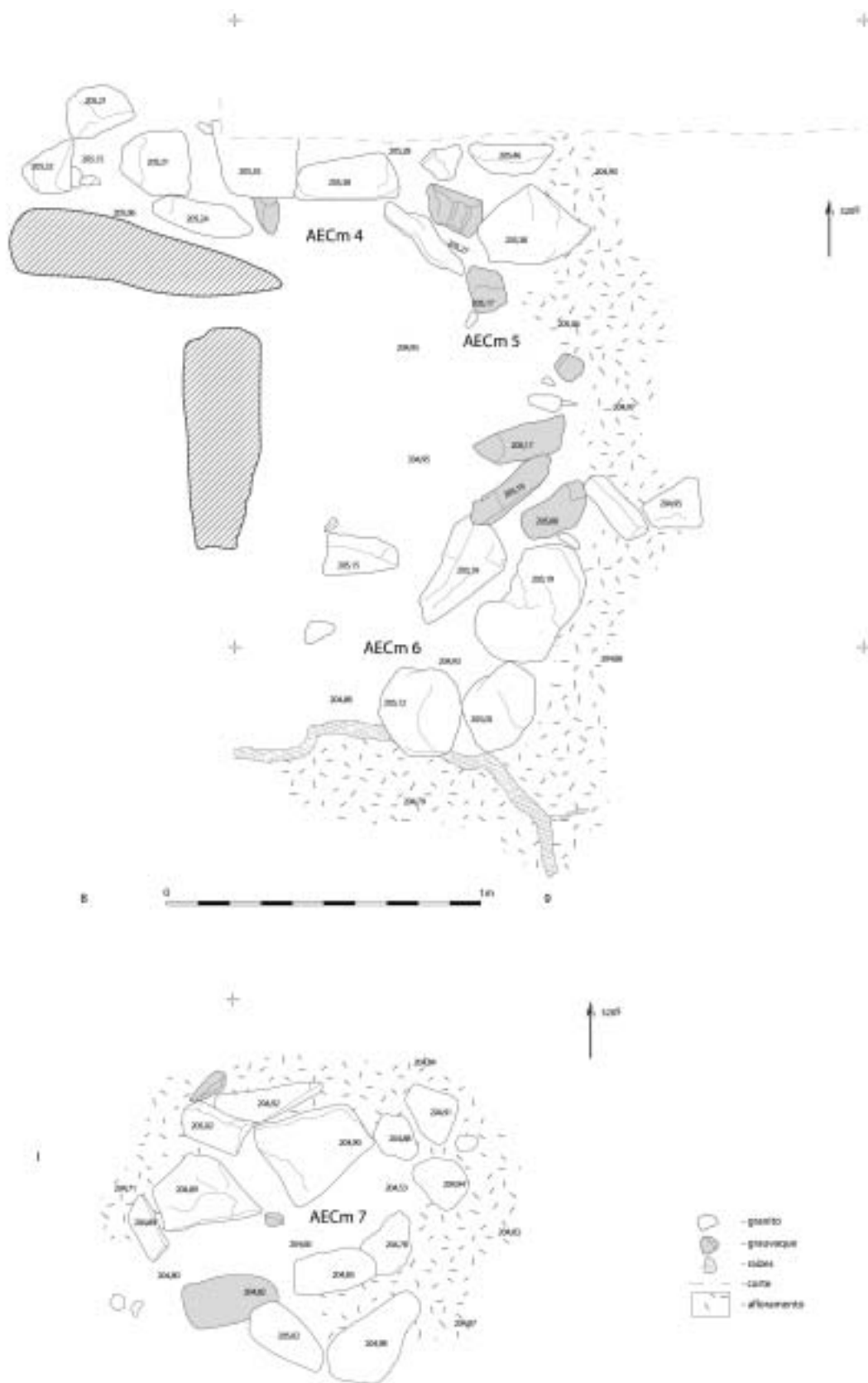


FIG. 21 – Estruturas negativas sobreviventes da planta original de STAM-3: os alvéolos originais de esteios desaparecidos ECm-4, 5 e 6.

Tal é o caso da raridade dos alfinetes de cabelo ou da ausência das estatuetas de coelhos ou lebres, de osso ou pedra verde. Mas também é certo que, tudo sendo «igual» na primeira metade do III milénio, tudo acaba por ser, na verdade, *diferente*, e os conjuntos, mesmo quando cronologicamente síncronos, podem ter conteúdos muito distintos.

Em Reguengos de Monsaraz, no entanto, estão em falta distinções precisas *dentro* dos conjuntos do III milénio. Talvez que aos modelos «importados» da Península de Lisboa, e patentes em OP-2b, e OP-1 («alabardas», alfinetes de cabelo com ou sem cabeça postiça canelada, estatuetas zoomórficas...) seja possível contrapor modelos «indígenas», ou insuficientemente aculturados, ou mesmo mais evoluídos em função do modelo original, se é que ele realmente existiu.

E seria talvez o momento em que alguns retomariam a arriscada, mas sempre apetecível, conexão entre povoados e necrópoles, essa obsessão primária que reúne, num único campo, incorrigíveis optimistas, acidentalmente costeando a-historicistas típicos, marxistas sobreviventes, divagando entre ruínas romanas expostas acriticamente e a-historicamente, escassos neopositivistas tresmalhados e ainda, para gáudio de todos, um ou outro asno recorrente.

Finalmente, haveria que considerar, em reforço dos pontos 1 e 2 anteriores, que raros são os monumentos violados que não guardam no seu interior algo das fases correspondentes à sua construção e primeira utilização, sendo STAM-2 disso um perfeito exemplo. Assim, o conjunto de inícios do III milénio parece ser efectivamente, com elevada probabilidade, o correspondente à construção do monumento.

5.3.13. A Câmara de STAM-3 e a sequência construtiva do monumento

A evolução da escavação da Câmara veio confirmar todas as observações anteriores, particularmente as que dizem respeito à bizarra (re)construção do principal espaço funerário de STAM-3.

Os esteios que integram actualmente a Câmara, nas suas primeiras imagens de conjunto, ao tornarem-se visíveis em profundidade, evidenciaram características e integração numa planta que pouco tem que ver com o traçado regular e excepcionalmente sólido do removido ortóstato ECm-2.

Concluindo,

a Câmara de um monumento megalítico ortostático, datável de inícios do III milénio, foi transformada num espaço funerário diferente e reutilizada nos últimos séculos do III milénio.

5.3.14. A planta original de STAM-3

Como é agora perfeitamente claro, existem duas configurações distintas para a Câmara de STAM-3.

A primeira a ser detectada por escavação sabemos agora ter sido cronologicamente a última, traduzindo uma profunda alteração na Câmara inicial. Desta temos hoje, apenas:

1. ECm-4, o esteio de cabeceira, apenas ligeiramente deslocado para o interior da Câmara;
2. o lugar de onde foi extraído ECm-2, cuja posição original é reconstituível com um grau de probabilidade superior a 95% ;
3. o grande alvéolo que corresponde ao encaixe original de ECm-7.



FIGS. 23 e 24 – Imagens do pseudo-cairn.



FIG. 25 – O Corredor de STAM-3, com o enchimento de pedras idêntico ao do pseudo-cairn.



FIG. 26 – Junção Corredor – Câmara. Vendo-se, em cutelo, o opérculo que fecharia a Câmara.



FIGS. 27 e 28 – O Corredor de STAM-3, sendo visível o bloco usado para corrigir em altura o esteio esquerdo do Corredor.



FIGS. 29 e 30 – Alvéolos dos esteios originais com as respectivas pedras de calagem.

O traçado original da Câmara, reconstituível através das posições originais de ECm-3, ECm-5, ECm-6 e ECm-7, indica uma dimensão maior, correspondendo no diâmetro transversal a cerca de 3 m e a 2,90 de diâmetro longitudinal. Esta Câmara foi totalmente reconstruída durante o III milénio (talvez cerca de 2300 cal BC), estreitada no sentido transversal, com deslocamentos laterais ou mesmo substituições de esteios. O Corredor permaneceu com a planta original, mas é provável que tenha sido neste momento que tombaram os correctores de altura de ECrE-1.

O «adelgaçamento» da Câmara em 1,20 m teria produzido uma planta da Câmara quase semelhante a uma elipse, com o aspecto de uma super-cista.

Um dos definitivos contributos para o esclarecimento de esta situação reside na conservação de uma significativa massa de ossos humanos sob ECm-5 (a laje-esteio que substituiu o ECm-5 original, entenda-se), estendendo-se até ao seu exterior e definindo assim a área primitiva do primeiro monumento. Os restos antropológicos referentes à fase mais antiga nem sempre estão bem conservados, mas incluem alguns ossos longos (incluindo um fémur) e fragmentos de calotes cranianas, duas no bloco que corresponde actualmente ao segundo traçado da Câmara, mas muito claramente abaixo do seu plano construtivo, e outras duas no mesmo plano das anteriores, mas sob o traçado de ECm-6. Um osso longo «atravessa» o nível subjacente ao novo ECm-5 de uma maneira definitivamente esclarecedora.

Alguns dos ossos estão muito fragilizados, mas é possível observar que são os restos de deposições funerárias que estariam cerca da face interna do antigo traçado da Câmara (ver Fig. 46). Ficaram assim parcialmente cobertos pelo novo traçado de uma Câmara mais pequena, quer sob esteios com a posição modificada, como ECm-5 e -6, ou exclusivamente sob o improvisado esteio que substituiu o original ECm-5, tendo sido obturado, com algumas pedras de preenchimento, o espaço deixado vazio pelo seu antecessor.

Muito perto do que teria sido a superfície interna original convergente de ECm-6 e ECm-7, inicialmente adossados, recolheu-se a placa de xisto gravada I.9-22, que um extraordinário acaso conservou intacta, entre blocos de granito, alguns em desagregação (Fig. 48). No mesmo plano, recolheu-se também I.8-247, um fragmento que justificou dúvidas sobre se trataria de um cabo de báculo ou de uma placa de tipo raro no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Uma conta de colar discóide de xisto (J.8-587) foi retirada da massa óssea que subjaz ao novo ECm-5. Dois fragmentos de dois crânios diferentes, associados a ossos diversos foram também identificados e correspondem muito provavelmente a deposições funerárias desestruturadas e em parte comprimidas pelo peso do novo ECm-5. A deposição funerária Cm-7, que inclui a notável placa recortada J.8-667, estava conservada apenas na sua parte superior, com restos do crânio, a mandíbula, falanges e, no lugar que corresponderia ao peito do defunto, a placa (Fig. 47).

Medidas para a Câmara:

Fase 1 Øs longitudinal e transversal: | 2,90 — 3,00 m.

Fase 2 Øs longitudinal e transversal: | 2,90 — 1,80 m.

5.3.15. A provável sequência construtiva de STAM-3

Perante os dados disponíveis actualmente, sobre o Corredor, a Câmara e o *Tumulus* de STAM-3, é possível propor uma sequência de construção, ruína, semi-reconstruções e utilização final do monumento.

O cenário que reúne, de longe, mais probabilidades de corresponder à realidade é o seguinte:

Logo a seguir a 2900 cal BC ou pouco antes

Fase 1: construção de um monumento megalítico «clássico», ainda orientado para a primeira luz. Câmara de sete esteios. Corredor com a fórmula tradicional em Reguengos de Monsaraz durante o IV milénio (1+1). Utilizado durante os primeiros séculos do III milénio. Uso de placas de xisto gravadas como único item votivo ideotécnico.

A partir de cerca de cerca 2300 cal BC

Fase 2: após ruína ou parcial destruição da Câmara, com derrube do chapéu, o Corredor não é (nem será) afectado no seu traçado original, mas as tampas e os correctores em altura de ECrE-1 são derrubados, caindo estes últimos para o interior do Corredor. Reestruturação da arquitectura da Câmara com criação de um preenchimento ortostático funcional para o esteio ECm-5, retirado possivelmente para facilitar a violação da Câmara. Utilização da Câmara para novas deposições funerárias. Três deposições directas na Câmara, Cm-2, Cm-3 e Cm-4, associadas à deposição de um cão jovem, de dimensões médias. Fecho do Corredor e da Câmara, agora preenchidos por uma camada espessa de blocos recuperados na área envolvente

Séculos XIV e XV da nossa era

Fase 3: duas violações em profundidade do conjunto, com inaudita violência, atingindo o solo do monumento através da área central da Câmara e provocando um vortex interno com remobilização das deposições funerárias que, tanto na primeira como na segunda fase, ocupavam a área central do monumento. As deposições funerárias que se encontravam próximas das paredes da Câmara sobreviveram a estas agressões.

2000 DC

Fase 4: perturbações contemporâneas afectando o conjunto da Câmara e a entrada do Corredor. Destruição de esteios, extracção de ECm-2 para fora da Câmara.

Cast in the form of a sonata rondo, the wittily playful final movement (“giocosso”) is based on Hungarian dance rhythms, with surprising changes of time signature and violent contrasts in its development-like middle section. On this occasion the brief cadenza is obligingly written out in full by Brahms, after which the tempo quickens for the coda, with triplets creating a sense of jaunty exhilaration, before Brahms – who never wrote an opera – brings down the curtain to theatrical effect, as the tempo slows and the concerto seems as though it will die away wistfully, only for three powerful final chords to bring the work to its cheerful conclusion.

Hartmut Fladt, comentário ao *allegro giocoso*...,
Deutsche Grammophon, 469 529-2, 2002, p. 3

6.1. Deposições funerárias

Na Câmara do monumento, foi identificado, junto ao esteio de cabeceira (ECm-4), o que se interpretou como um ritual de fundação, consistindo na deposição, numa fossa escavada no granito, de cinco vasos cerâmicos associados a matéria orgânica não identificada (certamente animal, humana ou não). Também na Câmara, foram identificados ritos funerários específicos, alguns correspondendo a parte dos 28 indivíduos identificados.

Na primeira fase do monumento, em inícios do III milénio, a grande placa recortada da deposição funerária Cm-7 encontrava-se logo abaixo da mandíbula e de fragmentos de um crânio, com algumas falanges da mão associadas, indicando que se encontraria efectivamente ao pescoço do morto. Na fase de reutilização, no último quartel do III milénio, a deposição funerária Cm-3 configura uma situação excepcionalmente bem definida: uma mulher de 40-45 anos foi depositada com um vaso perto de si, três fragmentos de quartzo branco (um dos quais na boca), depositada sobre um cão jovem, com cerca de 18 meses de vida, de porte médio. Junto às patas do cão, encontrava-se um pequeno vaso globular. Pelo desgaste dentário e pelas específicas deformações das mãos da mulher, admite-se estarmos perante uma cesteira. As deposições funerárias Cm-2, Cm-3 e Cm-4, bem como o próprio cão, foram datadas pelo radiocarbono da mesma época, os últimos séculos do III milénio. No Corredor, registaram-se traços de três deposições funerárias, muito afectadas por fenómenos pós-deposicionais, todas correspondendo, de acordo com a análise arqueológica, à primeira fase de uso do monumento.

6.1.1. No Corredor: Cr-1, Cr-2

As deposições funerárias no tramo inicial do Corredor, indiferenciadas e, como tal, designadas globalmente Cr-1, representam o espólio eventualmente associado aos restos de diversos indivíduos, conservado no interior do Corredor ou no seu exterior imediato. Estes vestígios de um grupo de deposições funerárias, desarticulado à entrada e no exterior imediato do Corredor, incluiriam também um possível carcaz de arqueiro, com os componentes algo desconectados devido aos fenómenos pós-deposicionais que os atingiram: pontas de seta G.8-13 e -17, no exterior de ECrD-1, e H.9-4, arrastada para o exterior.



FIG. 31 – Vaso H.8-7, preparado para ser removido com bloco de terra envolvente.

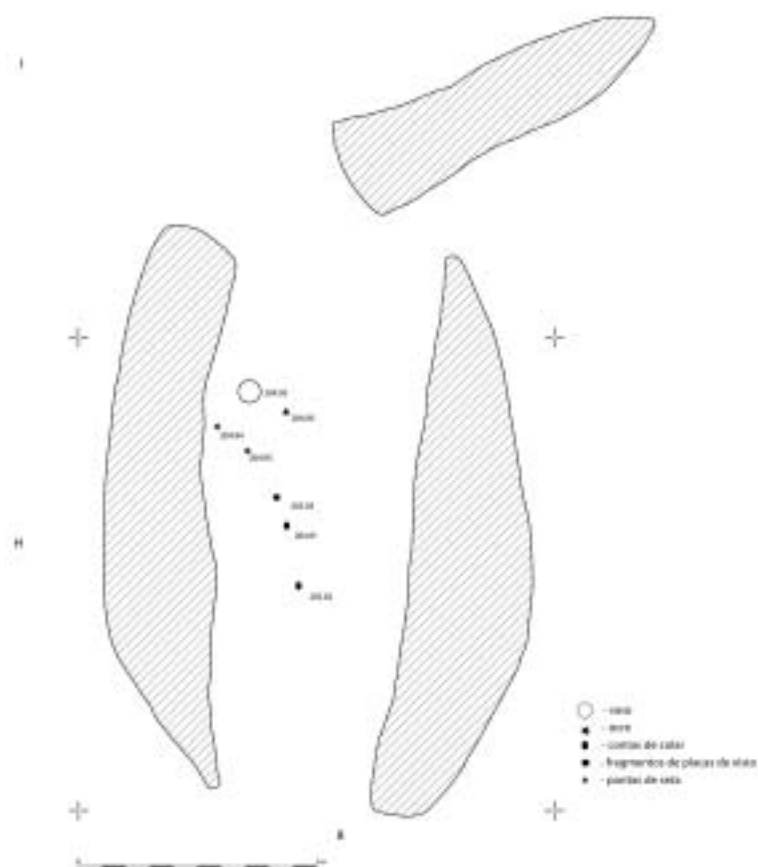


FIG. 32 – Localização na planta do Corredor do vaso H.8-7 e possíveis associações artefactuais, com altimetrias reais.

Ao longo do Corredor de STAM-3, foram-se recolhendo diversos dentes humanos, nomeadamente alguns molares em bom estado de conservação. Este espólio antropológico pode ser associados aos diversos fragmentos de placas de xisto encontrados à saída do monumento e a diversas contas de colar identificadas no interior do Corredor, pelo que nos encontraríamos perante um número indefinido de deposições fúnebres, uma das quais, designada como Cr-2, incluiria um vaso ligeiramente fragmentado, que se recolheu em bloco (Fig. 31).

A deposição funerária no tramo final do Corredor, designada por Cr-2, representa parte do espólio associado presumivelmente a um único indivíduo (vaso H.8-7) e reúne um conjunto de dentes, únicos sobreviventes da matéria orgânica correspondente ao presumido indivíduo a que estaria associado. São os seguintes os artefactos, para além do vaso, que, presumivelmente, seriam conectáveis a esta deposição (Fig. 32):

1. H.8-12, conta de colar bitroncocónica abatida;
2. H.8-30, fragmento de placa de xisto gravada;
3. H.8-31, fragmento de placa de xisto gravada;
4. H.8-34, ponta de seta de sílex;
5. H.8-44, conta de colar discóide;
6. H.8-45, resto de ocre (?).

A conexão é apenas presumível, porque, na realidade, a inexistência de restos ósseos outros que alguns dentes, e a disposição caótica dos artefactos, não permite um grau de certeza diferente. Na verdade, uma ponta de seta isolada, sem as outras companheiras de carcaz, poderia provir de outra qualquer deposição ou até ter sido arrastada para junto do vaso H.8-7. O mesmo poderia ser dito das duas contas de colar ou dos fragmentos de placas de xisto gravadas. Justamente a este respeito, os dois fragmentos, minúsculos e incaracterísticos, configuram situações indestrinçáveis.

As quatro pontas de seta H.8-34, -54, -107 e -115 poderiam eventualmente integrar o recheio do carcaz de arqueiro associado à deposição funerária, sendo evidente a sua distribuição grupada e a altimetria compatíveis com esta interpretação. Os restantes artefactos não permitem facilmente justificar associações contextuais.

Dois possíveis traços de ocre vermelho (H.8-40 e -45) são registados sob reserva, uma vez não associados ou sobrepostos a ossos ou artefactos.

Também aqui é impossível contabilizar, a partir da simples contagem das contas de colar, o número efectivo de colares ou braceletes. Na presumível deposição Cr-2, apenas se recolheram duas contas, o que não quer dizer que não tenham existido outras, de matéria orgânica, perecível, que lhes tivessem estado associadas.

6.1.2. Na Câmara: Cm-1 a Cm-7

6.1.2.1. As deposições funerárias na Câmara de STAM-3

À camada inicial detectada no início da escavação pertencem deposições funerárias identificadas individualmente como Cm-2, Cm-3 e Cm-4. Por cima de este plano, um espesso enchimento de pedras selou esta fase, mas também contribuiu para o esmagamento de parte das deposições funerárias, tanto ao desestruturar os esqueletos como ao fragmentar as cerâmicas e as placas de xisto gravadas. Os movimentos laterais dos ortóstatos da Câmara devem ter também contribuído para as destruições pós-deposicionais. Analisando inicialmente o número de fragmentos de pla-

cas de xisto gravadas recolhidas neste nível da Câmara, era de supor que a totalidade das deposições funerárias pudesse ter atingido um número próximo de seis. Mas a progressão dos trabalhos evidenciou que se tratava de materiais remobilizados, provenientes do vortex das violações medievais que atingiram todo o centro do monumento e que nada tinham que ver com a última fase de utilização da Câmara, fase já sem placas de xisto gravadas integradas nos rituais funerários.

O aparecimento, no Corredor, a uma altimetria de 204,70 m, do terço superior de uma placa uniperfurada parece evidenciar uma utilização original do monumento por um grupo que já seria portador de placas de xisto gravadas. A diferença de altimetria entre esta placa e o nível da Câmara onde se registaram as deposições Cm-2 e Cm-3 é de 0,45 m (membros posteriores do cão associado à sepultura Cm-3 a 205,15), pelo que parece possível a diferença dos planos traduzir cronologias distintas. Mas esta diferença cronológica pode não ter implicações culturais no caso específico de STAM-3. A última ponta de seta de base côncava identificada no Corredor (H.8-92) tem um Z absoluto de 204,78, portanto também muito abaixo do vaso inteiro H.8-7, cuja altimetria (no topo) era, recorda-se, 205,05. Portanto, cerca de 27 cm de diferença, o que já é, de algum modo, significativo.

6.1.2.2. Restos de deposições funerárias na Câmara designada globalmente Cm-1, representando os restos de um ou mais indivíduos

A escavação da última fase de utilização da Câmara, a mais recente, revelou restos humanos muito fragmentados e dispersos, quase todos literalmente dissolvidos pela acidez do solo, inicialmente considerados como restos de uma ou mais prováveis deposições funerárias (e designadas por Cm-1), tendo vindo a provar-se serem afinal vestígios dos movimentos ascensionais de ossos humanos arrastados para cima pelas violações medievais. Cm-1 corresponderia a um adulto masculino jovem. No entanto, não hesitámos em designar como deposição funerária Cm-2 o conjunto de ossos dos braços e pernas de um indivíduo, em conexão anatómica, aparentemente depositado junto ao esteio de cabeceira. A deposição funerária Cm-3 foi reconhecida pelo crânio, fragmentado, mas *in situ*, pelos membros superiores e inferiores.

Sob os membros inferiores do indivíduo Cm-3, apareceram restos do que poderia ser uma oferenda votiva de um cão ou a sepultura de um cão.

Alguns dentes humanos recolhidos na Câmara poderiam eventualmente pertencer ao crânio desfeito da deposição Cm-2, o que só poderia ser averiguado com o estudo do ADN, cujos resultados para STAM-3 foram sempre inconclusivos. Com localizações impossíveis de associar a Cm-2, surgiram manchas de pó de osso quase integralmente desfeito noutras áreas da Câmara, nomeadamente na área norte. Numa perspectiva de análise artefactual, a situação indica, porém, claramente, a existência de restos de mais de uma deposição removida do seu lugar de origem: temos quase três dezenas de fragmentos de placas de xisto gravadas, 16 contas de colar, três pequenas lâminas, uma lamela, uma ponta de seta de xisto e numerosos fragmentos cerâmicos que poderiam ter estado em conexão com deposições funerárias que desapareceram devido a fenómenos pós-deposicionais muito agressivos. Poderá ser referida a violência de intervenções antigas no monumento, cuja área superficial da Câmara pode ter sido perturbada logo a seguir à intervenção dos Leisner na Anta 1, segundo informação, não muito fiável é certo, recolhida junto do actual proprietário dos Montes da Terça e da Comenda. Este, ainda se recorda de ver o casal alemão escavando na área das referidas Herdades e mencionou especificamente violações posteriores no monumento 3.

Não se registaram restos de ocre vermelho associados a estes artefactos, ainda que se tenham verificado algumas ocorrências esparsas de uma substância vermelha, que poderiam mais apropriadamente referir-se a microscópicos fragmentos de cerâmica de cozedura oxidante, provenientes da desagregação provocada pela pressão e peso das pedras que encheram a Câmara.

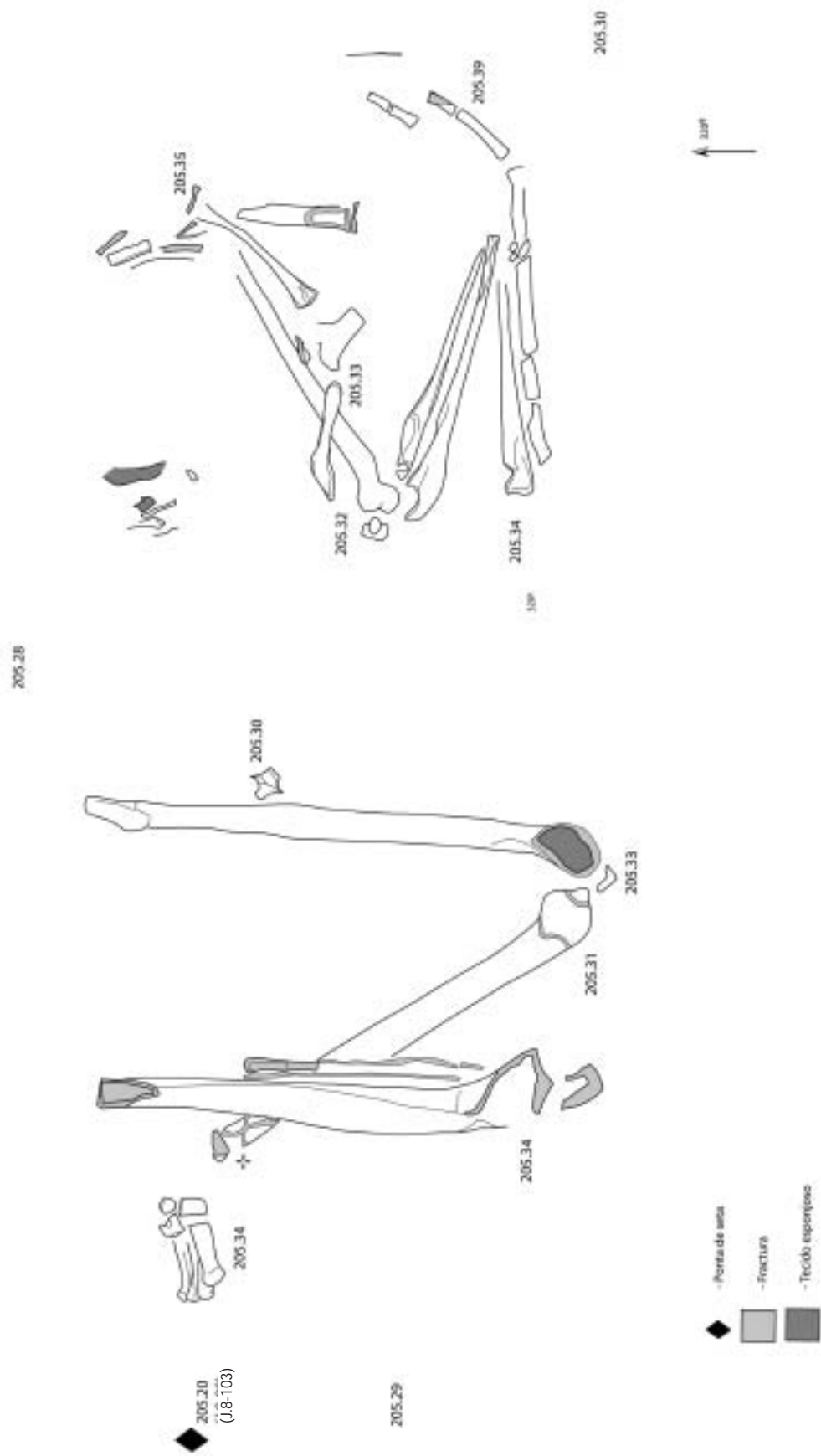


FIG. 33 – Deposição funerária Cm-2, «Marco», originalmente desenhada em 1:5. Ver Fig. 97, para escala, integração com a estrutura e associação a Cm-3.

6.1.2.3. *Deposição funerária na Câmara designada Cm-2, «Marco»*

Restos de um indivíduo adulto, masculino, provavelmente com cerca de 1,70 m de altura, colocado deitado em posição fetal, sobre o lado esquerdo, com a face virada para a primeira luz, orientada para o enfiamento Câmara/Corredor (dado à quase integral desapareição do crânio, esta interpretação deriva da posição específica dos ossos dos membros superiores e inferiores, encontrados em conexão e no seu lugar original).

A localização da deposição indica que o indivíduo teria sido depositado a uma altimetria de 205,25 m, com as costas viradas para o esteio de cabeceira, coberto com espessa camada de terra e pedras, estas últimas retiradas do exterior.

Tinha associadas espacialmente, por proximidade, as seguintes oferendas votivas:

1. ponta de seta (?) pedunculada, de quartzo hialino, J.8-103;
2. lamela de sílex salmão J.8-33;
3. lâmina de sílex fragmentada J.8-80;
4. fragmento de vaso cerâmico J.8-104.

Numerosos fragmentos de placas de xisto gravadas e algumas contas de colar encontradas ligeiramente a Este poderiam também estar associadas a esta deposição, mas tal facto não é sustentado por argumentos incontestáveis, consideradas as agressões pós-deposicionais ao conjunto e considerou-se a sua presença resultado das violações medievais dos níveis subjacentes. Mesmo a associação destes quatro artefactos acima referidos deve ser colocada sobre reserva, considerando a sua localização específica numa área muito perturbada.

Não se registaram restos atribuíveis com segurança à presença de ocre vermelho.

6.1.2.4. *Deposição funerária na Câmara designada Cm-3, «Marta»*

Enterramento de um indivíduo, de sexo feminino, com cerca de 40-45 anos, colocado deitado em posição fetal, sobre o lado esquerdo, com a cabeça apoiada sobre o braço esquerdo, com a mão sob a face e esta virada sensivelmente a Norte (a orientação da perpendicular à face é de 20°).

Toda a parte do tórax desapareceu, estando a região das clavículas muito danificada. Basicamente, temos o crânio e os membros superiores e inferiores, sendo que apenas foi identificada a mão esquerda.

A localização da deposição indica que o indivíduo teria sido depositado a uma altimetria de 205,15 m, com as costas viradas para o esteio ECm-2, e, tal como no enterramento Cm-2 anteriormente descrito, coberto com espessa camada de terra e pedras, estas últimas retiradas do exterior do monumento, cobertura que aliás se estendeu a toda a Câmara e Corredor, selando a segunda fase de utilização do monumento. A proximidade das altimetrias indica que Cm-3 se encontrava exactamente no mesmo plano que Cm-2.

Tinha associadas as seguintes oferendas votivas:

Conexão firme

1. pequena taça cerâmica I.8-95, colocada por detrás do torso, *in situ*, completa, ainda com a abertura para cima;
2. conta de colar J.8-74, localizada na área onde deveria ter estado o pulso direito;
3. três fragmentos de quartzo leitoso dispostos sobre o corpo (I.8-92, -93, -98) e um dentro da boca, fixado entre a mandíbula e o maxilar superior (J.8-117);

Conexão muito duvidosa

1. Três pequenos fragmentos de uma única placa de xisto gravada: I.8-88, -96, -102, localizados sobre a área onde deveria ter estado o tórax do indivíduo.

Conexão por sobreposição (mas não é impossível uma conexão entre estes dois registos e Cm-4)

1. restos de um cão jovem, de porte médio (membros posteriores em conexão), identificados imediatamente sob os membros inferiores do indivíduo humano (Fig. 39);
2. bordo de um pequeno vaso esferoidal globular, com bordo exvertido (I.8-114) sob as patas traseiras do cão I.8-63, recolhido de entre a terra que as envolvia já no laboratório do CIPA, com sinais no interior de combustão de enxofre.

Também aqui não se registaram restos atribuíveis com segurança à presença de ocre vermelho.

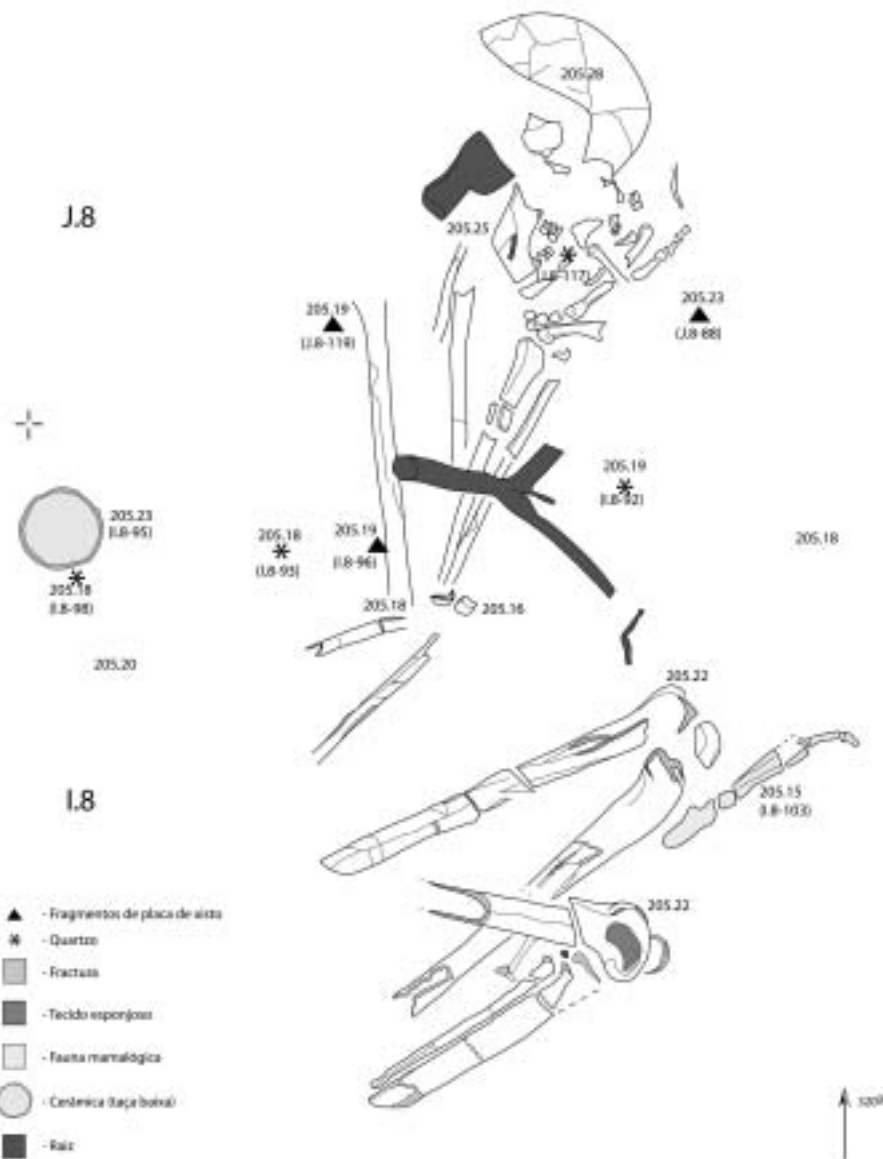


FIG. 34 – Deposição funerária Cm-3, «Marta». Quadrado I.8-J.8, desenhado originalmente à escala 1:5. Ver Fig. 97, para escala, integração com a estrutura e Cm-3.

6.1.2.5. *Deposição funerária na Câmara designada Cm-4*

Cm-4 está representada por um conjunto desconexo de ossos humanos, muito afectado pelas violações medievais. No entanto, a sua datação pelo radiocarbono evidencia a sua integração nesta fase de reutilização do monumento e até mesmo uma provável, e a discutir, associação ao *Canis familiaris* já referido a propósito de Cm-3

Atribuiu-se a designação Cm-4 ao seguinte conjunto, todos os artefactos sob reserva:

1. restos de ossos longos (tíbia e perónio?);
2. conta de colar de pedra verde, J.8-247;
3. ponta de seta de base côncava, de sílex, J.8-245, com a ponta apontando para Norte;
4. fragmentos de uma taça cerâmica, J.8-243+108+54;
5. conta de colar de xisto, discóide, espessa, J.8-211;
6. conta de colar de xisto, discóide, espessa, J.8-241.

Esta deposição encontrava-se muito perturbada por fenómenos pós-deposicionais, estando os poucos ossos reconhecidos fragmentados *in situ*. A própria dispersão dos artefactos votivos presumivelmente associados a este enterramento traduz esta situação, sendo particularmente relevante o caso da taça cerâmica J.8-243, cujos fragmentos estão em localizações de diversa altimetria. Curiosamente, a ponta de seta de sílex J.8-245 veio confirmar o que já se suspeitava: pelo menos até à altimetria a que foi recolhida (205,15 m), toda a utilização da anta era atribuível ao terceiro milénio, o que o radiocarbono acabaria por confirmar.

6.1.2.6. *Deposição funerária na Câmara designada Cm-5*

Registou-se inicialmente como Cm-5 o que parecia ser um conjunto muito destruído de ossos humanos. No entanto, o seu carácter heterogéneo limita uma confirmação firme como deposição funerária individualizável. Uma datação radiocarbónica situou, no entanto, o pequeno conjunto de ossos recolhido na fase antiga do monumento (Beta-176896).

6.1.2.7. *Deposição funerária na Câmara designada Cm-6*

Situada a Sul de Cm-7, continha raros restos cranianos (J.8-609, datados, como se viu, de 2870-2500 cal BC a dois sigmas) e alguns dentes. Não é improvável que se trate de uma deposição funerária que sofreu o impacto directo das violações medievais e foi, consequentemente, desarticulada, sendo os seus restos em falta perdidos ou destruídos. Não é apenas possível, mas muito provável, que a placa J.8-688 estivesse incluída na deposição Cm-6.

6.1.2.8. *Deposição funerária na Câmara designada Cm-7*

Numa área coordenada altimetricamente a 204,79 m, foi recolhida a grande placa recortada J.8-667. A placa encontrava-se imediatamente abaixo de uma mandíbula, associada a algumas falanges, ela própria abaixo de fragmentos de crânio (Fig. 47) e associada ao alfinete de cabelo J.8-722 (Fig. 62:9). A restante parte do esqueleto encontrava-se extremamente danificada pelas alterações de posicionamento dos esteios e não permitiu visualizar e tipificar a deposição

funerária, que viria ainda a ser afectada pelas condições climatéricas que condicionaram os últimos dias de escavação do monumento. Usámos os restos ósseos para uma datação por radio-carbono, considerada a extrema importância de esta associação entre um artefacto específico e fora do comum e restos humanos a ele conectados indubitavelmente. Pela posição da placa em função da mandíbula, aquela deveria estar ao peito do morto quando ele foi depositado na Câmara do monumento.

Por outro lado, a posição das falanges indicia que a face estaria apoiada numa ou em ambas mãos.

Existem restos humanos com altimetrias semelhantes ou mesmo inferiores (em J.8, até 204,58), mas são fragmentos desirmanados que não permitem identificação nítida de um qualquer enterramento anterior a Cm-7, podendo mesmo ser restos sobrantes de ele próprio, descontextualizados por enterramentos subsequentes.

Estes restos consistem, a nível de registos, de dois fragmentos de crânio, pertencentes a Cm-7, 20 dentes, alguns fragmentados, 20 falanges e um pequeno grupo em conexão, um fragmento de maxilar, um osso indeterminado e uma vértebra. Segundo Ana Maria Silva, os restos dentários correspondentes ao fundo da Câmara do monumento pertencem, no mínimo, a 3 indivíduos, um adulto e dois não adultos, estes últimos com cerca de 3 e 7 anos. 15 dos 20 dentes (ou fragmentos) pertencem a, no mínimo, um adulto, 3 dentes ao de 3 anos e 2 ao de 7 anos.

Se os dentes do adulto poderiam eventualmente decorrer da desagregação contextual de Cm-7, os dois subadultos representam naturalmente uma situação distinta. No entanto, a sua origem não contradiz a possibilidade de Cm-7 ser efectivamente a deposição mais antiga do monumento. Com efeito, Cm-7 estaria cerca do alvéolo original de ECm-5, e *sobre a fossa de fundação*, junto ao esteio de cabeceira, numa área relativamente protegida, e os outros dentes e falanges encontravam-se mais para o centro da Câmara, numa área já afectada pelo vortex das violações medievais. O que confirma definitivamente esta situação é o facto de a placa J.8-688 resultar da colagem de diversos fragmentos provenientes de distintas altimetrias: o componente H.8-3 provém da superfície da área de transição Corredor – Câmara. Os seguintes componentes provém da Câmara e têm as seguintes altimetrias:

J.8-688 (pequeno fragmento da Cabeça): 204,70;

J.8-527 (o maior fragmento, da Cabeça): 204,84;

J.8-503 (pequeno fragmento da Cabeça): 204,99;

J.8-327 (pequeno fragmento do Corpo): 205,08.

Assim, o fragmento mais profundo identificado como tendo pertencido a esta placa está a 38 cm, na vertical, do que apareceu no interior da Câmara num plano superior. Mas o pequeno fragmento que surgiu no topo do Corredor está a uma diferença altimétrica ainda maior, uma vez que foi retirado das terras de revolvimento superficiais, compreendendo-se assim que tenha sido envolvido nas terras que as violações removeram da Câmara.

Para quase finalizar com Cm-7, dir-se-ia ainda que a própria localização do alfinete de cabelo J.8-722 reforça a ideia da preservação sectorial desta deposição. Mas o que se afigura como extremamente interessante é o facto de Cm-7 se encontrar também, como já se disse, praticamente *sobre* o topo da fossa de fundação, não sendo impossível que esta deposição tivesse sido efectuada após o enchimento e fecho da fossa, isto é: após o ritual de fundação do monumento.

Todos estes dados sublinham a importância social de este indivíduo, importância evidente após a identificação da notável placa J.8-667.

6.1.2.9. Deposição funerária na Câmara designada Cm-8

A sopa ácida, formada no chão da Câmara pelo contacto das águas pluviais acumuladas com o granito, muito deve ter contribuído para destruir esta deposição funerária, de que, no entanto, sobreviveram alguns poucos ossos. Deveria provavelmente estar associada a Cm-7, mas não é certo. Recordo a escavação do *tholos* OP-2b, em que a deposição «do fundador» estava apenas representada por uma extraordinária lâmina cruzada sobre uma placa de xisto gravada, ambos artefactos revelando cuidados especiais. O que restava do esqueleto era uma pasta branca que permitia ainda determinar a sua posição, mas que não fornecia qualquer leitura antropológica. No *tholos* da Eira dos Palheiros, no Alto Algarve Oriental, a situação era exactamente a mesma, estando o que se presumiu terem sido duas deposições votivas reduzido a um pó branco impalpável. A datação de Cm-8 (Beta-176897) confirmou a antiguidade desta deposição, estatisticamente inseparável da obtida para Cm-7.

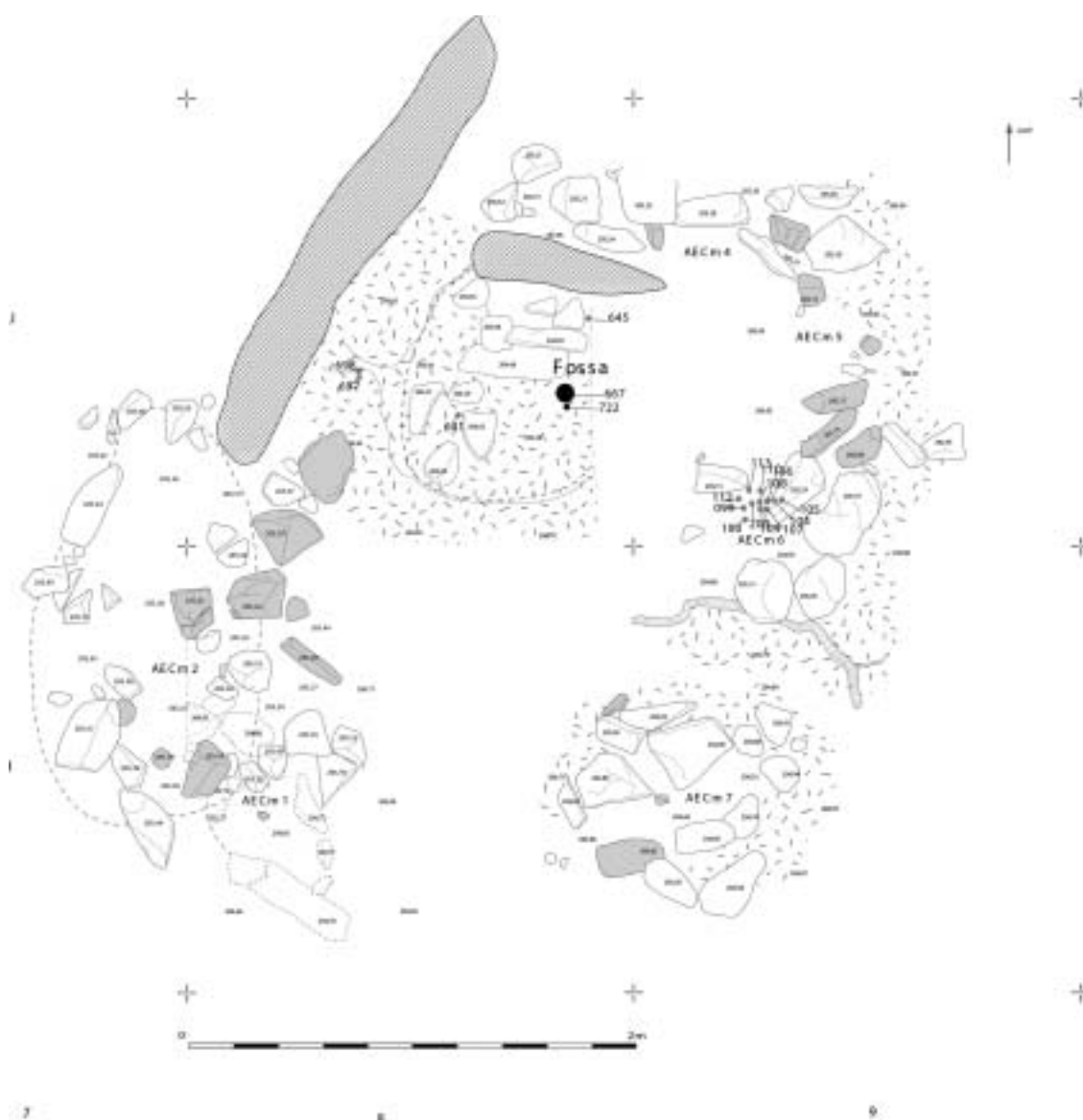


FIG. 35 – Cm-7 e associações artefactuais seguras (pontos negros) ou presumidas (a cinzento).



FIG. 36 – A deposição funerária de segunda fase Cm-2, «Marco».



FIG. 37 – A deposição funerária de segunda fase Cm-3, a cesteira «Marta». Ao fundo, a taça I.8-95.



FIG. 38 – Pormenor de Cm-3, “Marta”.

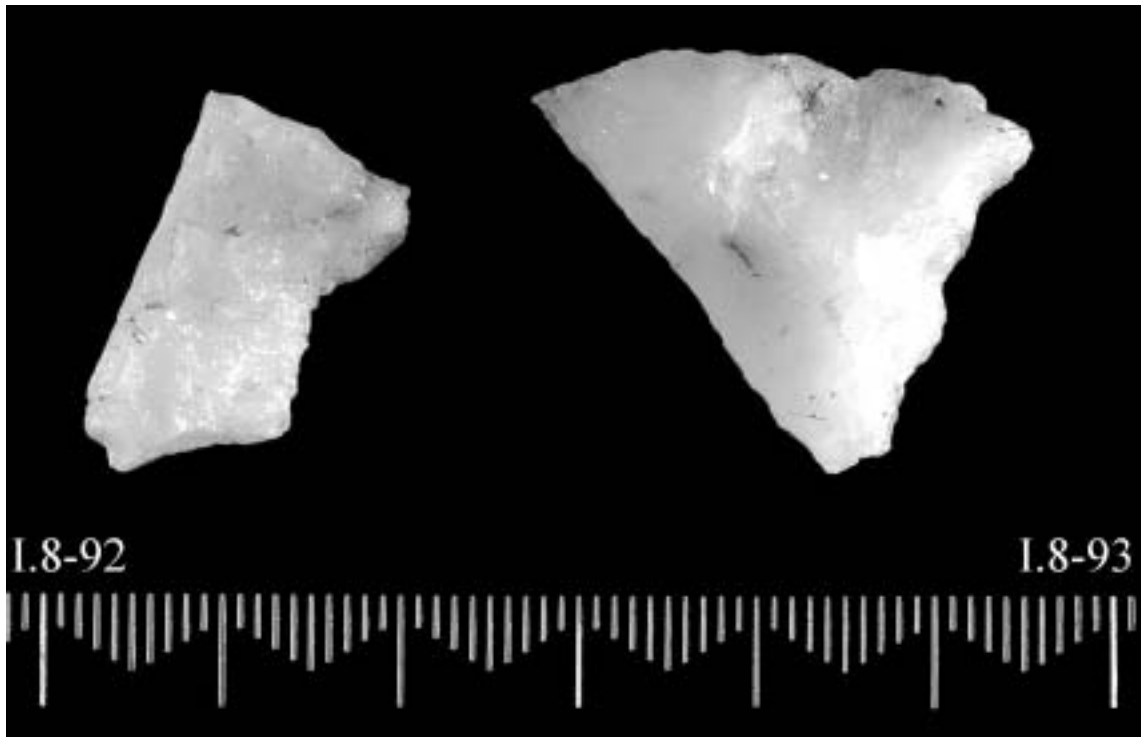


FIG. 38 B – Dois dos fragmentos de quartzo dispostos sobre “Marta” (I.8-92 e I.8-93).



FIG. 39 – As patas traseiras do cão «E.T.» sob os joelhos de Cm-3.

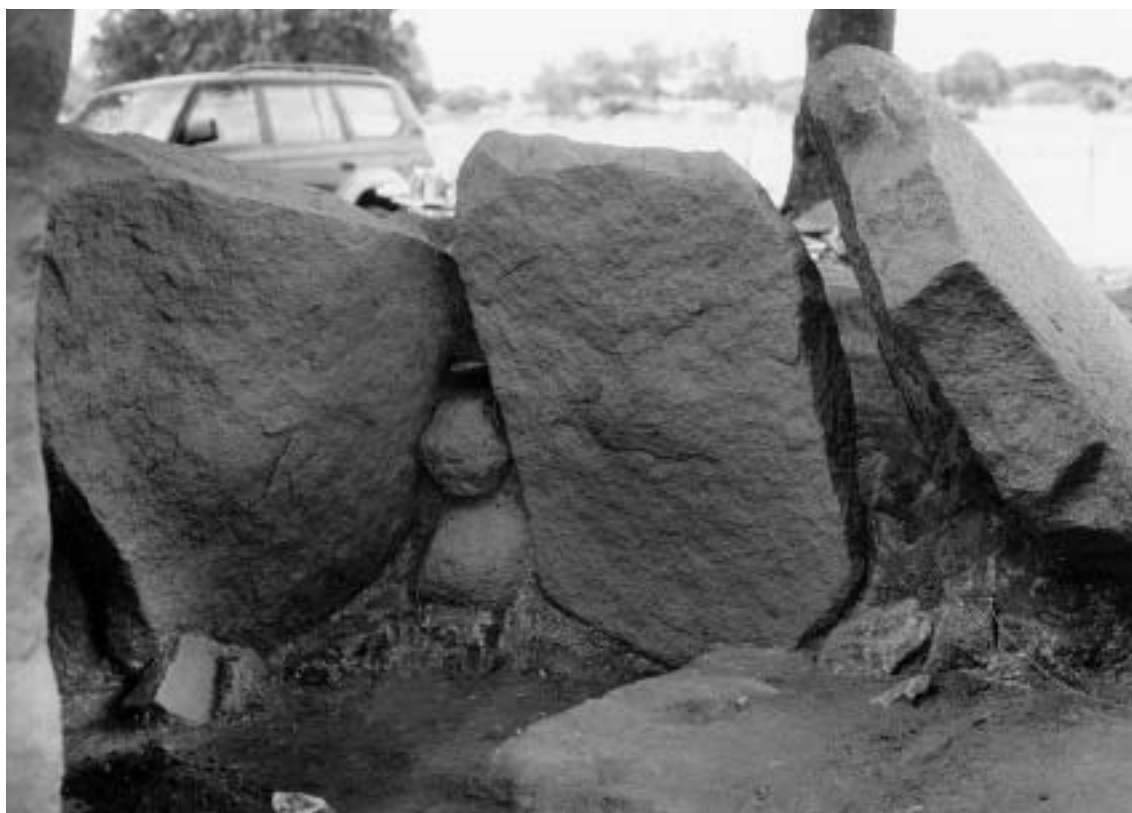


FIG. 40 – Ao centro, o esteio de segunda fase que substituiu o esteio original ECm-5.

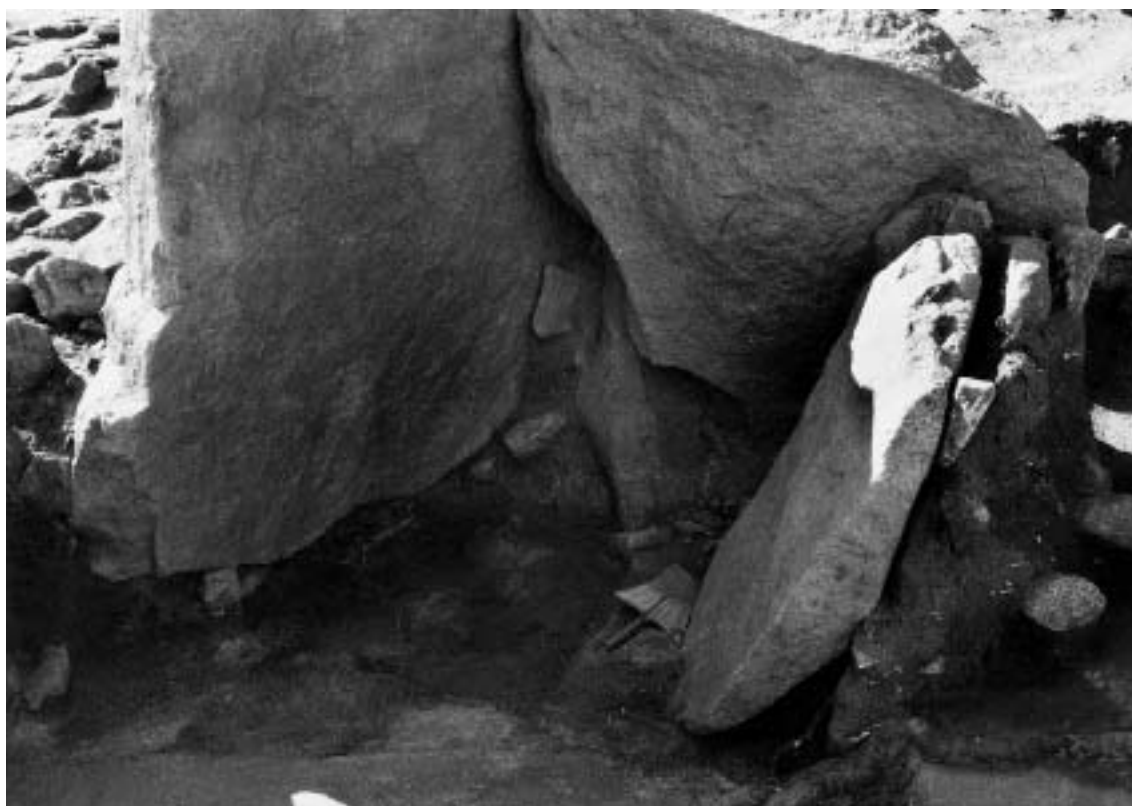


FIG. 41 – O pseudo ECm-5, já em fase de remoção, de forma a permitir a escavação da área subjacente.

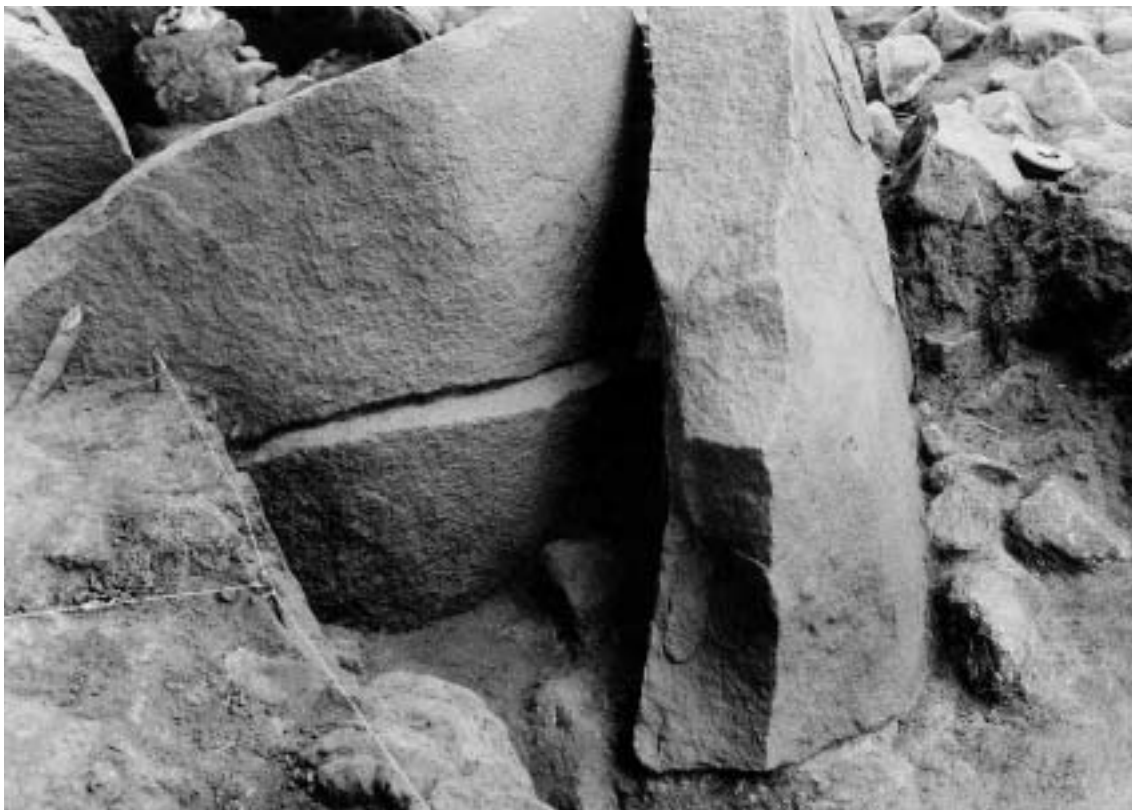


FIG. 42 – O exterior do esteio de cabeça ECm-4, fragmentado no sentido transversal, mas *in situ*.



FIG. 43 – A fossa de fundação em J.8.



FIGS. 44 e 45 – Aspectos da fossa de fundação em J.8.

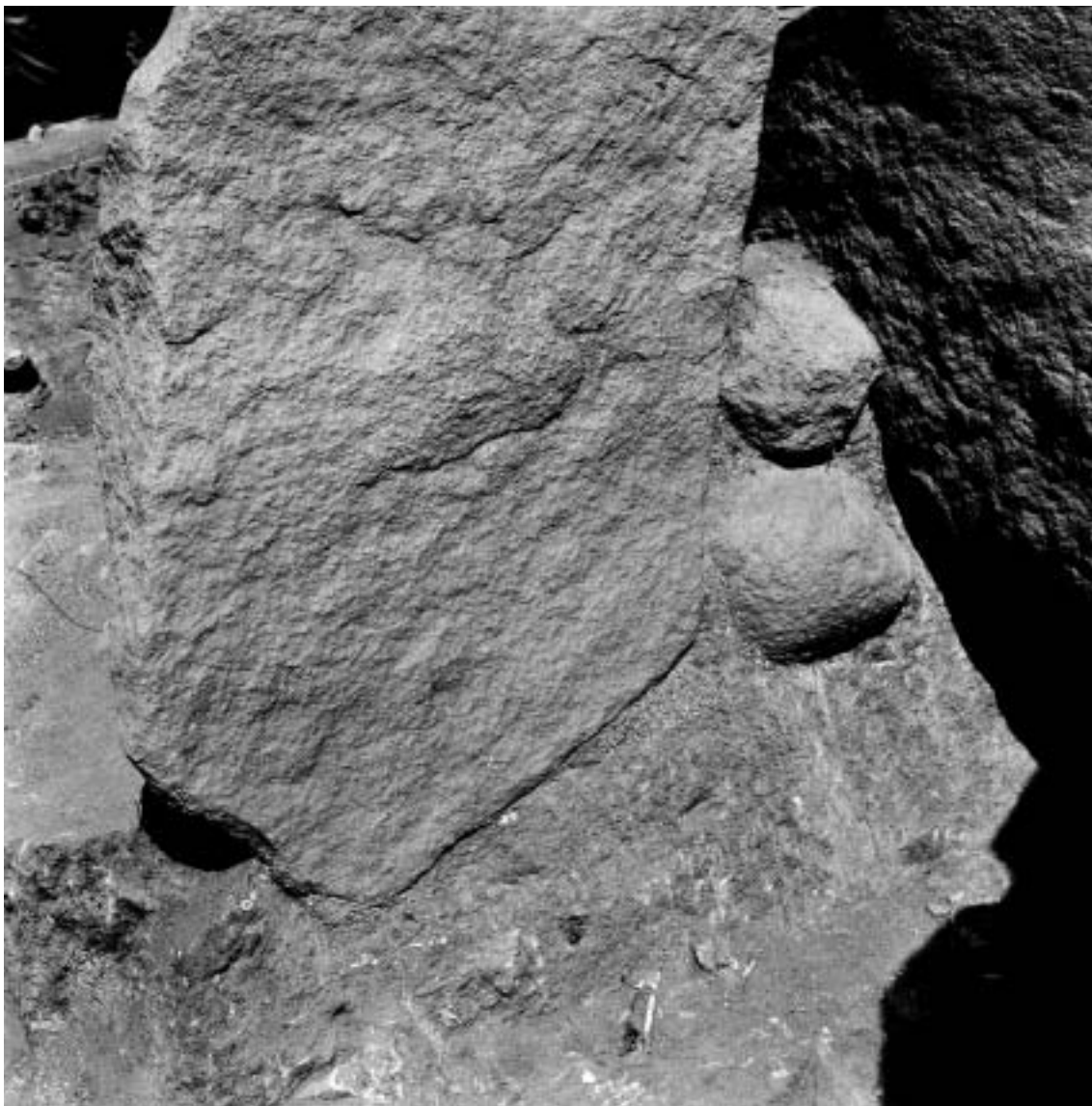


FIG. 46 – Ossos humanos subjacentes ao pseudo ECm-5, e que continuavam para Norte, sob o esteio de substituição do original, correspondendo assim, claramente, à primeira fase de utilização de STAM-3.



FIG. 47 – A deposição funerária Cm-7: restos de crânio (datados pelo ^{14}C), falanges da mão, mandíbula e a placa recortada J8-667 (foto Marco Andrade).



FIG. 48 – A placa I.9-22, sendo visíveis componentes da desagregação do granito no solo original que a envolvia (foto Marco Andrade).

6.2. Artefactos e objectos

Recolheram-se numerosos artefactos votivos, nomeadamente

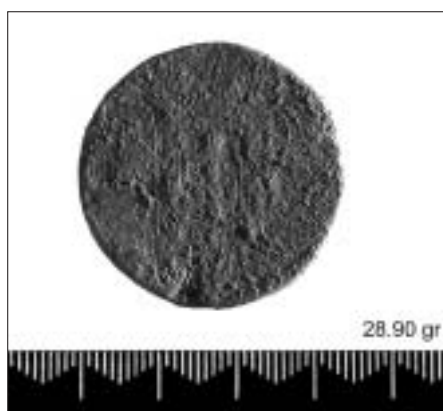
1. No Corredor: 16 contas de colar, um vaso cerâmico intacto e 13 fragmentos de bordo, de forma identificável, três de bojo de forma atribuível, duas lamelas, uma lâmina e um núcleo, oito pontas de seta, vários restos de talhe e 16 fragmentos de placas de xisto, dos quais se identificam como placas um número mínimo de três;
2. na Câmara: 13 fragmentos atribuíveis a alfinetes de cabelo de osso polido, correspondentes talvez a cinco exemplares, um dos quais associado aos restos de crânio de Cm-7, a deposição com a placa recortada, 102 contas de colar, maioritariamente discóides, mas também bitroncocónicas abatidas e alongadas. Entre a maioria, de xisto, salientam-se algumas de pedra verde, uma de cerâmica e outra de anfibólito (bitroncocónica alongada), 65 registos cerâmicos desenhados como recipientes individuais, entre os quais uma taça intacta, associada à deposição funerária Cm-3, um pequeno vaso globular de bordo exvertido, associado ao cão, fragmentos de taças carenadas, cerâmica mamilada, prato e taça de bordo espessado externamente, um grande recipiente esferóidal de bordo exvertido, nove lamelas ou pequenas lâminas, várias lascas, 12 pontas de seta, vários restos de talhe, um pequeno fragmento de uma enxó de pedra polida, quatro placas de xisto com decoração geométrica, uma das quais um extraordinário exemplar de placa recortada, 100 fragmentos de placas de xisto com decoração geométrica, por vezes de muito pequena dimensão, em consequência das violações medievais. As placas de xisto inteiras, e as fragmentadas reconhecidas como componentes de placa individualizáveis, somam um total presumível de 22 placas para o monumento (3 no Corredor, 19 na Câmara). Na Câmara, foi também definida uma fossa cheia de pedras de dimensão média, que cobriam restos de cinco vasos cerâmicos, quatro de grandes dimensões, no que foi considerado como um ritual de fundação do monumento;
3. no Tumulus: 13 fragmentos de cerâmica cuja forma foi reconhecida, uma lamela, várias lascas, um núcleo, uma ponta de seta e cinco fragmentos de placas de xisto com decoração geométrica, sendo esta série considerada como resultante de violações da Câmara e como tal contabilizada.

QUADRO 4

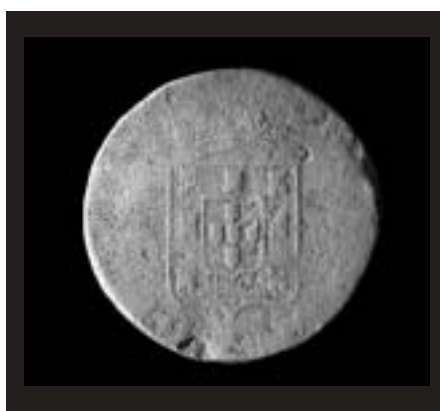
Sumário de artefactos e objectos e número mínimo de indivíduos reconhecidos pelos seus restos esqueléticos.

| Categoria | Designação | Cr | Cm | Tm | S | Total |
|-------------------------|--|----|-----|----|---|----------------|
| Pedra lascada | núcleos, lascas e artefactos nucleiformes | 0 | 8 | 3 | 4 | 15 |
| Pedra lascada | restos de talhe, matérias primas, vária | 9 | 52 | 7 | 1 | 69 |
| Pedra lascada | lâminas | 1 | 4 | 0 | 0 | 5 |
| Pedra lascada | lamelas | 1 | 1 | 1 | 0 | 3 |
| Pedra lascada | pontas de seta | 8 | 12 | 1 | 0 | 21 |
| Osso polido | alfinetes de cabelo | 0 | 13* | 0 | 0 | 5 ² |
| Osso polido | outros artefactos não identificáveis | 0 | 3 | 0 | 0 | 3 |
| Elementos de colar | contas de colar discóides e bitroncocónicas abatidas | 16 | 107 | 2 | 0 | 125 |
| Elementos de colar | contas de colar bitroncocónicas | 0 | 2 | 0 | 0 | 2 |
| Pedra afeioada | dormente | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 |
| Pedra | «pedra-almofada» | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| Pedra polida | enxó | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| Cerâmica | vasos reconstituíveis | 16 | 65 | 13 | 0 | 94 |
| Artefactos ideotécnicos | placas de xisto individualizadas | 3 | 19 | 0 | 0 | 22 |
| Artefactos ideotécnicos | fragmentos pequenos de placas de xisto | 13 | 84 | 9 | 3 | 109 |
| Indivíduos adultos | | | | | | 12 |
| Indivíduos subadultos | (de acordo com os dentes recolhidos) | | | | | 16 |

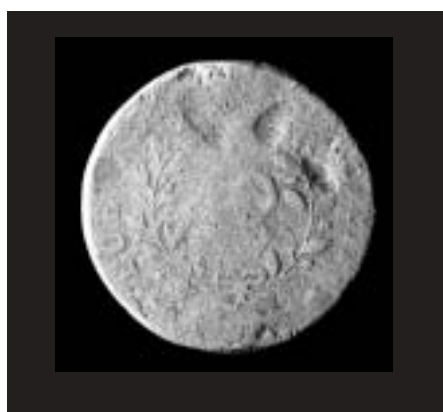
* fragmentos, o número de artefactos indicado no total é presumido.



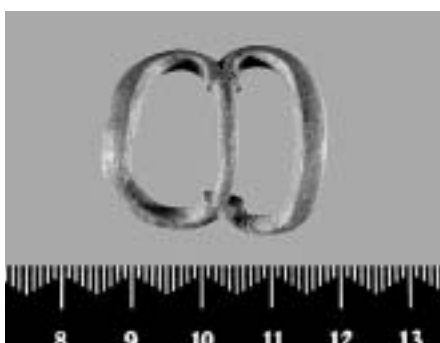
a



b



c



d



e

6.2.1. Artefactos

Descrição

Para a grande maioria das situações, revi e reestruturei os quadros descritivos e os critérios que sistematizei para os artefactos do Alto Algarve Oriental (Gonçalves, 1989a, vol. 1, p. 115 e seq.). Tratando-se de monumentos e sítios do mesmo período cronológico-cultural, não foi necessário introduzir alterações outras que uma simplificação dos descritores e uma melhor arrumação dos atributos. As referências aqui dispensadas, nomeadamente as coordenadas tridimensionais e as observações de campo e laboratório, constam do inventário simples, integrado como Anexo 1.4. ao presente volume.

6.2.1.1. Pedra lascada

Notas às descrições em listagem, particularmente para objectos ou artefactos não incluídos nas categorias «pontas de seta», «lâminas» e «lamelas»:

1. sempre que no fragmento se encontram restos de *cortex*, e para efeito de medida, considera-se a altura na vertical de esse ponto;
2. a largura é lida sensivelmente a meio da altura da peça;
3. a espessura leu-se sempre num ponto médio;
4. em certos casos, a separação da classificação como MP (matéria prima) e RT (resto de talhe) é particularmente difícil, uma vez que os blocos de pedra foram objecto de uma primeira sequência de talhe, e por vezes mesmo de uma segunda, destinada a preparar o núcleo;
5. quando a peça deriva nitidamente de uma fracturação deliberada do núcleo em preparação, foi sempre atribuída a designação de RT;
6. reservou-se a designação MP ou para um bloco por talhar ou para fragmentos de matéria prima sem evidentes sinais de talhe;
7. no caso dos RT, devido à inexistência de uma convenção para os orientar, salvo naturalmente quando têm bolbo de percussão, as duas medidas (altura e largura) são sempre, respectivamente, os eixos maior e menor da peça, colocada em plano. No caso dos RT com bolbo de percussão, a altura é definida na vertical do bolbo;

FIG. 49 – (à esquerda) Materiais modernos recolhidos no *Tumulus* de STAM-3. 1, 2, 3: Moeda (pataco, em circulação até 1847). Na primeira imagem, antes da limpeza, nas seguintes já limpa; 4: fivela de cinto para espada e (5) parte do retrato de D. Sebastião por Cristóvão de Moraes, sendo visível uma fivela idêntica. A propósito da moeda recolhida sobre o *Tumulus* do monumento, agradeço a Tânia Simões (Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra) a limpeza do espécime. Reproduz-se, de seguida, o texto produzido por Paulo Pacheco, a quem agradecemos o estudo:

«A peça pertence à espécie *Pataco*, que tinha o valor de 40 Réis (os algarismos ainda podem ser parcialmente vistos na zona central destinada à designação do seu valor facial – *marquilha*) com um módulo médio de 36,5 mm e um peso médio de 38,20 g, tendo sido cunhada em bronze.

A moeda pertence à numária Oitocentista e muito provavelmente ao reinado de D. Miguel I (1828-34), tendo sido cunhada entre 1828 e 1833, dado que:

1. O módulo e o peso aproximam-se da tipologia da espécie *Pataco*.
2. O escudo é do tipo francês e apresenta na bordadura a representação gráfica da cor vermelha que efectivamente lhe pertence, coincidindo com o desenho regular e delicado dos *Patacos* de D. Miguel I, embora o mesmo se verifique com o reinado subsequente (D. Maria II).
3. No reverso, à direita, são visíveis as letras PUB, que pertencem à legenda monetária: «PUBBLICAE UTILITATI» separada por florões de diversos tamanhos que estão praticamente apagados, mas a mancha é ainda visível.
4. Por último, o tipo - coroa, apresentado no reverso, tem o singular pormenor de ser formado por dois ramos de louro - Coroa de Louros - apanágio da numária de D. Miguel I, conforme se pode ver nalguns catálogos numismáticos de referência. Contrariamente, na numária de D. Maria II, a mesma espécie apresenta a Coroa de Louro e de Carvalho como figura no reverso. Esta espécie foi criada no reinado de D. João VI, quando ainda era príncipe regente e cessou a sua circulação no reinado de D. Maria II, tendo sido autorizada a sua circulação pela última vez em 1847, no Porto, pelo respectivo Governo Civil».

8. no caso dos RT, a diferença entre um resto de talhe resultante do reavivamento do plano vertical de um núcleo de lamelas e uma lamela mal extraída, e logo ou depois fragmentada, é virtualmente impossível de definir;
9. sempre que num artefacto não é possível ler uma medida na íntegra, pelo estado de fragmentação não o permitir, a altura é a do fragmento, sendo sempre esta situação assinalada com um * a seguir ao número obtido pela medição;
10. medidas em mm, salvo quando assinalado;
11. OLNi: objecto lítico não identificado; ALNi: artefacto lítico não identificado. Ambas designações correspondem ou a objectos ou a artefactos cuja identificação não foi possível, normalmente pelo seu estado de fragmentação não o permitir;
12. ANF: anfíbolito. BFA: basalto filoniano alterado. CH: *chert*. J: jaspe. LD: lidito. QTZ: quartzito. S: sílex. SP: serpentinito. MST: meta-siltito. X: xisto, XA: xisto avinhado.

6.2.1.1.1. *Núcleos, lascas e artefactos nucleiformes*
(Corredor, 0; Câmara, 8; Tumulus, 3; Superfície, 4)

Corredor Não foi detectado nenhum objecto ou artefacto pertencente a estas categorias.

Câmara

QUADRO 5

Núcleos, lascas e artefactos nucleiformes da Câmara.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Alt x Larg | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|------------|-----|----------------|-------|-------|---|
| I.9 | 12 | LASCA | QTZ | 29,14* x 25,91 | 6,88 | 5,81 | Inclusões dispersas de biotite |
| J.8 | 781 | NÚCLEO | BFA | 32,90 x 22,59 | 11,21 | 9,45 | Na Fossa de fundação. Grande resto de talhe ou núcleo exausto |
| I.9 | 20 | NÚCLEO | QH | 37,24 x 24,56 | 23,52 | 27,65 | Núcleo de lamelas sobre cristal de quartzo, com um único negativo |
| J.8 | 498 | NÚCLEO | Q | 30,88 x 18,90 | 20,82 | 13,89 | |
| I.9 | 2 | NÚCLEO | Q? | 40,46 x 19,90 | 22,05 | 22,73 | Revolvimento. Cristal de quartzo |
| J.9 | 68 | NÚCLEO | QH | 25,54 x 22,38 | 14,04 | 12,41 | Provém da parte interna do alvéolo de ECm-6 |
| J.8 | 724 | RASPadeira | CH | 20,29 x 21,23 | 6,60 | 4,16 | Inclusões dispersas de biotite |

- I.9-2: com pelo menos três negativos. Possíveis sinais de uso na extremidade distal, com plano de deterioração linear.
- I.9-12: Lasca discóide com possíveis sinais de uso num ponto do bordo. Conserva ainda, no sentido da espessura, massa cortical. Possível raspador ou mesmo furador, com ponta partida.
- J.8-724: raspadeira unguiforme, guarda na extremidade proximal o *cortex* original. Na distal, observam-se claros sinais de uso, muito visíveis também no verso. O retoque varia entre o oblíquo e o quase abrupto. Sobretudo no verso, são visíveis múltiplas fragmentações do sílex, sob a forma de micro segmentos de círculo. Pelo menos numa de essas áreas, houve perda de massa e dentro de outra observam-se micro quantidades de biotite.
- J.8-781: observa-se uma destruição muito irregular no ponto de impacto e as ondas de choque subsequentes. Trata-se provavelmente ou de um núcleo exausto ou de um resto de talhe de grande dimensão.
- J.9-68: a estriação extrema e as ondas de choque encontradas em toda a área periférica indicam que esta belíssima peça sofreu intensos impactos, na sequência da sua utiliza-

ção como utensílio. No verso, nota-se um negativo. Inclui traços de rútilo sob a forma aparente de cabelos muito finos.

Tumulus

QUADRO 6

Núcleos, lascas e artefactos nucleiformes recolhidos no *Tumulus*.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Alt x Larg | Esp | Peso | Observações |
|------|-----|-----------|-----|---------------|-------|-------|--|
| H.7 | I | SEIXO | QTZ | 31,10 x 47,83 | 19,80 | 25,85 | Frag. recolha de Sup. Guarda área cortical |
| L.12 | I | MP | QL | 30,24 x 23,30 | 12,29 | 12,20 | Superfície |
| M.4 | I | FURADOR? | S | 34,02 x 29,20 | 10,95 | 5,83 | Revolvimento |

- K.7-2: mesmo sílex que a ponta de seta G.8-17? Proveniente do reavivamento da cornija do núcleo.
- K.8-1: descorticação do núcleo, ainda com *cortex*.
- M.4-1: provável resto de núcleo de lamelas, posteriormente transformado em furador.

Recolhas de superfície

QUADRO 7

Núcleos, lascas e artefactos nucleiformes recolhidos à superfície.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Alt x Larg | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|---------------|-----|---------------|-------|--------|--|
| SUP | 3 | SEIXO LASCADO | QTZ | 53,30 x 39,74 | 42,94 | 145,10 | Guarda superfície cortical |
| SUP | 4 | LASCA | QTZ | 69,32 x 59,95 | 25,47 | 125,71 | Possibilidade de ter sido usado como raspador numa área equivalente à extremidade distal |
| SUP | 9 | PRISMA? | QL | 29,02 x 12,07 | 15,02 | 9,97 | Frag. de cristal de quartzo leitoso |
| SUP | 11 | SEIXO TALHADO | QTZ | 69,90 x 86,38 | 45,70 | 239,92 | Grosseiramente discoidal. Núcleo de lascas? |

6.2.1.1.2. Restos de talhe, matérias primas, vária
(Corredor, 9; Câmara, 52, Tumulus, 7, Superfície, 1)

Corredor

QUADRO 8

Restos de talhe, matérias primas, vária, recolhidos no Corredor.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Alt x Larg | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|-----------|-----|---------------|-------|------|---|
| G.8 | 4 | RT | QH | 11,45 x 7,28 | 2,75 | 0,18 | |
| G.8 | 14 | MP | QL | 15,25 x 7,13 | 5,58 | 0,67 | Frag. de cristal sem negativos de talhe |
| H.8 | 24 | RT | S | 7,53 x 6,68 | 2,27 | 0,11 | |
| H.8 | 46 | RT | QL | 11,54 x 7,59 | 3,58 | 0,28 | |
| H.8 | 47 | RT | QH? | 7,05 x 5,20 | 2,32 | 0,14 | Base do cristal? |
| H.8 | 60 | RT | QH | 9,84 x 6,30 | 1,95 | 0,19 | |
| H.8 | 81 | RT? | QH | 7,67* x 3,43 | 1,10 | 0,03 | |
| H.8 | 97 | RT | Q | 13,38 x 10,97 | 3,58 | 0,65 | Crivo |
| H.8 | 101 | MP | Q? | 22,72 x 10,43 | 11,19 | 3,84 | |

- H.8-47: numa pequena área, são visíveis micro-negativos, produzindo um efeito semelhante não a retoque intencional, mas ao de pequenos impactos grupados, possivelmente derivados da acção que originou a fragmentação: preparação da cornija ou de plano de trabalho do núcleo.
- H.8-81: não fora a sua muito reduzida dimensão (apenas 7,7* mm de altura), este artefacto seria provavelmente classificado como uma ponta de seta. A fragmentação da ponta não altera a imagem geral de uma morfologia clássica de uma ponta de seta de base côncava. A peça apresenta negativos, resultantes de impactos dirigidos em ambas faces e no bordo. Conserva, no entanto, uma aresta viva do núcleo original. Parece-me assim tratar-se efectivamente de um resto de talhe resultante de uma preparação do plano vertical de talhe de um núcleo de lamelas de quartzo hialino.

Câmara

QUADRO 9

Restos de talhe, matérias primas, vária, recolhidos na Câmara.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Alt x Larg | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|------------------|-----|------------------|-------|-------|--|
| I.8 | 22 | RT | S | 8,00 x 4,16 | 2,29 | 0,10 | |
| I.8 | 46 | RT? | Q | 36,49 x 23,84 | 12,90 | 12,43 | Frag. descorticação de seixo ainda com <i>cortex</i> em mais de metade da superfície |
| I.8 | 92 | OLNI | Q | 21,78 x 10-23 | 6,37 | 2,07 | Associado a Cm-3. |
| I.8 | 93 | OLNI | Q | 25,41 x 15,96 | 8,40 | 4,17 | Associado a Cm-3 |
| I.8 | 98 | OLNI | Q | 12,08 x 9,98 | 3,21 | 0,38 | Junto taça de Cm-3 |
| I.8 | 109 | PLACA | G | 250,0 x 23,0 | 28,00 | | Transição Cm/Cr. Granito, aparada e boleada |
| I.8 | 245 | RT | S | 15,01 x 7,98 | 1,62 | 0,32 | |
| I.8 | 246 | OLNI | Q | 21,53 x 22,44 | — | 17,09 | Para ESP ver nota específica a esta peça |
| I.8 | 255 | RT | QL | 8,30 x 6,60 | 2,18 | 0,15 | Crivo. Fragmento. |
| I.8 | 281 | RT | QH | 9,87 x 7,15 | 1,92 | 0,13 | Crivo |
| I.8 | 287 | OLNI | Q | 16,87 x 9,41 | 5,18 | 0,75 | |
| I.8 | 290 | «PEDRA-ALMOFADA» | LD | 8,13 x 112,33 | 52,34 | | Interior de alvéolo de ECm-7. |
| I.9 | 1 | OLNI | QTZ | 16,56 x 10,45 | 3,12 | 0,59 | Revolvimento. Grauvaque? |
| I.9 | 3 | SEIXO CSP | QTZ | 79,37* x 105,09* | 50,09 | | Revolvimento |
| I.9 | 006 | RT | CH | 15,44 x 10,98 | 3,48 | 0,60 | Revolvimento. Arestas com algum rolamento. Inclui formação opalina. |
| I.9 | 24 | OLNI | Q | 20,27 x 7,84 | 5,75 | 0,92 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.8 | 12 | RT? | Q | 22,66 x 10,74 | 4,83 | 1,54 | Crivo. Lasca de descorticação de núcleo? |
| J.8 | 16 | RT | QL | 12,09 x 11,46 | 2,67 | 0,42 | |
| J.8 | 33 | RT | S | 20,93 x 8,17 | 3,00 | 0,53 | |
| J.8 | 41 | RT | S? | 6,89 x 4,66 | 1,05 | 0,04 | Crivo |
| J.8 | 53 | RT? | QH | 15,55 x 6,86 | 3,28 | 0,27 | |
| J.8 | 55 | RT? | MST | 19,62*x 8,72 | 2,13 | 0,38 | ALNI? Meta-silito negro. |
| J.8 | 80 | RT | S | 12,78 x 9,03 | 3,19 | 0,52 | Micro-impactos grupados em linha |
| J.8 | 117 | OLNI | Q | | | | No interior da mandíbula de Cm-3. |
| J.8 | 155 | OLNI | QL | 21,42 x 15,32 | 8,94 | 3,41 | Junto a Cm-2 |
| J.8 | 162 | PLACA | X | 150,35 x 11,80 | 15,74 | | Esboço para placa de xisto gravada? |
| J.8 | 195 | RT | QH | 24,61 x 12,36 | 2,81 | 1,15 | |
| J.8 | 220 | RT | Q | 11,94 x 16,51 | 2,93 | 0,83 | |

QUADRO 9 [Cont.]

Restos de talhe, matérias primas, vária, recolhidos na Câmara.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Alt x Larg | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|-----------|-----|---------------|-------|-------|---|
| J.8 | 240 | RT | S | 9,32 x 4,87 | 5,01 | 0,19 | Observa-se algum rolamento nas arestas |
| J.8 | 276 | RT | QH | 10,76 x 5,08 | 2,15 | 0,17 | Cm-4 - Crivo |
| J.8 | 354 | RT | QL | 11,61 x 9,45 | 9,14 | 0,61 | |
| J.8 | 368 | RT | S | 10,30 x 10,66 | 1,69 | 0,24 | Crivo |
| J.8 | 369 | RT | QTZ | 15,98 x 8,69 | 4,06 | 0,56 | Crivo. Conserva parte da área cortical |
| J.8 | 376 | RT | QH | 11,70 x 5,38 | 1,56 | 0,12 | Crivo |
| J.8 | 377 | RT | QTZ | 7,99 x 5,67 | 2,56 | 0,14 | Crivo |
| J.8 | 420 | RT | MST | 11,02 x 6,64 | 1,76 | 0,07 | Meta-silito/quartzito |
| J.8 | 502 | RT | S | 18,36 x 12,98 | 6,63 | 1,42 | Ainda com restos de <i>cortex</i> |
| J.8 | 510 | RT | QH | 9,51 x 5,05 | 1,52 | 0,09 | Crivo |
| J.8 | 512 | RT | QH | 7,68 x 3,18 | 1,73 | 0,06 | Crivo |
| J.8 | 549 | OLNI | Q | 38,80 x 24,21 | 14,06 | 18,04 | |
| J.8 | 556 | RT | QH | 8,73 x 9,14 | 4,86 | 0,55 | Crivo |
| J.8 | 591 | RT | QL | 34,51 x 10,95 | 8,54 | 4,38 | |
| J.8 | 622 | OLNI | Q | 20,90 x 9,91 | 4,84 | 1,28 | |
| J.8 | 643 | OLNI | Q | 21,02 x 7,98 | 5,53 | 1,17 | |
| J.8 | 646 | OLNI | Q | 18,24 x 11,36 | 7,73 | 1,84 | |
| J.8 | 668 | RT | Q | 8,99 x 4,37 | 2,17 | 0,12 | Crivo |
| J.8 | 743 | OLNI | Q | 14,08 x 6,12 | 5,31 | 0,58 | Crivo |
| J.9 | 10 | RT | S | 7,36* x 8,27 | 2,06 | 0,15 | |
| J.9 | 20 | RT | QH | 12,15 x 5,78 | 1,29 | 0,10 | Crivo, não é improvável que se trate de uma situação similar a J.8-103, catalogada com reservas como uma provável ponta de seta |
| J.9 | 29 | RT? | MST | 10,67 x 7,21 | 2,72 | 0,24 | |
| J.9 | 40 | OLNI | Q | 16,81 x 11,10 | 5,00 | 1,22 | Crivo |
| J.9 | 70 | RT | S | 27,62 x 11,56 | 4,36 | 1,29 | Inclusões dispersas de biotite |
| J.9 | 122 | OLNI | Q | 11,47 x 8,29 | 3,93 | 0,50 | Crivo. Alvéolo junto a ECm-5 |

Comentários

- I.8-109: torna-se impossível definir hoje a funcionalidade de esta placa de granito, regularizada nas faces e com bordos preparados, e a que falta apenas um pequeno fragmento de canto.
- I.8-92, I.8-93, J.8-117: três fragmentos de quartzo de dimensões diferenciadas, mas similares, incaracterísticos, sem qualquer traço de talhe ou retoque, que foram encontrados sobre a deposição funerária Cm-3. Não justificariam destaque especial, se o último deles não tivesse sido retirado da boca do esqueleto Cm-3. Levantam, por isso, estes três OLNI, questões particulares, que serão discutidas em 7.4. e particularmente 7.4.2.3., uma vez previamente referidas em 6.1.2.4.
- I.8-245: não é improvável tratar-se do fragmento de uma *tablette*. Guarda dois negativos bem visíveis, na parte superior, correspondendo provavelmente à tentativa de preparação do plano de trabalho da *tablette*.
- I.8-246: este triedro irregular, cuja face mais significativa mede 21,53 x 22,44 mm, inclui um belo cristal de turmalina verde e guarda ainda, numa pequena extremidade, cerca de essa inclusão, restos de superfície cortical. A peça não regista qualquer nega-

tivo de talhe, e as arestas estão vivas, sinal que não foi objecto de qualquer deslocação agressiva. Foi recolhida no interior da Câmara, junto a ECm-7. Possui secção triangular, altura de 18,97 e largura de 25,75 mm. Dois lados do triângulo medem, um deles sendo a largura, 22,49 e 20,62.

- I.9-3: o centro apresenta sinais de impacto que, pela natureza da rocha, não são fáceis de caracterizar. Não é improvável que esta peça tenha sido eventualmente utilizada como bigorna. Observam-se dois tipos de microvestígios de uso, sendo o primeiro constituído por traços de profundidade irregular e o segundo por pequenas depressões cupuliformes, sendo pelo menos uma delas geminada. CSP: com sinais de percussão.
- J.8-41: conserva ainda *cortex* e o ponto de impacto. Provavelmente, provém do reavivamento da cornija.
- J.8-53: não é certo que se trate de um RT, ainda que tal não seja impossível. Existe, efectivamente, uma extremidade distal aguçada obtida pelo desferir de microgolpes abruptos. Toda a zona dos bordos da peça regista pequenos planos não concoidais, que só podem ser explicados por uma fracturação bizarra ou por um tipo de retoque localizado, oblíquo e obtido com um pequeno instrumento fino e duro. A própria extremidade distal da peça apresenta um tipo de fractura que não é unívoca, podendo resultar da convergência de dois planos de ruptura ou traduzir a intencionalidade de obtenção de uma extremidade distal pontiaguda. Poderia eventualmente tratar-se de um RT utilizado oportunamente como furador.
- J.8-55: bolbo de percussão evidente, com uma pequena elevação na base e dois sulcos convergentes partindo dele. O bordo direito da extremidade distal apresenta numerosos microvestígios de uso, que devido à sua dimensão e morfologia não parecem ser retoques. Têm dimensões variáveis, agrupando-se os mais longos na zona central da curvatura, onde o esforço de corte deve ter sido naturalmente maior. Poderia eventualmente tratar-se de um pequeno furador sobre lasca ou, mais provavelmente, de um artefacto com essa forma, mas que serviu essencialmente não para furar, mas para pequenas acções de corte e raspagem na vertente esquerda da extremidade distal, a única aliás cuja concavidade traduz uso humano.
- J.8-155: trata-se de um OLNI similar a I.8-92, I.8-93 e J.8-117, encontrados sobre Cm-3 e cujo significado poderia, eventualmente, ser idêntico. Este encontrava-se associado a Cm-2.
- J.8-162: esta placa grosseiramente aparada pode bem ser considerada a matéria prima para o talhe de uma placa de xisto gravada. A sua dimensão (15,4 x 11,80 cm) e a espessura (1,57 cm) são compatíveis com placas de xisto gravadas registadas neste monumento como I.8-259 (14,2 x 8,4, ESP. 1,12), I.9-22 (14,23 x 8,24*, ESP. 0,96 cm) ou J.9-41 (12,17 x 6,63, ESP. 0,56 cm).
- J.8-368: trata-se possivelmente de um RT proveniente do reavivamento do plano vertical de um núcleo de lamelas. O ponto de percussão é assinalado por um bolbo com algumas ondas de choque visíveis. No verso, identifica-se perfeitamente a depressão que correspondia à face do núcleo a desbastar.
- J.9-10: poderia eventualmente tratar-se da extremidade proximal de uma lamela, mas o aspecto convexo do lado direito da extremidade distal torna mais provável tratar-se do resto de um reavivamento de um núcleo de lamelas.

Tumulus

QUADRO 10

Restos de talhe, matérias primas, vária, recolhidos no *Tumulus*.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Alt x Larg | Esp | Peso | Observações |
|------|-----|-----------|----|---------------|------|------|--|
| J.9 | 42 | RT | S | 14,18 x 14,39 | 3,43 | 0,90 | Guarda fragmento da superfície cortical |
| I.7 | 1 | RT | QH | 17,66 x 15,19 | 4,64 | 1,50 | Superfície. Guarda área cortical |
| K.7 | 1 | RT | S | 7,19 x 3,86 | 2,06 | 0,05 | Revolvimento |
| K.7 | 2 | RT | S | 9,61 x 4,09 | 1,55 | 0,10 | Revolvimento |
| K.8 | 1 | RT | S | 27,44 x 20,07 | 7,04 | 3,66 | Revolvimento. Inclusões dispersas de biotite |
| K.10 | 4 | RT | CH | 12,76 x 13,96 | 3,34 | 0,73 | Com inclusão opalina |
| G.10 | 2 | RT | Q | 13,79 x 5,27 | 2,34 | 0,19 | Revolvimento |

Recolhas de superfície

QUADRO 11

Restos de talhe, matérias primas, vária, recolhidos à superfície.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Alt x Larg | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|-----------|----|------------|------|------|-------------|
| SUP | 6 | RT | QH | 12,77x8,60 | 2,07 | 0,31 | |

6.2.1.1.3. *Lâminas, lamelas (Corredor, 2; Câmara, 10, Tumulus, 1, Superfície, 0)*
Figs. 53, 54. Fig. 115:1.

Observações sobre a ficha descritiva

Considereei, tal como em 1998, 11 categorias de descritores, de sentidos diversos:

- (1) designação; (2) proveniência; (3) estado; (4) secção; (5) bolbo de percussão; (6) retoque; (7) encurvamento; (8) dimensões; (9) peso; (10) matéria prima; (11) cor, de acordo com o código Munsell.
- A segunda categoria referencia a peça no conjunto exumado no monumento e reúne a indicação do quadrado (qd) e o número de inventário dentro do quadrado (#=N.º).
- A terceira, definiu o estado actual do artefacto: 1: todas as medidas possíveis, não se fazendo distinção entre uma peça intacta e a integralmente recuperada por colagem; 2: fragmento distal; 3: fragmento mesial; 4: fragmento proximal.
(associações de situações foram referidas por agrupamento de indicadores, ex: 23, fragmento que inclui a área distal e mesial do artefacto; 34, fragmento incluindo as áreas mesial e proximal)
- A quarta categoria, referindo-se à secção, compreendeu três possibilidades: 1: triangular; 2: trapezoidal; 3: outra.
- A quinta, o bolbo de percussão: 1: ausente do fragmento; 2: bem definido; 3: incompletamente formado.
- A sexta categoria refere-se ao retoque, em diversas subcategorias:
RTP: *quanto à presença/ausência* (e considerando apenas a presença), os números indicam a sua localização em áreas específicas do artefacto:

1: na extremidade distal; 2: na extremidade proximal; 3: em ambos bordos; 4: bordo direito (com a peça orientada, em face); 5: bordo esquerdo.

RTA: *quanto ao ângulo*: 1: rasante (cerca de 10°); 2: muito oblíquo (cerca de 30°); 3: oblíquo (cerca de 45°); 4: abrupto (cerca de 70°); 5: vertical (a 90°).

RTS: *quanto à sequência*: 1: contínua; 2: interrompida.

RTD: *quanto à distribuição*: 1: unifacial; 2: bifacial.

- A sétima categoria, refere-se ao *encurvamento do artefacto*, medido a meio da altura e em mm.
- A oitava, engloba as *dimensões*: 1: altura (ALT); 2: largura (L), medida a meio do comprimento; 3: espessura (ESP), *idem*.
- A nona categoria, regista o PESO, à centésima do grama.
- A décima, a matéria prima usada (MP): CH: *chert*; QH: quartzo hialino; R: riolite; S: sílex...

Considerando a escassa dimensão da amostra, pensei preferível descrever as lâminas e lamelas de STAM 3 sob a forma de texto corrido, como se fez afinal para com os artefactos líticos de STAM 2, mas logo a seguir a um quadro resumido. A UNIARQ tem em preparação uma ficha descritiva normalizada para indústrias laminares e micro laminares, a resultar de um debate, para que convidou diversos especialistas, e que será oportunamente publicada.

Compreensivelmente, se mais uma vez evocarmos as condições pós-deposicionais que afetaram o monumento, a quase totalidade dos artefactos encontra-se fragmentada, não sendo possível nem medidas integrais, nem naturalmente os índices que delas derivam.

Corredor

QUADRO 12

Lâminas e lamelas recolhidas no Corredor.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Est | S | Alt | Larg | Esp mx | Peso |
|-----|-----|-----------|-------|-----|------|--------|-------|--------|-------|
| H.8 | 18 | Lâmina | R? | 23 | T-TP | 54,14* | 14,42 | 4,30 | 3,74* |
| H.8 | 80 | Lamela? | S, C? | 4 | T | 14,16* | 10,26 | 4,61 | 0,76* |
| H.8 | 81 | Lamela? | QH | 23 | ? | 7,37* | 4,07* | 0,74* | 0,04 |

- H.8-18: Lâmina fragmentada, provavelmente riolite. Conserva a extremidade distal e parte da mesial. A sua altura máxima actual é de 54,14 mm, e a espessura, lida sobre a aresta no ponto de fractura, 4,30 mm. Peso: 3,74 g. A secção varia entre triangular na extremidade distal, e trapezoidal na mesial. A largura na área de fractura, equivalente à largura máxima do fragmento, é de 14,42 mm. Esta lâmina não é retocada, mas apresenta nos dois bordos intensos sinais de uso. Esta situação é particularmente visível no bordo direito, onde o denteado do desgaste é tão pronunciado que poderia ser confundido com retoque abrupto ou mesmo quase vertical (Fig. 132:2).
- H.8-80: Fragmento da extremidade proximal de um artefacto de sílex ou *chert*, provavelmente uma lamela. A extremidade proximal está retocada com retoque abrupto e há sinais de uso nos bordos. Pelo retoque da base, esta pequena peça pode eventualmente ter sido utilizada como raspador. A secção é triangular. As dimensões actuais do fragmento são uma altura de 14,16 mm; largura na base de 10,26, e a espessura na extremidade proximal 4,61 mm. Peso: 0,76 g.
- H.8-81: Este muito pequeno fragmento corresponde com alguma probabilidade à extremidade distal de uma lamela de quartzo hialino, mas não é certo. Poderia também tratar-se de um fragmento de uma micro ponta de seta, sendo que as pequenas pontas de

projectil são conhecidas em contextos funerários, mas também em sítios de habitação. A altura actual é de 7,37 mm, a largura no plano de fractura inferior 4,07 mm e a espessura, também aí medida 0,74. Secção indeterminável, devido às dimensões do fragmento.

Câmara

QUADRO 13

Lâminas e lamelas recolhidas na Câmara.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Est | S | Alt | Larg | Esp mx | Peso | Observações |
|-----|-----|-----------|-----|-----|------|--------|-------|--------|------|-------------------------------------|
| I.9 | 10 | LÂMINA | S | 23 | T-TP | 31,92* | 10,15 | 4,14 | 1,65 | |
| I.9 | 13 | LÂMINA | S | 3 | TP | 23,61* | 13,75 | 3,27 | 1,57 | Crivo. Frag. |
| I.9 | 19 | LÂMINA | QTZ | 3 | T | 21,21* | 12,31 | 4,61 | 1,70 | Frag. – Quartzito grão fino |
| J.8 | 103 | LAMELA? | QH | 34 | T | 17,80* | 9,16 | 9,16 | 0,44 | Artefacto de classificação complexa |
| J.9 | 32 | LAMELA | S | 23 | TP | 20,04* | 6,63 | 2,62 | 0,56 | |
| J.9 | 46 | LÂMINA | S | 3 | TP | 56,27* | 13,38 | 3,50 | 3,23 | |

- I.9-10: Lâmina de sílex, não retocada, mas com sinais de uso, correspondendo à área mesial e provavelmente a uma parte da área distal. A secção é triangular, passando a trapezoidal cerca da extremidade distal, provavelmente por acidente de talhe ou uso que partiu a aresta e provocou um negativo subrectangular. O comprimento actual é de 31,92, a largura 10,15, e a espessura 4,14 mm. A peça evidencia ainda restos de área cortical na extremidade oposta à que seria a distal.
- I.9-13: Fragmento correspondendo à área mesial de uma lâmina de sílex de secção trapezoidal não retocada. Observam-se sinais de uso em ambos bordos. Altura actual: 23,61 mm. Largura: 13,75. Espessura: 3,27 mm.
- I.9-19: Fragmento provavelmente pertencente a uma lâmina de quartzito. A peça conserva parte da área distal, mas não a extremidade. Pontos disseminados de uma substância betuminosa negra, mas como estão também presentes na área de fractura, traduzem certamente fenómeno pós-deposicional. A peça apresenta retoques particularmente visíveis no bordo esquerdo, oblíquos e abruptos. O comprimento actual com os dois fragmentos montados é de 21,21, a largura máxima de 12,31, e a espessura máxima de 4,61 mm.
- J.8-103: Poderá tratar-se de uma pequena ponta de projectil, mas não é seguro. A extremidade proximal foi reduzida por golpes simétricos, provavelmente quatro à esquerda e dois à direita, de forma a transformar-se numa extremidade pedunculada. O quartzito hialino conservou vestígios da força dos golpes, estriando-se no interior.
- J.9-32: Extremidade distal e mesial de uma lamela espessa de sílex de secção trapezoidal, não retocada, mas com sinais de uso. Numa das extremidades do verso, há ainda restos que podem ser da antiga superfície cortical ou de deposições carbonatadas registadas em vários outros artefactos e ossos do monumento. Comprimento actual 20,04, largura 6,63, espessura 2,62 mm.
- J.9-46: Grande fragmento da área mesial de uma lâmina estreita de sílex. Altura actual 56,27, largura máxima 13,38, espessura 3,50 mm. Secção trapezoidal, intensos sinais de uso nos dois bordos, particularmente visíveis no bordo direito. As duas arestas são irregulares, com o percurso da que se localiza à esquerda claramente influenciado por alterações do sílex com aspecto similar ao *chert*.

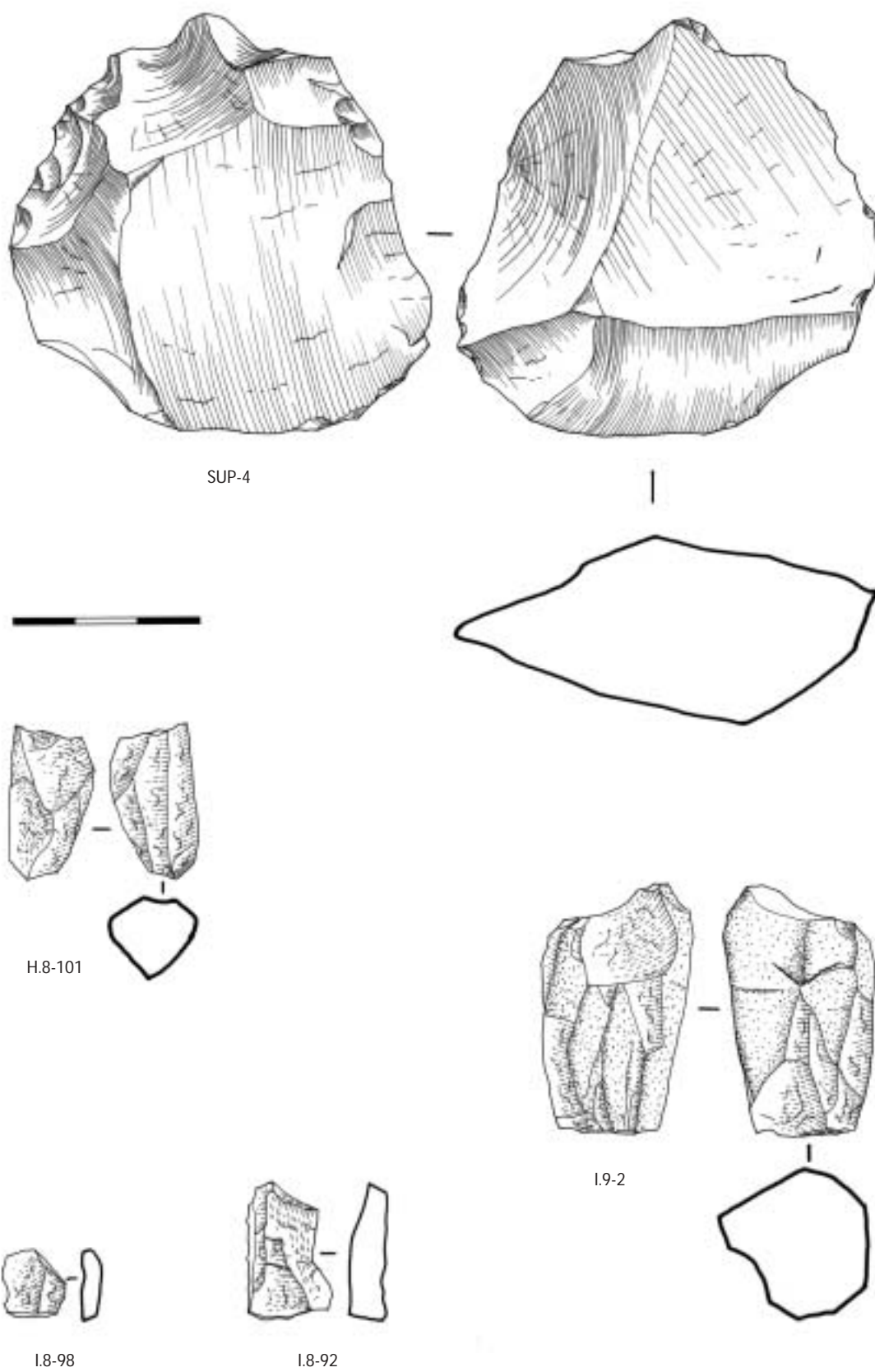
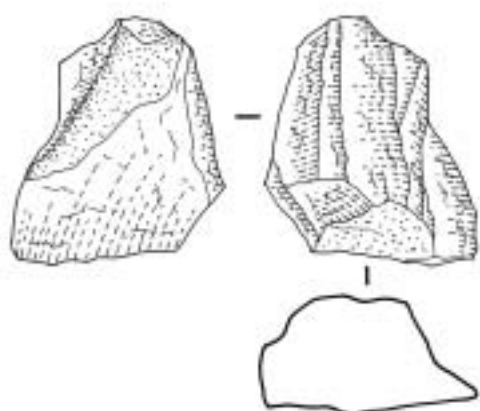
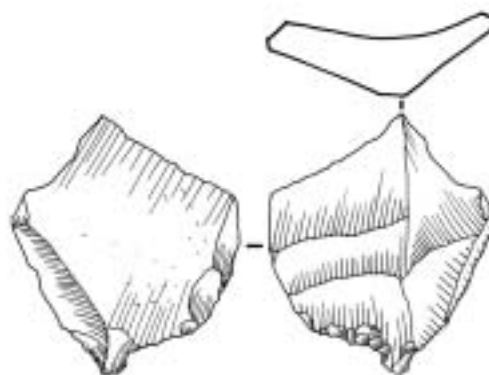


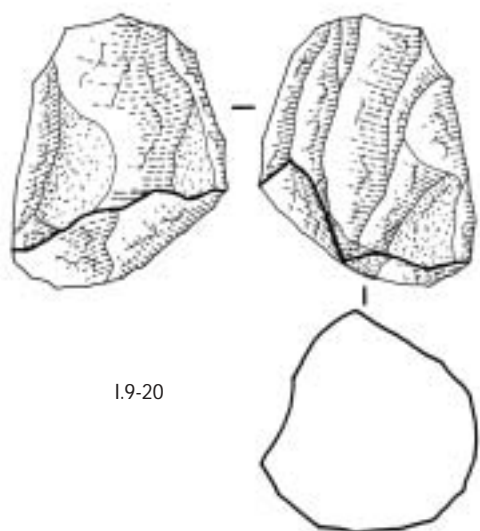
FIG. 51 – Material lítico proveniente de STAM-3 (I).



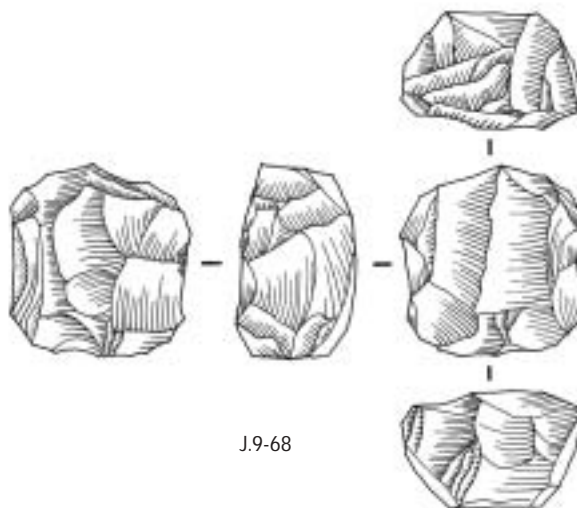
L.12-1



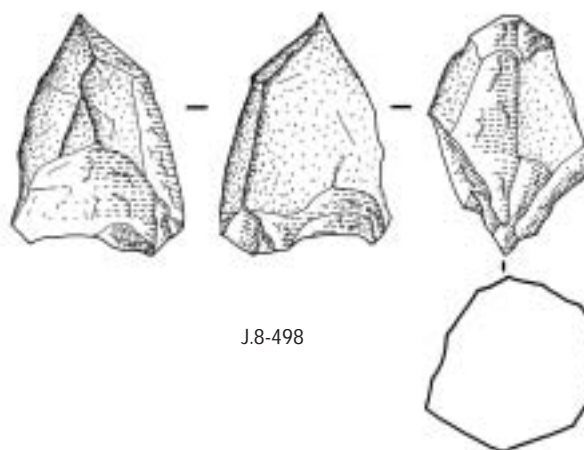
M.4-1



I.9-20

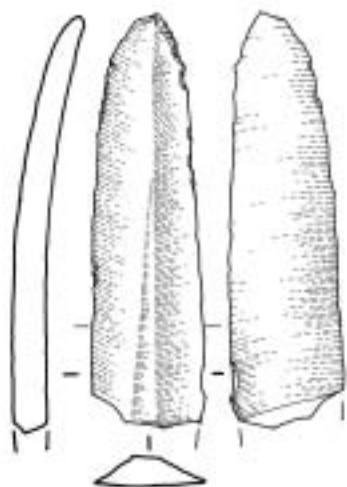


J.9-68

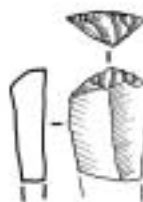


J.8-498

FIG. 52 – Material lítico proveniente de STAM-3 (2).



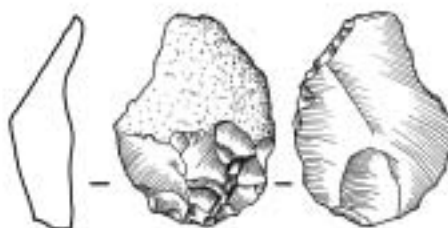
H.8-18



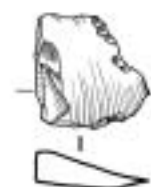
H.8-80



I.9-10



K.8-1



J.9-42



K.7-2

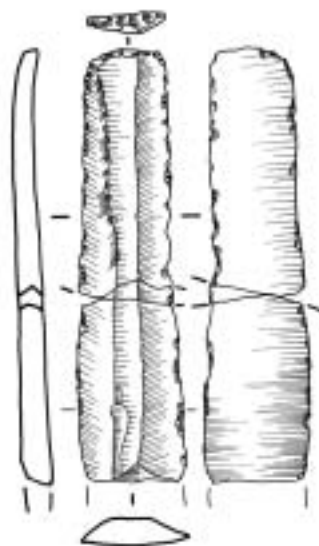


J.9-10

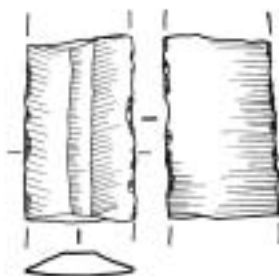


SUP.6

FIG. 53 – Material lítico proveniente de STAM-3 (3).



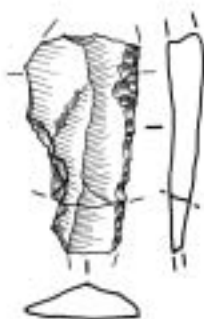
J.9-46



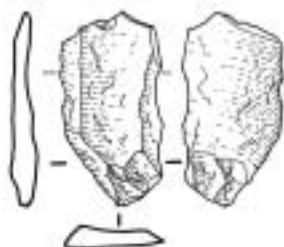
I.9-13



J.8-55



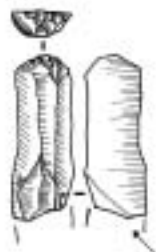
I.9-19



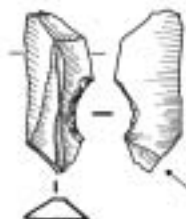
J.8-195



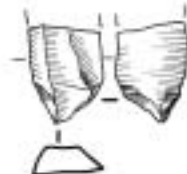
I.7-1



J.9-32



J.8-83



J.8-80



FIG. 54 – Material lítico proveniente de STAM-3 (4).

QUADRO 14

Lamelas recolhida no Tumulus.

| Qd | n.º | Descrição | Mp | Est | S | Alt | Larg | Esp mx | Peso | Observações |
|------|-----|-----------|----|-----|---|------|------|--------|------|--------------------|
| G.10 | 3 | LAMELA? | QL | 3 | | 6,31 | 4,73 | 1,62 | 0,07 | Frag. Revolvimento |

- G.10-3: trata-se pouco provavelmente da parte mesial de um artefacto lamelar, ainda que, mesmo com reservas, tal não seja seguro. Um dos lados regista vários impactos, possivelmente devido a uso.

6.2.1.1.4. Pontas de seta

(Corredor, 8; Câmara, 12 (ou 13, ver caso de J.8-103), Tumulus, 1, Superfície, 0)

Figs. 56, 57. Fig. 115:2.

Descrevem-se as seguintes pontas de seta, grupadas de acordo com a sua proveniência e com os descritores distribuídos pelas seguintes categorias:

Ficha descritiva

Consideraram-se as seguintes 10 categorias: (1) proveniência; (2) estado; (3) matéria prima (4) cor, segundo o código Munsell; (5) dimensões; (6) formato da base; (7) geometria dos bordos; (8) secção; (9) retoque; (10) peso.

Foram calculados dois índices: (1) alongamento, IA (altura/largura da base); (2) espessamento, IE (altura/espessura).

- A primeira categoria reuniu o quadrado (QD) e o número de inventário dentro do quadrado (#).
- A segunda categoria definiu o estado actual do artefacto (EST): 1: todas as medidas possíveis; 2: extremidade distal; 3: extremidade distal e área mesial; 4: fragmento da área mesial; 5: base e área mesial; 6: base. Sempre que falte um fragmento de uma das extremidades, segue-se o seguinte critério: se o fragmento ausente puder ser reconstituído, atribui-se o valor 1*; se tal não for possível, o valor isolado de cada um dos componentes identificáveis, normalmente 2-4-6.
- A terceira categoria regista a matéria prima (MP) usada (ver 6.2.1.1., ponto 12):
- A quarta categoria refere-se à cor, usando-se, como foi norma, o código Munsell.
- A quinta categoria refere-se às dimensões e aos índices (todas as medidas em mm, quando seguidas de * significa tratar-se de medidas reconstituídas com elevado grau de probabilidade. Este caso verifica-se geralmente quando falta um muito pequeno fragmento, reconstituível pelo desenho): 1: altura (ALT); 2: largura na base (LGB); 3: espessura (ESP), medida a meio do comprimento.

O índice de alongamento (IA) foi interpretado de acordo com três possibilidades:

- alongado: > 2
- médio: 1-2
- curto: < 1.

O índice de espessamento (IE) foi também interpretado de acordo com três possibilidades:

- abatido: > 8
- médio: 4-8
- espesso: < 4.

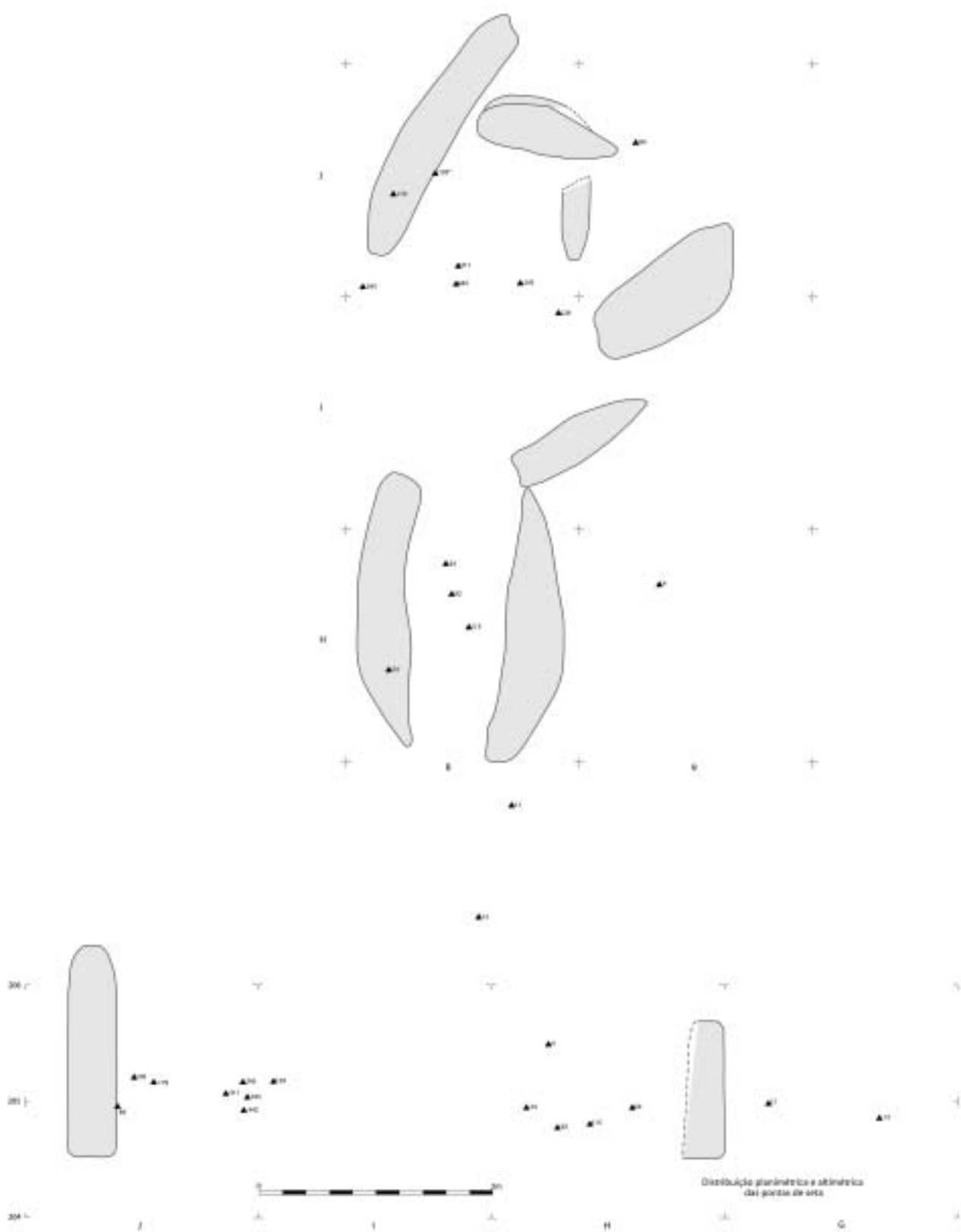


FIG. 55 – Distribuição em planta e perfil das pontas de seta de STAM-3.

- A sexta categoria refere-se ao formato da base (FB) e compreende, para STAM-3, duas possibilidades: 1: rectilínea ou subrectilínea (não se estabelecendo diferença, uma vez que o aspecto não rigorosamente rectilíneo – subrectilíneo – pode derivar do processo de retoque da base); 2: côncava.
- A sétima categoria diz respeito à geometria dos bordos (GB), compreendendo seis possibilidades: 1: rectilíneos; 2: subrectilíneos; 3: convexos; 4: subconvexos; 5: côncavos; 6: subcôncavos; 7: convexo (na face) e plano (no verso).
- A oitava categoria, referindo-se à secção (SC), engloba seis possibilidades: 1: triangular; 2: biconvexa; 3: planoconvexa; 4: losangular; 5: trapezoidal; 6: indiferenciada ou demasiado irregular para entrar em qualquer uma das categorias anteriores.
- A nona refere-se ao retoque e inclui diversas subcategorias:
Presença/ausência: 0=inexistência.

- 1. na face (RTF);
- 2. no verso (RTV).

Considera-se sempre como a *face* a que apresenta restos da aresta original, um maior encurvamento ou maior presença de retoque e a outra como *verso*.

Quanto à localização do retoque (RTFL, RTVL): 1: bordo direito; 2: bordo esquerdo; 3: base.

Quanto ao tipo do retoque (RTFT, RTVT): 1: rasante; 2: muito oblíquo; 3: oblíquo; 4: abrupto; 5: vertical; 6: serrilhado (com várias possibilidades de presença cumulativa com os tipos anteriores).

Quanto à extensão do retoque (RTFE, RTVE): 1: marginal; 2: parcial; 3: cobridor; 4: contínuo; 5: interrompido.

- A décima categoria regista o peso ao centésimo de grama.

Corredor (8 pontas de seta)

QUADRO 15

Pontas de seta recolhidas no Corredor.

| Qd | # | Est | Mp | Alt | Lgb | Esp | Ia | Ie | Fb | Gb | Sc | Rtfl | Rtft | Rtfe | Rtvl | Rvtv | Rtve | Peso |
|-----|-----|------|-----|--------|-------|------|-----|-----|----|----|----|------|------|------|------|------|------|------|
| G.8 | 13 | 1* | QTZ | 22,43* | 16* | 2,33 | 1,4 | 9,6 | 1 | 1 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0,65 |
| G.8 | 17 | 1* | S | 19,04 | 10,72 | 3,53 | 1,8 | 5,4 | 2 | 7 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0,44 |
| H.8 | 33 | 1* | S | 17,41* | 12,88 | 2,54 | 1,4 | 6,9 | 1 | 1 | 3 | 123 | 34 | 2 | 123 | 34 | 2 | 0,44 |
| H.8 | 34 | 1* | QTZ | 21,25* | 11,62 | 2,52 | 1,8 | 8,4 | 2 | 1 | 3 | 123 | 34 | 24 | 123 | 34 | 24 | 0,42 |
| H.8 | 50 | 2?4? | S | — | — | 2,48 | — | — | — | — | — | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0,22 |
| H.8 | 54 | 46 | CH | — | 14,83 | 2,92 | — | — | 2 | 1 | 2 | 123 | 3 | 3 | 123 | 3 | 3 | 0,49 |
| H.8 | 92 | 1* | S | 20,78* | 12,63 | 3,33 | 1,6 | 6,2 | 2 | 1 | 2 | 123 | 3 | 2 | 123 | 3 | 2 | 0,59 |
| H.8 | 115 | 1 | QTZ | 23,17 | 14,44 | 3,17 | 1,6 | 7,3 | 2 | 1 | 2 | 123 | 36 | 24 | 123 | 36 | 24 | 0,79 |

- G.8-13: quartzito negro; G.8-17: com retoques a observar particularmente; H.8-34: com traços de betume, H.8-50 pode mesmo não se tratar de uma ponta de seta. H.8-54: *chert*, com espículas de *radiolarius* bem nítidas.

Câmara (12 pontas de seta)

QUADRO 16

Pontas de seta recolhidas na Câmara.

| Qd | # | Est | Mp | Alt | Lgb | Esp | Ia | Ie | Fb | Gb | Sc | Rtfl | Rtft | Rtfe | Rtvl | Rtvt | Rtve | Peso |
|-----|-----|--------|-----|-------|-------|------|-----|------|----|----|----|------|------|------|------|------|------|------|
| I.8 | 107 | I* | J | 21,2* | 10,6 | 1,86 | 2 | 11,4 | 2 | I | 2 | 12 | 36 | 14 | 12 | 36 | 14 | 0,43 |
| I.8 | 129 | I | Q | 14,64 | 10,38 | 3,15 | 1,4 | 4,6 | I | I | 2 | 123 | 32 | 2 | 123 | 32 | 2 | 0,47 |
| I.8 | 165 | 246 | QTZ | — | 17,18 | 3,48 | | — | 2 | 2 | 2 | 123 | 3 | 2 | 123 | 3 | 2 | 1,27 |
| I.8 | 248 | I | S | 19,78 | 9,84 | 2,37 | 2 | 8,3 | 2 | 2 | 3 | 123 | 3 | 2 | 123 | 2 | 2 | 0,46 |
| I.9 | 5 | I | Q | 11,12 | 9,90 | 2,65 | 1,1 | 4,2 | I | 2 | 2 | 123 | 34 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0,26 |
| J.8 | 179 | 246 | CH | 23,4* | 21,3* | 3 | 1,1 | 7,8 | 2 | 2 | 3 | 0 | 0 | I | I | 2 | I | 0,86 |
| J.8 | 245 | I | S | 37,33 | 15,93 | 3,83 | 2,3 | 9,7 | 2 | I | 2 | 123 | 23 | 24 | 123 | 23 | 24 | 1,76 |
| J.8 | 311 | I | S | 23,54 | 13,0* | 3,15 | 1,8 | 7,5 | 2 | I | 2 | 123 | 3 | 2 | 123 | 3 | 2 | 0,63 |
| J.8 | 345 | Des | S | | | | | | | | | | | | | | | 0,09 |
| J.8 | 442 | I* | CH | 27,7* | 17,92 | 1,93 | 1,5 | 14,4 | I* | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0,78 |
| J.8 | 578 | 24, 6* | QH | — | — | 2,10 | | — | — | 2 | 2 | 12 | 3 | 2 | 12 | 3 | 2 | 0,44 |
| J.9 | 84 | I | S | 21,45 | 14,55 | 2,80 | 1,5 | 7,7 | 2 | 2 | 2 | 123 | 34 | 24 | 123 | 34 | 24 | 0,42 |

- I.8-248, J.8-311; I.8-165, J.9-84: traços de betume de fixação;
- J.8-103: A atribuição a esta peça da classificação ponta de seta é feita com tais reservas que apesar de ela ser inserida nesta tabela, não a contabilizamos para efeitos estatísticos. Apesar das suas relativamente pequenas dimensões, poderia tratar-se de uma peça inacabada, o que explicaria a rugosidade cortical do seu bordo esquerdo. No verso, observa-se que o lado direito da base está apenas fragmentado, mas o lado esquerdo apresenta pelo menos dois negativos atribuíveis a retoque abrupto. Se fosse efectivamente uma peça funcional, não se poderia afastar a hipótese de se tratar de um micro furador. A ser uma ponta de seta, até seria de um tipo praticamente ausente do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, o das pontas de seta pedunculadas. Nos ambientes funerários, os artefactos relacionados com os vivos, mas especificamente talhados para os mortos registam frequentemente pequenas alterações que se traduzem por acabamentos incompletos e por alguma complacência em relação a acidentes de talhe. Algumas peças conservam mesmo áreas corticais ou defeitos de matéria-prima, que implicariam certamente rejeição se o seu destino fosse a utilização quotidiana.
- J.8-345: apenas uma extremidade distal.
- J.8-442: se se considerar intencional o entalhe a meio da base, ela configuraria uma base mais côncava que subrectilínea. Creio, no entanto, tratar-se de um acidente de talhe, pelo que se manteve a classificação I. Nas pontas de seta de xisto, é por vezes muito difícil separar as fracturas dos bordos, naturais, próprias do xisto, de um retoque intencional, uma vez que nesta matéria prima nem sempre se obtém as fracturas concóidas próprias do sílex;
- I.8-248: uma notável peça pela qualidade da matéria prima e pelo tipo de retoque.

Tumulus (1 ponta de seta)

QUADRO 17

Pontas de seta recolhidas no Tumulus. Pontos de betume detectados nesta peça.

| Qd | # | Est | Mp | Alt | Lgb | Esp | Ia | Ie | Fb | Gb | Sc | Rtfl | Rtft | Rtfe | Rtvl | Rtvt | Rtve | Peso |
|-----|---|-----|----|-----|-------|------|----|----|----|----|----|------|------|------|------|------|------|------|
| H.9 | 4 | 246 | S | — | 11,60 | 3,16 | — | — | I | 2 | 2 | 123 | 3 | 2 | 123 | 3 | 2 | 0,53 |

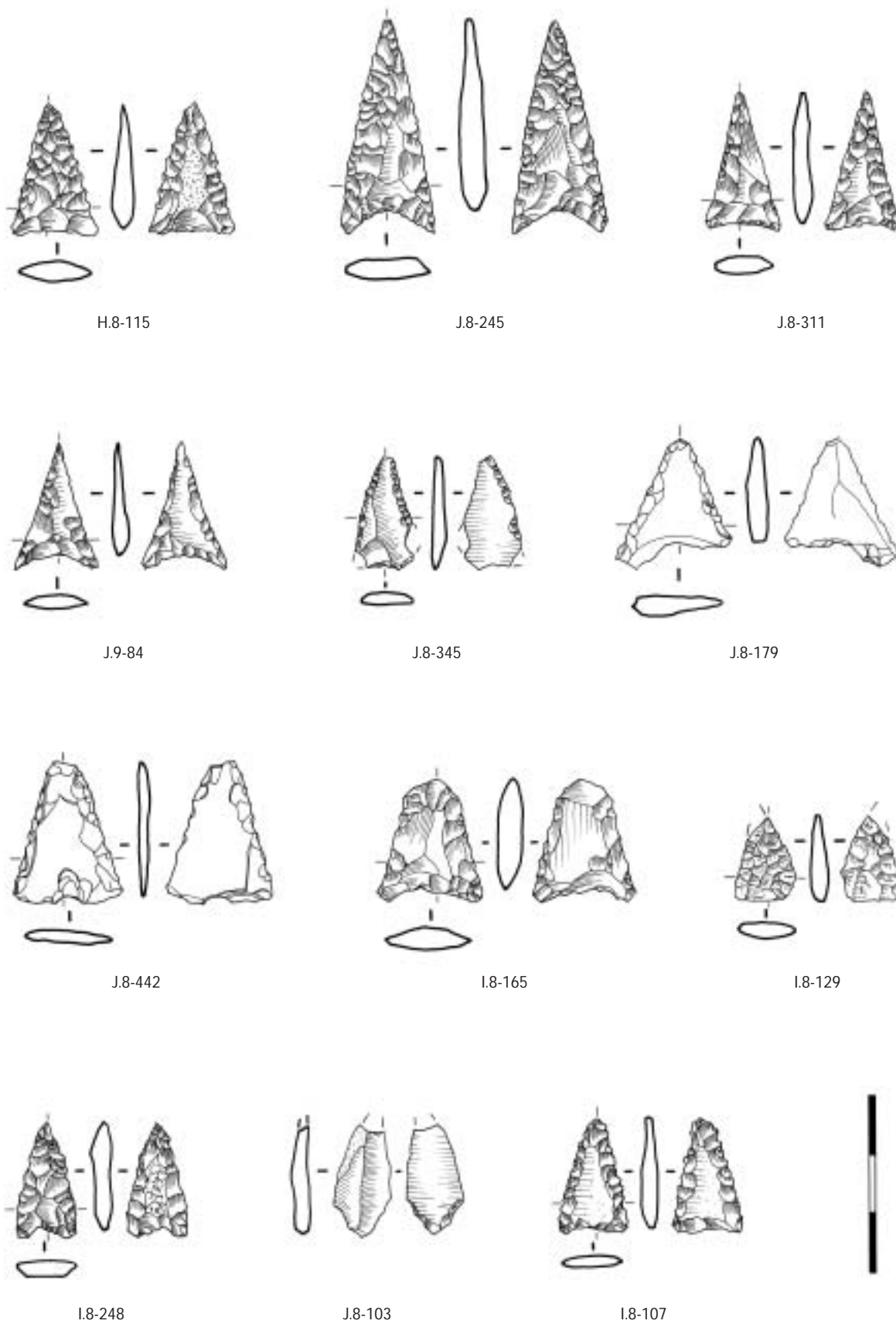
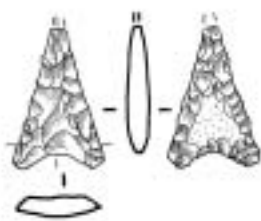
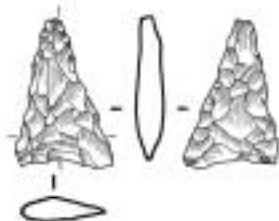


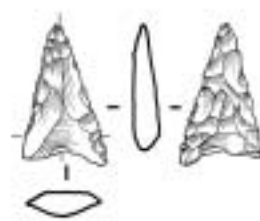
FIG. 56 – Pontas de seta provenientes de STAM-3.



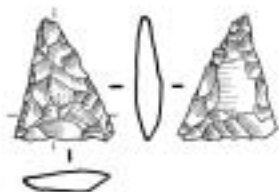
H.8-34



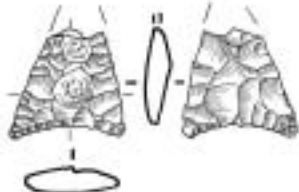
H.8-92



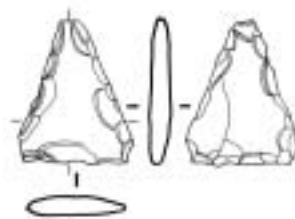
G.8-17



H.8-33



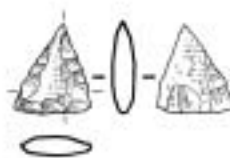
H.8-54



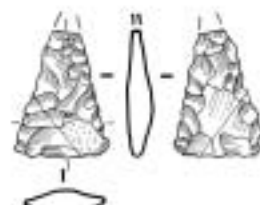
G.8-13



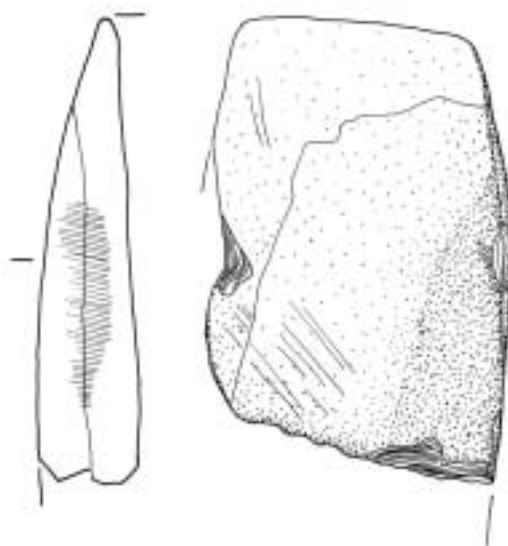
H.8-50



I.9-5



H.9-4



I.8-151



FIG. 57 – Pontas de seta provenientes de STAM-3 e enxó de pedra polida (jaspe) proveniente de STAM-3.

6.2.1.2. Pedra polida – Fig. 57:10, Fig. 136:6 e 7

O único artefacto de pedra polida recolhido no monumento é um pequeno fragmento de uma enxó de jaspe, I.8-151, recolhido a um Z de 205,07. A observação do artefacto, que está reduzido a dimensões que dificultam a sua interpretação, permitiu a identificação de uma área aplanada, que corresponderia à face inferior da enxó. Tal facto, associado à sua escassa espessura, contribuiu decisivamente para a opção tomada na sua classificação morfológica.

Junto a ECm-4, a uma altimetria de 204,90, foi detectado um buraco de secção ovalada (8 x 4 cm), estreitando para o fundo, com o comprimento de 28 cm. Poderia ser o negativo de um cabo desagregado de instrumento de pedra polida ou de parte de um cajado de pastor. A sua secção e localização afasta a possibilidade de se tratar de uma raiz desaparecida.

6.2.1.3. Artefactos para adorno pessoal: contas de colar – Fig. 59, 60, 61. Fig. 116.

O quadro descritivo dos componentes de colar, neste caso apenas contas, foi organizado de acordo com os seguintes descritores:

- QD: Quadrado.
- #: n.º de inventário dentro do quadrado respectivo.
- F: forma geral do componente de colar: 1. D: discóide; 2. De: discóide espessa (espessura igual ou superior a 4 mm); 3. BTC: bitroncocónica; 4. BTCA: bitroncocónica abatida;
- TP: tipo de perfuração: 1. troncocónica; 2. bitroncocónica; 3. cilíndrica ou cilindróide; i: irregular
- MP: matéria-prima (ver 6.2.1.1., ponto 12, e ainda:) C: cerâmica; ? : atribuição com reservas.
- Øt diâmetro total da conta
- Øp: diâmetro da perfuração
- ESP: espessura
- Peso: em gramas, ao centésimo de grama.

Todas as medidas em milímetros. Quando a perfuração tem diâmetros diferentes nas duas faces, a leitura refere-se sempre à perfuração com maior diâmetro. Em algumas perfurações bitroncocónicas, parece evidente que a perfuração feita em segundo lugar visa apenas completar a perfuração feita anteriormente. Assim sendo, surgem perfurações bitroncocónicas, que nas contas menos espessas são frequentemente irregulares, quase cilindróides. O negativo da primeira perfuração chega a ocupar quase 4/5 da totalidade da profundidade.

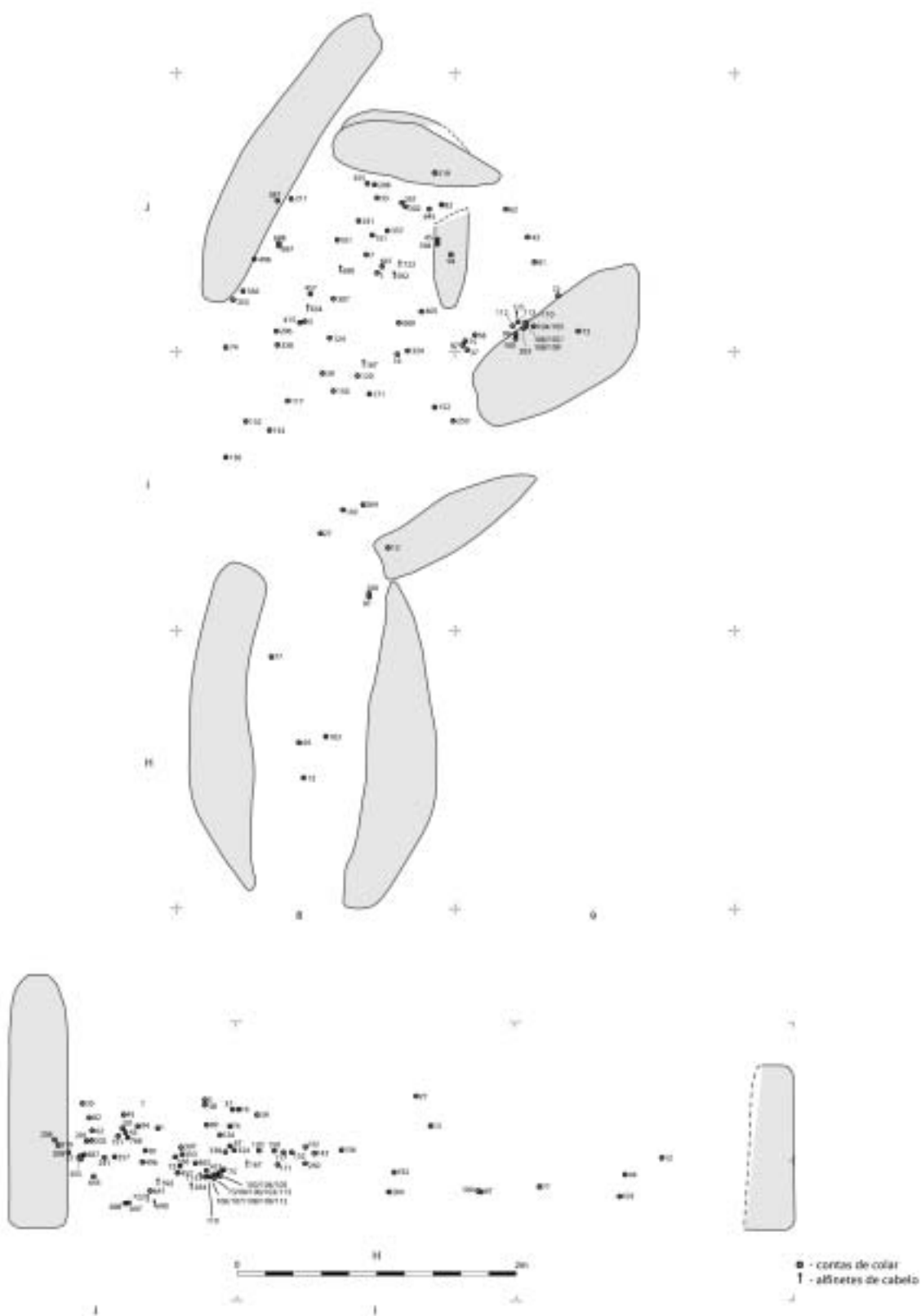


FIG. 58 – Distribuição em planta e perfil dos elementos de adorno pessoal de STAM-3.

Contas de colar recolhidas no Corredor (16)

QUADRO 18

Artefactos para adorno pessoal: contas de colar recolhidas no Corredor.

| Qd | # | F | Tp | Mp | Øt | Øp | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|---|----|----|-------|------|------|------|--|
| G.8 | 11 | 1 | 2 | X | 7,83 | 2,27 | 2,28 | 0,21 | |
| H.8 | 12 | 4 | 2 | X | 12,36 | 4,89 | 5,88 | 1,03 | Forma irregular, perfuração descentrada |
| H.8 | 14 | 1 | 2 | X | 5,49 | 1,93 | 1,59 | 0,09 | GPC** |
| H.8 | 17 | 1 | 2 | X | 8,00 | 2,33 | 2,14 | 0,23 | |
| H.8 | 27 | 1 | 2 | X | 7,91 | 3,89 | 3,02 | 0,25 | |
| H.8 | 43 | 1 | 2 | X | 5,45 | 2,62 | 1,74 | 0,08 | GPC |
| H.8 | 44 | 4 | 2 | X | 8,94 | 3,61 | 3,81 | 0,45 | |
| H.8 | 57 | 1 | 2 | X | 5,21 | 1,59 | 1,55 | 0,13 | GPC |
| H.8 | 74 | 4 | 2 | X | 8,85 | 2,23 | 2,61 | 0,37 | Perfuração irregular, descentrada numa face |
| H.8 | 77 | 4 | 2 | X | 8,91 | 2,75 | 2,85 | 0,35 | |
| H.8 | 103 | 1 | 1 | X | 7,80 | 3,78 | 1,44 | 0,23 | GCDXL*** |
| H.8 | 124 | 1 | 1 | X | 7,74 | 2,85 | 2,66 | 0,33 | |
| H.8 | 125 | 1 | 1 | X | 7,84 | 3,38 | 1,91 | 0,19 | GCDXL |
| I.8 | 37 | 1 | 2 | X | 8,53 | 3,2* | 2,66 | 0,32 | Perfuração não exactamente convergente, irregular* |
| I.8 | 97 | 1 | 1 | X | 5,27 | 2,37 | 1,76 | 0,07 | GPC |
| I.8 | 100 | 1 | 3 | X | 4,99 | 1,20 | 1,36 | 0,06 | GPC |

* Troncocónica a partir de uma face e com duas perfurações fundindo-se no mesmo plano na outra.

** Grupo das pequenas contas.

*** Grupo das grandes contas de xisto laminar.

Contas de colar discóides e bitroncocónicas abatidas recolhidas na Câmara (107)

QUADRO 19

Artefactos para adorno pessoal: contas de colar recolhidas na Câmara.

| Qd | # | F | Tp | Mp | Øt | Øp | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|---|----|----|------|------|------|------|---|
| I.8 | 13 | 4 | 2 | X | 8,78 | 2,54 | 3,34 | 0,41 | |
| I.8 | 16 | 1 | 2 | A | 8,25 | 2,33 | 1,92 | 0,23 | |
| I.8 | 27 | 1 | 2 | SP | 9,21 | 4,18 | 2,59 | 0,28 | Muito boleada. Perfuração descentrada e divergente. SP alterado |
| I.8 | 39 | 1 | 1 | X | 8,52 | 3,00 | 2,71 | 0,32 | |
| I.8 | 67 | 1 | 2 | A | 8,11 | 2,42 | 3,33 | 0,35 | Aspecto geral em perfil: troncocónico |
| I.8 | 117 | 1 | 2 | X | 7,99 | 2,24 | 2,86 | 0,31 | |
| I.8 | 120 | 1 | 1 | SP | 8,44 | 2,47 | 2,94 | 0,35 | Inclusões dispersas de biotite |
| I.8 | 121 | 1 | 2 | X | 5,32 | 2,21 | 1,85 | 0,09 | GPC. |
| I.8 | 122 | 1 | 3 | X | 9,35 | 2,71 | 2,19 | 0,31 | |
| I.8 | 123 | 1 | 1 | X | 9,24 | 2,46 | 1,72 | 0,24 | |
| I.8 | 132 | 1 | 2 | X | 8,03 | 2,19 | 2,01 | 0,22 | |
| I.8 | 136 | 1 | 1 | X | 8,13 | 3,30 | 2,28 | 0,24 | |
| I.8 | 143 | 1 | 3 | X | 8,44 | 2,55 | 1,58 | 0,18 | GCDXL |
| I.8 | 150 | 1 | 2 | SP | 8,03 | 2,52 | 3,16 | 0,32 | Perfuração descentrada e divergente. Inclusões dispersas de biotite |
| I.8 | 152 | 4 | 2 | X | 8,63 | 2,40 | 2,80 | 0,28 | |
| I.8 | 159 | 1 | 2 | X | 7,88 | 2,06 | 1,76 | 0,21 | |

QUADRO 19 [Cont.]

Artefactos para adorno pessoal: contas de colar recolhidas na Câmara.

| Qd | # | F | Tp | Mp | Øt | Øp | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|---|----|----|------|------|------|-------|--|
| I.8 | 171 | I | 3 | A | 5,57 | 2,55 | 1,31 | 0,06 | GPC |
| I.8 | 175 | I | 3 | SP | 6,35 | 2,97 | 1,65 | 0,07 | Fractura a 2/3. Inclusões dispersas de biotite |
| I.8 | 193 | I | 1 | X | 9,64 | 2,81 | 2,25 | 0,39 | GCDXL? |
| I.8 | 194 | I | 3 | SP | 8,88 | 3,03 | 2,35 | 0,28 | |
| I.8 | 214 | I | 3 | X | 9,00 | 2,90 | 2,84 | 0,35 | |
| I.8 | 216 | I | 2 | A | 7,95 | 1,79 | 2,47 | 0,26 | Inclusões dispersas de biotite |
| I.8 | 231 | I | 3 | X | 6,11 | 1,47 | 0,93 | 0,05 | |
| I.8 | 232 | I | 3 | X | 5,52 | 1,88 | 1,16 | 0,06 | GPC |
| I.8 | 250 | I | 3 | SP | 7,91 | 1,93 | 2,51 | 0,26 | Inclusões dispersas de biotite |
| I.8 | 264 | I | 3 | SP | 8,51 | 1,84 | 2,44 | 0,27 | Inclusões dispersas de biotite e algumas anfíbulas |
| I.8 | 277 | I | 3 | X | 7,72 | 2,45 | 2,02 | 0,18 | |
| I.8 | 282 | I | 1 | X | 9,31 | 2,51 | 1,94 | 0,36 | |
| J.8 | 1 | 2 | 3 | SP | 9,61 | 2,99 | 4,58 | 0,65 | |
| J.8 | 5 | I | 2 | A | 9,16 | 3,47 | 2,98 | 0,36 | MP entre o anfíbolito e o serpentinito. Inclusões dispersas de biotite |
| J.8 | 7 | 2 | 3 | SP | 9,64 | 2,94 | 4,67 | 0,82 | |
| J.8 | 35 | I | 3 | X | 5,06 | 2,13 | 0,86 | 0,04 | GPC, fragmentada em duas |
| J.8 | 42 | I | 1 | SP | — | — | 2,52 | 0,08* | Muito fragmentada. Não foi desenhada |
| J.8 | 45 | I | 3 | X | 8,22 | 2,92 | 1,61 | 0,17 | GCDXL. Foi colada |
| J.8 | 74 | I | 2 | X | 8,88 | 3,05 | 3,76 | 0,33 | |
| J.8 | 83 | I | 2 | X | 7,55 | 2,60 | 1,34 | 0,25 | GCDXL. Inclusões dispersas de biotite |
| J.8 | 89 | I | 2 | X | 7,30 | 3,18 | 3,55 | 0,28 | |
| J.8 | 94 | I | 2 | X | 5,79 | 2,55 | 1,48 | 0,08 | GPC |
| J.8 | 101 | I | 1 | X | 8,44 | 2,24 | 1,28 | 0,18 | |
| J.8 | 124 | I | 1 | X | 5,84 | 1,77 | 1,98 | 0,11 | GPC |
| J.8 | 151 | I | 1 | X | 5,97 | 2,00 | 1,29 | 0,07 | GPC |
| J.8 | 201 | - | - | SP | — | — | 2,45 | 0,08* | Muito fragmentada. Não foi desenhada |
| J.8 | 202 | I | 2 | X | 9,05 | 3,19 | 2,96 | 0,38 | |
| J.8 | 206 | I | 1 | X | 9,18 | 2,54 | 2,41 | 0,31 | |
| J.8 | 208 | I | 1 | X | 9,11 | 2,83 | 3,33 | 0,37 | Vários fragmentos colados |
| J.8 | 211 | 2 | 3 | X | 9,44 | 2,79 | 4,13 | 0,53 | |
| J.8 | 241 | I | 3 | X | 9,76 | 2,49 | 2,60 | 0,46 | Bordos muito bem polidos e rectilíneos |
| J.8 | 248 | 4 | 2 | X | 9,64 | 3,53 | 4,47 | 0,51 | Perfuração descentrada numa face. Bordos muito polidos |
| J.8 | 307 | I | 1 | X | 8,38 | 2,18 | 1,82 | 0,21 | |
| J.8 | 324 | I | 2 | X | 8,16 | 2,26 | 2,44 | 0,25 | |
| J.8 | 335 | I | 3 | X | 5,84 | 2,36 | 1,17 | 0,05 | GPC |
| J.8 | 338 | I | 3 | X | 9,24 | 2,88 | 3,45 | 0,48 | |
| J.8 | 353 | I | 1 | X | 8,75 | 3,52 | 2,44 | 0,30 | |
| J.8 | 355 | 4 | 2 | SP | 7,54 | 2,46 | 2,85 | 0,28 | |
| J.8 | 356 | I | 2 | SP | 8,03 | 2,34 | 1,74 | 0,20 | |
| J.8 | 357 | I | 1 | X | 8,30 | 2,48 | 1,89 | 0,23 | |
| J.8 | 387 | I | 2 | X | 8,66 | 3,09 | 3,39 | 0,40 | |
| J.8 | 405 | I | 1 | X | 8,24 | 2,48 | 1,54 | 0,21 | |

QUADRO 19 [Cont.]

Artefactos para adorno pessoal: contas de colar recolhidas na Câmara.

| Qd | # | F | Tp | Mp | Øt | Øp | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|---|----|----|-------|------|------|-------|--|
| J.8 | 415 | 4 | 1 | SP | 8,62 | 2,48 | 2,23 | 0,26 | |
| J.8 | 457 | 1 | 2 | SP | 8,90 | 2,81 | 3,38 | 0,42 | |
| J.8 | 496 | 4 | 2 | SP | 8,95 | 2,88 | 2,74 | 0,30 | |
| J.8 | 508 | 4 | 2 | X? | 9,03 | 3,05 | 3,57 | 0,32* | |
| J.8 | 519 | 1 | 2 | X | 8,55 | 2,54 | 1,73 | 0,23 | |
| J.8 | 534 | 1 | 1 | X | 5,45 | 1,94 | 1,73 | 0,08 | GPC |
| J.8 | 538 | 4 | 1 | SP | 10,60 | 3,96 | 3,86 | 0,60 | |
| J.8 | 577 | 1 | 1 | X | 4,05 | 1,63 | 1,20 | 0,04 | GPC |
| J.8 | 579 | 4 | 2 | X | 8,81 | 3,09 | 2,40 | 0,33 | |
| J.8 | 589 | 1 | 2 | X | 8,27 | 2,52 | 2,15 | 0,24 | |
| J.8 | 641 | 1 | 2 | X | 8,06 | 2,04 | 2,28 | 0,27 | |
| J.8 | 644 | 1 | 2 | X | 8,55 | 2,50 | 2,94 | 0,29 | |
| J.8 | 645 | 2 | 2 | SP | 9,36 | 2,06 | 4,28 | 0,62 | Foi colada |
| J.8 | 657 | 1 | 1 | SP | 8,74 | 3,63 | 2,12 | 0,22 | |
| J.8 | 659 | 4 | 2 | SP | 7,20 | 1,90 | 2,57 | 0,20 | |
| J.8 | 669 | 1 | 1 | X | 9,76 | 2,53 | 3,31 | 0,57 | |
| J.8 | 670 | 4 | 2 | SP | 9,00 | 2,72 | 3,37 | 0,40 | |
| J.8 | 697 | 1 | 2 | X | 5,69 | 2,10 | 1,62 | 0,07 | GPC |
| J.8 | 698 | 1 | 2 | X | 5,59 | 2,22 | 1,23 | 0,07 | GPC |
| J.8 | 737 | 1 | 2 | X | 5,44 | 2,77 | 1,64 | 0,08 | GPC |
| J.8 | 750 | 4 | 2 | SP | 7,62 | 2,05 | 2,93 | 0,29 | |
| J.8 | 751 | 4 | 2 | SP | 9,31 | 2,87 | 3,23 | 0,41 | |
| J.8 | 768 | 2 | 1 | SP | 9,16 | 3,05 | 4,12 | 0,61 | Sob ECm-5 de 2.ª fase. Perfil em tronco de cone |
| J.9 | 3 | 1 | 2 | SP | — | — | 2,09 | 0,09* | Fragmento. Não desenhada |
| J.9 | 37 | 1 | 1 | X | 8,47 | 2,10 | 1,60 | 0,18 | Partida no sentido transversal? |
| J.9 | 38 | 4 | 2 | X | 9,05 | 2,68 | 4,64 | 0,53 | |
| J.9 | 43 | 1 | 2 | X | 8,87 | 2,09 | 2,13 | 0,27 | |
| J.9 | 62 | 1 | 3 | SP | 8,52 | 2,45 | 2,72 | 0,18* | Não foi desenhada. Inclusões dispersas de biotite. Fragmentada |
| J.9 | 67 | 2 | 2 | SP | 9,53 | 2,74 | 3,95 | 0,65 | |
| J.9 | 72 | 1 | 2 | X? | 8,44 | 2,99 | 2,31 | 0,24 | |
| J.9 | 73 | 1 | 3 | SP | 8,79 | 2,24 | 1,89 | 0,25 | |
| J.9 | 75 | 1 | 1 | SP | 9,27 | 3,50 | 2,23 | 0,25 | |
| J.9 | 81 | 1 | 1 | X | 9,33 | 2,64 | 2,77 | 0,38 | |
| J.9 | 113 | 1 | 1 | SP | 8,28 | 2,58 | 2,94 | 0,35 | |
| J.9 | 128 | 4 | 2 | X | 8,51 | 2,57 | 2,72 | 0,33 | |

GPC: Grupo das pequenas contas. GCDXL: Grupo das contas de xisto laminar

Contas de colar discóides recolhidas na Câmara junto ao esteio de cabeceira, a um z de 205,38 (3, do total de 107)

QUADRO 20

Artefactos para adorno pessoal: grupo de contas de colar discóides recolhidas na Câmara (junto a ECm-4).

| Qd | # | F | Tp | Mp | Øt | Øp | Esp | Peso | Observações |
|-----|----|---|----|----|------|------|------|------|--------------------------------|
| J.9 | 12 | 1 | 2 | X | 8,44 | 2,72 | 3,12 | 0,34 | Perfil em tronco de cone |
| J.9 | 13 | 1 | 2 | SP | 8,71 | 2,71 | 2,83 | 0,34 | Inclusões dispersas de biotite |
| J.9 | 14 | 1 | 2 | X | 8,17 | 2,10 | 1,90 | 0,19 | |

Contas de colar discóides recolhidas na Câmara no alvéolo original do esteio Cm-5, a um z de 204,91, uma delas a 204,93 (11, do total de 107)

QUADRO 21

Artefactos para adorno pessoal: contas de colar recolhidas na Câmara (Cm-5).

| Qd | # | F | Tp | Mp | Øt | Øp | Esp | Peso | Observações |
|-----|-----|----|----|----|------|------|------|------|--|
| J.9 | 99 | 1 | 2 | X | 8,59 | 3,20 | 2,55 | 0,32 | Perfil em tronco de cone |
| J.9 | 100 | 1 | 1 | X | 8,68 | 3,19 | 1,74 | 0,24 | |
| J.9 | 103 | 1 | 2 | X | 8,60 | 2,56 | 2,85 | 0,36 | Inclusões dispersas de biotite |
| J.9 | 104 | 4? | 3 | SP | 8,21 | 2,22 | 2,52 | 0,25 | Inclusões dispersas de anfíbolas pretas |
| J.9 | 105 | 1 | 1 | SP | 8,85 | 2,41 | 2,28 | 0,25 | Inclusões dispersas de anfíbolas pretas |
| J.9 | 106 | 4 | 2 | SP | 8,81 | 2,79 | 2,77 | 0,35 | Inclusões dispersas de granadas (granulotito máfico?) |
| J.9 | 107 | 1 | 2 | X | 8,09 | 1,97 | 2,80 | 0,28 | Perfil em tronco de cone. |
| J.9 | 108 | 1 | 3 | SP | 8,25 | 2,30 | 1,65 | 0,18 | Inclusões dispersas de biotite. Numa das faces, perfuração incompleta: Ø 1,51. |
| J.9 | 109 | 4 | 1 | X | 8,08 | 2,48 | 2,46 | 0,28 | |
| J.9 | 110 | 1 | 2 | X | 8,65 | 2,63 | 1,81 | 0,23 | |
| J.9 | 112 | 1 | 2 | X | 8,55 | 2,28 | 2,60 | 0,30 | |

Contas bitroncocónicas da Câmara (2)

QUADRO 22

Artefactos para adorno pessoal: contas de colar bitroncocónicas recolhidas na Câmara.

| Qd | # | F | Tp | Mp | Larg | Alt | Øp | Peso | Observações |
|-----|-----|---|----|----|-------|-------|------|------|---|
| 1.8 | 176 | 3 | — | C | 18,45 | 11,08 | 1,33 | 1,76 | Categoria TP impossível de observar sem destruir o artefacto. |
| 1.8 | 192 | 3 | 2 | SP | 21,97 | 16,52 | 5,34 | 7,11 | Sinais de uso na perfuração? |

No caso dos componentes de colar com forma bitroncocónica, eles são descritos orientados no sentido da suspensão, portanto com a maior medida na horizontal. Assim, a largura corresponde ao eixo maior da peça e a altura ao diâmetro máximo na ruptura de planos central, uma aresta mais ou menos abatida pelo polimento. Manteve-se a leitura do diâmetro da boca de um dos orifícios para suspensão.

- I.8-192: Aresta ligeiramente abatida, tal como as extremidades. *Desgaste provocado pelo fio de suspensão visível nos orifícios*. Matéria-prima provavelmente proveniente de Serpa ou Mombeja.

Contas de colar recolhidas no *Tumulus* (2)

QUADRO 23

Artefactos para adorno pessoal: contas de colar recolhidas no *Tumulus*.

| Qd | # | F | Tp | Mp | Øt | Øp | Esp | Peso | Observações |
|-----|---|---|----|----|------|------|------|------|------------------------|
| I.7 | 3 | 1 | 2 | SP | 9,01 | 2,62 | 2,65 | 0,28 | Arestas muito boleadas |
| H.9 | 5 | 1 | 2 | X | 8,31 | 2,48 | 3,16 | 0,33 | Arestas boleadas |

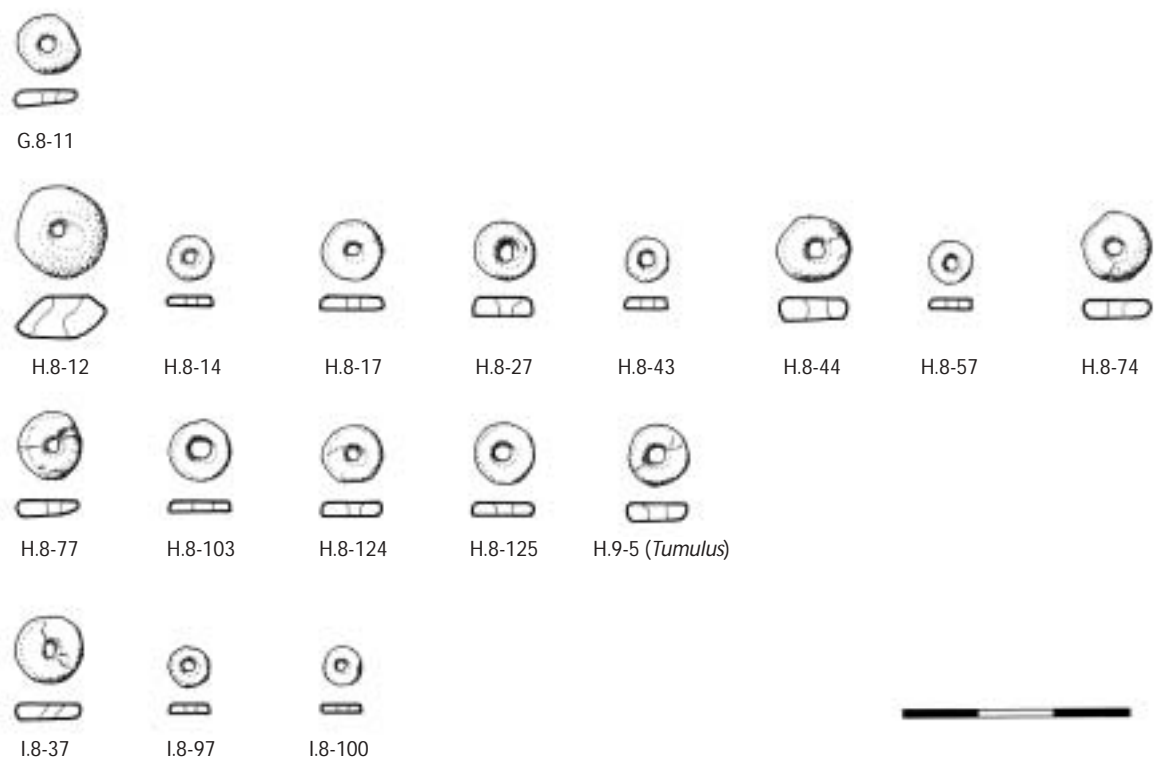


FIG. 59 – Contas de colar provenientes de STAM-3 (1).



FIG. 60 – Contas de colar provenientes de STAM-3 (2).

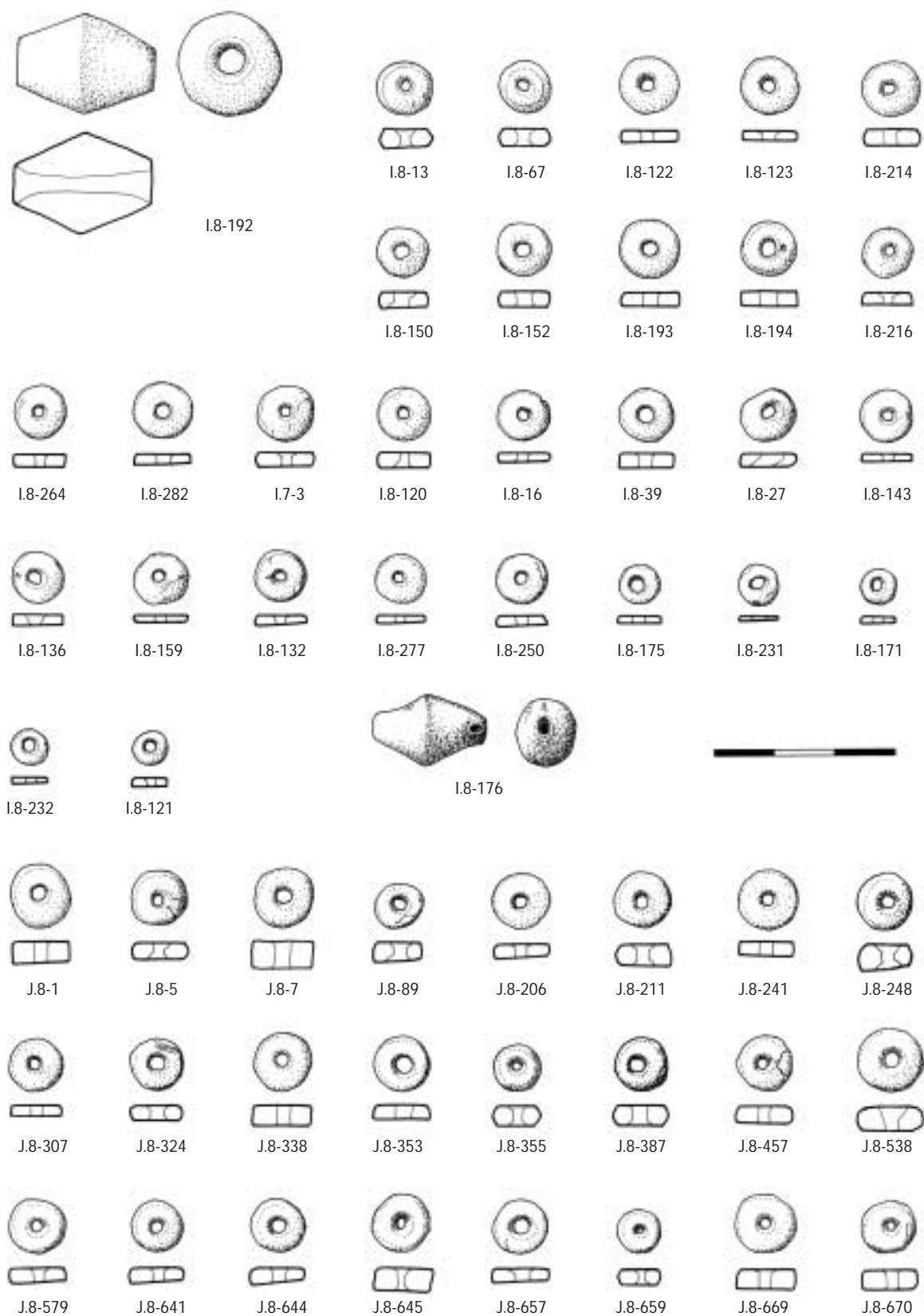


FIG. 61 – Contas de colar provenientes de STAM-3 (3).

6.2.1.4. Artefactos para adorno pessoal: osso polido e alfinetes de cabelo – Fig. 62.

(13 fragmentos, todos provenientes da Câmara, e de idêntica altimetria os que foram registados tridimensionalmente, correspondendo possivelmente a um número mínimo de cinco alfinetes de cabelo)

- EST (estado): 1: extremidade proximal; 2: área mesial (entrando nesta categoria todos os fragmentos que não pertencem claramente às extremidades); 3: extremidade distal
- ALT (altura), em mm, sempre indicada em relação ao fragmento e não à peça, uma vez que não existe nenhuma completa em STAM-3.
- ESP (espessura)
- SC (secção): 1. circular e subcircular; 2. elipsóide.
- TP (traços de polimento): 0. inobserváveis no fragmento; 1. oblíquos; 2. transversais; 3. longitudinais.

QUADRO 24

Artefactos para adorno pessoal: osso polido e alfinetes de cabelo recolhidos na Câmara.

| Qd | # | Est | Alt | Esp | Sc | Tp | Z | Observações |
|-----|------|-----|-------|------|----|----|--------|--|
| I.8 | 167a | 23 | 49,41 | 4,18 | 1 | 1 | 204,98 | Traços de polimento muito densos |
| I.8 | 167b | 2 | 36,36 | 4,45 | 2 | 12 | 204,98 | Registo desdobrado, por se tratar de 2 peças diferentes |
| I.8 | 237 | | | | | | 204,85 | Peça desaparecida |
| J.8 | 592 | 2 | 20,35 | 5,39 | 1 | 12 | 204,85 | |
| J.8 | 634 | 2 | 101 | 6,7 | 12 | 1 | 204,82 | Cinco fragmentos, de que se desenharam três |
| J.8 | 675 | 2 | 31,5 | 4,96 | 1 | 1 | | Crivo. Sinais de fogo em toda a superfície de fractura e fora dela |
| J.8 | 690 | — | — | — | — | — | — | Cinco pequenos frags. muito destruídos e não desenhados |
| J.8 | 716 | — | — | — | — | — | — | Pequeno frag muito destruído e não desenhado |
| J.8 | 717 | 2 | 16,24 | 5,4 | 1 | 12 | — | Crivo. Matéria mineral aderente à secção |
| J.8 | 722 | 123 | 180 | 9,26 | 1 | — | 204,75 | Oito fragmentos. ESP medida no topo |
| J.8 | 742 | 2 | 26,57 | 8,19 | 2 | 0 | — | |
| J.8 | 790 | 3 | | | 1 | | 205,00 | Identificado no laboratório, junto a fauna |
| J.9 | 115 | 2 | 21,93 | 6,28 | 1 | 13 | 204,91 | Alvéolo junto a ECm-5 |

- J.-634: a altura resulta da soma das cinco alturas medidas e cuja discriminação é injustificável. Trata-se indubitavelmente da mesma peça, mas as conexões dos fragmentos não estão claras, devido ao seu mau estado de conservação.
- J.8-722: fragmentos pertencentes a um único alfinete de cabelo monóxilo associado à deposição funerária Cm-7 e à grande placa recortada. A peça estaria completa, mas em muito mau estado de conservação e ao ser retirada fragmentou-se. Logo abaixo do topo do alfinete, arrancam dois sulcos largos, simétricos, que dão ao topo um vago aspecto antropomórfico. Do sulco da direita, partem quatro incisões quase horizontais, paralelas, que nem são ocasionais, nem têm que ver com o polimento intenso que a peça sofreu. Devido à destruição registada no lado esquerdo, não é possível dizer se existiriam outras incisões de esse lado. A peça foi impregnada manualmente com *Paraloid*, como forma de impedir a desintegração activa que estava a sofrer. A degradação do osso é de tal ordem, que foi desenhada por lavar e consequentemente não foi possível observar as superfícies limpas, uma vez que tal implicaria a destruição do que restava de este artefacto.

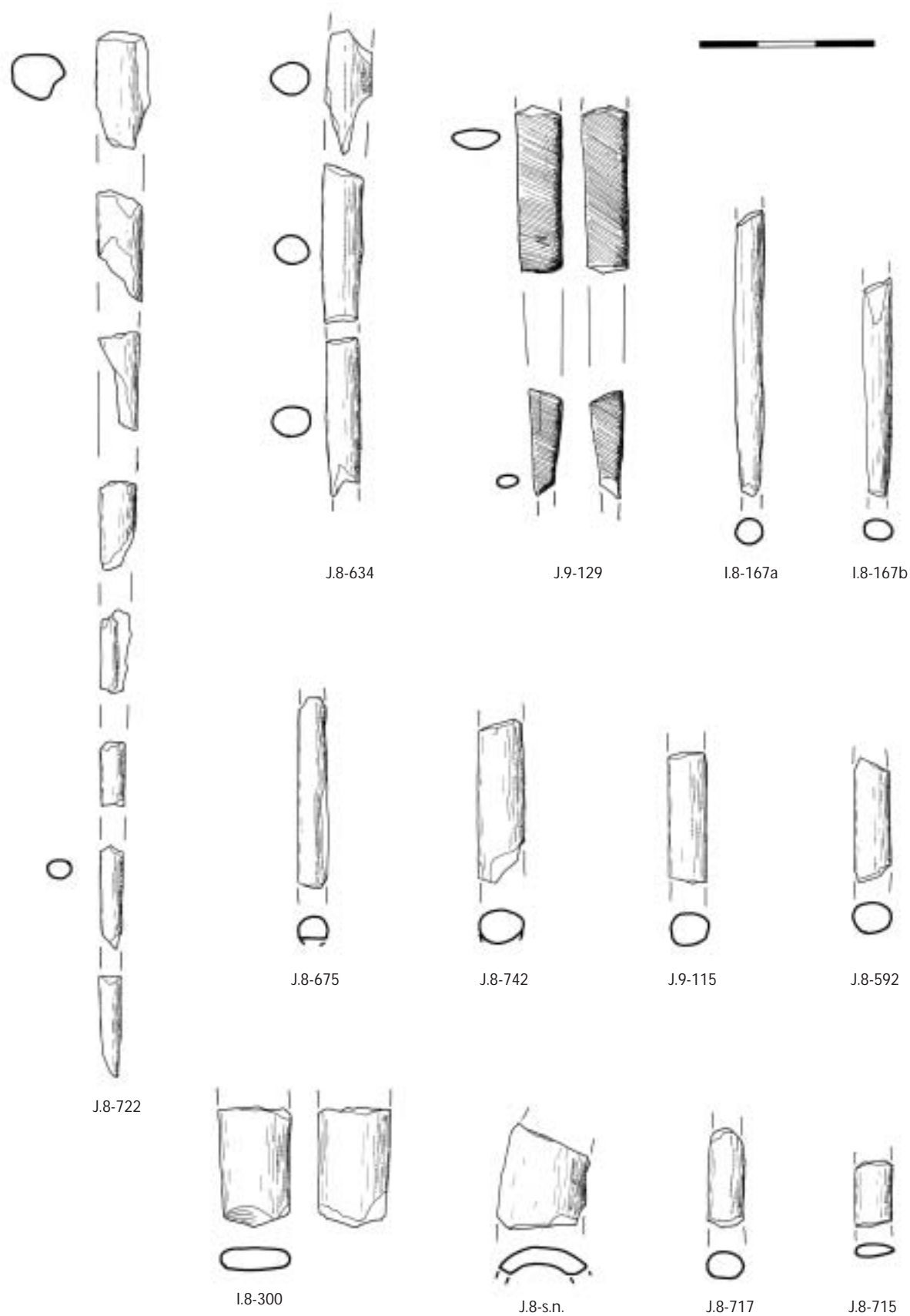


FIG. 62 – Artefactos de osso polido provenientes de STAM-3.

Outros artefactos de osso polido que não alfinetes de cabelo

QUADRO 25

Artefactos de osso polido, que não alfinetes de cabelo, recolhidos na Câmara.

| Qd | n.º | Est | Alt | Esp | Sc | Tp | Observações |
|-----|-----|-----|--------|------|----|----|---|
| I.8 | 300 | 2 | 20,4* | 3,82 | 2 | + | |
| J.8 | 715 | 2 | 10,57* | 2,28 | 2 | + | Talvez um fragmento de um furador. |
| J.9 | 129 | 23 | ** | ** | 2 | + | O fragmento maior tem a altura de 28,39, a largura de 7,43, a espessura de 3,59 mm. O mais pequeno tem a altura de 17,03, largura de 4,32, a espessura de 2,19. |

- I.8-300: Provavelmente parte da área mesial de um artefacto de osso polido que sofreu acção ou contacto com fogo em microáreas da sua superfície; traços de polimento oblíquos à linha longitudinal do artefacto
- J.9-129: são dois fragmentos do que pode ter sido um furador ou um instrumento afim, mas pouco provavelmente um alfinete de cabelo, uma vez que estes normalmente não são espatulados na área mesial e na extremidade distal. Regista muito intensos e apertados traços de polimento, oblíquos e por vezes quase transversais (no bordo).

6.2.1.5. Cerâmica

Na elaboração de uma listagem de descritores para a cerâmica recolhida em STAM-3, recuperei mais uma vez, revendo-os, os critérios que usei em 1989 (Gonçalves, 1989a, p. 147-150). Manteve-se assim, como primeira divisória classificativa para os recipientes cerâmicos, e segundo o critério de Balfet, que adoptei, uma separação entre formas *abertas* e *fechadas*, considerando forma aberta toda aquela em que o diâmetro externo da abertura (dea) coincide com o diâmetro máximo (dmx) e forma fechada aquela em que o diâmetro externo da abertura é inferior ao diâmetro máximo. Nos quadros que reúnem as descrições, suprimiram-se as colunas não usadas.

Após a identificação da peça (QD=Quadrado; #=n.º de inventário dentro do quadrado), os descritores são os seguintes:

- FG forma geral: A: aberta; F: fechada.
- EST *estado* compreende as seguintes possibilidades: 1: completo; 2: ligeiramente fragmentado; 3: bordo; 4: bojo; 5: fundo.
- HP *homogeneidade da pasta*: a pasta foi classificada como: 1: compacta; 2: semi-compacta; 3: pouco compacta.
- CNP: Os *componentes não plásticos* foram agrupados quanto ao seu número ou frequência em: 1: abundantes; 2: em número mediano; 3: escassos.
- *quanto às suas dimensões* (CNPd) em: 1: finos (0,1 a 0,25 mm); 2: médios (0,25 a 0,5 mm); 3: grandes (> que 0,5 mm).
- *quanto à matéria prima* identificada (CNPmp): 1: quartzo; 2: quartzo hialino; 3: micas (biotite e moscovite); 4: outros.
- A *cor* dominante (CD) e a secundária (CS) seriam sempre indicadas de acordo com a classificação Munsell, mas consideradas as situações pós deposicionais foram aqui omitidas.
- ASE, ASI: As *superfícies externa* (ASE) e *interna* (ASI) foram classificadas quanto ao acabamento em: 1: rugosa; 2: alisada; 3: polida; 4: aguada; 5: engobe.
- CZ: A *cozedura* foi classificada como: 1: oxidante; 2: redutora; 3: oxidante com arrefecimento redutor; 4: redutora com arrefecimento oxidante.

- BE. BD: O *bordo* foi classificado de acordo com dois critérios, o que registava o seu espessamento (BE) e o que referia a sua orientação ou direcção (BD).
- Quanto ao *espessamento*, consideraram-se as seguintes categorias: 1. não espessado; 2. aplanado; 3. em bisel simples; 4. em bisel duplo; 5. espessado internamente; 6. espessado externamente; 7. «almendrado».
- Quanto à *direcção* do bordo, registaram-se as seguintes categorias: 1. bordo recto; 2. bordo convergente*; 3. exvertido; 4. introvertido.
* quando traduz a convergência num ponto mais ou menos central das paredes interna e externa.

Três aspectos das cerâmicas, as *perfurações*, os *mamilos* e as *carenas*, foram também descritos. As perfurações (PF) podem ter interpretações diversas, sendo as mais comuns duas:

- (1) perfurações para passagem de corda para suspensão; (2) perfurações de reparação, «gatos».
Normalmente só com peças inteiras é possível definir com rigor uma opção, ainda que para as cerâmicas pré-históricas não seja clara a existência de «gatos», frequentes a partir da Idade do Ferro.
- As *perfurações* justificaram as seguintes categorias: 0: inexistentes; 1: não constatadas; 2: isoladas; 3: apareadas.
- MM: Os *mamilos* foram referidos pelas categorias seguintes: 0: inexistentes; 1: não constatados; 2: verticais; 3: horizontais; 4: isolados; 5: apareados.
As categorias 3 a 6 são eventualmente cumulativas.
- CR: as *carenas* foram distribuídas pelas categorias normais: 1. altas; 2. médias; 3 baixas; 4. indetermináveis.
Considerou-se como definidor de uma carena média o facto de ela se situar sensivelmente a metade da altura do recipiente, de uma carena alta o facto de ela se encontrar acima de metade da altura e baixa quando se encontra abaixo daquele indicador.
- D: mediram-se os seguintes *diâmetros*: dia: diâmetro interno da abertura ou boca; dea: diâmetro externo da abertura; dbj: diâmetro do bojo, tanto quando ponto de inflexão, tanto quando carena; dmx: diâmetro máximo.
Sempre que se tratou de um bordo não espessado, em bisel duplo, considerou-se dia=dea e leu-se o diâmetro a partir do ponto de ruptura de inflexão do bisel.
- ESP: mediram-se as seguintes *espessuras**: eb: espessura do bordo; ebj: espessura do bojo; ef: espessura do fundo; emx: espessura máxima.
* quando se trata de um bordo convergente, em bisel simples ou duplo, a medida teórica por defeito é o (zero). Quando referida, diz respeito ao ponto de inflexão de ambas paredes, interna e externa.
- Mediram-se as seguintes alturas: alt: altura total do recipiente; af: altura do fundo.
- Igualmente se registou a largura do lábio (ll).
- Os índices previstos foram os seguintes, ainda que a falta de medidas para os obter (apenas duas situações totalmente fiáveis) tivesse anulado o registo:
 - Índice de profundidade: ip': alt x 100/ dia;
 - 2.º índice de profundidade: ip'': alt x 100/ dmx;
 - Índice de abertura: iab: dea x 100/ dbj;
 - Índice de largura: ill: ll x 100/ dea.

STAM-3, Cerâmicas desenhadas, com formas reconstituídas

Corredor G.8-3; G.8-6; G.8-7; G.8-18; G.8-19; G.8-21; H.8-7 (vaso completo); H.8-70; H.8-72; H.8-76; H.8-107; H.8-143; I.8-91

Câmara Depósito de fundação: J.8-707; J.8-744; J.8-763; J.8-764; J.8-778+J.8-723.

Recolhas gerais na Câmara

I.8-9; I.8-45; I.8-50; I.8-66; I.8-95; I.8-114; I.8-138; I.8-145; I.8-153; I.8-177; I.8-184; I.8-185+I.8-40; I.8-212; I.8-221; I.8-224; I.8-225; I.8-228; I.8-229; I.8-236; I.8-291; I.8-305; I.9-4; I.9-7; I.9-15; I.9-23; I.9-29; I.9-30; I.9-31; J.8-14; J.8-15; J.8-21; J.8-85; J.8-86; J.8-104; J.8-113; J.8-199; J.8-349; J.8-363; J.8-418; J.8-432+I.8-303; J.8-448; J.8-488; J.8-553+I.8-147+J.8-352+J.8-529; J.8-607; J.8-638; J.8-639; J.8-785; J.8-787+J.8-676; J.9-1; J.9-4; J.9-16; J.9-19; J.9-59; J.9-69; J.9-79; J.9-80; J.9-127; J.9-130.

O fragmento J.8-220 não permitiu reconstituição de forma. No entanto, sendo parte do único vaso decorado identificado em STAM-3 foi objecto de fotografia individualizada (Fig. 119:1).

Tumulus

D.13-1; E.13-1; F.10-1; F.10-2; H.9-1; H.9-2; I.7-2+SUP-14; K.10-1; K.10-3; K.8-2; SUP-15+SUP-8.

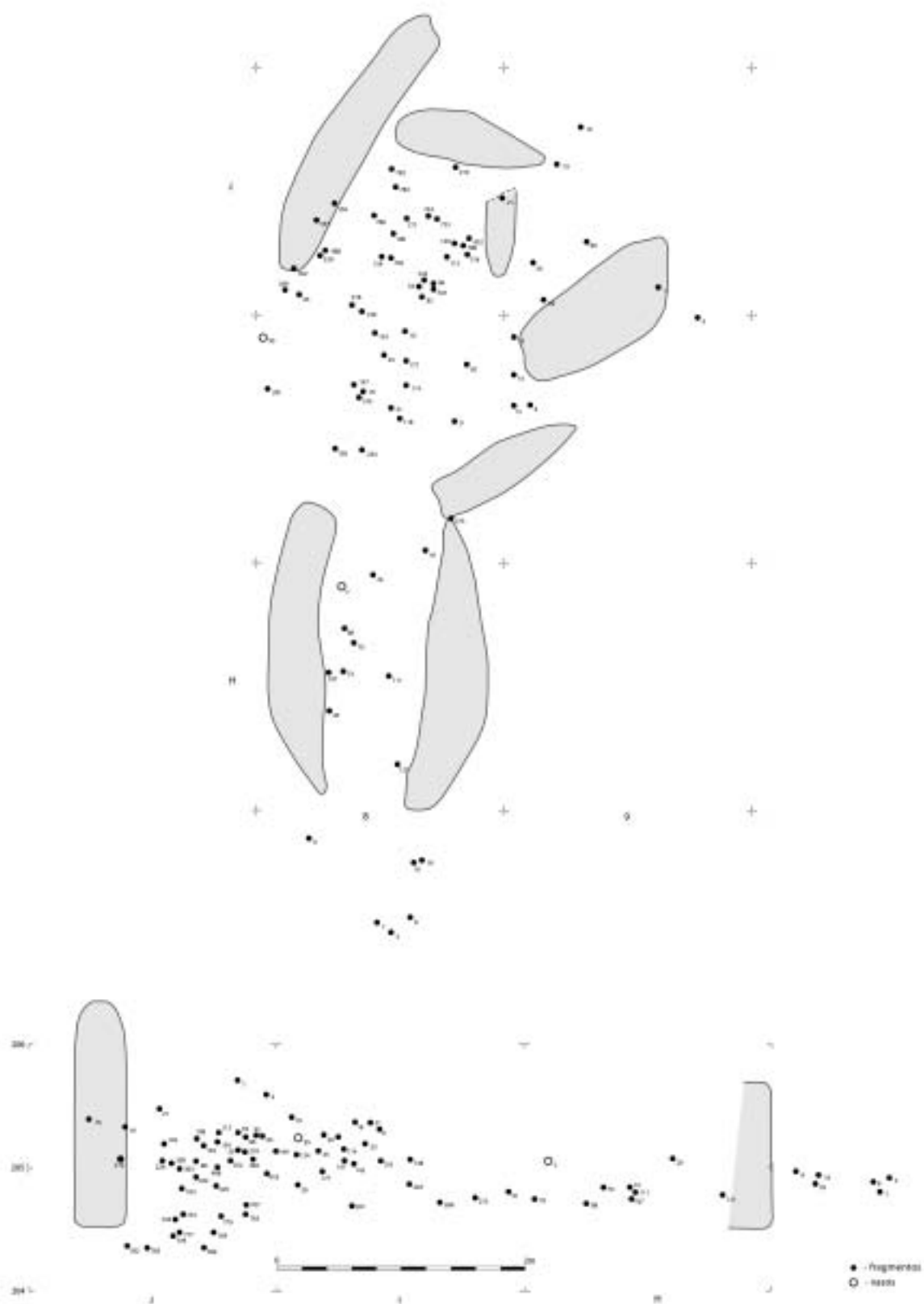


FIG. 63 – Distribuição em planta e perfil da cerâmica recolhida em STAM-3.

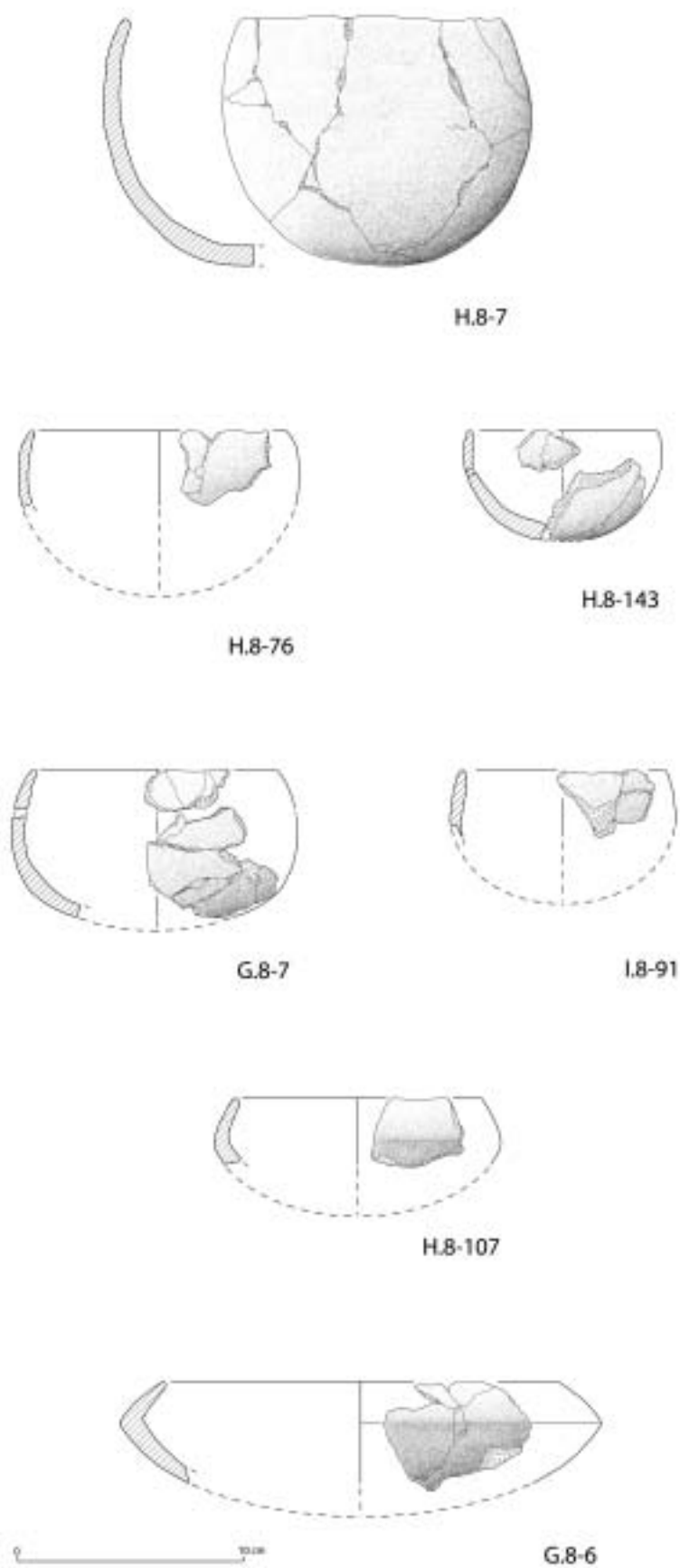


FIG. 64 – Cerâmicas provenientes do Corredor de Stam-3 (I).

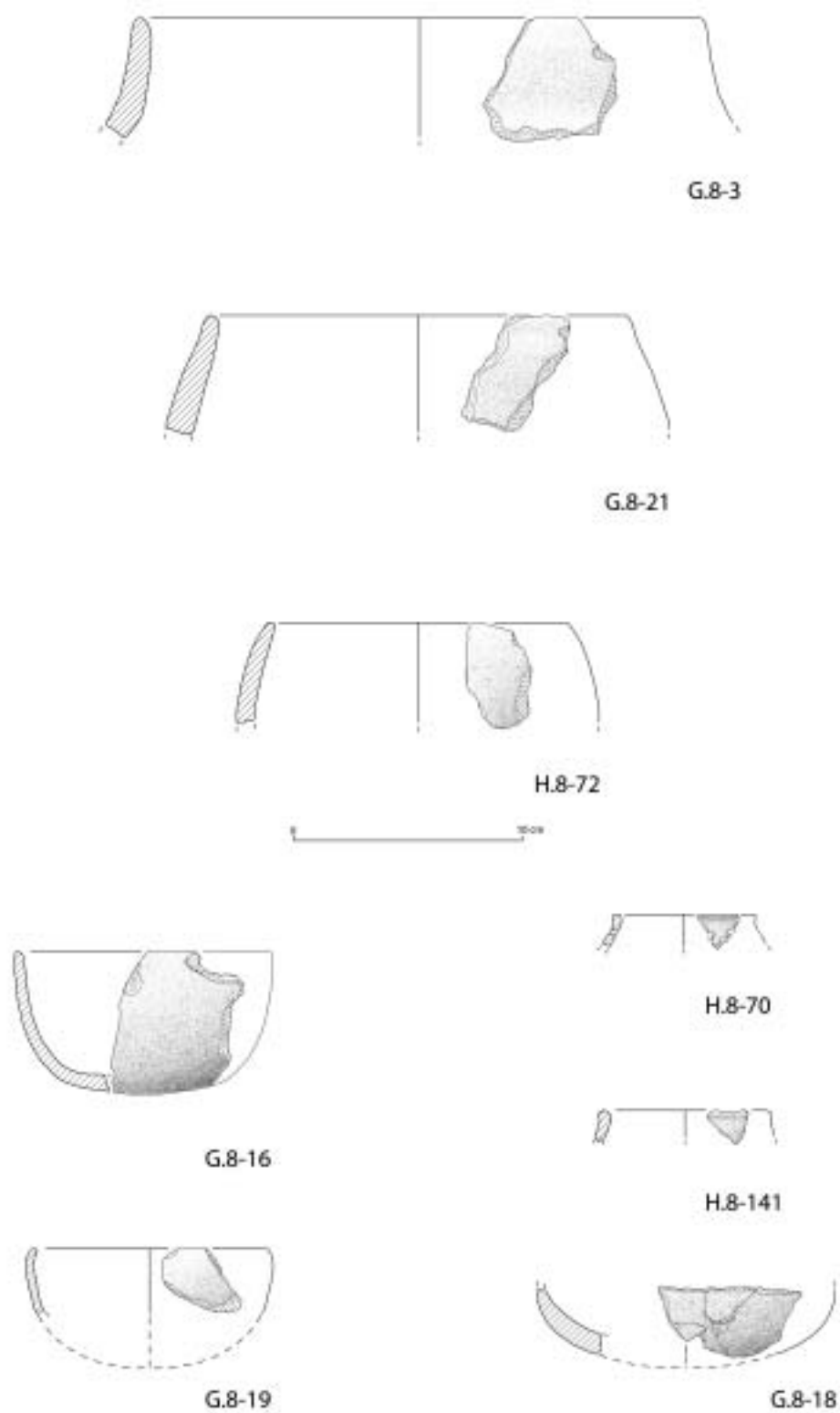


FIG. 65 – Cerâmicas provenientes do Corredor de Stam-3 (2).

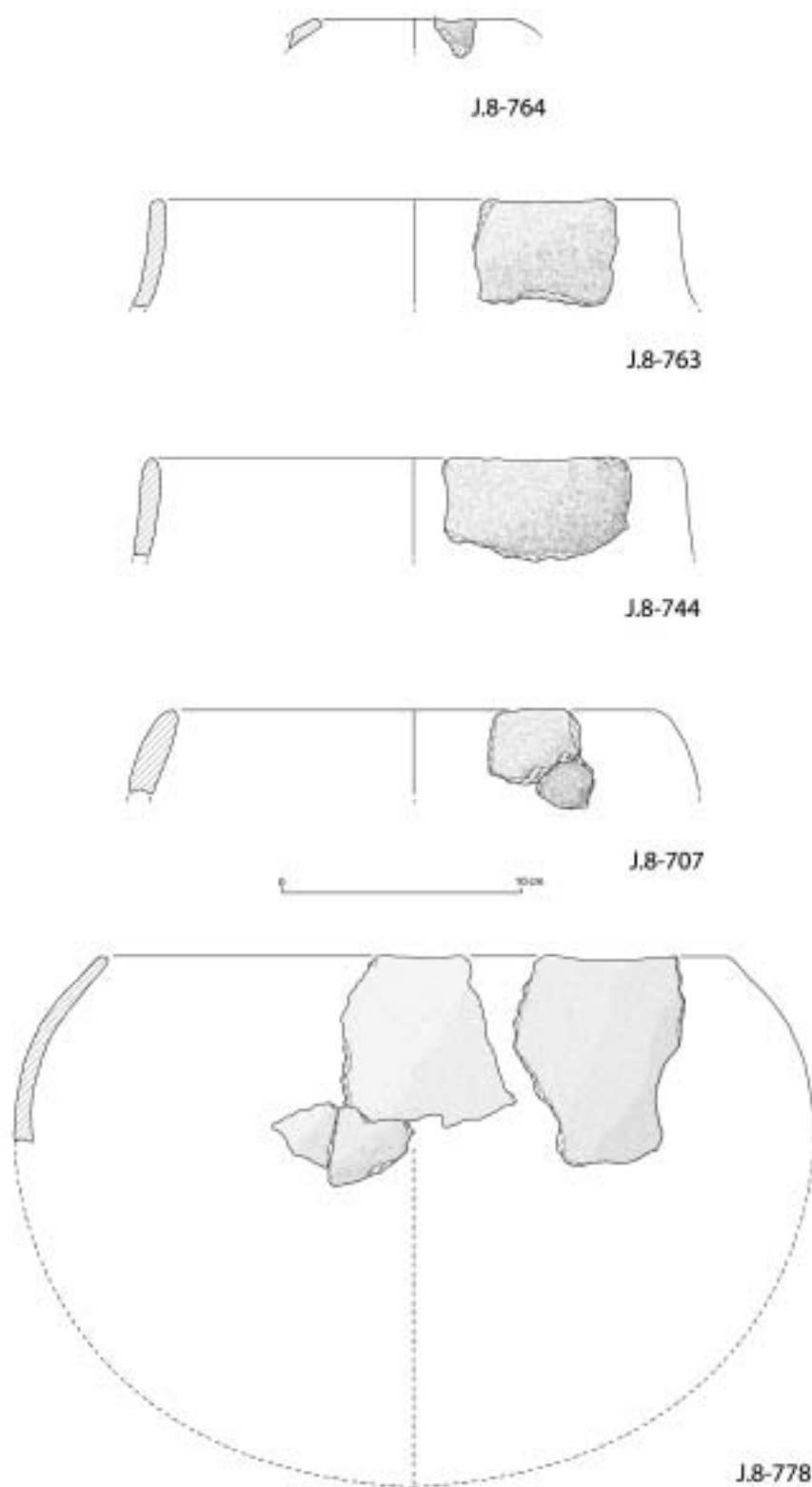


FIG. 66 – Cerâmicas provenientes do depósito de fundação em fossa, na Câmara de Stam-3.

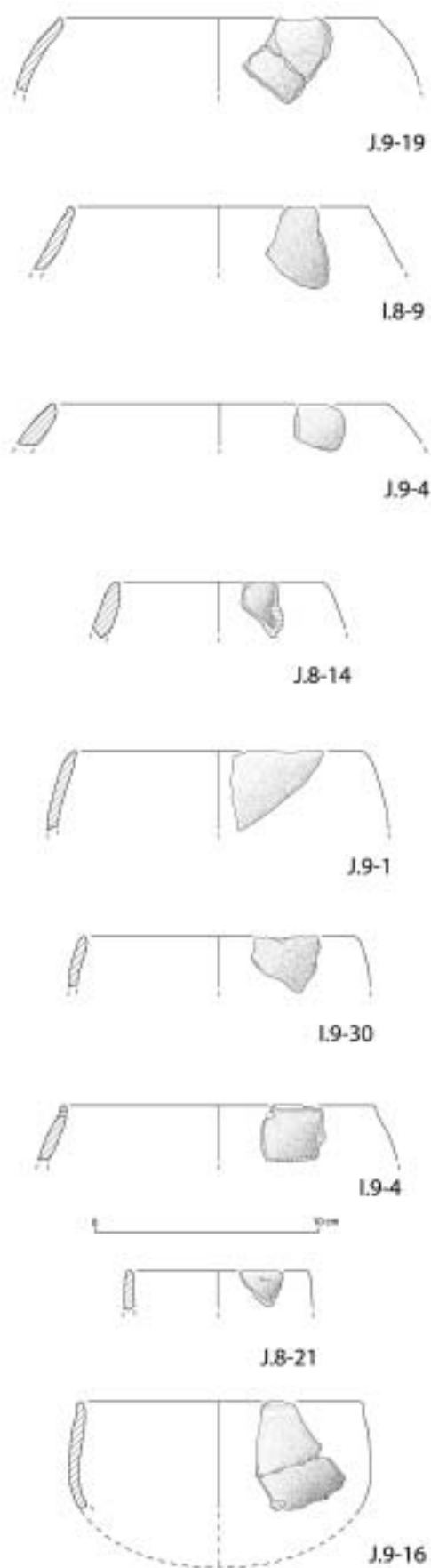


FIG. 67 – Cerâmicas provenientes da Câmara de Stam-3 (1).

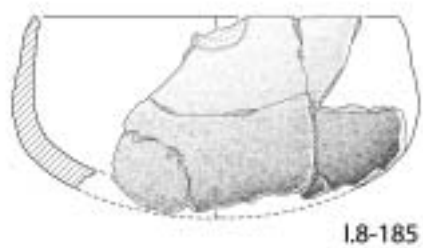
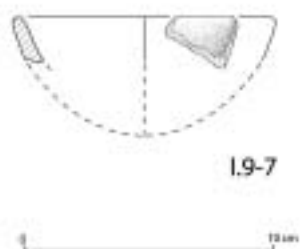
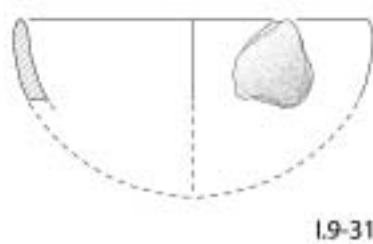
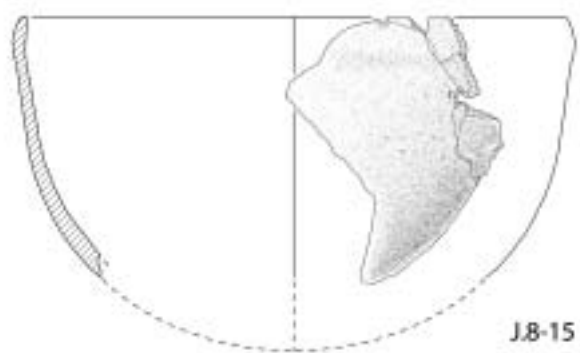


FIG. 68 – Cerâmicas provenientes da Câmara de Stam-3 (2).

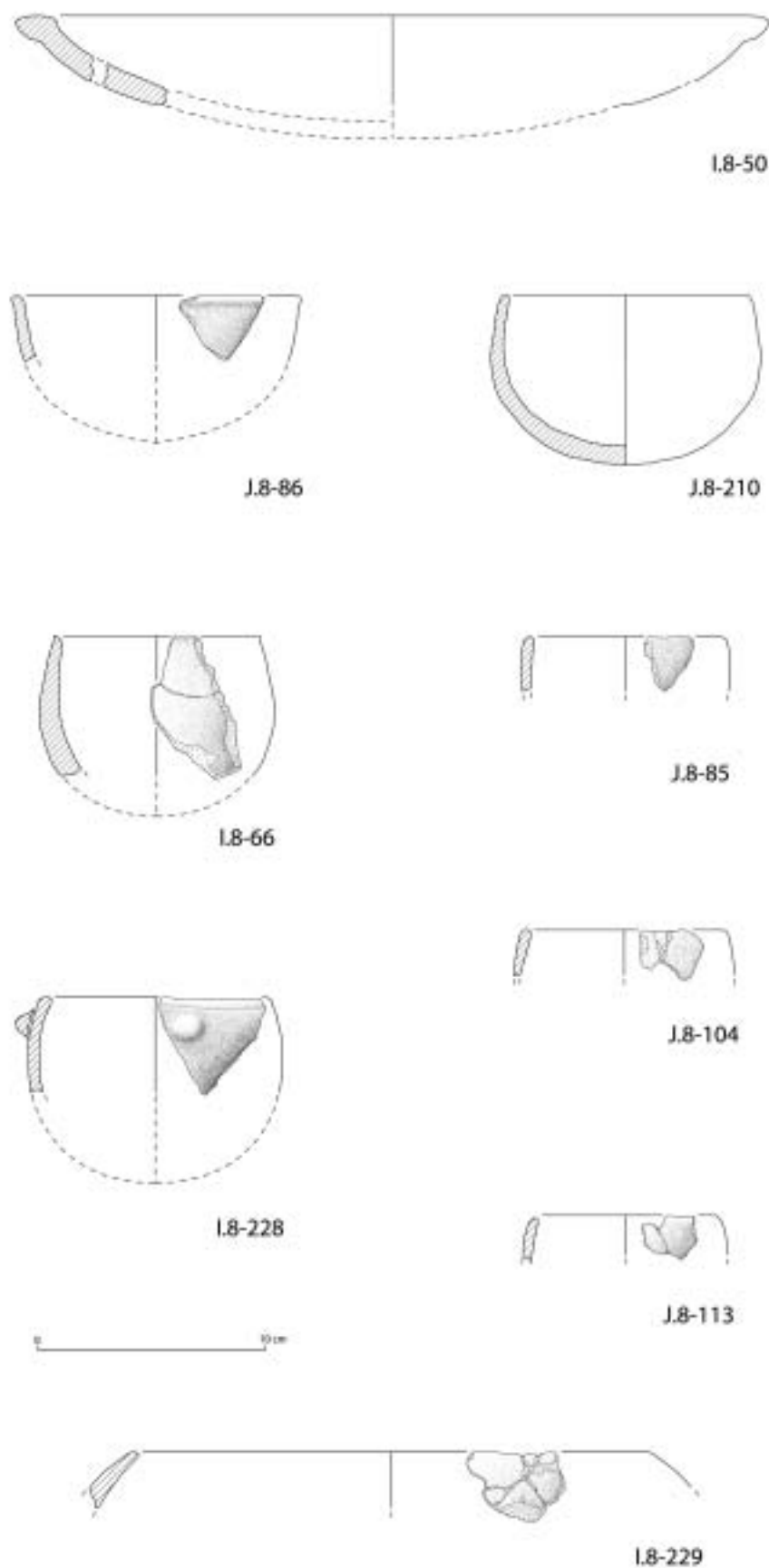


FIG. 69 – Cerâmicas provenientes da Câmara de Stam-3 (3).

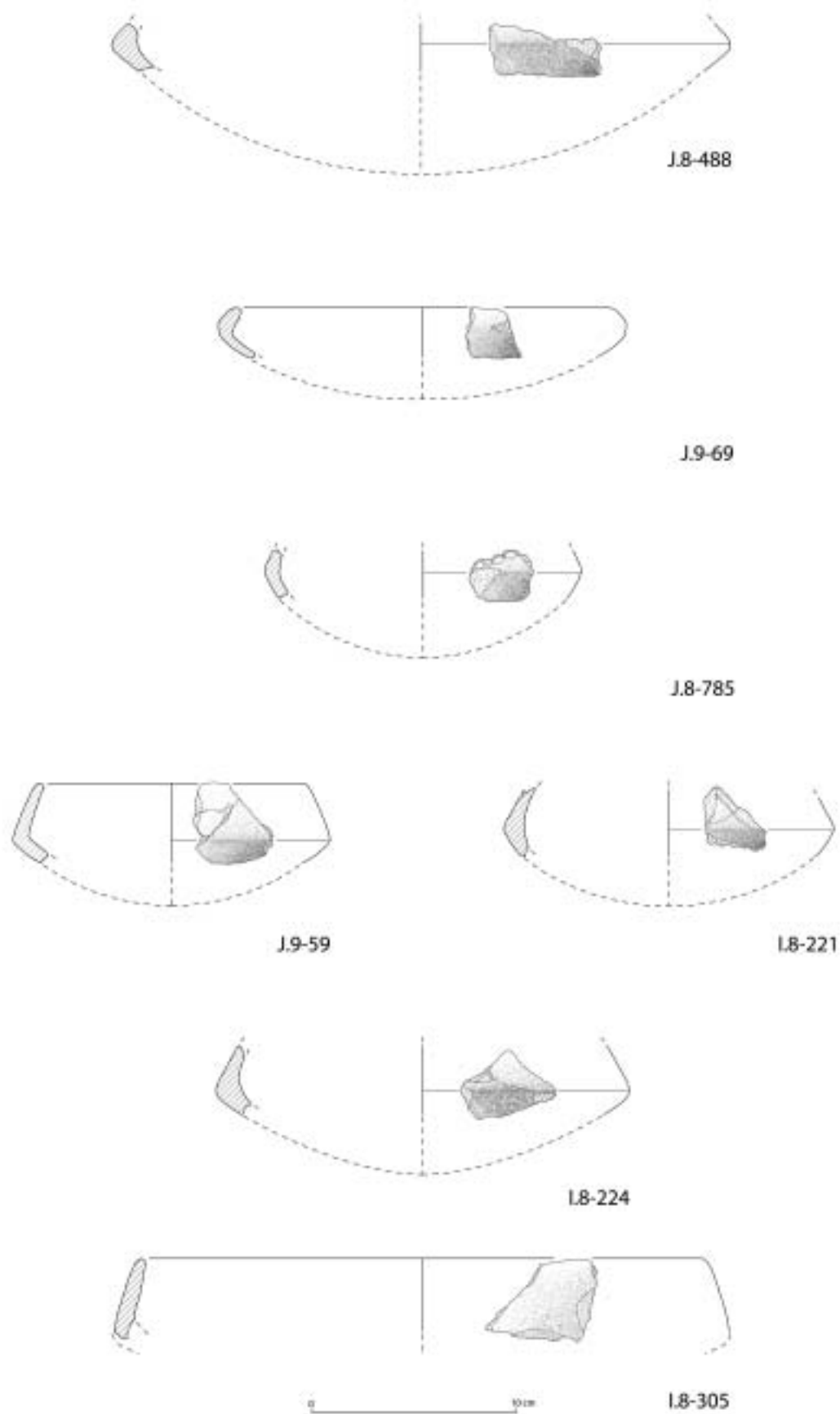


FIG. 70 – Cerâmicas provenientes da Câmara de Stam-3 (4).

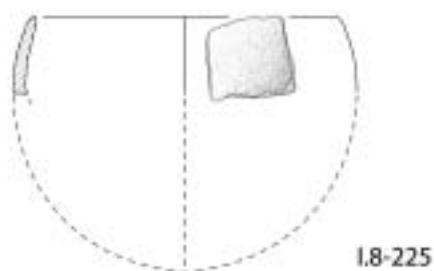


FIG. 71 – Cerâmicas provenientes da Câmara de Stam-3 (5).

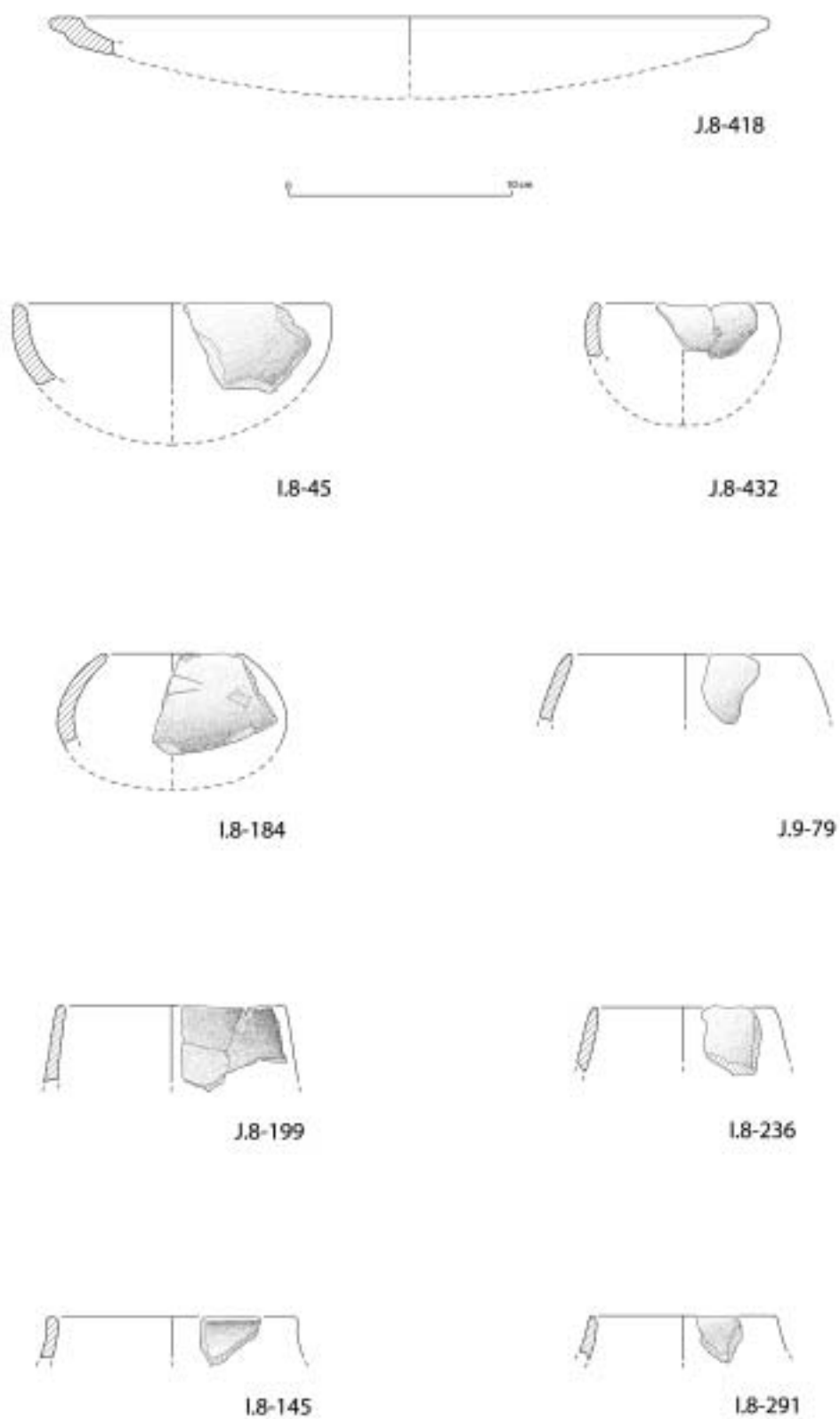


FIG. 72 – Cerâmicas provenientes da Câmara de Stam-3 (6).

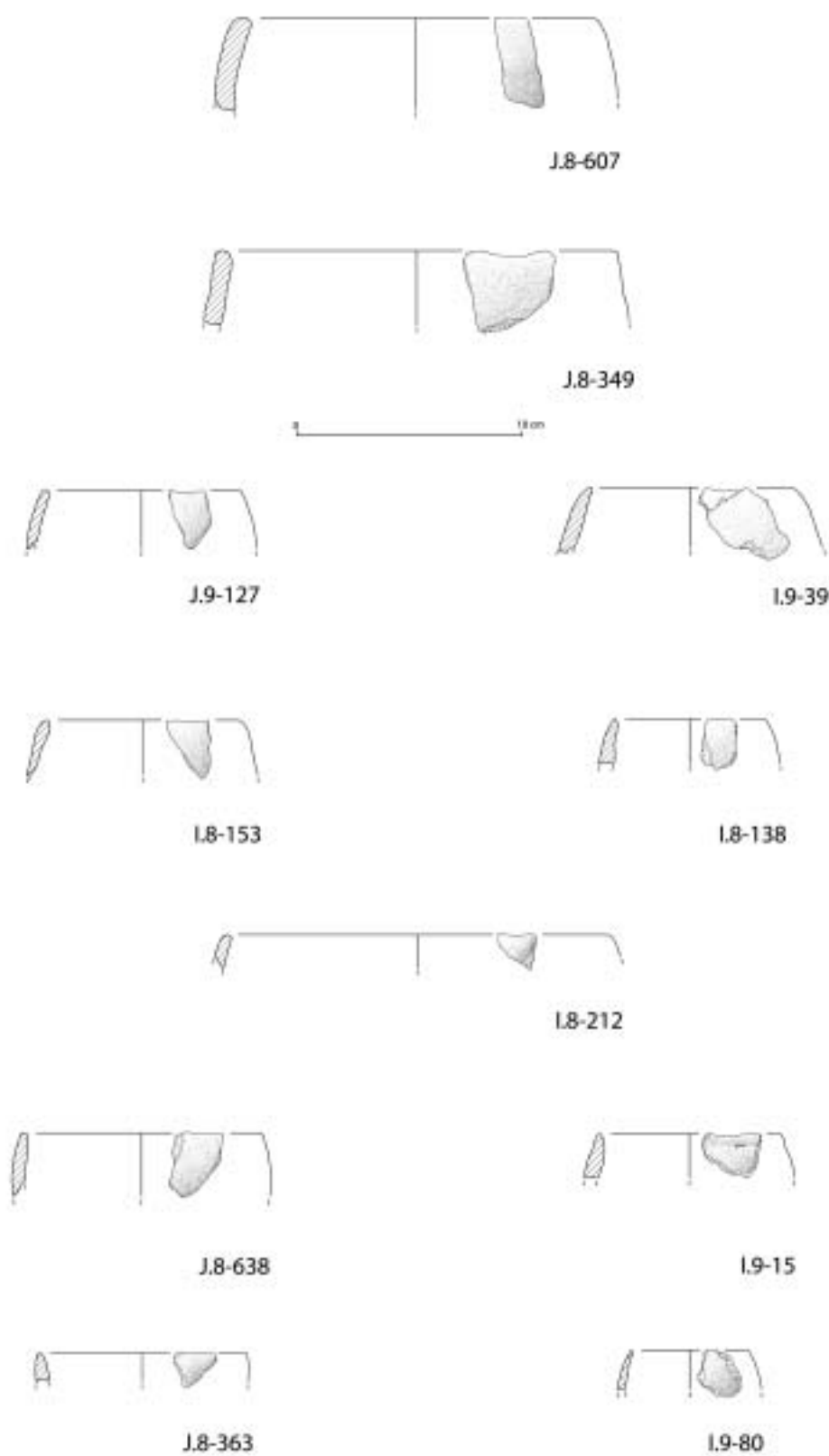


FIG. 73 – Cerâmicas provenientes da Câmara de Stam-3 (7).

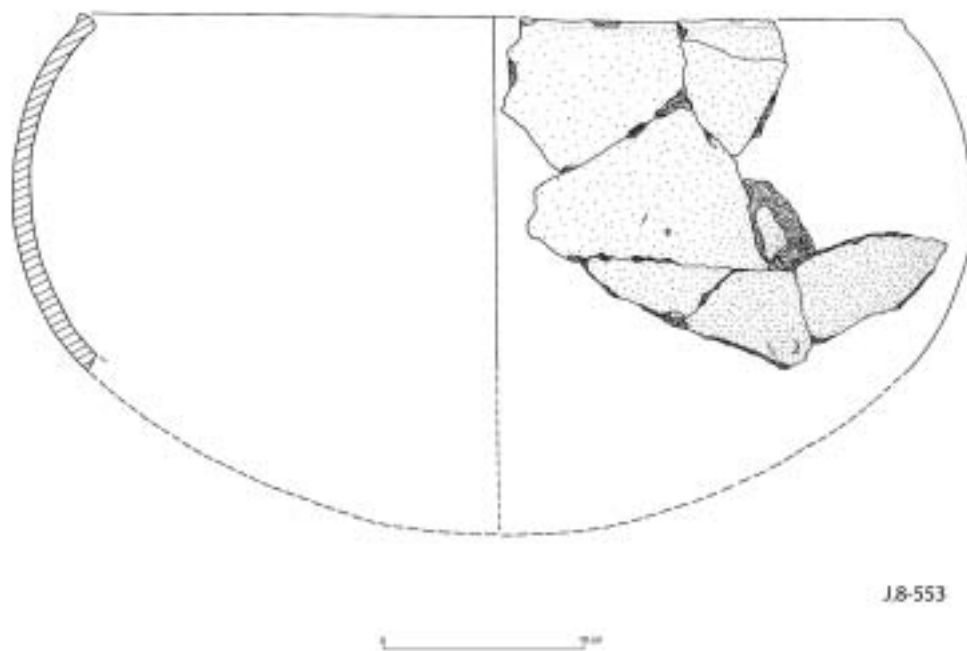


FIG. 74 – Cerâmica (J.8-553) proveniente da Câmara de Stam-3 (8).

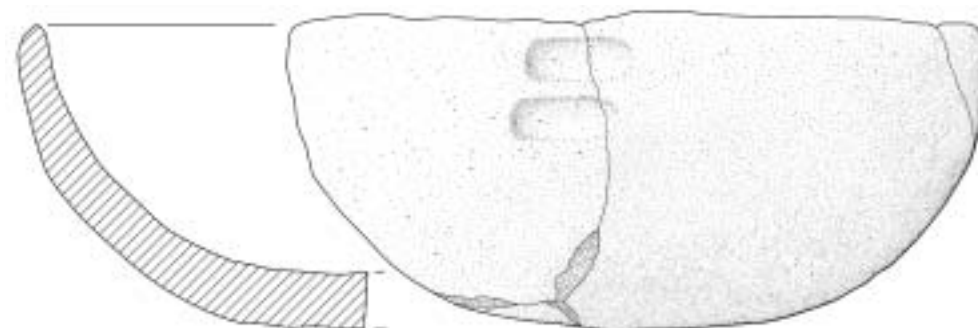


FIG. 75 – Cerâmicas da última fase de uso da Câmara de Stam-3 (taça I.8-95, associada a Cm-3, e I.8-114, esferoidal globular, associado ao cão e com traços internos de combustão de enxofre). I.8-114. Diâmetro externo da abertura de I.8-95: 11 cm.

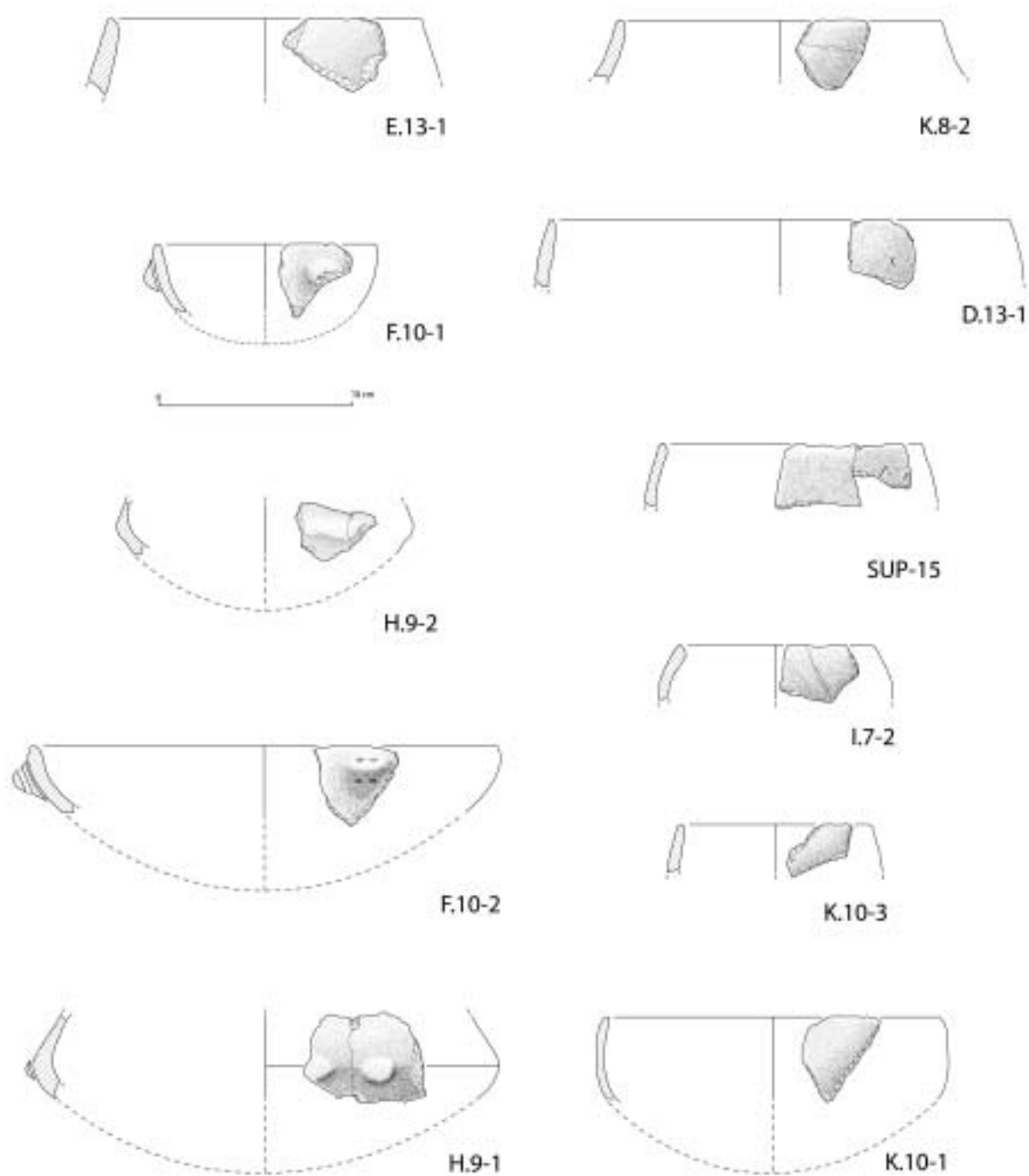


FIG. 76 – Cerâmicas provenientes do *Tumulus* de Stam-3.

6.2.1.5.1. Corredor

Um total de 13 formas identificadas – Fig.64, 65. Fig. 117:1.

QUADRO 26

Cerâmicas recolhidas no Corredor.

| Qd | # | O | Fg | Est | Hp | Cnp | Cnmp | Cnpd | Ase | Asi | Cz | Be | Bd | Pf | Dia | Dea | Dbj | Dmx | ESpb | ESpbj | ESpf | Alt |
|-----|-----|----|----|-----|----|-----|------|------|-----|-----|----|----|----|----|-------|-------|------|------|------|-------|------|------|
| G.8 | 3 | Cr | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | I | I | 12 | 2 | 0 | 12 | 12 | 0 | 0 | 1.4 | 0 | 0 | 0 |
| G.8 | 6 | Cr | F | 34C | 2 | I | 123 | I | 12 | 2 | I | I | 2 | 0 | 17 | 17 | 21 | 21 | 0.5 | 1.1 | 0 | 6* |
| G.8 | 7 | Cr | F | 345 | 2 | I | 123 | I | 12 | 12 | 2 | I | 2 | 0 | 10.6 | 10.6 | 12.7 | 12.7 | 0.4 | 0.6 | 0 | 7.2* |
| G.8 | 18 | Cr | A | 45 | 3 | I | 123 | I | I | 2 | I | I | 2 | 0 | 12.4* | 12.4* | 0 | 0 | 0.7 | 0 | 0 | 0 |
| G.8 | 19 | Cr | F | 3 | 2 | 2 | 123 | 12 | 2 | 2 | 2 | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0.4 | 0 | 0 | 0 |
| G.8 | 21 | Cr | F | 3 | I | I | 123 | 12 | 2 | I | I | I | 2 | 0 | 17.2 | 18 | 0 | 0 | 0.9 | 0 | 0 | 0 |
| H.8 | 7 | Cr | F | 2 | 3 | I | 123 | 12 | I | 2 | 2 | I | 12 | 0 | 11.3 | 11.3 | 13.4 | 13.4 | 0.4 | 0.8 | 0.9 | 11 |
| H.8 | 70 | Cr | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | I | I | I | I | 3 | 2 | 5.6 | 6.4 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 |
| H.8 | 72 | Cr | F | 3 | I | I | 123 | I | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 12.6 | 12.6 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 0 | 0 |
| H.8 | 76 | Cr | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | 2 | I | 2 | 0 | 5.4 | 5.5 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 7.3* |
| H.8 | 107 | Cr | F | 34 | 2 | I | 123 | I | 12 | 2 | I | I | 2 | 0 | 10 | 10.6 | 12.5 | 12.5 | 0.6 | 0.7 | 0 | 5.2* |
| H.8 | 143 | Cr | F* | 345 | 2 | I | 123 | I | 12 | 2 | I | I | 2 | 0 | 8 | 8 | 8.4 | 8.4 | 0.5 | 0.8 | 1.1 | 5* |
| I.8 | 91 | Cr | F* | 34 | 2 | I | 123 | 12 | 12 | 2 | 2 | I | 2 | 0 | 8.8 | 8.8 | 10 | 10 | 0.6 | 0.7 | 0 | 6* |

Anotações

- H.8-72: nas áreas de fractura, são visíveis sinais de fogo intenso.
- H.8-143: trata-se de uma forma que apenas por milímetros entra na categoria das formas fechadas, de onde ser classificada como *taça em calote, fechada*. Como em todos os casos limite, assinala-se a situação.
- I.8-91: raros e pequenos fragmentos de quartzo.
- G.8-21: manchas vermelhas de origem indeterminada na superfície externa.

6.2.1.5.2. Câmara

Um total de 61 formas identificadas, das quais cinco provenientes do presumível «ritual de fundação».

6.2.1.5.2.1. A «fossa de fundação» – Fig. 66.

QUADRO 27

Cerâmicas recolhidas na Câmara, no depósito efectuado na fossa de fundação.

| Qd | # | O | Fg | Est | Hp | Cnp | Cnmp | Cnpd | Ase | Asi | Cz | Be | Bd | Dia | Dea | Dbj | Dmx | ESpb | Alt |
|-----|-----|----|----|-----|----|-----|------|------|-----|-----|----|----|----|------|------|-----|-----|------|-----|
| J.8 | 707 | FF | F | 3 | 2 | I | 123 | 2 | 2 | I | I | I | 2 | 19.9 | 20 | 0 | 0 | 0.9 | 0 |
| J.8 | 744 | FF | F | 3 | 2 | I | 123 | 2 | 12 | 12 | 3 | I | 2 | 21.4 | 21.4 | 0 | 0 | 0.9 | 0 |
| J.8 | 763 | FF | F | 3 | 2 | I | 123 | 2 | 4 | 4 | 2 | 12 | I | 21 | 22 | 0 | 0 | 0.7 | 0 |
| J.8 | 764 | FF | F | 3 | I | I | 123 | 12 | 5 | 5 | I | 12 | I | 3.8 | 8.4 | 0 | 0 | 0.4 | 0 |
| J.8 | 778 | FF | F | 34 | 3 | I | 123 | 2 | 0 | 2 | 3 | 12 | I | 25.6 | 26 | 34 | 34 | 0.8 | 26* |

Anotações

- J.8-763: visivelmente, ambas superfícies foram alisadas, tendo perdido o seu aspecto original na sequência de fenómenos pós-deposicionais indeterminados.
- J.8-778: a superfície externa, na sequência de fogo intenso, não permite uma correcta leitura sobre o alisamento das superfícies, sendo de crer, no entanto, que corresponde ao do interior, registado como «alisado».

6.2.1.5.2.2. A Câmara – Figs. 67 a 75.

QUADRO 28

Cerâmicas recolhidas na Câmara.

| Qd | # | Fg | Est | Hp | Cnp | Cnmp | Cnpd | Ase | Asi | Cz | Be | Bd | Pf | Mm | Cr | Dia | Dea | Dbj | Dmx | Espb | Espbj | Espf | Alt | Af |
|-----|-----|----|-----|----|-----|-------|------|-----|-----|----|----|----|----|----|----|------|------|------|------|------|-------|------|-------|-----|
| 1.8 | 9 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 3 | 0 | 0 | 0 | 13.2 | 13.2 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 45 | A | 34 | 2 | I | 123 | 12 | 1 | 2 | I | 13 | 2 | 0 | 0 | 0 | 13.7 | 13.7 | 0 | 13.7 | 1.0 | 1 | 0 | 6.3* | 0 |
| 1.8 | 50 | A | 345 | 1 | I | 123 | 12 | 4 | 4 | I | 7 | 3 | 0 | 0 | 0 | 30 | 33 | 0 | 0 | 1.8 | 0 | 0 | | 0 |
| 1.8 | 66 | F | 34 | 2 | I | 123 | 12 | 1 | 1 | I | I | 3 | 0 | 0 | 0 | 8.2 | 9 | 10.2 | 10.2 | 0.5 | 0.9 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 95 | A | 1 | 1 | 12 | 12*3 | 1 | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 11 | 11 | 0 | 11 | 0.4 | 0 | 1.1 | 5.3 | 4.2 |
| 1.8 | 114 | F | 3 | 1 | I | 12*3 | 12 | 4 | 4 | I | 6 | 3 | 2* | 0 | 0 | 5 | 6 | 0 | 0 | 0.4 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 138 | F | 3 | 2 | I | 123 | 1 | 1 | 1 | 2 | I | 1 | 2 | 0 | 0 | 6.4 | 6.4 | 0 | 0 | 0.4 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 145 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | 6 | 3 | 0 | 0 | 0 | 10 | 11.2 | 0 | 0 | 0.7 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 153 | F | 3 | 2 | 12 | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 8.2 | 8.2 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 177 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 3 | 0 | 0 | 0 | 32 | 32 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 184 | F | 34 | 2 | I | 123 | 12 | 1 | 1 | I | I | 3* | 0 | 0 | 0 | 5.8 | 5.8 | 0 | 0 | 0.7 | 1 | 0 | 6.1 | 0 |
| 1.8 | 185 | F | 345 | 2 | I | 123 | 12 | 5 | 5 | 4 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 14.4 | 14.4 | 16 | 16 | 0.7 | 0.8 | 1.2 | 8.1 | 0 |
| 1.8 | 212 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 16.4 | 16.4 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 221 | F | 4C | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2* | 0 | 0 | 16 | 16 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 224 | F | 4C | 2 | I | 123 | 123 | 2 | 2 | I | 0 | 0 | 0 | 0 | 2* | 0 | 0 | 20 | 20 | 0 | 7 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 225 | F | 3 | 2 | I | 123 | 1 | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 12 | 12 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 228 | F | 34 | 1 | I | 12*34 | 12 | 2 | 2 | 2 | I | 2 | 0 | 4* | 0 | 9.2 | 10.2 | 10.8 | 10.8 | 0.6 | 0.5 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 229 | F | 3 | 3 | I | 12*3 | 12 | 4 | 4 | I | I | 1 | 0 | 0 | 0 | 22.2 | 22.2 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 236 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 1 | 1 | 4 | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 7.6 | 7.6 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 291 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | 2 | I | 3* | 0 | 0 | 0 | 3.8 | 8 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.8 | 305 | F | 34C | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 3 | 27 | 27 | 30 | 30 | 0.7 | 1.5* | 0 | 0 | 0 |
| 1.9 | 4 | F | 3 | 1 | I | 123 | 12 | 1 | 1 | I | I | 3 | 2 | 0 | 0 | 13.6 | 14 | 0 | 0 | 0.4 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.9 | 7 | A | 3 | 1 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | 2 | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 10 | 10 | 0 | 10 | 0.7 | 0 | 0 | 8* | 0 |
| 1.9 | 15 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | 4 | I | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.9 | 23 | F | 3 | 2 | I | 123 | 2 | 4 | 4 | 4 | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 13.4 | 13.4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.9 | 29 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 1 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 8.8 | 8.8 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.9 | 30 | F | 3 | 1 | I | 123 | 12 | 1 | 1 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 12 | 12 | 0 | 0 | 0.3 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1.9 | 31 | A | 3 | 1 | I | 123 | 12 | 4 | 4 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 15.6 | 15.6 | 15.6 | 15.6 | 0.5 | 0 | 0 | 7* | 0 |
| J.8 | 14 | F | 3 | 2 | I | 123 | 1 | 2 | 2 | 2 | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 9 | 9 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 15 | F | 34 | 2 | 12 | 123 | 1 | 4 | 4 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 21.2 | 21.2 | 0 | 0 | 0.5 | 0.6 | 0 | 13* | 0 |
| J.8 | 21 | F | 34 | 1 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 21 | 21 | 0 | 21 | 0.5 | 0.6 | 0 | 13.3* | 0 |
| J.8 | 85 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | 2 | I | 4 | 0 | 0 | 0 | 8.4 | 8.4 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 86 | A | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | 2 | I | 3* | 0 | 0 | 0 | 11.4 | 12.6 | 0 | 0 | 0.7 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 104 | F | 3 | 1 | 2 | 123 | 1 | 4 | 4 | I | I | 1 | 0 | 0 | 0 | 8.2 | 9 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 113 | F | 3 | 3 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 8 | 8 | 0 | 0 | 0.4 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 199 | F | 3 | 12 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | 4 | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 9.6 | 9.6 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 220 | I | 0 | 2 | I | 123 | 12 | 4 | 4 | I | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 349 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | 3 | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 16.2 | 17.6 | 0 | 0 | 0.8 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 363 | A | 3 | 2 | 12 | 123 | 12 | 1 | 1 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 9.4 | 9.4 | 0 | 0 | 0.7 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 418 | A | 3 | 12 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | 7 | 3 | 0 | 0 | 0 | 29.4 | 32 | 0 | 0 | 1.6 | | | | |
| J.8 | 432 | F | 34 | 2 | 12 | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 7.2 | 7.2 | 0 | 0 | 0.4 | 0.8 | 0 | 5.5 | 0 |
| J.8 | 448 | F | 4C | 1 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 30 | 30 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 488 | F | 4C | 1 | I | 123 | 12 | 4 | 4 | I | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 0 | 0 | 30 | 30 | 0 | 1.5 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 553 | F | 34 | 12 | I | 123 | 12 | 4 | 4 | 2 | I | 2 | 0 | 9 | 0 | 36.4 | 38.2 | 45 | 45 | 1.5 | 0 | 0 | 25.4* | 0 |
| J.8 | 607 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 1 | 0 | 0 | 0 | 14.4 | 16 | 0 | 0 | 0.8 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 638 | F | 3 | 2 | I | 123 | 12 | 2 | 2 | I | I | 2 | 0 | 0 | 0 | 10.4 | 10.4 | 0 | 0 | 0.7 | 0 | 0 | 0 | 0 |

QUADRO 28 [Cont.]

Cerâmicas recolhidas na Câmara.

| Qd | # | Fg | Est | Hp | Cnp | Cnmpm | Cnpd | Ase | Asi | Cz | Be | Bd | Pf | Mm | Cr | Dia | Dea | Dbj | Dmx | Espb | Espbj | Espf | Alt | Af |
|-----|-----|----|-----|----|-----|-------|------|-----|-----|----|----|----|----|----|----|------|------|------|------|------|-------|------|------|----|
| J.8 | 639 | F | 3 | 1 | 1 | 123 | 1 | 4 | 4 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 14.4 | 15 | 0 | 0 | 0.4 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 785 | F | 4C | 2 | 1 | 123 | 12 | 2 | 2 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2* | 0 | 0 | 15.4 | 15.4 | 0 | 0.7 | 0 | 0 | 0 |
| J.8 | 787 | F | 3 | 2 | 1 | 123 | 12 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 13 | 14 | 0 | 0 | 1.0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.9 | 1 | F | 3 | 1 | 1 | 123 | 1 | 1 | 4 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 12.6 | 12.6 | 0 | 0 | 0.4 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.9 | 4 | F | 3 | 2 | 2 | 123 | 12 | 2 | 2 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 14.8 | 14.8 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.9 | 16 | F | 3 | 2 | 1 | 123 | 12 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 12.2 | 12.2 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 0 | 7.5* | 0 |
| J.9 | 19 | F | 3 | 2 | 1 | 123 | 12 | 2 | 2 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 14 | 14 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.9 | 59 | F | 34C | 1 | 2 | 123 | 1 | 2 | 5 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 2 | 12.4 | 13.2 | 15.6 | 15.6 | 0.5 | 1.1 | 0 | 0 | 0 |
| J.9 | 69 | F | 34C | 1 | 1 | 123 | 12 | 2 | 2 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 1 | 18 | 18 | 20 | 20 | 0.6 | 0.9 | 0 | 0 | 0 |
| J.9 | 79 | F | 3 | 2 | 1 | 123 | 12 | 5 | 5 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 10 | 10 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.9 | 80 | F | 3 | 2 | 1 | 123 | 12 | 4 | 4 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 5 | 5 | 0 | 0 | 0.3 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.9 | 127 | F | 3 | 12 | 12 | 123 | 1 | 2 | 2 | 2 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 8.1 | 8.1 | 0 | 0 | 0.5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| J.9 | 130 | F | 3 | 2 | 1 | 123 | 12 | 2 | 2 | 3 | 1 | 3 | 0 | 0 | 0 | 17 | 17 | 0 | 0 | 0.8 | 0 | 0 | 0 | 0 |

Anotações

- I.8-9: os componentes não plásticos de quartzo hialino parecem ser todos provenientes do desbaste de cristais para utilização futura como núcleos. Verifica-se assim que vários fragmentos apresentam a transição da base leitosa do cristal no ponto em que foi arrancado do geode para o corpo quase transparente do cristal.
- I.8-95: os componentes não plásticos estão moídos de uma forma intensa e regular, sendo os de quartzo hialino em muito menor número que nas outras cerâmicas observadas. A sua presença é, no entanto, indiscutível.
- I.8-114: associado ao cão. Tal como I.8-228 e -229 ou I.8-95 (a taça associada a Cm-3) caracteriza-se por diferentes componentes não plásticos, sendo o quartzo hialino muito raro, em muito pequenos fragmentos e quase sempre atribuível à base do cristal.
- I.8-221: conserva alisamento interno, muito provavelmente reforçado por aguada.
- I.8-228: componentes não plásticos específicos, sendo os de quartzo hialino quase indetectáveis. O vaso pode ter sido feito a partir de argila de um barreiro diferente. Componentes não plásticos regulares, bem distribuídos e notando-se abundantes traços da perda durante a cozedura de matérias orgânicas. Associado ao esteio Cm-7, poderia tratar-se de cerâmica associada ao momento da reconstrução da Câmara do monumento.
- I.8-229: associado ao esteio Cm-7. Componentes não plásticos de quartzo hialino muito raros.
- I.9-4: perfuração com o diâmetro de 0,26 cm.
- I.9-30: na superfície externa existe um provável negativo de semente.
- I.9-31: na superfície externa, subsistem manchas vermelhas, muito provavelmente de uma aguada com essa cor que foi aplicada ao vaso.
- J.8-86: o alisamento está particularmente bem conservado na parede interna.
- J.8-220: pequeno fragmento de uma parte indeterminada de um vaso decorado, provavelmente da área junto ao bordo. Há a probabilidade de se tratar de uma decoração incisa, grupada logo abaixo da linha de bordo. São visíveis, e bem nítidos, seis sulcos paralelos, irregulares, mais ou menos profundos, e talvez traços de um sétimo. A incisão foi feita com uma pressão irregularmente distribuída ao longo do traçado do sulco, encontrando-se dentro de um mesmo sulco profundidades diferentes. Apesar de ser o único fragmento de cerâmica decorada recolhido em STAM-3, a pasta não apresenta quaisquer alte-

rações significativas em relação aos restantes vasos, sendo inclusivamente de pior qualidade que alguns deles.

- J.8-418: a espessura do bordo corresponde, neste caso, à largura do lábio.
- J.8-553: tecnicamente, poderia ser classificado como um recipiente com bordo espessado, mas, na realidade, o pequeno espessamento registado deriva do aplanamento do bordo e da deslocação de massa deste para o exterior do recipiente.
- J.8-785: tal como outros fragmentos deste sector, este apresenta-se extremamente afectado pelo fogo, numa das suas fracturas. Foi objecto de uma cozedura em meio integralmente redutor, tendo arrefecido em meio oxidante.
- J.9-1: pasta muito homogénea, com componentes não plásticos bem moídos, envolvidos numa argila de grão fino bem triada.
- J.8-15: por poucos milímetros, uma forma fechada. Aguada espessa, parecendo quase engobe.
- J.9-16: bordo convergente (muito ligeiramente exvertido, talvez pelo acabamento da superfície externa).
- J.9-69: apesar de desenhado como uma taça carenada, classificação que se manteve, a pequena dimensão do fragmento impede, como alternativa, que possa ser classificado como vaso de largo bordo invertido, um «vaso lucerna» ou um «vaso tambor». De qualquer forma, a espessura da parede inferior é de 0,4 cm contra o máximo de 0,8 registado para a parede superior, o que é exactamente o inverso do constatado para a maioria das taças carenadas.

6.2.1.5.3. Tumulus

Um total de 11 formas identificadas – Fig. 76.

QUADRO 29

Cerâmicas recolhidas no *Tumulus*.

| Qd | # | O | Fg | Est | Hp | Cnp | Cnmp | Cnpd | Ase | Asi | Cz | Be | Bd | Pf | Mm | Cr | Dia | Dea | Dbj | Dmx | Espb | Espbj | Alt | Class |
|------|----|----|----|-----|----|-----|------|------|-----|-----|----|----|----|----|----|-----|------|------|-----|-----|------|-------|------------------------------|---|
| F.10 | 1 | Tm | A | 3 | 3 | 1 | 123 | 12 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 0 | 3 | 0 | 11 | 11 | 0 | 11 | 0.5 | 0 | 5.3 | Taça mamilada |
| F.10 | 2 | Tm | A | 3 | 3 | 1 | 123 | 12 | 1 | 1 | 1 | 1 | 3 | 3 | 3 | 0 | 24 | 24 | 0 | 24 | 0.8 | 0 | 7.3 | Taça com mamilo alongado 2 x perfurado |
| D.13 | 1 | Tm | F | 3 | 2 | 1 | 123 | 1 | 1 | 1 | 2 | 3 | 2 | 0 | 0 | 0 | 11.5 | 11.5 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 0 | Taça em calote fechada? |
| E.13 | 1 | Tm | F | 3 | 2 | 1 | 1235 | 2 | 2 | 2 | 1 | 2 | 12 | 0 | 0 | 0 | 15.6 | 15.6 | 0 | 0 | 0.82 | 0 | 0 | Troncocónico? |
| H.9 | 1 | Tm | F | 34C | 12 | 2 | 123 | 1 | 2 | 2 | 1 | 0 | 0 | 5 | 3 | 19* | 19* | 22 | 22 | 0 | 1 | 9.5* | Vaso carenado c/ mamilos car | |
| H.9 | 2 | Tm | F | 4C | 12 | 2 | 123 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 4 | 4 | 0 | 0 | 6.9 | 6.9 | 0 | 0.9 | 0 | Vaso carenado c/ mamilo car |
| I.7 | 2 | Tm | F | 3 | 12 | 1 | 123 | 1 | 1* | 5 | 1 | 3 | 3 | 0 | 0 | 0 | 4.6 | 4.9 | 0 | 0 | 0.7 | 0 | 0 | Esférico alto de bordo ligeiramente exvertido |
| K.10 | 1 | Tm | F | 3 | 12 | 2 | 123 | 1 | 2 | 2 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 8.4 | 8.4 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 8* | Taça em calote fechada |
| K.10 | 3 | Tm | F | 3 | 2 | 1 | 123 | 12 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 4.6 | 4.9 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 0 | Vaso esférico fechado? |
| K.8 | 2 | Tm | F | 3 | 12 | 1 | 123 | 12 | 2 | 2 | 3 | 2 | 3 | 0 | 0 | 0 | 16 | 16 | 0 | 0 | 0.6 | 0 | 0 | Pote de colo estrangulado* |
| SP | 15 | Tm | F | 3 | 2 | 1 | 123 | 1 | 1 | 1 | 1 | 5 | 3 | 0 | 0 | 0 | 6.4 | 6.7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | Esférico de bordo ligeiramente exvertido |

Anotações

- E.13-1: apesar de se considerar o bordo como *aplanado*, talvez devesse antes usar-se a expressão *ligeiramente aplanado* ou *com bisel simples arredondado*. A expressão mais adequada poderia também ser *ligeiramente exvertido*, uma vez que o plano da superfície interna se interrompe antes do da superfície externa.
- H.9-1: os mamilos apareados estão sobre a carena.
- H.9-2: a classificação como vaso carenado é feita sob reserva, devido à dificuldade em se saber a posição em altura da carena.
- I.7-2: o bordo deve ser considerado como ligeiramente exvertido.
- K.8-2: a presença do quartzo com restos corticais pode ter traduzido o reaproveitamento de restos de talhe, provenientes da preparação do núcleo e que representariam a remoção das superfícies corticais.
- K.10-1: na superfície interna, são visíveis dois traços, correspondentes a negativos de restos de vegetais que arderam durante a cozedura.
- SUP-15: o bordo é delimitado por uma fina depressão, que poderia justificar a classificação de *muito ligeiramente exvertido*.

6.2.1.5.4. Considerações genéricas

Dos 160 fragmentos recolhidos em STAM-3, foi possível identificar a forma de 13 provenientes do Corredor, 61 provenientes da Câmara e 11 provenientes do *Tumulus*, num total de 85 vasos. O que corresponde a 53% do total de unidades de registo.

Numa leitura mais específica, verifica-se que as percentagens das formas recuperadas variam de acordo com as proveniências: 45% no caso do Corredor, 65% no *Tumulus*, 54% na Câmara. Se a percentagem da Câmara se explica pelas duas violações medievais que a atingiram, e que devem ter fragmentado numerosos vasos, e se no *Tumulus* não se esperaria uma situação diferente, devido ao grau de exposição daquela estrutura, e sobretudo por diversos fragmentos serem muito provavelmente provenientes quer da Câmara quer do Corredor, a situação de este último é mais difícil de esclarecer, uma vez que não parecia ter sido profundamente atingido pelas violações mais recentes. Com maior probabilidade, esta situação seria de atribuir à utilização antiga do próprio Corredor, sendo portanto a fragmentação dos vasos que ele continha ainda pré-histórica.

Quanto à forma geral dos recipientes identificados, verifica-se, na globalidade, uma percentagem de 13% de formas abertas para 87% de formas fechadas, o que é compatível com os contextos funerários da primeira metade do III milénio.

Esta distribuição varia também nos dois componentes essenciais do monumento. No Corredor, a percentagem de formas abertas é de 8% e na Câmara de 13%.

O tipo de formas será discutido na terceira parte desta monografia, ainda que se avance que as formas abertas se referem a diferentes tipos com diferentes significados e as fechadas incluem várias taças carenadas, cuja problemática é, como se sabe, específica.

6.2.1.6. As placas de xisto gravadas

(três placas provenientes do Corredor e 19 provenientes da Câmara).

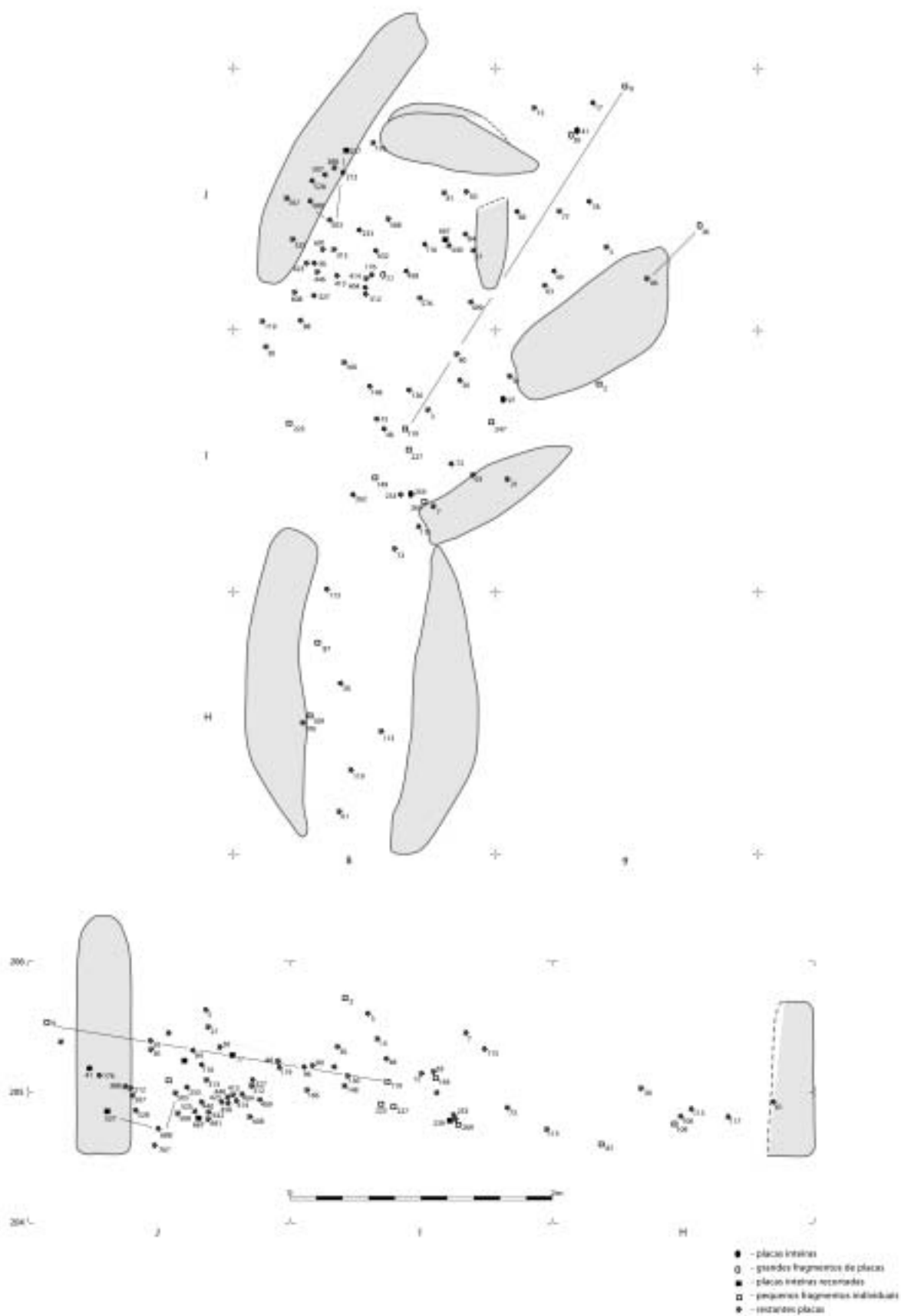



FIG. 77 – Distribuição em planta e perfil das placas de xisto gravadas provenientes de STAM-3 e com registo tridimensional. Escala 1:40. Os traços ligam fragmentos da mesma placa.

6.2.1.6.1. Códigos descritivos adoptados

O lançamento de dois projectos em simultâneo, o do estudo das placas de xisto gravadas da região de Évora e o da revisão do espólio do tholos do Escoural, permitiu avançar decisivamente na definição dos atributos significantes das placas, pelo que os critérios abaixo descritos constituem um primeiro ensaio, muito resumido, do projecto de base de dados actualmente em conclusão.

1. EST: estado, 0 – fragmento indeterminado; 1: inteira ou ligeiramente fragmentada; 2: fragmento do topo (=extremidade distal); P1=1 perfuração; P2=2 perfurações; 3: fragmento da área mesial; 4: fragmento da base (=extremidade proximal); 5: fragmento lamelizado do interior da placa; 6: bordo. Números associados, sempre que as situações se conjugam.
2. Md: motivo dominante no corpo da placa. T: triângulos; Z: linhas ziguezagueantes; ZC: linhas ziguezagueantes com campos verticais de compartimentação; FZ: faixas ziguezagueantes; FZC: faixas ziguezagueantes com campos verticais de compartimentação; Tr: traços (este motivo não está confirmado em placas inteiras, tendo sido identificado em fragmentos provenientes da Câmara como J.8-414. Pela sua reduzida dimensão, poderá tratar-se do interior de uma banda vertical preenchida com oblíquas, produzindo num exemplar completo o efeito de linhas ziguezagueantes compartimentadas na vertical); F: figurativo; o: indeterminável (ou por estar ausente da área da placa equivalente ao fragmento ou por este ser proveniente de uma escama interior ou do verso da placa); quando são referidos dois códigos, o primeiro refere-se à face considerada principal, o segundo ao verso.
3. : descrição individualizada.
4. altura (em cm, tomada na vertical, centrada, por alguns autores descrita como «comprimento»): AT – altura total; ACb: altura do campo considerado «a cabeça»; ASC - altura do campo considerado como separador cabeça corpo. Quando este separador se resume a uma linha, o valor é 0; ACr - altura do campo considerado como o «corpo da placa»; ASb - altura do campo considerado terminal da placa (quando este separador não existe, o valor é 0). Lep: largura, em cm, da extremidade proximal (a base da placa); Led: largura da extremidade distal (o topo da placa, medido no ponto de inflexão ou ruptura que define o fim dos bordos). ESP: espessura, em mm, medida no centro da placa. Apesar de uma aparente conflitualidade de critérios, escolhi usar o registo em cm para as medidas maiores e em mm para as menores, procurando obter, neste último caso, uma maior precisão.
5. O sinal * indica sempre uma medida estimada ou impossível de ler integralmente. No caso dos pequenos ou muito pequenos fragmentos descritos em quadro, a sua forma extremamente irregular desencorajou a tomada de medidas outras que a espessura, sempre seguida de um *, quando não corresponde à real espessura da placa, mas apenas à espessura do fragmento, muitas vezes uma simples escama do interior ou de uma das faces da placa.

6.2.1.6.2. Critérios descritivos adoptados

Contrariamente ao que acontece com os artefactos líticos, e até mesmo com os cerâmicos (não decorados), cuja apresentação pode resumir-se a um simples quadro descritivo, com os parâmetros de uma matriz de dados, as placas de xisto gravadas são produtos ideotécnicos que nem sempre correspondem a uma normalização conversível em atributos codificáveis. O que explica o fracasso de todas as tentativas de criar classificações e descritores automatizados para elas.

De acordo com uma máxima aparentemente algo suicida, excepto para os bárbaros fora da lei agora legalizados por uma legislação permissiva e politicamente cobarde, quando um touro carrega sobre nós o melhor é ir ao seu encontro (e saltar-lhe por cima, como faziam os antigos cretenses, nesse domínio muito mais civilizados que alguns poucos de nós). Assim, não usei aqui qualquer matriz para as placas de xisto gravadas de STAM-3, descrevendo-as uma a uma, sempre que o seu estado o permitiu, após observação directa, com lupa binocular e medição de precisão. Algumas situações, que o próprio desenho não conseguiu registar, foram objecto de macro-fotografia.

1. Todas as placas inteiras, ou com fragmentações que não impediavam uma caracterização pormenorizada, foram objecto de descrições individualizadas, após observação com recurso a uma lupa binocular Wild MZ12. As placas cujo estado não permitia um reconhecimento específico (estado 0 ou 5) ficaram restritas ao Quadro geral, colocado após as descrições individuais. Considerada a sua dimensão, geralmente muito reduzida, não foram medidas, à excepção da espessura, mas apenas indicado o motivo dominante, quando identificável. Nas observações, indicou-se a matéria prima, sempre que esta não era o xisto;
2. as medidas foram sempre tomadas com craveira digital e as diferenças nos extremos confirmadas, em caso de dúvida, por lupa binocular;
3. na cabeça das placas que têm faixas assimiláveis às «pinturas» ou «tatuagens» faciais, elas são referidas, em função do centro do topo da placa, como FE e FD, conforme se encontram no lado esquerdo ou direito e de acordo com o seu número, lido de cima para baixo, ou da esquerda para a direita. Assim, FE-2/3 é a segunda faixa das três registadas no lado esquerdo da cabeça de uma placa.
4. os triângulos preenchidos e vazios, em alternância, nunca sugeriram problemas de leitura nas placas «clássicas»: contabilizaram-se sempre os triângulos preenchidos, considerando-se os vazios como o campo sobran-te de uma banda desenhada para conter triângulos preenchidos. Porém, no caso da placa recortada J.8-667, a situação justificou a adopção de um outro critério. Apesar disso, mantive a estrutura da perspectiva anterior, considerando como erro de paginação os preenchimentos ou vazios consecutivos e aceitando como intencional a existência de espaços que, apesar de grosseiramente triangulares, marcam efectivamente o princípio e o fim da série de triângulos contida numa banda;
5. as bandas do corpo das placas referem-se numeradas de 1 a n , de cima para baixo e os triângulos que contém numerados da esquerda para a direita com indicação do total contido por banda. Assim B2-3/5 refere o terceiro triângulo da segunda banda, que contém um total de cinco;
6. os campos verticais do corpo das placas definidos por traço vertical, e que normalmente contém bandas ziguezagueantes e, em menor número, traços ziguezagueantes, são numerados de 1 a n , da esquerda para a direita. Assim 2/4 refere a segunda coluna de um campo que tem quatro;
7. no corpo das placas, todas os traços ou ziguezagues são numerados de cima para baixo;
8. mesmo entre os fragmentos de placa de muito reduzida dimensão houve lugar, no caso de alguns que o justificavam, a comentários por vezes algo detalhados e resultantes muitas vezes das observações com ampliação. No fim de cada quadro, reuniram-se as mais extensas de essas observações, que, pela sua dimensão, desarticulariam o quadro;
9. sempre que foi possível colar fragmentos de uma placa, ela é referida sempre, em primeiro lugar, pelo componente que regista uma altimetria mais baixa.

6.2.1.6.3. *A propósito do grau de fragmentação das placas de xisto gravadas*

Uma das observações prévias obrigatórias diz respeito ao grau de fragmentação das placas de xisto gravadas recolhidas em STAM-3 (ver Fig. 119:2).

Com excepção de quatro placas intactas e outra relativamente bem conservada, e de alguns poucos fragmentos de grande dimensão (em relação à placa original considerada como um todo), todas as placas gravadas recolhidas quer na Câmara quer no Corredor são efectivamente fragmentos das placas originais, por vezes minúsculos, não ultrapassando nesses casos os 9 mm² (J.9-9: 3,06 x 2,08 mm), alguns mesmo representando parte do interior das placas, sendo portanto «anepígrafos».

Com efeito, se na maior parte dos casos a fragmentação foi feita na vertical dos planos principais das placas (a «frente» e o «verso»), os fragmentos «anepígrafos», claramente identificados como provenientes do interior das placas, traduzem lamelizações do xisto, de origem politraumática, sequelas da violência quase inaudita de fenómenos pós-deposicionais, provavelmente quer dos pré-históricos quer dos medievais, mas mais provavelmente de estes últimos. Não sendo de excluir responsabilidade contemporânea, visível em algumas situações específicas, mas sempre facilmente detectável como tal.

Estes fenómenos pós-deposicionais não podem ter exclusivamente causa recente, se tomarmos em conta que os blocos de esteios partidos cobriam efectivamente o topo da Câmara, mesmo que esta não aparentasse violações contemporâneas das destruições de 2000.

Deve também dizer-se que, tendo já escavado um número razoável de monumentos megalíticos, nunca encontrei um caso semelhante a este pelo grau de fragmentação, quase pulverização, que atingiu diversas placas.

Também o caso do Corredor justifica menção específica: normalmente, o Corredor de um monumento ortostático cessa rapidamente de ser um lugar de passagem para se transformar num lugar de deposições, quando a Câmara atingiu um grau de ocupação que justifica a interrupção do seu uso inicial. Em ambos casos, as placas surgem inteiras ou ligeiramente fragmentadas. O grau de fragmentação extrema registado em STAM-3 é efectivamente muito raro.

Mais curiosa ainda é a situação da Câmara, onde o grau de fragmentação se repete, ainda mais incompreensivelmente se considerarmos que as deposições funerárias Cm-2 e Cm-3 se encontravam em relativamente muito bom estado. Mesmo o estado de fragmentação dos ossos longos do enterramento Cm-2 não é comparável ao das placas, tornando dificilmente compreensível esta situação.

Tenho procurado, por vezes, justificar a fragmentação das placas recolhidas em monumentos megalíticos pelo facto de se tratar eventualmente de segundas inumações. Neste caso, a primeira deposição, no exterior do monumento, teria sido acompanhada por oferendas votivas que o desenterramento e posterior reinumação desconectaram. Mas, sendo as deposições claramente primeiras inumações, este argumento não colhe, por força de razão, neste contexto específico. As próprias evidências do estudo antropológico conduzido por Eugénia Cunha mostraram tratar-se, em todos os casos, de primeiras inumações, confirmando as suposições de terreno.

Concluindo: não há actualmente nenhuma explicação disponível no campo do evanescente mundo dos símbolos para esta realidade. Ela deve ser atribuída exclusivamente à extrema violência politraumática de mais de uma violação do monumento.

6.2.1.6.4. *As placas do Corredor*

(16 registos, incluindo três placas com identificação firme)

6.2.1.6.4.1. A placa H.8-5 – Figs. 78, 79, 80, 81, 82:1 e 105. Figs. 120 e 121.

De entre as placas do Corredor, sobressai H.8-5, uma placa gravada em ambas faces, reaproveitada por recorte da base, com uma única perfuração bitruncocónica.

Trata-se uma placa de xisto com algumas particularidades, que justificam minuciosa análise descritiva:

- Altura máxima actual (ao centro): 12,4 cm.
- Altura máxima reconstituída: cerca de 16,5, mais provavelmente entre 15 e 16,5 cm.
- Espessura na área mesial: 8,89 mm.
- Ø da perfuração na face: 6,42 mm.
- Ø da perfuração no verso: 5,46 mm.

Descrição

Face (Fig. 78)

1. gravação geométrica distribuída por uma área de topo, correspondendo à «cabeça» da placa, e à área considerada como o «Corpo»;
2. a cabeça está organizada assimetricamente, desenvolvendo-se nela motivos estruturados em função de uma área triangulóide central, provida no topo de uma perfuração bitruncocónica. Esta área não está vazia, sendo definida, à esquerda, por um traço espesso, simétrico ao que define o espaço à direita. No campo aberto central, e paralelo ao lado esquerdo, desce uma banda paralela, mas irregular, preenchida com oblíquas intersecantes. Ao traço indicador de limite de espaço da direita adossa-se directamente uma outra banda, mais irregular que a primeira e alargando no sentido cima – baixo;
3. o lado exterior esquerdo possui também três bandas, mas o espaço entre a de cima e o limite superior da placa é marcado por um triângulo de vértice para cima, preenchido por oblíquas intersecantes, que se adossa ao traço esquerdo delimitador da cabeça. Ao lado de este, o espaço rectangular é subdividido por um traço oblíquo entre dois triângulos vazios. No da esquerda, foi esboçado um pequeno triângulo de vértice para cima, com preenchimento de oblíquas descendo da esquerda para a direita. A definição de este pequeno triângulo não está completa, sendo que o sulco que o delimita na base, e à direita, é forte e nítido, enquanto o da esquerda é um traço consideravelmente mais superficial e que se interrompe antes do vértice, sendo, no entanto, ainda visíveis alguns segmentos do traçado original;
4. o lado exterior direito da cabeça está decorado com três bandas irregulares, também preenchidas, adossando-se a inferior ao traço delimitador Cabeça – Corpo da placa. Dois segmentos de círculo concêntricos, separados por 0,55 mm, poderiam configurar a representação de um olho. No entanto, o que seria logicamente o seu par não é visível na parte esquerda da cabeça da placa, pelo que talvez pudesse tratar-se de um acidente de gravação ou de um motivo que começou a ser gravado e depois foi abandonado;
5. o corpo tem a parte inferior fragmentada, mas são identificáveis duas bandas largas, que alargam da direita para a esquerda, tal como se tivessem sido traçadas por um esquerdino pouco hábil, preenchidas com seis triângulos a superior. Na de baixo, apenas são hoje visíveis quatro, mas é muito provável que, originalmente, fossem seis. Todos os triângulos têm o vértice para cima e são preenchidos por oblíquas intersecantes. A altura dos triângulos varia na banda superior (B1) entre os 31,08 mm de leitura real do presumido T-7 e os 34,96 de T-5 e os possíveis 36,13 mm de T-2. A base foi recortada, apresentando uma fractura irregular convexa;

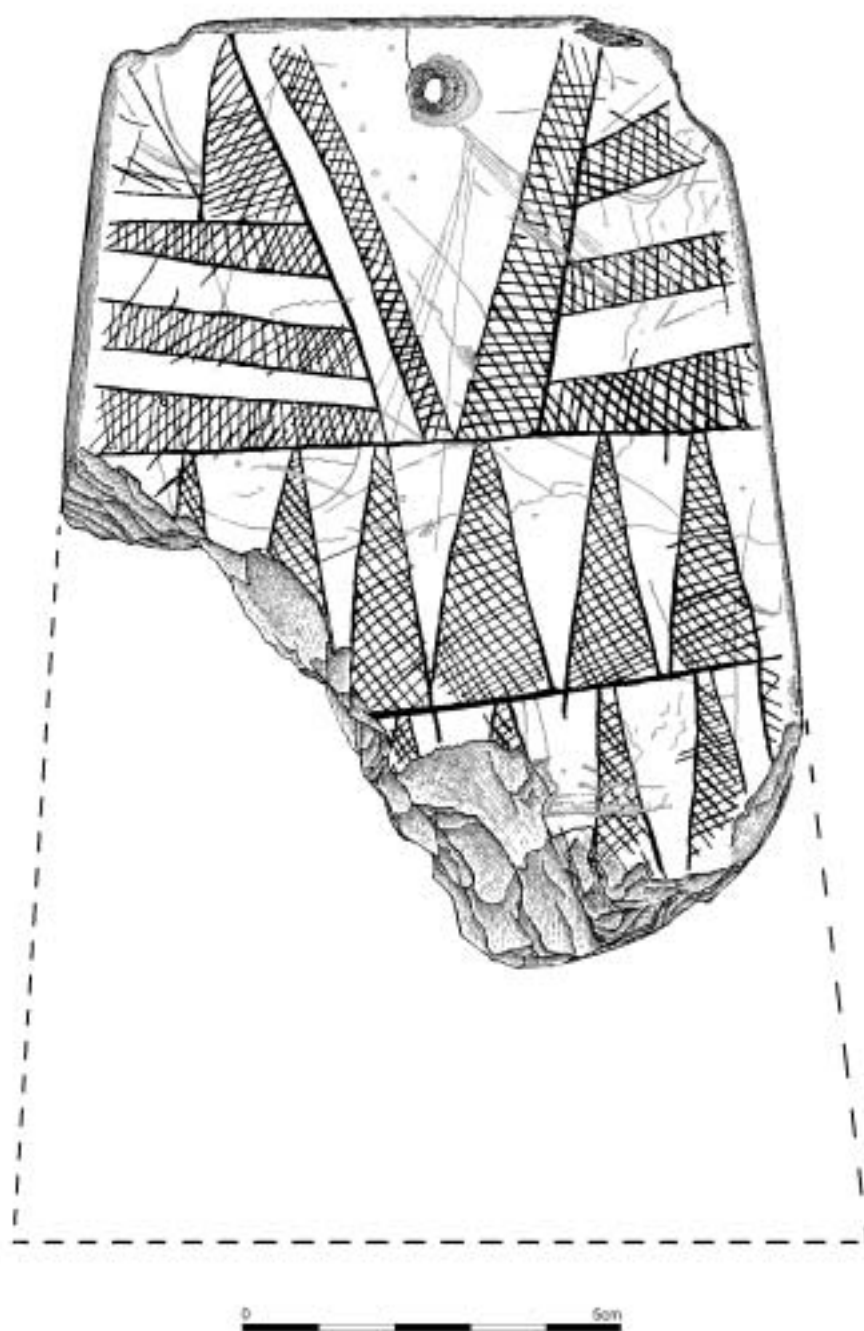


FIG. 78 – Placa H.8-5, face.



FIG. 79 – Placa H.8-5, verso.

Verso (Fig. 79)

1. partindo de um pouco acima da perfuração, reconhece-se um triângulo vazio, de vértice para cima, com o traçado da base ondulante. Dispostos simetricamente, reconhecem-se dois pares de cinco incisões oblíquas, grosseiramente paralelas entre si, descendo dos extremos para o centro. A gravação dos traços faz-se de tal maneira que atinge efectivamente tanto o bordo direito como o esquerdo da placa. Algumas das incisões foram gravadas a traço fino, mas é possível notar diferenças no método de incisão, sendo as mais profundas, naturalmente, sulcos nítidos e as mais superficiais, possivelmente devido ao desgaste do artefacto usado na gravação, apresentam um traçado quase duplo, «desfocado»;
2. na parte inferior esquerda conservada, reconhece-se um motivo escutiforme, subrectangular alongado, de cantos ligeiramente arredondados, preenchido por traços filiformes serpenteantes. A macroobservação mostra que, fora do escudo, existem também alguns filiformes ondulantes, aparecendo alguns com a mesma orientação oblíqua. No canto inferior esquerdo do escudo reconhece-se o que muito provavelmente é um triângulo vazio, de vértice para baixo.

Perfuração

A perfuração aparenta algum desgaste no ponto em que o cordão de suspensão estaria em contacto com o xisto, o que poderia eventualmente indicar um uso em vida do indivíduo. Mas considerando o estado de degradação da matéria prima, não é possível atribuir, com um mínimo de segurança, uma origem antrópica a esta situação, como se sabe, a verificar-se, raríssima. A observação da perfuração no verso parece contradizer a situação presumida numa primeira leitura para a face, apresentando-se sem desgaste.

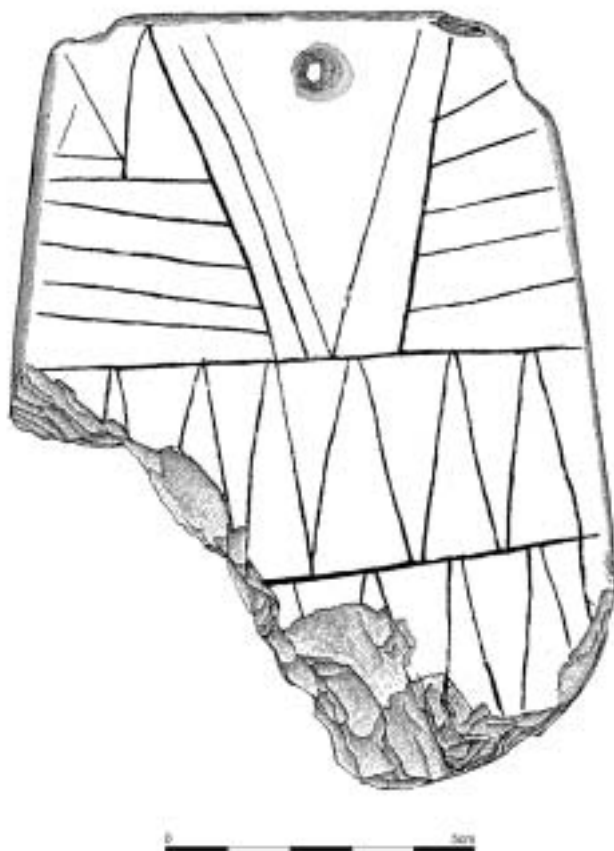


FIG. 80 – Placa H.8-5, paginação estruturante da face.

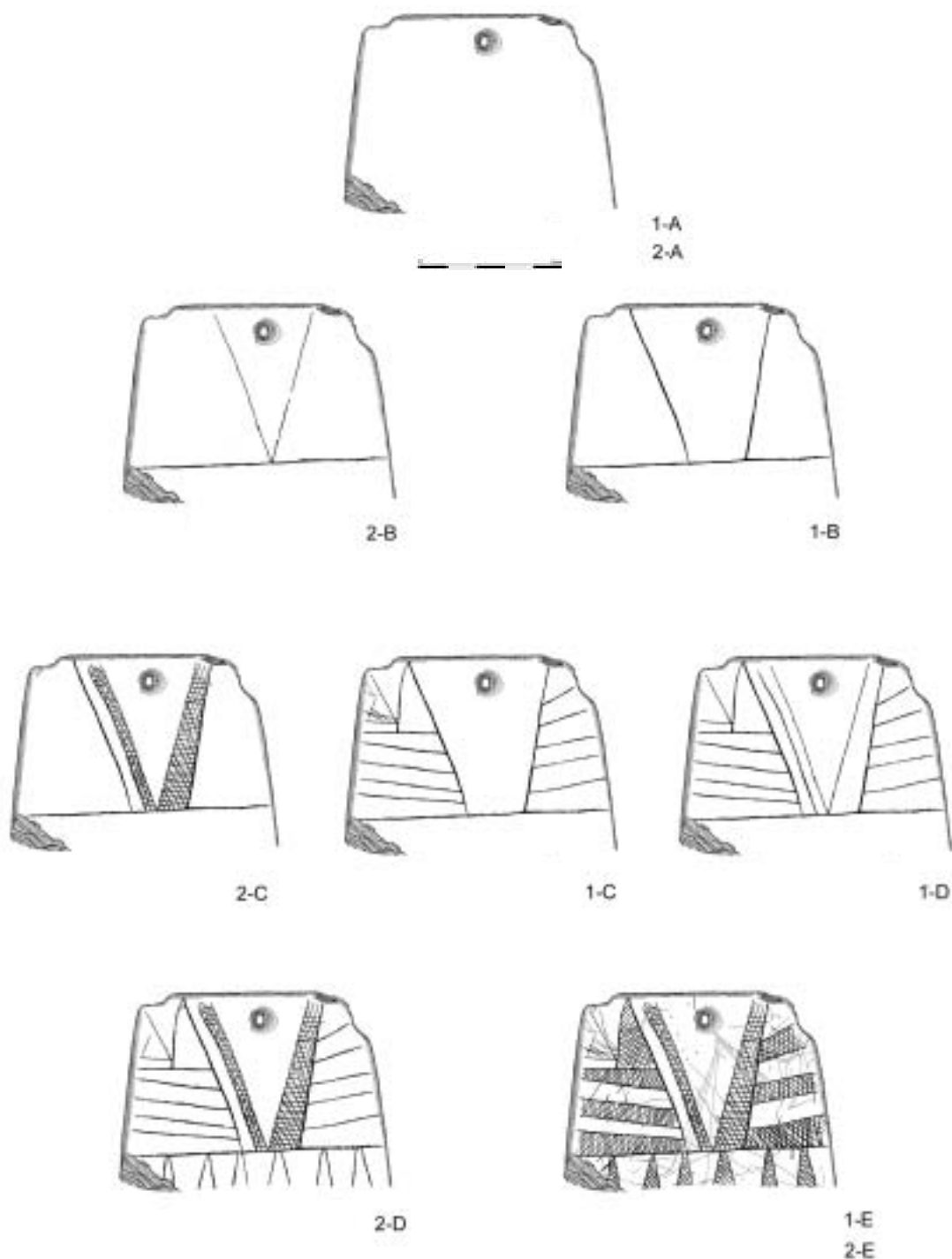


FIG. 81 – Placa H.8-5: propostas de evolução alternativa da paginação e preenchimento sequencial da Cabeça da placa. São propostos dois percursos alternativos para a paginação e preenchimento da cabeça da placa H.8-5 (face). O primeiro percurso, o que me parece melhor fundamentado, parte da placa vazia (1-A) até ao acabamento final (1-E), através de uma paginação de três espaços (1-B), definindo o central, de forma trapezoidal, o ponto de partida para uma paginação sequencial das áreas periféricas, incluindo as faixas ligeiramente oblíquas e os dois triângulos do lado esquerdo (1-C). No sentido de preparar um espaço triangular clássico central, acrescentaram-se duas bandas muito oblíquas a preencher (1-D). O preenchimento dos espaços disponíveis e dos triângulos do corpo (cujo traçado estruturante poderia constituir uma fase 1-D-2) conduziu à forma final (1-E). É esta a minha proposta, uma vez os traços principais da paginação da Cabeça da placa me parecerem assentar na organização conexa dos espaços já previstos para o adossamento das bandas quase horizontais e dos dois triângulos previstos para o lado esquerdo. Mas é admissível um segundo percurso, que me parece menos provável: alternativamente, poderia ter sido traçado um espaço divisório da cabeça com um triângulo invertido marcando o centro e constituindo a “cabeça dentro da cabeça”(2-B). Sequencialmente, foram gravadas as faixas preenchidas muito oblíquas (2-C), depois os campos para preenchimento de faixas e triângulos(2-D) após o que se seguiu o resultado final.

Comentário

Trata-se de uma placa reaproveitada (e «restaurada», por recorte da base fragmentada), a partir de uma placa original com os motivos «clássicos» das placas, gravada de um só lado, mas já com a «síndrome das placas loucas» (a este propósito, ver *infra* 7.5.5.10. e Gonçalves, 2003a), traduzidos pela assimetria das representações na cabeça, onde se misturam motivos diversos. Na fase inicial, teria uma altura máxima provável de 16,5 cm. Posteriormente, a placa foi recortada na base, reduzida para uma altura de 13 cm, e gravada no verso com símbolos associáveis a uma figuração antropomórfica. O triângulo gravado no topo, e encerrando a perfuração, é similar, ainda que de menores dimensões, ao que serviu para organizar o motivo radiante do verso da placa J.8-667, inclusive no traçado ondulante da base.

O motivo gravado no topo do verso desta placa é passível de duas interpretações alternativas:

1. é assimilável às representações das pinturas ou «tatuagens» faciais da Deusa dos Olhos de Sol. A este propósito, deve ser recordada a placa de Farisoa 1b, com motivos semelhantes e dois olhos, não radiantes (Leisner e Leisner, 1951, Est. XV: 31 e Gonçalves, 1992, Foto. 45, macrofotografia), ainda que a orientação dos pares de traços encurvados seja a oposta de STAM-3;
2. é assimilável às representações de braços convergindo para o ventre, terminados ou não por mãos, presentes em algumas placas de grés ou, geograficamente muito mais longe, no seixo da Parxubeira (Rodríguez Casal, 1988, Fig. 21).

Sobre o motivo escutiforme, não existem, neste momento da pesquisa, paralelos iconológicos conhecidos.

A aparente disjunção dos motivos do verso impossibilita uma interpretação sequencial das fases de gravação. Por outro lado, a idêntica técnica usada na sua gravação pode garantir pertencerem a uma única sequência, tal como a diferente técnica usada para gravar os motivos da face os parece colocar em distintos momentos de gravação, o que me levou a considerar a preparação do verso como um momento muito provavelmente coincidente com o reaproveitamento da placa.

Quanto à face, não existem dúvidas sobre a existência de um único plano de gravação, centrando-se as dúvidas apenas na sequência escolhida pelo gravador. Na Fig. 81, como se viu, procurei estabelecer os itinerários possíveis.

Considero que era indispensável ao gravador paginar as placas com campos horizontais e verticais, bem como planear a orientação e o preenchimento das faixas laterais direitas e esquerdas da Cabeça de este tipo de placas.

Na Fig. 80, mostra-se a estrutura básica da paginação de esta placa, como adiante se procurará fazer no caso de J.8-667. Para a obter, removi do desenho original todos os preenchimentos de motivos ou componentes e isolando assim o que designo por *traços estruturantes*.

Na Fig. 81, são propostos dois itinerários possíveis até à gravação ter atingido o seu momento final, ambos obviamente com as fases zero e última em comum.

A figura lê-se de acordo com os itinerários indicados.

- Em 2, privilegiou-se a construção do conjunto a partir de um triângulo central, posicionado em simetria com o orifício para suspensão. Daí partiriam, para a direita e para a esquerda, as faixas oblíquas, as faixas horizontais e os triângulos. É uma construção lógica, mas não me parece a certa.
- Em 1, o que considero mais provável, privilegiou-se a construção do conjunto a partir de um trapézio centrado, do qual partiriam imediatamente as faixas horizontais.

A paginação da Cabeça de H.8-5, independentemente da sua complexidade, que justificou assim a discussão das várias leituras consideradas possíveis aquando da sua descrição (ver supra), baseia-se num princípio simples e numa questão ainda mais simples: se existe um plano inicial de concepção, que contém obrigatoriamente as faixas horizontais e os triângulos que desequilibram a simetria, é a sua delimitação que conta. Assim sendo, os acrescentos oblíquos (a faixa isolada e a que se adossa à área direita) são obrigatoriamente secundários, logo posteriores no processo de gravação).

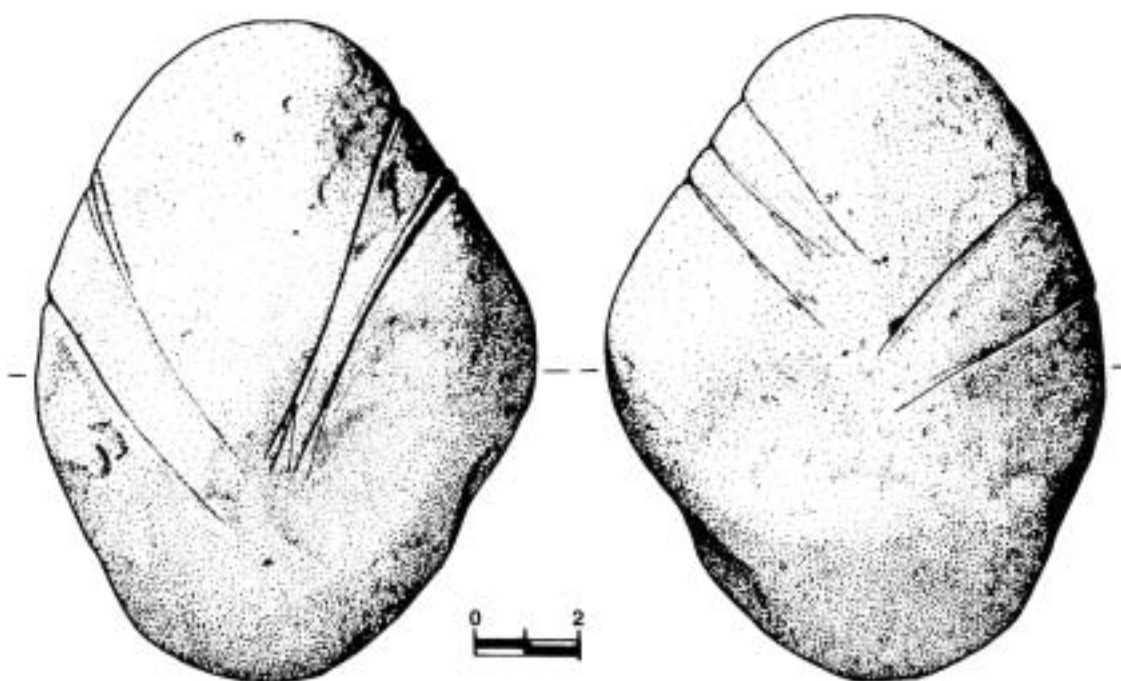
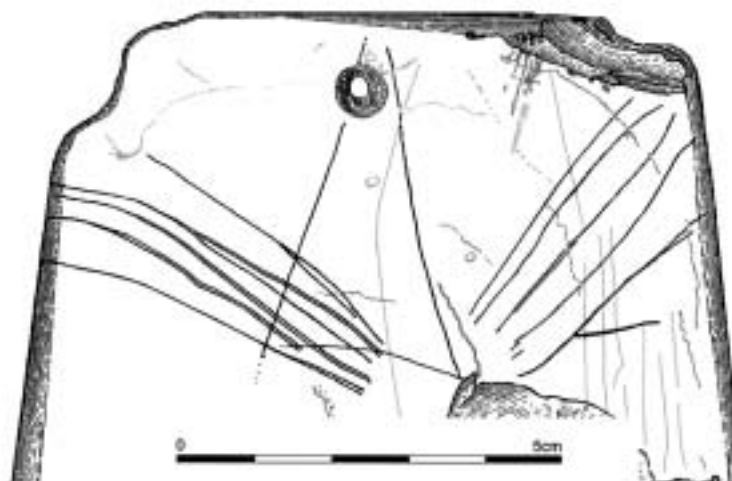


FIG. 82 – Traços convergentes no verso de H.8 5 e imagem similar, sobre seixo, da Parxubeira (este último, segundo Rodríguez Casal, 1988, Fig. 21).

Uma situação comum às possibilidades analisadas reside na previsão inicial da gravação, no lado esquerdo da Cabeça da placa dos triângulos, que acentuam deliberadamente a sintomatologia do desequilíbrio e ruptura do conceito de simetria estruturante que designei muito recentemente como a «Síndrome das placas loucas» (Ver adiante, 7.5.5.10., e Gonçalves 2003a). Não é possível qualquer dúvida sobre a intencionalidade da inserção posterior dos dois triângulos, uma vez que as três faixas horizontais do lado esquerdo são construídas assimetricamente às do lado direito *justamente para eles ganharem espaço para aí serem gravados*. A «Síndrome das placas loucas» não tem que ver com gravações de segunda fase nas placas, é um evidente resultado de um planeamento específico. E esta placa é disso uma das provas disponíveis.

6.2.1.6.4.2. A placa H.8-87 – Fig. 83:1. Fig. 119:2.

Área distal de uma placa com perfuração central.

- Largura no topo: 5,4* cm.
- Espessura na área central: 7,98 mm.
- Ø da perfuração na face: 6,31 mm.
- Ø da perfuração no verso: 3,36 mm.

No lado direito, é ainda visível o que é certamente uma das bandas delimitadoras da cabeça, ligeiramente encurvada e preenchida por oblíquas intersecantes. A fragmentação de este lado impede a identificação das habituais bandas equivalentes às pinturas faciais ou tatuagens da Deusa, se é que existiram neste exemplar, o que pela sua tipologia é duvidoso. Poderia talvez aceitar-se como interpretação alternativa que não se trataria de uma banda delimitadora, mas de um conjunto de bandas encurvadas partindo do topo da placa para o separador cabeça/corpo, mas não o podemos afirmar com certeza. Do troço conservado da banda delimitadora, não partem quaisquer outros componentes. Do lado esquerdo, a placa fracturou-se, em escama, justamente pelo traço interno da banda delimitadora esquerda.

Assim, o correspondente do lado esquerdo foi suprimido pelas fracturas que o artefacto sofreu. Desta pequena placa, está presente parte do bordo topo original e do bordo direito.

6.2.1.6.4.3. A placa H.8-109 – Fig. 83:2. Fig. 119:3.

Pequeno fragmento do topo direito de uma placa finíssima (espessura: 2,53 mm), com bandas preenchidas, encurvadas, de que se reconhecem duas, a melhor conservada das quais estreitando de baixo para cima. Conserva-se o extremo direito do topo e o bordo direito à altura máxima do fragmento. Entre as duas bandas encurvadas, que convergem para o centro do topo da placa, vêm-se 5 traços de comprimento desigual e um outro mais abaixo. São obviamente resultado de fenómenos pós-deposicionais. A banda integralmente conservada tem uma altura de 11,21 mm. Não se encontraram nas placas de xisto gravadas de Reguengos de Monsaraz paralelos para este motivo. No entanto, a cabeça de um báculo proveniente de OP-1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXXVI: 2) apresenta exactamente os mesmos motivos. De aqui a afirmar-se que se trata de um fragmento de báculo poderia ser um passo simples, ainda que as dimensões do fragmento limitem interpretações de este tipo, no entanto de registo obrigatório.

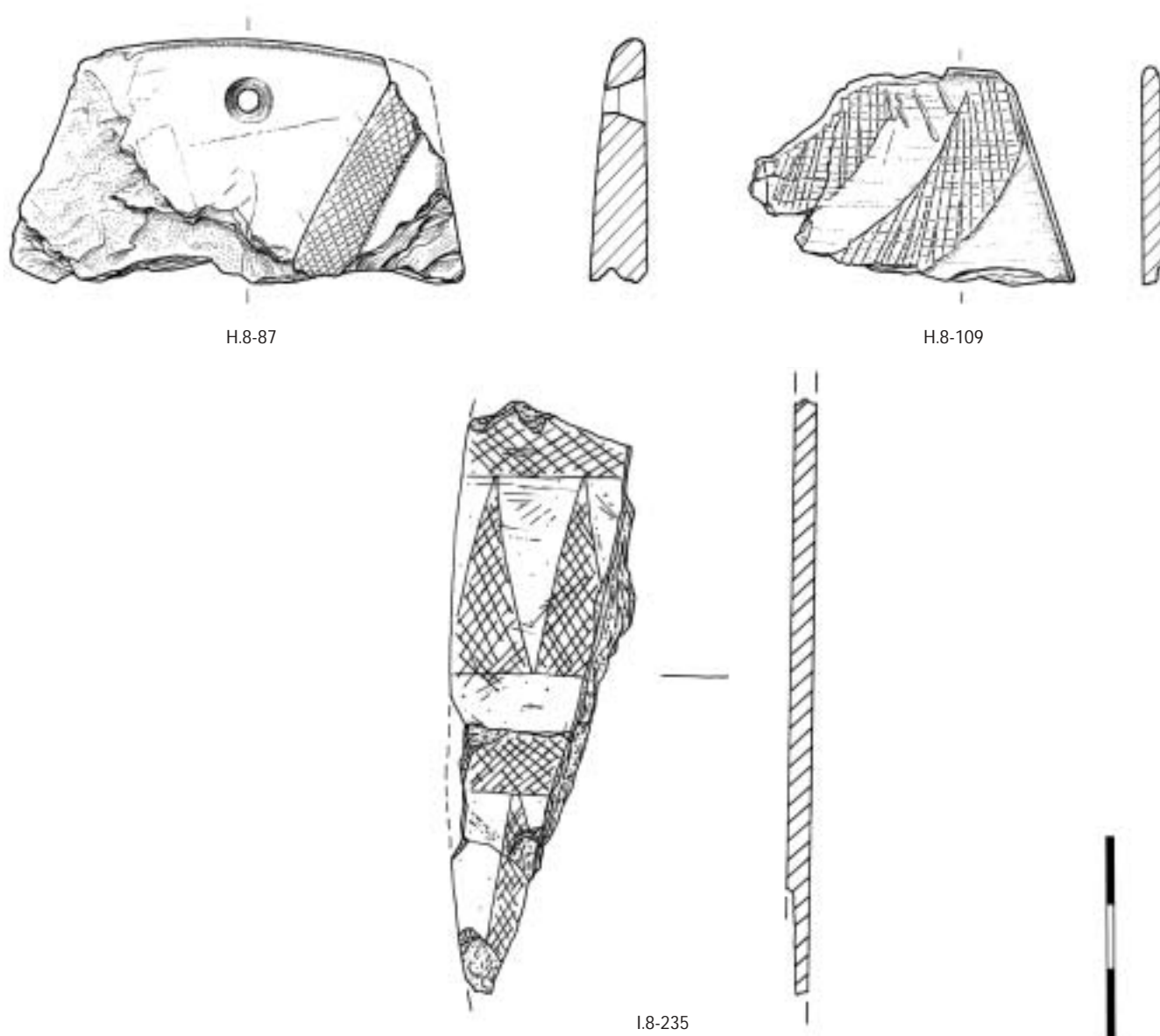


FIG. 83 – Placas H.8-87, H.8-109 e I.8-235.

6.2.1.6.4.4. Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do Corredor, descritas sumariamente

QUADRO 30

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do Corredor.

| Qd | n.º | Est | Md | Esp | Observações |
|-----|-----|-----|------|-------|---|
| H.8 | 2 | 2E6 | F | 2,73* | Revolvimento <i>Tumulus</i> . Topo esquerdo de placa com bandas oblíquas na cabeça |
| H.8 | 4 | 06 | o | 2,42* | Revolvimento <i>Tumulus</i> . Frag. liso bordo |
| H.8 | 16 | o | F,T? | 1,35* | Crivo. 2 muito pequenos frags. |
| H.8 | 31 | o | F,T? | 0,69* | Crivo, muito pequeno fragmento: 8,36 x 4,41 mm |
| H.8 | 61 | 06 | o | 1,21* | Bordo, escama do verso da placa |
| H.8 | 106 | o | FT | 4,11* | 2? frag.s de topo? Pequena banda preenchida. Possível triângulo abaixo da banda lisa. Inclui muito provavelmente resto da separação linear Cabeça/Corpo |

QUADRO 30 [Cont.]

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do Corredor.

| Qd | n.º | Est | Md | Esp | Observações |
|-----|-----|-----|------|--------|---|
| H.8 | 113 | o | F,T? | 1,72* | |
| H.8 | 117 | o | o | 1,33* | Sem gravação visível. Lasca interior. Muito rolado. Serpentinito? |
| H.8 | 135 | o | o | 0,72* | Crivo, muito pequeno frag. |
| H.8 | 136 | o | o | 1,91* | |
| H.8 | 138 | o | o | 1,92* | Sem gravação visível. Lasca interior |
| I.8 | 73 | o6 | T? | 1,68*o | |
| I.8 | 113 | o6 | F,T? | 1,71* | |

6.2.1.6.5. As placas da Câmara

(103 registos, incluindo 19 placas identificáveis).

6.2.1.6.5.1. A placa I.8-119 (+ J.9-9) – Fig. 84:1. Fig. 122:1.

Dois pequenos fragmentos, cuja dimensão não permite reconstituir o tipo de placa. Reconhece-se uma banda recta, preenchida por oblíquas intersecantes e, acima e abaixo, triângulos preenchidos com o vértice supostamente para cima. Creio tratar-se de parte da área proximal da placa, mas não é possível afirmá-lo com segurança. A banda preenchida por oblíquas intersecantes tem um diâmetro médio de 9,36 mm. A placa está partida de tal forma que não é possível uma leitura, mesmo aproximada, da espessura.

6.2.1.6.5.2. A placa I.8-155 (+ I.8-149) – Fig. 84:2. Fig. 122:2.

Dois pequenos fragmentos da base de uma placa com triângulos preenchidos, com o vértice para cima. Espessura na base: 5,15 mm. O fragmento conserva parte da base. Observa-se na separação entre a penúltima e a última banda de triângulos alguns interessantes pormenores de gravação. Assim, os triângulos da última banda cortam a linha horizontal delimitadora mostrando que esta foi gravada antes deles. No traço separador encontram-se regularmente numerosos pontos de impacto no seu traçado interno superior. Trata-se certamente do embate de um utensílio de gravação quando este traçava o preenchimento dos triângulos de cima.

Supostamente, I.8-155 poderia eventualmente ter feito parte da mesma placa que J.9-8. No entanto, apesar de formalmente os motivos serem muito semelhantes, a altura da banda inferior de triângulos de J.9-8 é de 29,41 mm e de I.8-155 de 22,95, pelo que a hipótese parece de afastar. Deve, porém, chamar-se a atenção para a similitude da técnica usada. Em ambos casos foi usado um utensílio para gravação não excessivamente afiado, produzindo sulcos acanalados.

6.2.1.6.5.3. A placa I.8-223 – Fig. 84:3. Fig. 122:4

Topo de placa espessa (10,45 mm na secção central do fragmento), com uma perfuração troncocónica centrada.

- Largura no topo: 7,5* cm.
- Ø da perfuração na face: 6,13 mm.
- Ø da perfuração no verso: 3,79 mm.

A cabeça da placa, pelo que se pode deduzir do fragmento, seria constituída supostamente por pares simétricos de três bandas oblíquas, preenchidas por intersecantes regulares, descendo

em convergência do topo até à junção Cabeça – Corpo, que não é visível no fragmento. A primeira banda a contar da esquerda adossa-se ao bordo da placa, pelo que deve ter consistido num espaço delimitador extremo (a este respeito ver a discussão em torno à placa J.8-667). As bandas têm larguras diferentes: no par interno, a banda da esquerda arranca com uma largura de 7,9 e a da direita com 10,90 mm. A placa conserva parte do bordo de topo e, no fragmento, metade do bordo esquerdo.

O triângulo central, correspondendo à cabeça da placa, não está centrado, registando a banda da esquerda um ângulo mais oblíquo que a da direita.

O verso apresenta numerosos traços atribuíveis a polimento, sendo dois deles quase rigorosamente paralelos e demasiado regulares para serem ocasionais. As dúvidas sobre as origens de estes microvestígios mantêm-se, apesar da interpretação geral, relacionando-os com o polimento, ser aparentemente convincente. Também no verso, o topo direito apresenta uma série regular de incisões, que vão do bordo direito até cerca de metade da distância à perfuração, demasiado profundas para serem traços de polimento e demasiado regulares para serem ocasionais. Observam-se também traços produzindo caneluras largas, resultantes do polimento específico do verso do topo da placa. Sensivelmente a meio da distância entre a perfuração central e o bordo esquerdo, observam-se mais incisões oblíquas, em menor número, mas semelhantes às já descritas para o lado direito.

6.2.1.6.5.4. A placa I.8-227 – Fig. 84:4. Fig. 122:5.

Fragmento da extremidade proximal direita de uma placa espessa, com triângulos preenchidos. Fortemente boleada, particularmente no bordo direito. Espessura máxima: 10,11 mm. Na parte mais próxima do centro da placa, a banda preenchida com triângulos com vértice para cima mede 3,88 cm. Os triângulos estão inclinados para a esquerda e, tal como a linha separadora, estão finamente gravados. Os traços de polimento entrecruzam-se de tal modo nos triângulos vazios que podiam eventualmente sugerir uma decoração filiforme, o que modo nenhum me parece ser o caso. Aparentemente, os triângulos da segunda banda a contar de baixo não mantêm exactamente a mesma inclinação, não estando aparentemente tão orientados à esquerda. Pela imagem que se pode obter dos triângulos da banda inferior, dir-se-ia que eles se inserem numa figura pré-traçada com a forma de um rectângulo na vertical, dividido em duas partes, a da esquerda sendo o triângulo a preencher.

6.2.1.6.5.5. A placa I.8-235+I.8-148 – Fig. 83:3. Fig. 122:3.

Admitiu-se inicialmente que esta placa pudesse fazer parte de I.8-119+J.9-9, mas a cor do xisto, uma vez lavados os fragmentos, afastou definitivamente essa hipótese, tal como a verificação de espessuras diferentes. O que a tinha fundamentado, aliás, à partida, era a rara associação dos triângulos alongados separados por bandas vazias e preenchidas, comum a ambas placas.

As únicas medidas possíveis para I.8-235 são a espessura (3,27 mm) e as alturas da sequência banda preenchida (10,91* mm), banda de triângulos com os vértices para cima (30,66 mm, num ponto médio), banda vazia (9,21 mm), banda preenchida (9,20 mm), sendo a primeira de todas feita sob reserva. A dimensão de um dos triângulos, o da extrema esquerda, é, para a base, 10,91 mm e a altura de 30,73. No entanto, como se trata de um triângulo de início de banda, e tal como acontece como os de fim de banda, a dimensão da sua base pode ser ligeiramente inferior aos segundo e penúltimo triângulos.

O fragmento I.8-235 e os dois fragmentos I.8-148 colam em sequência vertical e pertencem ao lado esquerdo da área mesial da placa, que justifica, assim, individualização.

6.2.1.6.5.6. A placa I.8-247, *báculo* ou *placa de xisto gravada*? – Fig. 84:5. Fig. 122:6.

Descrição

Fragmento de placa, pertencente à área distal esquerda de um exemplar pouco comum e com dimensões irre recuperáveis, devido ao grau de fragmentação. No fragmento, a espessura varia entre 6,74 (no bordo esquerdo) e 8,72 mm (na linha de fractura, que deveria corresponder sensivelmente ao meio da placa).

A placa teria um triângulo de vértice para baixo, vazio, representando «a cabeça dentro da cabeça», e uma decoração que deveria ser totalmente envolvente, definida por linhas verticais, criando campos preenchidos por linhas incisas oblíquas, com um afastamento médio de 3,07 mm num ponto de traçado regular, que, ao juntarem-se no extremo com as da banda vizinha, se transformam em linhas zigzagueantes, com o ritmo geral, a partir do bordo esquerdo da placa, baixo para cima “cima para baixo” baixo para cima. Pelo que temos, na realidade, linhas zigzagueantes incisas, em termos estritos mais uma ilusão que uma realidade, como veremos. Estas são, porém, menos profundas que as linhas verticais que as delimitam e nem sempre correspondem exactamente na banda 1 e na 2, sendo visível que elas foram gravadas uma de cada vez, sendo o efeito em zigzague um produto final e não o resultado de uma gravação horizontal zigzagueante de um dos lados da placa até ao outro. Apesar de haver desacerto no ponto de convergência de algumas linhas oblíquas, muitas delas convergem efectivamente.

No fragmento, conserva-se a parte inferior do triângulo e dois campos verticais permitem leitura integral (o restante está interrompido pela linha de fractura, sendo também cortado pelo triângulo de topo). As bandas 1 e 2 têm uma largura respectivamente de 18,12 e 18,6 mm na base conservada, mas a banda 2 é mais irregular e o traço desvia-se, alargando ligeiramente na linha comum com a banda 3. A banda 3 mediria provavelmente 14,25 mm (lidos até ao vértice do triângulo). A banda 2 é cortada pelo triângulo, mas a observação ampliada mostra que foi efectivamente traçada e preenchida já com o triângulo de topo gravado, uma vez que os traços oblíquos não agredem o sulco original, ainda que abram a sua parede esquerda.

A observação detalhada, usando uma lupa binocular, evidenciou traços cruzados de polimento, impossíveis de confundir com traços intencionalmente incisos, produzindo um efeito quadriculado. Numa gama de aumentos média, observa-se claramente que estes microvestígios de polimento são cortados pela decoração incisa na placa, naturalmente muito mais profunda que eles, e nitidamente posterior. O uso de luz rasante mais uma vez confirmou não se tratar de filiformes, mas efectivamente de traços de polimento da placa, ainda que a sua regularidade justifique reflexão e talvez alguma prudência nesta leitura.

Comentário

Ainda que se reserve a discussão pormenorizada de esta questão, talvez ampliada um pouco excessivamente, para a terceira parte de este trabalho, no ponto sobre as placas de xisto gravadas da Câmara de STAM-3, enumeram-se desde já as coordenadas da questão:

1. o artefacto ideotécnico I.8-247 tanto poderia ser o topo esquerdo de uma placa...
2. como um fragmento de um cabo de báculo;
3. contra ser uma placa, ocorre apenas a decoração, relativamente rara;
4. a favor, os vestígios do triângulo que representa, em placas mais convencionais, a «cabeça dentro de cabeça»;
5. a favor de ser um báculo, o facto de os cabos de báculo terem por vezes decorações menos comuns;

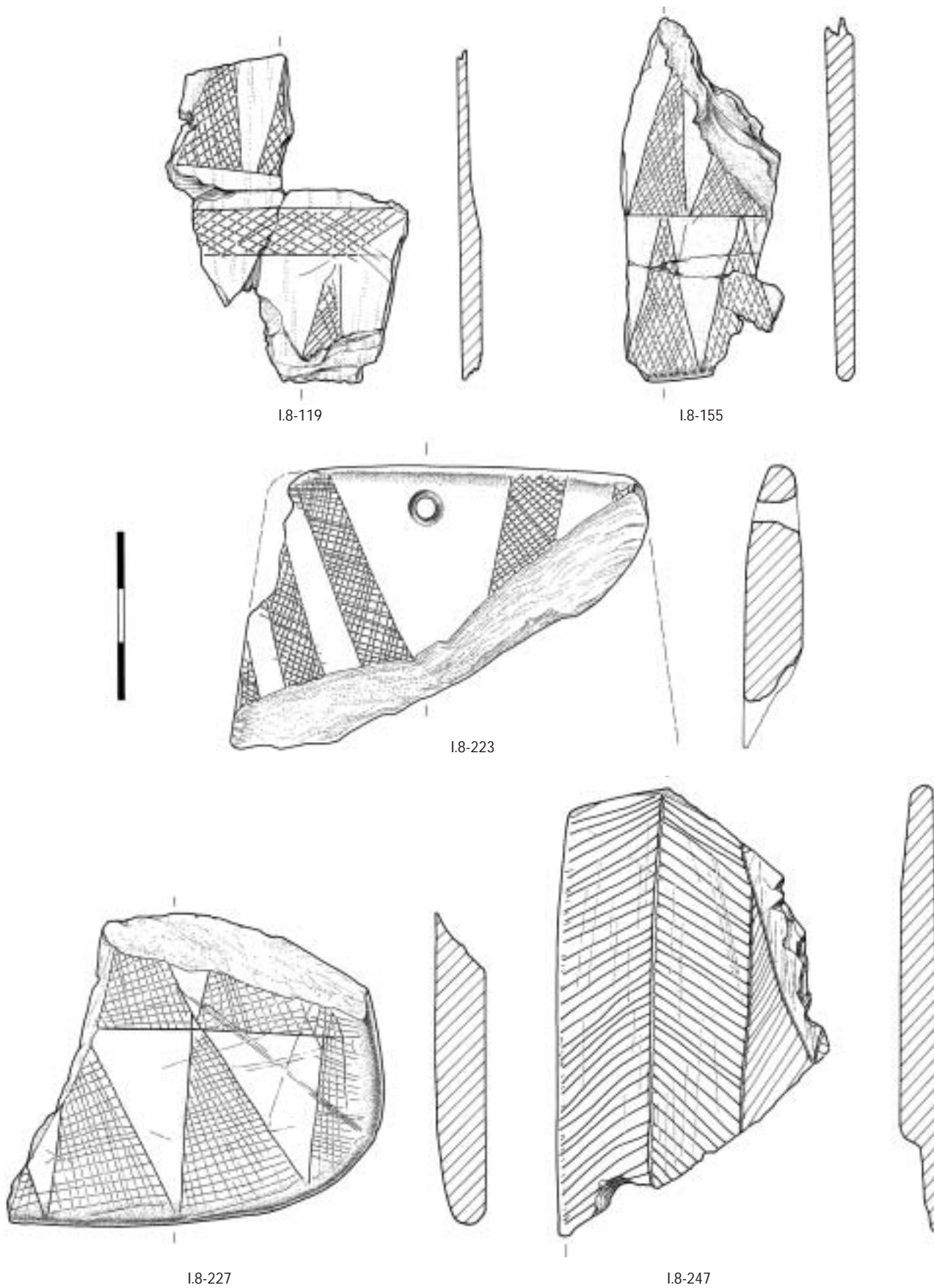


FIG. 84 – As placas I.8-119 (1); I.8-155 (2); I.8-223 (3); I.8-227 (4); I.8-247 (5).

6. contra esta última possibilidade, a paginação específica da decoração, mas sobretudo as variações da espessura, mais frequentes em placas que em báculos;
7. analisados todos os ângulos possíveis da questão, penso tratar-se efectivamente de uma placa de xisto gravada, com um tipo de decoração do Corpo generalizada a toda a placa, mas conservando o triângulo identificador habitualmente presente na parte superior das placas.

6.2.1.6.5.7. A placa I.8-259 – Fig. 85:1. Fig. 123:1.

Placa com uma única perfuração bicónica no topo.

- Altura máxima (ao centro): 14,2 cm.
- Altura da cabeça: 3,3 cm.
- Altura do corpo: 9,8 cm.
- Altura da delimitação da base: 1,1 cm.
- Altura da banda 1: 3,3 cm.
- Banda 2: 3,4 cm.
- Banda 3: 3 cm.
- Largura no topo: 7,1 cm.
- Largura na base: 8,4 (falta um muito pequeno fragmento no canto inferior direito e outro, em escama, no topo superior direito).
- Espessura na área mesial: 10,12 mm.
- Ø da perfuração na face: 12,64 mm.
- Ø da perfuração no verso: 5,79 mm.

Organizada de acordo com três campos: Cabeça, Corpo e Área delimitadora final. A cabeça apresenta uma grande perfuração central, obtida por movimento rotativo, que produziu estriações concêntricas típicas. De cada lado da área central da cabeça, marcada por incisões finas, distinguem-se três bandas preenchidas. O corpo está organizado em três bandas, cada qual ocupada por cinco triângulos preenchidos, com os vértices para cima, sendo os extremos iniciais e finais, correspondendo aos triângulos 1 e 5, sempre ocupados por triângulos incompletos. A linha separadora de F2 e F3 apresenta-se na parte central e direita do seu traçado como uma pequena linha dupla, certamente por erro de gravação, com um afastamento máximo de 1,58 mm. A banda terminal, muito mais estreita, é ocupada por 10 pequenos triângulos preenchidos, também com o vértice para cima.

6.2.1.6.5.8. A placa I.8-269 (+I.8-2) – Fig. 85:2. Fig. 123:2.

Os dois fragmentos colados evidenciam parte do corpo da placa com uma espessura média de 3,97 mm, onde são visíveis três bandas com triângulos de vértice para cima, preenchidos. Na banda central do fragmento, com uma altura de 28,98 mm, contam-se seis triângulos mais um, incompleto, ou, mais provavelmente, um preenchimento terminal da fila. De qualquer modo, a banda não é completamente regular, oscilando a sua altura entre 31,25 mm, no bordo esquerdo do fragmento, e os 26,61 mm, mensuráveis no extremo oposto. Na banda central, a única onde são visíveis os dois bordos da placa, há parte de um triângulo gravado para manter o ritmo da placa.

Placa executada com intenso polimento das superfícies, que quase não deixou traços, e gravada com instrumento particularmente afiado.

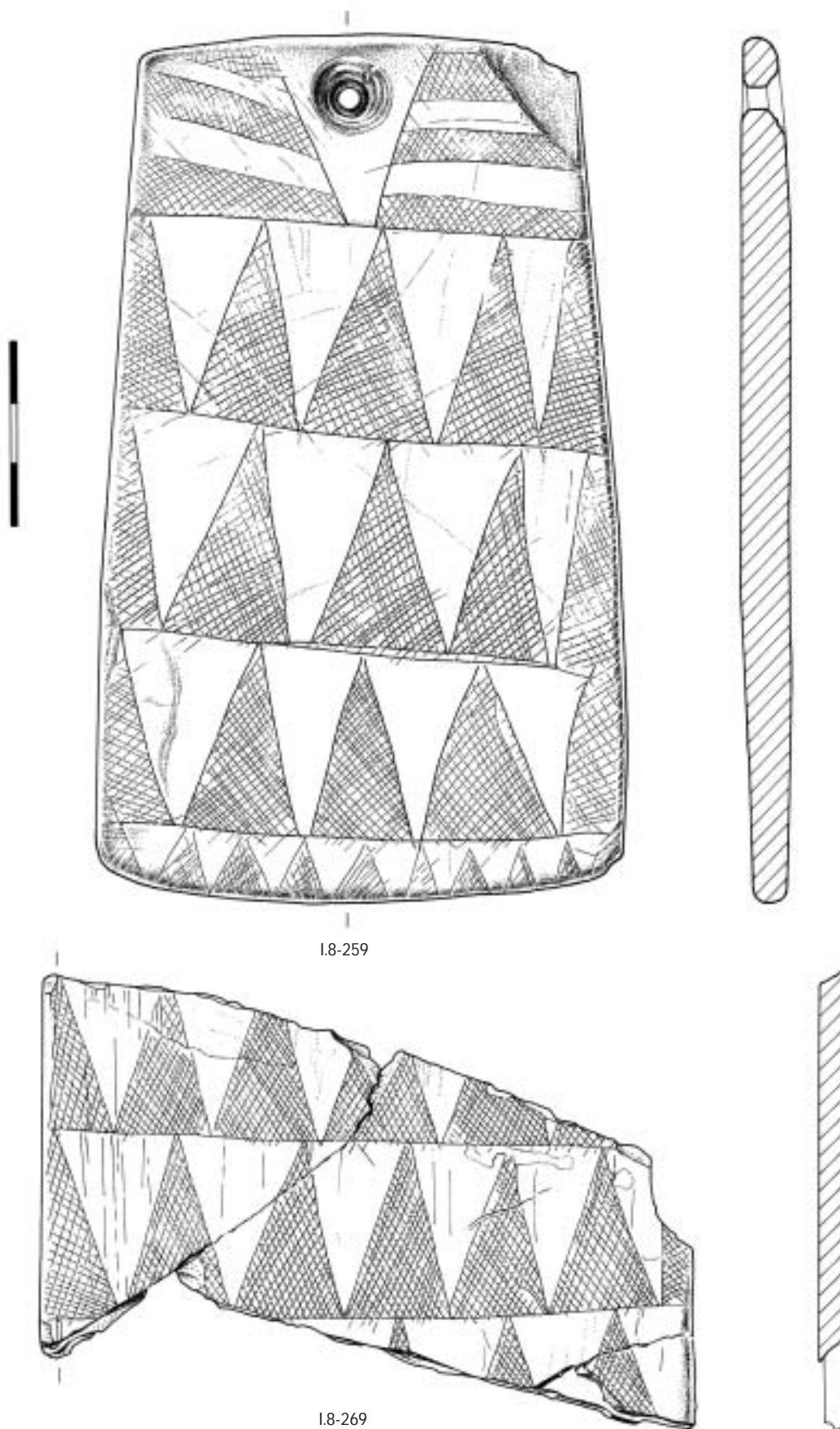


FIG. 85 – As placas I.8-259 e I.8-269.

6.2.1.6.5.9. *A placa I.9-22 – Fig. 86:1. Fig. 124:1.*

Placa com uma única perfuração central, troncocónica.

- Altura máxima (ao centro): 14,23 cm.
- Altura da cabeça: 4,03 cm.
- Altura do corpo 10,20 cm.
- Largura no topo: 6,1 cm.
- Largura presumida na base: 8,24 cm (falta um muito pequeno fragmento no canto inferior esquerdo e direito).
- Espessura na área mesial: 9,68 mm.
- Ø da perfuração na face: 6,64 mm.
- Ø da perfuração no verso: 4,17 mm.

Cabeça marcada por dois conjuntos, um, à esquerda, com duas bandas oblíquas preenchidas e, à direita, duas bandas e o arranque de outra. Corpo com duas faixas zigzagueantes preenchidas, desenvolvendo-se sem delimitações auxiliares verticais a todo o campo do corpo da placa. Na base, três triângulos de vértice para cima correspondem ou a uma hipotética terceira faixa zigzagueante ou aos triângulos que preenchem um espaço insuficiente para o desenvolvimento de uma terceira faixa.

O bordo basal da placa está polido e é relativamente rectilíneo do lado esquerdo da placa, tornando-se claramente ondulante do lado direito. Aí, há traços de polimento que parece cortar a base do segundo triângulo. O verso apresenta traços de polimento, tanto verticais como oblíquos. No lado esquerdo do verso, os traços oblíquos parece convergirem em direcção a uma zona actualmente fracturada, e acima dela, no plano do bordo, alguns são paralelos.

6.2.1.6.5.10. *A placa J.8-77 – Fig. 86:2. Fig. 124:3.*

Fragmento de bordo inferior de placa, esculpida num xisto esverdeado claro, diferente do habitual azul médio. O xisto esverdeado, com laivos acastanhados, «borra de vinho» ou «avinhado», é um xisto alterado, relativamente pouco comum no conjuntos artefactuais megalíticos de Reguengos de Monsaraz. O fragmento é, na realidade, uma lasca com a espessura de 2,94 mm, resultado da lamelização da placa original, que regista sinais de fortes traumatismos. A espessura original seria provavelmente o dobro da actualmente registada. A superfície do fragmento apresenta-se fortemente desgastada, tendo em algumas áreas perdido completamente o aspecto original. Não é de todo improvável que, no caso do bordo original ter sido o do topo esquerdo, pudéssemos estar perante uma placa com o triângulo representando a cabeça, centrado, num campo completamente preenchido por traços paralelos horizontais. Ao invés, se se tratasse do bordo direito, o fragmento deveria ser da base e não do topo, não sendo lógica qualquer leitura neste ângulo. De qualquer forma, o motivo decorativo principal de esta placa é dificilmente reconhecível, seja qual for a orientação proposta. Prefiro, na actual conjuntura, acreditar tratar-se do bordo esquerdo de uma placa.

A placa apresenta restos do que poderia ter sido, eventualmente, uma pintura vermelha. Esses presumíveis traços de pintura apenas se encontram presentes no que resta das superfícies originais da placa, não sendo visíveis em nenhum dos negativos de fractura antiga que a placa apresenta, o que pode ser uma garantia da sua antiguidade, ou pelo menos da sua anterioridade em relação às últimas acções traumáticas que poderia ter sofrido. Como prováveis motivos, reconhecem-se pequenos círculos formados por micro-pontos vermelho acastanhados. Dois dos círculos estão quase adossados. Muito destruído, o fragmento talvez pertença à mesma placa que H.8-30. A decoração visível não tem paralelos conhecidos em Reguengos de Monsaraz.

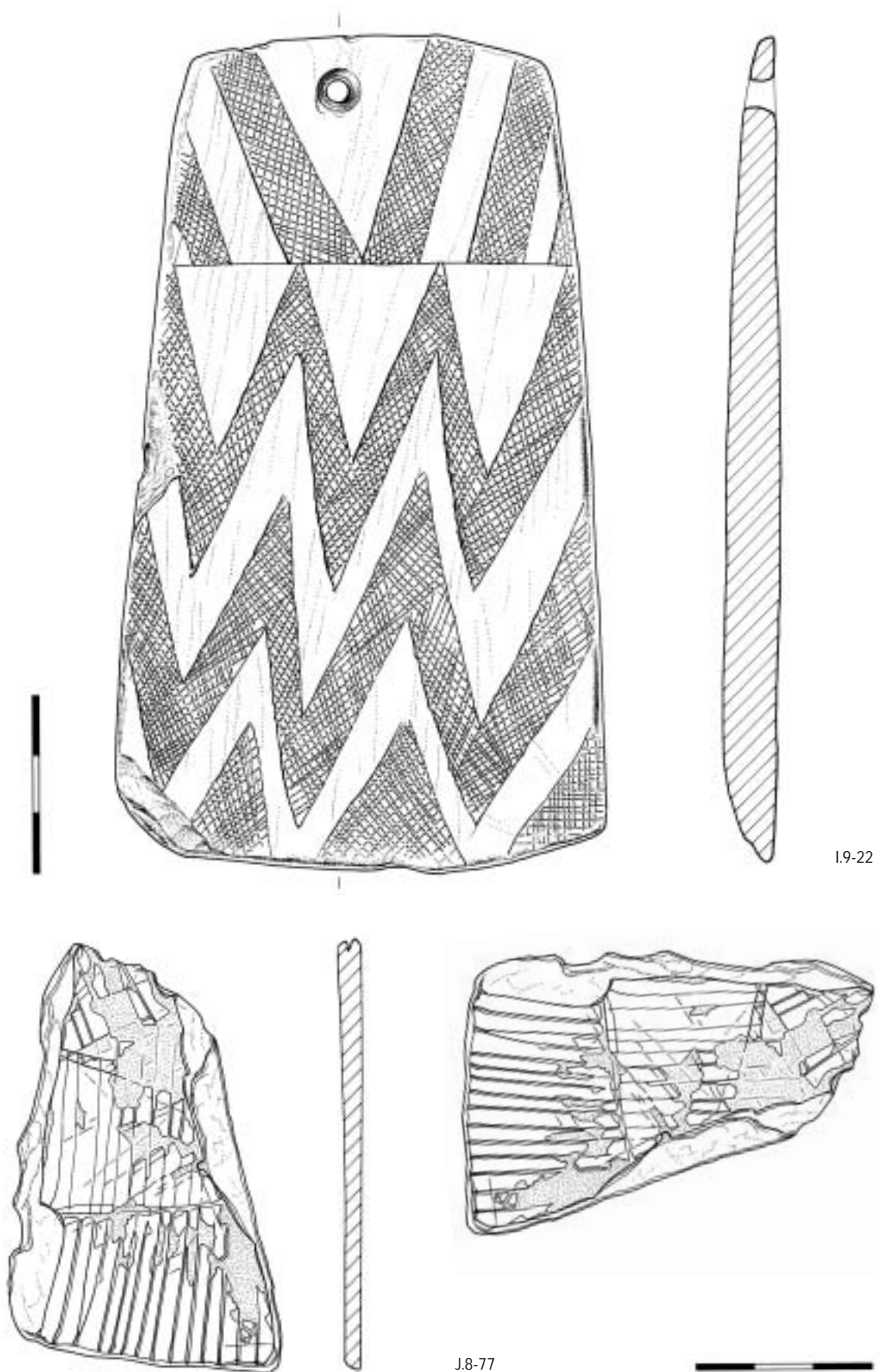


FIG. 86 – A placa I.9-22 e as duas leituras para a placa J.8-77.

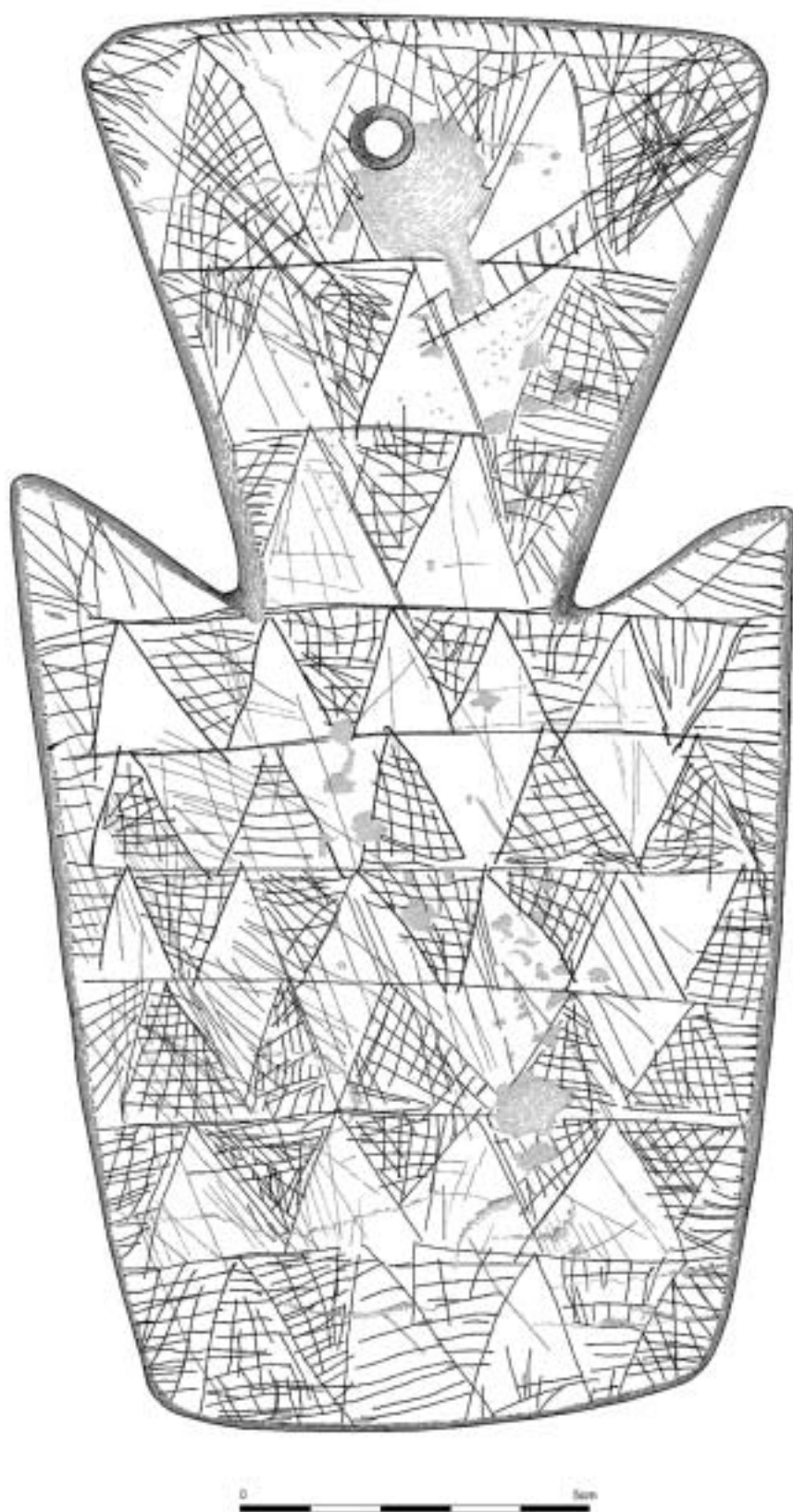


FIG. 87 – Placa J.8-667, face.

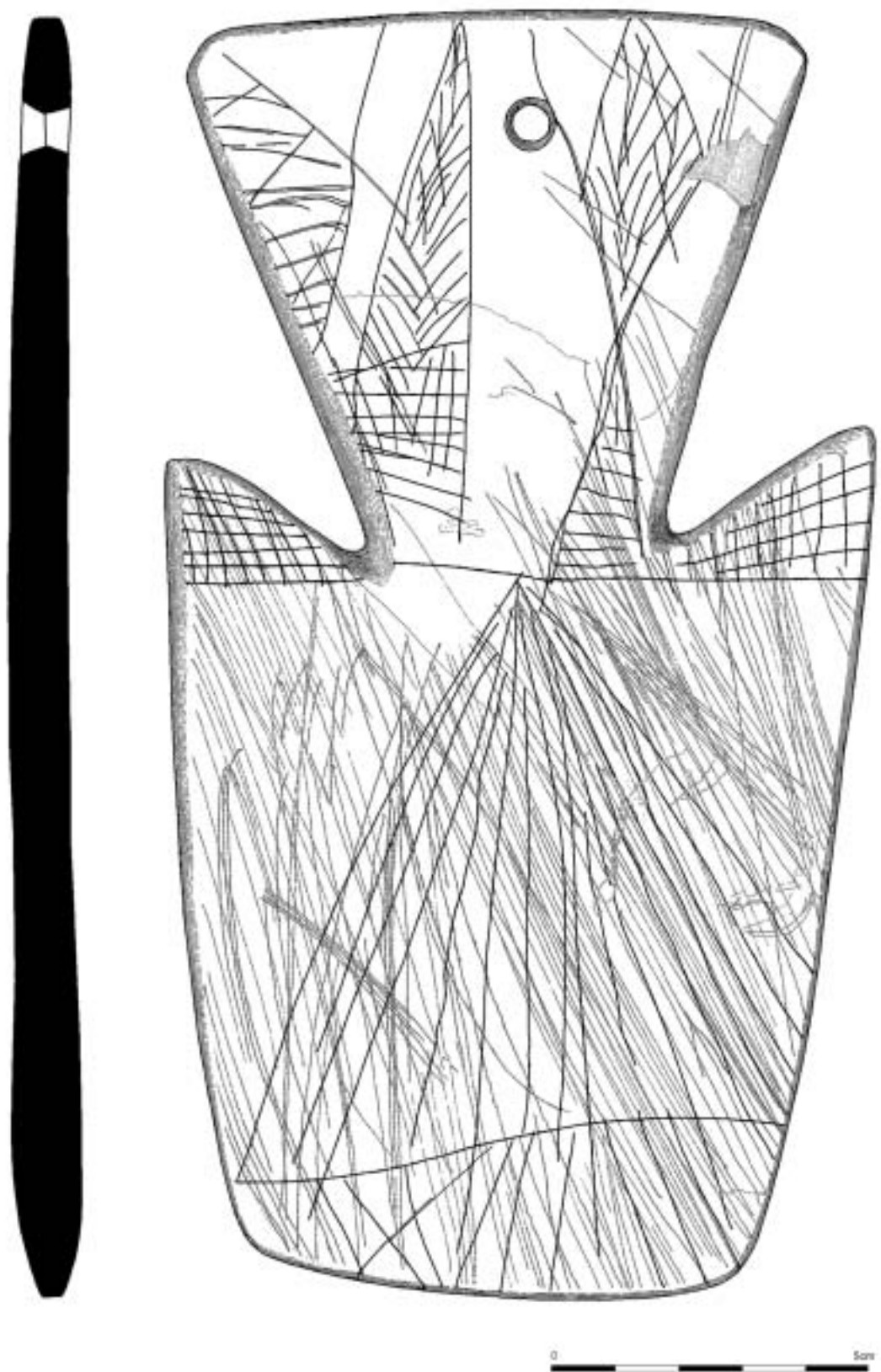


FIG. 88 – Placa J.8-667, verso.

raz, talvez se trate de motivos escutiformes múltiplos, dispostos obliquamente acima de dois campos de traços verticais. Mas não é certo. A placa apresenta partes da superfície gravada muito danificadas, tendo mesmo desaparecido fragmentos localizados. Apesar disso, o traçado terminal da gravação consegue ainda observar-se com luz rasante, em lupa binocular.

A extrema mutilação deste fragmento de placa, proveniente de um exemplar com motivos de muito difícil interpretação, impede outros comentários sobre o que teria certamente sido uma placa excepcional.

6.2.1.6.5.11. A placa J.8-576+J.9-82+H.8-30+I.8-11

Talvez fragmentos de bordo da placa J.8-77, mas não é certo, pelo que se decidiu individualizar estes fragmentos como pertencentes a uma outra placa. Xisto avinhado. Os traços incisivos oblíquos estão gravados no que resta da face, mas também se prolongam até ao bordo, e partem de uma linha quase vertical, irregular. Placas como esta são efectivamente muito pouco frequentes no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, não só pela matéria prima pouco usada, o xisto avinhado, como pelos motivos, neste caso apenas conhecidos de uma forma muito limitada, considerando as reduzidas dimensões dos fragmentos. Dos quatro fragmentos, um (H.8-30) é proveniente do Corredor com uma altimetria de 205,03. Os provenientes da Câmara têm as seguintes altimetrias: 204,85 – 205,08. Outro provém do crivo.

6.2.1.6.5.12. A placa J.8-667

Figs. 87, 88, 89, 91, 92, 93. Figs. 125, 126, 127, 128.

A placa associada à deposição funerária Cm-7 é uma placa de cabeça recortada, com perfuração única, bitroncocónica e ligeiramente excêntrica, e tem a seguinte descrição:

- Altura máxima (ao centro): 20,07 cm.
- Altura da cabeça (medida na face): 8,45 cm.
- Altura do corpo e da banda proximal: 11,62 cm.
- Altura da banda proximal: 2,62 cm.
- Largura no topo: 9,64 cm.
- Largura na base: 7,74 cm.
- Espessura na área mesial: 11,46 mm.
- Ø da perfuração na face: 8,23 mm.
- Ø da perfuração no verso: 8,08 mm.

Face (Fig. 87)

Cabeça (de cima para baixo): cinco componentes estruturantes, distribuídos por dois conjuntos:

1. 1.º conjunto: no topo, uma linha horizontal a toda a largura, interrompida na extrema esquerda e depois continuada por outra, cortadas por traços curtos oblíquos, gravadas de cima para baixo, e da esquerda para a direita, define uma área assimilável à representação das «sobrancelhas» nas figurações da Deusa dos Olhos de Sol. No entanto, se esta era uma opção aparentemente óbvia, preferi considerar a linha vertical interrompida, e continuada a seguir, como o topo da primeira das três bandas de triângulos da Cabeça. Mas não é impossível que ela seja efectivamente parte dos dois conjuntos, no caso do segundo sendo utilizada como a linha que delimita no topo a banda de triângulos superior. De cada ponto extremo do topo da placa, e convergindo para um ponto médio da altura da cabeça, alinhado na vertical da perfuração, foram gravados dois motivos em forma de escada, de idêntico

comprimento, mais largo o da direita. É interessante que o efeito de escada esteja apenas patente na segunda metade (de cima para baixo) do motivo, basicamente constituído por duas linhas quase paralelas, parcialmente cortadas por outras, perpendiculares;

2. 2.º conjunto: na cabeça, o campo disponível é praticamente todo ocupado por três bandas com 8, 7 e 6 campos vazios e preenchidos, triangulares, com diversas orientações (vértice para cima ou para baixo, ver Quadro), de traçado e preenchimento irregular. Na primeira banda, a sequência de triângulos têm a leitura dificultada por uma área danificada, mas que parece representar a junção de dois triângulos preenchidos com o vértice para cima e dois triângulos preenchidos com o vértice para baixo. A segunda banda apresenta uma sequência irregular de triângulos com o vértice para baixo: triângulo preenchido + triângulo preenchido + triângulo vazio adossado a outro preenchido, com o vértice para cima + campo final triangular preenchido. A terceira banda apresenta três triângulos preenchidos com o vértice para baixo, o último dos quais adossado a um campo de delimitação preenchido por oblíquas, descendo da esquerda para a direita.

QUADRO 31

A cabeça de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

| Banda | Campo | Função | Preenchimento | Comentário |
|-------|-------|--------|---------------|--|
| B1 | C1 | DMIB↓ | Nenhum | Parece ilusoriamente preenchido pelo facto de ser atravessado na diagonal pelo motivo escalariforme eº e por parte dos traços oblíquos que definem as sobranceiras e ainda por um conjunto de quatro incisões oblíquas que atingem o bordo, cortadas por uma linha que lhes é perpendicular. |
| B1 | C2 | TP↑ | Quadrícula | A análise do ponto de intersecção dos traços do triângulo e do motivo escalariforme mostram que o motivo é anterior à gravação do triângulo. |
| B1 | C3 | TV↓ | Nenhum | Apenas um risco no topo direito. |
| B1 | C4 | TP↑ | Quadrícula | Quadrícula irregular. |
| B1 | C5 | TP↓ | Quadrícula | Este provável triângulo está muito afectado pela destruição que a placa sofreu neste ponto, com uma área de perda de massa contígua à perfuração e que afectou esta. O seu vértice está longe de ser nítido, tal como aliás no caso anterior. Talvez a área correspondendo a C4 e C5 fosse antes uma área irregular envolvendo a perfuração e não dois triângulos contíguos preenchidos, mas é impossível dizê-lo. |
| B1 | C6 | TV↑ | Nenhum | Apenas preenchido pelo motivo escalariforme direito |
| B1 | C7 | TP↓ | Quadrícula | Quadrícula irregular e complexa. O motivo escalariforme parece cortar o triângulo anteriormente gravado. Parece ter havido um conjunto de riscos que se entrecruzam e que, neste triângulo, não têm que ver com o preenchimento em quadrícula inicial. |
| B1 | C8 | DMFB↑ | Nenhum | Muito perturbado por riscos intersecantes desordenados. |
| B2 | C1 | TP↓ | Quadrícula | Apresenta no bordo esquerdo sulcos fundos e curtos que podem ter sido produzidos por uma corda fina e dura que ataria a cabeça da placa. Estes sulcos têm a sua réplica na área terminal de B2, também no bordo. |
| B2 | C2 | TV↑ | Nenhum | |
| B2 | C3 | TP↓ | Quadrícula | É o triângulo em que termina o motivo escalariforme eº. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |
| B2 | C4 | TV↑ | Nenhum | É o triângulo em que termina o motivo escalariforme dº. O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B2 | C5 | TV↓ | Nenhum | Por ser vazio, é neste triângulo que observam melhor os traços que segmentam o escalariforme direito. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |
| B2 | C6 | TP↑ | Quadrícula | A quadrícula não chega a atingir a base do triângulo, havendo nela uma área, a inferior, em que apenas foram gravados 3 traços horizontais, ocupando toda a largura do triângulo. |

QUADRO 31 [Cont.]

A cabeça de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

| Banda | Campo | Função | Preenchimento | Comentário |
|-------|-------|--------|---------------|---|
| B2 | C7 | DMFB↓ | Quadricula | Mas não é impossível ser um campo preenchido com horizontais e alguns riscos parasitas. |
| B3 | C1 | TP↓ | Quadricula | Incompleto, mas não parece ser um delimitador de faixa |
| B3 | C2 | TV↑ | Nenhum | Com vestígios de traços anteriores à paginação definitiva. |
| B3 | C3 | TP↓ | Quadricula | Um dos lados convergindo para o vértice ultrapassa a linha divisória, que o outro não atinge. |
| B3 | C4 | TV↑ | Nenhum | |
| B3 | C5 | TP↓ | Quadricula | Triângulo incompleto, mas que não chega à base da banda, adossando-se a C6. |
| B3 | C6 | DMFB↑ | Oblíquas | |

DMIB: delimitador de início de banda. DMFB: delimitador de fim de banda.

O que produz o seguinte padrão:



Face

Corpo (de cima para baixo): oito componentes estruturantes — dois ombros definidos pelo recorte da placa e pelo traço de cima da banda de topo, cinco bandas de triângulos, com os vértices de orientação oposta de banda para banda, e uma banda terminal também preenchida por triângulos.

1. destacando-se no corpo, dois «ombros» triangulares, bem definidos, em cima, pelo recorte da placa e, em baixo, pelo traçado da primeira fila de triângulos. Preenchidos com riscos oblíquos, grosseiramente intersecantes;
2. corpo com cinco fileiras de 12, 11, 12, 11, 10 espaços triangulares, vazios e preenchidos e ainda funcionando como delimitadores de início e fim de banda, mais ou menos triangulares. A primeira banda começa com um espaço delimitador com o aspecto de um triângulo inacabado, continua com cinco triângulos preenchidos de vértice para baixo, o último preenchido por traços verticais, e termina com um espaço delimitador preenchido por horizontais paralelas. A segunda banda apresenta o mesmo número de triângulos preenchidos, mas com o vértice para cima, enquadrados no início e no fim por espaços delimitadores preenchidos. O segundo triângulo preenchido contém apenas horizontais paralelas. A terceira banda inclui também cinco triângulos, agora de vértice para baixo, mas o quinto está vazio. Permanecem os espaços delimitadores, mas o primeiro está preenchido apenas por horizontais. A quarta banda contém cinco triângulos preenchidos, com o vértice para cima, delimitados por dois espaços triangulóides preenchidos. A quinta banda inclui quatro triângulos preenchidos, se considerarmos o primeiro campo como espaço delimitador. O último campo é preenchido, tal como o triângulo que a ele se adossa;
3. finalmente, uma banda delimitadora do fim da placa, com oito espaços triangulares, vazios ou preenchidos por oblíquas intersecantes ou por traços paralelos, por vezes cortados por traços verticais curtos. O preenchimento dos triângulos atinge aqui a maior diversidade do conjunto: campos 1-2-3 com oblíquas intersecantes; 4-5 com traços hori-

zontais, cortados no caso do 5 por alguns traços quase verticais; 6 vazio; 7-8 com traços intersecantes muito irregulares no caso do 8, tal como o 1, um verdadeiro espaço delimitador. A nível de triângulos preenchidos, voltamos assim a ter de novo 5.



FIG. 89 – Pormenor da banda delimitadora de fim de placa e da banda para triângulos imediatamente superior. 1: triângulo parcialmente quadriculado, abaixo do qual se observa a interrupção e prosseguimento posterior do traço delimitador da banda final; 2: triângulo cujo vértice não atinge a linha delimitadora que está inferior; 3: triângulos adossados com preenchimento quadriculado irregular; 4: triângulos adossados com preenchimento respectivamente por 10 e 8 traços horizontais, no da direita cortados por três verticais. Neste triângulo, tal como nos que lhe são anterior e superior, o vértice não se forma exactamente na base; 5: triângulo vazio; 6: área de fim de banda, preenchida; 7: traços irregulares, os verticais provavelmente acidentais, os horizontais resultantes de um eventual projecto de preenchimento com linhas horizontais. A imagem foi invertida em *Photoshop*, de forma a sublinhar as incisões e aumentar o contraste.

QUADRO 32
O corpo de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

| Banda | Campo | Função | Preenchimento | Comentário |
|-------|-------|--------|---------------|---|
| BI | C1 | DMIB↓ | Quadricula | Vê-se muito nitidamente que foi gravado depois do recorte e polimento dos bordos estar completo, uma vez que os traços incisivos horizontais, e mesmo dois oblíquos, se prolongam no bordo. |
| BI | C2 | TV↑ | Nenhum | |
| BI | C3 | TP↓ | Quadricula | Relativamente regular. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |
| BI | C4 | TV↑ | Nenhum | O vértice não atinge o traço de banda superior. |
| BI | C5 | TP↓ | Quadricula | De preenchimento irregular. |
| BI | C6 | TV↑ | Nenhum | |
| BI | C7 | TP↓ | Quadricula | Dois dos traços de preenchimento são segmentos de círculo concêntricos. |
| BI | C8 | TV↑ | Nenhum | |
| BI | C9 | TP↓ | Quadricula | O terceiro sulco a contar de baixo invade o triângulo anterior e o seguinte. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |

QUADRO 32 [Cont.]

O corpo de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

| Banda | Campo | Função | Preenchimento | Comentário |
|-------|-------|--------|---------------|---|
| B1 | C10 | TV↑ | Nenhum | |
| B1 | C11 | TP↓ | Verticais | Preenchimento apenas com traços que convergem para o vértice do triângulo. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |
| B1 | C12 | DMFB↑ | Horizontais | |
| B2 | C1 | DMIB↓ | Horizontais | Com sulcos que se prolongam para o bordo. Traços de polimento anteriores à gravação criam ilusão de quadrícula. |
| B2 | C2 | TP↑ | Quadrícula | O vértice ultrapassa o traço de banda superior. |
| B2 | C3 | TV↓ | Nenhum. | O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |
| B2 | C4 | TP↑ | Horizontais | Preenchido com traços horizontais, sem qualquer vestígio de terem sido cortados na vertical. Existem, no entanto, traços muito pequenos, alguns dos quais se prolongam nitidamente para C3. O vértice não atinge o traço de banda superior. |
| B2 | C5 | TV↓ | Nenhum | O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |
| B2 | C6 | TP↑ | Quadrícula | O vértice ultrapassa o traço de banda superior. |
| B2 | C7 | TV↓ | Nenhum | O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B2 | C8 | TP↑ | Quadrícula | O vértice ultrapassa o traço de banda superior. |
| B2 | C9 | TV↓ | Nenhum | O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B2 | C10 | TP↑ | Quadrícula | |
| B2 | C11 | DMFB↓ | Horizontais | Grande traço vertical cortado por numerosos outros, horizontais, que se prolongam para o bordo da placa. |
| B3 | C1 | DMIB↓ | Horizontais | Traços que se prolongam para o bordo da placa. Traços de polimento anteriores à gravação criam ilusão de quadrícula. |
| B3 | C2 | TV↑ | Nenhum | Alguns traços de polimento na vertical, que poderiam confundir-se com gravação anterior, o que não parece ser real. O vértice ultrapassa o traço de banda superior. |
| B3 | C3 | TP↓ | Quadrícula | O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |
| B3 | C4 | TV↑ | Nenhum | O vértice ultrapassa o traço de banda superior. |
| B3 | C5 | TP↓ | Quadrícula | O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |
| B3 | C6 | TV↑ | Nenhum | |
| B3 | C7 | TP↓ | Quadrícula | O vértice ultrapassa o traço de banda inferior. |
| B3 | C8 | TV↑ | Nenhum | |
| B3 | C9 | TP↓ | Quadrícula | O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B3 | C10 | TV↑ | Nenhum | |
| B3 | C11 | TV↓ | Nenhum | |
| B3 | C12 | DMFB↑ | Quadrícula | Sulcos que se prolongam no bordo da placa. O vértice ultrapassa o traço de banda superior. |
| B4 | C1 | DMIB↓ | Oblíquas | |
| B4 | C2 | TP↑ | Quadrícula | Quadrícula relativamente regular. Não forma vértice, ao ir de encontro à linha superior. |
| B4 | C3 | TV↓ | Nenhum | O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B4 | C4 | TP↑ | Quadrícula | |
| B4 | C5 | TV↓ | Nenhum | |
| B4 | C6 | TP↑ | Quadrícula | |
| B4 | C7 | TV↓ | Nenhum | O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B4 | C8 | TP↑ | Quadrícula | |
| B4 | C9 | TV↓ | Nenhum | O vértice não atinge o traço de banda inferior. |

QUADRO 32 [Cont.]

O corpo de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

| Banda | Campo | Função | Preenchimento | Comentário |
|-------|-------|--------|---------------|--|
| B4 | C10 | TP↑ | Quadrícula | |
| B4 | C11 | DMFB↓ | Horizontais | Traços gravados entram fortemente no bordo da placa. |
| B5 | C1 | DMIB↓ | Quadrícula | |
| B5 | C2 | TV↑ | Nenhum | |
| B5 | C3 | TP↓ | Quadrícula | Sulco horizontal prolongando-se para C2. |
| B5 | C4 | TV↑ | Nenhum | |
| B5 | C5 | TP↓ | Quadrícula | O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B5 | C6 | TV↑ | Nenhum | |
| B5 | C7 | TP↓ | Quadrícula | O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B5 | C8 | TV↑ | Nenhum | |
| B5 | C9 | TP↓ | Quadrícula | Na realidade, este triângulo termina muito antes da banda, fazendo com que o campo seguinte apareça como um trapézio irregular, o que é perfeitamente compatível com um delimitador de fim de banda. O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B5 | C10 | DMFB↑ | Quadrícula | Sulcos horizontais que entram completamente no bordo. |
| B6 | C1 | DMIB↓ | Quadrícula | Poderia ser eventualmente interpretado como um triângulo preenchido, o primeiro de uma banda só com triângulos e sem campos delimitadores de início e fim de banda, mas a sua similitude com C8 determinou que esta opção fosse afastada. |
| B6 | C2 | TP↑ | Quadrícula | |
| B6 | C3 | TP↓ | Quadrícula | O vértice não atinge o traço de banda inferior. |
| B6 | C4 | TP↑ | Oblíquas | |
| B6 | C5 | TP↓ | Horizontais | Os traços de preenchimento entram em C6. O vértice não atinge o limite inferior da placa. |
| B6 | C6 | TV↑ | Nenhum | |
| B6 | C7 | TP↓ | Quadrícula | O vértice, se existisse, ultrapassaria o limite inferior da placa. |
| B6 | C8 | DMFB↑ | Quadrícula | |

DMIB: delimitador de início de banda. DMFB: delimitador de fim de banda. TV: Triângulo vazio. TP: Triângulo preenchido.

Resumindo graficamente o ritmo da alternância dos campos (triângulos e espaços delimitadores), teremos

QUADRO 33

Alternância de campos de J.8-667.

| B | TC | C1 | C2 | C3 | C4 | C5 | C6 | C7 | C8 | C9 | C10 | C11 | C12 |
|---|----|-------|----|----|----|----|----|----|-------|----|-------|-------|-------|
| 1 | I2 | ▴ = ≡ | △ | ▾ | △ | ▾ | △ | ▾ | △ | ▾ | △ | ▾ | ▴ = ≡ |
| 2 | II | ▴ = ≡ | ▲ | ▽ | ▲ | ▽ | ▲ | ▽ | ▲ | ▽ | ▲ | ▴ = ≡ | |
| 3 | I2 | ▴ = ≡ | △ | ▾ | △ | ▾ | △ | ▾ | △ | ▾ | △ | ▽ | ▴ = ≡ |
| 4 | II | ▴ = ≡ | ▲ | ▽ | ▲ | ▽ | ▲ | ▽ | ▲ | ▽ | ▲ | ▴ = ≡ | |
| 5 | IO | ▴ = ≡ | △ | ▾ | △ | ▾ | △ | ▾ | △ | ▾ | ▴ = ≡ | | |
| 6 | 8 | ▴ = ≡ | ▲ | ▽ | ▲ | ▽ | ▲ | ▽ | ▴ = ≡ | | | | |

▲ : triângulo preenchido com o vértice para cima

▾ : triângulo preenchido com o vértice para baixo

△ : triângulo vazio com o vértice para cima

▽ : triângulo vazio com o vértice para baixo

▴ : delimitador preenchido, com o vértice para a base da banda

▴ : delimitador preenchido, com o vértice para o topo da banda

= ≡ : delimitador de início de banda

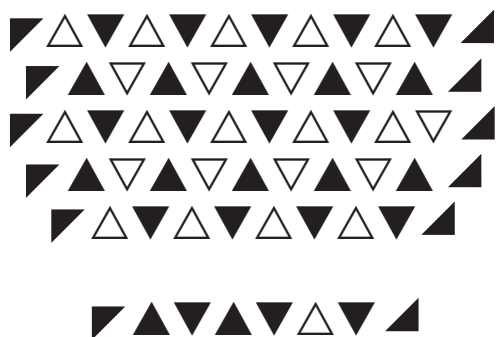
= ≡ : delimitador de fim de banda

B: banda

BF: banda final

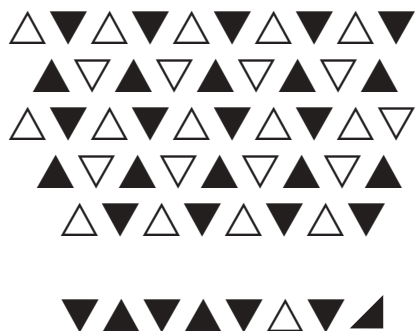
TC: total de campos: triângulos (vazios e preenchidos) e delimitadores

O padrão surge com a configuração seguinte:



observando-se que

1. as bandas começam sempre por um espaço preenchido, terminando da mesma maneira;
 2. em nenhuma banda se verifica uma alternância rigorosa entre um espaço preenchido e um vazio;
 3. a segunda banda distingue-se pelo ritmo acertado da alternância dos triângulos ser reconhecível, se os considerarmos enquadrados por dois triângulos preenchidos no início e outros dois no fim (B2-1/11, B2-2/11, B2-10/11, B2-11/11);
 4. a banda quatro pode ser lida da mesma maneira;
 5. o mesmo acontece com a cinco;
 6. a última banda, a seis, que considero delimitadora de fim de placa, em oito espaços tem apenas um vazio, F6-6/8
- teríamos assim, se expurgarmos as periferias de banda, uma outra imagem:



Agora, as bandas

1. começam sempre com triângulos com o vértice para cima, com o ritmo (da banda 1 à banda 5) vazio-preenchido-vazio-preenchido-vazio;
2. terminam com o ritmo (da banda 1 à banda 5) preenchido-preenchido-vazio-preenchido.

Na realidade, os próprios tipos de preenchimento justificam que se registre a sua diversidade:

QUADRO 34

Tipos de preenchimento dos triângulos e campos delimitadores de J.8-667.

| B | T | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
|---|----|-----|----|----|-----|-----|----|----|----|----|-----|-----|-----|
| 1 | 12 | ▼# | △ | ▼# | △ | ▼# | △ | ▼# | △ | ▼# | △ | ▼↑ | ▼\$ |
| 2 | 11 | ▼ | ▲# | ▽ | ▲\$ | ▽ | ▲# | ▽ | ▲# | ▽ | ▲# | ▼# | |
| 3 | 12 | ▼\$ | △ | ▼# | △ | ▼# | △ | ▼# | △ | ▼# | △ | ▽ | ▲# |
| 4 | 11 | ▼// | ▲# | ▽ | ▲# | ▽ | ▲# | ▽ | ▲# | ▽ | ▲# | ▼\$ | |
| 5 | 10 | ▼# | △ | ▼# | △ | ▼# | △ | ▼# | △ | ▼# | ▲// | | |
| 6 | 8 | ▼# | ▲# | ▼# | ▲// | ▼\$ | △ | ▼# | ▲# | | | | |

\$: traços horizontais # : quadrícula (traços oblíquos ou horizontais intersecantes)
 ↑↓ : traços verticais // : traços oblíquos

A composição das bandas de triângulos baseia-se na oposição de cinco triângulos com o ritmo de orientação Baixo – Cima – Baixo – Cima – Baixo, sendo os espaços sobranceiros iniciais e terminais de cada banda, em consequência do desenho do primeiro e último triângulos quase sempre figuras irregulares, triangulóides ou trapezoidais alongadas. Sempre que funcionam efectivamente como espaços sobranceiros, são preenchidos com traços horizontais paralelos, ainda que irregularmente traçados, salvo no caso da banda 1, em que o 1.º se aproxima de um triângulo, na banda 3, em que o ritmo se interrompe e o triângulo 5 fica vazio, preenchendo-se o espaço sobranceiro, que funciona assim como um triângulo preenchido, e na banda 6, em que o que seria um espaço sobranceiro inicial se transforma no 1.º triângulo, o que não é de estranhar por nos encontrarmos perante uma banda delimitadora de fim de placa, aqui com outras regras que as das cinco bandas anteriores.

Verso (Fig. 88)

Cabeça (da esquerda para a direita, três componentes estruturantes, o primeiro e o terceiro subdivididos em dois, o segundo em três áreas significantes)

1. em função da perfuração central, a decoração organiza-se de duas diferentes maneiras. À esquerda, um triângulo alongado com o vértice para baixo distingue-se de outro, muito alongado por uma clara separação em banda vazia. Um curto motivo escalariforme corta o primeiro, em baixo. O grande triângulo é ainda segmentado por um traço num outro vazio, no topo, e numa área preenchida;
2. o segundo contém um outro escalariforme um pouco mais curto, cortando um grupo de VV muito irregulares dispostos na vertical, rematados em baixo por um V, que remata a série e que é um verdadeiro triângulo vazio sem traço de topo, inserido num campo quadrículado, a que finalmente se segue um último campo marcado por oblíquas paralelas;
3. À direita da vertical marcada pela perfuração central para suspensão, um X muito alongado, a toda a altura da cabeça da placa, tem um losango preenchido com oblíquas intersecantes na sua parte superior e um triângulo preenchido com traços horizontais, e outros ligeiramente oblíquos, na metade inferior. No campo superior, na metade inferior do losango, repete-se a composição em VV dispostos na vertical do lado esquerdo da cabeça da placa. No inferior, usaram-se apenas traços horizontais paralelos como preenchimento;

Corpo

1. ombros: cada um é um verdadeiro triângulo preenchido, com o vértice apontando para o centro. O traço que separa a cabeça do corpo parte do ângulo interno do ombro-triângulo esquerdo e vai até ao limite oposto da placa;

2. o corpo da placa é inteiramente preenchido por um segmento de círculo constituído por 16 longos raios, partindo de um ponto central do traço que separa a cabeça do corpo. Na parte inferior, há ainda um traço ondulado que define uma área terminal da placa. Os raios 4, 6, 8, 9, 11 e 12 atravessam esta linha delimitadora, o que não acontece com os restantes. No entanto, partindo da linha ondulante para baixo, encontram-se outros 10 raios, desenhados dos da parte acima da linha. Deve sublinhar-se (e particularmente em função do motivo central do verso da placa H.8-5) que os raios longos 1 e 16 formam, com a linha divisória, um espaço triangular, com o vértice para cima, de algum modo semelhante ao traçado entre as pinturas ou «tatuagens» representadas no topo do verso da placa H.8-5.

Comentário

1. O recorte, a dimensão da cabeça e a perfuração

O recorte configura a situação das placas de ombros oblíquos (um exemplar em OP-2, outro em Passo 1), bem distinta das placas de ombros horizontais, de que se conhecem excelentes exemplares em Passo 1 e Cebolinhos 1. A dimensão da cabeça é superior a 1/3 da altura máxima da placa, aproximando-se mesmo da metade, ou, mais adequadamente, ocupa 42% da altura total do artefacto. Esta dimensão coloca a placa numa categoria relativamente pouco comum, sendo as alturas de cabeça de outras bem inferiores no cômputo percentual: 31,5% na placa recortada de ombros oblíquos de Passo 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXI: 5) e apenas 17,5% na placa de ombros direitos também de Passo 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXI: 19). A placa de ombros direitos de Cebolinhos 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXXIV: 7) tem uma cabeça com apenas 20% da altura total da placa (19,3 cm), ainda que a situação das placas paginadas como esta sugira uma leitura mais cuidadosa das proporções relativas dos seus componentes, em função da maneira como os eles são interpretados.

A perfuração está actualmente descentrada: da sua margem esquerda ao bordo esquerdo medeiam 35,25 mm, e da sua margem direita até ao bordo direito 48,26 mm. No entanto, se reconstituirmos a placa original antes da gravação e do recorte, o que é factível com uma margem de erro mínima, prolongando o traçado dos bordos, verificamos que, *originalmente, ela estaria centrada*. Esta leitura reforça a tese, apoiada aliás pela macroobservação dos traços invasores do interior da perfuração, de que esta é anterior ao tratamento final e gravação das superfícies da placa.

2. A face: motivos da Cabeça, tipo de triângulos de acordo com os preenchimentos, a banda final

Todas as incisões foram efectuadas com um utensílio de ponta dura e pontiaguda, tendo sido obtidos traços incisivos bem definidos.

O motivo escalariforme da esquerda oferecia inicialmente algumas dificuldades de interpretação, devido ao modo como termina e à multiplicação de traços que aí proliferam, levantando a questão das sobreposições e da anterioridade relativa dos motivos. Este motivo parte efectivamente do topo esquerdo da placa e termina numa área em que se encontra gravado um triângulo preenchido. A maneira como o motivo terminava sugeria mesmo poder tratar-se de uma mão. Na realidade, o motivo termina praticamente de encontro a uma linha zigzagueante que preenche irregularmente o topo do triângulo, produzindo a ilusão de um efeito de dedos. A macroobservação do entrecruzar de esses motivos é, no entanto, muito clara: os traços de preenchimento do triângulo cortam o traçado anterior do motivo escalariforme da esquerda, que poderia assim, eventualmente, integrar um conjunto de motivos gravados anteriormente na placa, situação a discutir mais adiante.

Os triângulos observáveis na face da placa têm as seguintes características, agora explicitadas numa leitura mais fina no quadro seguinte:

1. vazios (V);
2. preenchidos (P)

- 2.1. por traços intersecantes, formando uma quadrícula mais ou menos regular (PQ)
- 2.2. por traços horizontais (PTH)
- 2.3. por traços verticais (PTV)
- 2.4. por traços oblíquos (PTO)

QUADRO 35

Distribuição do preenchimento de triângulos.

| Área | C1 | C2 | C3 | C4 | C5 | C6 | C7 | C8 | C9 | C10 | C11 | C12 |
|-----------|-----|----|----|-----|-----|----|----|----|----|-----|-----|-----|
| CB-B1 | V | PQ | V | PQ | PQ | V | PQ | V | | | | |
| CB-B2 | PQ | V | PQ | V | V | PQ | PQ | | | | | |
| CB-B3 | PQ | V* | PQ | V | PQ | PQ | | | | | | |
| CR-B1 | PQ | V | PQ | V | PQ | V | PQ | V | PQ | V | PTV | PTH |
| CR-B2 | PTH | PQ | V* | PTH | V | PQ | V | PQ | V | PQ | PQ | |
| CR-B3 | PTH | V | PQ | V | PQ | V | PQ | V | PQ | V | V | PQ |
| CR-B4 | PQ | PQ | V* | PQ | V* | PQ | V* | PQ | V | PQ | PTO | |
| CR-B5 | PQ | V | PQ | V | PQ | V | PQ | V | PQ | PTO | | |
| CR-B6**PQ | PQ | PQ | PQ | PTO | PTH | V | PQ | PQ | | | | |

* Com traços quase imperceptíveis, atribuíveis a uma primeira paginação da placa, em que seria a eventual projecção de um triângulo preenchido com oblíquas intersecantes.

** Na verdade, no caso de CR-B6, apesar da similitude dos motivos, trata-se de uma verdadeira banda delimitadora final.
CB: Cabeça; CR: Corpo; B: Banda; C: Campo.

Parece importante sublinhar três pontos.

Em primeiro lugar, é muito possível que ao desenho das bandas e da inserção dentro delas dos triângulos vazios, se tenha sucedido uma fase de ensaio de paginação, cujos traços referentes aos triângulos destinados a ser preenchidos ou a ficarem vazios não foram totalmente apagados, apesar da paginação final ser diferente. No quadro acima, não considere nesta categoria V* alguns triângulos vazios que aparentavam ter traços aparentemente assimiláveis a este tipo, mas que me pareceram ser antes vestígios do polimento geral da superfície da placa.

Em segundo lugar, a distribuição dos triângulos preenchidos apenas com traços horizontais parece concentrar-se nas extremidades das bandas (CR-B2-T1 e CR-B3-T1; CR-B1-C12, CR-B4-C11), mas também perto do centro de algumas bandas: CR-B2-C4 E CR-B6 (=BDF) C4 e C5.

Finalmente, em apenas um caso, o de CR-B1-C12, o triângulo foi preenchido com traços verticais.

3. O verso: os triângulos do topo, o motivo radiante

Os triângulos do topo do verso da placa são o resultado de uma paginação prévia algo bizarra, mas que recorda, estilisticamente os motivos, muito diferentes, de uma placa exumada por Jorge Oliveira numa das antas que estudou (Alcogulo 1, Castelo de Vide). Trata-se de um paralelismo que não tem que ver com a similitude do motivo, mas com o tipo de gravação e a forma de execução.

Na base do verso, o campo definido pela linha da extrema esquerda do motivo radiante e pela linha oposta é rematado por um traço ondulante que serve assim de definidor de um campo grosseiramente triangular. Essa linha delimitadora é anterior aos traços que, na base da placa, prosseguem ou completam os traços radiantes que partem do separador Cabeça – Corpo, por isso penso que esta linha constitui uma primeira gravação destinada a organizar o futuro campo de traços radiantes. Esta situação é particularmente nítida em vários cruzamentos de traços, não atingindo no entanto as intersecções verticais o topo de essa Linha Delimitadora (LD). Por outro lado, alguns dos sulcos radiantes, nitidamente menos profundos que a linha delimitadora, cortam-na e prosseguem,

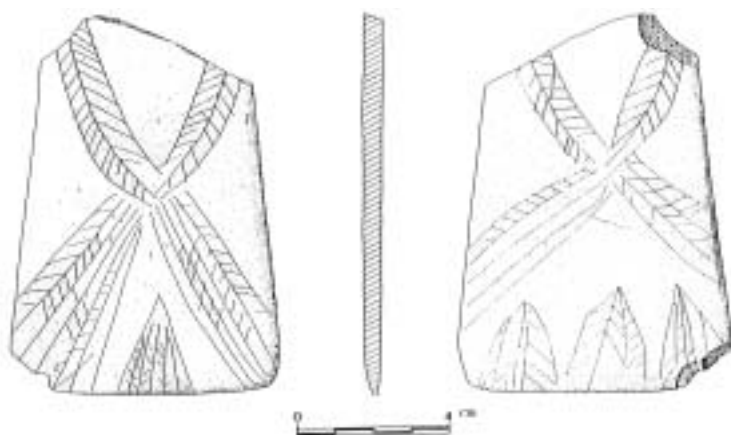


FIG. 90 – Placa AI 54 da Anta Alcogulo 1, Castelo de Vide (segundo Oliveira, 1997, vol. 3, p. 206). Os motivos usados e o seu tratamento estilizado diferem das normas, mas mantêm-se as organizações simétricas e um triângulo (pouco ortodoxo, é certo) marca a base de uma das faces, onde aparece isolado. Na outra face, temos também na base um triângulo e dois quase triângulos, preenchidos de forma ainda mais bizarra que o anterior. Ainda que seja impossível provar com alta probabilidade qual foi a face e qual o verso, não encontro razão para divergir da escolha implícita no desenho de Jorge de Oliveira. As técnicas de gravação de esta placa parecem similares, tal como a gramática decorativa, às de STAM-3 J.8-667.

enquanto outros se interrompem. Tudo se passa como se, gravada a linha delimitadora inferior, alguns dos raios provenientes do pescoço da placa a tivessem ultrapassado, outros não, e o preenchimento da área abaixo da linha delimitadora tenha sido completado com novos traços, partindo dela para a extremidade proximal da placa. Numa situação particularmente nítida, duas linhas provenientes do foco central da radiação encontram a linha delimitadora e prosseguem, e no espaço entre elas, na linha delimitadora, foram gravadas, para baixo, três novas linhas.

Do ponto de onde aparentemente partem os traços radiantes, situado sobre a linha separadora Cabeça – Corpo, apenas parte, na realidade, uma delas, a da extrema esquerda. A linha da extrema direita, que define a área radiante, não chega a tocar nem a linha separadora Cabeça – Corpo nem sequer forma exactamente um triângulo, interrompendo-se antes do ponto que seria o vértice.

Basicamente, das 16 linhas radiantes no topo do segmento de círculo apenas uma toca a Linha Delimitadora, outra encontra-se com ela e algumas outras foram claramente gravadas a seguir, para preencher espaço, não se aproximando sequer do possível vértice do triângulo. Do conjunto das 16, considero quatro como organizadoras do espaço e gravadas primeiro, definindo três campos. O primeiro contém quatro linhas, o segundo, seis, o terceiro, duas.

É também interessante sublinhar que o traço delimitador da separação Cabeça – Corpo não é tão regular no verso como o foi na face. Assim, ele prolonga-se da direita para a esquerda, a partir da base definidora do ombro direito, mas a irregularidade do traço fez com que tenha sido necessário acrescentar outra linha horizontal, como delimitador do bordo, uma vez que o recorte é mais profundo à esquerda que à direita.

4. A cadeia operatória

Na cadeia operatória desenrolada para a obtenção da placa J.8-667 como produto final, distinguem-se as seguintes fases em sequência:

- 1.^a fase: obtenção, a partir de uma laje de xisto, de uma placa de forma trapezoidal muito alongada, cujos ângulos foram arredondados;
- 2.^a fase: perfuração de esta placa, com uma perfuração única, centrada;
- 3.^a fase: polimento das superfícies, com forte incidência no sentido longitudinal das duas faces;
- 4.^a fase: recorte da placa, de forma a se obter uma cabeça alta, trapezoidal, destacada, e dois ombros oblíquos (de cima para baixo, em função de uma linha divisória gravada pos-

teriormente, e que separaria a Cabeça do Corpo). Nesta fase da cadeia operatória, o *recorte irregular do topo torna a perfuração descentrada (ou excêntrica)*;

- 5.^a fase: gravação de uma linha a toda a largura do topo, cortada por traços oblíquos orientados, de cima para baixo, para a esquerda, equivalendo à linha dupla de sobrancelhas das figurações da Deusa dos Olhos de Sol sobre cerâmica ou outros suportes. Esta linha é gravada em dois momentos, talvez pela irregularidade do topo da placa ter conduzido a uma falha ou interrupção do primeiro movimento de gravação;
- 6.^a fase: gravação dos motivos escaliformes, convergentes para o centro;
- 7.^a fase: paginação das superfícies da placa, através da gravação de *campos delimitadores*, horizontais, bandas na face e campo radiante do verso, marcação dos ombros;
- 8.^a fase: gravação experimental ou de ensaio do preenchimento dos triângulos;
- 9.^a fase: decoração por preenchimento definitivo dos campos;
- 10.^a fase: gravação do verso com a provável sequência Cabeça-ombros-Corpo. Aqui, duas sequências distintas são claras, a primeira referida à cabeça e a segunda ao motivo radiante. Este último organiza-se pelo traçado de um triângulo de vértice para cima, seguido de um crescendo específico:
 - 1. divisão do triângulo pela inserção de um traço vertical central;
 - 2. subdivisão dos dois campos obtidos em quatro, pela gravação de dois traços radian-tes. Ambos, tal como o traço anterior cortam e ultrapassam o lado inferior do triângulo que os enquadra. Ambos partem do ponto mais alto possível, junto ao interior do vértice do triângulo;
 - 3. os quatro espaços internos são preenchidos com novos traços, aumentando o efeito de radiação, mas destes apenas dois ultrapassam a base do triângulo;
 - 4. são gravados mais três traços, já para lá do lado direito do triângulo, e acrescenta-dos novos traços abaixo do lado inferior, o que aumenta ainda mais, visualmente, o aspecto radiante do motivo.

No entanto, no que se refere à face da placa, uma observação da Cabeça permite avançar uma leitura alternativa, a partir de uma análise macroscópica dos traços incisos:

1. gravação do traço horizontal das «sobrancelhas»;
2. gravação dos traços que cortam a linha das «sobrancelhas»;
3. gravação do escalariforme esquerdo;
4. gravação dos triângulos do lado esquerdo;
5. gravação dos triângulos do lado direito;
6. gravação do escalariforme direito.

Se assim fosse, o primeiro motivo a ser gravado seria o dos triângulos e o último o dos esca-lariformes.

Mas a questão fundamental reside em perceber se os dois conjuntos referidos acima foram parte de uma única planificação iconológica da face da placa ou se representam dois momentos completa-mente distintos, tanto cronologica como conceptualmente.

Ora o segundo conjunto da Cabeça da placa é absolutamente coerente com os motivos gra-vados no corpo, pelo que faz indiscutivelmente parte do mesmo conjunto iconológico.

No entanto, a sequência de gravação dos motivos da Cabeça mostra que podem ter existido momentos entrosados de gravação para os diferentes conjuntos, como se acaba de ver. Isto é:

sendo o escalariforme do lado esquerdo anterior à gravação dos triângulos de esse lado, o escalariforme do lado direito é posterior à gravação dos triângulos do seu lado. O que quer dizer que houve uma concepção única, ainda que complexa, do todo representado na face de J.8-667.

O que se propõe, afinal, é a existência de dois conjuntos de representações cujo entrosamento estava concebido desde o início, o que não compromete minimamente a sua identidade. Assim sendo, a execução, fosse por que ordem fosse, previa à partida o resultado final que hoje observamos e o sincretismo da representação foi, como tal, planeado.

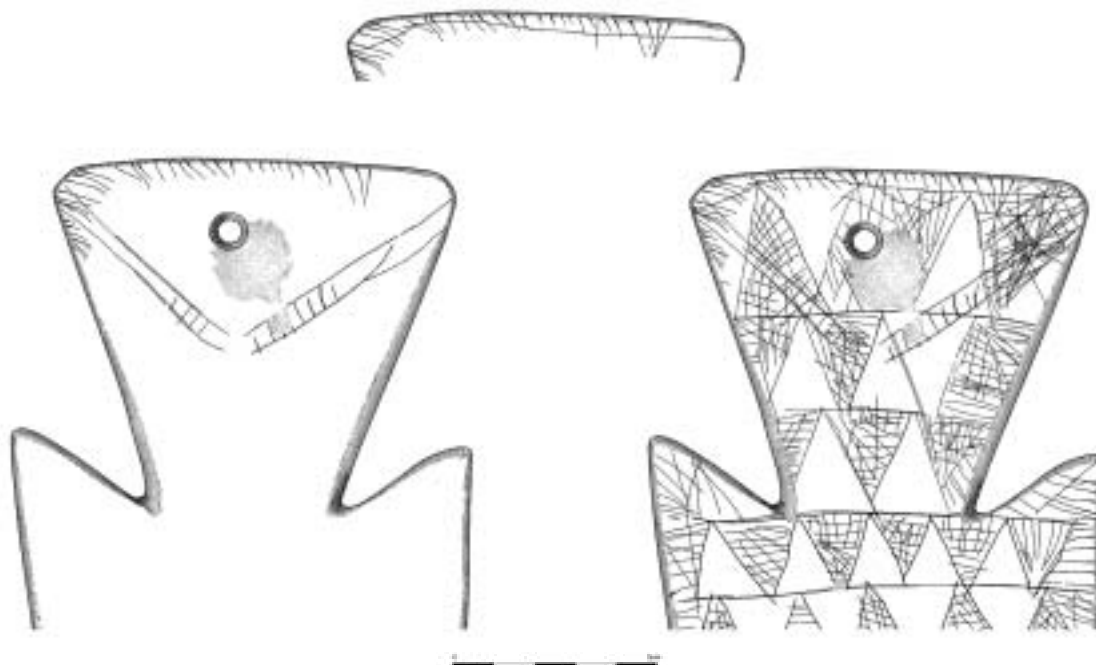


FIG. 91 – Placa J.8-667. Os conjuntos simbólicos A e B. À esquerda, o primeiro conjunto; À direita, o resultado da fusão de ambos. Em cima, a possibilidade de o traço delimitador superior da primeira banda de triângulos da Cabeça ter pertencido ao primeiro conjunto (sendo, logo a seguir, reutilizado numa nova função específica).

É importante referir agora os processos e os critérios usados para paginar e preencher os campos geométricos criados no verso da Cabeça da placa:

1. nunca houve a intenção de obter triângulos «clássicos»;
2. não é assim de estranhar que o preenchimento dos campos, mesmo quando estes são triangulares, não corresponda ao preenchimento metódico de triângulos como os das placas J.9-41 ou mesmo I.8-259;
3. mas também deve ser dito que raros são os triângulos do Corpo da face da placa que têm preenchimentos regulares;
4. no primeiro campo preenchido (da esquerda para a direita), há linhas entrecruzadas, irregularmente traçadas e orientadas em oblíquas de inclinações variáveis;
5. no segundo campo preenchido, um triângulo muito alongado, com o vértice para cima, o topo tem um preenchimento irregular de linhas oblíquas, parcialmente entrecruzadas, a área mesial é preenchida com um motivo em espiga de trigo e a parte inferior com uma verdadeira quadrícula;
6. o terceiro campo preenchido, um X muito alongado (portanto, dois triângulos unidos pelo vértice), tem um triângulo de vértice para cima gravado dentro do triângulo com o vértice

para baixo e este é irregularmente preenchido com linhas entrecruzadas, abaixo das quais se vê um motivo em espiga. O triângulo inferior é preenchido com linhas horizontais apenas cortadas, junto ao vértice, por duas linhas, uma quase vertical, outra oblíqua.

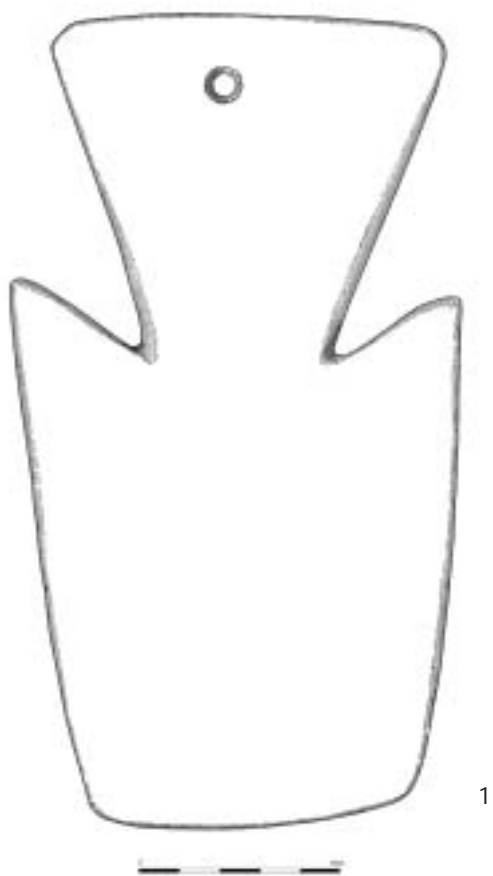
O motivo radiante, pela sua singularidade, foi objecto de especial atenção. Por análise macroscópica, reconstituiu-se a sequência da sua gravação, desde o ponto zero até ao momento final:

1. gravação de um grande triângulo de vértice para cima, partindo do traço delimitador Cabeça-Corpo;
2. divisão deste triângulo em dois, pela gravação de um traço vertical;
3. subdivisão dos dois campos disponíveis, obtendo-se agora quatro;
4. preenchimento dos quatro campos com traços intermédios e com mais três, exteriores ao lado direito do triângulo;
5. gravação de traços abaixo do lado inferior do triângulo original, de forma a prolongar para o limite da placa os traços radiantes. Nenhum de estes traços corresponde a uma continuação dos traços superiores e um deles tem mesmo uma orientação diferente (mas é o único nesta situação).

5. Comentário final

Voltaremos a discutir em 7. esta extraordinária placa, mas avança-se já com um pequeno lote de questões:

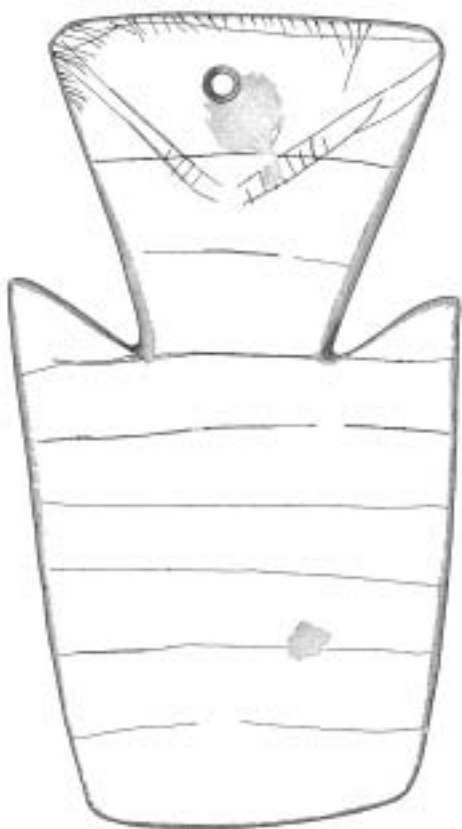
1. pelas suas dimensões, trata-se, nesta anta e no contexto específico de Reguengos de Monsaraz, de uma placa incomum;
2. ainda que existam no grupo megalítico outras placas recortadas, as características da dimensão da Cabeça e a orientação e recorte dos ombros garantem um estatuto único a este artefacto ideotécnico;
3. muito provavelmente, pela sua localização estratigráfica e pela datação de radiocarbono, esta placa seria a usada pelo primeiro indivíduo a ser inumado no monumento (inumação directa ou primária, como todas as outras, aliás), o que justificaria, em função do *status* do inumado, as suas características únicas;
4. assim sendo, as particularidades da gravação não podem ser apenas interpretadas em função da «qualidade» ou da «precisão» da gravação, mas em função de um conjunto muito mais complexo de situações;
5. os motivos simbólicos não normalizados que a placa inclui na face (linha de sobranceiras, motivos escalariformes) ou no verso (particularmente o grande motivo radiante, que sai de um único ponto, central, da linha delimitadora Cabeça – Corpo) têm que ver com representações simbólicas mais nítidas que as encontradas nas placas normalizadas, com motivos dominantes tipo triângulo ou faixa ziguezagueante ou mesmo «tabuleiro de xadrez». Fogem assim à esmagadora maioria, constituída por motivos normalizados e de onde as referências figurativas estão quase sempre ausentes;
6. o facto de a placa ter sido gravada em ambos lados, situação que não é única, mas quase sempre reservada a exemplares excepcionais, ou eventualmente gravados em dois momentos distintos, reforça as características de excepção sublinhadas;
7. finalmente, a placa J.8-667 deve ler-se como um conjunto interligado de situações, onde a simbólica e a criatividade artística se associam à definição de *status* e o produto final traduz um complexo de referências a um subsistema mágico-religioso do qual, infelizmente, muito pouco conhecemos.



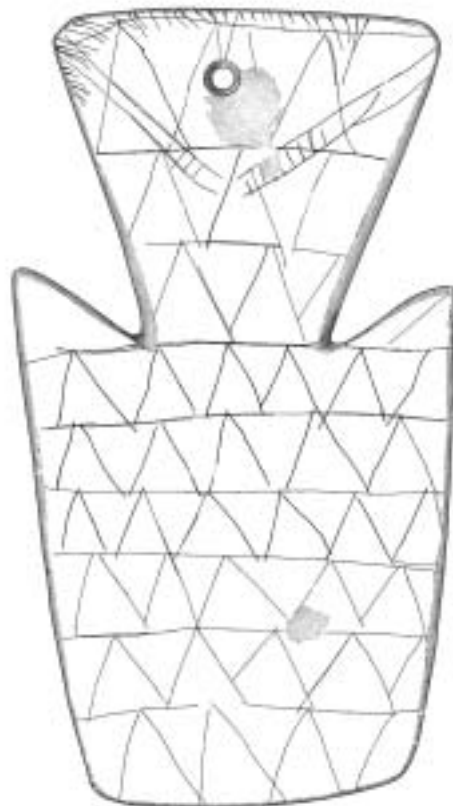
1



2



3



4

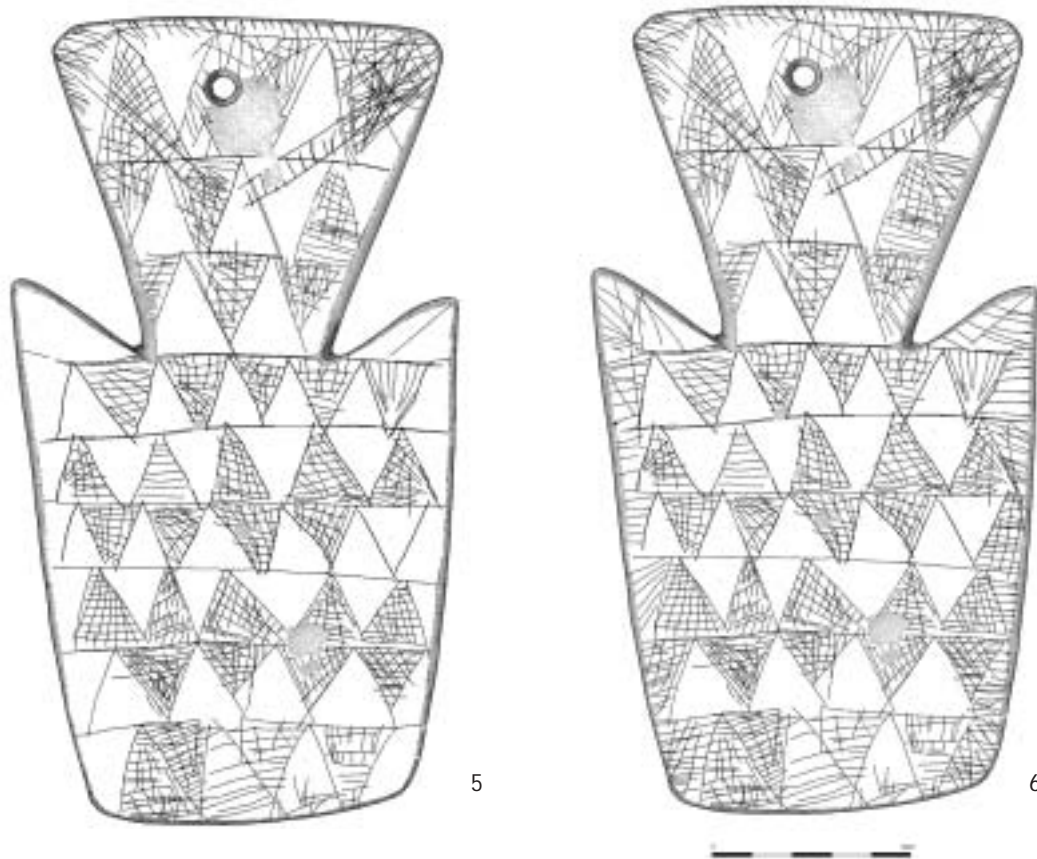
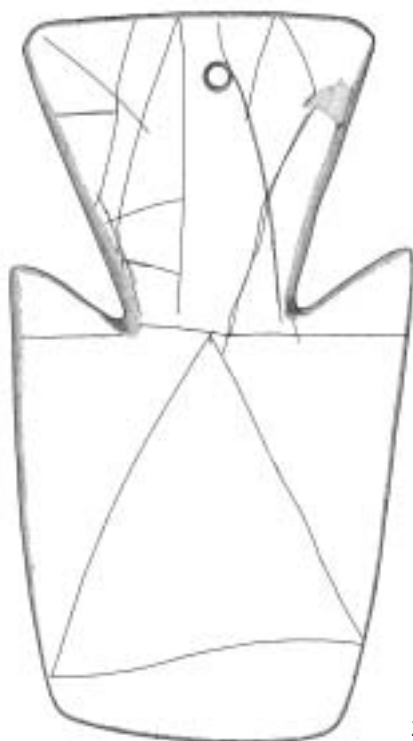


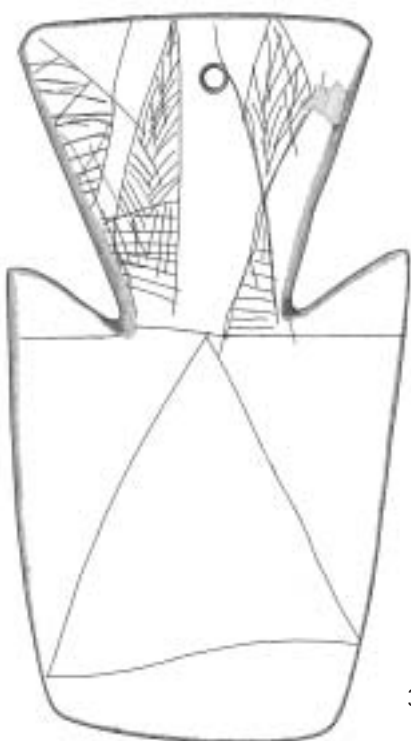
FIG. 92 – Placa J.8-667. Uma das sequências possíveis para a paginação e sequência de gravação da face da placa J.8-667.



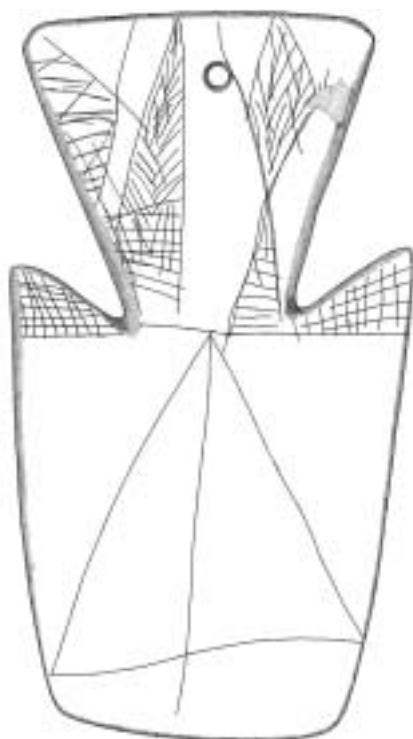
1



2



3



4

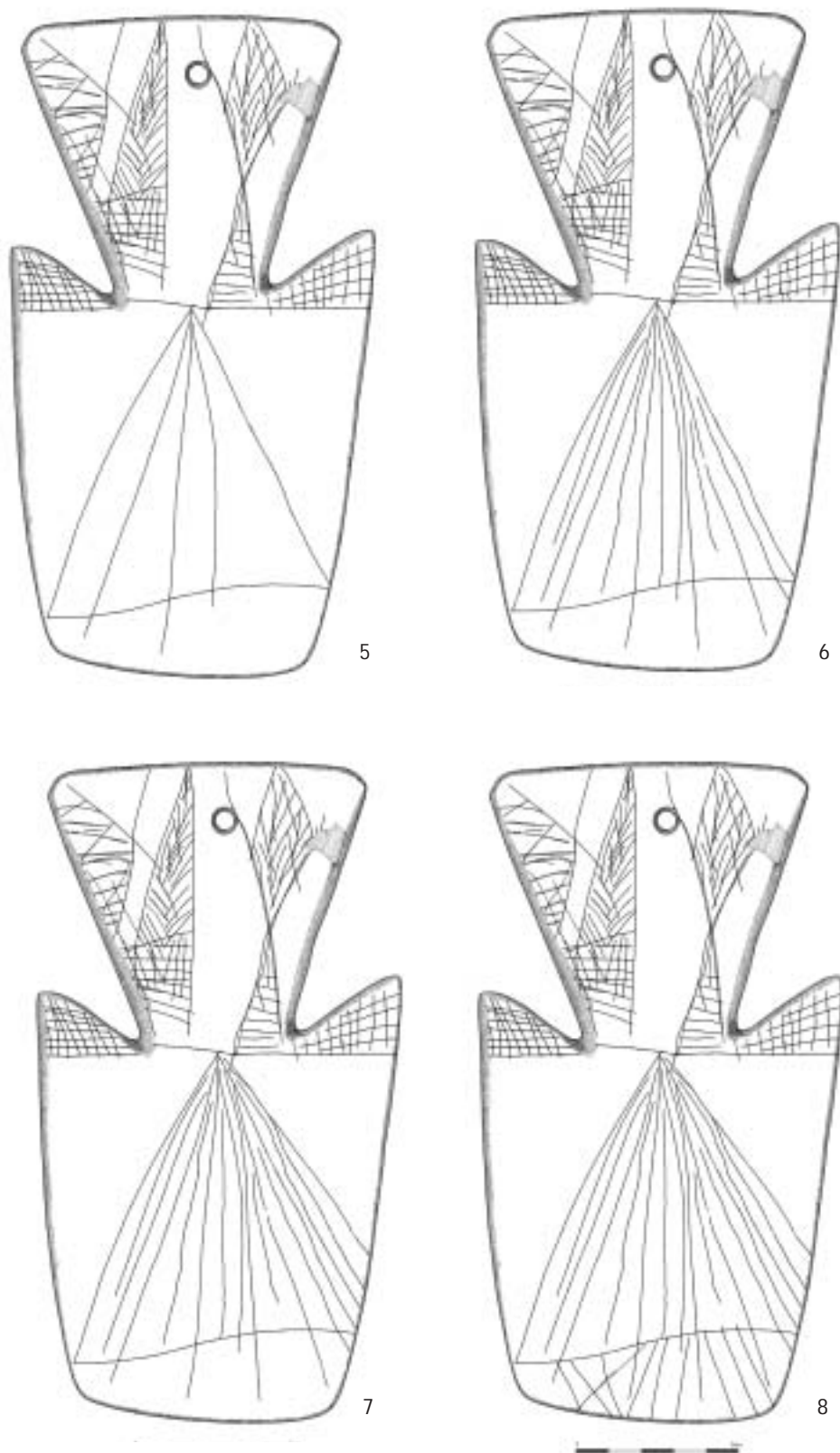


FIG. 93 – Placa J.8-667, verso. 1: paginação inicial de enquadramento. 2: traçado de uma linha vertical dividindo em dois o triângulo de enquadramento. 3: divisão dos espaços criados com dois novos traços radiantes. 4: por falha do traçado do último traço à direita, o espaço é excessivamente grande, pelo que se acrescenta outro traço. 5: dentro do campo do triângulo, são acrescentados mais traços. Devido à densa ocupação da parte superior do triângulo de enquadramento, estes traços partem de mais abaixo. 6: são acrescentados mais traços, agora já fora do campo definido pelo triângulo. 7: o efeito radiante é aumentado pela última vez, com o acrescento de novos traços abaixo da sua base.

6.2.1.6.5.13. A placa J.8-688 (+527+503+327+H.8-3) – Fig. 94:1. Fig. 129:2.

O topo e parte da área mesial de uma placa complexa, com uma única perfuração central.

- Altura da cabeça: 9,8 cm.
- Altura da banda separadora Cabeça – Corpo: 2,70 mm.
- Largura no topo: 6,8 cm.
- Espessura na área mesial: 4,00 mm.
- Ø da perfuração na face: 4,94 mm.
- Ø da perfuração no verso: 3,96 mm.

O motivo dominante do corpo parece ser constituído por triângulos muito altos e esguios, com o vértice para cima na banda 1 (as outras não são visíveis). O corpo é separado da cabeça por uma estreita banda lisa. A cabeça apresenta, no seu lado direito, quatro bandas encurvadas, finamente gravadas e preenchidas por oblíquas intersecantes, a que corresponderiam muito provavelmente outras tantas do lado esquerdo, mas devido à fragmentação da placa apenas uma é visível. Trata-se de uma das placas em que a área da cabeça é extraordinariamente alta em relação ao corpo (neste caso, pelo grau de fragmentação, apenas presumido). Recorda placas do *tholos* Farisoa 1b, das antas Passo 1 e, naturalmente, Olival da Pega 1.

6.2.1.6.5.14. A placa J.9-6 – Figs.94:2. Fig. 129:4.

Pequeno fragmento do lado direito de uma placa, que, pela sua dimensão, não justificaria comentário especial, se não fosse o facto de apresentar um pequeno triângulo vazio com o vértice para cima, ultrapassado pelo prolongamento dos lados do triângulo em alguns milímetros mais, produzindo o efeito de um X com a parte superior muito curta. A gravação do X referido foi feita com um traço de grande precisão, por duas linhas que se cruzam. O efeito final seria muito provavelmente o de dois triângulos unidos pelo vértice. Abaixo da banda contínua preenchida, que se estenderia provavelmente a todo o corpo da placa, não se observam traços de nenhum motivo decorativo que dela partisse. A meia altura do triângulo vazio, de um de outro lado, partem bandas preenchidas por oblíquas intersecantes, sendo a da esquerda menos alta (4,56 mm) que a da direita (5,60 mm).

6.2.1.6.5.15. A placa J.9-7 – Fig. 94:3. Fig. 129:1.

Fragmento da extremidade proximal esquerda de uma placa, com bandas ziguezagueantes, largas, preenchidas, sem campos verticais definidos. Reconhece-se a banda inferior.

- Espessura num ponto médio da base: 8,53 mm.
- Banda ziguezagueante com altura entre 11,29 e 8,05 mm.

Traços de polimento verticais nítidos, na face e no verso. Sinais de impactos antigos no centro do topo de fragmento e no bordo direito da fractura, devidos a um objecto pontiagudo, provavelmente uma pedra afiada, produzindo pontos de impacto regulares e negativos algo profundos.

Após análise das espessuras, afastou-se a possibilidade de se tratar de um fragmento da mesma placa que J.9-30.

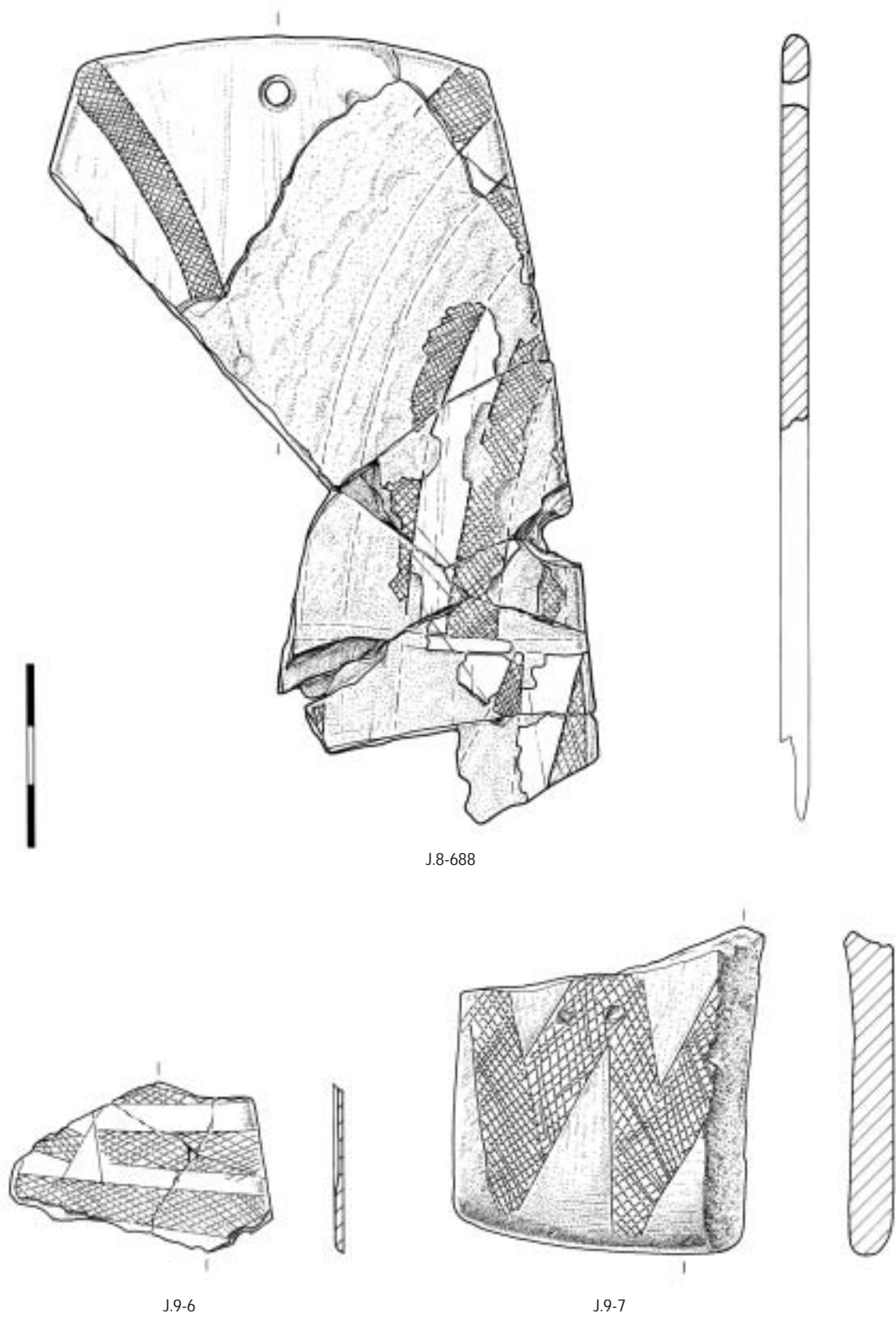


FIG. 94 – As placas J.8-688 (1); J.9-6 (2) e J.9-7 (3).

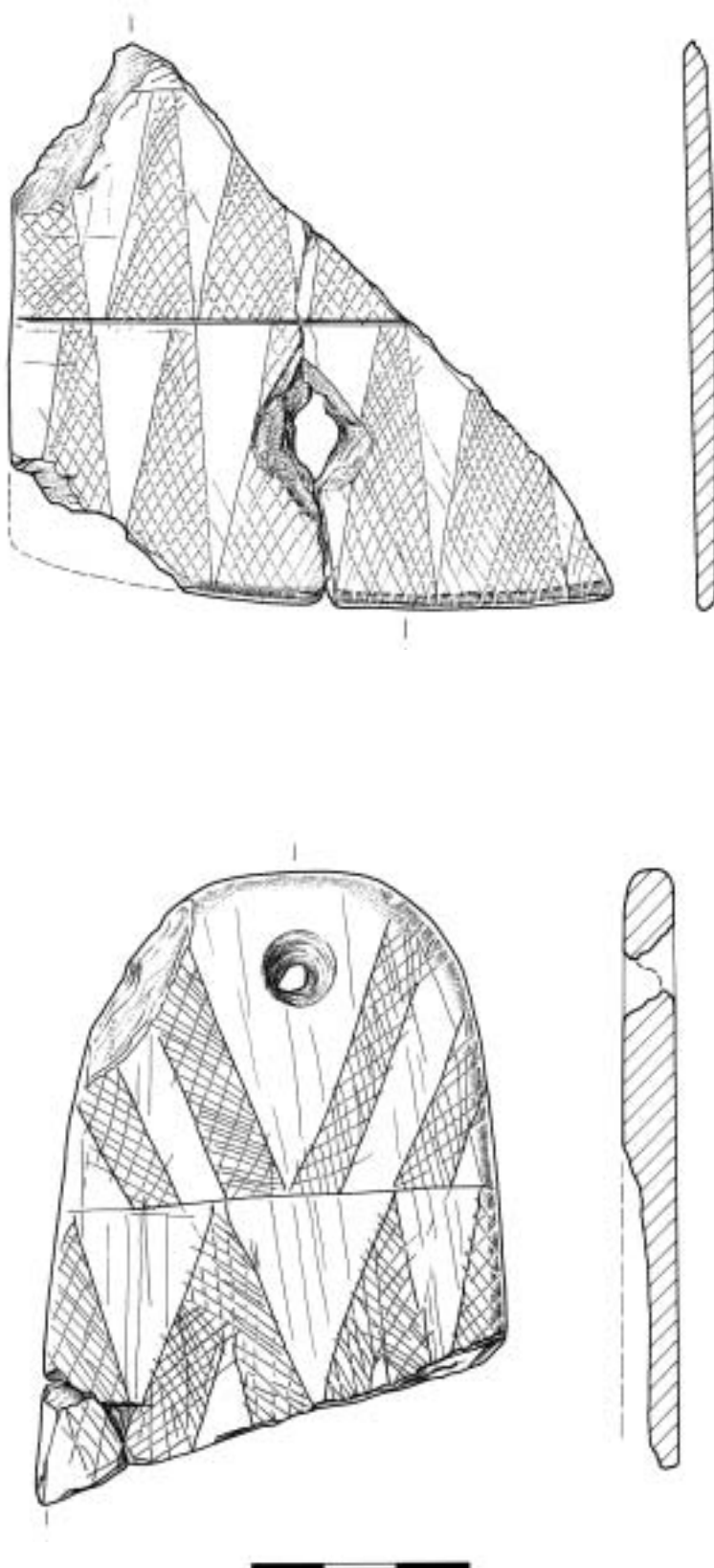


FIG. 95 – As placas J.9-8 e J.9-30, a primeira com traços de uma fracturação antiga.

6.2.1.6.5.16. A placa J.9-8 (+ H.10-1) – Fig. 95:1. Fig. 130:1.

Dois pequenos fragmentos com proveniências distintas, mas que não só pertencem à área proximal da mesma placa como colam entre si. Espessura actual: 3 mm (provavelmente metade da espessura original, uma vez que a placa fragmentou também no sentido da espessura). Na linha de fractura interna, traços de uma picaretada antiga. Triângulos preenchidos, com o vértice para cima, reconhecem-se duas bandas. No fragmento, conservam-se ainda parcialmente o bordo esquerdo e a base.

6.2.1.6.5.17. A placa J.9-30 – Fig. 95:2. Fig. 129:3.

Descrição

Topo e parte mesial de uma placa com dois pares de bandas preenchidas delimitando a cabeça, esta absolutamente triangular, e com uma única perfuração centrada, bicónica, feita no verso de forma incompleta e descentrada em relação à face. Corpo com faixas largas, zigzagueantes, não compartimentadas, desenvolvendo-se em todo o campo da placa, de que só se vê a primeira, devido à fragmentação do exemplar. Trata-se, muito provavelmente, de uma placa reaproveitada.

- Altura da cabeça: 45,29 mm.
- Espessura medida em área conservando a dimensão original: 5,51 mm.
- Largura no topo: não mensurável, devido ao encurvamento pronunciado.
- Ø da perfuração na face: 8,34 mm.
- Ø da perfuração no verso: 8,52 mm.

Traços de preenchimento cortam claramente o traçado original da banda zigzagueante vazia. Traços de polimento de orientação vertical. A banda zigzagueante tem uma espessura média entre os 7,7 e os 7,06 mm, de acordo com o lugar da medida. Na cabeça, as bandas centrais têm também uma largura diferente, sendo a direita 5,87 mm e a da esquerda 7,89 mm. No verso, numerosos traços de polimento, verticais ou ligeiramente oblíquos. Sinais de intenso polimento no bordo direito da face.

Interpretação

Reaproveitamento de uma placa idêntica a I.9-22. Boleamento do bordo superior, produzindo o efeito arredondado típico de um cabo de báculo de extremidade não encurvada, polimento dos novos bordos direito e esquerdo.

6.2.1.6.5.18. A placa J.9-41 – Fig. 96:1. Fig. 130:1.

Placa com uma única perfuração, muito bem paginada.

- Altura máxima (ao centro): 12,17 cm.
- Altura da cabeça: 3,7 cm.
- Altura do corpo: 8,35 cm.
- Altura da Banda 1: 2,55.
- Bandas 2 e 3: 2,9.
- Largura no topo: 5,7 cm.
- Largura na base: 6,63.
- Espessura na área mesial: 5,68 mm.
- Ø da perfuração na face: 6,10 mm.
- Ø da perfuração no verso: 3,98 mm.

Cabeça com o motivo trapezoidal alongado que define «a cabeça dentro da cabeça», com duas largas bandas preenchidas ligeiramente oblíquas. Cabeça separada do corpo pelo fino traço de topo da primeira de três bandas largas cada uma com quatro triângulos preenchidos, de vértice para cima. Incisões de traço fino e firme, praticamente sem erros (o vértice dos triângulos centrais ultrapassa muito ligeiramente a linha delimitadora).

A placa está muito bem polida, de tal forma que, na face, os microvestígios de polimento são quase invisíveis. Os triângulos B1T2, B1T3, B2T2, B2T3, B3T3, apresentam todos, do seu lado esquerdo uma gravação descontínua, caracterizada por incisões com forma de micro-ungulações em sequência, pelo que o traçado não é completamente rectilíneo, mas parcialmente ondulante (Fig. 149:1 e 3). É curioso verificar que o mesmo não acontece em alguns outros triângulos, que são delimitados por um traço muito bem inciso e firme.

6.2.1.6.5.19. A placa J.9-96 (+J.9-36) – Fig. 96:2. Fig. 130:2.

Placa com o topo danificado, onde falta a área onde deveria ter eventualmente estado a perfuração central. Pelas dimensões e pela proporção altura-largura, pode ter sido uma placa reaproveitada, mas não é certo.

- Altura máxima (presumível, mas com forte probabilidade): 11,9 cm.
- Espessura na área mesial: 8,47 mm.
- Largura presumível na base: 9 cm, na área mesial 9,15.

Motivos da cabeça indefiníveis, se é que existiram. Corpo com traços ziguezagueantes compartimentados em campos verticais com uma altura média de 7,7 mm, podendo atingir valores levemente superiores, até aos 8,15 mm, delimitados por 3 linhas verticais incisivas, uma das quais centrada. Não se observaram traços do preenchimento, mas a superfície está muito danificada, com boleamento generalizado das arestas originais das gravações. São visíveis ondulações naturais derivadas do desgaste da superfície na face e, no verso, o mesmo grau de erosionamento não poupou sequer os traços de polimento, agora inexistentes na parte superior, mas ainda visíveis na inferior. Na face, verifica-se uma degradação com efeito em escama de toda a superfície, que afectou inclusivamente o próprio interior dos traços ziguezagueantes. A fractura correspondente a área onde eventualmente estaria a perfuração está também completamente boleada.

É curioso verificar as diferentes altimetrias registadas para o fragmento maior (J.9-96) e para o menor (quase um estilhaço), respectivamente: 205,24 e 204,83 m, isto é: 41 cm. Não observei diferenças sensíveis no grau de erosionamento das superfícies dos dois fragmentos, parecendo apenas bizarro que tenha sido o maior a subir e o menor a descer. Tudo parece assim indicar que a placa a que pertenceram estes dois fragmentos já estava com as superfícies muito afectadas quando foi fragmentada e altimetricamente separada. De qualquer forma, note-se que a diferença de altimetria entre o fragmento localizado a uma maior profundidade e J.8-667, a grande placa recortada recolhida intacta, é de apenas 4 cm, o que quer dizer que esta última teve realmente muita sorte (e nós com ela)...

A placa possui de origem os bordos direito e esquerdo, a base e parte muito reduzida do topo.

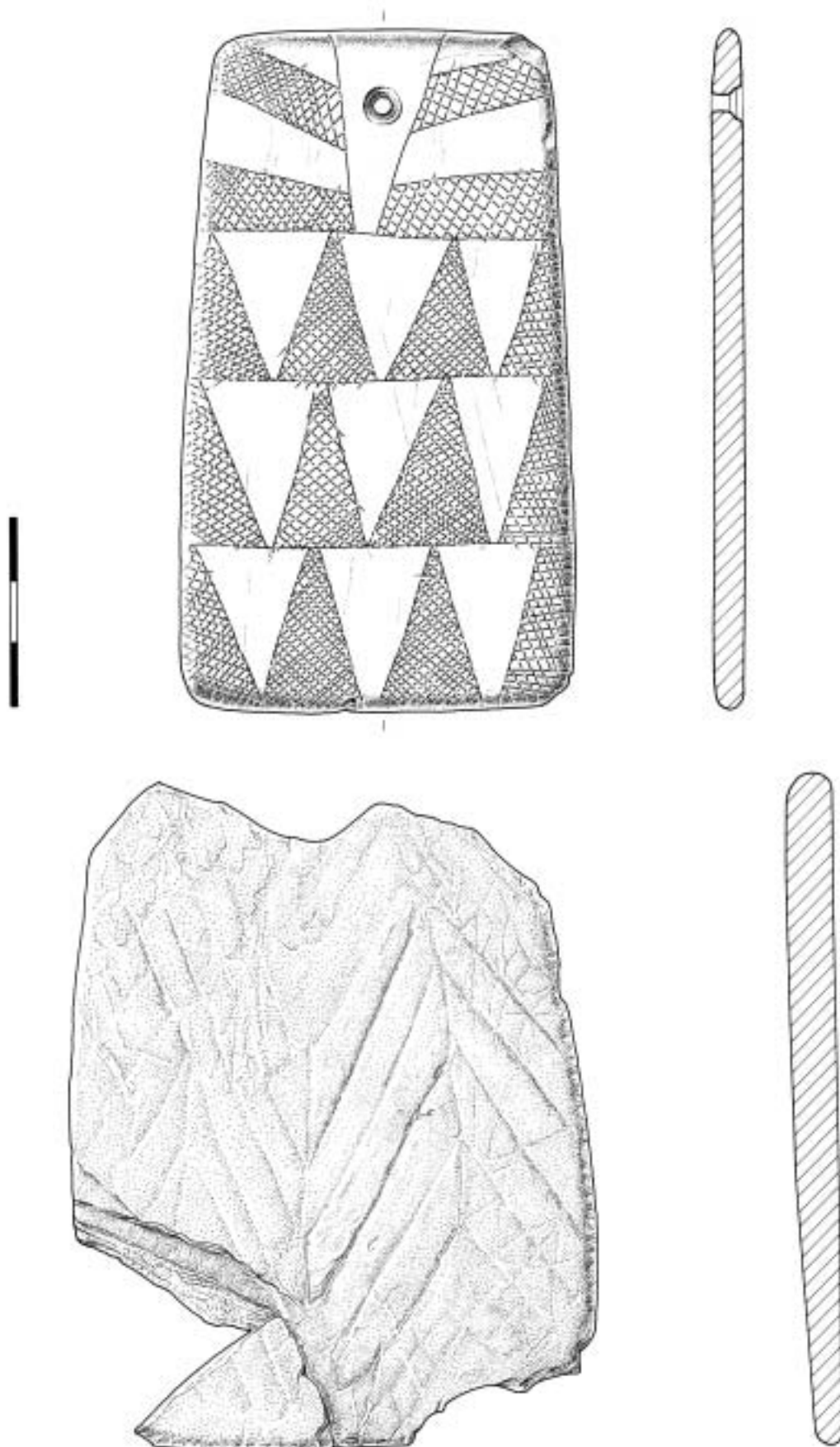


FIG. 96 – As placas J.9-41 e J.9-96.

6.2.1.6.5.20. Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes da Câmara, descritas sumariamente

QUADRO 36

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes da Câmara.

| Qd | n.º | Est | Md | Esp | Observações |
|-----|-----|--------|-------|-------|---|
| I.8 | 3 | 3D, 6? | T | 3,90* | |
| I.8 | 5 | 2 | o | 2,90* | Muito erosionada. Perfuração troncocónica |
| I.8 | 7 | o | F | 1,48* | |
| I.8 | 12 | o6 | F | 1,62* | Crivo |
| I.8 | 15 | 46 | T | 2,15* | + J.8-84. Visíveis restos de três triângulos |
| I.8 | 30 | o | T | 4,02* | |
| I.8 | 41 | o | F, T? | 1,64* | |
| I.8 | 48 | o | F, T? | 2,88* | |
| I.8 | 49 | o | F, T? | 2,28* | Crivo. Sulcos bem nítidos, apesar do desgaste superficial |
| I.8 | 51 | o | F, T? | 0,97* | |
| I.8 | 61 | o | F, T? | 1,64* | Crivo |
| I.8 | 63 | o | o | 2,41* | +J.8-423 |
| I.8 | 74 | o | F, T? | 0,81* | Crivo |
| I.8 | 80 | o | T | 0,74* | |
| I.8 | 96 | o6 | o | 1,21* | Associado a Cm-3 |
| I.8 | 115 | o | o | 1,49* | Transição Cm/Cr |
| I.8 | 124 | o, 6? | T | 1,04* | Crivo |
| I.8 | 125 | o | o | 1,08* | Crivo. Dois pequenos frags. |
| I.8 | 148 | o | T | 3,30 | Mais 235. Similitudes com a placa I.8-119 |
| I.8 | 166 | o | F, T? | 1,01* | |
| I.8 | 202 | o, 6? | o | 1,29* | Crivo |
| I.8 | 210 | o | F, T? | 1,13* | Crivo |
| I.8 | 233 | 3D, 6 | T | 5,51 | São ainda visíveis sete triângulos alongados, de uma banda, e um único acima desta |
| I.8 | 227 | o | o | 0,69* | |
| I.8 | 262 | o | o | 3,16* | Muito erosionada |
| I.8 | 301 | o | o | 0,99* | |
| I.9 | 16 | o | o | 1,03* | |
| I.9 | 21 | 4D6 | FZ | 7,18 | |
| I.9 | 26 | o | o | 1,03* | |
| J.8 | 11 | o | o | 1,80* | Verso |
| J.8 | 7 | o6 | o | 1,72* | Crivo |
| J.8 | 27 | o | o | 2,93* | Dois frags., o maior com gravação irreconhecível. Quatro traços incisos com secção em V |
| J.8 | 38 | 3E6 | T | 1,64* | Crivo |
| J.8 | 50 | o | F, T? | 0,58* | Quatro frags. |
| J.8 | 81 | o | F | 0,65* | |
| J.8 | 88 | o6 | F | 1,77* | Cerca de Cm-3 |
| J.8 | 93 | o | F, T? | 0,50* | Crivo. Fragmento minúsculo: 4,87 x 4,15 mm |
| J.8 | 99 | o | o | 0,70* | Crivo |
| J.8 | 109 | o6 | F, T? | 1,96* | Bordo |
| J.8 | 114 | o | o | 0,67* | |
| J.8 | 116 | o, 6? | L | 1,30* | Três traços incisos paralelos e prováveis restos de um quarto |
| J.8 | 119 | o | o | 1,37* | Cm-3 |

QUADRO 36 [Cont.]

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes da Câmara.

| Qd | n.º | Est | Md | Esp | Observações |
|-----|-----|-------|-------|-------|--|
| J.8 | 176 | 46 | T | 2,04* | Fragmento bordo |
| J.8 | 212 | 3 | T | 0,98* | Triângulos alongados preenchidos da mesma forma que J.8-769 e outras |
| J.8 | 312 | 0 | T | 0,90* | Vê-se triângulo separado da banda superior, com preenchimento irregular |
| J.8 | 313 | 2 | 0 | 3,74 | Bordo 2D? |
| J.8 | 388 | 2E6 | 0 | 2,81* | Separador Cabeça/Corpo constituído por uma banda vazia com a altura no bordo esquerdo de 5,28 |
| J.8 | 404 | 0 | 0 | 0,89* | |
| J.8 | 409 | 0 | T | 1,63* | Superfície muito destruída |
| J.8 | 413 | 0 | 0 | 0,68* | Os fragmentos apresentam sulcos, no mais pequeno talvez traço de uma banda preenchida |
| J.8 | 414 | 0 | 0 | 2,37* | Sete traços incisivos paralelos |
| J.8 | 440 | 06 | 0 | 2,11* | Bordo |
| J.8 | 446 | 0 | T | 1,00* | Triângulos invulgarmente pequenos, que poderiam fazer parte de um separador da placa. O triângulo melhor conservado mede 9,04 mm de altura |
| J.8 | 458 | 0 | F, T? | 0,85* | |
| J.8 | 507 | 0 | 0 | 2,39* | |
| J.8 | 513 | 0 | F, T? | 1,21* | Crivo |
| J.8 | 525 | 3 | T | 1,23* | Triângulos muito alongados. Cola com I.8-130 |
| J.8 | 528 | 0 | 0 | 11,6* | É mesmo duvidoso que se trate do frag. de uma placa de xisto gravada |
| J.8 | 537 | 0 | F | 0,63* | Crivo. Banda vazia adossada a duas aparentemente preenchidas |
| J.8 | 568 | 0 | 0 | 1,39* | |
| J.8 | 608 | 2D | T | 1,02* | |
| J.8 | 632 | 06 | 0 | 1,29* | |
| J.8 | 635 | 0 | T | 1,10* | Seis frags. São identificáveis parte de duas bandas com triângulos alongados |
| J.8 | 658 | 0 | F, T? | 2,39 | Crivo. motivo dominante: F.T? |
| J.8 | 691 | 0 | F? | 2,14* | +J.8-36. Dois frags. colados |
| J.8 | 767 | 0 | 0 | 0,79* | |
| J.8 | 769 | 46 | T | 1,21* | Gravação pouco comum dos triângulos, semelhante a casos já referidos |
| J.9 | 11 | 0 | 0 | 3,05* | |
| J.9 | 15 | 0 | F.T? | 0,88* | |
| J.9 | 17 | 06 | 0 | 1,03* | |
| J.9 | 21 | 0 | F.T? | 0,99* | |
| J.9 | 22 | 0 | 0 | 0,86* | |
| J.9 | 48 | 06 | 0 | 1,40* | Bordo |
| J.9 | 49 | 0, 6? | 0 | 3,72* | |
| J.9 | 52 | 0 | F.T? | 0,61* | Crivo |
| J.9 | 61 | 0 | 0 | 1,35* | Crivo |
| J.9 | 63 | 0 | 0 | 1,10* | |
| J.9 | 65 | 06 | F.T.? | 1,53* | Crivo. Traços incisivos paralelos. Sete fragmentos |
| J.9 | 77 | 0 | F.T.? | 1,55* | |
| J.9 | 78 | 2E6? | F.T.? | 2,88* | Trata-se provavelmente de um topo e°, mas não é seguro |
| J.9 | 87 | 0 | F.T.? | 0,77* | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 102 | 0 | 0 | 0,97* | Alvéolo junto a ECm-5 Crivo. Três sulcos paralelos |
| J.9 | 124 | 0 | F.T.? | 2,68* | |
| J.9 | 126 | 0 | 0 | 1,28* | |

- I.8-3: Apesar da reduzida dimensão do fragmento, conservam-se em dois dos triângulos particularidades de incisão algo similares às detectadas na placa J.8-41.
- I.8-30: apenas dois fragmentos de triângulo, correspondendo a duas filas diferenciadas. As superfícies estão muito escamadas, tendo sido literalmente raspadas, inclusivamente as próprias inclusões de biotite foram arrancadas, sobrevivendo apenas escasas ocorrências de quartzo hialino e só junto ao triângulo melhor conservado.
- I.8-48: devido ao grau de destruição da superfície, observam-se com nitidez os sulcos orientados numa única direcção, mas os que os deviam cortar estão quase imperceptíveis.
- I.8-233: a banda melhor visível tem sete triângulos alongados fina e pouco profundamente gravados. Na banda superior, observa-se apenas um, à esquerda, que pode mesmo eventualmente representar uma delimitação periférica da Cabeça, cujo motivo central estaria completamente destruído. De qualquer forma, o triângulo visível nesta banda superior, contrariamente aos outros, parece quase um triângulo equilátero. Na banda abaixo da melhor conservada, vê-se apenas o vértice de um triângulo, aparentemente também muito alongado. Dois possíveis vértices de triângulo foram também detectados, apesar de se encontrarem muito destruídos.
- J.8-17: distinguem-se cinco sulcos, não sendo certo que eles pertençam a uma qualquer decoração original da placa.
- J.8-81: distinguem-se uma banda preenchida por oblíquas intersecantes e uma outra, lisa, separada da primeira, para a qual é possível admitir a existência de oblíquas intersecantes, actualmente muito destruídas pelo desgaste superficial. Cortando verticalmente as três bandas, distinguem-se numerosos traços de agressões pós-deposicionais, dos quais doze estão bem visíveis. São claramente posteriores à gravação da placa, uma vez que se alguns cortam os sulcos horizontais das bandas, e têm um percurso completamente rectilíneo, outros interrompem-se devido à resistência oferecida pelo sulco existente, prosseguindo depois. Observando o fundo do sulco definidor dos limites da banda, regista-se ainda a clara superficialidade destes traços, que em caso algum atingem o percurso interior dos sulcos. A única situação que poderia sugerir o contrário deve-se ao facto de provavelmente o impacto ter deslocado uma inclusão de quartzo e biotite. É portanto uma perda de massa produzindo o efeito de uma micro-cratera e não um sulco mais profundo.
- J.8-88: não é impossível tratar-se de um fragmento do topo direito da placa, ainda que os dados não sejam concludentes. Na face, notam-se numerosos negativos, que podem corresponder a micro impactos ou à perda de inclusões de biotite, por exemplo, mas a irregularidade da sua distribuição e as diferentes dimensões parece indicarem como preferível a primeira hipótese. Se se tratar realmente do topo direito de uma placa, o motivo dominante reconhecível seria o das bandas que rodeiam o triângulo ou trapézio da Cabeça da placa.
- J.8-312: vê-se a parte inferior e a parte superior de duas bandas com triângulos alongados, separadas por um sulco não horizontal. O sulco foi gravado antes dos triângulos, cujos traços da base e do topo entram dentro do sulco separador. O preenchimento dos triângulos não é feito no triângulo inferior da forma clássica, oblíquas rectilíneas intersecantes, mas com pequenos movimentos de impressão, provocando um efeito similar ao de uma impressão de unhas. No entanto, este efeito visualmente muito diferenciado da imagem clássica dos triângulos preenchidos, é talvez exagerado pelo tipo de desgaste que o xisto sofreu nas superfícies assim gravadas. Os triângulos lisos, à direita e à esquerda do triângulo da banda inferior estão, porém, muito bem poli-

dos e as superfícies são muito regulares. Os triângulos da banda superior apresentam um grau de erosão muito acentuado, o que permite supor tratar-se de um campo alto, com traços oblíquos, separado por uma superfície destacada e vertical, com o aspecto de uma bainha de espada. Esta área da parte superior da placa apresenta alguns restos de sulcos oblíquos, mas francamente poucos: apenas três. Não se avança qualquer interpretação para este caso, mas sublinha-se que à direita de esta área os sulcos oblíquos que convergem, de cima para baixo e da direita para a esquerda, são mais profundos e largos que os traços intersecantes gravados no campo que eles definem.

- J8-388: observam-se restos de duas faixas do lado esquerdo da Cabeça da placa, separadas por faixas vazias e um triângulo periférico adossado ao separador Cabeça/Corpo, que neste caso deve e ter sido constituído por uma faixa vazia. A perda de massa no corpo da placa impede a identificação do motivo dominante.
- J.8-528: devido ao elevado grau de destruição das superfícies, seria possível supor tratar-se não de uma placa, mas de um esboço de placa. As superfícies apresentam-se não apenas muito desgastadas, mas com considerável perda de massa, expondo as numerosas micro-inclusões de biotite. No entanto, observando a placa em parâmetros de grande ampliação, surgem evidentes restos de traços, nas áreas mais elevadas da face, que podem ter correspondido às partes mais profundas das incisões. Numa das faces, uma vez que é impossível determinar qual a face qual o verso, é distinguível o que pode ser eventualmente um motivo: parte de um triângulo alongado ou mais propriamente um conjunto de incisões convergindo para um único ponto. Não é seguro que se encontre ainda na peça um resto de bordo, uma vez que o forte desgaste impede tal opção.
- J.8-608: visível ainda parte de duas faixas oblíquas da cabeça, de cima para baixo e da direita para a esquerda, e um triângulo da primeira banda do corpo. Visível separação por traço fino e um triângulo de vértice para cima.
- J.9-22: reconhece-se uma banda vazia de onde parte um motivo triangular muito alongado que contem dois traços verticais. É provável que o traço delimitador do triângulo à esquerda não seja o original, pelo que se poderia tratar de um triângulo com três traços incisos no interior. Há restos de uma faixa ou triângulo e de um conjunto de quatro traços convergindo e formando um motivo inidentificável.
- J.9-49: quatro traços gravados, um dos quais de um terço do comprimento das restantes, foram claramente produzidos após a fragmentação da placa, prolongando-se o seu traçado em três planos de fractura.

6.2.1.6.6. *Placas do Tumulus*

(sete registos, correspondendo a uma identificação firme, mas associável, por colagem, a uma placa da Câmara, J.9-8)

6.2.1.6.6.1. *A placa H.10-1*

Ver supra J.9-8, Câmara.

6.2.1.6.6.2. *Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do Tumulus, descritas sumariamente*

QUADRO 37

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do *Tumulus*.

| Qd | n.º | Est | Md | Esp | Observações |
|------|-----|-----|----|-------|---|
| G.10 | 1 | o6 | o | 3,32* | Revolvimento. Bordo |
| J.10 | 1 | o | o | 2,46* | Superfície |
| J.9 | 2 | o6 | o | 2,15* | |
| J.9 | 5 | o6 | o | 2,57* | |
| J.9 | 9 | o | o | — | Ver Corredor. Diversos micro-fragmentos, não ultrapassando um deles 3,06 x 2,08 mm. Considerou-se inútil ler a espessura, considerado o grau de fragmentação. |
| K.8 | 3 | o6 | o | 2,24* | Revolvimento |
| K.8 | 4 | o6 | o | 3,27* | |
| M.8 | 1 | o6 | o | 3,15* | |
| M.9 | 1 | o6 | o | 1,71* | Superfície |

- M.9-1: No fragmento, são visíveis dois traços finos, paralelos, no sentido transversal da placa. No bordo, são visíveis traços entrecruzados, que podem constituir o resto de um triângulo ou de uma bordadura gravada com oblíquas intersecantes.

6.2.1.6.3. Recolhas de superfície

QUADRO 38

Fragmentos de placa recolhidos à superfície.

| Qd | n.º | Est | Md | Esp | Observações |
|-------|-----|-----|----|-------|---|
| SUP12 | 7 | o6 | o | 2,48* | |
| SUP13 | 13 | o6 | o | 3,31* | Bordo. A placa está partida com ausência do que presumivelmente seria a face gravada. O verso apresenta intensos sinais de polimento. |
| SUP | 12 | o | o | 2,10* | |

6.2.2. Objectos: I.8-290, uma «pedra-almofada»?

- I.8-290 (Fig. III), um seixo de lidito recolhido quase no fundo de ECm-7, protegido pela forte inclinação do esteio, foi interpretado como uma «pedra-almofada», conceito usado na monografia em curso de preparação sobre o complexo megalítico do Olival da Pega. No *tholos* OP-2b, identificaram-se várias «pedras almofada», pedras geralmente com polimento de rio ou duvidoso afeiçãoamento, que deveriam ter sido colocadas sob a nuca dos cadáveres, uma vez que todas foram recolhidas sob os crânios e na posição que corresponderia a essa localização.

I.8-290 é proveniente de uma área de STAM-3 compatível com a localização da cabeça de um cadáver, apesar de não estar associada especificamente a qualquer resto de crânio. De onde a interrogação que se associa à sua classificação.

6.3. Ritos funerários

Na Câmara do monumento, foi identificado, junto ao esteio de cabeceira (ECm-4), o que se interpretou como um ritual de fundação, consistindo na deposição, numa fossa escavada no granito, de cinco vasos cerâmicos associados a matéria orgânica não identificada (certamente animal, humana ou não).

Também na Câmara, foram identificados ritos funerários específicos, alguns correspondendo a parte dos 28 indivíduos identificados, 12 adultos e 16 subadultos.

Na primeira fase do monumento, em inícios do III milénio, a grande placa recortada da deposição funerária Cm-7 encontrava-se logo abaixo da mandíbula e de fragmentos de um crânio, com algumas falanges da mão associadas, indicando que se encontraria efectivamente ao pescoço do morto. Na fase de reutilização, no último quartel do III milénio, a deposição funerária Cm-3 configura uma situação excepcionalmente bem definida: uma mulher de 40-45 anos foi depositada com um vaso perto de si, três fragmentos de quartzo branco (um dos quais na boca), depositada sobre um cão jovem, com cerca de 18 meses de vida, de porte médio. Junto às patas do cão, encontrava-se um pequeno vaso globular. Pelo desgaste dentário e pelas específicas deformações das mãos da mulher, admite-se estarmos perante uma cesteira. As deposições funerárias Cm-2, Cm-3 e Cm-4, bem como o próprio cão, foram datadas pelo radiocarbono da mesma época, os últimos séculos do III milénio. No Corredor, registaram-se traços de três deposições funerárias, muito afectadas por fenómenos pós-deposicionais, todas correspondendo, de acordo com a análise arqueológica, à primeira fase de uso do monumento.

6.3.1. Restos antropológicos

O monumento revelou restos humanos de dois tipos: isolados ou em articulação *in situ* integrando deposições funerárias reconhecidas como tal, todos referentes a inumações primárias.

O cálculo do número mínimo de indivíduos foi efectuado de acordo com duas metodologias distintas: os ossos longos e os dentes. A análise dos primeiros revelou um número mínimo de 25 indivíduos (15 adultos, 10 subadultos). Já a estimativa efectuada a partir dos dentes recolhidos indicou a presença de um número maior de indivíduos, 28 (12 adultos, 16 subadultos (entre os 0/6 meses e os 15 anos de idade)).

De todas estas deposições funerárias, apenas três pertencem indiscutivelmente à segunda fase de utilização do monumento, sendo as restantes atribuíveis à primeira fase, ou seja, indubitavelmente associada à construção e uso de um monumento funerário de origem, planeado como colectivo.

O estudo do conjunto tornou evidente o carácter não selectivo destas manifestações funerárias, concluído pela presença de homens e mulheres de todos os grupos etários.

O estudo dos padrões de microestriação dentária apontou para a existência de um tipo de alimentação com componentes pouco abrasivos, diferente do habitual em sociedades com consumos elevados de cereais.

A nível da paleopatologia, identificaram-se diversos casos de artrose, nas falanges das mãos e pés e em duas vértebras cervicais, entesopatias, tanto em falanges dos pés como das mãos, num cúbito e num úmero, para além de uma fractura (remodelada) de primeiro dedo de um pé direito. Todas estas manifestações patológicas podem ser consideradas vulgares.

Os dentes revelaram uma das mais altas frequências de cárie para o período em questão - 8,2% (14/170 dentes definitivos). Referência ainda para a detecção de algumas perdas de dentes ante morte e dois abscessos. As hipoplasias lineares do esmalte dentário eram escassas.

A leitura da distribuição dos restos antropológicos e da sua localização específica deixa concluir algumas poucas informações sobre os ritos funerários praticados durante as duas fases de uso de STAM-3:

- 1.^a fase: colocação dos indivíduos mortos directamente no monumento, não sendo possível concluir sobre qual posição ocupavam de origem. No caso da deposição funerária Cm-7, o indivíduo estava deitado possivelmente sobre as costas, o que se deduz a partir da conservação da grande placa recortada no lugar que corresponderia ao peito. A disposição da mandíbula, das falanges da mão e dos escassos ossos recolhidos indica que ocuparia provavelmente o centro do monumento.
- 2.^a fase: deposição directa dos indivíduos junto às faces interiores dos esteios da Câmara, deitados sobre o lado esquerdo, com uma das mãos junto à face, joelhos flectidos.

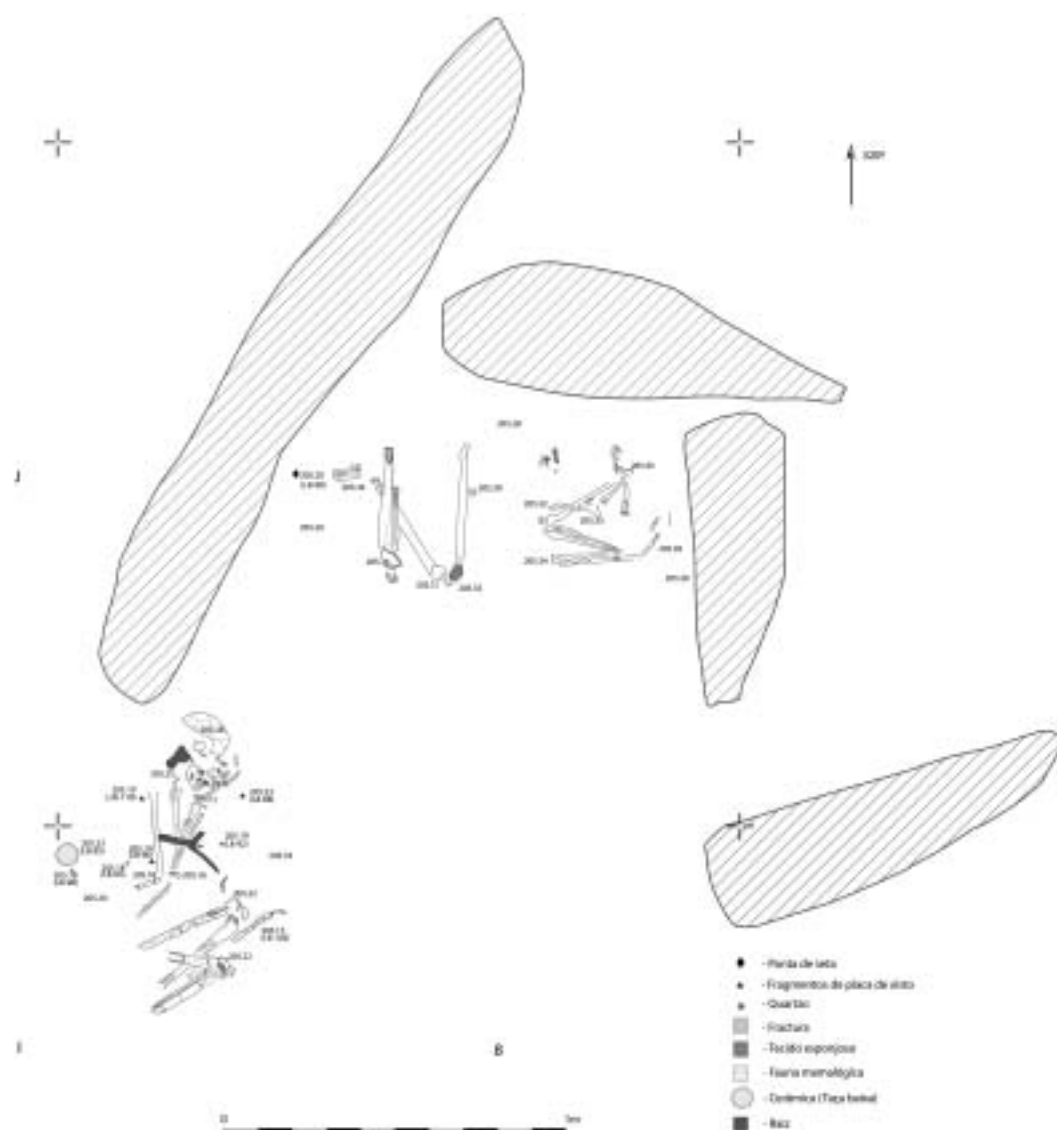


FIG. 97 – Enterramentos Cm-2 e Cm-3, na Câmara de STAM-3. Nota-se a posição cerca do esteio de cabeceira do esqueleto masculino, enquanto a mulher é depositada lateralmente na Câmara do monumento, traduzindo provavelmente novas situações sociais e de tratamento do género em fins do III milénio.

6.3.2. Restos de animais

À excepção do *Canis familiaris* depositado, todos os restos de animais que Marta Moreno identificou dizem naturalmente respeito a pequenos animais que morreram naturalmente no bio-espço da anta ou para ela foram arrastados por predadores. Portanto, não traduzindo a sua presença qualquer acção antrópica.

No entanto, deve ser registado o número relativamente baixo de indivíduos identificados: cinco coelhos, um fragmento de dente de ovicaprino e outro de suídeo, restos fragmentários de dois roedores, um anfíbio e três répteis. Para uma área onde os abrigos rochosos existem, mas não são excessivamente numerosos, é efectivamente um número baixo (só de uma das antas da área actualmente submersa pela Barragem de Alvito recolhemos cinco cobras vivas e monumentos como Piornal 2 encontravam-se cheios de coelhos). Talvez a cobertura da Câmara da anta pudesse ter servido de rolha pétrea durante um certo tempo, mas, com a sua remoção, todo o contexto poderia ter sido diferente. O que, manifestamente, não aconteceu.

6.3.3. Traços de fogos rituais

Infelizmente, ao contrário do que aconteceu em STAM-2, não existem elementos seguros que permitam defender com um elevado grau de probabilidade a existência de fogos rituais em STAM-3, associados quer às deposições funerárias da primeira fase ou da segunda. Tomada em conta a datação Beta-167208, só poderíamos considerar os restos de combustão identificados como realmente antigos se os datássemos pelo radiocarbono, o que seria financeiramente impossível no âmbito de este projecto.

No entanto, existem no monumento provas indiscutíveis de fogos que agiram como despoletadores de fenómenos pós-deposicionais. Algumas cerâmicas apresentam nas fracturas sinais de terem sido submetidas a fogos intensos e a sua localização parece indiciar tratar-se de fenómenos anteriores às violações medievais.

Mais complexa é a situação que se verifica com o pequeno esferoidal globular I.8-II4, associado ao cão. A presença de enxofre no seu interior poderá ser atribuída a um acto ritual verificado aquando da deposição do cão, relacionado eventualmente com um fogo de características especiais, ardendo a partir do interior daquela oferenda votiva.

Uma última observação acerca de fogos rituais poderia ser feita a propósito do estado do esqueleto correspondendo a Cm-3, «Marta» e ao próprio cão, «E.T.». A desapareição da parte central de ambos poderia eventualmente traduzir a deposição de uma substância corrosiva ou de um fogo muito localizado, este último do género do identificado na anta da Bola da Cera, Marvão, neste caso um conjunto cronologicamente muito próximo de este. Mas a verdade é que se não identificaram quaisquer traços outros que os da desapareição dos ossos correspondentes.

Não é assim possível falarmos de um fogo ritual significando uma cremação parcial localizada para Cm-3, ainda que o caso do cão seja diferente. E o conceito de *fogo* e *luz* são, num ambiente fechado como o de um monumento megalítico, coincidentes.

O tempo reencontrado

Elle me disait, en me montrant mes cahiers
rongés comme le bois où l'insecte s'est mis:
«C'est tout mité, regardez, c'est malheureux, voilà
un bout de page qui n'est plus qu'une dentelle, et –
l'examinant comme un tailleur – je ne crois pas
que je pourrai la refaire, c'est perdu. C'est
dommage, c'est peut-être vos plus belles idées.
Comme on dit à Combray, il n'y a pas de fourreurs
qui s'y connaissent aussi bien comme les mites.
Elles se mettent toujours dans les meilleurs étoffes,»

Marcel Proust, *À la recherche du Temps perdu*.
Le Temps retrouvé, 2^{ème} partie, p. 213

Seco é o xisto, mas também ele se orvalha.

Anónimo, *À Sombra das Placas de Xisto em Flor*

Os factos podem ser o que se quiser.

Eis a lição do relativismo.

Manual do Bu Sab, Frank Herbert,
The whipping star

7.1. Um campo de mortos?

Por vezes, lendo alguns textos, mesmo recentes, sobre megalitismo, deparamo-nos com a imagem clássica de um campo de mortos, uma «paisagem» concebida apenas em função de espaços funerários e onde a vida seria como que um acidente inoportuno e, finalmente, indesejável. Sobre este espaço, os homens do IV e III milénios, imaginando um futuro risonho em que arqueólogos cheios de boas intenções recuperariam a verdadeira estrutura dos seus pensamentos, particularmente daqueles que nunca lhes tinham ocorrido formular, esculpiram uma paisagem própria, de forma a contrastar o seu mundo domesticado com o mundo abominavelmente selvagem que os rodeava.

Mas infelizmente, ao contrário dos gelos da Antárctica, que demasiado bem preservam os traços da passagem dos homens, as terras do granito e do xisto, e sobretudo os que nelas se foram instalando, pouco guardaram de um passado não necessariamente glorioso. E a paisagem, que hoje alguns a-historicistas crónicos persistem ainda em ver como significativa, pouco mais é, na verdade, que uma manta de retalhos de origens e cronologias muito diversas. Uma soma quase indestrinçável de ocupações sucessivas ou interrompidas desde que o primeiro camponês se fixou à terra e nela começou a deixar as marcas indeléveis que os recolectores raramente nos legaram.

A planície onde foram implantadas as três antas da Herdade de Santa Margarida prolonga-se para Oeste, numa área ligeiramente sobreelevada onde foram identificadas as antas do Barrocalinho. É portanto um espaço, apesar da sua pequena dimensão e aparente homogeneidade, ocupado por monumentos megalíticos que se inserem em estratégias de localização diversificadas.

Mas é efectivamente impressionante a disposição geométrica, triangular, que parece aplicar-se às três antas que temos vindo estudando. Porém, tal como escrevi em 2001, na monografia sobre STAM-2, as três antas só existem simultaneamente a partir da construção de STAM-3, tendo inicialmente existido apenas a segunda anta da numeração Leisner, STAM-2. A «paisagem» construída nem sempre foi a mesma.

Que contexto é então o das duas antas do III milénio?

Prospecções conduzidas em torno a STAM-1 revelaram traços de um povoamento calcolítico disperso, mas indiscutível: pratos e taças de bordo espessado nas terras do grande fosso para onde foram atirados os esteios daquela anta. Mas na planície, entre STAM-2 e STAM-3, apenas surgiram materiais presumivelmente do Neolítico antigo, pedra polida, lamelas e geométricos (STAM-4, Gonçalves, 2001a, Mapa 2).

O povoamento do vizinho Castelo do Azinhalinho deixa, porém, entrever um elevado número de potenciais clientes para as antas já construídas ou a construir (STAM-2 e 3, núcleo da Comenda), e para *tholoi* (como Comenda 2b e eventualmente outros, por identificar).

O «campo de mortos» cartografado pelos Leisner era efectivamente um campo de vivos, de comunidades que representam localmente dois grandes tipos de vida, bem distintos, o das comunidades do IV milénio e o das que se distribuíram por todo o Centro e Sul de Portugal na primeira metade do III. Vivos que eles não quiseram, ou souberam, ver.

7.2. Arquitectura e cronologia

STAM-3 foi bem ou mal construída? A questão não é completamente idiota e bem poderia ser colocada também a propósito de outros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz.

A propósito da Anta 1 da Herdade de Santa Margarida, tive oportunidade de escrever «Problemas que hoje discutimos sem polémica aparente, como a da importância da qualidade da cons-

trução ou dos acabamentos ou das estruturas de protecção, para definir a «boa época» de construção dos monumentos megalíticos, são na realidade terrivelmente subjectivos. Em todas as épocas históricas conhecidas se construíram simultaneamente estruturas de qualidade e estruturas más. Também aqui a morfologia dos monumentos foge ou pode fugir aos linearismos biológicos que, anos atrás, encantaram muitos «novos arqueólogos» (Gonçalves, 2001a, p. 194).

Se retomo o que escrevi, aliás há bem pouco tempo, é justamente pelo tipo de construção de STAM-3 justificar, à primeira vista, algumas reticências a propósito da qualidade e do rigor do «arquitecto».

Com efeito, o aspecto da Câmara de STAM-3, pelo menos tal como o descrevemos hoje, está longe dos belos e sólidos monumentos ortostáticos que conhecemos em Reguengos. Mas é certo que tal imagem negativa se deve sobretudo às reconstruções ou «restauros» da segunda metade do III milénio. A Câmara, construída em inícios do III milénio, pode ter sido muito mais sólida do que aparenta hoje. E o esteio ECm-2, na verdade o único que chegou até nós intacto (e que sobreviveu às destruições de 2000 da nossa era), é um excelente ortóstato, espesso, sólido e bem desbastado.

Parece assim inadequado falar de má construção, pelo menos de raiz, para STAM-3.

Na segunda metade do III milénio, ou o monumento se encontrava parcialmente desmoronado ou foi necessário abri-lo para nele depositar os indivíduos cujas deposições funerárias foram agora assinaladas como Cm-2, -3 e -4. Qualquer uma das situações exigia trabalhos de remoção, talvez de conservação e certamente de recomposição ou restauro das estruturas. Não me parece que estas acções tenham estado à altura da qualidade das construções anteriores e é mesmo muito provável que tivessem incidido em toda a área da Câmara e talvez, mas não é seguro, na junção Corredor - Câmara.

STAM-3 foi construída através de um processo conhecido em outros monumentos, particularmente do Alto Alentejo. O terreno deve ter sido desbastado e livre de vegetação (o que é apenas lógico, por imprescindível, uma vez de que nunca se encontraram traços de essa operação). Em seguida, o topo de um afloramento granítico foi aparado, de forma a que fosse permitida uma construção baseada na escavação de alvéolos ou fossos para implantação dos ortóstatos da Câmara, mas também um apoio interno de alguns dos esteios, que se adossariam ao limite exterior do topo do afloramento desbastado.

Na sua primeira fase, a de construção e primeira utilização, existiria assim um monumento ortostático com uma técnica mista de implantação dos esteios da Câmara: os esteios ECm-1 a -4 (inclusive), aproveitando o apoio do topo do afloramento; os esteios ECm-5 a -7, firmemente implantados em alvéolos e apoiados por calços de pedra.

No Corredor, os esteios ECrE-1 e ECrD-1 estariam apenas poisados no solo aplanado, sem sequer terem sido calçados.

Um *tumulus* simples, de terra, cobriria o conjunto, não se tendo encontrado quaisquer traços que correspondessem a um *kerb*.

É muito provável que STAM-3 tenha estabilizado na sua arquitectura de origem durante toda a primeira metade do III milénio. Infelizmente, não se datam pedras como se data matéria orgânica, pelo que não é possível ter certezas, mas as contiguidades das três datações obtidas para a primeira fase são significativas.

Ao parâmetro mais recente do curtíssimo intervalo de tempo de Beta-166416 e -166422, «cola» o parâmetro mais antigo de Beta-166423, datação cujo intervalo de tempo se prolonga de 2870 até 2500 (todos os intervalos de tempo, como sempre quando não especificado, cal BC a 2 sigmas). Mesmo que a data real se encontrasse mais perto do parâmetro mais antigo que do mais recente, torna-se evidente haver uma sequência de deposições que, começada em fins do primeiro século, inícios do segundo, se prolonga pela primeira metade do III milénio.

Significativamente, entre o parâmetro mais recente desta primeira fase (2500 cal BC) e o mais antigo da fase seguinte (2310 cal BC) existem exactamente 190 anos. Se considerarmos que os parâmetros encerram a probabilidade de uma data, sem coincidirem com ela, uma vez que são apenas limites de probabilidade, percebemos com clareza o carácter significativo do vazio temporal referido.

Mas quando foi parcialmente destruído e reconstruído o monumento?

Metodologicamente, são duas questões distintas e como tal devem ser tratadas.

1. pela análise artefactual e pela datação Beta-166423, o fim da primeira fase de utilização do monumento não ultrapassa a primeira metade do III milénio;
2. a segunda fase de utilização teve lugar muito provavelmente mais de dois séculos depois, verificando-se assim um hiato cronológico apreciável;
3. mas uma análise dos registos tridimensionais referentes aos restos humanos (concretamente da altimetria) não evidencia aparentemente qualquer ruptura na utilização da Câmara (ver Gráfico 2);
4. idêntica análise, desta vez sobre a distribuição dos artefactos cerâmicos de acordo com a coordenada Z, evidencia a mesma realidade (ver Gráfico 3);
5. e se aplicarmos agora o mesmo critério de análise só aos parâmetros das diferentes categorias de artefactos (ver Gráfico 4), o resultado é idêntico.

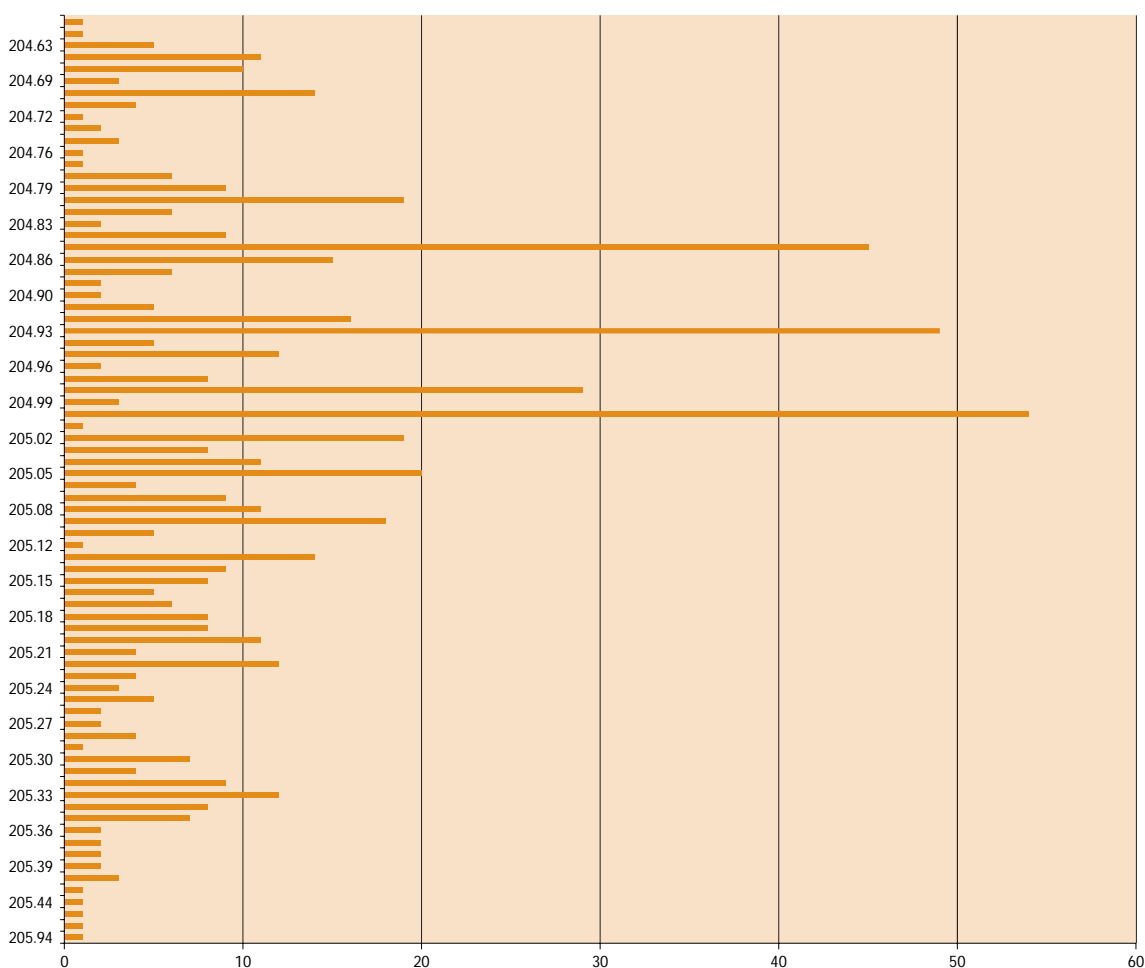


GRÁFICO 2 – Distribuição dos registos referentes a ossos humanos, de acordo com a coordenada Z (altimetria absoluta).

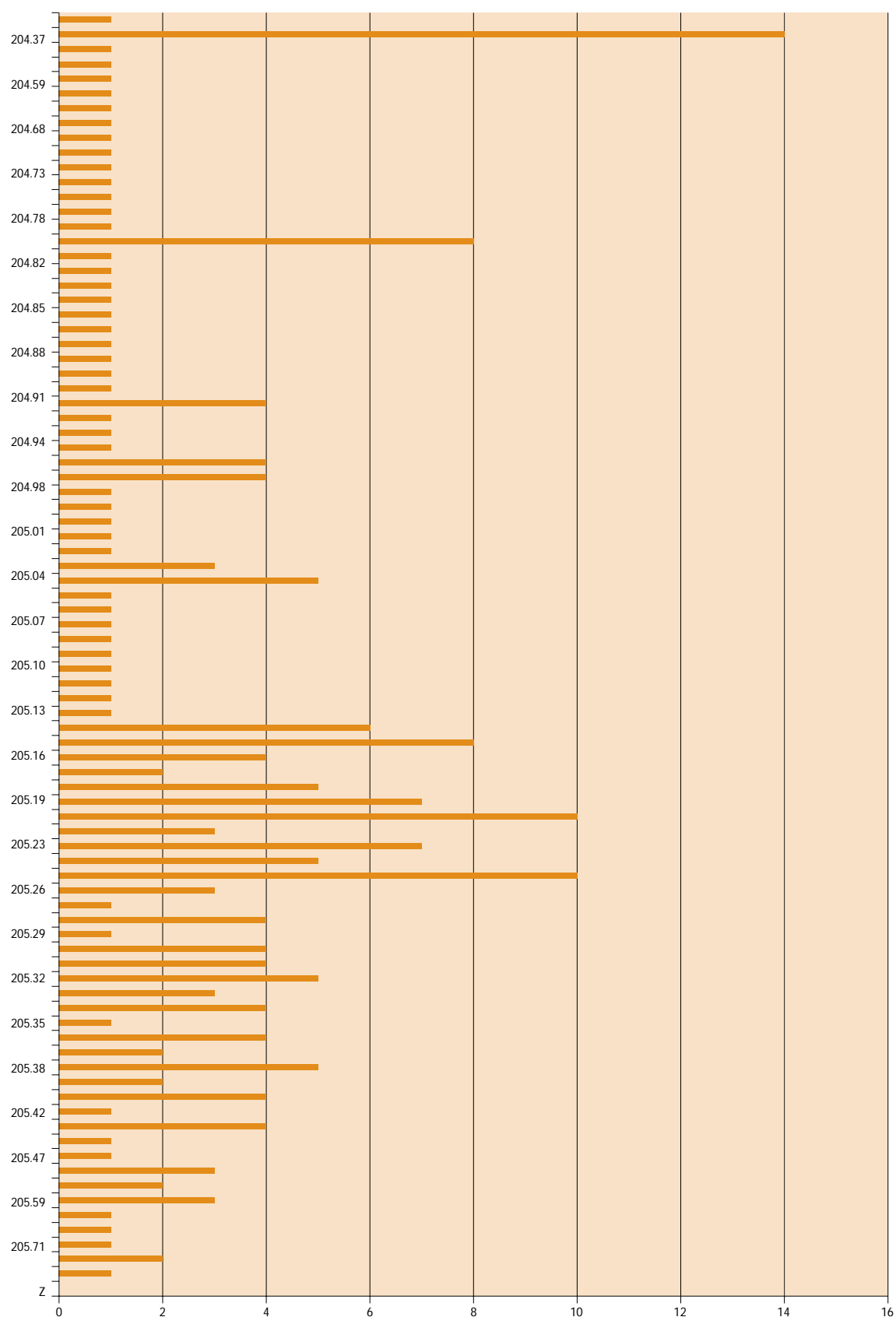


GRÁFICO 3 – Distribuição de artefactos e altimetrias na Câmara de STAM-3. Pelo carácter específico de que se revestem, excluíram-se as cerâmicas da fossa de J.8. Números reais do número de artefactos com Z registado por altimetria, correspondendo a contagens em planos reais.

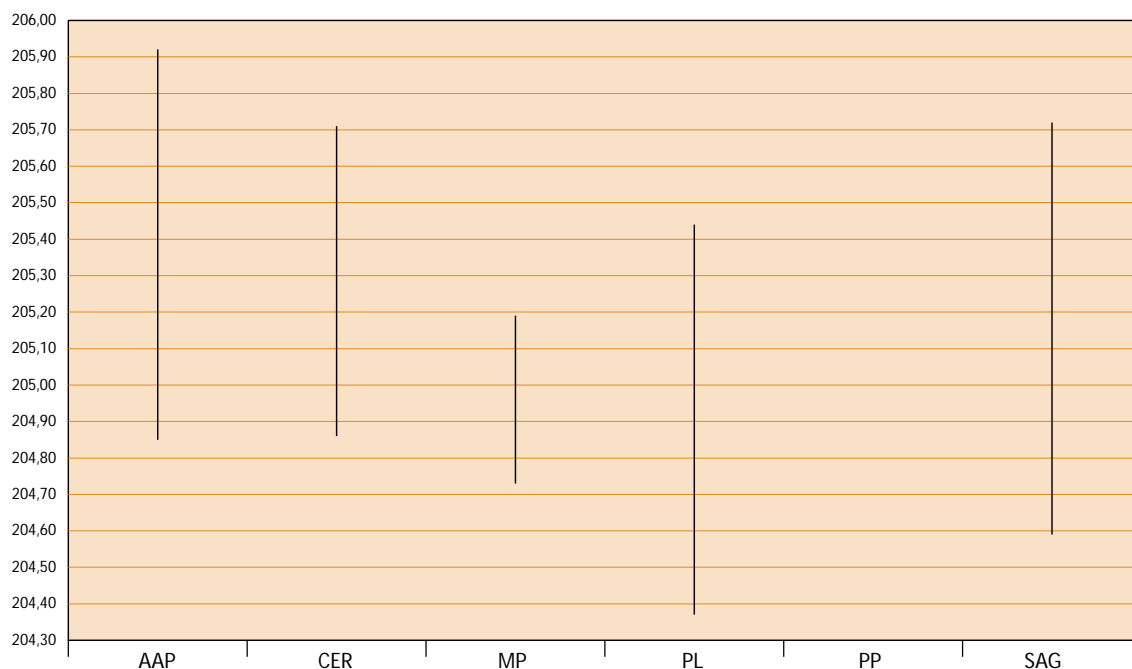


GRÁFICO 4 – Categorias de artefactos e altimetrias na Câmara de STAM-3. Na coordenada Y, altimetrias reais, na X, as categorias. AAP: artefactos para adorno pessoal; CER: cerâmica; MP: matérias primas; PL: pedra lascada; SAG: placas de xisto gravadas. Pelo carácter específico de que se revestem, excluíram-se as cerâmicas da fossa de J.8. Números reais do número de artefactos com Z registado por altimetria, correspondendo a contagens em planos reais.

Temos portanto para resolver a seguinte questão: se não há continuidade nas deposições funerárias sob o ponto de vista da cronologia absoluta, porque se verifica ela então a nível da sequência deposicional?

Temos duas respostas, com implicações radicalmente distintas, como veremos:

1. as violações medievais eliminaram o hiato sedimentar entre a primeira e a segunda fase de uso do monumento;
2. concluída a primeira fase das deposições funerárias, o monumento permaneceu selado, provavelmente pelo derrube do chapéu. Foi este removido, bem como esteios eventualmente danificados, e reconstruído o monumento, nos últimos séculos do III milénio, logo antes de se proceder à deposição de Cm-4, Cm-2 e Cm-3, deposições quase simultâneas.

Para encontrarmos uma saída deste aparente labirinto de hipóteses explicativas, escorregadias como água sobre guta-percha, temos de recordar que os registos de escavação permitem concluir da localização central, na Câmara, das violações medievais. A própria existência de Cm-2 e Cm-3, num estado de (relativa) excelente conservação é um sério suporte a que, *sob a área de essas deposições, os sedimentos (e consequentemente os arqueofactos) não tivessem sido atingidos ou afectados por fenómenos recentes.*

Assim, se as deposições da primeira fase foram danificadas, foram-no durante o desenrolar das diversas cerimónias fúnebres que aí ocorreram. E o conjunto apenas foi afectado posteriormente (e de forma parcial, sobretudo no centro da Câmara) aquando das violações medievais.

A arquitectura de STAM-3 tem apenas duas fases e a reconstrução do monumento faz-se quase (ou pouco mais de) dois séculos após o seu abandono.

7.3. A fossa em J.8, um rito de fundação?

A fossa registada em J.8, junto a ECm-4, o esteio de cabeceira, com um diâmetro longitudinal de 1 m, transversal de 1,20 m e a profundidade média de 0,40 cm, estava, como já se disse, preenchida por uma massa irreconhecível de ossos, humanos ou de animal, é impossível dizer com certeza, sobreposta por um mínimo de cinco recipientes cerâmicos, quatro deles de consideráveis dimensões, um pequeno núcleo de basalto filoniano alterado, o todo coberto por 10 grandes blocos de granito. O maior dos recipientes, J.8-778 (+J.8-723) tinha um diâmetro externo na boca, reconstituído, de 26,4 cm. Três dos restantes oscilavam entre os 20 e os 22 cm e apenas um tinha 10,6.

Existem várias explicações possíveis para esta situação:

1. a fossa foi escavada no afloramento numa fase anterior à da construção da anta, nada tendo que ver com ela;
2. trata-se de um acidente na escavação do alvéolo original de ECm-4, tendo-se obtido uma estrutura negativa de dimensões muito superiores ao pretendido;
3. trata-se da escavação intencional de uma fossa no solo do monumento, com vista a alojar uma deposição funerária, eventualmente a primeira a ser efectuada na anta;
4. a fossa está incluída num ritual de fundação do monumento, tendo nela sido efectuada ou um enterramento ou, mais provavelmente, uma deposição ritual de animais e ainda oferendas contidas em vasos de grande dimensão (para o que é costume nos habitualmente depositados numa anta).

Analisemos os diversos cenários explicativos:

Primeiro cenário: fase anterior à da construção da anta

Possibilidade muito pouco provável, uma vez que o espólio cerâmico integra formas típicas do III milénio, contemporâneas da construção e primeiro uso do monumento. Por outro lado, não faria sentido escavar uma fossa isolada exactamente no topo de reduzidas dimensões de um afloramento granítico. Se o seu conteúdo fosse matéria orgânica, a sua durabilidade seria muito limitada naquelas condições de exposição aos elementos.

Segundo cenário: acidente na escavação do alvéolo original de ECm-4

Já escavei antas «mal» construídas (e até uma cuja construção não foi acabada, a Anta 2 da Cegonha, na área afectada pela Barragem do Alvito), mas é bom não exagerarmos. Tanto a gente do IV como a do III milénio sabia construir monumentos. Quando se enganava nas contas (caso da diferente altimetria do topo dos esteios do Corredor, em que assentariam as tampas), corrigia o erro com pedras de nivelamento. De qualquer forma, o granito poderia esboroar-se aquando da escavação do alvéolo de ECm-4, mas nunca ao ponto de ter produzido uma verdadeira pequena cratera.

Terceiro cenário: alojar uma deposição funerária, eventualmente a primeira a ser efectuada na anta

Se assim fosse, o que, em princípio, e em teoria, não é de todo improvável, não se compreende porque não haveria pelo menos uma placa de xisto gravada associada a este enterramento ou um qualquer artefacto de pedra lascada. O conjunto estava relativamente bem preservado e este e outros artefactos próprios da primeira fase de uso do monumento teriam ficado conservados na depressão, ainda para mais protegida pelo enchimento de pedras. Por outro lado, escavar uma sepultura dentro de uma sepultura é efectivamente pouco comum.

Quarto cenário: ritual de fundação do monumento, tendo nela sido efectuado ou um enterramento ou, mais provavelmente, uma deposição ritual de animais e oferendas contidas (ou não) em recipientes cerâmicos

Os rituais de fundação estão longe de ser desconhecidos nos povoados fortificados dos primeiros séculos do III milénio: Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) é disso exemplo nítido. Mas, muito mais perto de STAM-3, no Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz), registou-se uma deposição de conchas marinhas (*Pecten*) sob a soleira da grande Torre Oca, no que é claramente um ritual de fundação (Gonçalves, 1988-89).

É, naturalmente, muito complexo avançar mais num domínio em que os factos são tão voláteis, mas enumero alguns argumentos que me fizeram perfilhar este último cenário, dos quatro possíveis:

1. o espólio recolhido na fossa é em absoluto homogéneo, não diversificado cronologicamente;
2. quatro dos cinco recipientes têm dimensões e volumetrias presumíveis que os aproximam muito mais de contentores do que de oferendas votivas, ainda que no III milénio não seja raro encontrar em antas ou *tholoi* recipientes de grandes dimensões (mas quase sempre de alturas baixas, tipo taça ou prato) e em outros pontos da Câmara de STAM-3 se tenham recolhido alguns poucos vasos de grandes dimensões, caso de J.8-147, por exemplo;
3. o quinto recipiente poderia ter contido água, no que as suas dimensões mais reduzidas poderiam ter explicação;
4. a própria localização da fossa tem claramente que ver com ECm-4, o esteio de cabeceira, quase sempre um ponto de partida para a construção dos monumentos de sete esteios e peça chave na simbólica de orientação do conjunto para a primeira luz;
5. a deposição de um corpo humano flectido não seria impossível num espaço com aquelas dimensões, mas então não sobraria lugar para os vasos, cujo volume tornaria incompatível a sua presença com uma deposição fúnebre.

De acordo com os dados disponíveis, é o quarto cenário o que considero de longe o mais provável, ainda que se justifique uma advertência e uma reserva.

Com efeito, se admitirmos uma oferenda ritual *dentro* dos vasos teremos de explicar o facto de eles não terem sido recolhidos inteiros, sendo de esperar que, se o não fossem, deveriam no mínimo estar quebrados *in situ*. Na verdade, parte da cerâmica recolhida dentro da fossa encontrava-se num estado de quase pulverização e pelo menos dois dos fragmentos recolhidos sofreram fogo intenso na superfície externa, a ponto de os componentes não plásticos mais frágeis se terem literalmente volatilizado (ver Fig. 142:1, Fig. 142:) produzindo naquela superfície um efeito quase similar ao registado em alguns cadinhos de fundição de cobre, o que indica que foram afectados por um fogo de elevada temperatura. Foram assim as áreas dos vasos cerâmicos que sofreram o efeito de esta autêntica «recozedura» que melhor sobreviveram à acidez desenvolvida pela acumulação de águas infiltradas na fossa.

Poderia também contrapor-se que os fragmentos cerâmicos poderiam ter migrado de uma área superior à fossa e terem-se infiltrado nela. Mas não esqueçamos que eles estavam *sob* as pedras que enchiam a fossa. Cabe também aqui sublinhar os componentes não plásticos comuns aos cinco vasos. É certo que o quartzo e as micas são idênticos aos que foram incluídos nos outros recipientes cerâmicos recolhidos na anta, mas a presença em número muito elevado de quartzo hialino é um elemento que os liga a todos cinco, por tão raro ser com esta abundância nos restantes vasos, em que está presente.

Em trabalhos muito recentes, ainda inéditos, Leonardo García Sanjuán encontrou, também junto a um esteio de cabeceira, no *tholos* Palacio 3, no sul de Espanha (Almadén de la Plata, Sevilha), uma fossa de fundação, igualmente cheia de pedras, mas sem qualquer espólio no interior. Talvez neste caso apenas tivessem sido colocados bens perecíveis na estrutura, o que não impede estarmos, muito provavelmente, perante um caso de significado similar ao de STAM-3.

7.4. Os ritos funerários

Os restos humanos recolhidos em STAM-3, estudados pela equipa de Eugénia Cunha, dizem respeito a uma realidade que cobre presumivelmente quase 700 anos, a primeira metade do III milénio e os últimos séculos da segunda metade, mais propriamente. Mas não podem ser estudados sob o ponto de vista arqueológico, em termos de Pré-História, sem que sejam separados de acordo com as referências cronológico-contextuais. Estas referem-se, como se disse, nitidamente aos primeiros séculos do milénio, num grupo específico, e noutro, aos dois últimos séculos.

A primeira realidade agrupa-se sob designações várias, *Calcolítico inicial*, *sociedades camponesas de segunda fase* ou *sociedades arqueometalúrgicas*, em todas circunstâncias conectáveis com a implantação e os resultados da Revolução dos Produtos Secundários no Ocidente peninsular.

A segunda realidade tem que ver com um dos contextos pior conhecidos na fachada atlântica da Península Ibérica, ou, mais adequadamente, no Centro e Sul de Portugal: as comunidades do fim do Calcolítico, imediatamente anteriores ao advento das sociedades, igualmente muito mal conhecidas, da Idade do Bronze Antigo.

A propósito de STAM-2, tive oportunidade de observar «De entre a pedra lascada, salientam-se, como se escreveu, fragmentos interpretáveis como restos de talhe e outros que configuram lascagens de blocos de quartzo, algum leitoso, comum na região, mas que dificilmente teriam trabalho humano, e outros de sílex. No entanto, o facto de serem provenientes do interior do monumento poderia ter que ver ou com fenómenos pós-deposicionais ou com o facto de terem sido trazidos para o interior com terra destinada a cobrir os corpos. Mas na verdade não temos qualquer informação se Santa Margarida 2 foi utilizada para deposições simples ou para inumações com recobrimento dos cadáveres com terra, o que justificaria a segunda hipótese (...)» e, sobretudo, «...a presença nos sedimentos da Câmara de Santa Margarida 2 de restos de talhe e de várias lascas de quartzo poderia sustentar, ainda que muito fragilmente, a hipótese do enterramento. Mas só registos minuciosos da escavação das Câmaras de outros monumentos megalíticos poderão separar o trigo do joio, neste caso restos de artefactos, subprodutos de talhe e lascas ocasionais, transportados para o interior dos monumentos com a terra usada para cobrir os mortos, daqueles que efectivamente, e traduzindo actos simbólicos, os acompanhariam no além túmulo ou manifestariam a veneração dos vivos para com quem já não existia no mundo real.» (Gonçalves, 2001a, p. 146, 171).

STAM-3 forneceu um número relativamente elevado de objectos líticos resultantes de operações de talhe, alguns reaproveitados posteriormente para actividades como furar ou raspar. Só da Câmara são provenientes oito núcleos, lascas e artefactos nucleiformes e 52 restos de talhe, fragmentos de matérias primas e restos variados, raros em contextos funerários. A análise minuciosa de estes objectos, e de alguns artefactos claramente não votivos recolhidos no interior da Câmara de STAM-3, levanta de novo a situação que creio ter enunciado pela primeira vez a propósito de STAM-2.

Quanto à deposição dos mortos nas antas, perdura a forte imagem que os Leisner deixaram a propósito de Poço da Gateira 1, em que eles teriam sido colocados sentados, com as cos-

tas apoiadas contra a parede interna dos ortóstatos. Sobrevivência aliás de um processo deposicional que, no Neolítico antigo, tinha sido registado já no séc. XIX para Los Murciélagos, com uma poderosa imagem gráfica. E as imagens grandes têm sombras compatíveis, quero dizer: muito maiores que a realidade.

No que se refere a Poço da Gateira 1, cujas dimensões de Câmara (3,0 x 2,0 m) são aliás inferiores às presumidas para a primeira construção de STAM-3 (2,90 m, na longitudinal, por 3,00 m, transversal), a descrição é impressionante: «A concentração de um espólio tão rico num espaço relativamente limitado, o afastamento dos vasos da parede da câmara, a posição dos machados junto dos vasos 9 e 10 e ainda o achado dos ossos acima descrito permitem deduzir que os cadáveres estavam de cócoras entre os vasos e a parede. O facto de o número dos machados e das enxós encontrados no sector sul da câmara ser quase igual (10 machados, 1 cunha, 11 enxós, 1 goiva), sendo pouco mais ou menos o dos vasos, e ainda de haver várias provas de as dádivas ao morto terem sido 1 vaso, um machado e uma enxó (inumação dos vasos 6 e 9, inumação no corredor) leva a supor que o número das inumações tivesse correspondido ali ao número dos vasos. Em virtude do pouco espaço disponível, as inumações tiveram de ser feitas de cócoras contra a parede, embora pareça incompreensível que, em tal espaço, tivessem cabido tantos corpos.» (Leisner e Leisner, 1951, p. 213-214). Mas esta imagem dificilmente pode ser generalizada a outros monumentos, particularmente quando a sua evidência antropológica é nula e a artefactual irrelevante.

No universo do «megalitismo de grutas», até mesmo uma pequena cavidade, como a Cova das Lapas, em Alcobaça, regista situações bem diferentes: o enterramento «do feiticeiro» era o de um indivíduo deitado de lado, isto quando teria sido perfeitamente possível encostá-lo à vizinha parede da gruta (Gonçalves, 1999b). Em Reguengos de Monsaraz, no *tholos* OP-2b, os indivíduos depositados na primeira grande fase de uso do monumento estariam igualmente deitados. Em STAM-3, a deposição funerária Cm-7, a que incluía a placa recortada, corresponde também a um indivíduo presumivelmente deitado de costas.

E é aqui que voltamos ao princípio: indivíduos simplesmente depositados ou cobertos por terra vinda do exterior do monumento?

Esta última explicação parece-me a única possível para explicar a quantidade de restos de talhe e objectos afins encontrados na Câmara do monumento.

Teríamos assim, em STAM-3, um ritual funerário que consistiria na deposição dos mortos no interior do monumento, sendo então cobertos com terra trazida naturalmente do exterior (e onde se encontrariam traços do quotidiano de comunidades em que o talhe da pedra continuava a desempenhar um papel muito importante na obtenção dos artefactos de uso comum).

No entanto, existe uma outra possibilidade, que deve ser registada.

Não é improvável que, a cada nova deposição, e para evitar a sobreposição directa de mortos recentes e antigos, se cobrisse o que restava das anteriores. Nesta perspectiva, *as inumações não seriam seguidas por um ritual de enterramento, mas antecedidas pela cobertura, com terra, das deposições já existentes*. Esta situação apenas é provável para o caso de STAM-3. No caso de STAM-2, o número supostamente muito reduzido das inumações quase invalida esta possibilidade, reforçando, naquela situação, a hipótese anterior.

Há ainda que considerar que o primeiro grupo tem um núcleo indiscutível, ou pela sua posição estratigráfica ou pelas datações directas por radiocarbono, que abrange um mínimo de pelo menos dez indivíduos (mais um, removido para o topo do monumento pelas violações medievais), quatro adultos (um dos quais portador da grande placa recortada J.8-667), e seis subadultos.

O segundo grupo abrange três adultos, um dos quais associado a um cão.

Mas existe ainda um outro conjunto de três adultos e oito subadultos que não tem filiação segura e de que se conservaram sobretudo os dentes e ossos em estado inadequado para datações de radiocarbono.

Há assim, para os rituais fúnebres, três grupos distintos de observações possíveis.

7.4.1. *As deposições funerárias da primeira fase de uso de STAM-3 (primeiros séculos do III milénio)*

Praticamente, tudo o que pode ser dito com segurança tem que ver com as seguintes unidades de análise:

1. deposição Cm-7 (com o alfinete de cabelo de osso polido J.8-722 e a grande placa recortada J.8-667 associados);
2. não selectividade, etária ou de género, das deposições;
3. características das deposições.

7.4.1.1. *Deposição Cm-7 e placa J.8-667, associada*

Quanto à deposição Cm-7, correspondendo muito provavelmente ao primeiro dos indivíduos a ser depositados no monumento, é evidente que a localização da placa define uma situação idêntica à encontrada para a deposição «do fundador» do *tholos* OP-2b (Reguengos de Monsaraz), para a deposição «do feiticeiro» da Cova das Lapas (Alcobaça) ou, eventualmente, para algumas das deposições funerárias do hipogeu de Monte Canelas, a acreditarmos nas declarações orais de um dos escavadores do monumento.

As características excepcionais da placa J.8-667 podem referir-se a um estatuto particular do indivíduo, objecto de uma distinção específica no momento da sua deposição no monumento. As restantes placas associáveis a esta fase de utilização são, por vezes, de excelente acabamento, mas, à excepção da segunda fase de uso da placa H.8-5, cujo contexto de origem é desconhecido, nenhuma apresenta morfologia ou motivos que as distingam de muitas centenas de outras.

Assim, não parece arriscado afirmar que *a deposição funerária Cm-7 corresponde a um indivíduo cujo estatuto específico neste contexto traduz uma situação, em vida, sobreelevada sobre a dos outros indivíduos, um «chefe de grupo» ou um personagem com um destaque particular no universo das práticas mágico-religiosas. A distinção em vida originou logicamente uma particular distinção no espaço da morte.*

7.4.1.2. *Comentários gerais*

7.4.1.2.1. *Não selectividade, etária ou de género, das deposições*

A análise etária permitida pelos dentes forneceu inicialmente, para a primeira fase do monumento, uma imagem de extraordinário interesse. Segundo informação directa de A. M. Silva, teríamos, de acordo com a coordenada z:

1. um indivíduo com cerca de 1 a 2 anos;
2. dois indivíduos com 2 a 3 anos;
3. dois indivíduos com 5 a 6 anos;

4. um indivíduo com cerca de 7 a 8 anos;
5. quatro adultos.

Temos assim um mínimo garantido de dez indivíduos sepultados em STAM-3, pelo mesmo grupo que construiu o monumento. Sendo que o verdadeiro número, na realidade, ultrapassa largamente esta primeira estimativa, reservada agora para os prováveis acompanhantes de CM-7 e CM-8.

Torna-se assim evidente que, em inícios do III milénio, neste monumento do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, *não existia qualquer selectividade etária nas deposições funerárias*, o que torna altamente provável que também não tivesse existido qualquer selectividade sexual. Como escreve à frente Eugénia Cunha, «...foram detectados vários indicadores ósseos da existência de indivíduos adultos de ambos os sexos (apófises mastóides, cabeças de fémur, tamanho, robustez ou gracilidade de determinados fragmentos de ossos longos.)».

Este ponto reveste-se da maior importância, sustentando uma das grandes características para os inícios do III milénio no Ocidente peninsular: a colectivização da morte, a emergência de grupos totalmente solidários, garantindo, para todos os componentes da comunidade — adultos de ambos sexos e subadultos — uma utilização comum dos espaços da morte (Gonçalves, 2000-2001, 2002c).

7.4.1.2.2. *Características das deposições*

Quanto às características das deposições, a presença de ossos muito pequenos, como as falanges, faz crer que se trata efectivamente de primeiras inumações, sendo os indivíduos, após a morte, directamente depositados no monumento (ver pág. 385).

Ainda sobre os ritos funerários — desta vez especificamente sobre os artefactos associados aos mortos — podemos verificar a presença, nesta primeira fase, e apenas para as situações «garantidas», de uma associação de uma placa (a grande placa recortada J.8-667) ao pescoço de um indivíduo. Como a fotografia de campo mostra (Fig. 47), ela encontrava-se abaixo da mandíbula, cerca de falanges de uma das mãos, que deveria ter sido colocada apoiando a cabeça. Corresponde assim claramente ao que teria sido o peito do indivíduo.

Todas as outras deposições funerárias da fase mais antiga estão a tal ponto afectadas que não é possível avançar outras conclusões sobre os ritos fúnebres, a não ser quanto ao seixo de lidito I.8-290, que considere uma «pedra-almofada» idêntica às recolhidas em OP-2b.

A escavação do *tholos* OP-2b evidenciou que, na sua primeira fase, cuja cronologia é exactamente a de STAM-3, alguns crânios tinham subjacente um seixo alongado. A sua posição correspondia à base posterior do crânio, pelo que avancei a hipótese de se tratar de suportes para o pescoço do morto, funcionando como uma «almofada de pescoço», um pouco à maneira dos rolos japoneses. I.8-290 tinha fragmentos de crânio perto, mas não estava em conexão tão firme com eles como em OP-2b. Parece-me, no entanto, pacífica a interpretação que avanço, reforçando aliás uma outra situação, que diferencia estas deposições funerárias do III milénio das efectuadas em Poço da Gateira I, onde os mortos estariam sentados, encostadas às superfícies internas dos ortóstatos da Câmara e não deitados, como em OP-2b ou STAM-3.

7.4.2. *As deposições funerárias de segunda fase de uso de STAM-3 (últimos séculos do III milénio)*

7.4.2.1. *Comentários gerais*

Na Câmara de STAM-3, a uma altimetria de referência de 215,14 m, foram registadas deposições funerárias referentes a três indivíduos distintos (CM-2, -3 e -4). Os ritos funerários foram

impossíveis de recuperar no caso de Cm-4, apesar de tudo datado pelo radiocarbono, mas estavam bem legíveis no caso de Cm-2 e Cm-3, também datados pelo radiocarbono. Particularmente no que se refere à situação antropológica, a sua caracterização foi possível com considerável quantidade de informação. Dedicar-lhes-ei, por isso, adiante, uma entrada específica.

7.4.2.2. O cão «E.T.», associado a Cm-3 ou Cm-4

Os problemas de interpretação surgidos com o cão recolhido em STAM-3 têm que ver com duas situações distintas:

1. a que indivíduo estaria associado;
2. que tipo de ritual representa.

A imagem inicial, aquando da escavação de Cm-3, era a de que qualquer coisa parecida com o dedo do E.T. saía directamente debaixo do joelho esquerdo do esqueleto, o que o desenho e as fotografias ilustram perfeitamente (Fig. 34, Fig. 39). A associação visível entre os membros posteriores do cão e os membros inferiores flectidos de Cm-3 era a tal ponto evidente que não houve então dúvidas sobre o facto de a mulher ter sido colocada directamente sobre o cão.

Posteriormente, a identificação dos restos muito destruídos de Cm-4 levantaram uma dúvida de princípio, uma vez estes se encontrarem exactamente no mesmo plano altimétrico que o cão. Consideradas as datações radiocarbónicas para o cão, para Cm-2, -3 e -4, nenhuma reserva é possível em relação à contemporaneidade das deposições referidas. A única dúvida reside na possibilidade de o cão ter sido deitado lado a lado com Cm-4 e logo sobreposto por Cm-3. Pela análise de escavação, não sendo impossível esta última situação, parece-me ser a primeira que reúne uma maior sustentabilidade.

Propõe-se, assim, apesar de tudo, a associação do cão à deposição fúnebre Cm-3.

O tipo de ritual a que correspondeu a deposição do cão levanta outro tipo de problemas, uma vez grande parte do seu esqueleto ter sido danificado pelas condições pós-deposicionais específicas daquela área. No entanto, a dúvida resumia-se aqui à possibilidade alternativa de o cão ter sido depositado inteiro, após a morte, ou apenas uma parte dele. Esta última situação, que parecia admissível aquando da escavação, foi afastada quando o estudo de Marta Moreno revelou a existência de outros componentes do esqueleto do cão, nomeadamente dentes, que não existiriam se apenas uma parte do animal tivesse sido depositada. Identificou, mais especificamente, para além dos metatarsos e tarsais ainda articulados, e reconhecidos no terreno, pequenos fragmentos de pélvis, o fémur quase completo, a patela, a tíbia e parte da fíbula esquerdos (ver Anexo respectivo).

É assim um caso típico de degradação diferencial *post-mortem*, comum também em algumas deposições funerárias ou enterramentos de humanos. Como foi observado a propósito de Cm-3, a que falta exactamente a parte que corresponderia à que está ausente no esqueleto do cão, tanto a específica natureza dos ossos em falta, como condições específicas do solo poderiam ser responsáveis por esta situação. Isto para já não falarmos na eventual colocação de uma substância corrosiva na área central do corpo.

A deposição de animais associados a humanos é praticamente desconhecida em fins do III milénio. Como Marta Moreno sublinhou, há um caso na Gruta de Marizulo (Urnieta, Guipúzcoa) onde, sob uma deposição funerária humana datada de 5285 ± 65 BP, se encontrou um esqueleto parcial de cão e uma ovelha de três meses de idade (Altuna, 1994, p. 161). Com recurso a Calib. 4.3, obtive $4246-3979$ cal BC, a dois sigmas, o que é claramente, sob um ponto de vista cronológico, muito longínquo de STAM-3.

Uma outra situação, cronologicamente próxima de Marizulo, tem particular importância, ainda que o intervalo de tempo para ela disponível seja largamente excessivo: a do Polideportivo de Martos (Lizcano, Cámara, Riquelme, Cañabate, Sánchez e Afonso, 1991-1992). Sítio largamente publicitado pelas suas fossas circulares, contendo inumações de animais ou de humanos, obtiveram-se para Martos datações decepcionantes pela amplitude dos seus intervalos. Uma das quais indicando 5080 ± 140 BP, mais uma vez com recurso a Calib 4.1, 4229-3542 cal BC, a dois sigmas, um intervalo de tempo de 687 anos, onde, para o período em questão, cabem certamente realidades muito diversas.

Em Martos, a questão que se coloca não é, porém, a da associação cães — humanos, mas a da atenção específica dedicada aos canídeos, particularmente na Cabana XIIb, tendo eles sido objecto de um enterramento com as mesmas características morfológicas do concedido à «família» humana da Cabana XIII, ainda que também não seja improvável estarmos perante um rito de fundação.

Neste sentido, poderíamos também aqui recordar a rocha de Val Camonica, gravada exclusivamente com cães, sem nenhum humano associado.

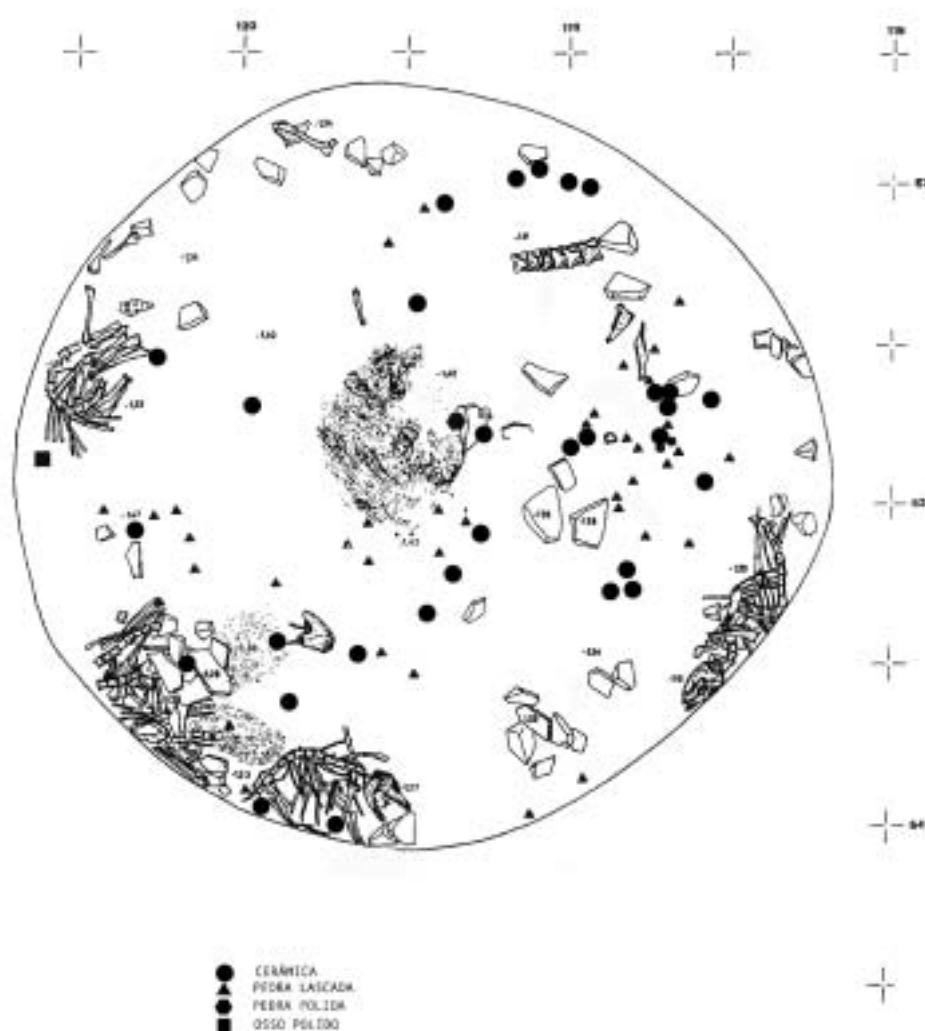


FIG. 98 – Martos, fossa sepulcral XIIa, com enterramentos de cães. Aparentemente, a dimensão da amostra não permitiu datação pelo radiocarbono, mas não é improvável que ela se não afastasse muito da datação conhecida para XIIb.

No sítio de Minferri (Juneda, Les Garrigues), na primeira metade do II milénio, a situação é ligeiramente diferente: «...es recupera un cànid sencer é un bòvid també complet (...). Aquest darres, a manca d'un estudi definitiu, sembla correspondre a un individu adult (± 4 anys), possiblement mascle o castra ti constitueix un fenomen insòlit en total a península per aquesta època.» (Equip Minferri, 1997, p. 188), sendo referida como explicação «...sacrifici o mort accidental en edat adulta» (*ibid.*).

Assim, o cão de uma cesteira (se associado a Cm-3), ou eventualmente de um pastor ou agricultor (se associado a Cm-4), acompanhou o seu dono ou dona na penúltima morada (uma vez que a última será certamente uma imagem num Museu, ou, sendo no Alentejo as coisas o que são, estas mesmas linhas que agora lhe dedicamos). Homenagem a um associado, amigo ou companheiro. Homenagem que aliás não deve ter agradado muito ao interessado, particularmente se foi necessário matá-lo para isso...

No entanto, há um ponto que deve também ser sublinhado: junto à pata do cão, e de tal modo «colado» a ela que só na limpeza em bloco no laboratório do CIPA foi identificado, encontrava-se I.8-114, um pequeno vaso esferoidal globular de bordo exvertido, um dos dois mais pequenos recipientes cerâmicos a ser recolhidos em STAM-3. Não é excessivamente arriscada a sua interpretação como uma oferenda votiva que acompanharia o cão, mas, não hesitando em referir o observado, recorro mais uma vez não termos paralelos para esta situação.

7.4.2.3. As deposições funerárias Cm-2 e Cm-3

Indiscutivelmente, dos três enterramentos da última fase de uso de STAM-3, e mesmo se esquecermos o cão, é Cm-3 quem reúne um tipo de informação mais específico.

Considerarei muito duvidosa a origem dos pequenos fragmentos de placa de xisto gravada I.8-88, -96, -102, recolhidos na área onde deveria ter estado o tórax do indivíduo, muito concretamente pelo seu estado: se tivessem sido resultado de uma fragmentação no local de uma placa de xisto, então nada restaria do esqueleto.

Pelo contrário, a taça cerâmica I.8-95, colocada por detrás do torso, e a conta de colar J.8-74, localizada na área onde deveria ter estado o pulso direito, podem ser consideradas como definitivamente associadas a esta deposição.

Os dois fragmentos de quartzo leitoso dispostos directamente sobre o corpo (I.8-92, -93), o que se encontrou junto à taça I.8-5 (I.8-98) e o que se recolheu dentro da boca, fixado entre a mandíbula e o maxilar superior (J.8-117), os quatro não talhados, justificam um comentário próprio.

Se tivéssemos recolhido apenas os três primeiros, haveria forte presunção que fossem materiais de arrasto, provenientes do exterior do monumento. No entanto, J.8-117 estava a tal ponto bem preservado dentro da boca do indivíduo que só foi detectado aquando da limpeza e preparação do crânio para transporte. Dificilmente se atribuiria a sua presença a um qualquer fenómeno pós-deposicional.

Poderíamos estar assim perante um ritual em que pedrinhas de quartzo leitoso teriam sido colocadas uma dentro da boca, outras sobre o tórax da mulher depositada nesta última fase de uso do monumento. Mais uma vez, não existem paralelos para esta situação, mas, de algum modo, e para esta época, também não existem para o cão. Podemos assim admitir, com reservas, que encontrámos eventualmente traços de um ritual fúnebre datável de fins do III milénio, e para o qual desconhecemos contexto.

Outra informação, no entanto, justifica tratamento: a da «profissão» ou, mais adequadamente, da actividade dominante, da mulher designada Cm-3, *Marta* em código de escavação, e do homem designado por Cm-2 ou *Marco*...

Nesta última situação, durante os trabalhos de campo não foi possível adiantar nenhuma observação que revelasse estranheza, mas, no caso de «Marta», foi observado o extremo desgaste dos incisivos e caninos. Registou-se então uma possibilidade, a de estarmos perante um desgaste «profissional», resultante de uma actividade prolongada e repetitiva. A única que então me ocorreu como possível era a de se tratar de uma cesteira, uma vez que o acto de «montar» um cesto implica o uso dos dentes para esgaçar as fibras, o que naturalmente produz intenso desgaste do marfim dentário. Mas desconhecia-se qualquer paralelo para esta situação até que houve recurso a necrópoles do Neolítico médio francês com restos antropológicos estudados.

A necrópole de Champ-Châlon, Benon, Charente-Maritime (França), atribuível ao Neolítico médio, revelou restos de um «crocheur», neologismo que foi criado para significar «...celui qui saisit fortement entre ses arcades dentaires un matériau pour pouvoir le travailler.» (Gilbert, 1990). O *crocheur* de Benon foi identificado a partir de dois pré-molares provenientes do *Tumulus B*, Câmara 2 e o seu desgaste dentário atribuído à cestaria de que seria artesão. É, aparentemente, o mesmo tipo de desgaste observado nos dentes de Cm-3.

Como Ana Maria Silva observou, a propósito de Cm-3, «Os incisivos centrais e laterais superiores estão *in situ* e apresentam um desgaste máximo (grau 8 na escala de Smith, 1984). Também neste maxilar se detectou a perda *ante mortem* do canino direito, a qual poderá ter ocorrido pouco tempo antes da morte do indivíduo na medida em que o alvéolo ainda se encontra na fase inicial de reabsorção. Quanto aos dentes do maxilar inferior, dois incisivos resumem-se às raízes dado o desgaste de grau 8 que apresentam. O mesmo ocorre para um canino inferior e para

um dos pré-molares. O primeiro e segundo molares inferiores esquerdos apresentam desgaste de grau 6.».

Também no caso da cesteira, há ainda que sublinhar as deformações nos dedos, que correspondem a patologias compatíveis com esta ocupação. Como referiu Ana Maria Silva, «a detecção de entesopatias nas falanges intermédias das mãos na zona de inserção dos flexores (*flexor digitorum superficialis* e *flexor digitorum profundis*), sugerem um grande esforço físico ao nível da mão. Ou seja, as calcificações observadas ao nível das zonas de inserção destes tendões, podem ser vistas como um marcador de *stress* ocupacional».

O que, mais uma vez, reforça a interpretação avançada.



FIG. 99 – Cesteiro usando os dentes para esgaçar fibra. Segundo Françoise Loux, 1981, «L'Ogre et la dent», citado por Gilbert, 1990, p. 56.

7.5. Os artefactos

Comentários específicos

A distribuição dos diversos artefactos recolhidos em STAM-3 traduz fenómenos de origem e um conjunto, de consequências maiores ou menores, de fenómenos pós-deposicionais.

As figuras que se apresentaram, e onde se registaram, numa realidade comprimida tanto no perfil como na planta, mas absolutamente legível, as localizações de todos os artefactos com registo tridimensional, evidenciam várias realidades:

1. o uso relativamente limitado do Corredor, compreensível se considerarmos a sua volumetria e funções de destino, afinal o acesso a uma Câmara funerária. O seu uso como lugar de deposições ter-se-ia feito sempre numa segunda etapa da primeira fase;
2. a concentração de deposições na Câmara, lida tanto através das cerâmicas recolhidas como da distribuição das placas de xisto gravadas. No entanto, o estado de muito elevada fragmentação das cerâmicas e das placas evidencia o vortex de destruições levadas a cabo pelas violações medievais do monumento;
3. a localização restrita das pontas de seta (eventualmente integrando, na origem, carcazes) indicia a presença de, provavelmente, três arqueiros, dois na Câmara e um no Corredor;
4. a distribuição das contas de colar é considerada menos significativa, levando em conta a sua extrema mobilidade dentro dos sedimentos, ainda que tenham sido identificados núcleos bem definidos, possivelmente restos de um mesmo colar;
5. a distribuição dos líticos diversos é muito curiosa, permitindo, a meu ver, confirmar a hipótese que avancei no caso de STAM-2 (Gonçalves, 2001a, p. 171). Com efeito regista-se uma distribuição relativamente homogénea e equitativa pelos diferentes componentes do monumento e suas áreas específicas, traduzindo assim a possibilidade de terem sido carregados do exterior com a terra que eventualmente cobriria os cadáveres ou regularizaria o solo para novos enterramentos.

Todos estes dados têm, naturalmente, reservas de apreciação: um monumento com pelo menos duas violações em plena Câmara não oferece idênticas garantias de legibilidade em todos os seus planos e parece confirmado que, se as violações afectaram sobretudo a área central da Câmara, também chegaram praticamente até a rocha, sendo aliás cumulativas com a reconstrução do monumento nos últimos séculos do III milénio.

7.5.1. A pedra lascada

7.5.1.1. Os diversos artefactos

A natureza dos artefactos de pedra lascada é comum em circunstâncias como esta e em contextos de inícios do III milénio, mas as ausências são evidentes, particularmente no caso dos geométricos, ainda presentes em contextos de fins do IV milénio. Haveria também que sublinhar a ausência das grandes lâminas obtidas por pressão, num sistema de alavanca, tão comuns no *tholos* OP-2b, que tem exactamente a mesma cronologia. Ou a inexistência de artefactos foliáceos como «alabardas» ou «pontas de dardo», também presentes em OP-2b.

7.5.1.2. As matérias-primas

Com a colaboração do Prof. Paulo Fonseca, da Faculdade de Ciências de Lisboa, verificou-se a lista das matérias-primas já identificadas, acrescentada pelas suas próprias identificações, e cuja proveniência provável é apontada.

A lista é a seguinte:

QUADRO 39

Matérias primas e artefactos.

| Matéria prima | Tipo de artefactos | Proveniência |
|----------------------------|--|--|
| Anfibolito | Conta de colar | Local |
| Basalto filoniano alterado | Núcleo | Local ou próximo |
| Cerâmica | Conta de colar, recipientes | Local |
| <i>Chert</i> | Conta de colar, pontas de seta, lamelas, raspadeira, restos de talhe | Local |
| Granito | Placa aparada | Local |
| Jaspe | Pontas de seta, enxó | Local ou próximo |
| Lidito | «Pedra almofada» | Local |
| Quartzito | Lascas, pontas de seta, lâminas, OLNIS, seixos talhados, núcleo | Local ou próximo. Tendo em conta a possível proveniência através do Guadiana, pode ser distante a origem primária. |
| Quartzito negro | Pontas de seta | Local |
| Quartzo | Lascas, pontas de seta, lamelas, restos de talhe, OLNIS, núcleo | Local |
| Quartzo hialino | Pontas de seta, lamelas, restos de talhe, núcleo | Local ou próximo |
| Quartzo leitoso | Lamela, restos de talhe, núcleo | Local |
| Opala | Lâmina | Local ou próximo |
| Pedras verdes | Contas de colar | Local ou próximo |
| Serpentinito | Contas de colar | Local ou próximo |
| Sílex | Lâminas, lamelas, pontas de seta, furador? restos de talhe | <i>Não local</i> |
| Meta-siltito | restos de talhe | Local |
| Xisto | Placas gravadas, placa aparada, contas de colar | Local |
| Xisto «avinhado» | Placas gravadas | Local |

7.5.1.3. A interpretação do número e da distribuição das pontas de seta e das placas de xisto gravadas

Se cada carcaz de arqueiro contiver entre quatro a sete setas (respectivamente números mínimo e máximo admissíveis) teríamos duas deposições funerárias de adultos arqueiros no Corredor e entre 3 e 4 na Câmara, admitindo que a esta pertencem também as pontas de seta recolhidas no *Tumulus*. Este seria portanto um número mínimo de deposições de arqueiros, usando exclusivamente este critério, conjunturalmente o único possível. Mas este número não pode ser minimamente utilizável sequer para a determinação do número de adultos do sexo masculino, certamente não sendo todos arqueiros, actividade de que, normalmente, as mulheres estão arredadas. A mesma reserva se pode evocar para as placas de xisto gravadas, que desconhecemos terem eventualmente uma distribuição exclusiva pelo sexo masculino, ao contrário

do que poderá ter acontecido com as pontas de seta. Teríamos assim um número total de indivíduos claramente superior aos que estes indicadores artefactuais poderiam sugerir, o que é garantido pelos dados antropológicos.

7.5.2. *A pedra polida*

I.8-151, o pequeno fragmento de uma enxó de jaspe (ele próprio resultante da colagem de dois fragmentos) é a única evidência de pedra polida em STAM-3. O que não é de estranhar: em Reguengos de Monsaraz, os artefactos de pedra polida são muito raros nos monumentos do III milénio em que as placas de xisto gravadas estão bem representadas. É o que se verifica em monumentos de arquitectura avançada, como os *tholoi* OP-2b e OP-2d, mas também, de algum modo, em OP-1.

Pelo contrário, nos monumentos em que não existem placas de xisto gravadas, como Poço da Gateira 1, Vidigueiras ou Gorginos, a pedra polida está bem representada, com números que no caso de Poço da Gateira 1, atingiriam mesmo os dois artefactos por indivíduo.

Estamos muito provavelmente perante algumas situações diversificadas, talvez sequenciais, em que a presença ou ausência de artefactos de pedra polida se articula com a presença ou ausência de outros itens votivos:

1. o ritual do machado ou da enxó acompanhando o morto (Piornal 3), associado a geométricos obtidos sobre lâminas;
2. o ritual usando a associação machado+enxó (ou goiva), como em Poço da Gateira 1, associado a geométricos obtidos sobre lâminas;
3. o depósito de um grupo sortido de artefactos de pedra polida à entrada da Câmara (como em STAM-2 ou Gorginos 3);
4. o depósito com os mortos (muito provavelmente suspensas do pescoço) de placas de xisto gravadas, associadas a cerâmicas e outros itens votivos que de forma quase absoluta não incluem nem pedra polida nem geométricos.

A explicação poderá residir na associação da importância da pedra polida nas primeiras fases das sociedades camponesas no Alentejo (cortar, limpar as árvores, abrir a floresta) a uma simbólica específica da morte, ultrapassada em inícios do III milénio com a consolidação e «normalização» da actividade agrícola e com o aparecimento de novos símbolos e novas figuras sacralizadas.

7.5.3. *Artefactos para adorno pessoal: as contas de colar e os alfinetes de cabelo*

Deve, naturalmente, ser sublinhada a relativa escassez dos artefactos para adorno pessoal e, sobretudo, a sua limitada diversidade. Mesmo em relação às contas de colar, a lista é eloquente, sobretudo no que aos números respeita. Mas também é certo que em outros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz se verifica uma escassez ainda maior de contas de colar.

Das 127 contas analisadas, apenas uma não permitiu identificação de forma. Ainda assim, foi utilizada no estudo das espessuras e das matérias primas, dois valores cuja identificação era possível.

É particularmente difícil separar as contas de perfuração bitroncocónica das contas de perfuração cilíndrica ou mesmo cónica. Na realidade, uma conta com perfuração cónica ou cilín-

drica é terminada com um único movimento de perfuração, aplicado no centro do disco a perfurar. A perfuração bitroncocónica resulta, pelo contrário, de dois movimentos perfurantes aplicados sucessivamente em cada face do disco. Sobretudo no caso do xisto, a fracturação na micro-área correspondente à perfuração dificulta a destrição entre as duas situações distintas.

A leitura efectiva do diâmetro da perfuração não é facilitada pela sua pequena dimensão e pela fragilidade dos materiais. A utilização das contrapontas de uma craveira digital metálica podendo provocar danos irremediáveis nas contas, vimo-nos obrigados a usar as pontas de medida principais, assentes sobre um dos planos da conta. Há assim uma pequena margem de erro nos centésimos de milímetro, provavelmente também, ainda que menos, nos décimos de milímetro. O que não tem realmente grande significado.

As perfurações bitroncocónicas em algumas contas de colar, particularmente nas pertencentes ao «grupo das pequenas contas», é muito difícil de separar das perfurações troncocónicas, uma vez que o campo de observação é extremamente limitado. Como todas as descrições foram feitas com recurso a uma lupa binocular, ultrapassaram-se um pouco as dificuldades que seriam certamente encontradas numa descrição por observação simples.

Nas contas discóides, salvo nas muito pouco espessas, normalmente a forma não é exactamente a de uma secção de cilindro, mas a de um «micro-donut», isto é: o plano visível da conta, uma vez enfiada com as outras que integravam o colar, apresentava um aspecto mais ou menos rombóide. Em alguns casos, o ponto central da superfície rombóide não é um ponto de inflexão, mas um ponto de ruptura mais ou menos marcado. Quando este ponto de ruptura se encontra reduzido, por efeito de polimento ou de erosão pós-deposicional, torna-se difícil separar um ponto de inflexão de um ponto de ruptura. Ainda assim, procurou-se sempre estabelecer a distinção, mesmo nos casos em que a dificuldade era maior.

A classificação geral «discóide» é talvez demasiado geral, uma vez que inclui dois possíveis tipos que não foram aqui separados. Um deles é o da «verdadeira» conta discóide, cujos bordos são rectilíneos. O outro refere-se a bordos ligeiramente encurvados, ou mesmo quase rectilíneos, mas com perfil em tronco de cone.



FIG. 100 — Perfis de três tipos de contas de colar, independentemente do diâmetro. 3:1. A primeira apresenta paredes externas relativamente verticais, a segunda o perfil tipo «micro donut», a terceira, apesar da sua irregularidade e assimetria, é uma bitroncocónica abatida, neste caso mais espessa que o habitual.

A forma das contas de colar de STAM-3 é maioritariamente constituída por exemplares discóides (96 em 126, dos quais 79 em xisto e 17 em pedra verde). Seguem-se as contas bitroncocónicas abatidas (com 13 de xisto e nove de pedra verde). Há porém que referir que poderia ter sido feita uma efectiva distinção entre um tipo de conta mais espesso, que corresponde possivelmente ao verdadeiro tipo bitroncocónico, e um outro, com uma aresta no perfil, mas que poderia tratar-se de traços de um processo técnico relacionado com a separação das contas do bloco pétreo em que foram pré-talhadas.

As contas discóides espessas surgem com seis exemplares (cinco de pedra verde e um de xisto).

Em número objectivamente reduzido são as contas bitroncocónicas, apenas duas (uma de anfibolito e outra de cerâmica).

O diâmetro total das contas oscila entre um máximo de 12,36 mm e 4,05 mm. Escolheu-se o limite máximo de 6 mm de diâmetro para referir um tipo de componentes de colar rotulado como «grupo das pequenas contas». Estas contas encontram-se representadas tanto no Corredor como na Câmara, sendo que no primeiro se identificaram cinco e no segundo 15, isto é, no total, 20.

O diâmetro das perfurações nem sempre tem números fiáveis. Na realidade, poderiam ser excluídas as contas com uma perfuração corrigida na mesma face e registados os dois valores presentes em cada conta. Se excluirmos J.9-108, cuja incompreensível perfuração incompleta está aliás dentro dos parâmetros das completas (Fig. 138:5), a perfuração mínima medida tinha 1,20 mm e a máxima 4,89 mm.

A matéria-prima das contas vai, em sentido ascendente, de anfíbolito e cerâmica, com apenas um exemplar cada, a 32 de pedra verde (que inclui o serpentinito, designação que foi usada sempre que não havia dúvidas sobre ela, sendo que muitas das «pedras verdes» são certamente também serpentinito) e 93 de xisto (conta-se aqui também o exemplar fragmentado, mas cuja matéria-prima era reconhecível). Temos assim quatro matérias primas, todas locais (sendo apenas surpreendente o uso da cerâmica, muito pouco comum na feitura de contas de colar), para três formas, cujas variantes apenas têm que ver com a espessura do componente de colar. Não é muito, convenhamos, mas no variado e extenso espólio do *tholos* OP-2b não encontramos maior diversidade, sendo apenas a contar em seu favor a figurinha zoomórfica de osso, que deveria ser o centro de um colar ou uma peça única, suspensa ao pescoço do morto.

QUADRO 40

Tipo de contas de colar e matérias-primas.

| Tipo de conta | Total | Serpentinito | Cerâmica | Pedra Verde | Xisto |
|------------------------|-------|--------------|----------|-------------|-------|
| Bitroncocónica | 2 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| Bitroncocónica abatida | 22 | 0 | 0 | 9 | 13 |
| Discóide | 96 | 0 | 0 | 17 | 79 |
| Discóide espessa | 6 | 0 | 0 | 5 | 1 |

A espessura das contas de colar oscila entre os 0,86 e os 5,88 mm, sendo que se criou uma categoria a partir de quatro milímetros inclusive de espessura, correspondendo à designação «Grupo das contas discóides espessas».

O tipo de perfuração das contas levanta, por vezes, grandes dificuldades no processo da sua determinação, implicando a observação das contas à lupa binocular duas leituras visuais directas e uma terceira cumulativa. Com efeito, se uma perfuração cilindróide de traçado preciso é fácil de reconhecer, e uma perfuração troncocónica também, já o mesmo não acontece com alguns tipos de perfuração bitroncocónica, em que a violência do segundo movimento perfurativo praticamente transformou o negativo numa perfuração cilindróide. A determinação de uma perfuração ser bitroncocónica e não cilindróide baseou-se, em alguns casos, no facto de o mergulho da *zoom* da binocular permitir identificar uma pequena nervura ou excrescência, geralmente a meio ou a um terço da altura da perfuração. As limitações do desenho arqueológico à escala 1:1 fazem com que existam algumas discrepâncias entre o desenho que publicamos e a descrição da peça. Em todos os casos, é sempre esta última que prevalece. Para que nesta situação o desenho fosse verdadeiramente irrepreensível, ele deveria ter sido feito à escala 2:1 ou melhor 3:1, mas então os custos seriam incompatíveis com as dimensões de este projecto.

Para a população de contas de colar recolhidas no monumento, identificaram-se 24 contas com perfurações de tipo 3, isto é, cilindróides, 34 de tipo 1, isto é, troncocónicas, e 67 de tipo 2, bitroncocónicas. No entanto, pelas razões já enunciadas, estes números são os menos fiáveis do conjunto.

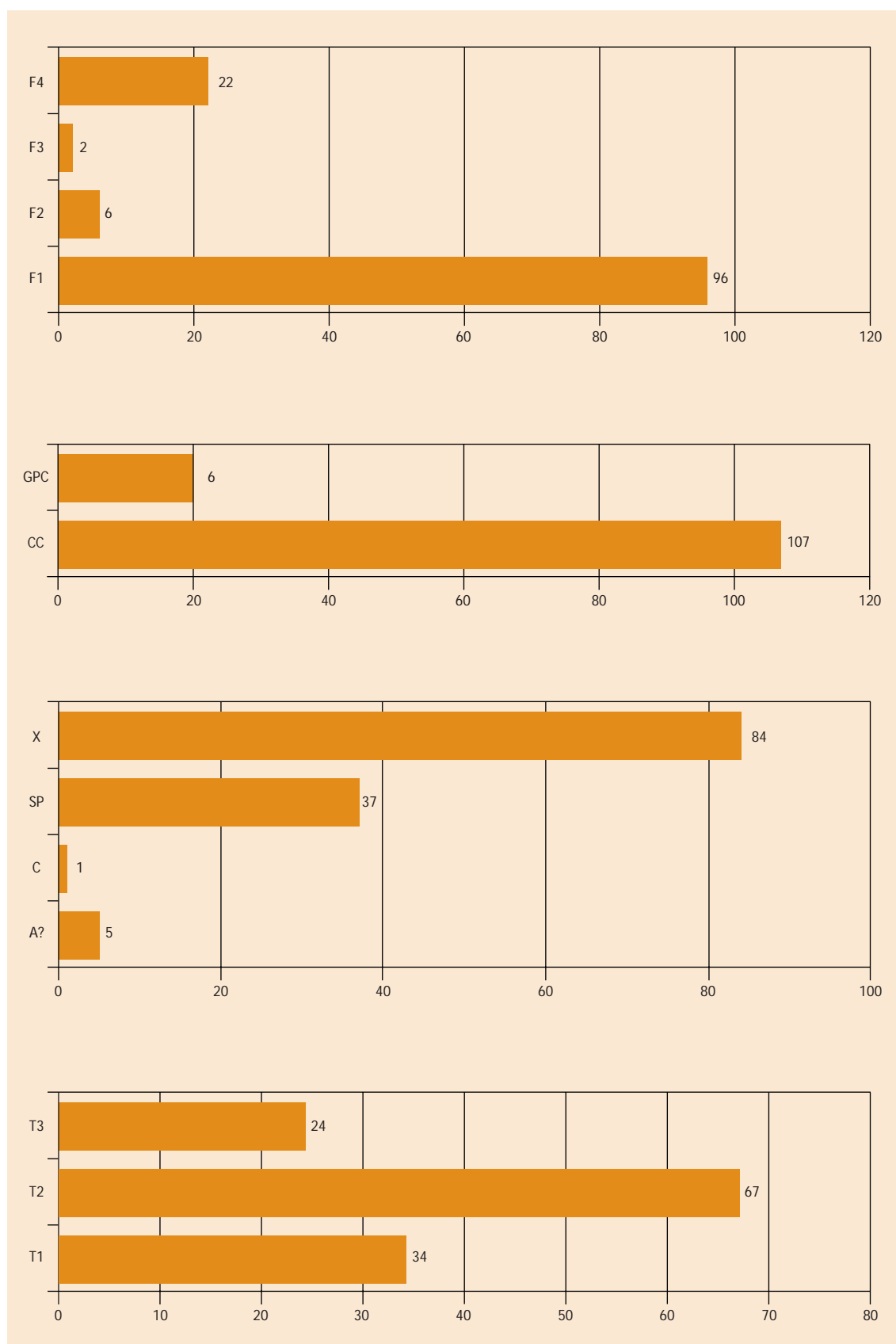


GRÁFICO 5 – Percentagens de formas, dimensões, matérias primas, tipo de perfuração das contas de colar de STAM-3.
F = forma; X = xisto; SP = serpentinito; C = cerâmica; A = anfibolito; T = Tipo de perfuração.

Guardámos para o fim a análise específica de dois conjuntos de contas de colar, um grupo de três proveniente de uma área de topo da Câmara, junto ao esteio de cabeceira (ECm-4), e outro, de 11 contas, proveniente do alvéolo original de ECm-5, dois conjuntos que, pela sua associação a espaços muito restritos, poderiam constituir restos de dois colares individualizados.

Os componentes do conjunto associado ao esteio de cabeceira apresenta dimensões relativamente próximas, precisamente 8,17, 8,44 e 8,61 mm. Duas são de xisto e uma de serpentinito. O diâmetro da perfuração oscila entre os 2,10 de J.9-14 e os 2,62 de J.9-12, tendo J.9-13 2,71 mm. Estas últimas medidas, separadas por seis décimos de milímetro, não dificultam o correr dos três componentes de colar por um mesmo fio. Curiosamente, os pesos idênticos verificam-se entre um dos exemplares de xisto (J.9-12) e o de serpentinito (J.9-13). Na prática, nada impede que integrassem o mesmo colar, sendo idêntica a forma e o tipo de perfuração. Mas com um número tão pequeno de exemplares nenhuma certeza é possível.

O segundo conjunto possui a particularidade de ter sido identificado dentro do alvéolo daquele que era, na origem, o esteio 5 da Câmara. Encontram-se representadas duas formas: a 1 (contas discóides), com oito exemplares, e a 4 (contas bitroncocónicas abatidas), com três exemplares. As matérias primas resumem-se a duas: serpentinito (quatro contas) e xisto (oito), ainda que as matérias primas não coincidam necessariamente com as formas. Pertencem à forma 1 duas contas de serpentinito e à 4 as outras duas restantes. À forma 1 pertencem seis contas de xisto e uma à forma 4. O diâmetro total varia entre os 8,08 e os 8,85 mm, uma variação relativamente pouco significativa de 0,77 mm. O diâmetro da perfuração oscila porém entre os 3,20 e os 1,97 mm, um desvio consideravelmente mais significativo, de 1,22 mm. Se reduzirmos, no entanto, o rigor da leitura, com a escusa da inexistência de uma produção equipada com utensílios que permitiriam garantir perfurações sempre idênticas, veremos que a medida das perfurações se distribui por dois grandes grupos, um arredondado aos 3 mm (seis exemplares) e outro aos 2 mm (cinco exemplares). A espessura das onze contas oscila entre 1,65 e 2,85 mm.

Não há, portanto, um padrão rigorosamente normalizado que associe determinadas formas a determinados tipos de matéria prima ou a uma dada espessura. Vale a pena referir que nenhuma de estas 11 contas entra no grupo que atrás se definiu, designado por «Grupo das pequenas contas».

Não é impossível que estas onze contas fizessem parte de um mesmo colar, ainda que pareça cada vez mais evidente que uma conclusão de este tipo apenas poderia derivar de uma associação espacial específica, como a que se verificou em OP-2b, com as centenas de contas associadas, reproduzindo ainda a forma do artefacto de adorno pessoal original.

Os alfinetes de cabelo, objecto de duas recentes localizações cronológicas absolutas, uma directa (Cardoso e Soares, 1995), outra indirecta (Gonçalves, 1996), são, como hoje sabemos, artefactos que se tornam comuns na segunda metade do IV milénio e na primeira do III. Em STAM-3 não existem as típicas cabeças caneladas, nem os alfinetes monóxilos de cabeça bem destacada, ambos presentes em OP-2b, mas tão só vários fragmentos de haste e uma extremidade distal. Uma análise hipercrítica poderia mesmo defender que se não trata de alfinetes de cabelo, mas de «pauzinhos» de osso polido idênticos aos identificados pelos Leisner, ou mesmo de furadores. No entanto, a observação da extensa série proveniente de OP-2b parece tranquilizar-nos e apoiar a minha interpretação.

Um facto importante é o de vários apresentarem nas superfícies, e um no interior da fractura, pontos de carbonização idênticos aos identificados nos alfinetes de cabelo e nos ossos humanos da primeira fase do *tholos* OP-2b, o que torna talvez provável que STAM-3 tenha sido objecto de um fogo de higienização semelhante ao de OP-2b, ainda que obviamente em muito menor escala.

7.5.4. A cerâmica

A presença num espaço funerário de cerâmicas abertas e fechadas tem um significado muito diferente daquele que se encontra nos conjuntos provenientes de áreas de povoamento. E, mais uma vez, não é o simbolismo que deve ser invocado como gazua abre portas. Aliás, tal como André Leroi-Gourhan sublinhou em meados do século passado, o pensamento mágico-religioso pode ser tão pragmático como o pensamento técnico.

Na realidade, nas áreas de habitat, as cerâmicas abertas são usadas sobretudo para o consumo de alimentos e as cerâmicas fechadas, de acordo com a sua dimensão, para os cozinhar ou armazenar.

Num espaço funerário, as cerâmicas transcrevem, *por vezes*, as situações da vida, mas nem sempre. Em primeiro lugar, muitas formas são exclusivas, ou quase, do mundo dos mortos. Em segundo, as suas dimensões divergem e nunca se viu, até ao momento, números relevantes de recipientes contentores em antas, grutas artificiais ou *tholoi*.

Mas o terceiro milénio marca, pela primeira vez de forma generalizada, a associação da presença de formas específicas dos monumentos funerários com artefactos cerâmicos do mundo dos vivos: taças carenadas e pratos de bordo espessado estão presentes nos conjuntos de princípios do III milénio em Reguengos de Monsaraz e em outros grupos megalíticos.

Em STAM-3, existem recipientes abertos e fechados representados nas duas fases de deposição funerária e também entre os materiais impossíveis de atribuir com rigor a qualquer uma delas.

7.5.4.1. Um catálogo de formas. Formas abertas e formas fechadas

As cerâmicas provenientes de STAM-3 foram distribuídas graficamente por um Catálogo de formas simplificado.

QUADRO 41

Distribuição das cerâmicas recolhidas em STAM-3 por Formas e Variantes.

| Localização | Grupo | Variante | Código | Registo | Total |
|-------------|---------------------------|------------------------------|--------|---|-------|
| Câmara | Esféricos achatados | Típico | F.4.b. | L.8-124 | 1 |
| Câmara | Esféricos altos | | F.2.a. | I.8-225; J.8-432; J.8-607; J.9-127; J.9-1 | 5 |
| Câmara | Esféricos altos | Mamilados | F.2.a. | I.8-228; I.8-66; I.8-80 | 3 |
| Câmara | Esféricos altos | Bordo ligeiramente exvertido | F.2.b. | I.9-15 | 1 |
| Câmara | Esferoidais | Simple | F.1.a. | I.8-177; I.8-229; J.9-130; J.9-79; I.9-4; J.9-4; J.9-19; I.9-23 | 8 |
| Câmara | Esferoidais | Globulares | F.1.b. | I.8-114; I.8-145 | 2 |
| Câmara | Formas carenadas | Taças carenadas | F.5.b. | I.8-305; J.9-59; J.9-69 | 3 |
| Câmara | Grandes taças fechadas | | F.7. | J.8-553 | 1 |
| Câmara | Indeterminado | | F.8. | I.8-138; I.8-153; I.8-212; J.8-104; J.8-199; J.8-349; J.8-363; J.8-639; J.8-787; J.8-14; J.8-15; I.8-9; I.9-29; J.8-638 | 14 |
| Câmara | Pratos de bordo espessado | Almendrado | A.3. | J.8-418; I.8-50 | 2 |
| Câmara | Taças fechadas | | F.3.a. | I.8-185 | 1 |
| Câmara | Taças fechadas | | F.3.b. | J.8-113; J.8-210; J.9-16; I.9-30 | 4 |
| Câmara | Taças | | A.1.a. | I.8-45; I.9-7; I.8-31 | 3 |
| Câmara | Taças | Em capacete | A.1.b. | J.8-86 | 1 |
| Câmara | Taças | Muito abertas | A.2. | I.8-95 | 1 |

QUADRO 41 [Cont.]

Distribuição das cerâmicas recolhidas em STAM-3 por Formas e Variantes.

| Localização | Grupo | Variante | Código | Registo | Total |
|--------------------|----------------------------|--------------------|--------|---|-------|
| Câmara | Vasos carenados | Vaso | F.5.a. | I.8-221; I.8-224; J.8-221; J.8-488; J.8-785; J.9-59 | 6 |
| Câmara | Vasos de colo estrangulado | | F.6. | I.8-236; I.8-291 | 2 |
| Câmara DF | Grandes taças fechadas | | F.7. | J.8-778 | 1 |
| Câmara DF | Esferoidais | Simples | F.1.a. | J.8-707; J.8-764 | 2 |
| Câmara DF | Vasos de colo estrangulado | | F.6. | J.8-744; J.8-763 | 2 |
| Corredor | Esféricos achatados | Pré-forma | F.4.a. | G.8-7 | 1 |
| Corredor | Esféricos altos | | F.2.a. | H.8-72; H.8-7 | 2 |
| Corredor exvertido | Esféricos altos | Bordo ligeiramente | F.2.b. | G.8-21 | 1 |
| Corredor | Esferoidais | Globulares | F.1.b. | H.8-141; H.8-70 | 2 |
| Corredor | Formas carenadas | Taças carenadas | F.5.b. | G.8-6 | 1 |
| Corredor | Taças fechadas | | F.3.b. | H.8-143; H.8-76; I.8-91; G.8-19 | 4 |
| Corredor | Taças | | A.1.a. | G.8-16 | 1 |
| Corredor | Taças | Muito abertas | A.2. | G.8-18 | 1 |
| Corredor | Vasos carenados | Vasos | F.5.a. | H.8-107 | 1 |
| Corredor | Vasos de colo estrangulado | | F.6. | G.8-3 | 1 |
| Tumulus | Esferoidais | Simples | F.1.a. | SUP-15; I.7-2 | 2 |
| Tumulus | Formas carenadas | Vaso mamilado | F.5.a. | H.9-1 | 1 |
| Tumulus | Formas carenadas | Vaso | F.5.a. | H.9-2 | 1 |
| Tumulus | Formas carenadas | Taças carenadas | F.5.b. | F.10-2 | 1 |
| Tumulus | Indeterminados | | F.8. | K.10-3 | 1 |
| Tumulus | Taças | Mamilado | A.1.a. | F.10-1 | 1 |
| Tumulus | Taças | Mamilado | A.2. | F.10-2 | 1 |
| Tumulus | Taças fechadas | | F.3.a. | K.10-1; D.13-1 | 2 |
| Tumulus | Vasos de colo estrangulado | | F.6. | E.13-1; K.8-2 | 2 |

A observação da diversidade das cerâmicas recolhidas em STAM-3 conduziu a algumas reflexões antes da adopção de processos de sistematização de formas. Em primeiro lugar, surgia uma específica dificuldade, derivada do estado de grande fragmentação das cerâmicas. Em muitos casos, as reconstituições da altura dos vasos foram simplesmente impossíveis, em outros foram recuperadas a partir de inclinações de superfícies que necessitariam talvez de melhor fundamentação.

No caso das formas abertas, a situação não é muito grave, porque a convergência dos fundos se faz normalmente de uma forma regular. No caso das formas fechadas, porém, torna-se muito difícil estabelecer a orientação que as paredes tomariam, sobretudo quando se trata de fragmentos de dimensão diminuta.

No caso das formas fechadas, identificaram-se sete categorias e algumas variantes. Seria possível aumentar o número das variantes, mas duvido que houvesse algum proveito nessa iniciativa, uma vez que se trata de cerâmicas manuais, por vezes de construção muito irregular, onde é difícil encontrar significado para variações ligeiras no índice de abertura mesmo para a forma geral dos bordos.

Alterou-se assim o critério de seriação baseado naturalmente nas características morfológicas gerais, sem que, na maioria das situações, se considerasse a volumetria como um factor determinante. No entanto, no caso da forma fechada 7, a disparidade evidente entre a sua

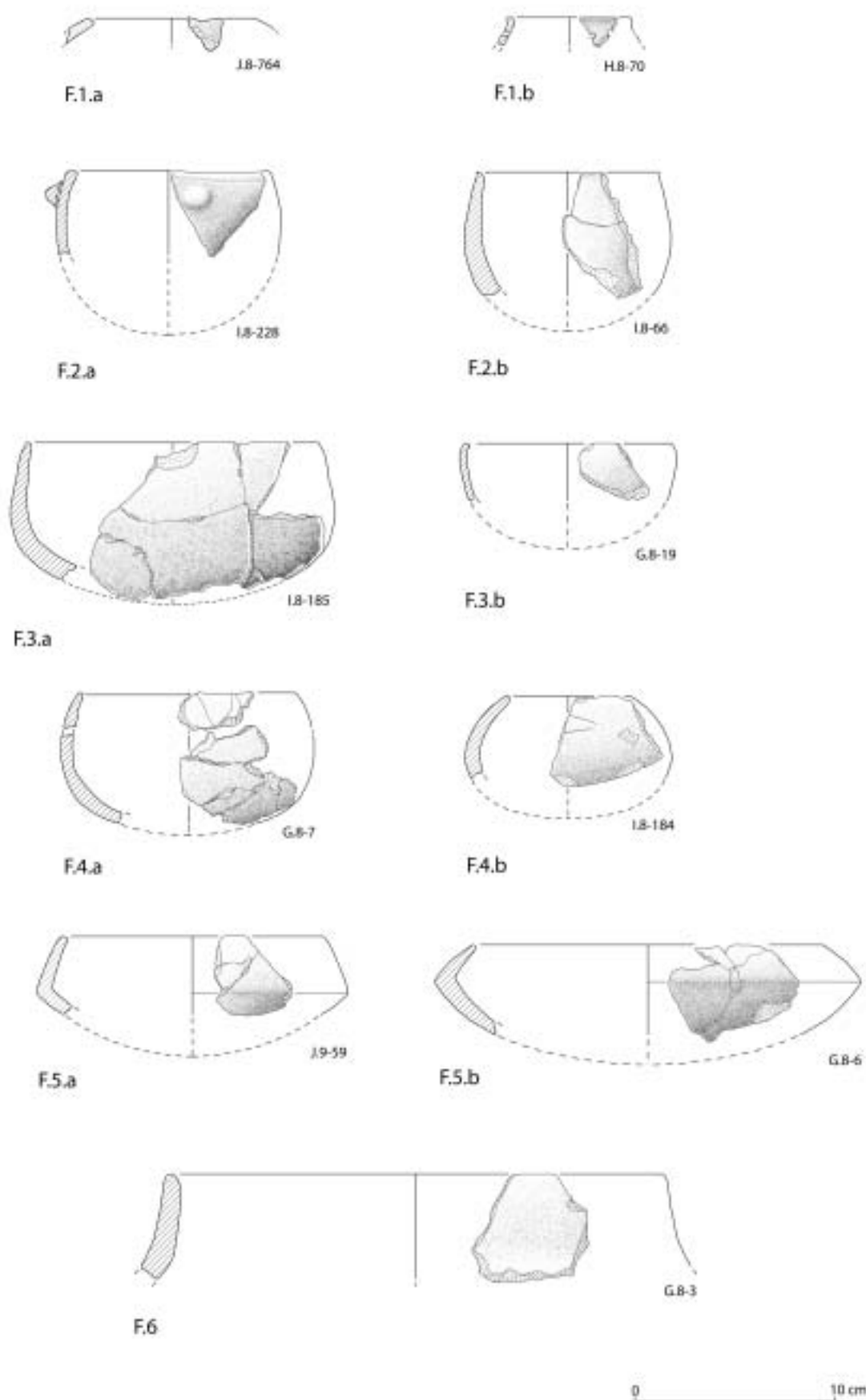
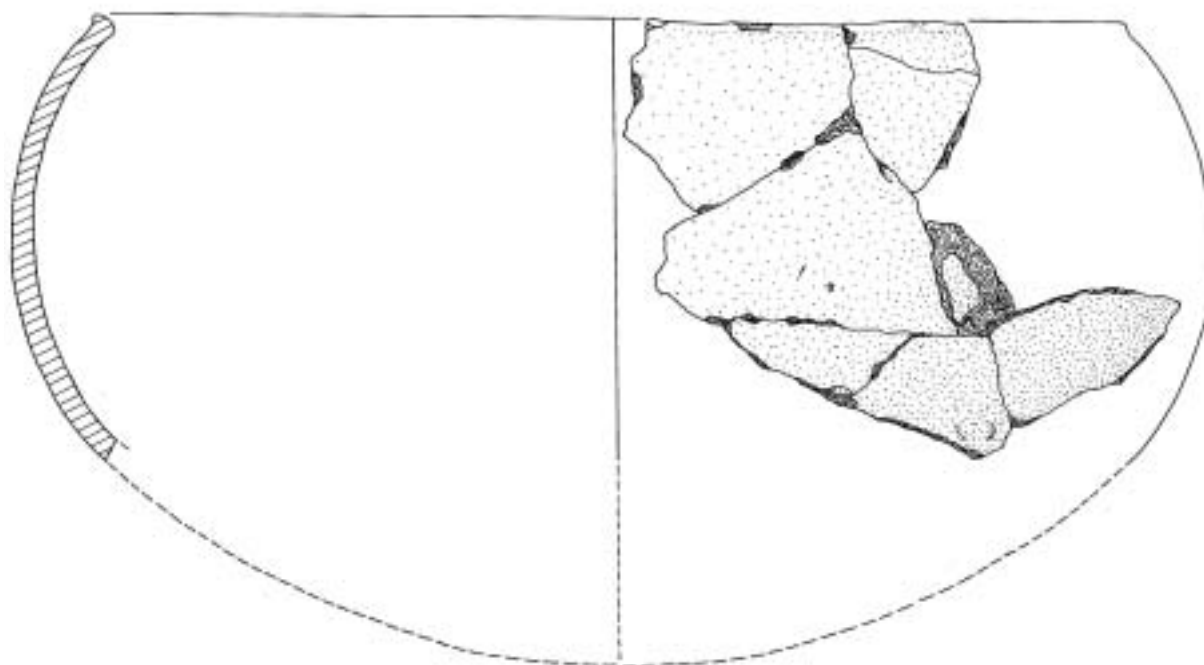


FIG. 101 A – Catálogo de formas cerâmicas – formas fechadas.



F.7



FIG. 101 A [cont.] – Catálogo de formas cerâmicas – formas fechadas.



A.1.a



A.1.b



A.2



A.3

FIG. 101 B – Catálogo de formas cerâmicas – formas abertas.

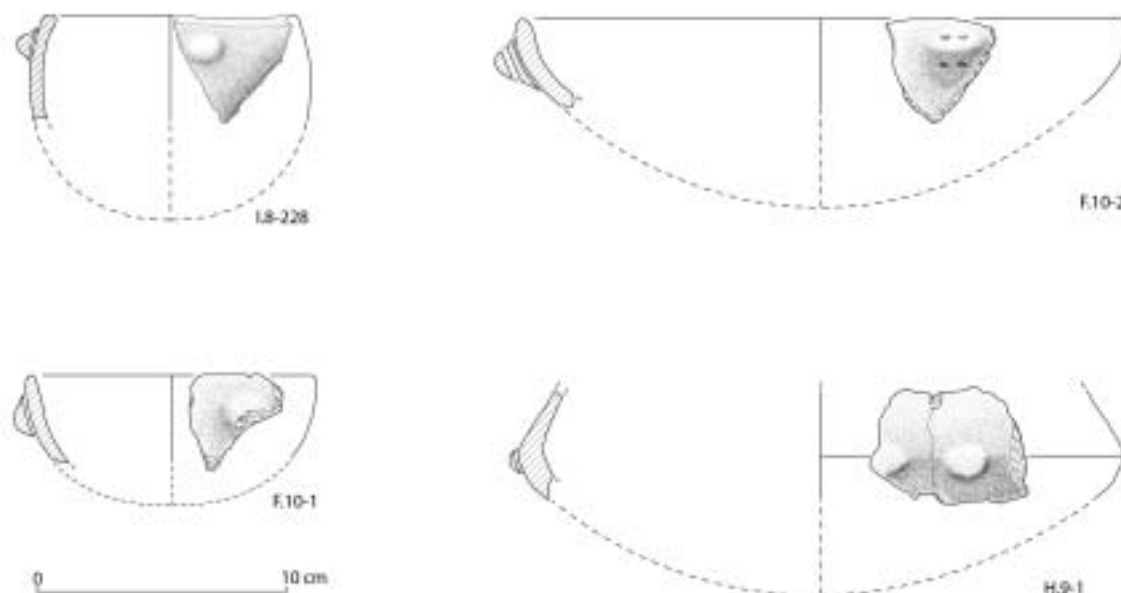


FIG. 101 C – Catálogo de formas cerâmicas – formas mamiladas.

grande dimensão e a dos restantes vasos justificou a criação de uma categoria própria. Basicamente, a forma fechada 7 corresponde a um tipo de recipientes frequente em povoados, mas muito raro em monumentos funerários, muito provavelmente devido ao espaço que ocuparia em áreas restritas, sendo uma derivação das taças em calote fechadas, das quais se distingue quase exclusivamente pela volumetria e pela suave exversão do bordo.

De uma forma sintética, distribuíram-se os recipientes pelas seguintes categorias:

Formas fechadas

- F.1: corresponde a recipientes genericamente *esferoidais*, com duas variantes, o *esferoidal simples* (F.1.a), basicamente um esférico muito alto, e o *globular* (F.1.b), caracterizado por um bordo exvertido, no caso de STAM-3 de pequenas dimensões.
- F.2: *esféricos altos*. As duas variantes identificadas (a, b) são mais teóricas do que reais. A primeira corresponde a esféricos altos providos de mamilos, mas a segunda só poderia ser identificada com total fiabilidade no caso de vasos inteiros. Na situação verificada em STAM-3, nada nos indica que não pudessem existir mamilos na parte em falta nos vasos, por vezes mais de 4/5 do original. De qualquer forma, pensou-se significativa e registou-se a diferença entre vasos mamilados e não mamilados, claramente estabelecida para outros monumentos e sítios.
- F.3: esta categoria engloba as *taças fechadas*, tendo sido criada uma variante para formas com menor índice de esbeltez e outra para formas que configuram verdadeiras taças em calote fechadas.
- F.4: esta categoria abrange a gama dos *esféricos achatados*, desde as *pré-formas*, em que o achatamento começa apenas a ser visível (F.4.a), até aquelas em que ele é absolutamente nítido.
- F.5: este grupo reúne as *formas carenadas*, divididas, como é habitual, em *vasos carenados* (F.5.a) e *taças carenadas* (F.5.b).
- F.6: os *vasos de colo estrangulado*, incluídos nesta categoria, têm alguns exemplares de fácil identificação, mas o estado de fragmentação de outros torna complexa a sua atri-

buição a esta forma, em Reguengos de Monsaraz bem conhecida no povoado calcolítico do Monte Novo dos Albardeiros.

- F.7: não é possível usar para os grandes recipientes deste grupo, basicamente *taças fechadas com ligeiro achatamento na vertical e bordo exvertido*, a designação de pote, uma vez que estes são normalmente recipientes de paredes mais espessas e boca estreita. Esta forma, presente em STAM-3 através de dois exemplares, recorda recipientes de evidente uso culinário muito recentemente identificados em associação à estrutura de combustão I de Xarez 12. É certo que aí se apresentam com mamilos de bordo, mas nada impede que eles tivessem presentes na parte ausente destes vasos.

Não se criou, como seria possível, uma oitava categoria, bem definida, dentro das formas fechadas, eventualmente contendo um conjunto de vasos que parecem ser troncocónicos ou cilindróides. Seria possível, e mesmo defensável, mas a dimensão dos fragmentos desaconselhou essa opção. Ainda assim, faz-se referência a um código F.8., *Grupo de formas indeterminadas*, que reúne estas e outras situações, quase todas verificadas para a Câmara.

QUADRO 42

Distribuição das formas cerâmicas catalogadas.

| Código | Grupo | Variante | Tm | Cr | Cm | CmDF | Total |
|--------|----------------------------|------------------------------|----|----|----|------|-------|
| A.1.a. | Taças | Taças abertas | 1 | 1 | 3 | 0 | 5 |
| A.1.b. | Taças | Em capacete | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 |
| A.2. | Taças | Muito abertas | 1 | 1 | 1 | 0 | 3 |
| A.3. | Pratos de bordo espessado | Almendrados | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 |
| F.1.a. | Esferoidais | Simples | 2 | 0 | 8 | 2 | 12 |
| F.1.b. | Esferoidais | Globulares | 0 | 2 | 2 | 0 | 4 |
| F.2.a. | Esféricos altos | Simples | 0 | 2 | 7 | 0 | 9 |
| F.2.a. | Esféricos altos | Mamilados | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 |
| F.2.b. | Esféricos altos | Bordo ligeiramente exvertido | 0 | 1 | 1 | 0 | 2 |
| F.3.a. | Taças fechadas | Paredes espessas | 2 | 0 | 1 | 0 | 3 |
| F.3.b. | Taças fechadas | Paredes finas | 0 | 4 | 4 | 0 | 8 |
| F.4.a. | Esféricos achatados | Pré-forma | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| F.4.b. | Esféricos achatados | Típico | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 |
| F.5.a. | Formas carenadas | Vaso (mamilado) | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| F.5.a. | Formas carenadas | Vaso | 1 | 1 | 6 | 0 | 8 |
| F.5.b. | Formas carenadas | Taças carenadas | 1 | 1 | 3 | 0 | 5 |
| F.6. | Vasos de colo estrangulado | | 2 | 1 | 2 | 2 | 7 |
| F.7. | Grandes taças fechadas | | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 |
| F.8 | Indeterminados | | 1 | 0 | 14 | 0 | 15 |

Tm: Tumulus; Cr: Corredor; Cm: Câmara; CmDF: Câmara, depósito de fundação.

As formas abertas, consideravelmente minoritárias neste conjunto, foram resumidas a três categorias:

- A.1: *taças em calote*, com duas variantes, sendo a primeira uma forma clássica e a segunda reservada exclusivamente para as formas que apresentam uma ligeira exversão do bordo, o que cria uma, ainda que imprecisa, imagem de capacete invertido. É uma forma, aliás, também presente no conjunto cronologicamente síncrono do *tholos* OP-2b.
- A.2: criou-se esta categoria para um tipo de *taça muito aberta*, presente com exemplares pouco numerosos, mas estando um deles associado à deposição fúnebre Cm-3, «Marta».

- A.3: *pratos de bordo espessado*. Esta categoria, também identificada em vários outros monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, está representada por apenas dois exemplares.

A interpretação das percentagens relativas e da distribuição das diferentes categorias pelas distintas áreas do monumento decorre dos Quadros para o efeito elaborados. Convém igualmente, em termos gerais, rever a Fig. 63, com a distribuição das cerâmicas pela planta e perfil de STAM-3.

7.5.4.2. *As cerâmicas da fossa no interior da Câmara*

Fragmentos J.8-764, J.8-763, J.8-744, J.8-707, J.8-778. – Fig. 66

Todas as formas se incluem na categoria dos recipientes fechados. Apesar da fragmentação de alguns dos exemplares analisados, todas as reconstituições são fiáveis.

A homogeneidade da pasta era, em três casos, semi-compacta. Nos dois restantes recipientes, um apresentava uma pasta compacta e outro pouco compacta.

Sobre os componentes não plásticos, há que registar o facto de serem muito abundantes. Apesar da sua composição incluir sempre quartzo, quartzo hialino e micas, deve ser sublinhada a grande abundância do quartzo hialino, com fragmentos obtidos por trituração grosseira. Os componentes observados nas superfícies e nas fracturas indicam sempre a presença de exemplares de dimensão média, num dos casos misturados com outros de dimensão menor.

Se observarmos o alisamento das superfícies internas, normalmente as melhor conservadas, verificamos que duas delas se apresentam hoje rugosas, duas conservam vestígios de alisamento e outra apresenta engobe e, possivelmente, polimento posterior, ainda que o fragmento seja efectivamente muito pequeno para haver certezas absolutas. No entanto, não é provável que as superfícies desaparecidas oferecessem aspecto diferente.

Os bordos eram sempre não espessados, sendo que três deles foram considerados como aplanados. A direcção do bordo era recta em três casos e convergente nos restantes.

As dimensões foram avaliadas, nos cinco casos, pelo diâmetro externo da abertura, mas num dos recipientes foi possível uma reconstituição da dimensão do bojo, que atingiria os 34 cm. Trata-se, com efeito, do recipiente aparentemente de maiores dimensões de este pequeno conjunto.

A dimensão dos recipientes só pode ser integralmente entendida, no caso das formas fechadas, quando se consegue determinar a altura dos recipientes. No entanto, considera-se que a dimensão de três destes vasos, lida aproximativamente através do diâmetro, aponta para a sua filiação no grupo das formas grandes. Com 20, 21,4 e 22 cm, os vasos J.8-707, -744, -723 teriam, muito provavelmente dimensão idêntica, praticamente igual no caso dos dois primeiros. J.8-778 foi o único recipiente que permitiu uma leitura aproximada da sua altura original. Com 26 cm de altura provável e um diâmetro externo de abertura idêntico, trata-se efectivamente de um recipiente de grande capacidade, ainda que as reais capacidades de potes de colo estrangulado só possam ser realmente avaliadas quando se possui indicação das dimensões da forma esférica ou esferóidal que se associa ao colo, normalmente cilindróide.

A espessura dos bordos nem sempre é indicadora da robustez dos recipientes. Neste caso, oscila entre os 0,4 e os 0,9 cm. O que configura uma robustez aceitável, mas não excessiva para as suas dimensões.

O conjunto proveniente da fossa de fundação na Câmara de STAM-3 apresenta-se com uma grande homogeneidade, ainda que algumas das suas características registem dissonâncias.

Um ponto comum, aliás partilhado com quase todas as cerâmicas de STAM-3 é sem dúvida a natureza dos componentes não plásticos, estando o quartzo hialino representado em proporções aparentemente mais elevadas que nos recipientes com outras proveniências dentro do monumento.

São cinco formas fechadas, distribuíveis por três categorias gerais:

1. esferoidais (dois);
2. vasos de colo estrangulado (dois).
3. grandes taças fechadas (um).

À excepção de J.8-764, cujo diâmetro externo da abertura não ultrapassa 4,2 cm, todos têm diâmetros consideráveis, entre 20 e 26 cm, o que corresponde, para formas fechadas, a recipientes de grandes dimensões.

O acabamento das superfícies dos cinco vasos, como acontece na generalidade das cerâmicas recolhidas em STAM-3, oferece grandes dificuldades de identificação, uma vez que os fenómenos pós-deposicionais afectaram consideravelmente as aguadas, em alguns casos apenas identificáveis pelos seus restos, formando pequenas «ilhas» isoladas em superfícies muito erodidas (Fig. 141:1). Os engobes, quando detectáveis, são poucos espessos e registou-se apenas um caso neste pequeno conjunto, em J.8-764, o globular de menores dimensões. Verificou-se, porém, em outros conjuntos, que as formas de pequena dimensão foram, provavelmente, escolhidas para este tipo de tratamento.

A situação no que respeita ao estado de conservação de estes cinco recipientes é particularmente bizarra, por se tratar de restos de vasos cuja dimensão contrasta com as condições de relativa segurança da deposição. Quatro são apenas bordos e apenas um conserva ainda parte do bojo, o que conduz naturalmente à clássica questão de saber onde está o resto. Normalmente, esta questão não se coloca em monumentos megalíticos, estando as cerâmicas quase sempre completas. No entanto, no grande conjunto recolhido na Anta Grande do Olival da Pega, observa-se que tanto as cerâmicas de formas atribuíveis a uma fase mais antiga (esféricos altos e globulares) como as filiáveis em fases subsequentes se encontram por vezes extremamente fragmentadas. Muitas delas é certo que não tanto como as de STAM-3, ainda que alguns recipientes estejam apenas representados por pequenos fragmentos (Leisner e Leisner, 1951, XXVII: 20, 26, 27...; XIX: 2, 3, 4, 13, 15, 19...).

Neste caso concreto, justifica-se largamente que nos perguntemos se no monumento seriam realmente depositados vasos inteiros ou apenas fragmentos deles. A situação foi discutida anteriormente (Gonçalves, 1992a), a propósito de outros artefactos, tendo sido admitida a possibilidade de, em segundas e definitivas inumações, ter sido incluído espólio votivo que acompanhava o morto na sua primeira fase de decomposição. Mas STAM-3 é um monumento de primeiras inumações, pelo que esta possibilidade não se aplica aqui.

Pela natureza especial da sua localização, este conjunto cerâmico reveste-se da maior importância e não deixa de ser significativo que apenas um dos recipientes seja de pequenas dimensões, uma vez que a distribuição de outros vasos na Câmara do monumento corresponde a realidades diferentes e, sobretudo, a um meio aberto, onde novas deposições poderiam alterar, e certamente alteraram, o estado do espólio correspondente às anteriores.

7.5.4.3. *As cerâmicas da Câmara*

Das 56 formas reconhecíveis identificadas na Câmara, oito são formas abertas e 48 formas fechadas. 14% correspondem a formas abertas e 86% a formas fechadas, números que não se afastam muito dos registados no Corredor.

Apenas um vaso praticamente completo foi aqui recolhido. Das restantes 55 formas, 39 são bordos, de maior ou menor dimensão. Sete são bordos com o bojo associado, apenas dois apresentam inequivocamente, para além dos bordos e dos bojós, os fundos, havendo ainda a registar três bordos com carena e quatro carenas sem bordo.

Far-se-á, primeiro, referência a dois vasos que, pelo seu contexto, justificam particular atenção, ambos datados com fiabilidade, por extensão, dos dois últimos séculos do III milénio: a taça I.8-95 e o esferoidal globular I.8-114.

O único vaso inteiro da Câmara, a taça I.8-95, estava claramente associado ao enterramento Cm-3, «Marta». É portanto uma peça tardia dentro do terceiro milénio e datada entre 2310 e 2050 cal BC, a dois sigmas (Beta-166418, sobre *patela* direita do esqueleto). O estado de conservação de I.8-95 deve-se, em grande parte, às mesmas razões que levaram a preservação da deposição funerária Cm-3: a proximidade com o segundo esteio da Câmara, que garantiu a protecção do conjunto.

Por um extraordinário acaso, quando Ecm-2 foi arrancado por uma máquina no início da despedrega que ia provocando a destruição integral das antas da Herdade de Santa Margarida, a deslocação de terras não foi muito violenta, talvez por o esteio ter sido arrancado na vertical e o reajuste de sedimentos ter sido imediato.

Esta peça, significativamente uma das oito abertas identificadas na Câmara, apresenta uma pasta homogénea, com abundantes componentes não plásticos, alguns de natureza idêntica à das restantes cerâmicas de STAM-3, mas com uma trituração que os reduziu a dimensões menores. Por outro lado, os componentes não plásticos de quartzo hialino são muito menos frequentes, pelo menos nas superfícies observáveis, que em todas as outras cerâmicas provenientes de STAM-3. Existe muita biotite, feldspato potássico, muita flogopite (hexágonos perfeitos). Também ao contrário do que se verificou em muitos outros fragmentos cerâmicos de STAM-3, não se detectaram turmalinas. Deve também sublinhar-se o cuidadoso alisamento das superfícies e a cozedura moderadamente oxidante. Apesar da forma desta taça fechar ligeiramente, é apenas essa ligeira inflexão que impede de a incluirmos na categoria das taças de beber, comuns nos povoados fortificados da primeira metade do III milénio e de que o Cerro do Castelo de Santa Justa é um excelente exemplo.

Estes dados permitem evidenciar um fabrico distinto, tendo o Prof. Paulo Fonseca sugerido mesmo que os componentes não plásticos de I.8-95 seriam provenientes de afloramentos distintos, provavelmente de gnaisses.

Por outro lado, há ainda que observar que a taça apresenta sinais evidentes de manipulação pelo oleiro com o barro ainda fresco, particularmente dois jogos de impressões de dois dedos, provavelmente do indicador e do médio da mão direita, localizados em duas áreas junto ao bordo.

O esferoidal globular associado ao cão pode ser datado entre 2280-1960 cal BC, a dois sigmas (Beta-166420, sobre falanges do cão, membro posterior direito). Apresenta também características específicas, ainda que distintas da taça I.8-95. Foram detectados, para além do quartzo e do quartzo hialino, biotite, muita flogopite, bronzite e feldspato potássico. No interior de este recipiente, foram reconhecidos restos de enxofre, um elemento inflamável e corrosivo.

A homogeneidade das pastas cerâmicas distribui-se por três categorias, dividindo-se a primeira em duas subcategorias: a pasta era homogénea em 15 dos casos estudados, semi-compacta em 35 e pouco homogénea em dois. A homogeneidade não foi possível de determinar em quatro situações, por se encontrar nos limites identificáveis do compacto e do semi-compacto, provavelmente devido a uma mistura mais irregular das argilas e dos componentes não plásticos.

Os componentes não plásticos, quase sempre muito abundantes, mas com algumas situações em que o seu número pareceu francamente menor, eram, em todos os casos, constituídos por quartzo, quartzo hialino e micas. No entanto, três recipientes justificam uma referên-

cia específica. São eles I.8-95 (taça associada à deposição Cm-3), I.8-114 (esferoidal de bordo exvertido associado ao cão) e I.8-229 (um grande esférico encontrado sob o esteio Ecm-7, numa área correspondente a uma provável alteração pós-deposicional). Este fragmento estava associado a I.8-228*, um recipiente mamilado que apresentava também peculiaridades quanto aos componentes da pasta e associado à «pedra almofada» I.8-290.

Não é impossível que estes três últimos artefactos fizessem parte de uma deposição funerária cujos restos esqueléticos não foram identificados.

O acabamento dos vasos cerâmicos, lido nas superfícies internas, as que melhor conservam as aplicações que se seguem às moldagens das peças, mostrou apenas oito situações referentes a superfícies rugosas, contra 35 alisadas. Em nove, a aguada mantinha-se ainda relativamente bem conservada e em quatro identificaram-se restos de engobe (ou de aguadas muito espessas, dificilmente destrincháveis dos engobes).

A cozedura das cerâmicas foi feita num ambiente predominantemente oxidante (38 casos), contra uma minoria (10) de cozeduras redutoras, tendo ainda sido observadas, em algumas situações, cozeduras oxidantes com arrefecimento redutor (10 casos) e cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante (seis casos).

Tudo isto indica que, com elevado grau de probabilidade, nenhuma de estas cerâmicas foi cozida ao forno, mas em fogueiras abertas e fechadas (estas claramente em menor número).

Dos 52 fragmentos que conservavam o bordo, verificou-se que 48 apresentavam bordos não espessados, dois apresentavam bordos espessados externamente e dois bordos «almendrados», ainda que com dimensões moderadas. Os 92% de fragmentos referentes aos bordos não espessados traduzem assim uma situação esmagadora.

A direcção do bordo apresenta uma clara maioria de tipos convergentes, obtidos pelo fechar dos planos das paredes internas e externas, numa direcção convergente, quase sempre simétrica. 60% dos bordos pertencem a esta categoria, 25% apresentam um grau maior ou menor de encurvamento para o exterior, distribuindo-se entre as formas típicas do bordo exvertido e outras em que o direccionamento para o exterior é muito pequeno, ainda que suficiente para originar esta classificação.

Apenas três dos fragmentos apresentavam perfurações, nenhuma delas tendo que ver com reparações de vasos quebrados.

A percentagem de vasos com mamilos é muito baixa, traduzindo os quase 4% apenas duas presenças efectivas.

Apenas sete recipientes apresentavam carenas, sendo que algumas correspondiam a vasos carenados (dois) e outros a taças (cinco). De qualquer formas, as carenas não representam rupturas abruptas dos planos, mas são praticamente todas objecto de adossamento. Sendo parecidas, não são em absoluto idênticas às recolhidas em povoados de fins do IV milénio e das primeiras décadas do III.

As dimensões dos recipientes, lidas através do diâmetro externo da boca (entre os 5 e os 38,2 cm), oscilavam entre o pequeno e o grande. Estas medidas extremas correspondem, na dimensão inferior, ao globular de bordo exvertido associado ao cão e, na dimensão maior, a um grande vaso esférico de bordo aplanado (J.8-553).

As espessuras dos bordos oscilam entre o 0,3 e os 1,8 cm, mas correspondendo as dimensões de espessura ultrapassando 1 cm apenas a um grande esférico, provavelmente um pote (J.8-553, com 1,5 cm), e a dois pratos de bordo espessado (J.8-418, com 1,6 e I.8-80, com 1,8 cm).

As designações das formas cerâmicas do IV e do III milénio (como das que lhes são anteriores) não se encontram estabilizadas, sendo preferível o uso de designações genéricas, que, apesar de excessivamente amplas, são utilizáveis como entidades de reconhecimento rápido. Não é este o contexto adequado para uma revisão referente a nomenclaturas, situação que deveria ser

reservada para uma *workshop* ou Colóquio específicos. Continua assim a usar-se um conjunto de referências tão pouco subjectivas quanto possível, cujo entendimento deve obrigatoriamente ser acompanhado pela leitura do Catálogo de formas.

A classificação geral das formas das cerâmicas recolhidas na Câmara de STAM-3 apresenta os seguintes números:

QUADRO 43

Contagens das cerâmicas por formas e variantes.

| Código | Grupo | Variante | N.º |
|--------|----------------------------|------------------------------|-----|
| A.1.a. | Taças | Taças abertas | 3 |
| A.1.b. | Taças | Em capacete | 1 |
| A.2. | Taças | Muito abertas | 1 |
| A.3. | Pratos de bordo espessado | Almendrado | 2 |
| F.1.a. | Esferoidais | Simples | 2 |
| F.1.b. | Esferoidais | Globulares | 2 |
| F.2.a. | Esféricos altos | Simples | 7 |
| F.2.a. | Esféricos altos | Mamilados | 1 |
| F.2.b. | Esféricos altos | Bordo ligeiramente exvertido | 1 |
| F.3.a. | Taças fechadas | Paredes espessas | 1 |
| F.3.b. | Taças fechadas | Paredes finas | 4 |
| F.4.b. | Esféricos achatados | Típico | 1 |
| F.5.a. | Formas carenadas | Vasos | 6 |
| F.5.b. | Formas carenadas | Taças | 3 |
| F.6. | Vasos de colo estrangulado | | 2 |
| F.7. | Grandes taças fechadas | | 1 |
| F.8. | Indeterminados | | 14 |

Verifica-se assim que apenas as formas do Grupo F.4.a, na realidade uma pré-forma do grupo dos esféricos achatados, se encontra ausente das cerâmicas da Câmara.

7.5.4.4. As cerâmicas do Corredor

O estado das cerâmicas do Corredor é quase sempre o de fragmentos de forma impossível de identificar, tendo sido apenas reconhecidos 11 bordos, dos quais apenas dois conservavam bojo e parte do fundo.

As formas das cerâmicas recolhidas no Corredor, distribuem-se pelos seguintes Grupos

QUADRO 44

Grupos de cerâmicas provenientes do Corredor de STAM-3.

| Código | Grupo | Variante | N.º |
|--------|----------------------------|--------------------------------|-----|
| A.1.a. | Taças | Taças abertas | 1 |
| A.2. | Taças | Taças muito abertas | 1 |
| F.1.b. | Esferoidais | Globulares | 2 |
| F.2.a. | Esféricos altos | Simples | 2 |
| F.2.b. | Esféricos altos | Bordos ligeiramente exvertidos | 1 |
| F.3.b. | Taças fechadas | Paredes finas | 4 |
| F.4.a. | Esféricos achatados | Pré-forma | 1 |
| F.5.a. | Formas carenadas | Vaso | 1 |
| F.5.b. | Formas carenadas | Taças carenadas | 1 |
| F.6 | Vasos de colo estrangulado | | 1 |

Estão ausentes os Grupos A.1.b, Taças abertas, em capacete, A.3, Pratos de bordo espessado, F.1.a, Esferoidais simples, F.3.a, Taças fechadas, de paredes espessas, F.4.b, Esféricos achatados, F.7, Grandes taças fechadas, e F.8, Formas indeterminadas.

7.5.4.5. *As cerâmicas do Tumulus*

O *Tumulus* de STAM-3 representa, sob o ponto de vista artefactual, uma situação completamente distinta dos conjuntos identificados quer na Câmara quer no Corredor. Com efeito, é praticamente indiscutível que a totalidade dos artefactos cerâmicos aí recolhidos representa os traços materiais das violações que o monumento sofreu. Tal é evidente a partir do grau de fragmentação que os artefactos apresentam, mas também pela própria posição altimétrica: alguns fragmentos são originários da superfície, estando sobre o topo da Câmara ou a entrada do Corredor. Em 11 registos com forma reconstituível, dois são formas abertas e nove fechadas. A percentagem de formas fechadas é assim de 82% para os 18% das formas abertas. As percentagens registadas para a Câmara são exactamente de 87% para as fechadas e 13% para as abertas. E para o Corredor, 92% para as fechadas contra 8% para as abertas.

Estas percentagens são obviamente compatíveis e evidenciam, como sempre nos conjuntos megalíticos ortostáticos mais avançados, a presença de formas abertas, com índices baixos nos conjuntos mais antigos, mas também, nestas situações, o fraco índice de presença de pratos de bordo espessado e taças em calote abertas.

No que respeita à homogeneidade da pasta, cinco apresentavam pastas relativamente compactas e outros dois uma pasta pouco compacta.

Os abundantes componentes não plásticos observados nestas cerâmicas foram sempre o quartzo, o quartzo hialino e micas diversas, em dimensões pequenas (em seis casos) e médias (em cinco). À excepção de E.13-1, em que se encontraram adicionalmente outros componentes.

As superfícies apresentavam-se rugosas em sete dos fragmentos, sendo alisadas nos restantes. Dois deles representavam uma categoria que não tem que ver com a cerâmica original, mas claramente com fenómenos pós-deposicionais que implicaram perda das aguadas, com consequente rugosidade da superfície.

As cozeduras são oxidantes em nove dos casos, e, nos restantes, respectivamente, oxidante com arrefecimento redutor e redutora, o que não tem implicações interpretativas particulares.

O espessamento do bordo foi verificado em apenas um exemplar, encontrado à superfície (SUP-15), sendo os restantes de bordo não espessado. Três dos bordos não espessados apresentavam um encurvamento maior ou menor para o exterior.

Dos 11 fragmentos, três apresentavam mamilos ou saliências para preensão (F. 10-2, um mamilo horizontal com dupla perfuração vertical, H.9-1, dois mamilos apareados). Apenas dois fragmentos apresentavam rupturas de plano, *carenas*.

Os recipientes apresentavam diâmetros variando entre os 24 e os 4,9 cm, correspondendo a sua maioria a formas que se distribuíam entre o pequeno e o relativamente grande.

A robustez dos bordos, lida a partir da sua espessura, indicava uma grande concentração entre os 0,5 e os 0,8 cm, correspondendo a bordos robustos, ainda que não excessivamente.

Numa análise global das classificações possíveis, verificamos que se distribuem pelas seguintes categorias:

QUADRO 45

Cerâmicas do *Tumulus*.

| Código | Grupo | Variante |
|--------|----------------------------|---------------------|
| A.1.a | Taças | Taças abertas |
| A.2. | Taças | Taças muito abertas |
| F.1.a. | Esferoidais | Simples |
| F.3.a. | Taças fechadas | Paredes espessas |
| F.5.a. | Formas carenadas | Vaso (mamilado) |
| F.5.a. | Formas carenadas | Vaso |
| F.5.b. | Formas carenadas | Taças carenadas |
| F.6. | Vasos de colo estrangulado | |
| F.8. | Indeterminadas | |

Estão ausentes do *Tumulus* os grupos A.1.b, Taças abertas, em capacete, A.3, Pratos de bordo espessado, F.1.b, Esferoidais globulares, F.2.a, Esféricos altos simples, F.2.b, Esféricos altos de bordo ligeiramente exvertido, F.3.b, Taças fechadas de paredes finas, F.4.a, Esféricos achatados, pré-forma, F. 4. b, Esféricos achatados, F. 7, Grandes taças fechadas.

7.5.4.6. Breves considerações sobre atribuições cronológico-culturais

As formas cerâmicas identificadas em STAM-3 configuram uma situação muito clara. Apesar de algumas formas, e particularmente variantes, se encontrarem em monumentos e sítios tanto da última metade do IV milénio como da primeira metade (e até mesmo da segunda) do III milénio, existe uma maioria nítida de unidades significantes que se referem em exclusivo ao III milénio. Se as formas não bastassem para que o afirmássemos sem reservas, as datações pelo radiocarbono confirmariam esta asserção.

Numa perspectiva exclusivamente ancorada nas datações de ^{14}C , o monumento teria sido construído na primeira metade do segundo século do III milénio a.n.e. e utilizado durante um intervalo de tempo máximo estimado em cerca de 400 anos. À excepção da taça I.8-95 e do esferoidal globular I.8-114, a esmagadora maioria das cerâmicas pode ser atribuída a esta fase de uso do monumento. E nenhuma das formas contrasta com esta atribuição.

É certo que conhecemos muito mal as cerâmicas da segunda metade do III milénio, à míngua de monumentos e sítios datados com estes parâmetros. Mas as recentes datações obtidas para a última utilização da Câmara da Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos, em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 2003b) revelaram, para os parâmetros 2480 a 2150 cal BC a dois

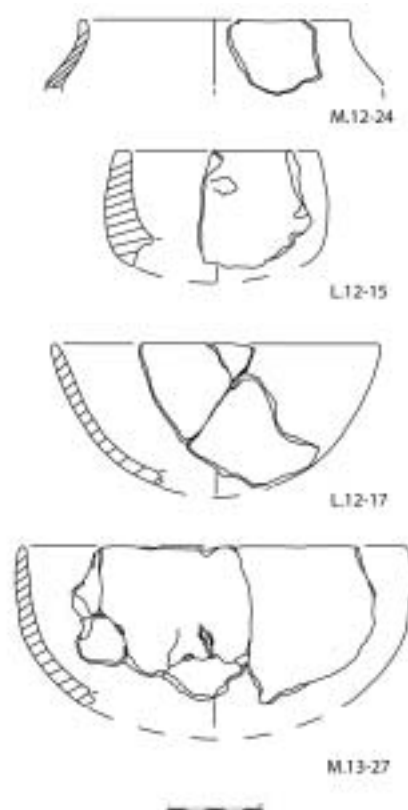


FIG. 102 — Cerâmicas da última utilização da Câmara de Cebolinhos 2 (seg. Gonçalves, 2003b).

sigmas, parâmetros fundidos de duas datações referentes a enterramentos no mesmo plano, um conjunto de cerâmicas que inclui cerâmica simbólica e formas compatíveis com parâmetros amplos. Estamos aqui, de qualquer forma, num momento imediatamente anterior à última ocupação de STAM-3, pelo que a comparação com conjuntos mais próximos (a 2.^a fase do Monte Novo dos Albardeiros, por exemplo), poderá ser mais esclarecedora.

7.5.5. *As placas de xisto gravadas*

7.5.5.1. *De novo a questão das placas de xisto votivas*

A análise das placas de xisto gravadas é um tema recorrente no estudo das práticas funerárias das antigas sociedades camponesas do Centro e Sul do actual território português, ainda que mesmo o observador menos atento se espante certamente com a escassez de descrições precisas, até em casos em que a raridade das formas e motivos o justificaria obviamente.

A sua presença em outros lugares, particularmente em Badajoz e Huelva, até mesmo em Salamanca, é uma questão que levantou interesses diversificados e justificou alguns textos recentes, incluindo diversas perspectivas, talvez nem sempre adequadas aos factos disponíveis.

Deve-se agora sublinhar o que hoje parece ser uma evidência: apesar de alguns autores associarem as placas de xisto gravadas ao megalitismo alentejano, referido como um bloco, a verdade é que em muitos dos monumentos conhecidos e escavados não existem quaisquer placas, admitindo-se assim, sem risco de erro, e para acautelar todas as possibilidades, três tipos de situação:

1. monumentos de construção e uso claramente anteriores à generalização do uso de placas de xisto gravadas nas deposições funerárias;
2. monumentos sem placas, mas provavelmente contemporâneos de outros onde a sua presença foi registada;
3. monumentos com placas de xisto gravadas associadas às deposições funerárias.

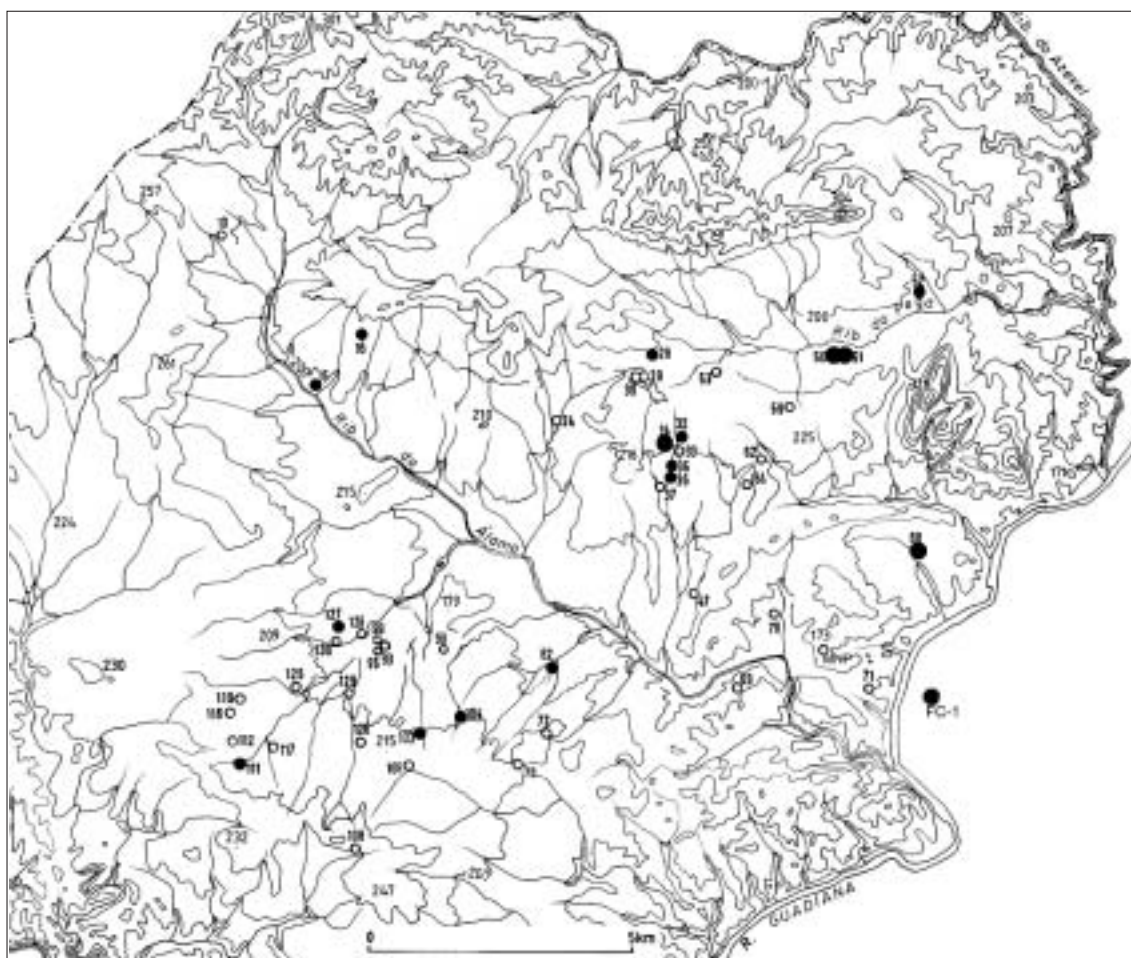
Que significam estas possibilidades?

Bem, no caso do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, há claramente monumentos cuja utilização, de uma homogeneidade indiscutível, cultural e cronologicamente, é claramente anterior à generalização do uso das placas, tal é o caso de Poço da Gateira 1 (Leisner, 1951; Gonçalves, 1999) e da Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2002a). Mesmo as antas da Herdade dos Gorginos, que têm diversas ocupações, foram construídas e usadas inicialmente num momento anterior às placas e usadas de novo, muito provavelmente, num momento em que a utilização das placas tinha já caído em desuso.

A segunda categoria é sem dúvida a mais difícil de definir, porque se baseia parcialmente em pressupostos extremamente subjectivos, sendo a arquitectura megalítica muito mais diversificada do que se tem vindo a referir e o polimorfismo síncrono uma realidade muito mal estudada. Digamos que existe uma possibilidade, derivada de indícios arquitectónicos (registados sob reserva para as antas, seguros para os *tholoi*) e artefactuais (esses de maior fiabilidade), que parece sugerir que monumentos como Areias 5, 6 e 11, Comenda 2b, Quinta 1 e Vale Carneiro 1 sejam contemporâneos dos monumentos onde se exumaram placas de xisto gravadas, ainda que as não tenham. Porém, na transição do IV para o III milénio o devir torna-se indiscutivelmente mais rápido e é natural que ocorram artefactos técnicos específicos e, depois deles, mas sem que seja possível detectar *quanto tempo* depois, artefactos ideotécnicos, como as placas de xisto gravadas.

De entre estas indicações, sobressaem efectivamente duas contagens:

1. se considerarmos apenas as relações presença – ausência, teremos, num total de 39 monumentos escavados em Reguengos de Monsaraz (individualizando na contagem os *tholoi* anexos às antas), 21 monumentos sem placas para 18 que as têm;
2. se, neste contexto, aceitássemos a distribuição do megalitismo de Reguengos de Monsaraz por, no mínimo, duas grandes fases distinguíveis artefactualmente (e o número de fases, ou de contextos sequenciais, é certamente bem maior...), teríamos uma primeira, representada por 15 monumentos sem placas, e uma segunda, onde seis não teriam placas (mas podendo teoricamente, pela análise dos contextos específicos, tê-las) e dezoito monumentos com placas. Estes últimos monumentos distribuem-se ainda por diferentes ordens de grandeza quanto ao número de placas, uma vez que o maior número ocorrido num monumento (Olival da Pega 1), 134, é seguido a considerável distância por Passo 1 e Cebolinhos 2, ambas com 31 placas e STAM-3, apenas com 22. As 42 placas, número mínimo, de Olival da Pega 2 não chegam a esta contagem, porque se distribuem por três monumentos individualizados (dois grandes *tholoi* com placas e um micro-*tholos* com apenas um fragmento – que aliás cola com outro de um dos *tholoi* maiores;
3. quanto às «placas loucas» (Gonçalves, 2003a), apenas em STAM-3, Farisoa 1b, OP-1 e OP-2 e Xarez 1 se identificaram exemplares, isto é: em 18 monumentos com placas, apenas 5 apresentam exemplares com a «síndrome das placas loucas», sendo de longe as de STAM-3 e OP-1 as mais características.



MAPA 5 – Distribuição dos monumentos com placas no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz (pontos a negro), em contraposição aos monumentos comprovadamente sem placas. Suprimiram-se intencionalmente da cartografia os monumentos não escavados (base cartográfica, Gonçalves, 1992, primeiramente publicado em Gonçalves, 2003a).

É indispensável que se fale aqui de um monumento mais que excêntrico (em todos os sentidos possíveis...), a Anta 1 da Fábrica da Celulose (Mourão). Escavada recentemente (Oliveira, 2000), esta pequena anta fica efectivamente na margem esquerda do Guadiana, mas tão cerca dela e com visibilidade directa para a Anta 3 do Piornal (na outra margem), que difícil será integrá-la num inexistente grupo megalítico de Mourão, uma área intensamente prospectada por Jorge de Oliveira e pelas diversas equipas que procederam a levantamentos na área a inundar pela albufeira do Alqueva, algumas delas de elevada qualidade e com excelentes conhecimentos de terreno (e cito, para além do próprio Jorge de Oliveira, Carlos Tavares da Silva, Joaquina e Antónia Soares).

São justamente provenientes da Anta 1 da Fábrica da Celulose dois fragmentos de «placas loucas». E, pelas suas particularidades (pertence cada um a seu tipo), estes fragmentos tornam esta anta um caso praticamente único no contexto específico que aqui se estuda.

Será errado considerar esta anta como um monumento ultraperiférico do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz?

A minha opinião vai em sentido contrário.

QUADRO 46

Presença confirmada, presença admissível, mas não constatada, e ausência de placas de xisto gravadas em monumentos escavados do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz.

| Monumento | Tipo | N.º | S/ placas | S/ placas, mas... | Com placas | Referência |
|-----------------------|--------|------|-----------|-------------------|-------------|--------------------------------|
| Areias 11 | Anta | 99 | – | ● | – | Leisner, 1951 |
| Areias 5 | Anta | 93 | – | ● | – | Leisner, 1951 |
| Areias 6 | Anta | 94 | – | ● | – | Leisner, 1951 |
| Areias 7 | Anta | 95 | ● | – | – | Leisner, 1951 |
| Azinheira 1 | Anta | 15 | – | – | 8 | Pina, 1963 |
| Belhoa 1 | Anta | 52 | – | – | 13 | Gomes, 1977 |
| Cebolinhos 1 | Anta | 103 | – | – | 31 | Leisner, 1951 |
| Cebolinhos 2 | Anta | 104 | ● | – | >6* | Gonçalves, em escavação |
| Comenda 1 | Anta | 35 | – | – | 4 | Leisner, 1951 |
| Comenda 2 | Anta | 36 | – | – | 5 | Leisner, 1951 |
| Comenda 2b | Tholos | 36b | – | ● | 3 | Leisner, 1951 |
| Duque 1 | Anta | 28 | – | – | 2 | Pina, 1961 |
| Fábrica da Celulose 1 | Anta | S/n | – | – | 4+35 (15?)* | Oliveira, 2000, p. 216-218 |
| Farizoa 1 | Anta | 111 | – | – | 5 | Leisner, 1951 |
| Farizoa 1b | Tholos | 111b | – | – | 2 | Leisner, 1951 |
| Farizoa 6 | Anta | 116 | ● | – | – | Leisner, 1951 |
| Farizoa 7 | Anta | 117 | ● | – | – | Leisner, 1951 |
| Gorginos 1 | Anta | 127 | – | – | 1 | Leisner, 1951 |
| Gorginos 3 | Anta | 129 | ● | – | – | Leisner, 1951; Gonçalves, 1999 |
| Gorginos 4 | Anta | 130 | ● | – | – | Leisner, 1951 |
| Monte Novo do Piornal | Anta | 135 | ● | – | – | Gonçalves, em estudo |
| Olival da Pega 1 | Anta | 50 | – | – | 134 | Leisner, 1951; Gonçalves, 1999 |
| Olival da Pega 2a | Anta | 51 | – | – | 9 | Gonçalves, 1999 |
| Olival da Pega 2b | Tholos | 51b | – | – | 22 | Gonçalves, 1999 |
| Olival da Pega 2d | Tholos | 51d | – | – | 11 | Gonçalves, 1999 |
| Olival da Pega 2e | Tholos | 51e | – | – | 1? | Gonçalves, 1999 |

QUADRO 46 [Cont.]

Presença confirmada, presença admissível, mas não constatada, e ausência de placas de xisto gravadas em monumentos escavados do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz.

| Monumento | Tipo | N.º | S/ placas | S/ placas, mas... | Com placas | Referência |
|-------------------|-----------|-----|-----------|-------------------|---|---------------------------------|
| Passo 1 | Anta | 82 | – | – | 31 | Leisner, 1951 |
| Piornal 1 | Anta | 69 | ● | – | – | Gonçalves, em estudo |
| Piornal 2 | Anta | 70 | ● | – | – | Gonçalves, em estudo |
| Piornal 3 | Anta | 71 | ● | – | – | Gonçalves, em estudo |
| Poço da Gateira 1 | Anta | 29 | ● | – | – | Leisner, 1951; Gonçalves, 1999 |
| Poço da Gateira 2 | Anta | 30 | ● | – | – | Leisner, 1951 |
| Quinta 1 | Anta | 24 | – | ● | – | Leisner, 1951 |
| Santa Margarida 1 | Anta | 32 | – | – | 9 | Leisner, 1951; Gonçalves, 2002a |
| Santa Margarida 2 | Anta | 33 | ● | – | – | Gonçalves, 2002a |
| Santa Margarida 3 | Anta | 34 | – | – | 22* | Gonçalves, esta monografia. |
| Vale Carneiro 1 | Anta | 77 | – | ● | – | Leisner, 1951 |
| Vidigueiras 1 | Anta | 125 | ● | – | – | Leisner, 1951 |
| Vidigueiras 2 | Anta | 126 | ● | – | – | Leisner, 1951 |
| Xarez 1 | Anta | 68 | – | – | 31* | Gonçalves, em estudo |
| TOTAIS | 39 | | 15 | 6 | 18+1 monumentos, >339+15 placas | |

18 monumentos (+ 1, se contarmos com a Anta Celulose 1), com um total de 339 placas (354, se contarmos com as 15 da Anta da Fábrica da Celulose 1). Todos os números devem ser considerados como números mínimos. Em casos particularmente óbvios, acrescentou-se um asterisco à contagem final. No caso da Anta da Fábrica da Celulose, o autor separou as placas inteiras dos fragmentos, mas não contabilizou quantas possíveis placas estes representariam. Por isso, o número das placas entra claramente na categoria de «superior a» e foi calculado a partir dos exemplares desenhados e constantes das cópias das Estampas originais amavelmente cedidas pelo Autor. Os números de inventário referem-se ao inventário dos Leisner, prosseguido com a recentemente identificada Anta do Monte Novo do Piornal (a que foi, logicamente atribuído o n.º 135).

No que se refere às placas de xisto gravadas recolhidas nas antas de Reguengos de Monsaraz, dediquei-lhes alguns estudos específicos, nomeadamente em 1992 e 1999, mas supunha só voltar ao tema com a monografia sobre o complexo megalítico do Olival da Pega. A escavação da Anta 2 da Herdade de Santa Margarida e a revisão do espólio da Anta 1 sugeriram algumas questões, particularmente de ordem cronológica. O espólio da Anta 3, porém, obriga a antecipar algumas das questões que se previam para uma amostra maior, uma vez que a importância do conjunto em termos formais o exige.

Para já, e recuperando algumas observações de 1992 (Gonçalves, 1992, p. 72-92), recordaria que, em algumas situações, as placas gravadas com motivos geométricos reúnem componentes significantes por vezes muito bem diferenciados.

Partindo do princípio, cada vez menos polémico, que elas representam uma figura semelhante à humana, poderemos começar por individualizar duas grandes famílias nas placas.

A primeira é a das placas recortadas, as mais obviamente antropomórficas do conjunto. Nelas, os ombros aparecem sempre definidos através de um corte simétrico na placa em curso de execução. Esse corte apresenta diversas formas de execução, que variam de um traçado praticamente recto até a formas oblíquas em ângulo diferentemente agudo, o mais acentuado sendo o da grande placa J.8-667, de STAM-3. Em alguns casos, como a da placa G.9-6 do Corredor de OP-2 (Gonçalves, 1999, p. 109), os cortes oblíquos foram feitos com uma retirada mínima de massa, com pequenos entalhes, aparecendo os ombros quase colados ao «corpo» e à «cabeça». A placa de ombros direitos de Cebolinhas 1 (Fig. 103:3) tem uma cabeça pequena e uma paginação que levanta questões complexas, e a que se voltará em breve.

Como os Leisner tinham já notado, estas placas apresentam frequentemente decorações pouco convencionais, são mesmo por vezes gravadas nas duas faces (como no referido caso de OP-2 ou STAM-3) e integram elementos raros na gramática decorativa das placas, caso dos motivos escalariformes convergentes do topo de STAM-3 J.8-667. Outro tipo destas placas recortadas é aquele por vezes designado por «placas fenestradas», com recortes internos separando os braços do corpo da placa. Até agora são conhecidas sobretudo no Alto Alentejo, mas a sua matéria prima é geralmente outra, por vezes o grés, certamente pela dificuldade em trabalhar de esta forma o xisto ardoso.

A segunda família reúne as placas de contorno regular e são elas, pelo seu número largamente maioritário, que justificam também uma atenção particular.

Nelas, podemos isolar pelo menos três subgrupos.

No primeiro, a cabeça, tão evidente nas placas recortadas, é representada como um triângulo alongado, com o vértice para baixo (na realidade, muitas vezes um trapézio muito alongado), em cujo topo, quando existe, se localizam a ou as perfurações para suspensão. Paralelamente, e de cada lado da «cabeça», surge, quase sempre simetricamente, o equivalente às pinturas ou tatuagens faciais, pelo que, na realidade, o que indiquei como a expressão gráfica da cabeça é, mais adequadamente, a definição do topo da cabeça e de dois traços que convergem para o pescoço. A outra componente deste primeiro subgrupo desta família de placas é o corpo propriamente dito, onde se desenvolvem, na horizontal, vários temas decorativos, normalmente um por placa. São eles:

1. triângulos lisos;
2. triângulos preenchidos;
3. triângulos preenchidos, incluindo outros, vazios;
4. faixas ziguezagueantes lisas;
5. faixas ziguezagueantes preenchidas;
6. faixas ziguezagueantes lisas e preenchidas;
7. linhas ziguezagueantes definidas por campos verticais;
8. quadrados ou rectângulos preenchidos e vazios, efeito tabuleiro de xadrez;
9. bandas horizontais preenchidas;
10. bandas verticais preenchidas.

O segundo subgrupo inclui um corpo segmentado na vertical, com dois campos definidos por uma separação central (um excelente exemplo, em OP-2, é o da placa da «sepultura do punhal», G.10-47, Gonçalves, 1999, p. 103, 4.45).

O terceiro subgrupo reúne as placas cuja face foi integralmente gravada, sem separação indicada entre a cabeça e o corpo.

Poderíamos ainda referir alguns outros subgrupos:

1. as chamadas «placas loucas», em que a decoração se distribui assimetricamente ou mesmo caoticamente, por vezes aparentemente sem um plano organizado. São placas que admiti «tardias», ainda que não existam argumentos definitivos a este respeito e uma análise estilística nem sempre seja suportada pela realidade;
2. as placas que incluem um espaço moldurado numa das suas faces, casos da placa de Passo 1, em Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1951, XXI, 19), ou o da famosa placa da Lapa do Bugio, esta em Sesimbra.

Exteriormente a estas seriações, devemos referir a existência de dois componentes muito importantes nas placas: a separação entre a cabeça e o corpo e a indicação do «fim» da placa.

O primeiro vai de uma simples linha horizontal a uma concentração de bandas horizontais (que, neste último caso, fornecem uma imagem muito acentuada do que pretendem individualizar), ou ainda pequenos triângulos em banda, normalmente preenchidos.

O segundo componente é talvez o que justifica maior diversidade de opções interpretativas e surge por vezes como grande (e único) diferenciador entre placas de outra forma absolutamente idênticas (e como exemplo poderíamos escolher as placas J.9-4I, sem banda final, e I.8-259, com uma banda de pequenos triângulos preenchidos marcando o fim da placa). Na maior parte dos casos, é uma banda muito menos alta que as que ocupam o corpo, preenchida quase sempre por triângulos.

7.5.5.2. Observações genéricas sobre as placas de STAM-3

O tamanho, as espessuras, os motivos

QUADRO 47

Quadro-resumo das dimensões das placas com descrição individualizada e com medidas possíveis.

| REF | EST | MD | AT | ACb | ASC | ACr | ASB | LEP | LED | ESP | Tp | Øpf | Øpv | Obs |
|-------------|-----|-------|-------|-------|------|--------|-------|--------|-------|-------|-----|-------|------|-----|
| H.8-5 | 1 | TR+MS | 12,4* | 54,93 | o | — | — | 102,6* | 61,7* | 8,89 | BTC | 6,42 | 5,46 | G2F |
| H.8-87 | 2 | o | o | o | o | o | o | o | 5,4* | 7,98 | BTC | 6,31 | 3,36 | |
| H.8-1092D | | o | o | o | o | o | o | o | o | 2,53 | o | o | o | |
| I.8-119 | 2? | TR | o | o | o | o | o | o | o | o* | o | o | o | |
| I.8-155 | 4 | TR | o | o | o | o | o | o | o | 5,15 | o | o | o | |
| I.8-223 | 2 | o | o | o | o | o | o | o | 7,5* | 10,45 | TC | 6,13 | 3,79 | |
| I.8-227 | 4D | TR | o | o | o | o | o | o | o | 10,11 | o | o | o | |
| I.8-235 | 3? | TR | o | o | o | o | o | o | o | o* | o | o | o | |
| I.8-247 | 2E | LZC | o | o | o | o | o | o | o | 8,72 | o | o | o | |
| I.8-259 | 1 | TR | 14,2 | 3,3 | o | 9,8 | 1,1 | 8,4 | 7,1 | 10,12 | BC | 12,64 | 5,79 | |
| I.8-269 | 3 | TR | o | o | o | o | o | o | o | 3,97 | o | o | o | |
| I.9-22 | 1 | FZ | 14,23 | 4,03 | o | 10,2 | o | 8,24* | 6,1 | 9,68 | TC | 6,64 | 4,17 | |
| J.8-77 | o | o | o | o | o | o | o | o | o | 2,94 | o | o | o | |
| J.8-6882+3 | | TR | o | 9,8 | 2,70 | o | o | o | 6,8 | 4,00 | BC | 4,94 | 3,96 | |
| J.8-667 | 1 | TR+MS | 20,07 | 84,5 | o | 116,18 | 26,18 | 77,42 | 96,41 | 11,46 | BC | 8,23 | 8,08 | G2F |
| J.9-7 | 4E | o | o | o | o | o | o | o | o | 8,53 | o | o | o | |
| J.9-8 | 4E | TR | o | o | o | o | o | o | o | 3* | o | o | o | |
| J.9-30 | 2+3 | LZ | o | 45,29 | o | o | o | o | o | 5,51 | BC | 8,34 | 8,52 | |
| J.9-41 | 1 | TR | 12,17 | 3,7 | o | 8,35 | o | 6,63 | 5,7 | 5,68 | BC | 6,10 | 3,98 | |
| J.9-962+3+4 | | LZC | 11,9* | o | o | o | o | 9* | o | 8,47 | o | o | o | |

No caso de H.8-5, a medida indicada como altura é a actual. A altura presumida da placa original, antes de ter sido recorrida e reutilizada foi estimada entre 15 e 16 cm. G2F: gravada nas duas faces. SPL: «síndrome das placas loucas».

- EST: estado, o – fragmento indeterminado; 1: inteira ou ligeiramente fragmentada; 2: fragmento do topo; 3: fragmento da área mesial; 4: base; números associados, sempre que as situações se conjugam. E: esquerdo; D: direito.
- Md: motivo dominante no corpo da placa (face) seguido pelo md no verso, sempre que se trate de uma placa gravada em ambas faces. TR: triângulos; LZ: linhas ziguezagueantes; LZC: linhas ziguezagueantes com campos verticais de compartimentação; FZ: faixas ziguezagueantes; F: Figurativo; MS: motivo especificamente simbólico; quando são referidos dois códigos, o primeiro refere-se à face considerada principal, o segundo ao verso.
- Altura (em cm, tomada na vertical, centrada, por alguns autores descrita como «comprimento»): AT – altura total:

ACb: altura do campo considerado «a cabeça»; ASC - altura do campo considerado como separador cabeça corpo. Quando este separador se resume a uma linha, o valor é o; ACr - altura do campo considerado como o «corpo da placa»; ASb - altura do campo considerado terminal da placa (quando este separador não existe, o valor é o).

- Lep: largura, em cm, da extremidade proximal (a base da placa); Led: largura da extremidade distal (o topo da placa, medido no ponto de inflexão ou ruptura que define o fim dos bordos).
- ESP: espessura, em mm, medida no centro da placa.
- * medida estimada, mas considerada muito próxima da realidade ou objecto de comentário específico na descrição.

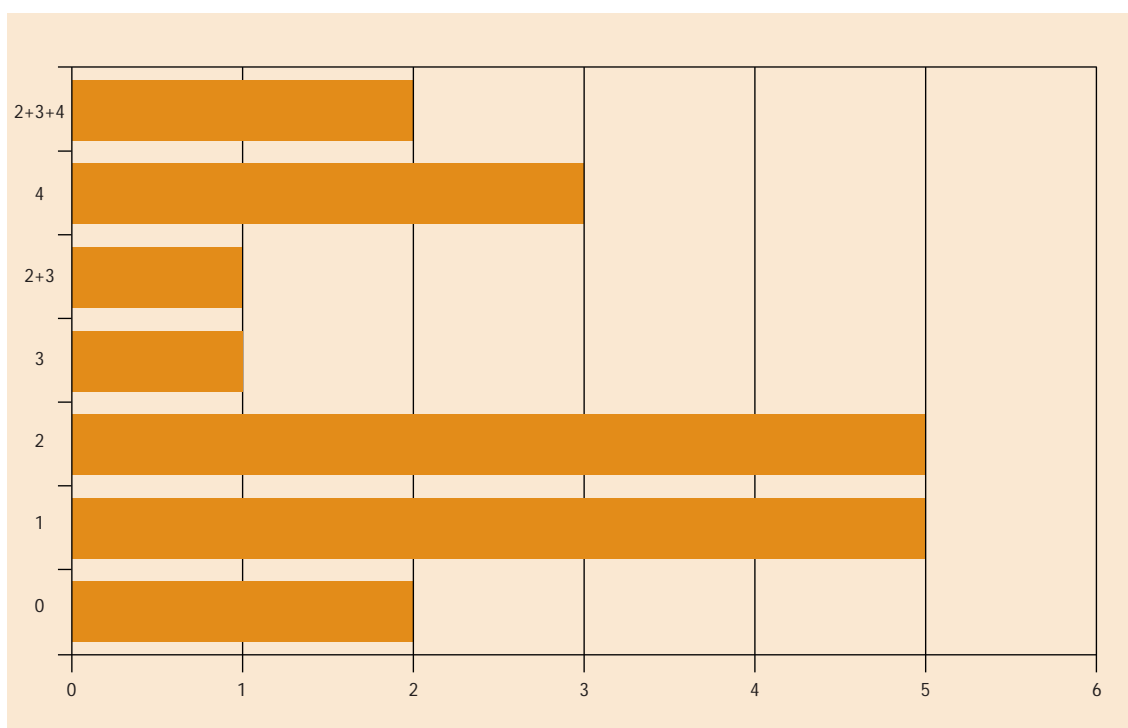


GRÁFICO 6 – Estado em que foram recolhidas as placas de STAM-3. O: indeterminável; 1: Todas as medidas possíveis; 2. fr. do topo; 3. fr. da área mesial; 4: fr. da área da base.

As primeiras leituras possíveis quanto a tamanhos, espessuras e motivos podem ser assim sintetizadas:

Tamanhos

A partir das três placas de decoração e formato normalizado e de categoria 1 – isto é: com todas as medidas legíveis com segurança, podemos verificar que as alturas das placas oscilam entre os 12,17 e os 14,23 cm, o que é uma dimensão relativamente pequena, comparada com a das placas da vizinha STAM-1. No entanto, a placa recortada J.8-667 destaca-se em STAM-3 pela sua altura bem maior que a das placas não recortadas: 20,4, quase tanto como a da maior placa do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, exactamente recolhida a poucas centenas de metros, em STAM-1 (21,5 cm, Leisner e Leisner, 1951, XXXV, 19), o que a torna efectivamente numa das maiores placas já recolhidas no Grupo.

Espessuras

Das espessuras lidas nas vinte e duas placas identificadas, retendo-se apenas as não assinaladas com *, isto é, apenas contando as que efectivamente correspondem a uma peça com as duas faces conservadas e, portanto, sem perda de espessura integralmente legível, a variação vai entre 2,53 e 10,45 mm, entre o que se pode chamar uma placa muito fina e outra francamente espessa. Mas existe uma nítida concentração de espessuras entre os 5,15 e os 10,45 mm, configurando uma situação maioritária.

Se lermos o quadro referente aos pequenos fragmentos da Câmara (p. 202-203), veremos que, dos cinco exemplares que permitiram leitura de espessura, nenhum ultrapassa o parâmetro superior (as medidas encontram-se entre 2,39 e 7,18 mm) e os números que fogem ao parâmetro inferior são medidas efectuadas sobre bordos pequenos e não ao centro da placa, situação que é naturalmente diferente em termos de espessura máxima.

Motivos

A questão dos motivos dominantes é naturalmente uma das componentes mais importantes no estudo das placas gravadas. Como se disse, ainda que atribua grande importância à cabeça da placa, considere como definidor o motivo dominante do corpo, pelo que a leitura estatística das realidades possíveis é fundamental.

Das 22 placas identificadas, algumas possuem apenas a cabeça, pelo que não contam para a estatística da Câmara. A população baixa assim para 14, sendo os motivos dominantes os seguintes:

- Triângulos: 10 (uma com motivos simbólicos no verso)
- Traços ziguezagueantes compartimentadas: 2
- Faixas ziguezagueantes: 2 (uma com motivos simbólicos no verso)

Os triângulos dominam assim o conjunto de forma impressionante, com 72%.

Mas se observarmos os fragmentos que não permitiram determinação de placa, veremos que, ainda na Câmara, se observa a seguinte distribuição:

Em 84 fragmentos, apenas 48 permitiram identificação do motivo, ainda que seja quase sempre impossível saber se se trata de um motivo do corpo ou da cabeça da placa.

Os dados em bruto permitem a seguinte distribuição:

- Triângulos: 17
- Linhas: 1
- Faixas ziguezagueantes: 7
- Triângulos ou bandas, indistinguíveis: 22
- Bandas?: 1

Considerando que a categoria «Triângulos ou Bandas» não permite comparação útil, pela indefinição que traduz, mais uma vez os triângulos se assumem como dominantes (65%). E se formos ainda mais rigorosos e suprimirmos todos os fragmentos que pertencem com maior ou menor grau de probabilidade à cabeça, teremos 8 com triângulos e apenas 1 com faixas ziguezagueantes.

As contagens para o Corredor fornecem números diferentes, mas a dimensão da população é muito menor: em 13, seis não permitem identificação, uma apresenta prováveis faixas, quatro têm bandas ou triângulos, uma com bandas ou triângulos e uma com triângulos. Mas os fragmentos são muito pequenos e mesmo estes números não são certos.

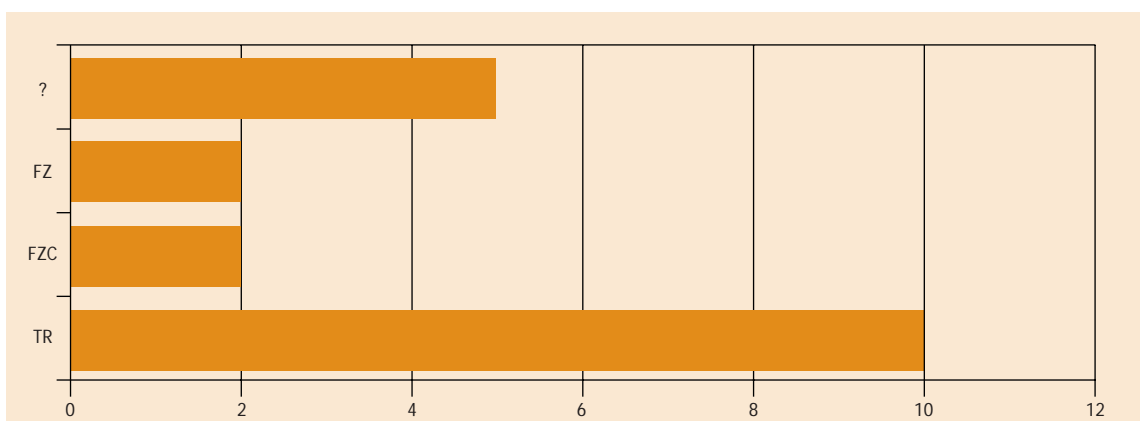


GRÁFICO 7 – Motivos dominantes nas placas de xisto gravadas recolhidas em STAM-3. TR: triângulos; FZC: faixas ziguezagueantes compartimentadas; FZ: faixas ziguezagueantes.

7.5.5.3. *Nota sobre as placas de xisto gravadas*

Todas com uma perfuração, centrada, confirmando o facto de se tratar de primeiras inu-
mações, se aceitarmos uma hipótese de 1992 (a este respeito, ver Gonçalves, 1992, p. 90-91).

Motivos do corpo das placas:

1. triângulos com o vértice para cima;
2. triângulos com o vértice para baixo;
3. faixas ziguezagueantes, limitadas ou não por campos traçados verticalmente;
4. por vezes, motivos desconexos ou preenchendo inadequadamente os espaços, da situa-
ção que designei por «síndrome das placas loucas»;

Placa de xisto esverdeado (serpentinito), com motivo único: «cabeça» triangular clássica,
mas preenchimento integral do topo com linhas horizontais paralelas muito próximas.

Placas relativamente pequenas, sobretudo se comparadas com as da Anta 1.

7.5.5.4. *As placas de xisto gravadas do Corredor*

Sobre as placas de xisto gravadas do Corredor de STAM-3, observou-se que:

1. se encontram distribuídas por altimetrias diferenciadas, praticamente desde o topo do
enchimento do Corredor (imediatamente abaixo da cobertura uniforme de pedras) até
ao presumido solo original, ou, pelo menos, muito perto dele;
2. se recolheram quatro exemplares no *Tumulus*, mas quase certamente são provenientes do
Corredor: H.8-5, a parte superior e mesial de uma placa, no exterior da área média de ECrE-
1, e os fragmentos H.8-2, 3 e 4, todos recolhidos à entrada do Corredor, à direita de ECrD-1;
3. de todos os fragmentos de placas de xisto gravadas registados, apenas H.8-5 e -87 têm
a perfuração que em muitas placas assinala a sua parte superior e que se destinaria à sua
suspensão. O número efectivo mínimo para as placas do Corredor, segundo este crité-
rio, de segurança absoluta, foi assim fixado em duas, a que se acrescentou uma terceira
(H.8-109), pela especificidade do motivo decorativo nela reconhecível;
4. parece evidente que a localização de parte destas placas poderia ser originada por remoções
efectuadas em depósitos votivos da Câmara, representando fenómenos pós-deposicionais
específicos. Esta interpretação poderia ser sustentada pelo grau de fragmentação das placas
e pela ausência de conexão entre fragmentos. Mas outras explicações poderiam ser possíveis;
5. o caso do vaso H.8-7, pelo estado de conservação verificado, dificilmente poderia ter sido
arrastado da Câmara. Neste sentido, ou acompanharia o indivíduo de que apenas se reco-
lheram dentes ou seria uma oferta fúnebre depositada no Corredor, mas em função de
um morto ou mortos colocados na Câmara. O que não parece lógico, pela sua associa-
ção espacial a um pequeno conjunto de outros artefactos votivos.

7.5.5.5. *As placas de xisto gravadas do Tumulus*

Certamente provenientes ou do Corredor ou da Câmara, as placas de xisto gravadas do
tumulus de STAM-3 não podem integrar uma análise independente. Um fragmento colava com
outro da Câmara, pelo que foi, por isso, incluído no conjunto referente à sua origem presumida.

Não se registou qualquer indício que pudesse sustentar a hipótese de deposições votivas no exterior do monumento, pelo que a origem dos fragmentos do *Tumulus* em revolvimentos do Corredor ou da Câmara parece ser, de longe, a única hipótese admissível neste contexto.

7.5.5.6. As placas de xisto gravadas da Câmara

A placa I.8-247, báculo ou placa de xisto gravada? (Fig. 84:5)

Uma questão que obviamente só se coloca quando os artefactos estão muito fragmentados, a ponto de se não reconhecer de imediato a sua forma original, e quando a decoração é demasiado ambígua para nos esclarecer sobre o seu suporte quando completo, levantou-se imediatamente (e talvez com um pouco de excesso de zelo...) a propósito de I.8-247: um fragmento de cabo de báculo ou de placa de xisto gravada?

A favor de se tratar de uma placa de xisto gravada:

1. a decoração, ainda que raríssima no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, é idêntica à de uma placa de Passo 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXI, 19), apesar de esta ter decoração no verso, e a outra de Cebolinhos 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXXIV, 21);
2. o tipo de decoração identificado não é conhecido nos cabos de báculo recolhidos em Reguengos de Monsaraz;
3. o triângulo vazio no topo, de vértice para baixo, corresponde ao triângulo que representa à cabeça «dentro da cabeça», isto é: a sinalização específica, eventualmente ladeada por motivos simétricos.

Contra

1. o recorte do fragmento, lido através do bordo conservado, poderia não sugerir indiscutivelmente o formato das placas;
2. a decoração só pode ser entendida como uma decoração vertical em campos de largura muito maior que os das placas de Passo 1 e Cebolinhos 1.

A favor de se tratar do fragmento do cabo de um báculo:

1. os cabos de báculo têm frequentemente decorações específicas, pelo que esta poderia ser uma delas;
2. a forma como os bordos presentes no fragmento terminam poderiam, tal como o suave encurvamento, corresponder eventualmente a um cabo de báculo.

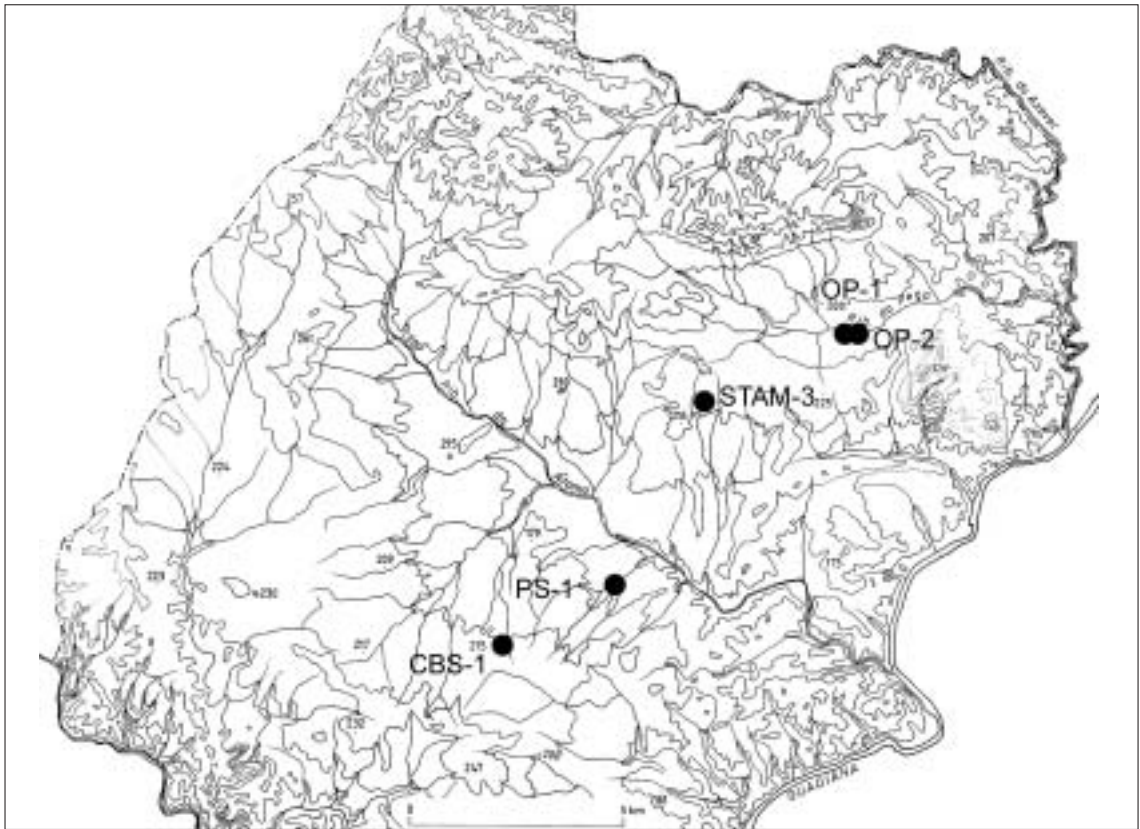
Contra

1. se as distribuições dos báculos no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz correspondem, ou traduzem, um padrão de chefaturas, tradicionalmente geograficamente espaçadas, STAM-3 deveria ser considerada como um dos centros funerários correspondentes a esse poder. O que não tem em apoio informação suficiente para ser considerado como seguro;
2. a orientação do fragmento é vital para se compreender a que artefacto ele pertenceu. Nas placas, a presença da perfuração para suspensão ou mesmo das decorações típicas da «cabeça», dos separadores «cabeça-corpo» ou das bandas que por vezes assinalam a base da placa, são elementos decisivos. Quando nenhum deles está presente, a interpretação apenas pode basear-se nos motivos decorativos e na sua eventual disposição. Neste sentido, a decoração dos cabos de báculo do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz (dos verdadeiros báculos, e não dos pequenos artefactos com esta forma usados como pen-



FIG. 103 — Placas recortadas do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Segundo Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1999. Em cima, o pequeno “ídolo chato” de OP-1, placa de Passo 1 e placa de Cebolinhas 1. Em baixo, as duas faces da outra placa de Passo 1.

deloques) compõe-se de combinatórias e disposições novas de elementos também presentes nas placas. São eles, na base do báculo, bandas paralelas, que definem o fim da decoração. Geralmente, horizontais. Na área mesial do cabo, e prolongando-se até à extremidade superior, triângulos com o vértice orientado para o lado, e não para cima, como acontece geralmente numa placa de xisto gravada. Por vezes, bandas acompanham, na vertical os triângulos. Esta decoração não está presente no fragmento I.8-247;



MAPA 6 – Distribuição das placas recortadas nos monumentos do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. Anta 2 do Olival da Pega (34: Anta 3 da Herdade de Santa Margarida; 51: Anta 2 do Olival da Pega (*tholos* OP-2b); 103: Passo 1. OP-1 assinala a ocorrência de um ídolo «chato», de algum modo uma placa recortada miniaturizada).

Considerando as similitudes estruturais de STAM-3 com as antas Cebolinhos 1 e Passo 1, é por aí que devemos continuar.

Ora a placa de Passo 1 já referida, de algum modo uma placa única no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, apresenta-se com uma moldura que desconhecemos se não envolveria, no campo hoje liso, uma pintura idêntica à gravura da Placa do Bugio, a figura de um «ídolo chato», ou de um Jovem Deus, cuja simbologia discuti já por diversas vezes (Gonçalves, 1970, 1992, 1995b, 1999).

A finura e a disposição dos traços das placas de Passo 1, Cebolinhos 1 e STAM-3 poderiam também fazer crer que estamos realmente perante um fragmento de uma placa. O que não é certo.

E o caso da placa de Cebolinhos 1 é diferente, uma vez que os dois fragmentos dizem respeito à extremidade proximal direita e a uma parte do mesmo lado, mas da área mesial, faltando todo o resto da placa.

Resumindo: não sendo totalmente impossível que se trate do fragmento do cabo de um báculo, parece-me muito mais provável que se trate realmente de uma placa representando uma variante do tipo das recolhidas em Passo 1 e Cebolinhos 1 ou ainda a do enigmático *Tumulus* do Jeromigo (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXXIX, 30), esta última com o triângulo substituído por um campo rectangular vertical, mas também vazio.

De novo, J.8-667

É inevitável que se regresse, aqui e ali, a J.8-667, uma vez que a especificidade de esta placa largamente o justifica.

Se observarmos a distribuição das placas recortadas nos monumentos de Reguengos de Monsaraz (Mapa 6), verificamos que em ambos subgrupos se encontram presentes formas recortadas.

No caso de OP-2, a única placa recortada pertence a Variante dos ombros finamente incisos, quase mais sugeridos que indicados (Gonçalves, 1999, p. 109).

No caso de Cebolinhos 1, também uma única placa recortada, desta vez da Variante dos ombros direitos (Leisner e Leisner, 1951, XXXIV, 7). Apresenta uma paginação específica, com um «cinturão» que cria uma imagem antropomórfica ainda mais forte.

Passo 1 evidenciou duas placas (Leisner e Leisner, 1951, XXI, 5, 19), de Variantes distintas, uma de ombros direitos e outras de bordos oblíquos. Não são placas tradicionais no sentido mais restrito do termo, apresentando uma delas uma moldura definindo um espaço vazio, onde eventualmente teria estado pintado um motivo. O preenchimento da superfície oposta foi feito com um campo de ziguezagues que cobre a totalidade do espaço disponível, sem reserva para a «Cabeça». Na outra, a gravação do «Corpo» pára, de forma a que a «Cabeça» e os «Ombros» tenham definição própria.

Sob o ponto de vista formal, estas placas compartilham componentes da simbólica que são comuns a muitas outras e alguns outros, recriados e reconstruídos para adquirem ou novos significados ou significados mais explícitos.

Nesta perspectiva, a placa de Cebolinhos 1 representa o melhor exemplo possível, uma vez que todos os seus componentes simbólicos são comuns, mas ganham aqui um significado específico e novo:

1. as perfurações são afastadas, de forma a simularem os Olhos;
2. as faixas oblíquas, que ladeiam o triângulo que representa a «Cabeça dentro da Cabeça», descem, para marcar a conexão entre os ombros e o «cinturão»;
3. duas delas convergem em V, passando a representar o colar da Deusa, tão evidente na placa de Alcobaça e na de Cabacinhitos;
4. a faixa separadora Cabeça-Corpo desce também, transformando-se no cinturão;
5. duas bandas de triângulos convencionais, com os vértices para cima, concluem a gravação da única face decorada desta placa.

Quanto a primeira observação, vale a pena sublinhar que, das 19 placas com topo conservado recolhidas na Anta 1 dos Cebolinhos, quatro não têm perfuração para suspensão, 11 tem apenas uma perfuração, centrada, e quatro têm perfuração dupla. Destas, a única que apresenta um afastamento grande das perfurações é justamente a placa recortada, o que reforça o que se escreveu.

O recorte das placas funciona assim, evidentemente, como um potencializador da carga antropomórfica subtilmente escondida nos motivos geométricos. É uma situação rara, mas não é por isso que pode ser evocada como uma situação «diferente». O facto de ser estatisticamente minoritária não implica que estas placas representem efectivamente a Divindade e as outras não, o que seria completamente absurdo, se tomarmos em conta todos os partilhados componentes da simbólica.

7.5.5.7. Placas e deposições funerárias

A questão da correspondência entre o número de indivíduos inumados e o daqueles que seriam acompanhados por placas de xisto gravadas nunca foi resolvida e duvido que alguma vez o seja em termos absolutos. Com efeito, para as dezenas de indivíduos depositados na Cova das

Lapas (Alcobaça), apenas se registou uma placa claramente associada a uma deposição funerária muito específica. Para a gruta de Alapraia 2 (Cascais) a desproporção é também muito grande. No caso da «camada vermelha» da Lapa do Fumo (Sesimbra), a situação é idêntica. Na Lapa do Bugio, também em Sesimbra, num total de dez sepulturas só seis tinham placas.

STAM-3 surge com uma população, lida através dos dentes recuperados, de 12 adultos e 16 subadultos, o que perfaz 28 indivíduos. Se de este número retirarmos os três indivíduos indiscutivelmente de segunda fase, de uma época em que as placas estariam já esquecidas nos contextos funerários e mágico-religiosos, teríamos 9 adultos e 16 subadultos.

Para este número de deposições, 25, teríamos 11 placas de reconhecimento imediato, que representam (por estarem inteiras ou quase, ou pela especificidade diferenciadora dos motivos principais) uma população extensível (pelos fragmentos individualizados como tendo pertencido a outras placas) e ainda um mínimo de mais onze, o que corresponde exactamente a vinte e dois indivíduos, um número muito superior ao do total de deposições funerárias de adultos em STAM-3, se esquecermos os três indivíduos de finais do III milénio, que não seriam portadores de placas.

A aceitarmos como pacífica esta situação, *todos os homens, mulheres e subadultos da primeira fase de STAM-3, sem qualquer distinção de sexo ou idade, poderiam ter sido acompanhados por placas gravadas*. As três placas que faltam poderiam ter correspondência nos múltiplos fragmentos que não forneceram leitura identificante, ou terem sido perdidas aquando das violações pré-históricas e medievais. *Também poderíamos supor que três subadultos, um com <3 meses, outro com +- 3 meses, outro com +- 6 meses, poderiam não ter sido acompanhados por placas, devido à sua baixa idade, mas trata-se apenas de uma hipótese, de verificação rigorosa impossível neste contexto* (Ver Quadro de idades dos subadultos no estudo em anexo sobre Antropologia funerária).

Como a equipa de Eugénia Cunha refere adiante, a determinação do número de indivíduos foi feita através de dois métodos distintos, tendo, impressivamente, o resultado final sido próximo (um total de 25, lido a partir dos ossos longos, contra 28, lido através dos dentes). Não estou tão certo a propósito do número de placas, mas creio que a margem de erro, a existir, é mínima.

Confrontados estes dados com os obtidos para a primeira fase de uso do *tholos* OP-2b, temos, na mesma região, duas situações bem distintas, uma vez que, no *tholos*, o número de indivíduos é muito superior ao das placas, admitindo-se, antes do estudo antropológico, um número de cerca 120 indivíduos (com a expectativa de a análise antropológica fazer crescer consideravelmente esta estimativa) para apenas três placas.

Claro que a questão não é sequer alargável aos outros monumentos do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, com placas em grande número, nomeadamente OP-1, o mesmo acontecendo mesmo com a segunda fase de uso de OP-2b, aqui um número dificilmente utilizável em absoluto, uma vez que a contagem dos indivíduos ser neste caso impossível, devido à inexistência de ossos humanos conservados associados (ou não) a placas.

Pode afirmar-se, para a generalidade dos monumentos colectivos da primeira metade do III milénio, que o número de deposições fúnebres, sempre que elas foram realmente quantificadas, é de longe superior ao das placas. Mas, em STAM-3, tal não se verifica de forma indiscutível.

Por outro lado, não é impossível que hipogeus, como Monte Canelas, ou grutas artificiais como Carenque ou Casal do Pardo, possam ter tido um *primeiro momento* sem placas e um *segundo* onde elas já existiam como parte integrante do complexo mágico-religioso. Parece clara a anterioridade, ainda não quantificada precisamente, de várias grutas artificiais em relação aos *tholoi*, o que justificaria a desproporção indivíduos – placas, uma vez que a primeira fase das deposições funerárias poderia ser anterior e a segunda contemporânea dos *tholoi* e do uso e reuso de monumentos ortostáticos como Xarez 1, OP-1, OP-2 e, naturalmente, STAM-3.

Para STAM-3, consideram-se contabilizadas como unidades identificadas a 100%, por se encontrarem inteiras ou quase, ou por possuírem ainda o topo perfurado, as placas:

1. H.8-5 (topo esquerdo com motivos de «placa louca» e verso com tatuagens e motivo *escutiforme*), Corredor;
2. H.8-87, Corredor;
3. I.8-223, Câmara;
4. I.8-259 (motivo dominante: triângulos e uma banda de fim, com outros de menor dimensão);
5. I.9-22 (faixas ziguezagueantes);
6. J.8-667 (placa recortada);
7. J.8-688;
8. J.9-7;
9. J.9-30;
10. J.9-96+36;
11. J.9-41 (triângulos simples).

Também se referem a placas individuais alguns fragmentos de dimensão e motivos significativos como:

1. H.8-109, Corredor;
2. I.8-119+ J.9-9;
3. I.8-155+149;
4. I.8-227;
5. I.8-235+I.8-148;
6. I.8-247;
7. I.8-269+ I.8-2;
8. J.8-77;
9. J.8-576+J.9-82+H.8-30 [Corredor]+I.8-11;
10. J.9-6;
11. J.9-8+ H.10-1.

Os pequenos fragmentos estão provavelmente conectados às dezenas de minúsculos outros fragmentos, recolhidos sobretudo no vortex das violações medievais do monumento, ainda que a tarefa da reconstrução se tenha verificado impossível ou quase.

Estamos assim perante uma realidade verdadeiramente única, tanto no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz como no Ocidente peninsular. O que, naturalmente, nos impede outras generalizações, particularmente considerada a especificidade da situação e as dificuldades comparativas com outros monumentos ortostáticos onde se não recolheram restos humanos datáveis.

7.5.5.8. As placas de xisto reaproveitadas

O reaproveitamento de placas provavelmente recuperadas no mesmo monumento (ou em outros, é impossível sabê-lo) é um fenómeno bem documentado para o *tholos* OP-2b, em Reguengos de Monsaraz, e também em outros monumentos, quer ortostáticos quer de falsa cúpula.

Em STAM-3, a placa J.9-30 é um dos exemplos possíveis para esta situação, ainda que não tão óbvia aqui como em OP-2. De qualquer forma, o polimento dos novos bordos direito e esquerdo exemplifica o cuidado que presidiu a estes reaproveitamentos. O mesmo se passa, como vimos, com H.8-5.

7.5.5.9. Placas, formas, símbolos e estilos

Uma das questões colocadas imediatamente após o início do estudo comparativo das placas de Reguengos de Monsaraz em geral, e das de STAM-3 em particular, em função das recolhidas em outros grupos megalíticos do Centro e Sul de Portugal, reside em descobrir, ou pelo menos discutir, as razões da sua similitude.

Quando comparamos placas do Grupo Crato-Nisa com algumas de Reguengos de Monsaraz, não é difícil aceitarmos a existência de oficinas de fabrico, que difundiriam, por distintos grupos, placas fabricadas num único local ou pelo mesmo grupo restrito de pessoas.

Também as semelhanças entre placas alentejanas e outras, das Penínsulas de Lisboa e Setúbal, poderiam ter como sustentáculo a rota de trocas das rochas duras alentejanas pelo sílex do litoral.

Mas o fenómeno é mais generalizado do que estas situações permitiriam supor e elas não são suficientes para o explicarem satisfatoriamente.

O único suporte explicativo para este uso generalizado e para a presença de padrões decorativos e simbólicos idênticos, reside na existência de um complexo mágico-religioso, um sólido subsistema, que foi partilhado numa área específica do Ocidente peninsular, do litoral atlântico até Badajoz e Huelva. A Norte, em Salamanca, os fragmentos de placas traduzem aparentemente um epifenómeno importante, mas sem significado numérico que permita estatuto idêntico.

Ainda a propósito das similitudes entre placas encontradas em sítios distintos, temos um excelente exemplo no triângulo com o vértice para baixo, preenchido apenas com traços verticais convergentes para o vértice, da placa recortada J.8-667. Trata-se mais propriamente da face da placa, na área do corpo, Banda I, Campo II. Poderia ser inocentemente interpretado como um simples triângulo com o vértice para baixo (no entanto muito menos frequente que os triângulos com vértice para cima), cujo preenchimento em quadrícula não foi completado. Mas basta ver a maneira caótica e desordenada com que é feita a maioria das quadrículas de preenchimento de triângulos de J.8-667, para se perceber que qualquer coisa de diferente pode estar aqui representado. Esta leitura, porventura demasiado «impressionista» para determinadas ópticas neo-científicas, é no entanto reforçada pelo facto de o mesmo motivo estar gravado no verso da placa F.13-22, proveniente do *tholos* OP-2d, onde aparece, em duplicado, no topo com o vértice para cima, na base com o vértice para baixo (Fig. 108). E na única placa de xisto gravada de Pragais, Porto de Mós, a mais de duas centenas de km de distância, temos, na banda 2 da face, um primeiro triângulo apenas preenchido por oblíquas. Numa face que inclui 13 triângulos, é o único que não tem preenchimento em quadrícula (no verso de esta placa, também gravado, contam-se 18 triângulos, todos preenchidos por quadrícula). Talvez neste caso se possa falar de distração do gravador, mas não é esse certamente o caso de STAM-3 e OP-2d, onde este motivo está integrado num contexto iconográfico muito complexo e bem definido, no primeiro caso, e absolutamente identificado com simbolismos isolados dos restantes, quase indecifráveis aliás (agradeço a Ana Catarina Sousa a amabilidade de me ter facultado imagens da placa de Pragais, que serão brevemente incluídas no seu estudo sobre aquele enigmático sítio).

7.5.5.10. O conceito operativo de «paginação»

O conceito operativo de paginação parte de um pressuposto verificado na esmagadora maioria das placas de xisto gravadas: o suporte, a placa de xisto aparada e polida, foi previamente dividido em duas categorias de áreas específicas:

1. áreas funcionais activas, a nível da simbólica, verdadeiras organizadoras do espaço significativo;
2. áreas concebidas como campos auxiliares de gravação, formas práticas de enquadrar ou construir os motivos decorativos.

Por áreas funcionais activas entendem-se as correspondentes

1. à Cabeça;
2. ao Corpo;
3. ao separador Cabeça – Corpo;
4. ao separador «de fim de placa».

Por campos auxiliares de gravação entendem-se:

1. os traços horizontais para enquadramento dos triângulos, formando bandas;
2. os traços verticais para organização das faixas ou linhas ziguezagueantes do Corpo das placas.

Estas categorias correspondiam quer a uma imagem preexistente na mente do artesão, sobre o que queria representar, quer à melhor maneira de programar o aspecto final da placa. Foram marcadas, por vezes, com traços específicos e gravadas ordenadamente de acordo com o preenchimento de campos livres ou com «linhas de ajuda», *guide lines*, produzindo *campos compartimentados*, particularmente úteis no caso das linhas ou faixas ziguezagueantes.

No entanto, algumas advertências devem ser feitas.

Em primeiro lugar, existem algumas poucas placas de xisto gravadas em que foram usados outros procedimentos. Tal é o caso, por exemplo,

1. das placas com simetria radiante, onde a superfície do suporte é tratada como um todo, sem diferenciações funcionais;
2. das placas com campos diversificados, horizontais, intercalados entre as bandas que compõem o Corpo. Parecidos com os delimitadores Cabeça – Corpo, ou de fim de placa, são, na realidade, campos alternativos aos principais, distribuídos por entre eles. Existem alguns excelentes exemplos nos conjuntos inéditos provenientes dos arredores de Évora;
3. das placas totalmente (ou quase) cobertas por uma simbólica antropomórfica. É a situação da placa das Grutas de Alcobaça, onde alguns triângulos simbólicos se referem à sua filiação, mas o motivo quase total é a figura antropomórfica com colar (Gonçalves, 1978);
4. das placas cuja superfície foi inteiramente coberta por motivos desordenados, ainda que dispostos de forma vagamente simétrica e, por vezes, mesmo compartimentados por traços de apoio horizontais. Neste caso, porém, existe frequentemente uma paginação, ainda que grosseira e irregular.

A diversidade das possibilidades não exclui, porém, a unidade dos conjuntos.



FIG. 104 – Placa da Anta Grande da Comenda da Igreja. A desordem aparente da gravação é moderada pela estruturação de paginação subjacente. Alt: 12 cm.

Estes elementos, que listei acima, são componentes de uma situação muito concreta e, em grande parte, pragmática: é muito mais fácil organizar um campo de ziguezagues ou de faixas ziguezagueantes se ele se articular, nos pontos de ruptura, com traços verticais, verdadeiras *guide lines*, do que usar apenas um campo único aberto. Neste caso específico, a paginação da pequena placa com perfurações transformadas em Olhos de Sol, de OP-2, é exemplar.

A paginação de uma placa de xisto gravada é assim um acto prévio e a recuperação dos seus momentos sequenciais deve ser entendida como uma pista excepcional para uma aproximação à sequência operativa usada pelo gravador. A «síndrome das placas loucas» isola-se exactamente como resultando de uma acção integrada num plano geral. No caso da placa H.8-5 da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, a decomposição do processo de gravação é indispensável para se entender a «síndrome» como resultando de um acto intencional e não de um erro de artesão.

7.5.5.11. A «síndrome das placas loucas»

Ainda que a questão tenha justificado análise autónoma no último texto de uma espaçada mas perseverante série que venho mantendo sobre as manifestações do sagrado no Ocidente peninsular (Gonçalves, 1989b, 1997a, 1993, 2003a), e ainda a propósito da placa H.8-5, convém definir uma situação bizarra, que detectei quando iniciei o estudo das placas de xisto gravadas do Centro e Sul de Portugal. De onde estes textos, escritos quase simultaneamente em duas versões, esta e outra (Gonçalves, 2003a).

Ao analisar de forma sistemática as placas de xisto gravadas provenientes do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, particularmente as publicadas por Georg e Vera Leisner e as recolhidas por mim próprio, identifiquei algumas situações bizarras.

Uma delas derivava da detecção de estruturas aberrantes da simetria, o que se chama aqui a «síndrome das placas loucas».

Na verdade, quando visionamos a bibliografia disponível e as muitas centenas de placas inéditas, a primeira imagem que se obtém de este impressionante conjunto de artefactos ideotécnicos é a da uniformização dos padrões decorativos e da simetria que os organiza no seu suporte específico. Quer na «Cabeça» quer no «Corpo» da placa, e sempre nos delimitadores Cabeça - Corpo ou de fim de placa, a simetria é, quando não extremamente rigorosa, a melhor possível. Mesmo em placas de pior execução, em que a simetria não é rigorosa ao milímetro, há a preocupação de organizar a Cabeça da placa com um Corpo central, triangular ou trapezoidal, reforçado ou não por faixas oblíquas que o delimitam, e duas áreas laterais, preenchidas com uma decoração relativamente simétrica e de componentes idênticos em número e forma.

Quanto ao Corpo da placa, quando não é preenchido por triângulos ou rectângulos, ambos motivos formando campos de organização simétrica fácil, é muitas vezes objecto de uma compartimentação explícita, com traços na vertical que permitem planificar ziguezagues simétricos e bem construídos. Em alguns casos, quando o ziguezague final (o inferior) deixa campo aberto, os vazios são preenchidos por um triângulo central ou por triângulos em todos eles, aumentando a sensação visual imediata de simetria (ver Figs. 86:1 e 124:1, 124:2).

Em composições mais complexas, como em algumas placas de OP-1, em que por vezes parece que nem tudo correu bem, a sensação de simetria não é prejudicada pelo erro ocasional.

Esta situação poderia ser naturalmente menos nítida nas placas integralmente preenchidas com uma decoração única, mas normalmente nem sequer isso acontece e é uma decoração idêntica que se desenvolve na horizontal, ou na vertical, em todo o campo disponível no suporte.

Numa situação relativamente rara, a das placas com simetria radiante, a estrutura da paginação foi sempre organizada de forma a respeitar uma construção simétrica, certamente menos fácil nesta situação, que a Fig. 90 ilustra.

Contra as muitas centenas de placas em que esta realidade se repete, isolam-se alguns casos particulares. O primeiro que publiquei (Gonçalves, 1992, p. 79, Fig. 17, 1999, p. 108, Fig. 4.62) era uma pequena placa fragmentada na base, proveniente do Corredor de OP-2, a Anta 2 do Olival da Pega. Interpretei a decoração desordenada como um sinal gráfico da «morte dos Deuses», o momento em que se abandonam os preceitos simbólicos normalizados e se inicia o processo de decomposição das normas representativas. Mas não é obrigatório que assim seja em todos os casos.

Uma outra situação refere-se a alterações apenas no topo das placas, com a deliberada ruptura do conceito de simetria. A situação que acabou por provocar a pesquisa específica referente a este fenómeno começou precisamente pela detecção de uma situação de este tipo, aqui exaustivamente descrita e discutida, a placa H.8-5.

A «síndrome das placas loucas» pode ser definida como uma ruptura intencional do conceito estruturante de simetria comum à enorme maioria das placas de xisto gravadas.

Essa ruptura regista-se em duas tipologias diversas, ainda que partilhando a mesma designação geral.

A Variante 1 agrupa as placas em que apenas a Cabeça regista a assimetria de componentes específica de esta situação.

A Variante 2 agrupa as placas cujo Corpo, resultante de segmentação da placa ou construído com um mesmo tratamento geral dado à superfície do suporte, é «decorado» assimetricamente.

Em ambas situações, a ruptura da simetria pode ser conseguida através da introdução de um componente dissonante (caso da placa H.8-5 da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida) ou pelo desacerto no preenchimento dos campos estruturantes (caso da placa de Casal do Pardo 3).

Na Variante 1, para além do excelente exemplo de H.8-5, temos um paradigmático exemplo na Anta Grande do Olival da Pega (Leisner e Leisner, 1951, XXVIII, 18). É uma placa de dimensões médias-grandes (uma altura de cerca de 16 cm), tendo triângulos com o vértice para cima como motivo principal de decoração no Corpo. Os triângulos distribuem-se por quatro bandas de traçado irregular, mas a primeira delas é quase seguramente uma faixa divisória Cabeça – Corpo, leitura reforçada pelo facto de a sua altura ser menos de metade das outras três.

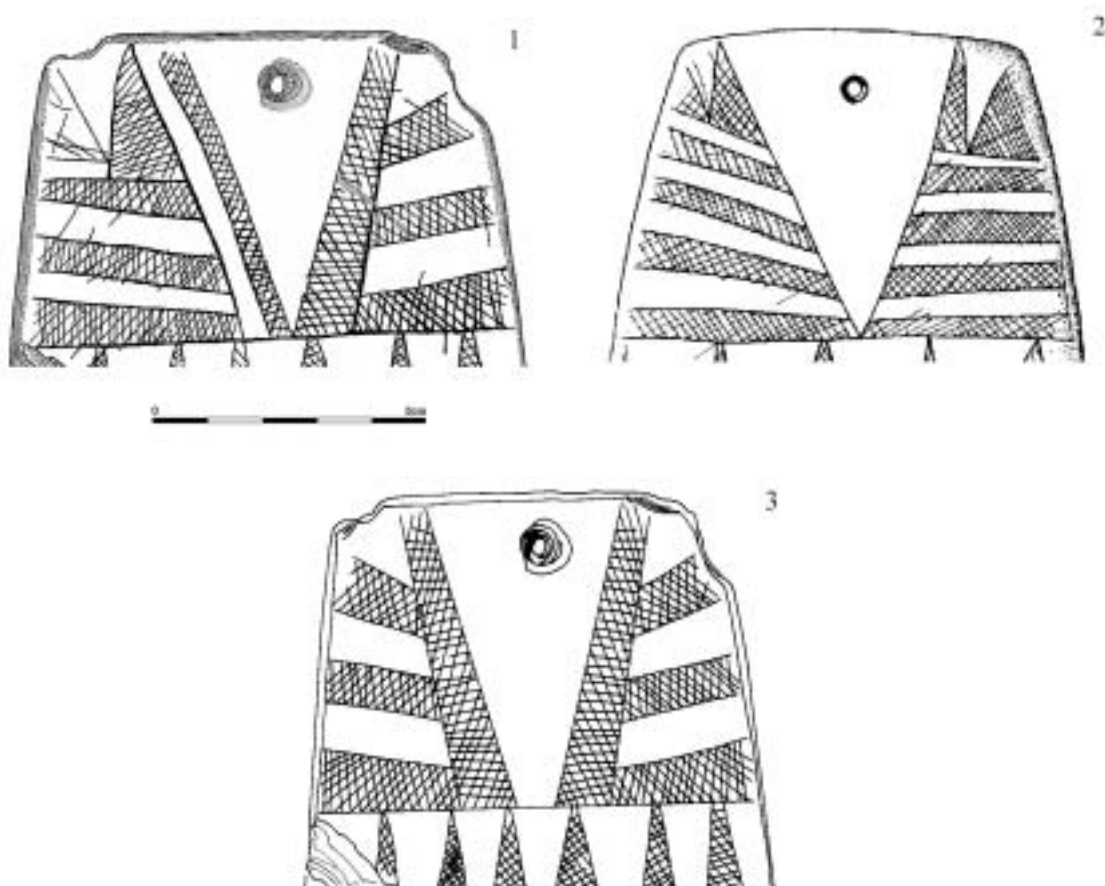


FIG. 105 — O topo da placa H.8-5, da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz, com a «síndrome das placas loucas» (1). Uma das versões de como ela poderia ter sido, se a regra da simetria de topo tivesse sido rigorosamente seguida, é a presente na parte superior da placa da anta do Tapadão da Relva, Castelo de Vide (2), seg. Oliveira, 1997, vol. 3, ref.^a TR52, p. 480. E uma outra possibilidade para H.8-5, numa reconstituição seguindo a composição frequentemente registada em placas do Alentejo central (3).

A Cabeça da placa apresenta duas faixas preenchidas, oblíquas-longitudinais irregulares, de orientação diversa, no lado esquerdo. No lado direito foram gravadas quatro faixas preenchidas oblíquas-transversais.

Para a Variante 2, temos o caso da placa proveniente da Anta 1 da Fábrica de Celulose, Mourão (Oliveira, 2000, p. 208, 15).

Esta placa, infelizmente fragmentada, apresenta uma área superior correspondente ao Corpo e uma outra demasiado alta para ser uma delimitação de fim de placa. Considerarei-a assim como integrando um pequeno grupo de placas que apresenta Corpos com mais de um motivo.

A parte inferior do Corpo foi paginada com cinco riscos verticais, que produziram 6 campos, como assinalado na Fig. 6-f. Teoricamente, uma paginação assim produziria, sem qualquer dificuldade, um campo regular de faixas ziguezagueantes. Mas assim não foi. E apenas nos campos 3-4 e 5-6 existe uma faixa ziguezagueante que ocupa os dois campos. As restantes são faixas preenchidas com quadrícula ou com traços paralelos entre si, mas que não se prolongam de campo para campo. No campo 5, quatro traços de preenchimento de uma faixa prolongam-se mesmo para o campo vazio inferior, no qual se acrescentaram dois outros. Teria sido muito interessante se esta placa tivesse chegado até nós inteira, o que infelizmente não aconteceu e nos impede de ter uma visão global do conjunto.

E também a placa proveniente da Anta da Ribeira de Odivelas (Leisner e Leisner, 1959, T34, 9.2.).

Esta placa reúne num espaço único, habitualmente preenchido de uma forma coerente, dois componentes da simbólica, dispostos sequencialmente na ocupação do suporte. Como são ambos distintos, o resultado evidente é o da assimetria.

Com uma altura de cerca de 16 cm, e uma morfologia trapezoidal alongada, mas com os quatro cantos reduzidos por encurvamento dos ângulos, tem apenas uma perfuração de topo, descentrada. Dois terços da superfície, à esquerda, são preenchidos por seis bandas ziguezagueantes preenchidas, sem qualquer compartimentação vertical. A sexta faixa é completada por dois triângulos de vértice para cima, uma forma «clássica» de rematar os ziguezagues enquanto motivo principal.

O terço da direita é preenchido por dois pares de faixas verticais preenchidas, separadas por uma outra, vazia. A área para delimitação terminal da placa foi obtida com um traço oblíquo, que ocupa um pouco mais que metade da base. A área disponível foi preenchida com pequenos triângulos preenchidos.

Não é impossível que esta placa tenha sido o resultado do recorte de uma placa anterior, mas, de qualquer forma, os motivos seriam muito provavelmente os mesmos.

Seja qual for a origem de esta peculiar situação de ruptura de simetria, duvidosamente a poderíamos atribuir exclusivamente a imperícia ou a isolamento do artesão, que teria assim perdido contacto com as normas de decoração normalizadas para as placas de xisto gravadas. Os artefactos ideotécnicos que apresentam a «síndrome das placas loucas» estão, por vezes, bem gravados e a paginação geral não origina nenhum efeito de rejeição ao observador actual. E estando o pré-histórico morto, é difícil saber da sua reacção, no caso de ter tido alguma.

Quanto à localização dos monumentos, poderia dizer-se que Celulose 1 é ultraperiférico (mais propriamente transperiférico...), Olival da Pega 1 quase no limite, mas a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida fica praticamente no centro do subgrupo norte do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1992a) e dificilmente se pode invocar uma situação de isolamento do contexto para quem gravou a placa H.8-5.

O certo é que a arte pré-histórica, como todas as artes de todos os períodos, tem um significado social e ideológico específico e traduz, nos próprios componentes que mobiliza, factores de estabilidade, de transformação e de mudança. Como tal, nenhuma das suas manifestações é inocente e como tal não deve ser encarada.

E deverá ainda ser dito que a normalização da temática não implica execuções totalmente normalizadas. E, numa situação claramente minoritária, há que ver se ela é apenas regional ou se é possível de detectar em outros contextos geográficos.

No Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, encontramos situações atribuíveis à «síndrome das placas loucas» nas antas Olival da Pega 1 e 2, Santa Margarida 3 e Xarez 1, e com as reservas já explicitadas, uma vez o Guadiana no meio, Fábrica de Celulose 1. E no *tholos* Farisoa 1b.

Fora de Reguengos, numa primeira ronda, temos casos específicos em Montemor (Anta Grande da Ordem, Anta da Velada, *tholos* do Escoural), Arraiolos (Caeira 7), Ferreira do Alentejo (Ribeira de Odivelas), e ainda na Câmara Ocidental da Praia das Maças e Casal do Pardo 3.

São sempre situações minoritárias, em conjuntos por vezes numericamente muito significativos, e as variantes que propus para esta peculiar «virose» estão presentes raramente no mesmo monumento, o que é particularmente impressionante em OP-1, onde aliás o número de placas deve ter ultrapassado as 134 registadas pelos Leisner e a amostra é portanto muito mais elevada que em qualquer outro monumento de Reguengos de Monsaraz.

Poderíamos começar por um aspecto significativo: a distribuição geográfica da «síndrome das placas loucas»: Reguengos de Monsaraz, Montemor, Ferreira do Alentejo, o Alentejo médio e o baixo Alentejo. Mas também as penínsulas de Setúbal e Lisboa.

Assim, a extensão da área onde se verificam ocorrências da «síndrome das placas loucas» contribui para compensar a extrema raridade dos exemplares conhecidos.

QUADRO 48

Lista de monumentos com «placas loucas» em Reguengos de Monsaraz e em alguns outros grupos megalíticos.

| Monumento | Tipo | V1 | V2 | TPM | Bibliografia |
|--|-------------------|----|----|-------------|--|
| Anta Grande do Zambujeiro (Évora) | Anta | + | + | >150? | Conjunto em estudo. |
| Mitra 2 (Évora) | Anta | + | + | >100? | Conjunto das placas de recolha antiga em estudo por VSG. Novas escavações no monumento em curso por Jorge de Oliveira. |
| Caeira 7 (Pavia) | Anta | 1 | 0 | | Correia, 1921, p. 49, Fig. 34; G. Leisner e Leisner, 1959, T30: 8.18. |
| Casal do Pardo 3 (Palmela) | Gruta artificial | 1 | 0 | ? | Soares, 2002, p. 86, Fig. 56.4. |
| Escoural (Montemor) | <i>Tholos</i> | 1 | 1 | 167 | Santos e Ferreira, 1969, Est. XII, 88 e Fig. 8-80. |
| Fábrica da Celulose 1 (Mourão) | Anta | 1 | 1 | 4+35 (15?)* | Oliveira, 2000, p. 208: 14, 15 |
| Olival da Pega 1 (Reguengos de Monsaraz) | Anta | 1 | 0 | 134 | Leisner e Leisner, 1951, XXVIII, 18 |
| Ribeira de Odivelas (Ferreira do Alentejo) | Anta | 0 | 1 | | Leisner e Leisner, 1959, T34: 9.2 |
| Praia das Maças, Câmara Ocidental (Sintra) | Gruta artificial? | 1 | 0 | 12 | Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1969, Fig. D-115 |
| Santa Margarida 3 (Reguengos de Monsaraz) | Anta | 1 | 0 | 19 | Gonçalves, 2003, esta monografia. |
| Velada (Montemor) | Anta | 1 | 0 | | Leisner e Leisner, 1959, T28: 55 |
| Xarez 1 (Reguengos de Monsaraz), H.6-26 | Anta | 0 | 1 | >30 | Gonçalves, em estudo |
| TOTAIS | | >8 | >3 | | |

- > = número garantidamente superior a
- +* presença ainda não completamente quantificada (coleções em estudo).
- TPM: total de placas do monumento.



FIG. 106 – Placa da Anta 1 do Olival da Pega, «Síndrome das placas loucas», Variante 1. Alt: 15,7 cm.

Sendo o pensamento mágico-religioso, de início, tão essencialmente prático como o pensamento técnico, a tradução do símbolo em um determinado suporte corresponde a representações formalmente multimodas de uma mesma «realidade». E em cada representação se reflecte essencialmente o símbolo, mas também o executante da transposição de uma imagem informulada para uma imagem concreta.

Assim sendo, temos componentes diversos de uma só situação:

1. a figura, *imagem* ou *conceito* activos na formação económico-social que os originou ou adoptou;
2. o conjunto de códigos de representação que evocam e determinam a reconhecibilidade do que se representa, permitindo a sua identificação imediata;
3. a selecção pessoal do gravador de um símbolo ou conjunto de símbolos que garantem, por si sós ou em associação, a inteligibilidade da figura;
4. o tratamento não normalizado do conjunto, através de melhorias no suporte (pelo melhor polimento das superfícies), de formas de contorno específicas (as placas recortadas, as placas fenestradas) ou por diferentes combinatórias de símbolos do mesmo grupo;
5. a inserção de componentes «sincréticos», somando a um anterior conjunto figurações novas, mas associáveis (os Olhos de Sol, um novo atributo da divindade ou uma nova divindade, que através do olhar radiante absorve uma anterior, e, muito particularmente, as representações do Jovem Deus);
6. o tratamento «artístico», traduzido pela «qualidade de execução», talvez o menos importante do conjunto;
7. as imagens presumivelmente de fim-de-ciclo, onde dos conjuntos iniciais restam apenas referências gráficas desconexas, inteligíveis apenas pela sua associação a formas e símbolos concretos.

Na verdade, as opções são reduzidas:

1. a «síndrome das placas loucas» é um resultado degenerativo de um conceito estruturante, o da simetria no preenchimento do espaço suporte. E são o *Tempo* e o *devir cultural* os responsáveis pelo aparecimento da síndrome;
2. a «síndrome das placas loucas» deriva da inabilidade pontual ou do isolamento do fazedor de placas;
3. a «síndrome das placas loucas» resulta de uma complexificação do processo criativo, tendo que ver com processos artísticos e não com a desestruturação dos símbolos. Neste caso, placas como as da Ribeira de Odivelas ou da Anta 1 do Olival da Pega testemunham exactamente a mesma realidade.

A última possibilidade não é, à partida, de afastar. Quando há um único centro produtor, a sua própria história ganha-se na especificidade, no reconhecimento automático...e nas imitações. Se falarmos de cerâmicas mais recentes, Paterna e Manises, S. Pedro do Corval, Caldas da Rainha ou Alcobaça criaram imagens de si próprias tão sólidas e homogêneas que houve espaço, é certo que quase sempre em momentos evoluídos, para desvios à norma. Mas, para as placas de xisto gravadas, não há um único centro de produção. Houve certamente vários e uma circulação extensa tanto de produtos como de imagens simbólicas normalizadas, que foram imitadas ou repetidas em sítios relativamente distantes, desde as Penínsulas de Lisboa e Setúbal até ao próprio Algarve. O que realmente impressiona na «síndrome das placas loucas» é, simultaneamente, a sua raridade e a sua extensa distribuição no espaço.

Quanto ao putativo isolamento ou inabilidade do fazedor de placas, são talvez os argumentos que menos colhem. O mundo do megalitismo do Centro e Sul de Portugal é tudo menos um universo fechado, o que é particularmente visível na primeira metade do III milénio. E se usarmos o conceito de megalitismo no seu sentido mais amplo, mesmo correndo voluntariamente o risco de contrariar quem pensa que as palavras devem comandar-nos (e não o contrário), uma outra arriscada postura, então veremos que todo o subsistema mágico religioso da transição do IV para o III milénio e da primeira metade do III inclui uma idêntica concepção simbólica para um artefacto sempre idêntico, quer o encontremos em grutas naturais, antas, grutas artificiais ou *tholoi*. E se tempos de grande mobilidade existem para as antigas sociedades camponesas, estes são certamente os que procuramos.

Tudo parece assim indicar que a «síndrome das placas loucas» é efectivamente um resultado degenerativo de um conceito estruturante, o da simetria no preenchimento do espaço suporte. De algum modo, será, no devir próprio às placas de xisto gravadas, o terceiro grupo de alterações significativas, sendo o primeiro as representações geometrizarantes simétricas, o segundo a fusão sincrética com as componentes simbólicas da Deusa dos Olhos de Sol e a terceira, esta, um momento terminal do processo.

7.5.5.12. *A cronologia absoluta e os contextos das placas de xisto gravadas*

Comecei a tratar da questão da cronologia absoluta das placas num momento em que dominava uma incerteza absoluta sobre o tema e em que as escassas informações do radiocarbono eram usadas preferencialmente para datar os monumentos e não as placas (Gonçalves, 1989b). É certo que a questão das datações absolutas para as placas de xisto gravadas levanta sérios problemas e a diversos níveis:

1. sendo os intervalos de tempo fornecidos pelo radiocarbono normalmente o que são, demasiado amplos, a utilização de ferramentas de análise que envolvem lapsos de tempo curto é quase sempre impossível;
2. a datação da idade de uma placa, inorgânica, só pode ser feita através de métodos indirectos. Isto é: na verdade, não datamos a placa, mas o que a ela está associado. Artefactos datáveis, como os de osso; traços de fogos rituais; fenómenos supostamente ocorridos ao mesmo tempo que a manufatura ou uso das placas ou — situação teoricamente ideal — o próprio morto a que a placa estava associada, constituem situações que variam entre o aceitável e a realidade de fiabilidade garantida;
3. para que qualquer uma das situações enunciadas nos pontos anteriores possa originar aceitação de um dado intervalo de tempo como correspondendo efectivamente a uma placa, os dados da escavação que as originou devem estar garantidos pela fiabilidade máxima quanto aos métodos de escavação e rigor do arqueólogo. Num monumento funerário colectivo, coexistem espacialmente enterramentos que podem estar separados por séculos. Se não existir matéria orgânica claramente associada às placas, a questão pode ser, no mínimo, controversa.

Em algumas situações de minha responsabilidade directa, não hesitei em considerar como absolutamente efectivas associações matéria orgânica – placas de xisto gravadas:

1. *fogueira do Cabeço do Pé da Erra* (Coruche) – os fragmentos de placas provinham de uma área de actividade desempenhada mesmo junto à fogueira e incluíam restos de placas

de xisto gravadas. A datação por ^{14}C da fogueira pareceu-me datar inquestionavelmente as placas;

2. *primeira grande fase de utilização do tholos OP-2b (Reguengos de Monsaraz)* – dataram-se ossos humanos de uma fase inicial de uso do monumento, de onde se recolheram placas. A deposição funerária mais antiga, designada «do fundador», tinha uma placa associada, pelo que as três datações obtidas teriam à partida um elevado grau de probabilidade de se associarem a esta fase. Se considerarmos que o monumento foi selado com um pavimento pétreo e prosseguiram as deposições funerárias com placas, temos as datações funcionando como referenciais de contemporaneidade e como *terminus post quem* para a segunda grande fase de utilização do tholos;
3. *deposição funerária Cm-7, na Anta 3 de Santa Margarida* – como as fotografias ilustram, a placa encontrava-se imediatamente abaixo do maxilar inferior, ele próprio logo abaixo dos fragmentos do crânio. Tratava-se, sem qualquer dúvida, de uma placa suspensa ao pescoço *daquele* morto;
4. *nível 3 do locus 1 do povoado Sala n.º 1 (Pedrógão do Alentejo)* – na verdade, a associação estratigráfica é de grande fiabilidade, apesar de se tratar de um nível cuja formação foi certamente mais longa que o do Cabeço do Pé da Erra.

Outras duas situações suscitam-me ainda hoje algumas reservas, talvez injustificadas, e cuja origem se pode eventualmente atribuir ao simples facto de a antiguidade do intervalo de tempo não estar, até ao momento, corroborada pelos dados dos monumentos alentejanos (recorde-se, se for necessário, que o Alentejo é a região onde existe não apenas o xisto de que as placas são feitas como também a maior concentração delas próprias, quer globalmente quer por monumento):

1. *deposição funerária dita «do feiticeiro», na Cova das Lapas (Alcobaça)* – a placa encontrava-se sobre o que teria sido o peito do indivíduo, mas não foi possível ainda obter uma nova datação. Considerada a antiguidade do intervalo de tempo, uma nova datação parece imprescindível, mas as questões de paleopatologia que envolvem o indivíduo dão actualmente prioridade à conservação dos ossos restantes;
2. *nível funerário com placas na Gruta da Marmota (Alcanena)* – na realidade, para alguém obcecado pela eventual antiguidade das placas, esta datação seria uma excelente confirmação da obtida para a Cova das Lapas. Mas na realidade as placas recolhidas na Gruta da Marmota encontram-se reduzidas a pequeníssimos fragmentos, provavelmente resultantes da recomposição do espaço funerário durante a Idade do Bronze final, pelo que não gosto de utilizar esta data com um grau de certeza idêntico ao das situações anteriores.

Fora deste contexto de observação directa, existe, naturalmente, a mítica «camada vermelha» da Lapa do Fumo (Sesimbra). Mas a datação mais recentemente divulgada para esta camada (3305-2915, cal BC a 2 sigmas) tem um parâmetro superior de algum modo compatível com a Cova das Lapas e a Gruta da Marmota (respectivamente 3497-3041 e 3510-3100), mas o inferior não é totalmente incompatível com as datações dos monumentos e sítios alentejanos. O que, de algum modo, a torna de uso ainda mais difícil, sobretudo por coincidir, no seu leque de possibilidades de cronologia, com o fecho da Câmara da Anta 2 de Santa Margarida (3340-2900 cal BC), justamente uma anta sem placas (quer na Câmara quer no Corredor).

7.6. O enquadramento cultural

7.6.1. STAM-3 e as antas da Herdade de Santa Margarida

As previsões formuladas no estudo monográfico de STAM-2 surgem agora confirmadas. Escreveu-se então que

«... a análise dos primeiros fragmentos cerâmicos recolhidos na Anta 3 parece indicar que ou houve uma reocupação já calcolítica da anta ou esta é de raiz um monumento mais recente que os outros.

Teríamos assim, provavelmente, uma ordem de construção Anta 2 → Anta 1 → Anta 3, sem que houvesse a ideia de construir um espaço de necrópole comum ou se partilhassem pressupostos de localização idênticos.

Não há, em meu entender, uma *necrópole megalítica de Santa Margarida*, mas três monumentos construídos em épocas diferentes, sem qualquer preocupação de um agrupamento progressivo que definisse um espaço funerário comum.» (Gonçalves, 2001a, p. 178).

E tanto as cerâmicas como os fragmentos de placas de xisto gravadas recolhidos o parecem confirmar.

Por razões já expostas com adequado desenvolvimento (Gonçalves, 2001a), as Antas 1 e 2 da Herdade de Santa Margarida não são síncronas a nível dos conjuntos artefactuais, o que neste caso significa, em meu entender, diferentes cronologias para a sua construção e uso. Se compararmos, em Quadro, algumas poucas similitudes e diferenças significativas, teremos uma imagem mais clara do que quero significar:

QUADRO 49

Registos comparativos de dimensões dos monumentos e artefactos para as antas da Herdade de Santa Margarida.

| Monumento | Cme | Cre | CmØs | Crc | Or | geom | lm | lml | ps | pxg | pp | ccbtca | tc |
|-----------|-----|-----|---------|-------|------------------|------|----|-----|---------|-----|----|--------|----|
| STAM-1 | 8 | 1+1 | 2,6x2,6 | >2,40 | 122 ^º | 0 | +- | - | 2 (X+S) | 8 | 1 | 1 | 1 |
| STAM-2 | 6 | 1+1 | 1,9x2,8 | >1,6 | 110 | 2 | - | + | 0 | 0 | 6 | 0 | 0 |
| STAM-3 | 7 | 1+1 | 2,9x3,0 | >2,33 | 130 | 0 | + | +- | 21 | 22 | 1 | 21 | 2 |

- Cme: número de esteios da Câmara
- Cre: número de esteios do Corredor
- CmØs: diâmetros da Câmara
- Crc: comprimento do Corredor. Indica-se o comprimento do esteio maior do Corredor. O símbolo > indica que, com as dimensões dos fechos, ele seria apenas ligeiramente maior.

- Or: Orientação do monumento, em graus
- Geom: geométricos
- Lml: lamelas
- Ps: pontas de seta
- Pp: artefactos de pedra polida
- Ccbtca: contas de colar bitroncocónicas abatidas
- Tc: taças carenadas

Assim,

a nível das arquitecturas:

1. dimensões gerais das Câmaras: STAM-1 e STAM-3 são relativamente próximas em dimensão, contrastando com STAM-2, mais pequena;
2. componentes das Câmaras: 8, 6 e 7 esteios, para a sequência de registo dos três monumentos;
3. classificação e fórmula dos Corredores: de acordo com o critério classificativo que introduzi em 1989 (p. 43) são todos curtos. A fórmula, comum, é 1+1.

A nível dos componentes artefactuais e do número de deposições funerárias:

1. se considerarmos como aceitável neste contexto a proposta dos Leisner para Poço da Gateira 1 (1 geométrico por indivíduo), teríamos um máximo de duas deposições em STAM-2;
2. se aceitarmos um critério de deposições mínimas baseado nas placas de xisto gravadas, teríamos oito deposições com placas para STAM-1 e 22 para STAM-3 (1.ª fase de uso do monumento);
3. na sequência, STAM-2 surge como um monumento individual ou monofamiliar e os dois outros monumentos como sepulturas colectivas.

A nível da natureza dos componentes artefactuais, teremos:

1. cerâmica relativamente abundante em STAM-1 e, sobretudo, em STAM-3, rara cerâmica em STAM-2;
2. taças carenadas em STAM-1 e STAM-3;
3. geométricos em STAM-2 e pontas de seta em STAM-1 e 3;
4. pedra polida de excelente qualidade, quatro artefactos diferentes agrupados sob a forma de depósito votivo em STAM-2, apenas um artefacto de pedra polida em STAM-1 e outro (fragmentado) em STAM-3;
5. nenhum artefacto para adorno pessoal em STAM-2, contas de colar em STAM-1 e STAM-3, incluindo nestes últimos monumentos contas bitroncocónicas abatidas;
6. placas de xisto gravadas em STAM-1 e STAM-3, nenhuma em STAM-2.

Que quer tudo isto dizer?

Para não irmos em linha recta, por vezes o pior dos caminhos, podemos começar retomando a suspeita de Monge Soares (Araújo e Lejeune, 1995, p. 113-114): «Será, talvez, aqui de recordar também que o espólio funerário da camada vermelha da Lapa do Fumo, muito semelhante ao da gruta do Escoural — cerâmica almagrada, vasos esféricos e esféricos altos, taças caneladas, micrólitos, ausência de pontas de seta, artefactos de osso — diferindo apenas pela presença de placas de xisto, ao contrário do que acontece no Escoural, foi datado, a partir de uma amostra de ossos humanos, em 4420 ± 45 BP (ICEN-240) (Soares e Cabral, 1993). Os enterramentos da camada vermelha são, pois, contemporâneos das deposições da Gruta do Escoural. Nesta, embora não existam placas de xisto, foram encontradas duas placas de grés em contexto infelizmente desconhecido. A contemporaneidade entre placas de xisto e placas de grés está atestada, por exemplo, no pequeno monumento do Monte da Velha 2, em Vila Verde de Ficalho (Serpa), um dos raríssimos sepulcros megalíticos encontrado intacto, sem ter sofrido qualquer violação (Soares e Arnaud, 1984). Por isso, não repugnaré associar as duas placas de grés da gruta às deposições funerárias aí ocorridas. Parece, assim, haver uma diversidade grande, que se poderá tornar mais nítida à medida que a investigação arqueológica avançar, entre espólios funerários contemporâneos.»

Contrariei este raciocínio em 2001, invocando, entre outros argumentos, que no Escoural não existem placas de xisto, *nem de grés*: o que existe são duas paletas que nada têm que ver com as placas de grés; que a placa de MV2 é paralelizável não com as placas de grés que habitualmente referimos como tal, mas com a placa da Anta do Curral da Castelhana, no Alto Algarve Oriental (Gonçalves, 1989, vol. 2, p. 193, Fig. 121 e 325, Est. 245), um monumento com espólio tardio, incluindo placas de xisto; que o significado cronológico e cultural da presença dos geométricos em conjuntos funerários é polémico. Presentes em Reguengos de Monsaraz em pelo menos doze monumentos megalíticos, Comenda 2 (Leisner # 36), Duque 1 (# 28), Farisoa 1 (# 111), Gorginos 2 (# 128), Olival da Pega 1 (# 50), Passo 1 (# 82), Piornal 2 (# 70), Piornal 3 (# 71), Poço da Gateira 1 (# 29), STAM 2 (# 33), Vidigueiras 1 e 2 (# 125 e 126), os geométricos (normalmente trapézios, mas também triângulos e até segmentos) vêm habitualmente associados

a um pacote «antigo» (Poço da Gateira 1, Vidigueiras 2...), quando o não estão a um aparentemente mais «recente» (Olival da Pega 1...). Só que estão definitivamente ausentes de contextos claramente datados da primeira metade do III milénio, como a primeira fase de utilização do *tholos* b do Olival da Pega (OP-2b), com três datações confirmando-se entre si (Gonçalves, 1996[2003]); que a «camada vermelha» da Lapa do Fumo é realmente um argumento de peso, sobretudo se considerarmos a sua homogeneidade e aparente fiabilidade. Mas a comparação entre duas áreas cujo estudo em paralelo está por fazer levanta problemas consideráveis e a Lapa do Fumo foi um espaço usado para enterramentos colectivos que podem ter sido mal lidos e interpretados, o que é mais que provável, conhecendo nós a história dos seus escavadores e as suas peculiaridades de campo e gabinete (Gonçalves, 2001a).

Mas a observação mais problematizante de Monge Soares nem era sequer esta, mas quando falava de «(...) uma população que sofre o impacto da calcolitização, que poderá mesmo assimilar as inovações tecnológicas inerentes (notem-se os bucrânios, o carro e o arado gravados no santuário exterior), continua, no entanto, a manter essencialmente os mesmos rituais funerários anteriores; (...) a população que depositou os seus mortos na gruta do Escoural não passava, nos últimos tempos em que isso se verificou, de uma franja que se manteve afastada das inovações que outros grupos habitando próximo já tinham assimilado, modificando o seu comportamento cultural (entendido aqui no seu sentido mais abrangente).» (1995, p. 114).

Se substituirmos agora «calcolitização» por «assimilação de componentes da Revolução dos Produtos Secundários», teremos afinal uma outra leitura, explorando, também de forma diversa, uma possibilidade subjacente à proposta de Monge Soares: um território com diversos ritmos de desenvolvimento. E, daí, podemos deduzi-lo sem risco, três categorias de grupos: os indígenas (puros, duros e ainda neolíticos), os indígenas aculturados (pela RPS) e os colonos (portadores da RPS).

Será isto possível?

Na realidade, poucos tinham ido tão longe, talvez sem o querer deliberadamente, abrindo a polémica na frente mais ampla possível, a que exhibe todos os componentes da equação, para que a possamos entender. Infelizmente, o meio científico acolheu distraidamente o texto de Monge Soares (o que, aliás, não é incomum em Portugal, quando entram em jogo susceptibilidades parvas, no sentido latino do termo, ou interesses pessoais sórdidos). Discutir afirmações de um qualquer autor só quer dizer que ele contribuiu de forma sensível para o progresso da ciência, está longe de representar uma ofensa ou um risco pessoal. Assim, só seis anos depois se abriu a reflexão sobre o que era uma questão nuclear e talvez mesmo prévia a outros debates. E que está longe de estar terminada.

Não possuímos, é certo, para o Alentejo, cronologias absolutas tranquilizantes para o megalitismo ortostático, contrariamente ao que acontece para o Centro e Norte de Portugal, onde, apesar das muitas reservas que a interpretação de algumas datações exige, estão disponíveis informações que parecem ser fiáveis e em número aceitável para a abertura de um debate.

No Alentejo, temos datações para alguns monumentos ortostáticos do Sever, a manipular cuidadosamente, e pouco mais. As datações para os *tholoi* são escassas, mas, pelo menos em OP-2b, confirmam-se entre si. A série de STAM-3 é uma contribuição cuja importância nem sequer vale a pena sublinhar de novo, mas de STAM-2 sabemos apenas o intervalo de tempo em que a Câmara da anta foi selada, que não coincide necessariamente com o intervalo de tempo em que está contida a data da sua construção.

Conhecemos agora razoavelmente os parâmetros cronológicos aceitáveis para as placas de xisto gravadas, mas as situações presumidas do IV milénio estão completamente desprovidas de datações. Será o megalitismo alentejano, efectivamente, uma manifestação tardia, sobretudo se comparada ao do Norte de Portugal? Duvido, mas não tenho elementos que me permitam justificá-lo.

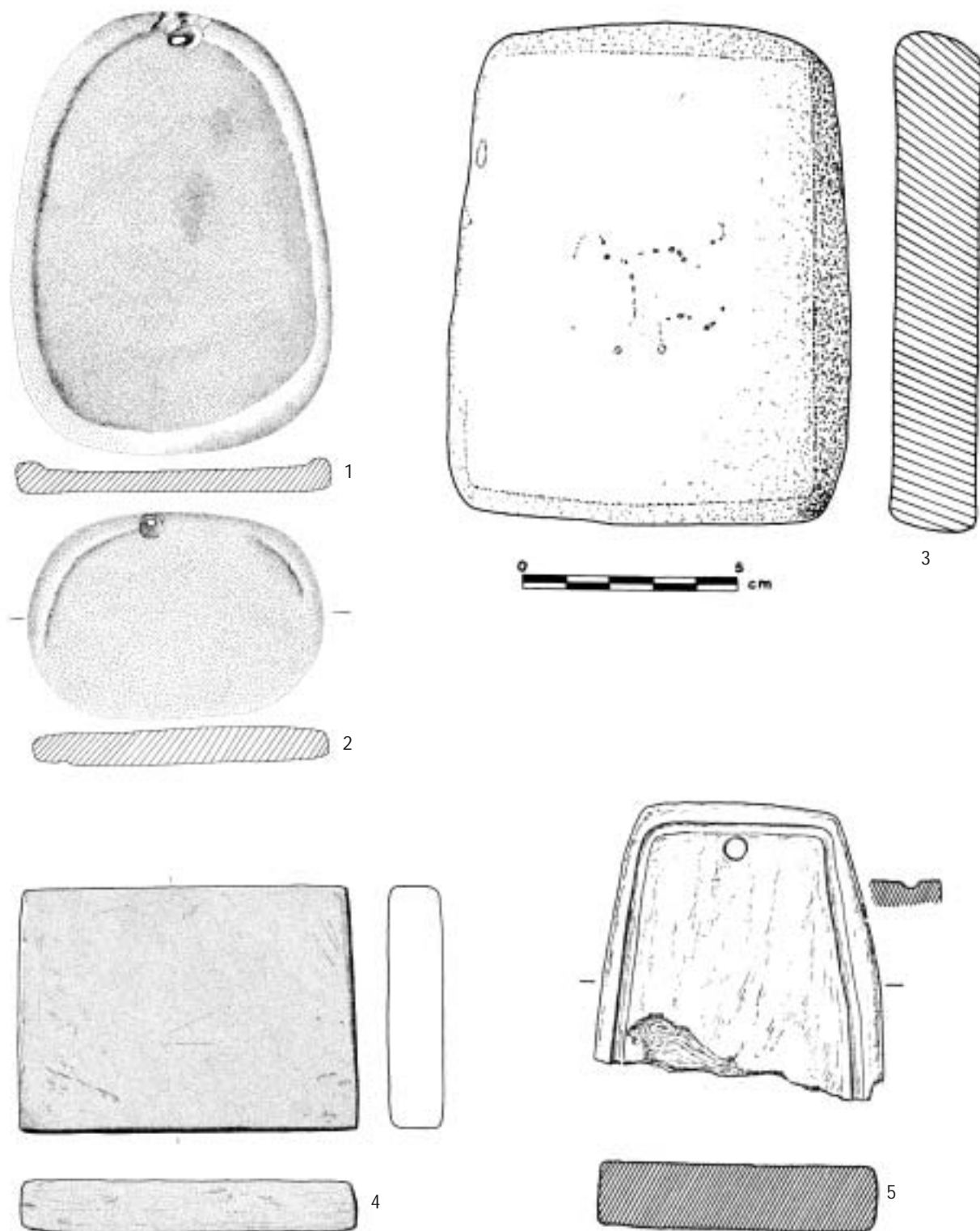


FIG. 107 – Placas de arenito ou grauvaque da Gruta do Escoural (1 e 2), da Anta 2 do Monte da Velha (3), da Anta da Castelhana (4) e da Anta da Comenda da Igreja (5). Segundo Santos, 1971, Soares e Arnaud, 1984, Gonçalves, 1989, vol. 2, p. 193, Est. 121:1, Leisner e Leisner, 1959, Estampa 27-1, nº 76. Como facilmente se observa, nada que ver com as placas de xisto gravadas.

Neste contexto, e retomando de novo o texto de Monge Soares, e também para evidenciar que a sua citação não é aqui deslocada, teríamos as três antas da Herdade de Santa Margarida como representando, nas duas possibilidades que Monge Soares considerava possíveis a propósito do Escoural, numa alternativa explicativa:

1. uma manifestação indígena (STAM-2) e duas manifestações funerárias contextualmente alienígenas, as três quase contemporâneas;
2. uma manifestação funerária do IV milénio (STAM-2) e duas da primeira metade do III (STAM-1 e STAM-3), antas construídas e usadas muito provavelmente pelas mesmas comunidades que selaram o acesso à Câmara de STAM-2 e, sobretudo, evitaram cuidadosamente utilizá-la. Em termos genéricos, exactamente o mesmo processo mental que presidiu à selagem do Corredor da Anta 2 do Olival da Pega, imediatamente antes da construção dos *tholoi* anexos à área mesial do Corredor.

7.6.2. STAM-3 e as antas do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz

Alguns dos meus colaboradores e amigos costumam falar da monografia dos Leisner como do «Antigo Testamento» e, amavelmente, do «Revendo as Antas...» como do «Novo Testamento». Aprecio o humor e a simpatia, ainda que, pouco dado a leituras bíblicas, preferisse naturalmente outras designações. Mas compreendo a atitude, uma vez que, a propósito da investigação arqueológica mais recente em Reguengos, frequentemente me ocorre outra conhecida literatura, como «Guerra e Paz», «Crime e Castigo», «O Idiota», «A fogueira das vaidades» ou, num outro registo, e acerca de um velho amigo, alguns escritos de Errico Malatesta...

O certo é que, e agora noutro tipo de aproximação, retomando a monografia dos Leisner e a revisão que escrevi quase meio século depois, tão obviamente conectadas, impressionamo-nos facilmente com a massa documental disponível em meados do século passado, mas, num segundo momento de reflexão, de quanto efectivamente nos faltava saber (e do muito que permanece ainda em aberto).

O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz não é tão coeso nem cronologicamente tão homogéneo como pareceu a alguns autores. Beneficiando de uma divulgação imediata, através da monografia de Georg e Vera Leisner, a sua imposição como uma referência indiscutível obnubilou outra informação e, sobretudo, outros contextos, não tão bem divulgados e, portanto, ausentes da discussão.

Se dispomos hoje de 18 datações absolutas para este Grupo e para os seus construtores e utilizadores (o que é claramente insuficiente), em 1951, e até mesmo em 1992, era o vazio absoluto, sabendo nós quão inúteis são, para estas épocas, as datações por termoluminescência, considerada a excessiva dimensão dos intervalos de tempo que lhes estão associados. As cronologias eram, assim, relativas e bem sabemos os riscos de comparar artefactos e lhes atribuir idades através das suas semelhanças ou divergências morfológicas.

Por outro lado, até à operação Alqueva, desconhecia-se tudo do limite oriental do Grupo megalítico (Gonçalves, 2002a; Gonçalves e Sousa, 2003).

E a dimensão do fenómeno de satelitização de algumas antas por *tholoi*, ainda que entrevista pelos Leisner, não tinha sido reconhecida antes da escavação de OP-2b como um dos pontos nodais da investigação sobre o megalitismo de Reguengos de Monsaraz. Exibindo, aliás, com uma insuspeitada nitidez, a extrema importância da primeira metade do III milénio nesta específica área alentejana (como em quase todo o Centro e Sul de Portugal).

STAM-3, um monumento ortostático, coloca-se, após as datações ^{14}C , como contemporâneo do *tholos* OP-2b e, muito provavelmente, de outros *tholoi* de Reguengos de Monsaraz. E, como claramente se entrevê pela análise artefactual, contemporâneo ou ligeiramente posterior de STAM-1, outro monumento ortostático. Mas a questão atrás levantada, na sequência da apreciação em termos de radiocarbono, por Monge Soares, a propósito da necrópole neolítica da gruta do Escoural (ou, segundo defendo, *das* necrópoles), pode agora colocar-se de novo: STAM-3 é «posterior» ou «diferente» de monumentos como Poço da Gateira 1, Gorginos ou Vidigueiras?

Muito provavelmente, numa perspectiva optimista, haveria mais imprecisões e baixa resolução nas propostas dos Leisner que erros de interpretação. Numa outra apreciação, mais crítica, eles perceberam pouco do que viram, talvez pelo determinismo contextual que marcava a informação de que se dispunha na época. Mas Georg e Vera Leisner entreviram correctamente a complexidade do megalitismo de Reguengos de Monsaraz, até mesmo quando foram forçados a reconhecer que os dados da arquitectura não coincidiam com os dos artefactos. De onde falarem, classificando os monumentos, de:

1. antas de corredor com espólio neolítico (Leisner e Leisner, 1951, p. 39);
2. antas com espólio lítico de tipo neolítico e cerâmica evolucionada (Leisner e Leisner, 1951, p. 40);
3. antas de fundo cultural neolítico, conjuntamente com material eneolítico (Leisner e Leisner, 1951, p. 43).

O que implica uma complexa sequência de raciocínio, patente em várias passagens da monografia, mas sobretudo:

«Antes de entrar na análise do material da cultura megalítica no concelho de Reguengos, queremos apontar alguns problemas que surgem na arquitectura.

O primeiro destes problemas refere-se à participação do povo neolítico em todas as construções megalíticas, mesmo nas grandes antas eneolíticas. Poder-se-á associar a técnica da construção megalítica àquelas indústrias neolíticas cuja sobrevivência até épocas posteriores é provada pelas antas de Reguengos?

O segundo problema diz respeito à evolução arquitectónica. Poder-se-á supor que o aparecimento da forma poligonal da câmara, implicando a separação do corredor do conjunto sepulcral, tivesse dependido de novas influências exercidas sobre o fundo neolítico?

Quanto ao terceiro problema: Será de crer que as antas de polígono irregular e, com reminiscências de uma sepultura de espaço não repartido, sejam, dentro da evolução arquitectónica, anteriores às formas de polígono perfeito, ou serão elas apenas imitações defeituosas destas últimas?» (Leisner e Leisner, 1951, p. 46).

E ainda:

«Com efeito, todas as 184 teorias apresentadas para a solução deste problema contem uma partícula de verdade e a difusão de novas ideias efectua-se por várias vias, quando uma época esteja preparada para as receber. Esta predisposição é um factor da mesma importância que as próprias influências e, se as novas ideias foram em parte oriundas do Oriente, a semente, caindo, não sobre terrenos estéreis, mas sobre um fundo neolítico de ascendência mais antiga, criou novas culturas de carácter essencialmente europeu. A aceitação de uma evolução da cultura megalítica alentejana sobre bases antigas não inclui o regresso à teoria da origem monogenética de toda a cultura megalítica em Portugal, problema,

aliás, de que hoje não pretendemos ainda tratar, no seu conjunto. As condições geológicas, no entanto, formaram ali a base para o desenvolvimento da estrutura mais típica do megalitismo. este tipo, já produto da confluência de várias correntes culturais, foi divulgado das costas atlânticas, na segunda época neolítica e na primeira época do bronze.

A inclusão no termo «sepultura megalítica» de formas arquitectónicas tão alheias à verdadeira construção megalítica, como, por exemplo, a gruta artificial e a sepultura de cúpula, desorienta as teorias sobre a origem monogenética ou poligenética dessa cultura. No momento em que estas diferenças construtivas forem separadas e ligadas a distintas bases culturais, só as ideias poderão ser monogenéticas, ao passo que a sua materialização pode ser poligenética.» (Leisner e Leisner, 1951, p. 183, 184).

Três passagens do que atrás se cita são essenciais para compreendermos algo do que, neste contexto, motivava os Leisner e, sobretudo, as razões da maneira como pensavam, e escreviam assim, em finais dos anos 40:

1. «...participação do povo neolítico em todas as construções megalíticas, mesmo nas grandes antas eneolíticas» — é uma passagem completamente incompreensível, a não ser que se admita a absoluta exogenia do Calcolítico na região, o que está longe de ser uma impossibilidade. E que se admita também a sobrevivência dos neolíticos, quando os calcolíticos chegam. E um complexo processo de aculturação. Não andamos aqui muito longe do que, décadas depois, Monge Soares escreveria, ainda que, naturalmente, de maneira muito diferente;
2. «...o aparecimento da forma poligonal da câmara, implicando a separação do corredor do conjunto sepulcral, tivesse dependido de novas influências exercidas sobre o fundo neolítico?» — seria uma boa observação, se as antas com Corredor curto e médio não fossem ainda neolíticas. E o certo é que, em muitos casos, elas são efectivamente anteriores ao III milénio...
3. «A aceitação de uma evolução da cultura megalítica alentejana sobre bases antigas não inclui o regresso à teoria da origem monogenética de toda a cultura megalítica em Portugal» — o que é também evidente, e o extenso trabalho de campo dos Leisner tinha largamente provado. Há, no megalitismo peninsular, ondas mediterrâneas e ondas atlânticas e não me parece que as falsas cúpulas dos *tholoi* tenham minimamente que ver com as falsas cúpulas irlandesas. Partilham técnicas e saberes claramente mediterrâneos. E quanto às construções ortostáticas, basta recordar a planta de Afife para perceber que o mundo atlântico não anda longe. É certo que uma galeria coberta não chega por si só para fundamentar um difusionismo atlântico, mas a arte fala por si e tem caminhos próprios. E falo aqui das gravuras em antas, não das pinturas da região de Viseu, que contém ingredientes distintos e muito provavelmente locais.

E, naturalmente, a estes três curtos comentários juntaria um outro, a propósito de uma curiosa passagem («No momento em que estas diferenças construtivas forem separadas e ligadas a distintas bases culturais, só as ideias poderão ser monogenéticas, ao passo que a sua materialização pode ser poligenética.»). Um raciocínio directamente derivado da filosofia alemã, e excelente por reunir o lógico e, indirectamente, o paradoxo, assim explicado na raiz. Com efeito, uma formulação teórica única, uma «ideia», pode ser concretizada, no campo da materialidade, através de vias diversas, por culturas «superiores» ou «inferiores», ainda que, no contexto histórico em que os Leisner escreviam, estas últimas tivessem derrotado as primeiras. Ou, pelo menos, as que assim se pensavam. Como já acontecera com Roma, aliás... Mas, como sabemos, hoje melhor que ontem, os conceitos de «superior» e «inferior» só têm o sustentáculo dos que pensam demasiado a direito (ou dos que não sabem ler Bourdieu). Não servem, na análise do processo his-

tórico. Os «neolíticos» não são «inferiores» aos «calcolíticos», apenas vivem de forma diferente (e, em algumas situações, possivelmente, melhor...).

O quanto se avançou a partir daqui é hoje evidente, ainda que se deva sobretudo sublinhar quanto tempo (e, sobretudo, trabalho de campo) foi necessário para se passar a fases seguintes.

Creio que o megalitismo acede muito mais rapidamente do que se pensava a uma fase de estabilização de arquitecturas simples. Não existem, afinal, com efeito, grandes diferenças entre a arquitectura das três antas da Herdade de Santa Margarida, como não existem entre elas e as antas do Piornal ou do Poço da Gateira ou mesmo dos Gorginos ou Vidigueiras. As grandes diferenças a nível de arquitecturas surgem separando os monumentos sem Corredor daqueles que têm Corredor curto e dos monumentos de Corredor muito longo, como Olival da Pega 2 ou, se admitirmos que algumas escavações ficaram incompletas (como aconteceu no *tholos* da Praia das Maças) em Olival da Pega 1, Passo 1 e Cebolinhos 1. Seja qual for a evolução do megalitismo e a definição cronológica dos seus componentes, logo que estão mobilizados conceitos base, como os de Câmara megalítica, Corredor de acesso, estrutura tumular simples, e estou convicto que isso acontece muito depressa, as combinações possíveis têm mais que ver com factores locais que com uma sequência cronológica específica. As implicações de esta proposição são muito maiores do que podem parecer a um leitor desprevenido: desvalorizam assumidamente a importância que alguns autores sempre atribuíram à arquitectura, apoiando consequentemente (para eles), por exemplo, frágeis teorias neo-evolucionistas disfarçadas, forjadas a partir de subtis variações das geometrias de Câmara. Penso exactamente ao contrário: só as grandes variações de concepção das estruturas devem ser retidas e a análise deve assentar sobretudo na variação que os conjuntos votivos e, eventualmente, os rituais fúnebres registam. O que não impede que sistematicamente se comparem uns e outros

QUADRO 50

Arquitecturas e artefactos-chave, todos os monumentos de Reguengos de Monsaraz com geométricos e (ou) placas de xisto e báculos, machados, enxós e goivas. Diâmetros calculados para o interior das Câmaras.

| Monumento | # | Esteios | Or | Cr | Cm (DlxDt) | Geom | Gv | M | E | PXG | BC |
|-----------------------------|-----|---------|-----|------|------------|------|----|---|---|-----|----|
| Azinheira 1 | | | | | | | | | | | |
| Barrocal 4 | 56 | | | | | | 1 | | | | |
| Belhoa 1 | | | | | | | 0 | | | | |
| Comenda 1 | 35 | 5? | | D | 3,5x3,8 | 0 | 0 | 0 | 0 | △ | 0 |
| Comenda 2 | 36 | 6 | 133 | 3 | 3,0 x 2,2 | 15 | 0 | 0 | 0 | △ | 0 |
| Comenda 2b | 36 | N/r | N/r | N/r | | | 0 | | | | |
| Duque 1 | 28 | | | | | | 1 | | | | |
| Farisoa 1 | 111 | 7 | 133 | 4 | 3,2 | 4 | 0 | 1 | 3 | △ | 0 |
| Farisoa 1b | 111 | N/r | N/r | N/r | | | 0 | | | | |
| Gorginos 2 | 128 | 7 | 150 | 1,1 | 2,0 x 2,7 | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| Gorginos 3 | 129 | 6? | 128 | 1,3 | 2,8x2 | 0 | 1 | 2 | 1 | 0 | 0 |
| Olival da Pega 1 | 50 | 7 | 122 | >8,6 | 4,0 x 5,6 | 5 | 0 | 1 | 1 | △ | △ |
| Olival da Pega 2a, Corredor | 51 | | | | | 0 | 0 | | | >9 | |
| Olival da Pega 2b Fase 1 | 51 | N/r | N/r | N/r | | 0 | 0 | 1 | 0 | 4 | |
| Olival da Pega 2b Fase 2 | 51 | | | | | 0 | 0 | | | >17 | |
| Olival da Pega 2d | 51 | | | | | 0 | 0 | | | >11 | |
| Passo 1 | 82 | 7 | 122 | >3,7 | 3,8 x 4 | 2 | 1 | 0 | 0 | △ | △ |
| Piornal 1 | 69 | 7 | 100 | 2,4 | 2,2 x 2,6 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| Piornal 2 | 70 | 6 | 108 | 1,9 | 2,4 x 2,2 | 3 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 |

QUADRO 50 [Cont.]

Arquitecturas e artefactos-chave, todos os monumentos de Reguengos de Monsaraz com geométricos e (ou) placas de xisto e báculos, machados, enxós e goivas. Diâmetros calculados para o interior das Câmaras.

| Monumento | # | Esteios | Or | Cr | Cm (DlxDt) | Geom | Gv | M | E | PXG | BC |
|-------------------|-----|---------|-----|-------|------------|------|----|----|----|-----|----|
| Piornal 3 | 71 | 7 | 110 | 2,6 | 4,6 x 3,2 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| Poço da Gateira 1 | 29 | 6 | 089 | 1,8 | 3,0 x 2 | 22 | 1 | 13 | 12 | 0 | 0 |
| Santa Margarida 1 | 32 | 6 | 122 | >2,4 | 2,6 x 2,6 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Santa Margarida 2 | 33 | 6 | 110 | 1,6 | 1,9 x 2,8 | 2 | 1 | 2 | 2 | 0 | 0 |
| Santa Margarida 3 | 34 | 7 | 130 | >2,33 | 2,9 x 3,0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 20 | 0 |
| Vidigueiras 1 | 125 | 7 | 150 | 2,6 | 3,0 x 4 | 11 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 |
| Vidigueiras 2 | 126 | 7 | 122 | 1,6 | 2,1 x 2,5 | 4 | 1 | 2 | 1 | 0 | 0 |
| Xarez 1 | | | | | | 0 | 0 | Δ | Δ | Δ | 0 |
| Totais | | | | | | 70 | 7 | 28 | 24 | | |

D: destruído Δ: presença não quantificada N/r: não relevante (trata-se de um *tholos*, anexo a uma anta)

* A goiva é referida por Georg e Vera Leisner como de origem provável neste monumento, tratando-se de espólio inventariado por J. L. de Vasconcellos em fins do séc. XIX. Considerando o tipo de selecção de materiais efectuado naquela época, seria incerta a presença de geométricos (poderiam não ter sido detectados), por isso mantemos a dúvida, que considero absolutamente improvável para placas de xisto e báculos, aqui com uma ausência aceite sem grandes reservas.

** Se não contarmos com o segmento que os próprios Leisner consideraram um acrescento posterior.

*** Registada pelos Leisner como Este – Sudeste.

Afinando agora paralelismos, a primeira das comparações possíveis aplica-se aos espólios do *tholos* OP-2b e STAM-3. Comparação provisória, uma vez que decorre ainda neste momento a contagem definitiva dos artefactos recolhidos no *tholos* bem como o estudo antropológico. Esperam-se correcções, talvez importantes, no número de indivíduos, e alterações, talvez ligeiras, na contagem de certos artefactos. Aqui, apenas o número das falanges polidas de *Cervus elaphus* foi corrigido, contando-se agora mais uma com a «cabeça» gravada e outra simplesmente polida.

QUADRO 51

Comparação de artefactos registados em STAM-3 e OP-2b.

| Registos↓ | STAM-3, Fase 1 | OP-2b, Fase 1 | OP-2b, Fase 2 |
|--|----------------|---------------|---------------|
| Número de indivíduos | 27 | >118 | >>>32 |
| Lâminas, lamelas | 13 | 107+>2 | 15 |
| Pontas de seta | 20 | 26 | 1 |
| Ponta de dardo | 0 | 1 | 0 |
| «Alabardas» | 0 | 2 | 0 |
| Alfinetes de cabelo | <13 | >63 | 0 |
| idem, de cabeça canelada | 0 | 1 | 0 |
| Contas de colar | 123 | 585 | 1 |
| Figuras zoomórficas | 0 | 1 | 0 |
| Cerâmica | >87 | 15 | 136 |
| Falanges polidas de <i>Cervus elaphus</i> | 0 | 5 | 0 |
| Falanges gravadas de <i>Cervus elaphus</i> | 0 | 2 | 0 |
| Placas de xisto gravadas | 20 | 3 | 32 |
| Artefactos de cobre | 0 | 0 | 1 (punhal) |

< inferior a > superior a >>> muito superior a (em ambos últimos casos, quantificações em curso)

• Por Fases 1 e 2 de OP2-b entendem-se os conjuntos de deposições funerárias efectuadas antes e depois do fogo de higienização e da construção de uma estrutura de fecho, na verdade um novo chão (pétreo) no monumento.

A aproximação de STAM-3 a outros monumentos do Grupo pode também ser feita através de três linhas comparativas: a que mobiliza as cerâmicas, a que mobiliza as placas de xisto gravadas e a que usa os reaproveitamentos tardios de monumentos.

1. *cerâmicas*: a percentagem crescente de formas abertas é um claro indício de uma tendência confirmada pelo radiocarbono. Enquanto o terceiro milénio avança, diminui a percentagem relativa das formas fechadas nos monumentos e aumenta a volumetria dos recipientes colocados como oferendas votivas. Os números de Poço da Gateira 1, um monumento admissivelmente do IV milénio, são significativos, comparados com os de STAM-3 ou CBS-2 (Gonçalves, 2003b);
2. *placas de xisto gravadas*: a presença de placas de xisto gravadas em apenas alguns monumentos sugere interpretações já discutidas. Basicamente, recorda-se que os monumentos em que a sua presença foi assinalada apresentam arquitecturas «evoluídas» ou, muito provavelmente, utilizações (ou reutilizações maciças) da primeira metade do III milénio;
3. *reaproveitamentos, com a mesma finalidade, de anteriores espaços funerários ortostáticos*: a situação deve ser vista com moderado entusiasmo. Com efeito, todos os espaços construídos, a não ser que sejam selados, camuflados na paisagem ou fiquem completamente desajustados territorialmente para populações subsequentes, constituem a maneira mais prática de se depositarem mortos. É o caso mais que conhecido das grutas naturais, mas também de antas, *tholoi* e grutas artificiais. As primeiras têm em STAM-3 um excelente exemplo. Os segundos são um caso clássico, pelo menos desde a revisão por Schubart do *tholos* do Monte do Outeiro. As terceiras, com Alapraia e S. Pedro do Estoril, representam outro exemplo clássico, particularmente pela reocupação daqueles espaços, e não falo apenas pelos utilizadores do vaso campaniforme.

Em Reguengos de Monsaraz, os casos da utilização em sequência do *tholos* OP-2b, dos reaproveitamentos da Câmara e do Corredor de OP-2 são evidentes. Casos como os de Xarez 1, e mesmo Olival da Pega 1, referem-se à complexa transição do IV para o III milénio, mas o exemplo de Cebolinhos 2 adequa-se, como vimos, em termos de cronologia absoluta, a esta permanência dos hábitos funerários megalíticos em populações que já não constroem monumentos ortostáticos.

7.6.3. Algumas considerações sobre o megalitismo do Sul de Portugal e STAM-3

Apesar da importância de STAM-3 no contexto da arqueologia do megalitismo do Sul de Portugal (e das inevitáveis situações paralelizantes com Badajoz e Huelva), não é ainda o momento para uma síntese cuja amplitude tornaria aqui despropositada a empresa.

Limitarei assim as referências comparativas a dois tipos de monumentos, antas «evoluídas» e tholoi e a regiões específicas, tratadas ou apenas referidas, por vezes, de uma forma muito genérica: Península de Setúbal, Alto e médio Alentejo; Extremadura espanhola; Ourique; Algarve Oriental; Huelva.

Apesar do evidente desequilíbrio produzido, detive-me mais prolongadamente no Algarve Oriental, objecto de uma revisão muito recente. De essa revisão («O Algarve Oriental no 4.º e 3.º milénios», texto que me foi encomendado para a exposição sobre a arqueologia de Tavira prevista para o Museu Nacional de Arqueologia em Julho de 2003), respiguei o que nos poderia ser útil em termos de comparação de situações.

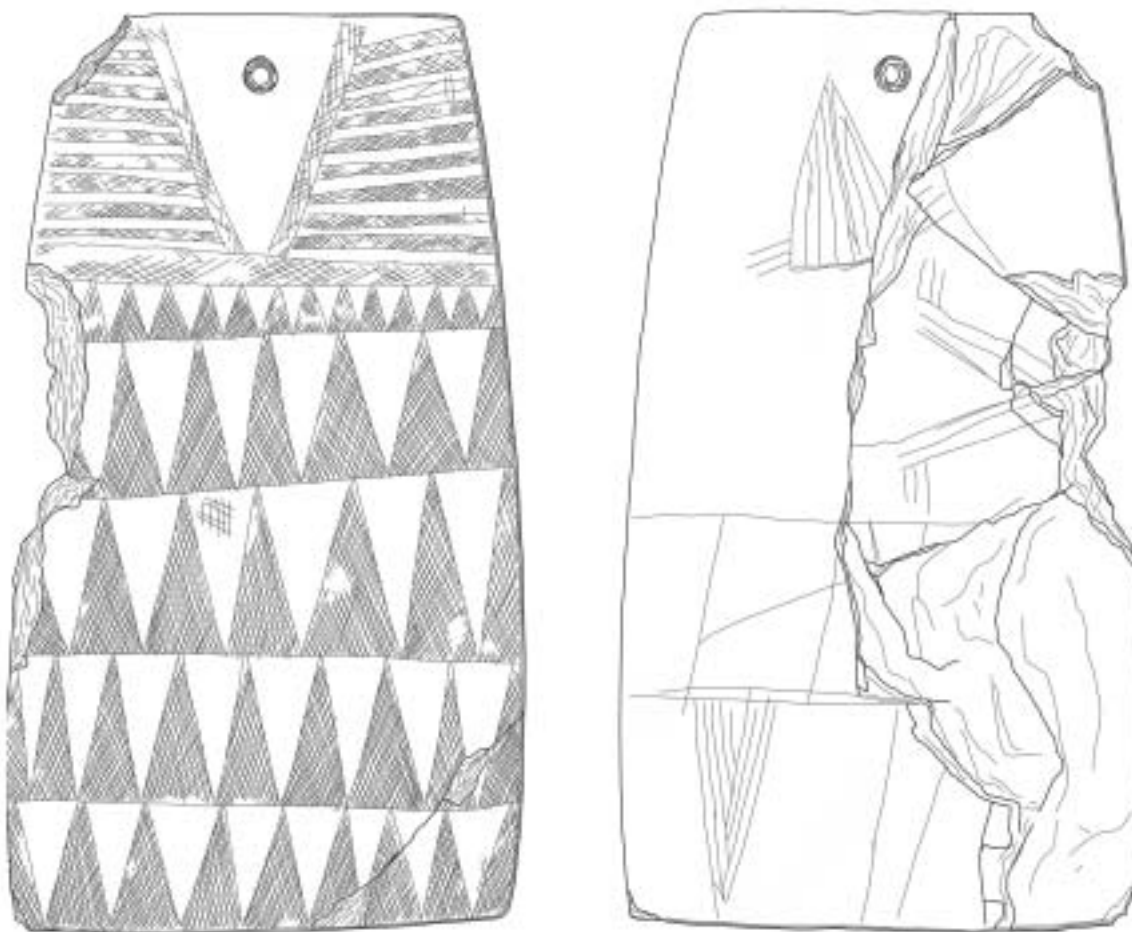
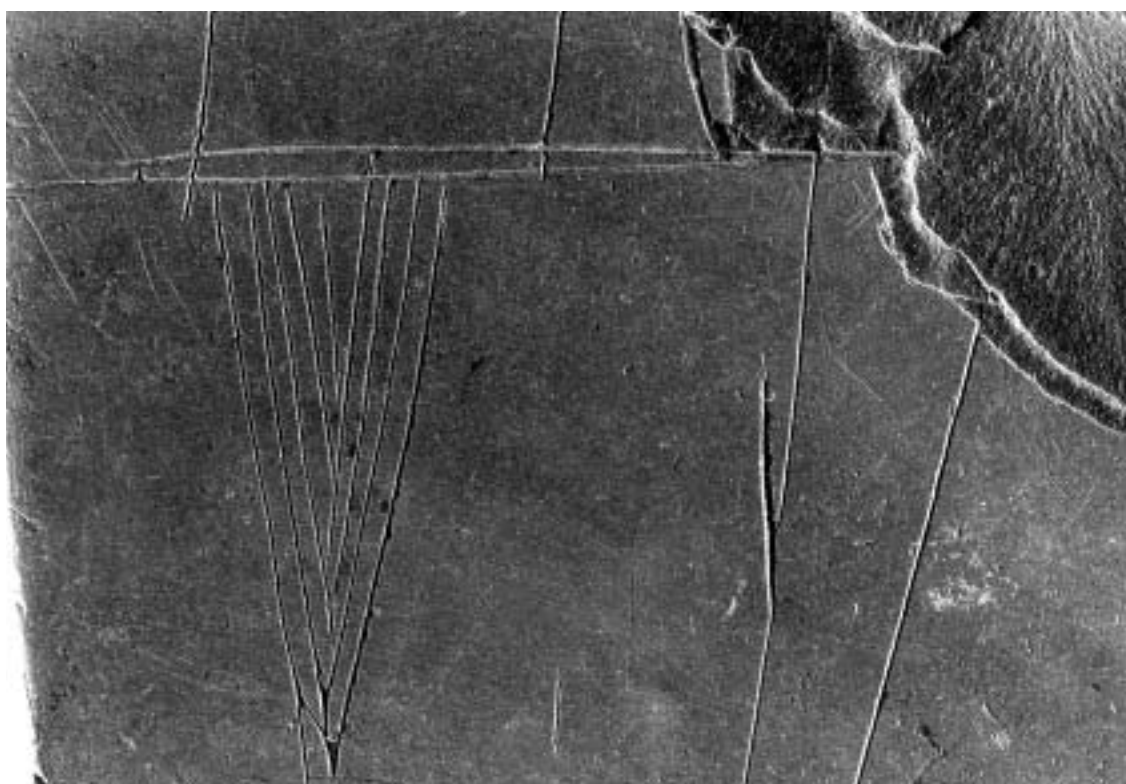
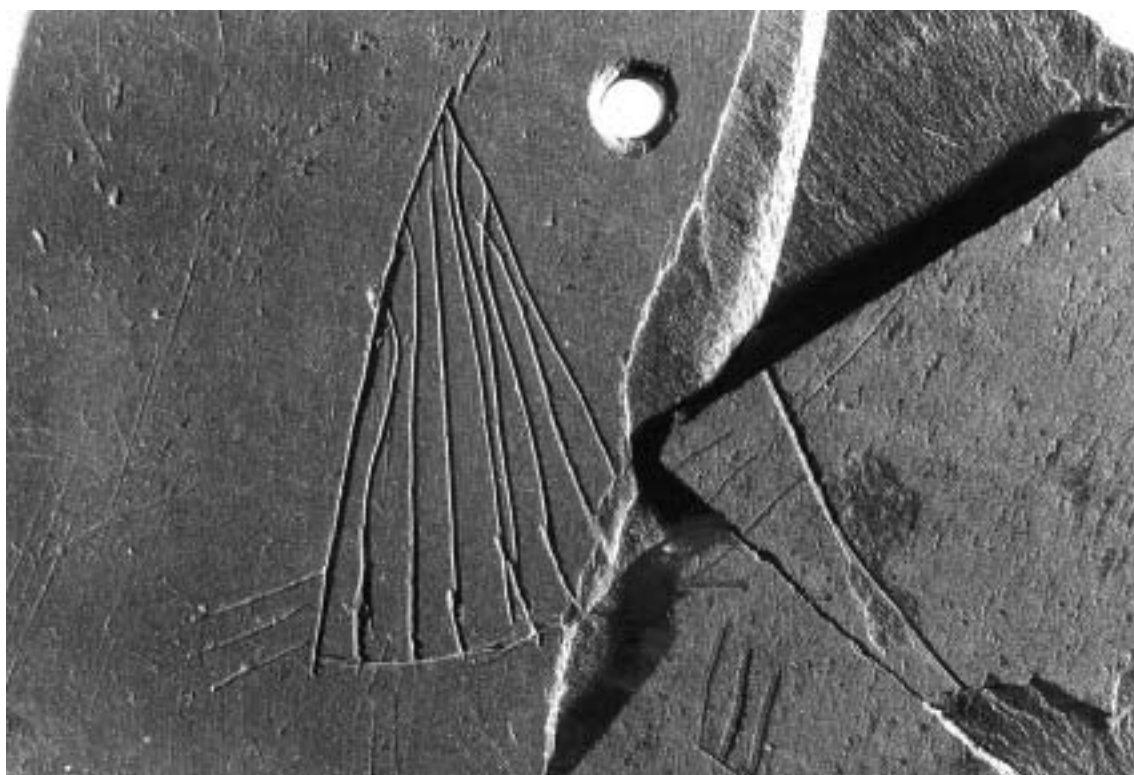


FIG. 108 – Triângulos finamente incisos e distribuídos de forma aparentemente aleatória no verso de uma placa proveniente do *tholos* OP-2d, anexo à Anta 2 do Olival da Pega (placa F.13-22+F.13-3+H.14-1, monografia em curso de preparação). Observa-se no verso da placa, cuja face é relativamente convencional, a mesma concepção técnica (que não estilística) detectada em alguns triângulos da placa J.8-667, de STAM-3. A placa de OP-2d tem uma altura ao centro de 14,9 cm e do seu desenho excluíram-se os traços considerados acidentais pós deposicionais. Nela, os triângulos ganham vida autónoma, tornando-se independentes de uma banda de enquadramento, sendo acompanhados na base por “bigodes” simétricos, gravados para as duas direcções terminais da base, horizontal no de cima e vertical (se tivesse sido desenhada) no triângulo inacabado que se lhe segue.



A Península de Setúbal

Na Península de Setúbal, uma gruta natural usada como necrópole colectiva, a Lapa do Bugio (Sesimbra) levanta as primeiras questões sobre a coexistência efectiva, em ambientes teoricamente selados, de componentes votivos bem diferenciados.

QUADRO 52

Lapa do Bugio (Sesimbra, Setúbal): 6 sepulturas com placas votivas de xisto num total de 10.

| Sp | pxg | tri | tra | psc | pst | «ig» | ccb | alf | tc | cd | ex | msc | mso | msq | gv | mtl | avc |
|----|-----|-----|-----|-----|-----|------|-----|-----|----|----|----|-----|-----|-----|----|-----|-----|
| 3 | ● | ● | ● | ● | ● | — | — | ● | — | ● | — | — | — | — | — | — | — |
| 4 | ● | ● | ● | ● | — | ● | — | ? | — | ● | — | — | — | ● | — | — | — |
| 5 | ● | — | ● | — | — | — | ● | — | — | — | ● | — | — | — | ● | — | — |
| 6 | ● | — | ● | ● | ● | ● | ● | — | ● | ● | — | — | ● | — | — | — | ● |
| 8 | ● | ● | ● | — | ● | — | ● | ● | ? | — | — | — | ● | — | — | — | — |
| 10 | ● | ● | ● | ● | ● | — | ● | ● | ● | — | — | — | ● | — | — | — | — |

- Sp: Sepultura
- tri: geométrico (triângulo)
- tra: geométrico (trapézio)
- psc: ponta de seta de base côncava
- psr: ponta de seta de base recta
- pst: ponta de seta de base triangular
- alf: alfinete de osso
- tc: taça carenada
- cd: cerâmica decorada
- ccb: conta de colar bitroncocónica
- ex: enxó
- msc: machado de secção circular
- mso: machado de secção oval ou elíptica
- msq: machado de secção quadrangular
- gv: goiva
- mtl: objectos metálicos (cobre)
- pxg: placas votivas de xisto
- ig: «ídeos de gola»
- avc: artefactos votivos de calcário («betilos»)
- ? : presença não confirmada.

Nas sepulturas da Lapa do Bugio, em 6 casos, temos associações de:

1. alfinetes de cabelo: 3 (4?)
2. artefactos votivos de calcário: 1
3. cerâmica decorada: 3
4. contas bitroncocónicas: 4
5. goivas: 1
6. «ídeos» de gola: 2
7. machado de secção oval: 3
8. machado de secção quadrangular: 1
9. pontas de seta de base côncava: 4
10. pontas de seta de base triangular: 4
11. taças carenadas: 2 (3)
12. trapézios: 6
13. triângulos: 4

As sepulturas 1, 2, 7 e 9, de onde as placas de xisto gravadas estão ausentes, apresentam interessantes associações artefactuais:

QUADRO 53

Lapa do Bugio (Sesimbra, Setúbal): 4 sepulturas sem placas votivas de xisto num total de 10.

| Sep | tri | tra | psc | pst | alf | ccb | ex | mtl | ig |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----|-----|----|
| 1 | — | ● | ● | ● | ● | — | — | — | — |
| 2 | — | — | — | — | — | — | ● | — | — |
| 7 | — | — | ● | ● | — | — | — | — | — |
| 9 | ● | ● | — | — | — | ● | ● | ● | ● |

De todas as sepulturas referidas, a 9 é sem dúvida a que coloca mais problemas de interpretação, uma vez que nela se encontraram associados triângulos, trapézios, contas de colar bitroncocónicas, uma enxó, um artefacto de cobre e um «ídolo de gola».

Outra referência poderia ser feita à sepultura 1, onde trapézios coexistem com pontas de seta de base côncava, triangular e alfinetes de cabelo...

Mais confuso, é impossível.

É certo que, um pouco mais a Norte, o espólio votivo de um outro monumento justificou uma reanálise e uma discussão prolongadas: a «câmara ocidental» do complexo funerário da Praia das Maças (Leisner et al., 1969; Gonçalves, 1995, 2002). Esse espólio incluía 9 lâminas de sílex, 84 pontas de seta de base triangular ou ligeiramente pedunculada, dois pequenos «cinzéis» de anfibolito e «xisto anfibólico», dois «alfinetes» de osso, com cabeças postiças lisas e quatro com cabeças caneladas, um pente votivo de osso, gravado e com orifício no centro do topo, para suspensão, 217 contas de colar de xisto e três de calcário, dois vasos cerâmicos, uma taça em calote de bordo ligeiramente exvertido e uma taça carenada com dois mamilos apareados sobre a carena, 12 placas de xisto e quatro fragmentos de outra(s), 10 com uma única perfuração e as restantes com duas. 11 estão decoradas com os característicos triângulos com o vértice para cima e uma com triângulos com o vértice para baixo.

Como sublinhei então, «Dos números que acabei de listar, poderia eventualmente concluir-se que o total de deposições da gruta artificial, ou «Câmara ocidental», não seria inferior a 12 e que, provavelmente, não ultrapassaria 16, o que não entra em colisão com os dados presumidos para outros monumentos do mesmo tipo. O mais importante, porém, não é aqui o número das deposições, *mas a natureza do material votivo ou dos artefactos que acompanhavam os mortos.*».

Assim, a mistura, em contextos que supomos fechados, de espólio culturalmente diversificado não se verifica apenas no Bugio — ou mesmo na Lapa do Fumo — mas também num monumento que se acreditou sempre ser uma situação específica, anterior à construção do grande *tholos* da Praia das Maças.

Alto e médio Alentejo

Uma das referências directas ao Alto Alentejo deriva naturalmente das eventuais semelhanças entre a placa J.8-667 e a placa proveniente da Anta 1 dos Cavaleiros, Ponte de Sor (Leisner e Leisner, 1953, Estampa 16, 18:11). Um pouco menor (19,8 cm, a acreditarmos na escala publicada nos *Megalithgräber*, contra 20,07 da placa de STAM-3), os motivos triangulares distribuem-se irregularmente por sete bandas e estão vazios. A proporção Cabeça – Corpo é também muito diferente (a Cabeça ocupa, em J.8-667, 41% da altura total e, na placa da Anta dos Cavaleiros, apenas 33%). A cabeça está vazia de motivos e os ombros não têm o mesmo preenchimento que em STAM-3. O verso não foi decorado. Fica, no entanto, uma ideia de proximidade relativa, o que não é infrequente nas placas recortadas com ombros oblíquos.

Évora é, naturalmente, uma região (e um Grupo megalítico) que, por muito próximo de Reguengos de Monsaraz, justificaria análise atenta, a explorar mais longamente aquando do estudo monográfico de OP-2. No entanto, a placa I.9-22 de STAM-3 é muito próxima da recolhida na Anta da Velada das Éguas (Pina e Carvalho, 1962, Est. XI, 31), levantando-se de novo a questão de «ateliers de autor», que produziriam placas para comércio ou, no mínimo, padrões decorativos homogêneos, transmissíveis por deslocação de artesãos ou trocas de mulheres (ou homens) dentro de esquemas «matrimoniais» exogâmicos.

Recentemente, iniciei o estudo das placas de xisto gravadas provenientes de monumentos como a Anta Grande do Zambujeiro, Antas 2 da Mitra, Loba, Cabacinheiros, e outras cujo espólio estava guardado no Museu de Évora. Trata-se de um número apreciável (várias centenas) e nesse conjunto vislumbram-se semelhanças e diferenças impressionantes em relação a



FIG. 109 – Placa recortada da anta Cavaleiros 1, Ponte de Sor (Leisner, 1959, T16, 18:11).

STAM-3 (e em relação ao próprio Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz...). Talvez uma das mais óbvias diferenças seja a ausência das placas CTT (Gonçalves, 2003a) em Reguengos de Monsaraz. Mas também as diferenças e semelhanças registadas nas placas recortadas. Ou mesmo na tipologia dos triângulos preenchidos. Ou ainda no tratamento dos Separadores Cabeça – Corpo, particularmente quando eles atingem certas espessuras.

Um dia, possivelmente distante, em que seja possível uma síntese que abranja o Alentejo inteiro, talvez se escreva que é aqui, no eixo Montemor – Évora – Reguengos que nascem e florescem as placas de xisto gravadas. O que explicaria o número elevado, por si só ou por volumetrias de monumentos, e as semelhanças e diferenças, talvez mais enganadoras que reais.

Extremadura espanhola

Os trabalhos de Primitiva Bueno e Jorge de Oliveira contribuíram para uma visão mais completa da realidade referente a esta área, outrora insuficientemente estudada. Mas a verdade é que, se paralelismos existem em todas as épocas, é no equipamento dos *tholoi* que se encontram as maiores similitudes. E cabe aqui um sentido lamento pelo que tem acontecido com Huerta Montero, um monumento da maior importância, em termos de comparativismo artefactual, e mesmo de sequência de utilização, e sobre o qual continuamos a não ter uma leitura compreensiva.

No entanto, as sugestões que podem ser avançadas sobre possíveis interpretações seriam inadequadamente extensas para esta monografia. A este tema regressarei, a propósito dos conjuntos da Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato). E com redobrada razão: os conjuntos de Valência de Alcântara e Cedillo parece estarem conectados preferencialmente ao Alto Alentejo que ao Alentejo médio. Mas há que rever os conjuntos de uma forma integrada, para que seja possível afirmá-lo definitivamente.

Ourique

A placa I.9-22 de STAM-3 é impressionantemente idêntica a outra recolhida em 1957 no *tholos* de Monte Velho, Ourique (ver Fig. 124:1 e 2). Apenas ligeiramente maior (pouco mais de 1 cm de diferença), e com um formato geral traduzindo provavelmente um talhe distinto da matéria suporte, tanto a organização dos motivos da Cabeça como do Corpo correspondem a uma mesma paginação, sendo legítimo interrogarmo-nos sobre se se trata ou não de um mesmo autor, situação já referida a propósito da placa da Anta da Velada das Éguas (Évora).

Em termos gerais, os monumentos evoluídos de Ourique, e particularmente os *tholoi*, estão insuficientemente estudados e a rapidez com que foram escavados não beneficia uma interpretação quanto aos ritos fúnebres.

Mas a distância para com STAM-3 está longe de ser excessiva para que se vislumbrem similitudes formais entre artefactos.

O Algarve Oriental, encruzilhada de caminhos megalíticos

O Algarve «litoral»: Nora e Marcela

Nora (Estácio da Veiga, 1886, p. 248-257, Gonçalves, 1989, p. 69) era um espaço trapezoidal alongado, com 8,2 m. de comprimento e 2,2 m. de largura à cabeceira. Desconhece-se como seria a cobertura, mas é natural que fosse constituída por lajes ou por uma estrutura de madeira, hoje é impossível dizê-lo. Supôs o escavador que apenas seria pavimentado no acesso, onde tal se registou, sendo o restante chão de terra compactada, o que também suscita reservas. Intensas violações, talvez mesmo ainda em tempos pré-históricos, destroçaram parte do monumento e do seu espólio. De entre o conjunto recolhido, salientam-se pontas de seta próximas dos tipos alcalarenses, placas de xisto com decoração geométrica, uma cabeça de alfinete de osso, canelada, machados e enxós, e uma tampa discoidal de marfim, finamente trabalhada.

Um conjunto artefactual típico do III milénio, muito provavelmente ainda da sua primeira metade.

Quanto a Marcela (Estácio da Veiga, 1886, p. 257-277; Gonçalves, 1989, p. 69-72), o conjunto é complexo e não é claro que tenha sido construído de uma única vez, sendo provável a existência de acrescentos posteriores à feitura da Câmara e do curto Corredor. Teria sido, assim, prolongado em momento subsequente por um Corredor-Câmara muito semelhante ao monumento de Nora. De acordo com a planta e a descrição disponíveis, o monumento integrava uma Câmara circular de 13 esteios, com um diâmetro aproximado de 3.4 m. no eixo S/N, prolongada por um curto Corredor (ou átrio?) fórmula 1+1, separado por uma porta de uma Câmara-Corredor muito alongada.

Comparando as plantas dos monumentos de Nora e Marcela (Estácio da Veiga, 1886, Est. XII, 248/249), a primeira observação é a de que um monumento tipo Nora foi acoplado ao curto Corredor de um monumento megalítico evoluído. E, como veremos, uma análise do espólio parece confirmar esta hipótese.

Outro aspecto importante reside no facto de a Câmara, que era pavimentada, ter sido objecto de uma compartimentação abrangendo pouco mais de um quarto da sua área. Obtiveram-se assim três compartimentos, o primeiro rectangular, triangular, e mais pequeno o segundo, grosseiramente pentagonal o terceiro, todos colados entre si e à parede interna da Câmara. A Câmara apresentava ainda na sua parte central uma laje arredondada, sobre a qual tinha sido depositado um vaso (Estácio da Veiga, 1886, XVII, 2), globular, cheio de terra, lascas de sílex, fragmentos de lâminas também de sílex, e algumas pontas de seta, uma das quais (Estácio da Veiga, XVII, 2) tipicamente alcalarense. O maior dos compartimentos continha também um conjunto homogéneo, incluindo ponta de seta alcalarense (Estácio da Veiga, XVII, 3), núcleos de lamelas em quartzo hialino, cerâmica, uma placa de xisto com decoração geométrica, gravada de ambos lados (o que, não sendo inédito, é, pelo menos, infrequente), blocos de corantes vermelhos e algumas poucas valvas de animais marinhos, para além de ossos humanos.

Nesta colecção, em que o metal não está representado, há que sublinhar a plaquinha de marfim, com pequenos quadrados sobressaindo em campo liso, possivelmente um adorno, uma vez que a sua função como «pintadeira» parece excluída pela fragilidade da matéria prima tão finamente talhada.

Outros artefactos recolhidos, para além das placas de xisto com decoração geométrica, seriam machados, percutores, uma ponta de seta transversal e duas pontas de dardo ou «alabardas».

De novo, um conjunto artefactual típico do III milénio, talvez também ainda da sua primeira metade.

Os dois monumentos a que se acaba de fazer sumária referência são, de facto, distintos. A propósito do de Marcela tornou-se habitual classificá-lo como um *tholos* e não é de todo

impossível que o monumento original o tivesse sido. Mas a interpretação da galeria que a ele se anexa levar-nos-ia a crer, sem dificuldade, num posterior acrescento. Estivessem ambos intactos, e fosse correcto o registo, seria particularmente interessante a comparação do espólio da segunda metade do monumento de Marcela com a galeria de Nora.

Quatro aspectos importantes parecem de concluir, após a análise dos artefactos votivos e das suas localizações grupadas:

1. em Marcela registam-se padrões muito pouco conhecidos no megalitismo, nomeadamente cuidadas compartimentações do espaço funerário e uma área central com traços de um ritual funerário específico;
2. as placas de xisto, comuns no Centro e Sul de Portugal, estão aqui representadas por excelentes exemplares e não pelos reaproveitamentos observados em Alcalar;
3. a presença do marfim, documentado por artefactos de soberbo acabamento, chama mais uma vez a nossa atenção para a função «de prestígio» de algumas oferendas votivas. Aqui, mais que em Alcalar, há que discutir a proveniência directamente africana deste marfim, a utilização eventual de matéria fóssil e ainda a outra origem possível para ele, a andaluza;
4. a defendermos que Marcela foi construída por duas vezes, estaríamos perante dois grupos cronológico-culturais. Não me repugna esta hipótese, mas não me parece que, assim sendo, uma grande distância exista entre eles, tal é a relativa homogeneidade dos materiais.

A semelhança das cerâmicas de estes dois monumentos com as de STAM-3 só podem ser explicadas por uma partilha artefactual detectável nas comunidades do Sul peninsular (e não apenas do Extremo Sul) de conjuntos utilitários que correspondem a usos comuns e a formas talvez com uma origem idêntica de os resolver. A evolução artefactual do Sul Peninsular, de Los Millares até à Península de Lisboa, é um facto que tem linhas estruturais muito semelhantes e adaptações regionais de ideias integradas originalmente num fundo comum.

O Alto Algarve Oriental

A Anta das Pedras Altas (Gonçalves, 1989, p. 337-340) encontra-se situada num alto cerro, perto do Monte da Mealha, num dos muitos «becos» da Serra: nenhum acesso era possível, aquando da escavação, a não ser a pé. O monumento foi violado nos anos 40, por habitantes do Monte da Mealha, e escavado até às fundações dos esteios.

Trata-se de um monumento de planta piriforme, orientado a Nascente, com alguns esteios deslocados aquando da violação.

Os esteios, em número total de 12, estavam ainda parcialmente cobertos no que poderia ter constituído um Corredor, indiferenciado na planta.

Dois esteios terminais, apareados, estavam separados dos restantes por uma estrutura semelhante à que se observa em alguns monumentos megalíticos alentejanos para separar a Câmara do Corredor. No chão da Câmara, encontraram-se duas pedras em forma de tronco de cone grosseiro, podendo tratar-se de algo semelhante ao que foi registado para alguns monumentos do Algarve Ocidental (Alcalar).

Admiti, inicialmente, que se pudesse ter tratado de uma anta de 7 esteios e Corredor, mas poderíamos também estar perante um monumento de planta tão irregular que escaparia a qualquer classificação.

Foram recolhidos os seguintes artefactos: uma enxó, grosseiramente afeiçoada, em xisto muito degradado; um fragmento de lâmina de sílex, um grande fragmento de lâmina (extremi-

dade proximal e mesial), de xisto, sem retoque, mas com sinais de utilização, duas lamelas de sílex e outra de quartzo hialino, cinco pontas de seta de base côncava de sílex, uma de quartzo leitoso, outra de base côncava, de quartzo hialino, nove geométricos de sílex, retocados (quatro trapezoidais, três triangulares, um segmento), um microburil, de sílex, esquirolas de quartzo e sílex, 14 contas de colar, de pedra verde: discóides achatadas, bitroncocónicas abatidas, cupiformes e tubular curta, um cristal de quartzo hialino, intacto, uma valva de *Cerastoderma edule*, recortada.

O conjunto dos artefactos recolhidos na Anta das Pedras Altas levanta questões que ultrapassam a limitada fiabilidade que as condições de recolha possam assegurar.

Enumerarei apenas três:

- 1 - contemporaneidade das pontas de seta e do grupo geométricos/microburil;
- 2 - presença de adornos de pedra verde;
- 3 - uso votivo do cristal de quartzo hialino.

A primeira questão tem duas respostas alternativas:

- 1 - geométricos e microburil traduzem um primeiro enterramento, provavelmente contemporâneo da construção do monumento, sendo as pontas de seta parte de uma deposição votiva posterior;
- 2 - os artefactos são parte de um mesmo conjunto funerário.

Ainda que a planta quase piriforme do monumento não permita distinguir claramente um Corredor, o eixo da estrutura, lido a partir da pedra de cabeceira para abertura de acesso, é de 130 graus.

Apesar das conhecidas presenças de geométricos em ambientes do Neolítico «final» e do Calcolítico, o tipo muito evoluído das pontas de seta levou-me, de início, a considerar mais provável a primeira das hipóteses, existindo assim, pelo menos, dois enterramentos diferenciados.

A presença de adornos de pedra verde não é, em si, polémica, mas representa o aparecimento de esta (relativamente) rara matéria prima muito longe dos seus pontos de ocorrência conhecidos, o mais perto dos quais seria o alto-alentejano. Traduziria, assim, redes de troca que a transumância poderia facilmente explicar.

Finalmente, o cristal de quartzo hialino: é um objecto votivo que encontramos em monumentos do Neolítico evoluído de Monchique. O seu valor deriva da relativa raridade e da procura desta matéria prima para a feitura de lamelas e pontas de seta, frequentes em contextos funerários, mas também em povoados calcolíticos como Santa Justa.

A Anta do Curral da Castelhana, ou Anta da Castelhana (Gonçalves, 1989, p. 340-342), localiza-se nas imediações das Alcarias de Pedro Guerreiro, quase na linha de separação entre os actuais concelhos de Tavira e Alcoutim. É uma anta de 7 esteios na Câmara, com Corredor provavelmente de 3 + 3 (faltam 2 destes esteios). A Câmara estava repleta de pedras provenientes das despedregas dos campos vizinhos. Diâmetro: 2,72 m. Corredor curto, com cerca de 2,6 m. Esteios de Câmara apoiados directamente no xisto degradado, regularizado para o efeito.

Recolheram-se nesta anta dois conjuntos de artefactos, um na Câmara, outro no Corredor.

Na Câmara, três placas, duas de xisto, uma das quais decorada com os típicos triângulos preenchidos, outra de grauvaque, espessa, trapezoidal, não decorada, uma lâmina fragmentada, um recipiente cerâmico de forma compósita, corpo esferoidal e colo alto, típico de conjuntos dos últimos séculos do IV milénio e dos primeiros do III, um machado, «escondido» entre os esteios de topo 5 e 6, de corpo cilíndrico e secção circular, vaso esférico achatado, com mamilos de prensão comprimidos e com traços de impressão de corda na horizontal.

No Corredor, duas placas de xisto decoradas e dois fragmentos de recipientes cerâmicos

Uma única observação, resumindo a problemática que os dois conjuntos levantam: as placas de xisto indiciam uma descida para Sul dos conjuntos próprios ao megalitismo alentejano ou são uma manifestação local?

Analisando os recipientes cerâmicos reconstituídos, não nos ficam dúvidas sobre a sua filiação calcolítica e não estranharíamos vê-los num *tholos*, por exemplo, ainda que tal seja sobretudo nítido para o exemplar recolhido no Corredor. No entanto, a mesma questão que as Pedras Altas levantava permanece: duas fases de ocupação ou uma só. Parece-me que estamos perante uma sepultura de «pastores megalíticos», contemporâneos do Calcolítico, e que a presença de um conjunto tão significativo poderá eventualmente traduzir a existência de um território específico, interferindo eventualmente com o dos metalurgistas.

Se acreditarmos na costumada associação uma placa de xisto/um enterramento, teríamos a probabilidade de um mínimo de quatro deposições funerárias nesta anta. O agrupamento dos materiais deixaria entender que duas poderiam ter sido efectuadas na Câmara e outras duas no Corredor.

Quanto ao *tholos* da Eira dos Palheiros (Gonçalves, 1989, p. 342-346), o monumento foi construído na extremidade de um cerro, dominando um meandro da ribeira da Foupana, não o mais alto, mas com uma excelente perspectiva em duas direcções.

Aquando da sua descoberta, o *tholos* da Eira dos Palheiros apresentava-se com o aspecto de um círculo de pedras cujo topo era apenas, e nem em todos os casos, só muito ligeiramente emergente. Após o arranque da vegetação típica daqueles solos esqueléticos, tornou-se visível o traçado do Corredor. O monumento foi construído a partir de uma Câmara circular, tipo poço, escavada no solo e revestida com grandes placas de xisto rectangulares, o todo coberto por uma falsa cúpula. Corredor ortostático. Trata-se de um conjunto que evoca os monumentos deste tipo comuns no Baixo Alentejo (Ourique, Aljustrel), orientado, ainda que com pouca precisão, a Sudeste. É um monumento do que costumo referir como um *tholos* de tipo alentejano – extremo – andaluz, um tipo diferente dos reconhecidos na Península de Lisboa.

Em primeiro lugar, as *pontas de seta*: em 10, nove são de base côncava, a restante de base recta. Talhe calcolítico, retoque idêntico ao identificado nos exemplares do Cerro do Castelo de Santa Justa, maioritariamente parcial, em alguns casos marginal e cobridor.

A pedra polida está representada por um fragmento distal e mesial de uma enxó, de secção ovalada. Uma placa grosseiramente afeiçãoada parece imitar uma alabarda.

É, no entanto, a cerâmica que oferece uma maior margem de comentário, uma vez que todas as formas são comuns no Cerro do Castelo de Santa Justa. São elas:

1. um prato, como se sabe forma não muito comum em monumentos funerários calcolíticos, ainda que bem documentada em Alcalar, nas antas de Reguengos e na Segunda Fase do Monte Novo dos Albardeiros;
2. um recipiente esferoidal, também incomum nestes contextos;
3. duas taças em calote (fechadas);
4. um recipiente de forma inclassificável.

Em conclusão, diria que todos estes artefactos são indiscutivelmente calcolíticos e que a associação de este monumento ao povoado do Cerro do Castelo de Santa Justa parece pouco contestável, mas não é certa, podendo referir-se como necrópole de um grupo ainda mais pequeno.

Acrescentaria ainda, a terminar, que um máximo de dois enterramentos teria sido feito neste monumento, o que o coloca em vivo contraste com outros *tholoi*, normalmente monumentos colectivos, e mantém aberta a questão da localização da necrópole do Cerro do Castelo de Santa Justa.

Os três monumentos da Serra que forneceram evidências artefactuais são imediatamente divisíveis em dois grupos, sendo indiscutível o carácter evoluído do conjunto da Eira dos Palheiros.

Pedras Altas e Curral da Castelhana não são também casos de classificação fácil: se recolhi, na anta do Curral da Castelhana, artefactos que, por tradição, consideramos pré-calcolíticos, não posso deixar de referir que há hoje provas da contemporaneidade ou mesmo da filiação calcolítica de placas de xisto com decoração geométrica. E os meus próprios trabalhos, nos últimos anos, disso trouxeram provas evidentes (antas 2 e 3 da Herdade de Santa Margarida e Complexo megalítico do Olival da Pega 2, no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz).

Haveria lugar para aceitarmos uma primeira fase com geométricos e uma segunda com pontas de seta para o caso da Anta das Pedras Altas? tal possibilidade, enquanto possibilidade, deverá, apesar de tudo, ser registada. Mas não se vê que seja possível prová-la sem outra discussão. A ausência de placas de xisto com decoração geométrica neste monumento também não deve ser considerada obrigatoriamente como sinal de arcaísmo ou antiguidade: nos contextos megalíticos tardios, a presença de placas é registada irregularmente e nos monumentos das necrópoles de Monchique a presença de placas é uma excepção numericamente insignificante. Também nos restantes monumentos do Algarve tal presença é mínima, sendo mesmo alguns dos exemplares identificados formalmente diversos dos padrões «clássicos» do Alentejo.

Na Anta do Curral da Castelhana, e apesar de algumas dúvidas sobre o tipo de remeximentos que o monumento teria sofrido, os artefactos recolhidos na Câmara e o machado «escondido» entre os esteios parecem possíveis de atribuir a um contexto desconhecido nos povoados calcolíticos, onde são já infrequentes os machados de corpo cilíndrico e raras são as placas rectangulares espessas não decoradas (ver o caso de MV2). Mas o restante espólio, ainda que provavelmente contemporâneo do Calcolítico, pode não ter directamente a ver com ele, não sendo impossível que se refira a outras populações, talvez mesmo àquelas cujos lugares de habitação indetectados tenham traduzido a ameaça que as fortificações do Cerro do Castelo de Santa Justa e a própria implantação dos povoados calcolíticos denunciam. Não parece hoje criticável uma posição que defendesse a existência do megalitismo do Algarve (quero dizer: dos monumentos que nele hoje conhecemos) como um epifenómeno do megalitismo baixo-alentejano (no caso do Alto Algarve Oriental) ou do andaluz (no que se refere aos monumentos evoluídos do litoral). Tal explicaria as estruturas e os espólios, por vezes incluindo artefactos que poderiam representar imitações de protótipos exógenos (caso das placas de xisto provavelmente reaproveitadas de Alcalar).

A Serra algarvia, e mais concretamente o Alto Algarve Oriental, transcreve esta situação, ainda que a análise formal das placas de xisto decoradas geometricamente evidencie o seu «classicismo» e denuncie o óbvio, a proximidade com Huelva e com o Baixo Alentejo, de onde provavelmente são provenientes.

Em relação às antas da Herdade de Santa Margarida, seria tentador aproximar uma eventual primeira fase da Anta das Pedras Altas a STAM-2 e tudo o restante de STAM-2 e STAM-3. Mas o que é igual é muitas vezes diferente, pelo que é necessário esperar para ver o que outros monumentos nos reservam.

Huelva

A informação de base sobre os monumentos de Huelva continua a ser a de Cerdán Márquez, Leisner e Leisner (1952), à qual se acrescentam estudos mais recentes, como os de Rosario Cabrero.

Os monumentos de Huelva são, como já tive oportunidade de sublinhar (Gonçalves, 1992a), muito diferentes sob o ponto de vista da arquitectura dos de Reguengos de Monsaraz. Contudo, as similitudes artefactuais são verdadeiramente impressionantes e continuo a não hesitar sequer

quando falo de contactos muito significativos nos últimos séculos do IV milénio e, sobretudo, na primeira metade do III, traduzindo a reactivação (se é que alguma vez eles estiveram inactivos) dos antigos caminhos neolíticos entre a Andaluzia e as Penínsulas de Setúbal e Lisboa.

Sob o ponto de vista puramente artefactual, creio que valerá a pena comentar alguns breves itens, seguindo a própria sequência usada em STAM-3.

No que se refere à pedra lascada, a primeira observação diz naturalmente respeito a uma questão que discuti por diversas vezes (1989a, 1992, 2002), a da presença de geométricos em estruturas megalíticas. Presentes em STAM-2, absolutamente ausentes de STAM-3, eles estão representados em vários monumentos de Huelva, nos sepulcros de planta incomum de El Pozuelo (Câmaras esquerda e direita de El Pozuelo 1, El Pozuelo 2 e 3, aqui acompanhados por pontas de seta de base côncava e fragmentos de placas de xisto gravadas, El Pozuelo 4, 5, 7), mas praticamente ausentes de *tholoi* como La Zarcita, onde apenas foi identificado um trapézio.

Os núcleos, lascas e artefactos nucleiformes não são infrequentes, mas estão ausentes informações significativas sobre a presença de restos de talhe e matérias primas. As lâminas são aparentemente mais numerosas que as lamelas; as pontas de seta resumem-se aos modelos de base côncava, alguns próximos dos tipos alcalarenses.

A raridade da pedra polida é significativa no *tholos* de La Zarcita (apenas três enxós?), mas, nos monumentos ortostáticos, estão presentes machados, enxós e goivas, por vezes em colecções que incluem placas de xisto gravadas, o caso de El Pozuelo 6.

Os artefactos para adorno pessoal estão representados por contas de colar, tanto discóides como bitroncocónicas e bitroncocónicas abatidas. Registadas em monumentos como El Pozuelo 1, 2, 3, 4, 5, 7, ainda que com números baixos e formas por vezes irregulares.

Mas é sem dúvida nas cerâmicas que se encontram as mais estreitas afinidades entre STAM-3 e o Grupo megalítico de Huelva, tanto a nível das formas abertas como das formas fechadas.

Na análise dos conjuntos oriundos do complexo megalítico Olival da Pega 2, estas similitudes estão, porém, muito mais visíveis, sobretudo pelo facto de o número de recipientes reconstituíveis (e o seu estado de conservação), ser muito superior ao de STAM-3.

As placas de xisto gravadas recolhidas nos monumentos de Huelva serão objecto de uma análise exhaustiva aquando do estudo monográfico sobre o complexo megalítico Olival da Pega 2. No entanto, queria chamar desde já a atenção para algumas delas:

QUADRO 54

Placas de xisto em monumentos de Huelva. Uma primeira leitura.

| Monumento | Referência | Estampa | Motivo dominante | Observações |
|---------------------------|---------------|---------|--|-----------------------------|
| Los Gabrieles 2 | Cabrero, 1978 | 5: 1 | Triângulos | Placa CTT |
| Los Gabrieles 2 | Cabrero, 1978 | 5: 2 | Olhos de Sol tipo círculos concêntricos, o exterior raiado | Verso penta compartimentado |
| Martín Gil | Gómez, 1978 | 1 e V | Triângulos, Olhos de Sol | Verso com moldura |
| Martín Gil | Gómez, 1978 | 1 | FZ em campo aberto | Limite inf: FZ+Triângulos |
| Martín Gil | Gómez, 1978 | 3 | Triângulos | Cabeça triangular clássica |
| Pozuelo 6 | Cerdán...1952 | XXIV: 2 | Triângulos | Placa CTT |
| Pozuelo 7 | Cerdán...1952 | XXVI: 1 | Triângulos | Síndrome das Placas Loucas? |
| Pozuelo 7 | Cerdán...1952 | XXVI: 2 | FZ compartimentadas | Sobrancelhas duplas |
| Pozuelo s/n | Cerdán...1952 | XVI: 18 | OS simples | |
| Pozuelo s/n | Cerdán...1952 | XVI: 21 | FZ em campo aberto | Divisória Cabeça alta |
| San Bartolomé de la Torre | Cerdán...1952 | XL: 1 | Moldurada | |

OS: Olhos de Sol. FZ: faixas zigzagueantes. Placas CTT: ver Gonçalves, 2003a.



FIG. 110 – Placas de Évora (Anta Grande do Zambujeiro) e Huelva (El Pozuelo), sendo evidente a extraordinária semelhança de ambas. Situação igualmente verificada para algumas placas CTT e mesmo para o tipo de Olhos de Sol registado em algumas delas. Placa de Évora segundo trabalho em curso de preparação. Placa de Huelva, segundo Márquez, Leisner e Leisner, 1952, XVI, 21.

7.7. A cronologia absoluta e as leituras possíveis

De algum modo, este estudo monográfico sobre STAM-3 poderia ter começado com o tempo, com os anos de calendário obtidos para os diversos momentos datáveis da sua história de cinco mil anos e não seria ilógico que terminasse da mesma forma. E a cronologia que abordei apenas na segunda parte constitui realmente a coluna vertebral de uma história, para o III milénio em outros pontos melhor contada (nos povoados fortificados, por exemplo).

De qualquer forma, o que se conclui dos tempos comparados para os espaços da morte das antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz, confrontados com os poucos elementos que temos sobre as cronologias dos habitats, é relativamente simples:

1. na primeira metade do III milénio, mais concretamente nos seus primeiros séculos, coexistem dois processos de construção «megalítica»: ainda os monumentos ortostáticos e os *tholoi*;
2. ambos tipos de monumentos contêm itens artefactuais, simbólicos ou não, que não são contrastantes, ainda que partilhem ausências e presenças diferenciadas e se distingam também por divergências pontuais. O que significa que, em inícios do III milénio, se encontram no campo dos espaços da morte diferentes conjuntos, mas não suficientemente diferentes para que sejam estranhos;
3. coincidindo com as datas obtidas para os monumentos funerários, temos, até ao momento, apenas as datações obtidas para TESP-3 (Gonçalves, 1990-91, 1995a e inédito) e Monte Novo dos Albardeiros (1988-89 e 1989a), respectivamente um povoado aberto, muito provavelmente com fossos, e um povoado fechado. No primeiro, as taças carenadas dominam, no segundo nem um fragmento foi recolhido em qualquer uma das duas fases reconhecidas;

4. TESP-3 e a primeira fase do Monte Novo dos Albardeiros coincidem temporalmente, ainda que o intervalo de tempo obtido para este último sítio seja maior, e no entanto a diferença entre as culturas materiais dos dois sítios é considerável. Mas considerável porquê? Pelas taças carenadas? Pelos diferentes tipos das raras cerâmicas decoradas? Talvez mais pelo diferente processo de proteger os sítios — com estruturas negativas num caso (os fossos) e positivas no outro (as fortificações com muralhas e torres ocas);
5. de qualquer forma, se várias vezes sublinhei (1995a, 2002, 2003c) que as taças carenadas não podem por si só servir de referência absoluta para estabelecer fronteiras culturais, não é menos verdade que a leitura quantitativa e qualitativa dos conjuntos não deixa de ter um significado específico;
6. Reguengos de Monsaraz é um território singularmente homogéneo sob o ponto de vista dos recursos hídricos, geológicos e de potencialidade de uso dos solos (Gonçalves, 1992, mapas 4 – p. 114; 3 – p. 113; 5 – p. 115), mas a existência de outras informações, contraditórias de esta homogeneidade, a nível da microanálise, determinam outras leituras;
7. com efeito, a distribuição da mancha dos monumentos megalíticos não é uniforme no que se refere à sua associação aos principais povoados de fins do IV e da primeira metade do III milénios (Gonçalves, 1992, mapa 16 – p. 137). O vazio que parece rodear o povoado dos Perdigões não encontra similitude visível, considere-se a distribuição dos monumentos megalíticos em torno ao Monte Novo dos Albardeiros ou ao Castelo do Azinhahinho;
8. no entanto, a vasta mancha de povoamento detectada, e de que apenas se conhece uma parte (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Gonçalves e Sousa, 1997a, 2000), permite dúvidas sobre se todos os monumentos megalíticos se relacionariam efectivamente com aqueles povoados. É mesmo muito provável que monumentos como Poço da Gateira 1 (e mesmo Poço da Gateira 2), Santa Margarida 2, Gorginos ou Vidigueiras, estivessem associados a pequenas quintas neolíticas, cujo florescimento pode ter ocorrido na segunda metade do IV milénio, antes da chegada ou emergência de novos hábitos funerários e, particularmente, da generalização do uso das placas de xisto gravadas;
9. as actuais limitações do radiocarbono (e a escassez de matéria orgânica para datar, uma situação endémica nos monumentos megalíticos alentejanos) podem criar uma imagem desfocada, que distorça a realidade, seja ela o que tenha sido. Mas não é provável que a margem de erro seja tão grande que elimine a coerência dos dados da cultura material;
10. das duas possibilidades avançadas sobre as placas de xisto gravadas (factor diferenciador, em termos de sequência cronológica, de práticas mágico-religiosas específicas ou elemento diferenciador horizontal, como subconjunto dentro de um conjunto amplo), nenhum dos dados actualmente disponíveis me leva a defender a segunda hipótese;
11. resta-nos concluir, provisoriamente, como sempre, que as sociedades simples são sempre mais complexas do que parecem e as complexas por vezes não tanto quanto aparentam.

Se observarmos agora as cronologias actualmente disponíveis para associações seguras ou prováveis e em que as placas de xisto gravadas sejam um dos certos ou presumidos intervenientes, teremos:

QUADRO 55

Cronologia absoluta disponível em 2003 para o megalitismo do Sul de Portugal.

| Monumento/sítio/tipo | Referência | Registo, Origem e Coordenadas | Anos ¹⁴ C BP | Anos cal BC, 1σ | Anos cal BC, 2σ |
|--|-------------|---|----------------------------|--------------------|--------------------|
| STAM-2, anta sem placas de xisto votivas | Beta-153911 | K.11-15; imediatamente sob a estrutura de fecho Corredor – Câmara. | 4410±60 | 3100-2920 | 3340-2900 |
| OP-2b, <i>tholos</i> | ICEN-957 | osso humano proveniente da Fase I, nível de deposição 5/7 | 4130±60 | 2873-2580* | 2883-2494 |
| OP-2b, <i>tholos</i> | ICEN-955 | osso humano proveniente da Fase I, nível de deposição 6/7 | 4290±100 | 3017-2765* | 3311-2584* |
| OP-2b, <i>tholos</i> | ICEN-956 | osso humano proveniente da Fase I, nível de deposição 7/7 | 4180±80 | 2884-2602* | 2918-2497* |
| STAM-3, anta | Beta-166416 | J.8-30, Câmara, osso humano do grupo Cm-1 | 4270±40 | 2900-2880 | 2920-2870 |
| STAM-3, anta | Beta-176897 | I.8-267, Câmara, deposição fúnebre Cm-8 | 4290±40 | 2910-2890 | 2930-2880 |
| STAM-3, anta | Beta-166422 | J.8-588, Câmara, deposição fúnebre Cm-7, X: 166, Y: 063, Z: 204,87. Associado à placa de xisto recortada J.8-667. | 4270±40 | 2850-2880 | 2920-2870 |
| Bola da Cera, anta | ICEN-66 | «Ossos na base do monumento associados a placa de xisto» (Oliveira, 1997, p. 616) | 4360±50 | 3038-2916 | 3258-2900 |
| Courelheiros 4, anta | ICEN-976 | «Carvões na base do corredor associados a placas de xisto» (Oliveira, 1997, p. 616). | 4240±150 | 3021-2611 | 3335-2459 |
| Sala n.º 1, povoado | ICEN-448 | Carvão proveniente do nível 3/6 do <i>locus</i> 1, com fragmentos de placas de xisto | 4140±110 | 2880-2570* | 2920-2460* |
| Monte Canelas, hipogeu | ICEN-1149 | Carvão, Complexo 264, | 4460±110 | 3545-2919 | 3379-2881 |
| Monte Canelas, hipogeu | OxA-5515 | Osso humano, deposição primária, | 4370±60 | 3080-2910 | 3290-2880 |
| Monte Canelas, hipogeu | OxA-5514 | Osso humano, deposição primária (Complexo 342) | 4420±60 | 3260-2920 | 3340-2900 |
| Castro Marim, <i>tholos</i> | OxA-5441 | Tíbia humana | 4525±60 | 3350-3090 | 3370-2930 |

Deste Quadro omitiram-se as datações referentes às últimas fases de uso das Câmaras de STAM-3 (ver acima) e CBS-2 (Gonçalves, 1993b), conectadas com fenómenos de reaproveitamento tardio de monumentos e não com a sua construção e primeiro uso.

* Novas calibrações efectuadas em 2003 pelo Eng.º A. Monge Soares.

Fontes: Bola da Cera: Oliveira, 1997, p. 625; Castro Marim, *tholos*: Gomes, Cardoso e Cunha, 1994, p. 99-105; Courelheiros 4: Oliveira, 1997; Monte Canelas: Silva, 1993, p. 13; OP-2b: Gonçalves, 1996, e monografia em curso; Sala n.º 1: Gonçalves, 1987; STAM-2: Gonçalves, 2001.

Este Quadro representa a informação mais completa, até ao momento, Maio de 2003, das datações que podem ser atribuídas, de uma ou outra forma, a deposições funerárias com placas, ou a patamares cronológicos em que elas existiriam já de forma confirmada. Se o compararmos com outro, apresentando a informação disponível para as Penínsulas de Lisboa e Setúbal, teremos certamente algumas surpresas.

QUADRO 56

Cronologia absoluta de monumentos e sítios da Estremadura associáveis cronologica ou culturalmente ao megalitismo.

| Monumento/sítio | Tipologia | Referência | Registo, Origem e Coordenadas | BP | cal BC 1σ | cal BC 2σ |
|--------------------|-------------------|--------------|--|----------|-----------|------------|
| Algar do Bonsanto | Gruta, sem placas | Beta -120048 | Crânio humano. Sala C | 4780±50 | 3640-3515 | 3660-3380 |
| Cabeço da Arruda 2 | Depósito | Sac -1613 | Osso humano | 4700±80 | 3626-3363 | 3647-3149 |
| Algar do Bonsanto | Gruta, sem placas | OxA-5511 | Fémur humano, Sala B | 4705±65 | 3620-3370 | 3640-3350 |
| Algar do Barrão | Gruta | ICEN-740 | Osso humano | 4460±70 | 3617-3361 | 3637-3123 |
| Ansião | Anta, com placas | Sac- 1559 | Osso humano | 4640±90 | 3610-3339 | 3637-3094 |
| Casa da Moura | Gruta | OxA-5506 | Alfinete de cabelo cabeça postiça | 4600±90 | 3500-3110 | 3630-3040 |
| Serra da Roupá | Abrigo | Sac- 1611 | Osso humano | 4560±110 | 3496-3047 | 3626-2917 |
| Marmota 2 | Gruta | OxA-5535 | Osso humano + fragmentos de pxg | 4605±055 | 3490-3340 | 3510-3100 |
| Cova das Lapas 1 | Gruta | ICEN-463 | Enterramento do «feiticeiro», placa de xisto gravada ao peito | 4550±60 | 3365-3106 | 3497-3041 |
| Lapa do Bugio | Gruta | OxA-5507 | Osso, alfinete de cabelo, placas de xisto gravadas no contexto amplo | 4420±110 | 3330-2910 | 3370-2780 |
| Gruta dos Alqueves | Gruta | ICEN-64 | Ossos humanos | 4490±50 | 3336-3043 | 3354-2927 |
| Carrasca | Abrigo | UBAR -537 | Osso humano | 4460±70 | 3310-2930 | 3340-2925 |
| Praia das Maças | Gruta artificial | OxA-5509 | Alfinete de cabelo (Câmara ocidental), placas de xisto gravadas | 4410±75 | 3260-2920 | 3340-2880 |
| Praia das Maças | Gruta artificial | OxA-5510 | Alfinete de cabelo (Câmara ocidental), placas de xisto gravadas | 4395±60 | 3090-2920 | 3310-2890 |
| Cabeço da Arruda 1 | Anta | Beta -123363 | Osso humano | 4370±70 | 3070-2900 | 3310-2880 |
| Lapa do Fumo | Gruta | ICEN-240 | Ossos, «camada vermelha». | 4420±45 | 3257-2924 | 3305-2915 |
| Furninha | Gruta | OxA-5505 | Alfinete de cabelo cabeça postiça | 4335±65 | 3030-2890 | 3100-2780 |
| Cabeço da Arruda 2 | Depósito | UBAR -538 | Osso humano | 4230±100 | 2920-2620 | 3090-2495 |
| Paimogo 1 | Tholos | Sac- 1556 | Osso humano | 4250±90 | 2917-2696 | 3077-2581 |
| Poço Velho | Gruta | OxA-5533 | Osso humano | 4245±55 | 2910-2710 | 2920-2630 |
| Pé da Erra | Povoado | ICEN-587 | Carvão, área de talhe de placas de xisto | 4220±45 | 2886-2707 | 2918-2628 |
| Cabeço da Arruda 1 | Anta | Beta -132975 | Osso humano | 4240±50 | 2900-2870 | 2915-2680 |
| S. Paulo | Gruta artificial | UBAR -629 | Osso humano | 3960±190 | 2845-2200 | 2905 -1950 |
| Paimogo 1 | Tholos | UBAR -539 | Osso humano | 4130±90 | 2870-2585 | 2890-2475 |
| Poço Velho | Gruta | OxA-5532 | Osso humano | 4090±55 | 2860-2500 | 2870-2470 |
| Casal do Pardo 3 | Gruta artificial | OxA-5508 | Alfinete de cabelo cabeça postiça | 4050±60 | 2840-2470 | 2870-2460 |
| Cova da Moura | Gruta | UBAR -536 | Alfinete de cabelo cabeça postiça | 3950±60 | 2560-2335 | 2610-2205 |
| S. Paulo | Gruta artificial | UBAR -630 | Osso humano | 3870±70 | 2456-2209 | 2553 -2137 |

O quadro foi ordenado pelo parâmetro máximo da calibração a dois sigmas e depois pela tipologia dos monumentos/sítios. Algar do Bonsanto: Duarte, 1998; Alqueves: Vilaça e Ribeiro, 1987; Ansião: Silva, 2002; Cabeço da Arruda: Silva, 2002; Cabeço do Pé da Erra: datação inédita, escavações de Victor S. Gonçalves; Casal do Pardo: Cardoso e Soares, 1995; Cova da Moura: Cardoso e Soares, 1995; Cova das Lapas: inédito, escavações de Victor S. Gonçalves; Gruta da Marmota: inédito, escavações de Victor S. Gonçalves; Lapa do Fumo: Soares, 1999; Paimogo 1: Silva, 2002; Poço Velho: inédito, monografia em curso por Victor S. Gonçalves; Praia das Maças: Soares, 1999; S. Paulo: Silva, 2002; Serra da Roupá: Silva, 2002.

A primeira observação possível é algo inquietante: as três datações mais antigas do conjunto — ou melhor: os intervalos de tempo com parâmetros superiores mais antigos — referem-se a sítios das Penínsulas de Lisboa e Setúbal e muito concretamente ao que chamei, com alguma irritação ocasional de alguns académicos ortodoxos, o «megalitismo de grutas», conceito a que voltarei na monografia em preparação sobre o complexo megalítico do Olival da Pega. De qualquer forma, estamos nos últimos séculos do IV milénio e mesmo, nos parâmetros inferiores, já nos primeiros do III. À excepção do curtíssimo intervalo de tempo obtido para a placa de STAM-3, J.8-667, um verdadeiro *must* para esta questão, todos os intervalos de tempo têm dimensões que não nos permitem grandes precisões, mas a sua leitura comparada traz-nos sem dúvida alguns ensinamentos.

Com efeito, apenas os parâmetros inferiores de Poço Velho (uma amostra duvidosa, convém recordar, uma vez existindo placas de xisto gravadas no conjunto, mas não estando elas directamente conectadas aos ossos humanos datados), Sala n.º 1 e Coureleiros 4, ultrapassam a metade do III milénio, aliás por pouco: respectivamente por 30, 40 e 41 anos de calendário.

Os parâmetros superiores só no caso da Gruta da Marmota ultrapassam, em antiguidade, a metade do IV milénio, e por apenas 10 anos de calendário. Mas, insistindo nos parâmetros superiores, verificaremos que a grande maioria se concentra nos últimos quatro séculos do IV milénio. E os inferiores nos primeiros quatro séculos do III milénio.

Mas é bom não esquecermos que falamos de parâmetros, de intervalos de tempo, onde, algures, se encontra a data «certa».

A datação obtida para STAM-3, J.8-667, o excelente intervalo de tempo 2920-2870, cinquenta anos a dois sigmas, ou 2900-2880, vinte anos, a um sigma, coloca *aquela placa* em inícios do III milénio, entre fins do seu primeiro século e as primeiras décadas do segundo. Nada impede que outras placas, para as quais possuímos intervalos consideravelmente mais longos, se agrupem por aqui.

Outro intervalo de tempo disponível para a 1.ª fase de uso de STAM-3 é importante, apesar de ser consideravelmente maior: 2870-2500, a dois sigmas (Beta-166423), pode cobrir o lapso de tempo terminal da primeira fase (com placas) de STAM-3. Como se observa, o parâmetro mais antigo coincide com o mais recente obtido para a placa J.8-667 e o mais recente, como é habitual para a maioria das placas de xisto gravadas, não ultrapassa a metade do III milénio. Também a datação Beta-176896 confirma esta situação. O seu intervalo de tempo, a dois sigmas, 2890-2600, coincide com os quase trezentos anos que estão em sequência dos parâmetros mais recentes das três datações correspondentes às mais antigas deposições fúnebres no monumento.

Há, assim, certamente, no conjunto dos indivíduos depositados em STAM-3 durante a sua primeira fase de uso, várias gerações de portadores de placas, como as datações Beta-176896 e Beta-166423 claramente provam.

Parece admissível, a partir de STAM-3, considerar, para o Alentejo médio, e de acordo com o radiocarbono, a primeira metade do III milénio, muito provavelmente os seus primeiros séculos, como o período de florescimento das placas de xisto gravadas. Exactamente o período da construção e primeira utilização de STAM-3. Não é impossível que elas tenham surgido um pouco antes. Mas é difícil prová-lo, no actual estado dos nossos conhecimentos.

Uma observação de dois gráficos simples pode também ser de alguma utilidade:

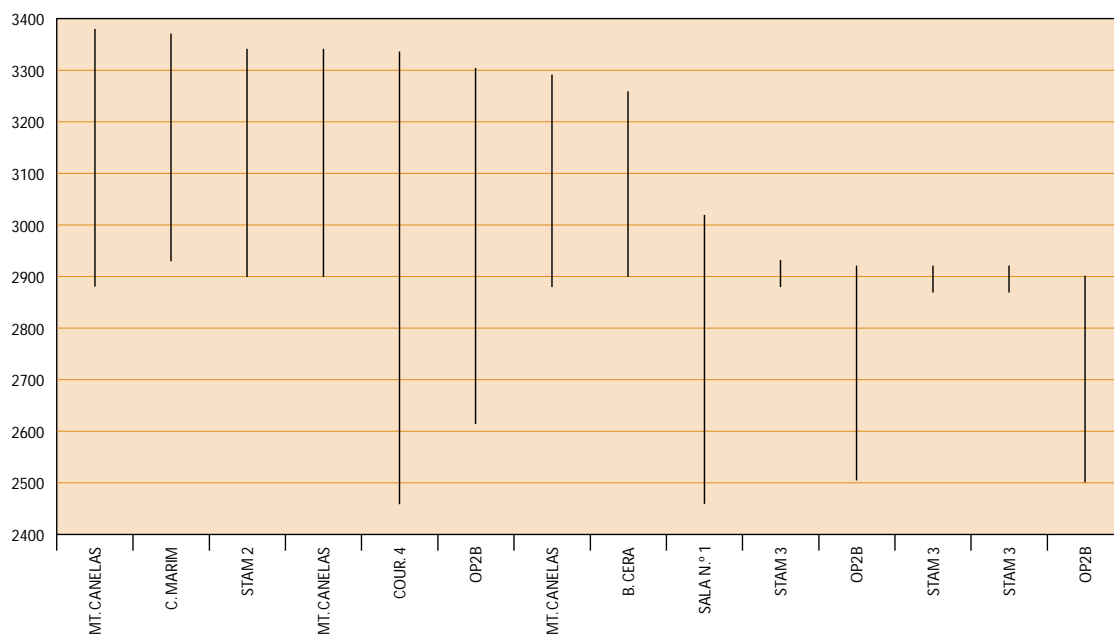


GRÁFICO 8 – Distribuição gráfica da cronologia absoluta para o megalitismo do Sul de Portugal.

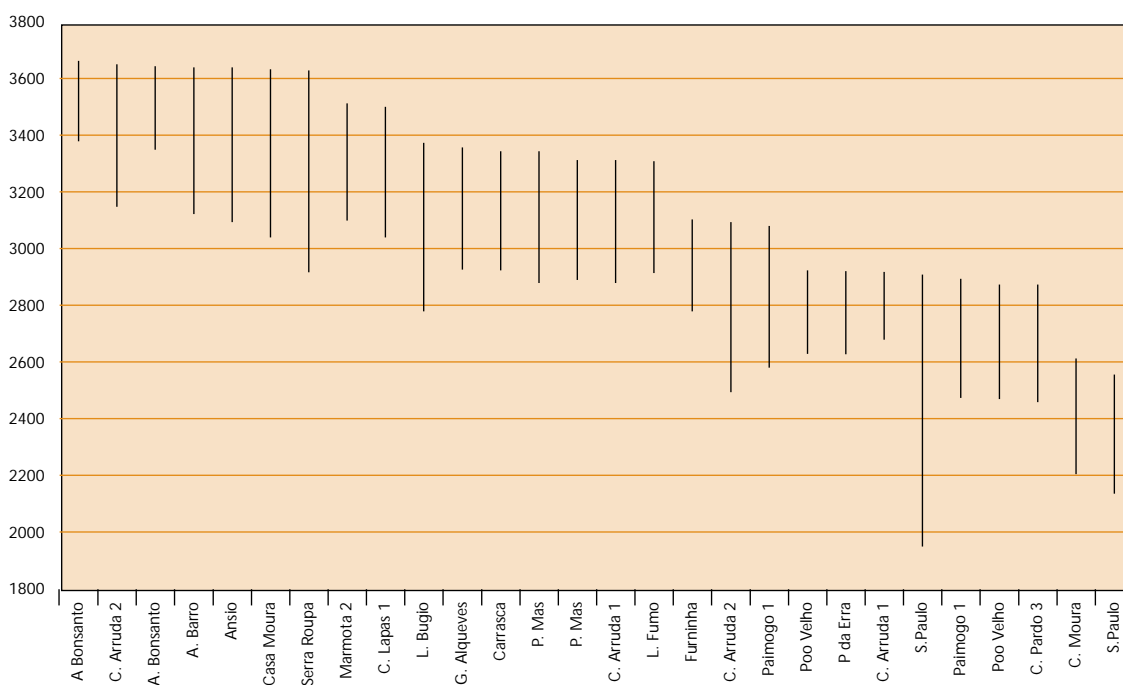


GRÁFICO 9 – Distribuição gráfica da cronologia absoluta de monumentos e sítios da Estremadura associados cronologicamente ou culturalmente ao megalitismo.

O segundo grupo de enterramentos em STAM-3 pode ser situado cronologicamente, por cruzamento de datas, entre 2280 e 2120 cal BC.

Que raciocínio conduziu a esta compressão dos intervalos de tempo disponíveis pelo radiocarbono?

1. o cão foi datado entre 2280 e 1960 cal BC;
2. a deposição funerária imediatamente sobrejacente, Cm-3, foi datada entre 2310 e 2120 cal BC;
3. Cm-3 é absolutamente posterior ao cão, nem que seja por minutos ou mesmo segundos;
4. logo o parâmetro mais antigo é o do cão e não o de Cm-3, portanto 2280 antes da nossa era;
5. e o mais recente parâmetro é o de Cm-3, 2120 antes da nossa era;

De onde ser lógico, e portanto admissível, comprimir-se os intervalos de tempo da forma proposta.

Poderíamos incluir nesta operação Cm-4, o que nos obrigaria a tratar conjuntamente o intervalo de tempo de esta deposição funerária (2270-2020 cal BC) e o do cão (2280-1960), o que nos daria um intervalo de tempo de 2270-2020, 250 anos, com uma perda de 90 anos sobre o intervalo de tempo anteriormente conseguido. Mas, como se viu, esta associação não é segura, tendo-se considerado mais provável a associação do cão a Cm-3. É assim sobre o primeiro intervalo de tempo corrigido que recai a minha escolha.

Infelizmente, apesar da riqueza de informação antropológica disponível para esta fase de uso funerário do monumento, os dados referentes à cultura material são muito escassos: apenas a taça I.8-95, cuja forma é quase um *standard* universal, cabendo, se isolada contextualmente, em qualquer ponto do IV ou do III milénio (ou talvez mesmo do II...).

De onde, ser impossível ir mais além...

Sob o ponto de vista da cronologia absoluta das reutilizações, duas novas datações, obtidas para a última fase de uso da Câmara da Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Gonçalves, 2003b) vieram chamar a atenção para a complexidade desta questão. Podemos compará-las com as de STAM-3, ordenando o conjunto de acordo com o valor do parâmetro superior da calibração a dois sigmas:

QUADRO 57

Datações de radiocarbono para reutilizações durante a segunda metade do III milénio das Câmaras de monumentos ortostáticos: os casos de Cebolinhos 2 e Santa Margarida 3.

| Monumento | Referência | Tipo de amostra | Registo, Origem e Coordenadas | Anos ¹⁴ C BP | cal BC, 1σ | cal BC, 2σ |
|-------------------|-------------|---|---|-------------------------|------------|------------|
| Cebolinhos 2 | Beta-176899 | Osso humano | CBS-2. L.12-36a, Câmara, deposição fúnebre. | 3900±40 | 2460-2310 | 2480-2280 |
| Cebolinhos 2 | Beta-177471 | Osso humano | CBS-2. L.12-36b, Câmara, deposição fúnebre | 3840±40 | 2340-2210 | 2450-2150 |
| Santa Margarida 3 | Beta-166418 | Osso humano, <i>patela</i> direita | STAM-3. I.8-105, Câmara, deposição fúnebre Cm-3, X: 047, Y: 160, Z: 205,21 | 3780±40 | 2280-2140 | 2310-2050 |
| Santa Margarida 3 | Beta-166417 | Osso humano, tibia direita | STAM-3. J.8-71, Câmara, deposição fúnebre Cm-2, X: 095, Y: 080, Z: 205,34 | 3770±40 | 2270-2140 | 2300-2040 |
| Santa Margarida 3 | Beta-166420 | Falanges de cão, membro posterior direito | STAM-3. I.8-103, Câmara, imediatamente subjacente ou integrado na deposição fúnebre Cm-3, X: 055, Y: 170, Z: 205,15 | 3720±50 | 2200-2030 | 2280-1960 |
| Santa Margarida 3 | Beta-166421 | Osso humano | STAM-3. J.8-341, Câmara, deposição fúnebre Cm-4, X: 128, Y: 093, Z: 205,09 | 3730±40 | 2200-2040 | 2270-2020 |

Em termos de radiocarbono, durante toda a segunda metade do III milénio continuaram a efectuar-se inumações em monumentos megalíticos ortostáticos, independentemente da disponibilidade de matérias primas e tecnologias para construir *tholoi*. O que quer também dizer

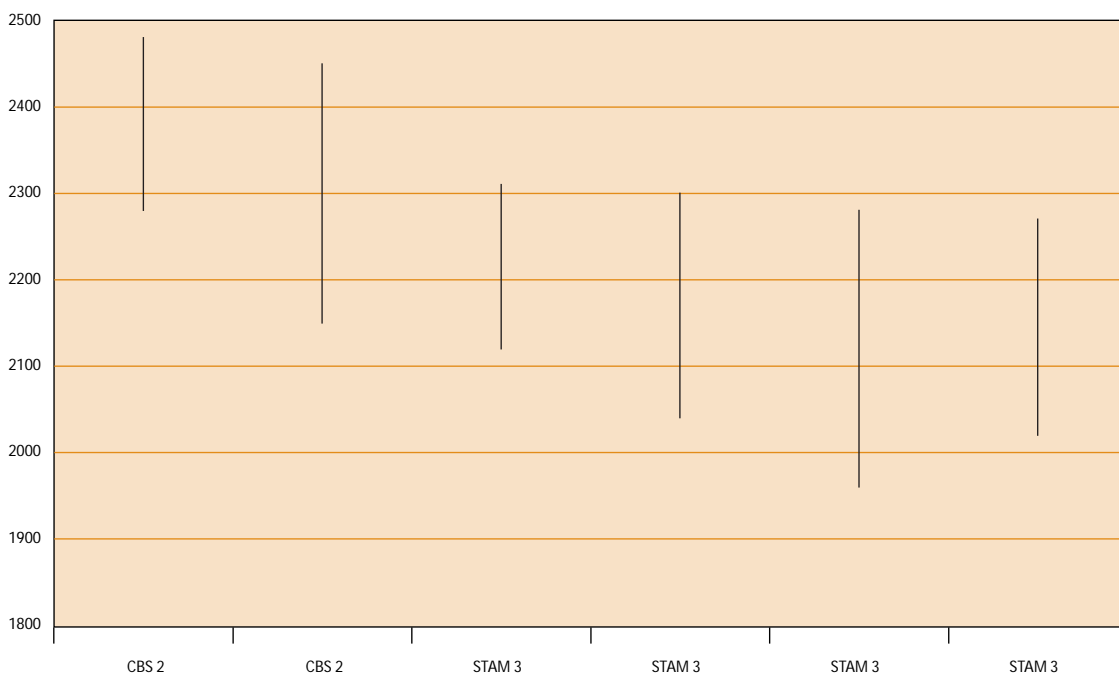


GRÁFICO 10 – Datações de radiocarbono para reutilizações durante a segunda metade do III milénio das Câmaras de monumentos ortostáticos: os casos de Cebolinhos 2 e Santa Margarida 3.

que se mantinha, em termos mentais, a memória da utilização desses monumentos com finalidades especificamente funerárias.

A reutilização de monumentos ortostáticos em Reguengos de Monsaraz estende-se assim, de acordo com estes dados, pelo menos de 2480 a 1960 antes da nossa era, o que é dizer *praticamente durante toda a segunda metade do III milénio*. Se tomarmos em conta a presença de perfis indiscutivelmente campaniformes no Corredor da Anta 2 do Olival da Pega e nos monumentos dos Gorginos (para apenas apanharmos os exemplos mais imediatos), então deveremos sublinhar a importância do fenómeno megalítico ortostático, e a sua presença, ainda que como sombra, muito para além do período em que os últimos monumentos de este tipo foram construídos.

A existência de materiais das Idades do Bronze e do Ferro na Câmara de OP-2 reforça a ideia da durabilidade referencial dos monumentos ortostáticos e da sua conexão com espaços sagrados reconhecidos por civilizações e culturas muito diversas e absolutamente desconexas entre si.

Há demasiado tempo já, subjectivamente falando, escrevia, a propósito da cronologia absoluta do Cerro do Castelo de Santa Justa, que «atrás de tempo, tempo vem». Este foi o tempo de STAM-3, esperemos que, brevemente, o tempo de Olival da Pega 2 amplie a nossa informação e nos faça reflectir sobre o tempo curto e o tempo longo e sobre a nossa incapacidade de os compreender aos dois, tal a diversidade que oferecem e tais as estranhas similitudes e divergências que encerram em fins do IV milénio e na primeira metade do III.

Reguengos de Monsaraz/Lisboa,
28 de Julho de 2001 a 14 de Maio de 2003

Documentação fotográfica grupada

Todas as fotografias de V. S. Gonçalves.

Agradece-se a José Paulo Ruas (IPA-CIPA)
o apoio técnico na execução das Figs. 131-136.

A escala das microfotografias varia entre
15 e 30 aumentos reais.



FIG. III – «Pedra almofada» I.8-290.



1

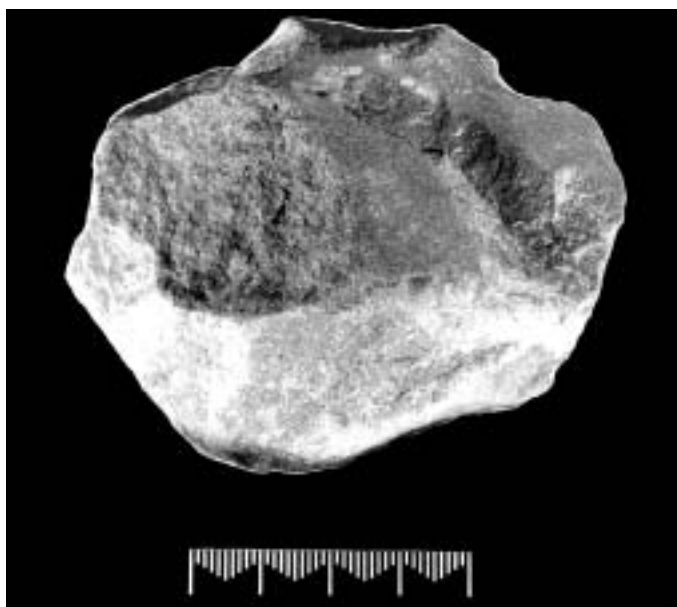


2

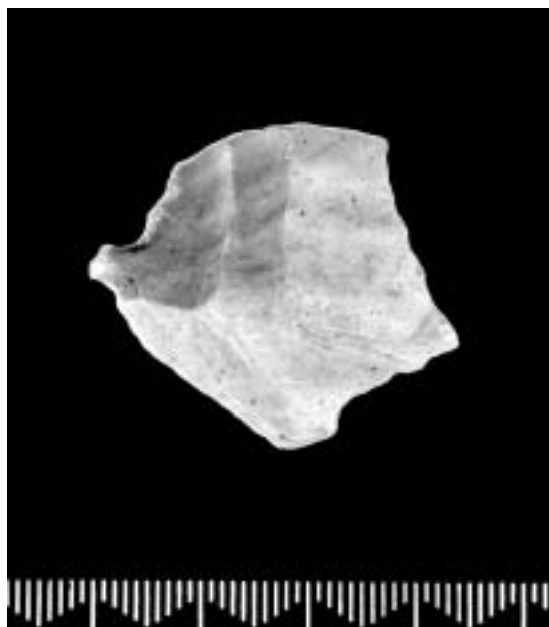


3

FIG. 112 – 1: bloco de xisto por talhar J.8-162; 2: pedra com traços grupados de percussão I.9-3; 3: seixo colocado no alvéolo de implantação do esteio ECm-2.



1



2



3

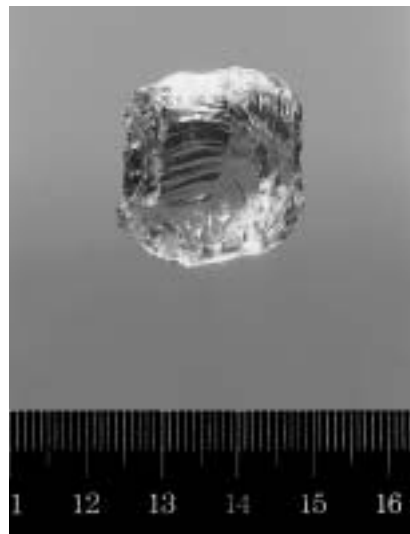
FIG. 113 – 1: lasca SUP-II; 2: núcleo exausto ou fragmento de núcleo M.4-I; 3: fragmento de núcleo proveniente da fossa de fundação J.8-781.



1



2

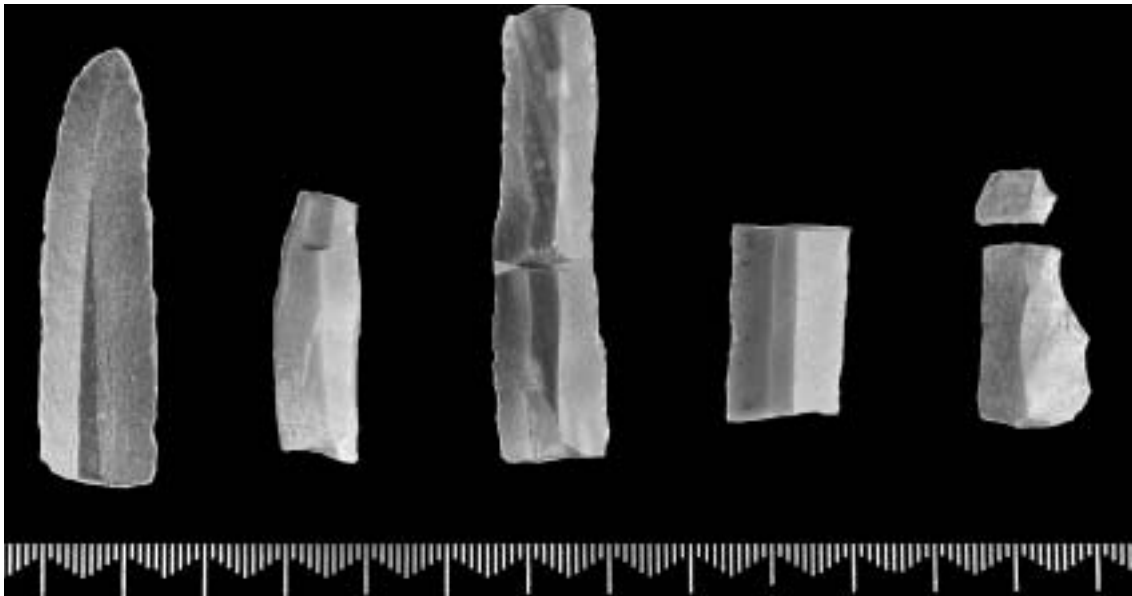


3

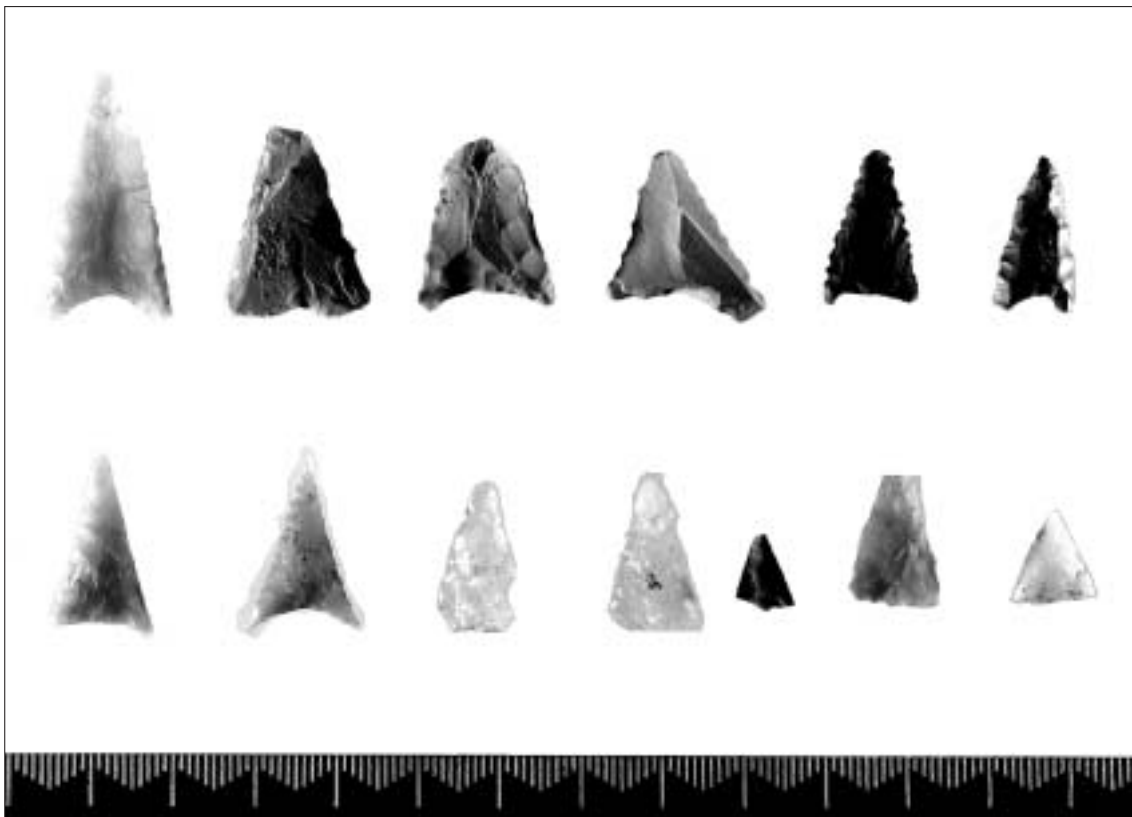


4

FIG. 114 – 1: lasca espessa com traços de utilização SUP-4; 2 e 3: núcleo de quartzo hialino; 4: lasca J.8-781.

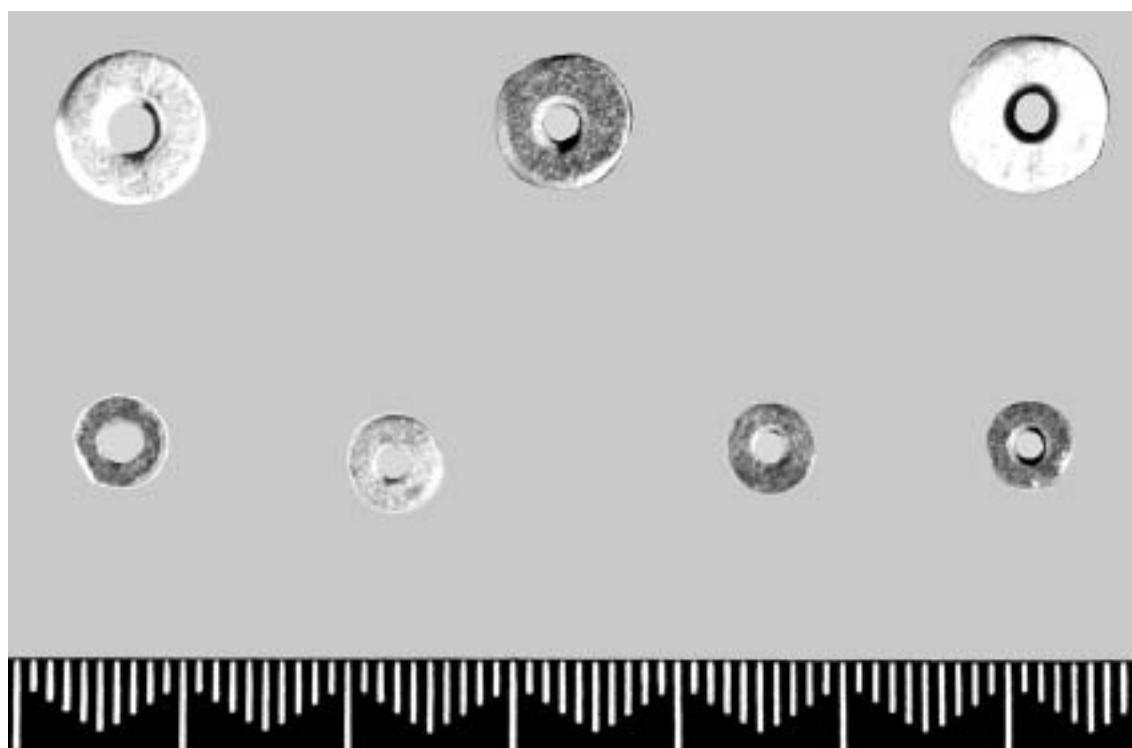


1



2

FIG. 115 – 1: lâminas pequenas e lamelas H.8-18+I.9-10+J.9-46+I.9-13+I.9-19. 2: Pontas de seta J.8-245+J.8-442+I.8-165+j.9-179+I.8-107+I.8-248. Na segunda linha, J.8-301+J.9-84+J.8-578+I.8-129+J.8-345+H.9-47+I.9-5.



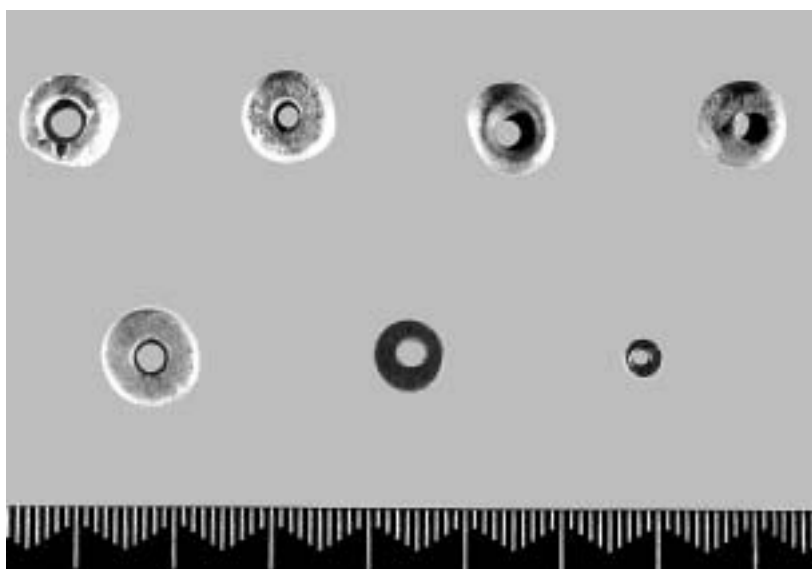
1



2



3



4

FIG. 116 – 1: contas de colar J.9-75+I.8-67+J.8-1. Na segunda linha, I.8-232+J.8-94+H.8-14+I.8-97. 2: conta de colar bitroncocônica de cerâmica I.8-179. 3: conta de colar bitroncocônica de pedra I.8-192. 4. contas de colar J.8-538+J.8-211+J.8-248+J.9-38. Na segunda linha, J.8-7+J.8-83+J.8-577.

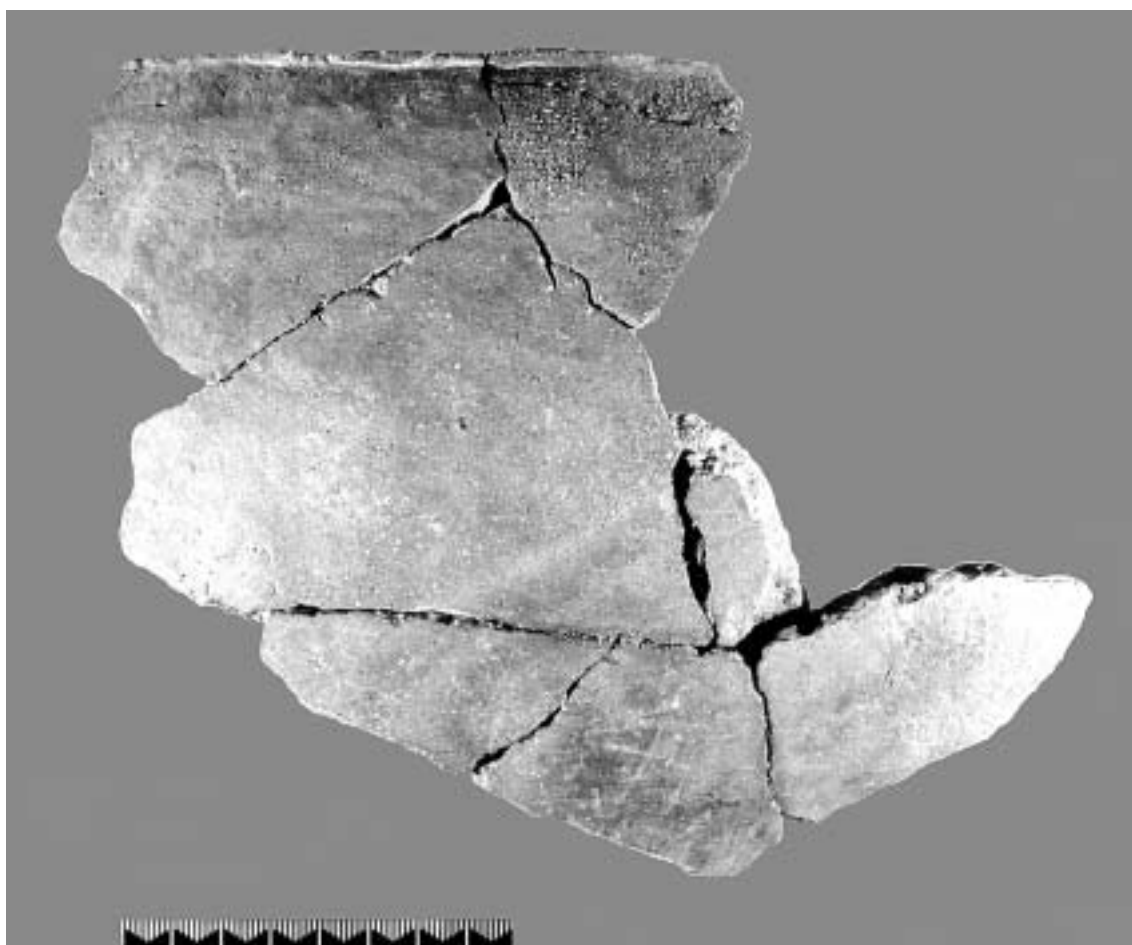


FIG. 117 – Em cima, vaso H.8-7, proveniente do Corredor (diâmetro externo da abertura: 11,3 cm). Em baixo, fragmento de grande recipiente J.8-553.



FIG. 118 – Taça I.8-95 associada a Cm-3, «Marta». Diâmetro externo da abertura: 11 cm.

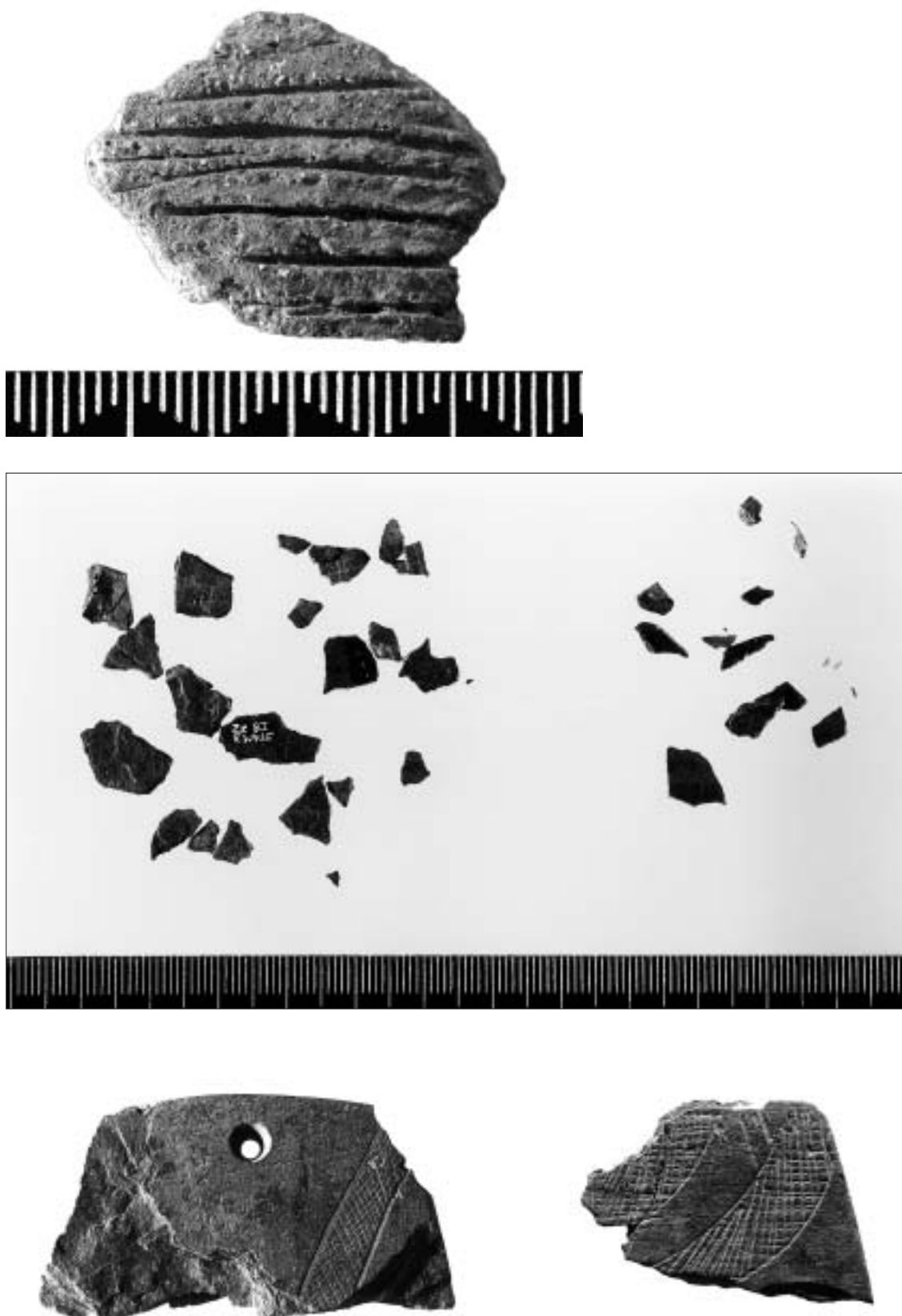


FIG. 119 – Em cima, o único fragmento de cerâmica decorada de STAM-3, I.8-220. Amostra do estado de extrema fragmentação das placas de xisto gravadas de STAM-3. Em baixo, fragmentos de placas de xisto gravadas H.8-87 e H.8-69.



FIG. 120 – Placa com a síndrome das placas loucas H.8-5 e detalhe do topo do verso.



FIG. 121 – Placa com a síndrome das placas loucas H.8-5 (verso) e detalhe do escutiforme.

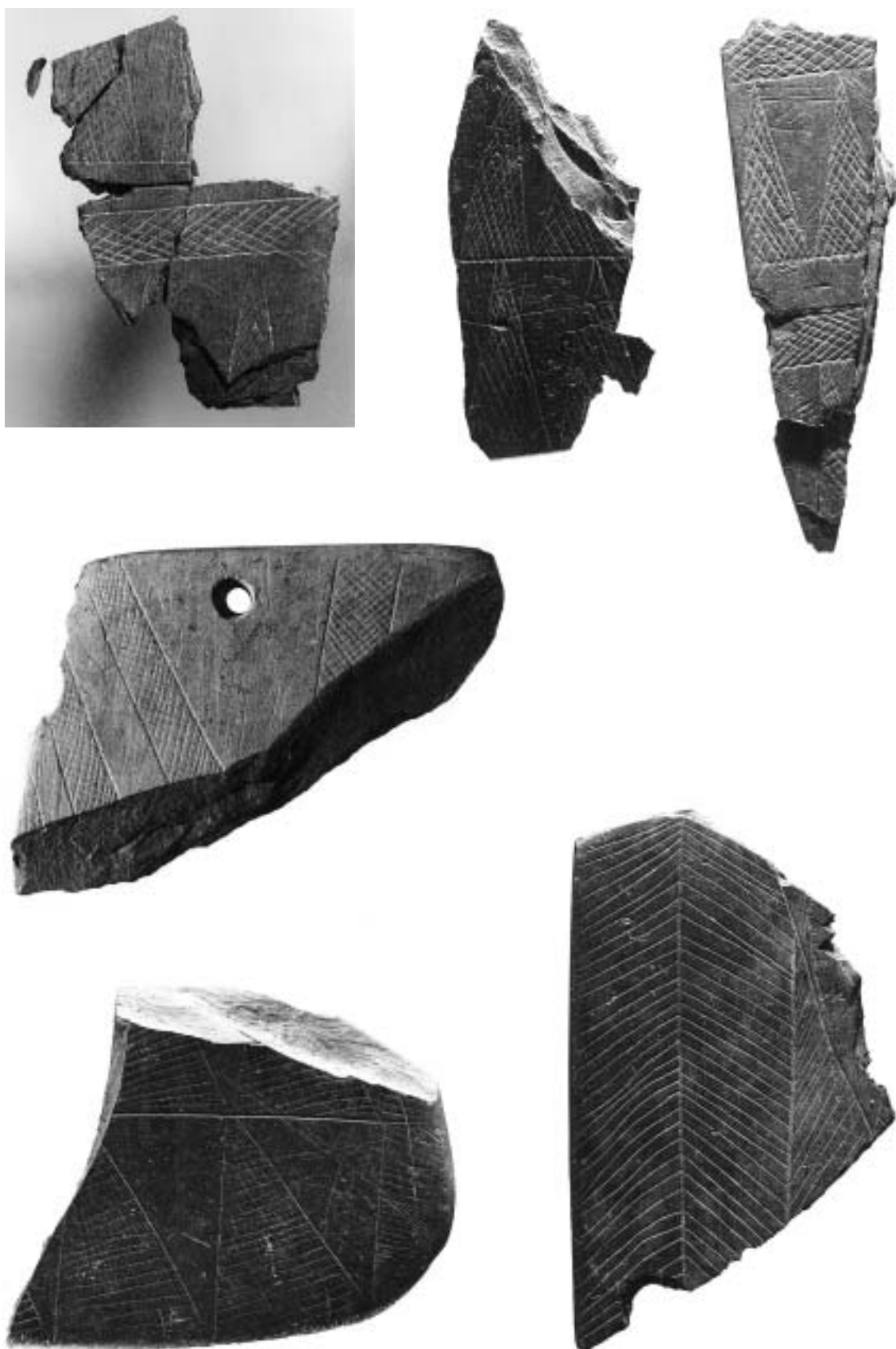


FIG. 122 — Placas I.8-119, I.8-155, I.8-235, I.8-223, I.8-227, I.8-247.



FIG. 123 – Placas de xisto gravadas I.8-259 e -269.

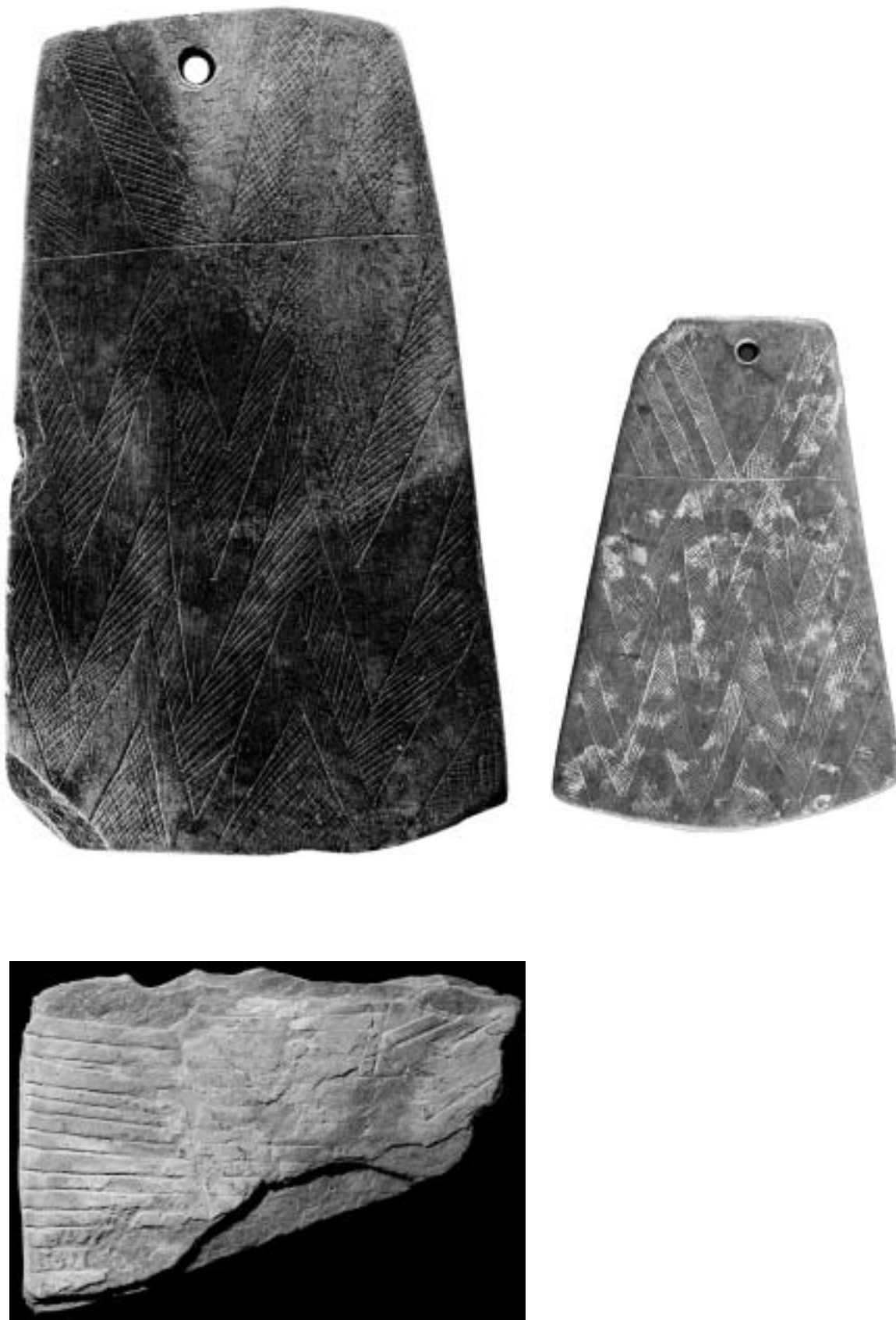


FIG. 124 — Placas de xisto gravadas I.9-22, placa de Monte Velho, Ourique, de composição idêntica (e de dimensões muito próximas, aqui reduzida), e placa J.8-77.



FIG. 125 – Face da grande placa recortada J.8-667.



FIG. 126 – Verso da grande placa recortada J.8-667.

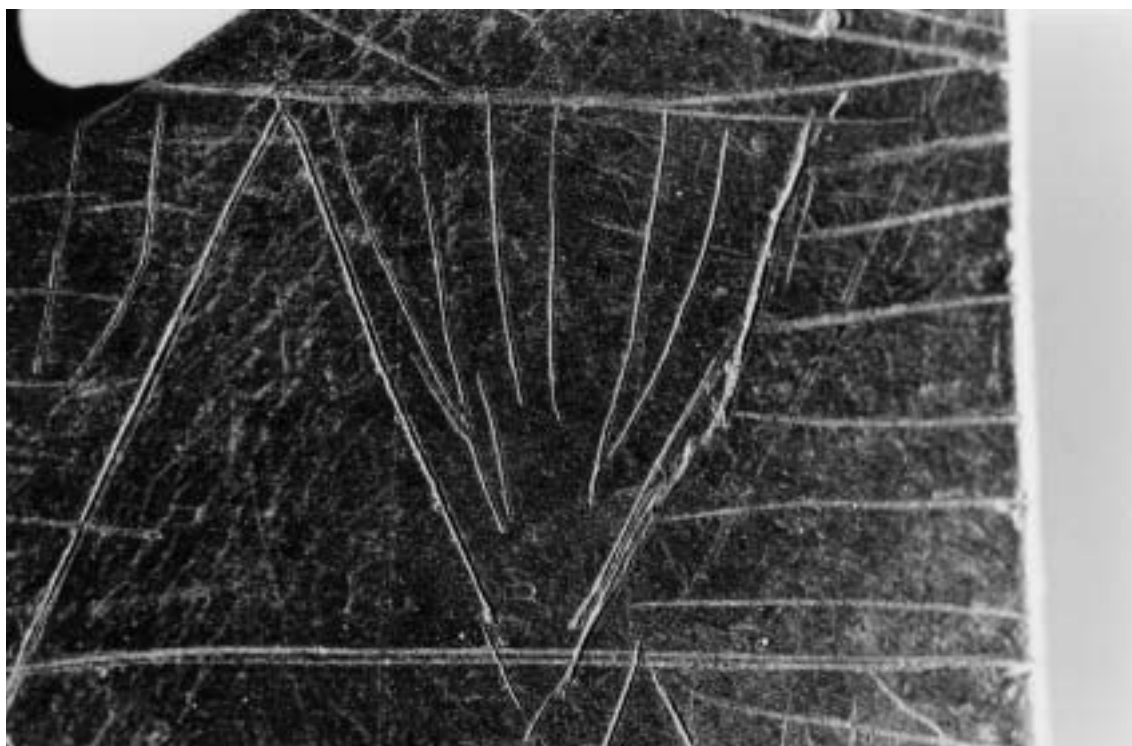


FIG. 127 – (Em cima) Detalhe da face de J.8-667, sendo visível no centro um triângulo preenchido por traços quase verticais, convergentes, e à direita do observador um preenchimento com horizontais. (em baixo) Ao centro, triângulo preenchido com horizontais e à direita do observador outro, preenchido em quadricula.

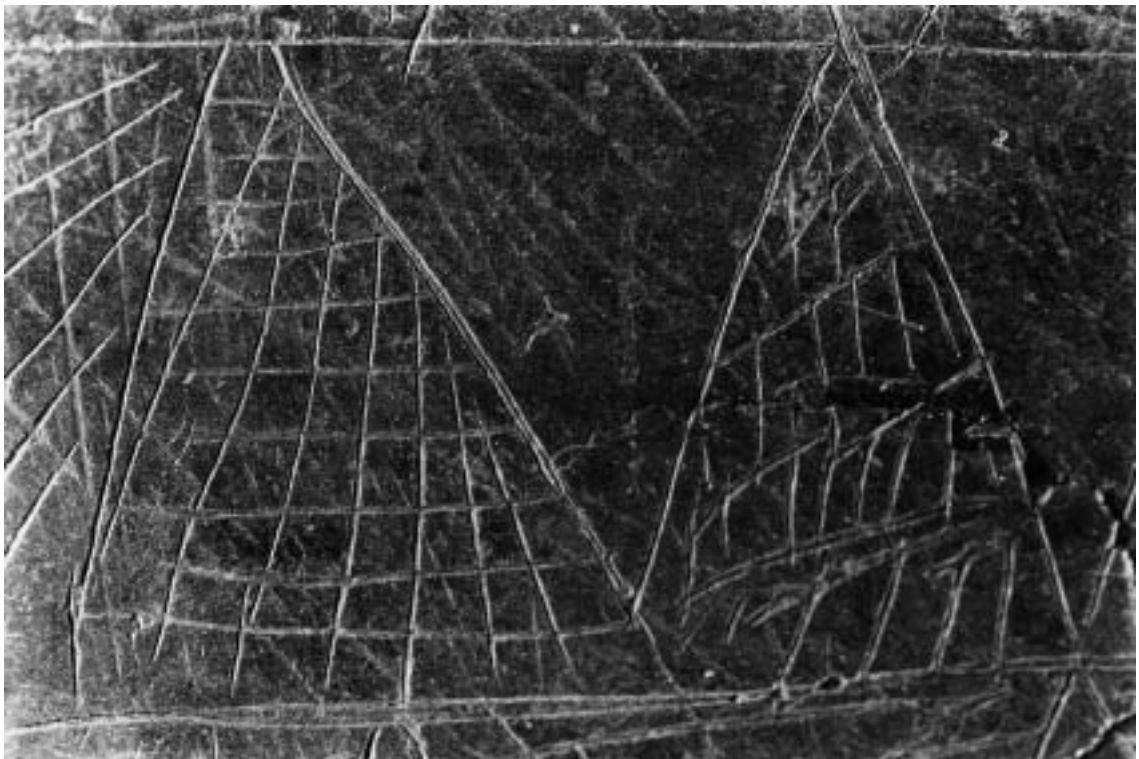
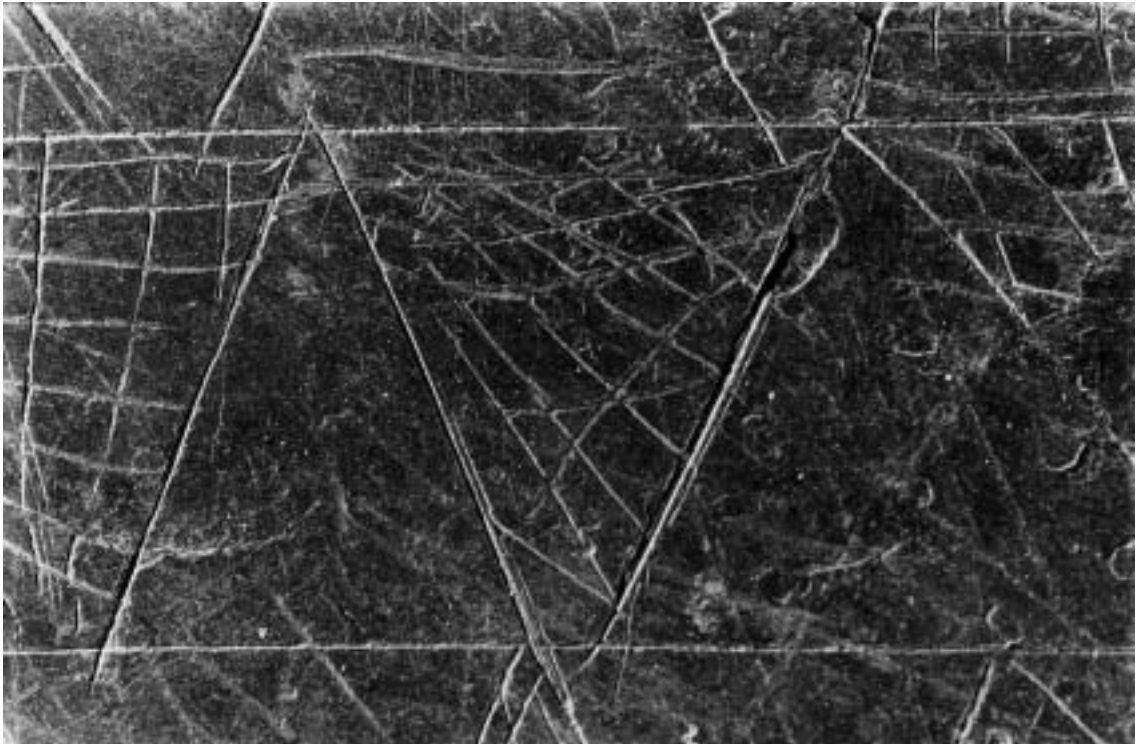


FIG. 128 – (Em cima) J.8-667: triângulo preenchido com quadricula irregular. (em baixo) Triângulo preenchido com quadriculado.

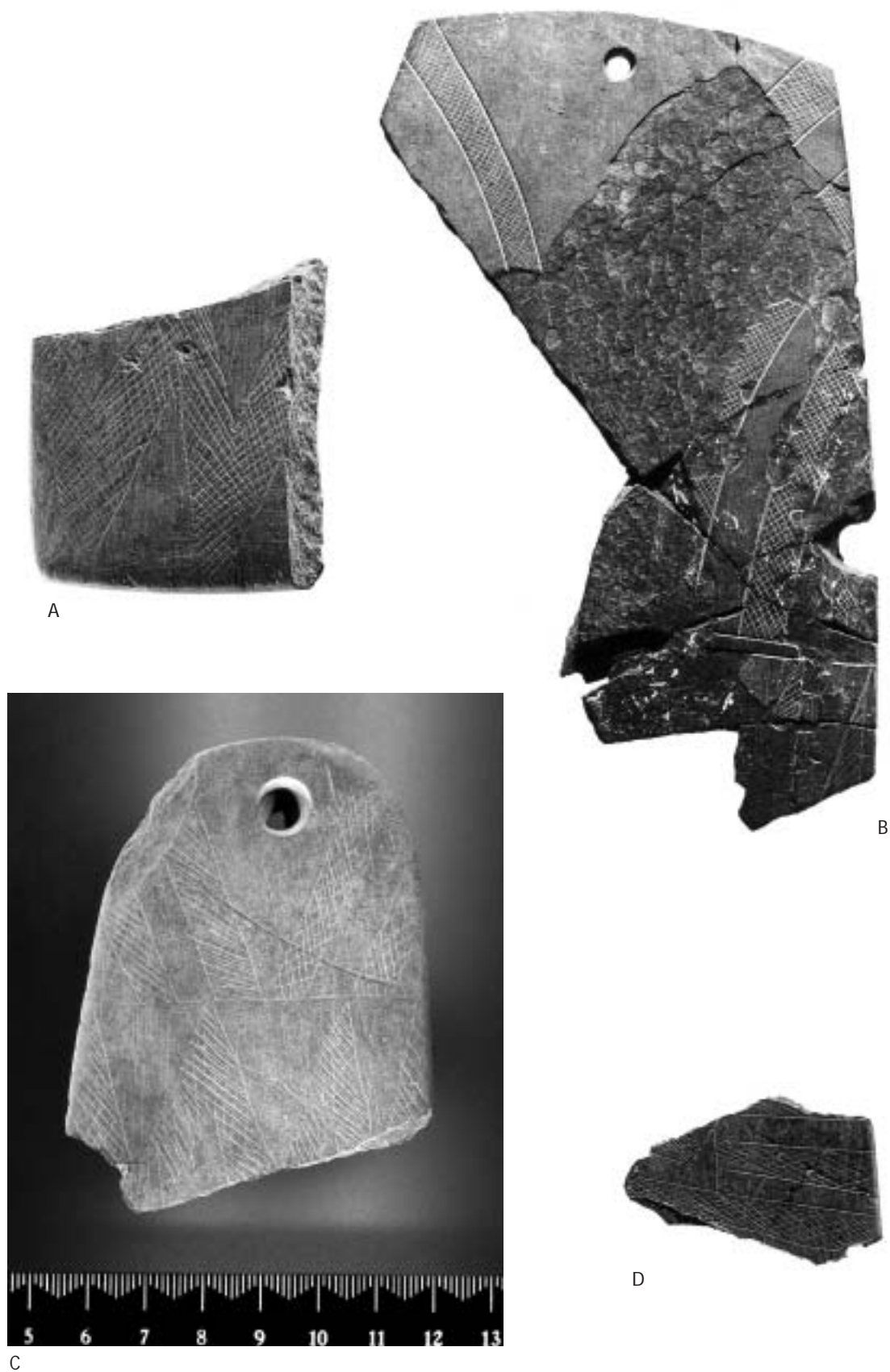


FIG. 129 – Placas de xisto gravadas J.9-7, J.8-688, J.9-30, J.9-6.

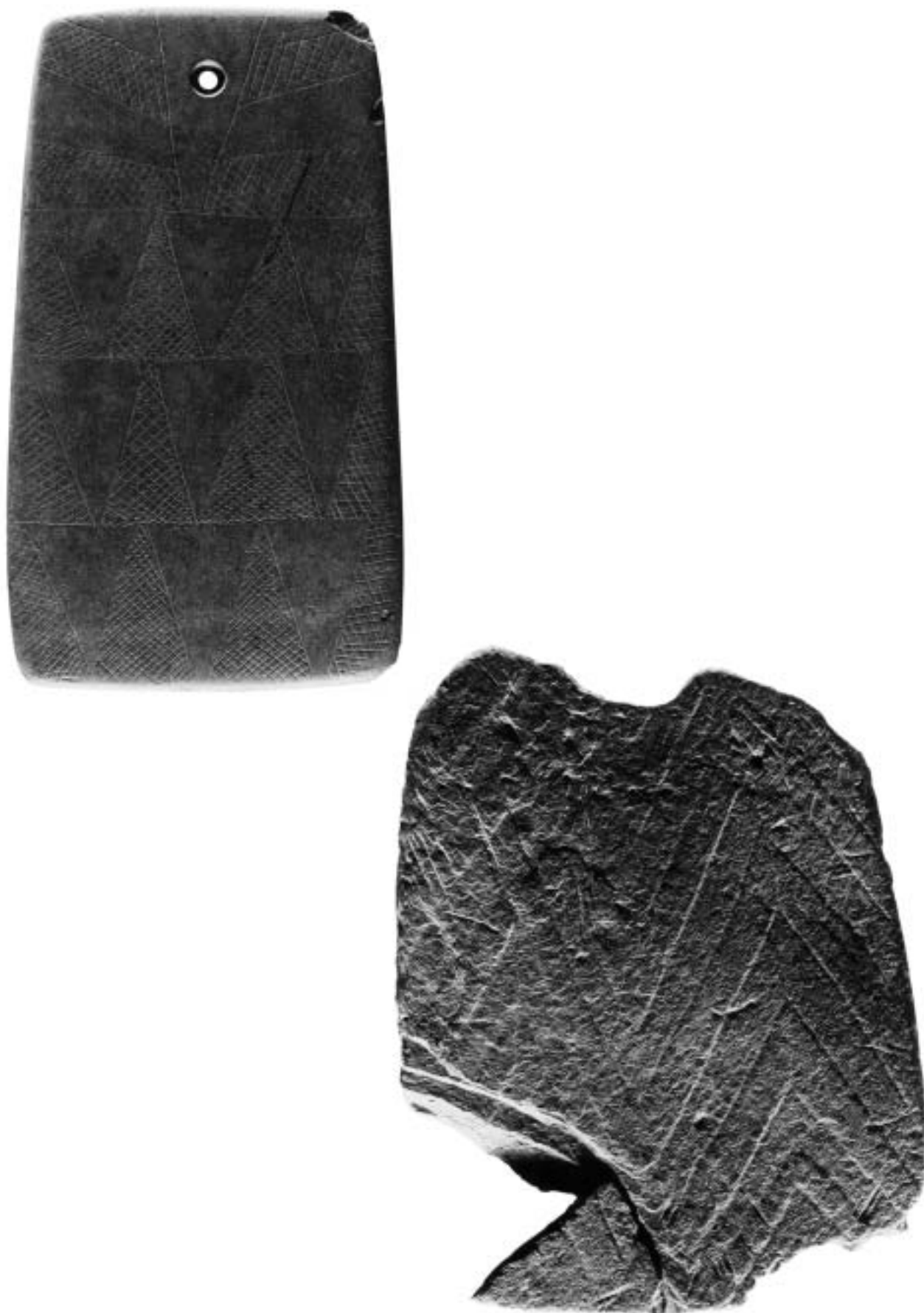


FIG. 130 — Placas de xisto gravadas J.9-41 e J.9-96.

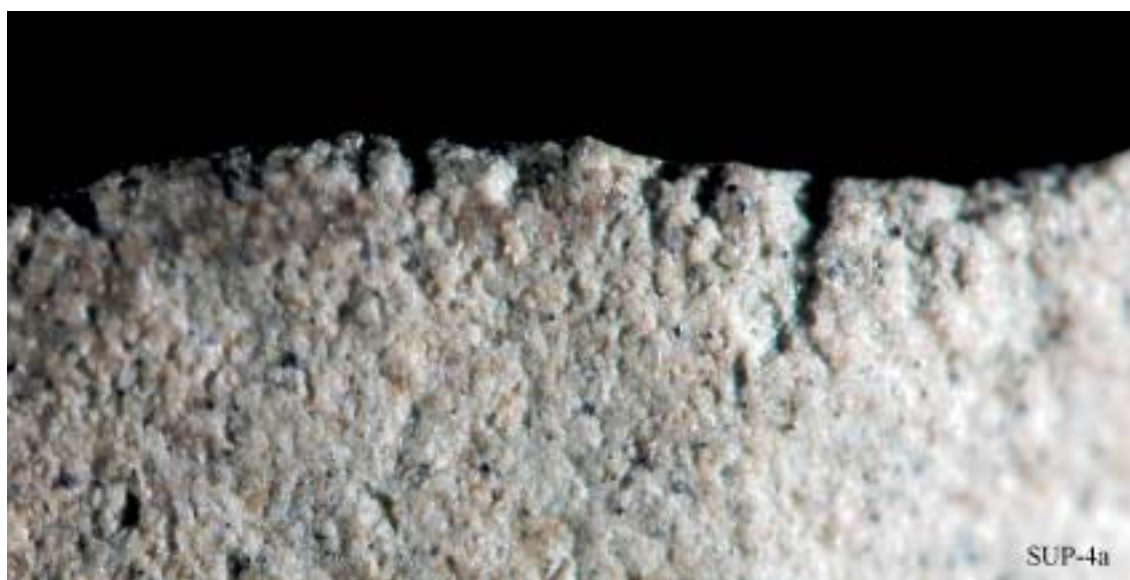


FIG. 131 – Macrofotografias de traços de uso no bordo de SUP-4-



FIG. 132 – Traços de uso nos gumes operantes de J.9-46 (em cima) e H.8-18.



FIG. 133 – Extremidade distal da lamela de sílex J.9-32 (em cima) e base de artefacto de quartzo hialino J.8-103.



FIG. 134 – Ponta de seta de xisto jaspóide I.8-107, sendo visível o tipo de retoque próprio do xisto, que se trabalha em lâminas ou lascas normalmente pouco espessas. Altura da ponta de seta: 19,78 mm.



FIG. 135 – Ponta de seta de sílex com o retoque permitido pelo suporte: oblíquo e obtido por golpes precisos. Altura da ponta de seta: 19,35 mm.



FIG. 136 – Dois tipos de extremidade distal de pontas de seta (1 e 3), Pontos de betume para fixação na haste na base da ponta de seta J.9-84 (2). Base de ponta de seta de xisto I.8-165, com o retoque típico. Retoque serrilhado nos bordos da ponta de seta H.8-115. Enxó de jaspe I.8-151.

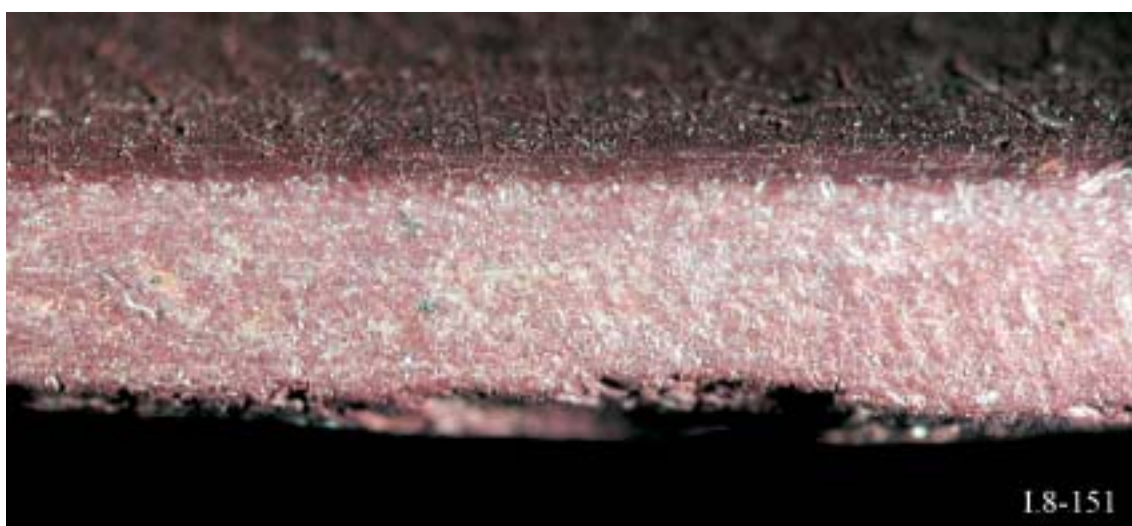
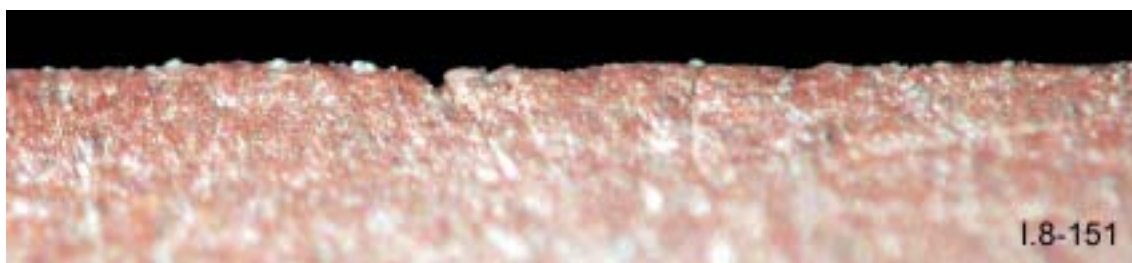
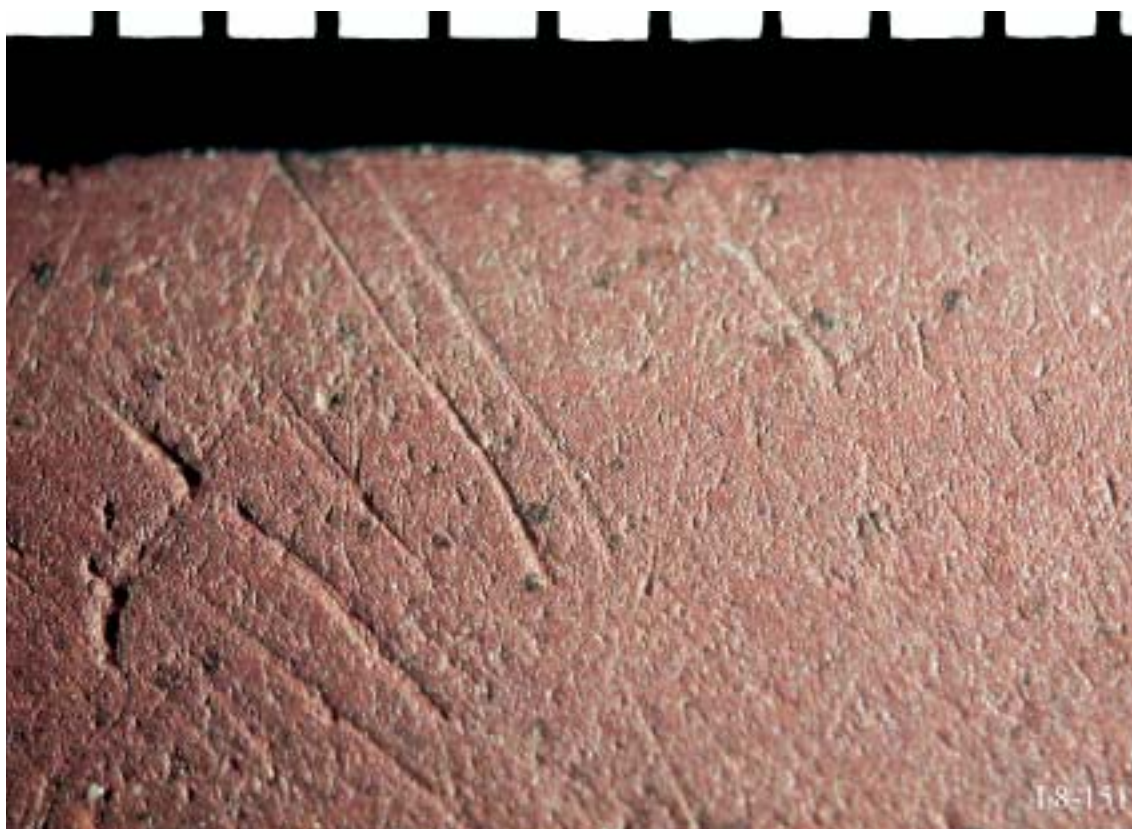


FIG. 137 – Aspectos da enxó I.8-151. 1: traços resultantes de fenómenos pós-deposicionais. Bordo evidenciando ausência de uso (2). Gume rombo, aplanado de origem, uma vez que a peça se destinava a fins votivos e não utilitários (3).



FIG. 138 – Contas de colar. De 1 a 4, observa-se o tipo de perfuração e em 5 uma falsa perfuração, provavelmente resultante de uma errada preparação do bloco de matéria prima.

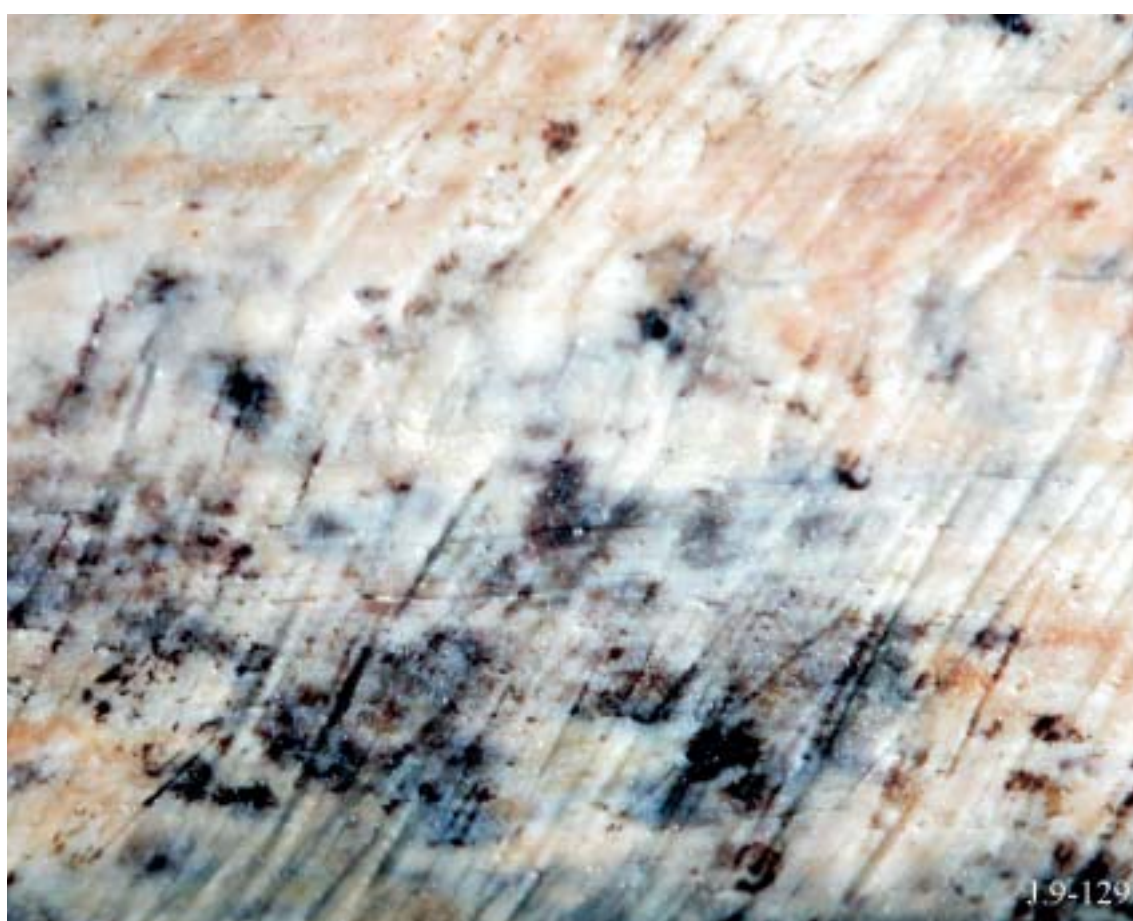
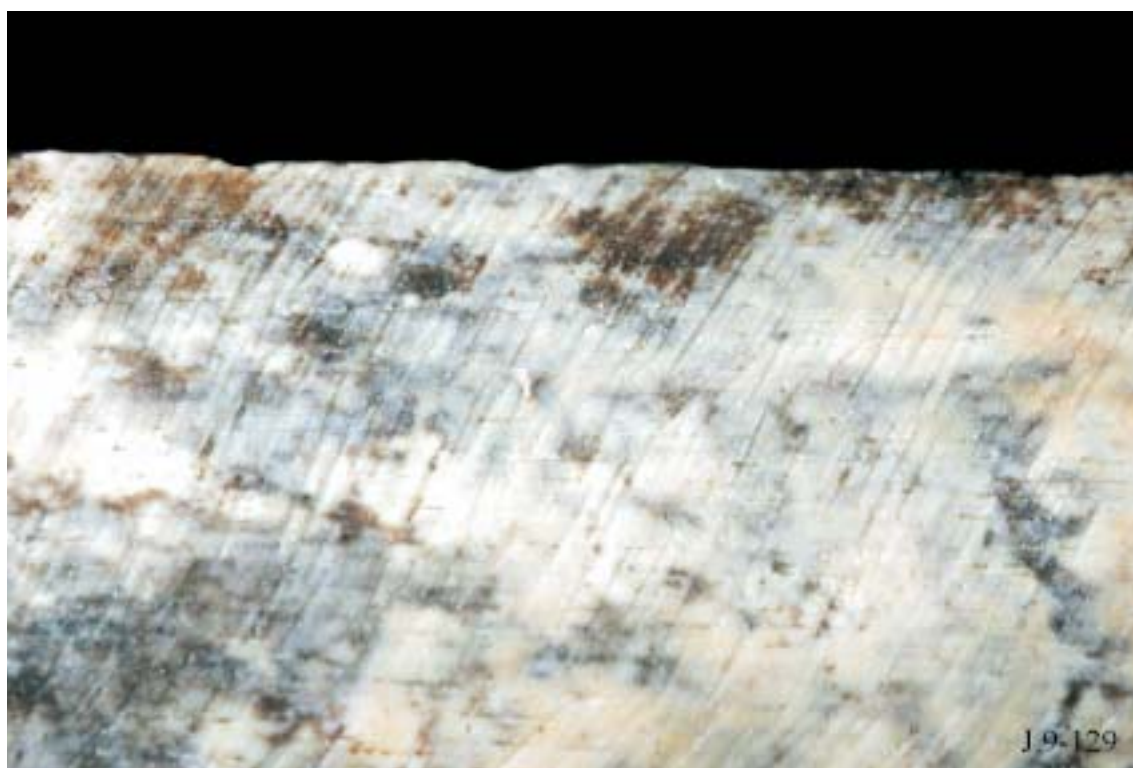


FIG. 139 – Traços de polimento intenso no artefacto de osso polido J.9-129.

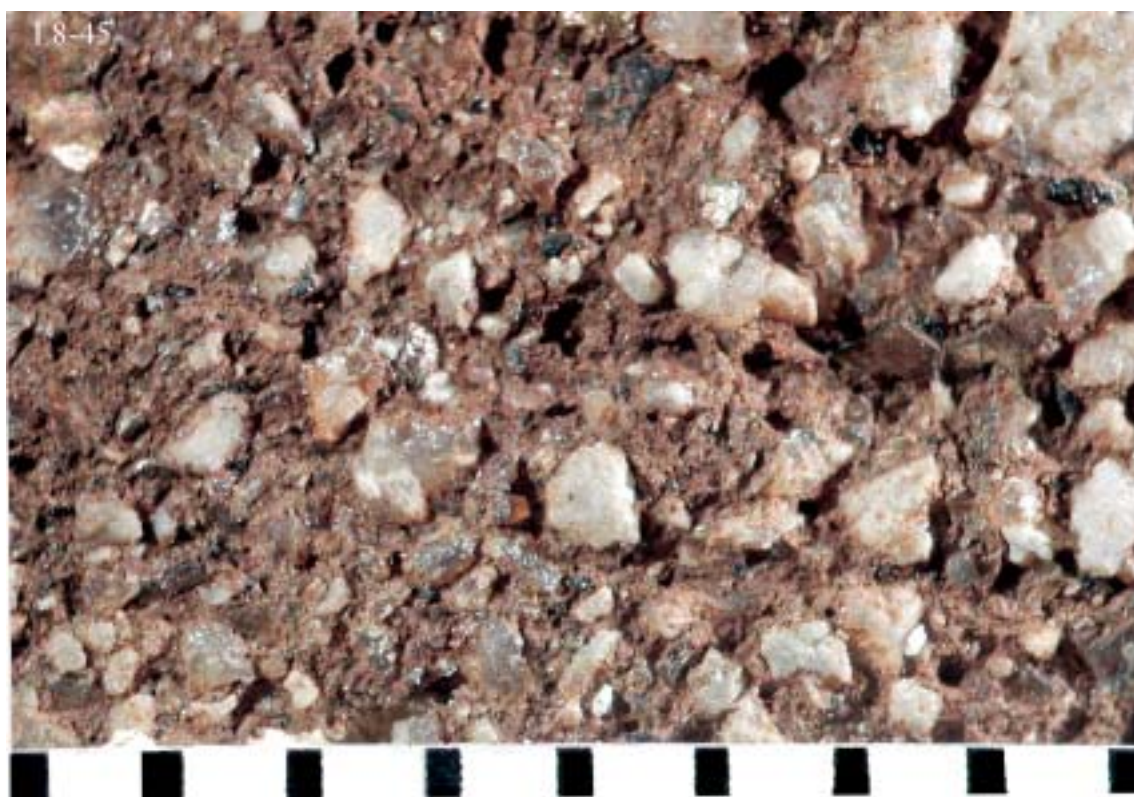


FIG. 140 – Componentes não plásticos grosseiramente moídos em I.8-45 (em cima). Fragmentos de feldspato em J.8-744, proveniente da fossa de fundação do monumento.



FIG. 141 – Perda de aguada na superfície de J.8-763, proveniente da fossa de fundação do monumento (em cima) e em baixo aspecto de inclusões de quartzos e micas na sua pasta.



FIG. 142 – Evidência de elevadas temperaturas exercidas sobre vasos já fragmentados, o fragmento de cima, proveniente da fossa de fundação do monumento.

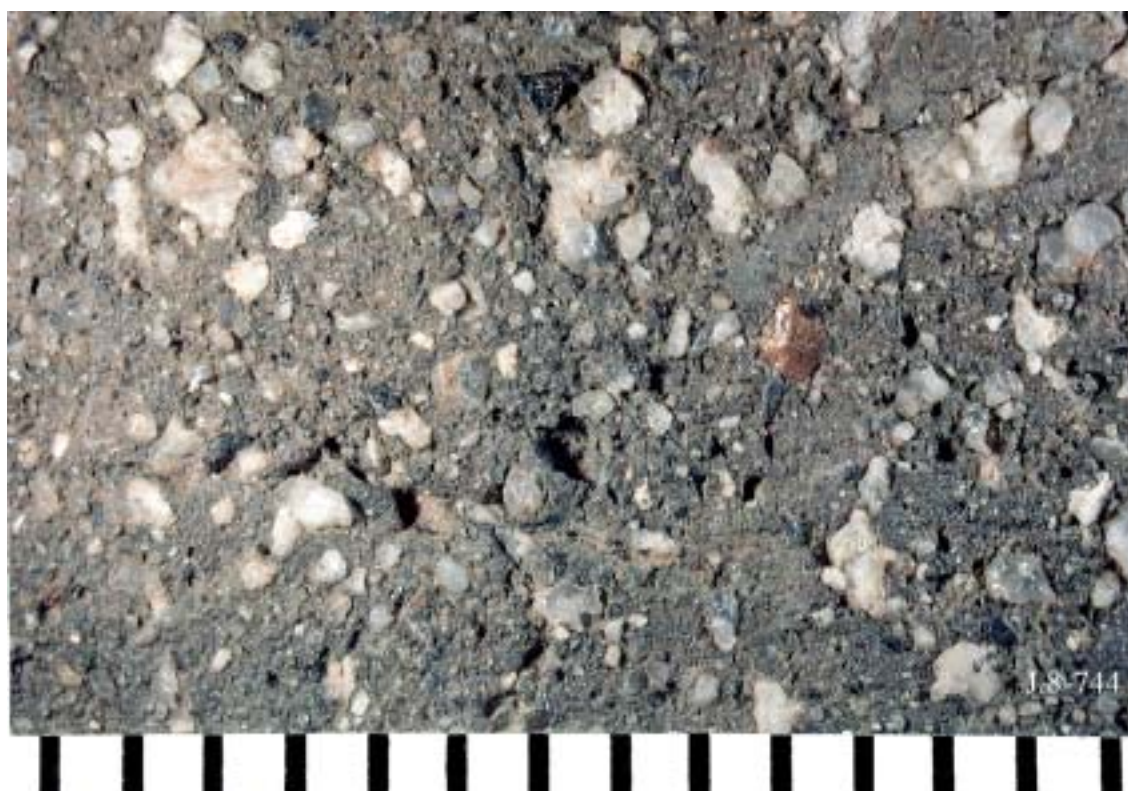


FIG. 143 – Distribuição homogénea dos componentes não plásticos em J.8-744, proveniente da fossa de fundação do monumento (em cima). Em baixo, J.8-723, com altimetria similar à dos recipientes da fossa e também apresentando vestígios de fogo intenso.



FIG. 144 – Grande homogeneidade da pasta do recipiente I.8-95, associado a Cm-3, «Marta». Em baixo, fragmento de recipiente I.8-764, proveniente da fossa de fundação do monumento.

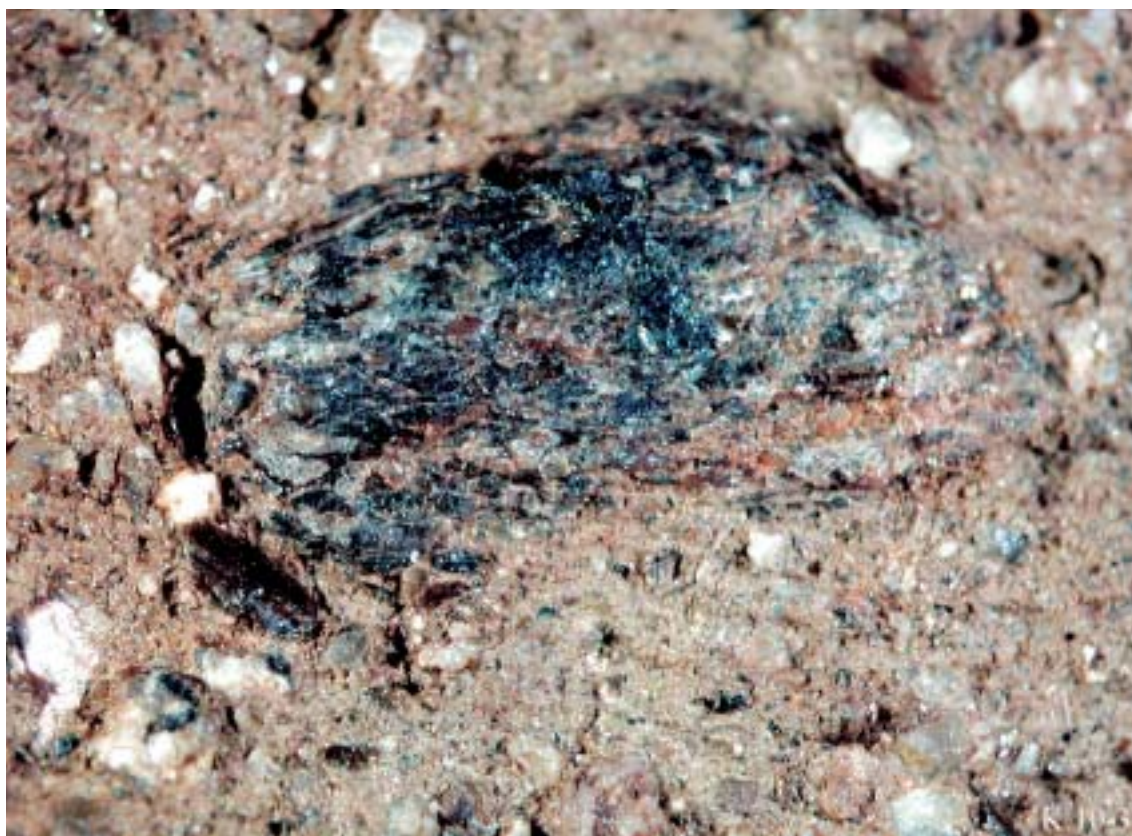


FIG. 145 – Grande componente não plástico de turmalina, no recipiente K.10-3. Em baixo, 1.8-9, com abundantes fragmentos de quartzo grosseiramente moídos e micas.



FIG. 146 – Componentes não plásticos, incluindo bronzite, em J.9-4. Em baixo, J.8-638, com substância vermelha (ocre?) aderente.



FIG. 147 – Perfuração para suspensão da placa de xisto gravada J.9-41, obtida por movimento rotativo perfurante. Em baixo, junção de triângulos ultrapassando os limites da banda, em 1.8-227.



FIG. 148 – Gravação feita com artefacto de ponta romba. O triângulo de baixo tem o vértice incompleto, por atingir a linha delimitadora superior da banda em que se insere (placa de xisto gravada I.8-155).

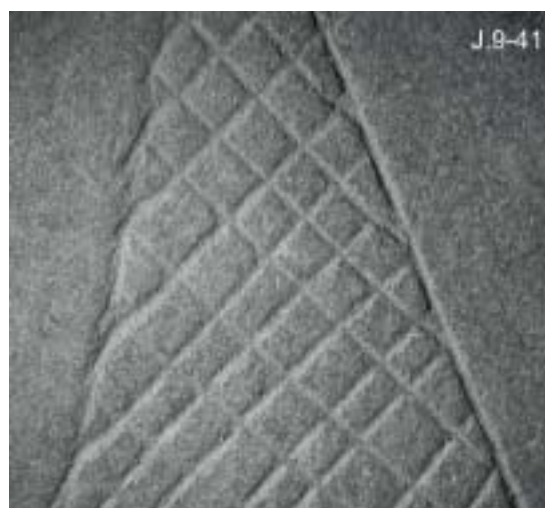


FIG. 149 – Placa de xisto gravada J.9-41: triângulos com lados gravados por linhas não contínuas. Triângulo completo (ao contrário de I.8-155, na Fig. anterior), ultrapassando a linha delimitadora de banda.



FIG. 150 — Placa de xisto gravada J.9-41: traçado de preenchimento ultrapassando o limite lateral do triângulo. Traços de polimento de superfície, visíveis entre áreas gravadas de I.8-155.



FIG. 151 – Placa de xisto gravada I.8-155: tipos de gravação com artefacto quase rombo (detalhe). Em baixo, paginação quase perfeita de uma gravação em linha zigzagueante estruturada por delimitadores verticais.

1. Inventário geral de restos humanos, faunísticos, flora carbonizada, artefactos e objectos

1.1. Inventário de restos humanos

no Corredor

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|---------------------------------------|------|------|--------|------------|---------------------------------------|
| G.8 | 1 | Frag. de dente | | | | 2001.07.37 | Crivo |
| G.8 | 2 | Frag. de dente | 0,57 | 1,72 | 204,99 | 2001.08.02 | |
| G.8 | 5 | 2.º molar inferior dº | 0,68 | 1,83 | 204,98 | 2001.08.13 | |
| G.8 | 9 | Incisivo lateral superior dº decidual | | | 204,88 | 2001.08.16 | Crivo |
| G.8 | 10 | Frag. de dente | | | 204,90 | 2001.08.16 | |
| H.8 | 8 | Frag. de dente | | | | 2001.07.19 | Crivo |
| H.8 | 9 | Frag. de dente | | | | 2001.07.19 | Crivo |
| H.8 | 10 | Frag. de pré-molar superior | | | | 2001.07.19 | Crivo |
| H.8 | 11 | 1.º molar superior eº | | | | 2001.07.19 | Crivo |
| H.8 | 13 | Canino superior dº | | | | 2001.07.19 | Crivo |
| H.8 | 15 | Incisivo central superior eº decidual | | | | 2001.07.19 | Crivo |
| H.8 | 19 | Frag. de dente | 0,84 | 2,00 | 205,01 | 2001.07.21 | |
| H.8 | 21 | Incisivo central superior dº | | | | 2001.07.24 | |
| H.8 | 22 | Frag. de dente | 0,34 | 0,08 | 205,07 | 2001.07.24 | |
| H.8 | 23 | Frag. de dente | 1,09 | 0,36 | 205,02 | 2001.07.25 | |
| H.8 | 25 | Frag. de dente | 1,14 | 0,80 | 205,07 | 2001.07.25 | |
| H.8 | 26 | Frag. de dente | | | | 2001.07.25 | Crivo |
| H.8 | 28 | Frag. de dente | 0,76 | 1,74 | | 2001.07.27 | Sem Z |
| H.8 | 32 | Frag. de dente | 0,93 | 1,77 | 205,01 | 2001.07.31 | No plano do vaso H.8-7 |
| H.8 | 36 | Frag. de dente | 1,00 | 1,50 | 204,97 | 2001.08.01 | No plano do vaso H.8-7 |
| H.8 | 41 | Frag. de dente | 0,59 | 1,62 | 204,93 | 2001.08.02 | No plano do vaso H.8-7 |
| H.8 | 42 | Osso carbonizado | | | 204,95 | 2001.08.02 | No plano do vaso H.8-7 |
| H.8 | 48 | Frag. de dente) | | | 204,92 | 2001.08.04 | Crivo |
| H.8 | 50 | Costela (frag.) | 0,71 | 0,69 | 204,96 | 2001.08.06 | No plano do vaso H.8-7 |
| H.8 | 52 | Frag. de dente | | | | 2001.08.07 | Crivo |
| H.8 | 53 | Frag. de dente | | | | 2001.08.07 | Crivo |
| H.8 | 58 | Osso carbonizado | 0,81 | 1,84 | 204,88 | 2001.08.09 | Abaixo do plano do vaso H.8-7 |
| H.8 | 59 | Frag. de dente | 1,00 | 1,80 | 204,86 | 2001.08.09 | Abaixo do plano do vaso H.8-7 |
| H.8 | 62 | Frag. de dente | | | 204,84 | 2001.08.10 | Crivo, abaixo do plano do vaso H.8-7 |
| H.8 | 68 | 2.º pré-molar inferior dº | | | 204,91 | 2001.08.11 | Crivo |
| H.8 | 71 | Crânio (frag.) | 0,36 | 1,30 | 204,86 | 2001.08.14 | |
| H.8 | 73 | 1.º molar inferior eº | | | 204,86 | 2001.08.17 | Crivo, abaixo do plano do vaso H.8-7 |
| H.8 | 82 | 2.º molar superior dº | | | 204,72 | 2001.08.21 | Crivo |
| H.8 | 90 | Frag. de pré-molar superior | | | 204,72 | 2001.08.22 | Crivo |
| H.8 | 93 | Osso carbonizado | 0,68 | 1,48 | 204,71 | 2001.08.22 | No plano do frag de PXG H.8-87 |
| H.8 | 98 | Frag. de dente | | | 204,75 | 2001.08.22 | Crivo, no plano do frag de PXG H.8-87 |
| H.8 | 99 | Frag. de dente | | | 204,75 | 2001.08.22 | Crivo, no plano do frag de PXG H.8-87 |
| H.8 | 100 | Frag. de dente | 0,61 | 1,20 | 204,76 | 2001.08.22 | Crivo |
| H.8 | 108 | Frag. molar inferior | 0,69 | 1,02 | 204,85 | 2001.08.24 | |
| H.8 | 112 | 2.º pré-molar inferior dº | | | 204,84 | 2001.08.25 | |
| H.8 | 122 | Frag. de dente | | | 204,71 | 2001.08.29 | Crivo |
| H.8 | 126 | Frag. de dente | 0,50 | 0,24 | 204,72 | 2001.08.30 | |

no Corredor [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--------------------------------|------|------|--------|------------|-------------------------------|
| H.8 | 130 | Frag. de dente | | | 204,80 | 2001.08.30 | Crivo, sob o contrapeso #15 |
| H.8 | 131 | Frag. de dente | | | 204,82 | 2001.08.31 | Crivo, sob o contrapeso #15 |
| H.8 | 132 | Frgs. ósseos não identificados | 1,29 | 1,31 | 204,76 | 2001.08.31 | Sob o contrapeso #15 |
| I.8 | 33 | Frag. de dente | | | 204,92 | 2001.08.03 | Crivo |
| I.8 | 34 | Frag. de dente | | | 204,92 | 2001.08.03 | Crivo, no plano do vaso H.8-7 |
| I.8 | 35 | Frag. de dente | | | 204,92 | 2001.08.03 | Crivo, no plano do vaso H.8-7 |
| I.8 | 36 | Frag. de dente | | | 204,92 | 2001.08.03 | Crivo, no plano do vaso H.8-7 |
| I.8 | 76 | Frag. de dente | | | 204,86 | 2001.08.09 | Crivo |
| I.8 | 99 | Frag. de dente | | | 204,79 | 2001.08.17 | Crivo |
| I.8 | 111 | Frag. de dente | 0,92 | 0,20 | 204,72 | 2001.08.21 | |

na Câmara

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|------------------|------------|--------------|
| I.7 | 4 | Frgs. cranianos; Frag. da diáfise do fêmur | | | | 2001.10.01 | Revolvimento |
| I.8 | 4 | 2.º molar inferior dº | 1,42 | 0,87 | 205,44 | 2001.07.23 | |
| I.8 | 6 | Incisivo lateral superior eº | | | | 2001.07.23 | Crivo |
| I.8 | 14 | Osso carbonizado | 1,58 | 1,95 | 205,41 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 17 | Frgs. ósseos não identificados | 1,27 | 1,95 | 205,35 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 24 | Incisivo lateral superior eº | | | | 2001.07.26 | Crivo |
| I.8 | 31 | Frgs. ósseos não identificados | 1,93 | 1,70 | 205,34 | 2001.08.02 | |
| I.8 | 38 | Frag. pré-molar superior | | | 205,30 | 2001.08.03 | Crivo |
| I.8 | 42 | Canino superior dº | | | 205,25 | 2001.08.04 | Crivo |
| I.8 | 43 | Osso carbonizado | | | 205,25 | 2001.08.04 | Crivo |
| I.8 | 52 | Crânio (frag.) | 0,32 | 1,62 | 205,26 | 2001.08.06 | |
| I.8 | 53 | 2 – incisivo central superior dº; 3 – 2.º pré-molar superior eº | 0,47 | 1,88 | 205,24 | 2001.08.06 | |
| I.8 | 55 | Frag. de dente | 1,49 | 1,22 | 205,20 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 57 | Crânio (frag.) | 0,58 | 1,62 | 205,24 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 58 | Crânio (frag.) | 0,54 | 1,10 | 205,23 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 60 | Crânio (frag.) | 0,60 | 1,30 | 205,24 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 64 | Crânio (frag.) | 0,30 | 1,27 | 205,15 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 69 | Frag. de dente | | | | 2001.08.08 | Crivo |
| I.8 | 75 | 1.º pré-molar inferior dº | 0,69 | 1,95 | 205,22 | 2001.08.09 | |
| I.8 | 78 | 2.º molar inferior dº | | | 205,19 | 2001.08.09 | Crivo |
| I.8 | 79 | Frag. de dente | | | 205,19 | 2001.08.09 | Crivo |
| I.8 | 81 | Frag. de dente | | | 205,20 | 2001.08.09 | |
| I.8 | 82 | Frgs. ósseos não identificados | 1,60 | 1,75 | 205,22 | 2001.08.10 | |
| I.8 | 84 | Frgs. ósseos não identificados | 1,91 | 1,74 | 205,30 | 2001.08.10 | |
| I.8 | 85 | Frag. de dente | 1,89 | 1,79 | 205,30 | 2001.08.10 | |
| I.8 | 88 | Frag. de molar | 1,66 | 1,93 | 205,21 | 2001.08.10 | |
| I.8 | 103 | Patas do cão | 0,55 | 1,70 | 205,15 | 2001.08.18 | |
| I.8 | 105 | Fémur dto. (ext. distal) | 0,47 | 1,60 | 205,21 205,15 | 2001.08.18 | Cm-3 |
| I.8 | 106 | Fémur esq. (ext. distal) | 0,53 | 1,72 | 205,22 205,17 | 2001.08.18 | Cm-3 |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|--------|------------|-------------|
| I.8 | 116 | Osso carbonizado | 1,22 | 1,48 | 205,07 | 2001.09.03 | |
| I.8 | 126 | Frag. de pré-molar inferior | 0,60 | 1,87 | 205,10 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 127 | 1 – 2.º molar superior dº | 0,33 | 1,69 | 205,10 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 131 | Frag. de dente | | | 205,10 | 2001.09.04 | Crivo |
| I.8 | 133 | Crânio (frag.) | 0,70 | 1,75 | 205,10 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 135 | 2.º molar superior dº | 0,52 | 1,36 | 205,09 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 137 | 2.º molar inferior dº | 0,97 | 1,60 | 205,13 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 139 | Frag. de molar inferior | | | 205,09 | 2001.09.04 | Crivo |
| I.8 | 140 | Falange proximal de pé | 0,44 | 1,36 | 205,05 | 2001.09.05 | |
| I.8 | 141 | Falange proximal da mão | 0,42 | 1,70 | 205,08 | 2001.09.05 | |
| I.8 | 142 | Frag. de maxilar superior com canino e 1º Pré-molar | 0,57 | 1,56 | 205,06 | 2001.09.05 | |
| I.8 | 144 | 1.º molar superior eº | 0,73 | 1,83 | 205,05 | 2001.09.05 | |
| I.8 | 146 | Frag. de molar eº | | | 205,06 | 2001.09.05 | Crivo |
| I.8 | 154 | 3.º molar inferior dº | | | 205,07 | 2001.09.06 | Crivo |
| I.8 | 156 | Falange intermédia da mão | 0,19 | 1,25 | 204,98 | 2001.09.06 | |
| I.8 | 157 | Frag. ósseos não identificados | 0,30 | 1,44 | 205,00 | 2001.09.06 | |
| I.8 | 158 | Frag. de diáfise de úmero | 0,23 | 1,74 | 205,04 | 2001.09.06 | |
| I.8 | 160 | Frag. de dente | 2,00 | 1,50 | 205,07 | 2001.09.06 | |
| I.8 | 161 | 1 – 2.º pré-molar inferior eº; 2 – 2.º pré-molar superior eº | | | 205,00 | 2001.09.06 | Crivo |
| I.8 | 162 | Metatarsiano de não-adulto; falange intermédia do pé | | | 205,00 | 2001.09.06 | Crivo |
| I.8 | 163 | Falange intermédia da mão | | | 205,00 | 2001.09.06 | Crivo |
| I.8 | 164 | 2.º pré-molar superior dº | 0,77 | 0,62 | 205,04 | 2001.09.06 | |
| I.8 | 168 | Incisivo central superior eº | 1,33 | 1,86 | 204,98 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 169 | Crânio (frag.) | 0,98 | 1,97 | 205,00 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 170 | Frag. molar inferior | | | 205,00 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 172 | 3.º molar superior eº | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 173 | Crânio (frags.) | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 174 | 1 – Frag. molar inferior; ° 2 – 2.º molar inferior d | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 178 | Frag. de diáfise de tibia | | | 204,98 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 179 | Frag. cranianos | | | 204,98 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 181 | Falange proximal do pé. | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 182 | Falange interproximal da mão | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 183 | 1 – 2.º molar inferior dº; 4 – frag. molar inferior; 6 – Incisivo lateral superior eº; 7. canino inferior dº; 11. canino inferior dº; 12 – 2.º pré-molar inferior dº | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 186 | Falange proximal do pé | | | 204,98 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 187 | Frag. molar inferior | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 188 | Frag. molar inferior | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 189 | Incisivo central superior decidual | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 190 | Frag. pré-molar inferior | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 191 | Frag. de dente | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|--------|------------|------------------------------|
| I.8 | 195 | 1 – 1.º pré-molar inferior eº; 2 – Incisivo lateral inferior eº | | | 204,93 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 196 | Frag. de diáfise de tíbia | 1,80 | 1,51 | 204,93 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 197 | Frag. de diáfise de fémur | 1,70 | 1,62 | 204,92 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 199 | Frag. de corpo de vértebra torácica | 0,20 | 1,71 | 204,86 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 200 | Frag. de costela | 0,32 | 1,64 | 204,86 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 201 | Frag. de molar superior | 0,15 | 1,70 | 204,86 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 204 | Falange interproximal da mão | 0,42 | 1,85 | 204,86 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 205 | Falange intermédia da mão | 0,26 | 1,55 | 204,86 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 206 | Frag. da extremidade proximal de rádio | 0,52 | 1,49 | 204,86 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 207 | Frag. de diáfise de úmero | 1,90 | 1,82 | 204,98 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 208 | Canino inferior eº | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 209 | Frag. de 1.º metatarsiano | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 211 | Frag. de corpo de vértebra torácica | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 213 | Falange distal do 1.º dedo do pé | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 215 | Frag. de corpo vertebral | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 217 | Falange da mão de não-adulto | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 218 | Falange proximal do pé | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 219 | 1 – 1.º molar superior dº; 2 – canino superior eº; 3 – Incisivo lateral inferior dº; 4 – 1.º molar superior eº; 5 – Canino inferior dº; 6 – 1.º molar inferior dº decidua | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 230 | 1 – Frag. do lado dº de mandíbula com 1.º e 2.º Pré-molar esr; 2 – 1.º molar inferior dº; 3 – 1.º molar superior eº | | | 205,15 | 2001.09.13 | Junto a ECm-7 |
| I.8 | 234 | Crânio (frag.) | | | 205,05 | 2001.09.13 | Junto a ECm-7. Para datação. |
| I.8 | 238 | 3.º molar inferior eº | | | 204,85 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 239 | Falange proximal da mão de não-adulto Frag. de molar inferior | | | 204,85 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 240 | Frag. cranianos de adulto e não-adulto; Frag. da abertura externa do canal auditivo; Frag. de processo articular de vértebra; Epífise proximal de metacarpiano de não-adulto; Falange distal do pé; Escafóide eº; Frag. de calcâneo; Frag. de diáfise de rádio; Frag. de costelas de adulto e não-adulto; Frag. da extremidade proximal de cúbito; Frag. de pisiforme eº; Frag. da extremidade proximal de falange da mão; Frag. da extremidade proximal de 2.º metacarpiano dº; Falange intermédia do 5.º dedo do pé; | | | 204,85 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 241 | Falange interproximal da mão | | | 204,85 | 2001.09.13 | |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|--------|------------|-------------|
| I.8 | 242 | Incisivo central superior dº | | | 204,85 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 243 | Canino inferior eº | | | 204,85 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 244 | Incisivo lateral inferior dº | | | 204,85 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 249 | Crânio (frags.) e maxilar (frag.) | 1,92 | 1,83 | 205,00 | 2001.09.18 | |
| I.8 | 251 | Crânio (frags.) | 1,84 | 1,48 | 204,98 | 2001.09.18 | |
| I.8 | 252 | 3 – coroa de Incisivo central superior eº 5 – Incisivo central superior dº | 1,80 | 1,33 | 204,98 | 2001.09.18 | |
| I.8 | 253 | Frag. de dente | 1,86 | 1,60 | 204,98 | 2001.09.18 | |
| I.8 | 254 | Frag. de maxilar superior com 1.º molar decidual, canino eº decidual e coroas de canino dº e 1.º pré-molar eº definitivos | 1,79 | 1,97 | 204,98 | 2001.09.18 | |
| I.8 | 256 | Incisivo lateral inferior dº | | | | 2001.09.18 | Crivo |
| I.8 | 257 | Incisivo lateral inferior eº | | | | 2001.09.18 | Crivo |
| I.8 | 258 | Frag. de dente | | | | 2001.09.18 | Crivo |
| I.8 | 260 | Incisivo central superior eº | | | | 2001.09.19 | Crivo |
| I.8 | 265 | Crânio (frag.) | 0,58 | 1,34 | 204,69 | 2001.09.20 | |
| I.8 | 266 | Falange proximal do pé | 0,59 | 1,34 | 204,69 | 2001.09.20 | |
| I.8 | 267 | 3.º molar superior dº e frag. osso longo | 0,58 | 1,48 | 204,72 | 2001.09.20 | |
| I.8 | 270 | Incisivo central inferior eº | 1,70 | 1,29 | 204,78 | 2001.09.24 | |
| I.8 | 271 | 1.º molar inferior eº | 1,70 | 1,00 | 204,78 | 2001.09.24 | |
| I.8 | 272 | Frag. de mandíbula com canino eº não erupcionado; 2 – 2.º molar inferior eº decidual ; 3 – 1.º molar inferior eº; 4 – 1.º molar inferior eº decidual | 1,66 | 1,83 | 204,78 | 2001.09.24 | |
| I.8 | 274 | 1 – 1.º pré-molar superior dº; 2 – 2.º molar superior dº | 1,80 | 1,81 | 204,78 | 2001.09.24 | |
| I.8 | 275 | Frag. de cabeça de fémur eº | 0,40 | 1,93 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| I.8 | 276 | Falange proximal do pé | 0,70 | 1,80 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| I.8 | 278 | 2.º molar inferior dº | | | | 2001.09.25 | Crivo |
| I.8 | 279 | Canino inferior dº | | | | 2001.09.25 | Crivo |
| I.8 | 280 | Incisivo lateral inferior dº | | | | 2001.09.25 | Crivo |
| I.8 | 284 | 1.º molar inferior dº | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| I.8 | 285 | 2.º molar inferior dº decidual | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| I.8 | 288 | Osso carbonizado | 1,14 | 0,43 | 204,71 | 2001.10.03 | |
| I.8 | 292 | Frag. de vértebra; frag. de rótula; frag. de extremidade proximal de rádio; falange interproximal do pé | 0,52 | 1,91 | 204,74 | 2001.10.08 | |
| I.8 | 293 | Incisivo central eº inferior | 0,66 | 1,89 | 204,75 | 2001.10.08 | |
| I.8 | 294 | Frag. pré-molar superior | 0,70 | 1,90 | 204,74 | 2001.10.08 | |
| I.8 | 295 | Crânio (frags.) | 0,22 | 1,43 | 204,69 | 2001.10.08 | |
| I.8 | 296 | Frag. e a extremidade distal de fémur; Frag. de diáfise de úmero eº; Frag. de corpo vertebral; 1 Frag. de osso do tarso | 0,69 | 1,35 | 204,71 | 2001.10.09 | |
| I.8 | 297 | Falange distal da mão | 0,69 | 1,35 | 204,71 | 2001.10.09 | |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-------------|--|--------------|--------------|------------------|------------|--------------------------------|
| I.8 | 298 | Frag. de cabeça de fémur esquerdo | 0,72 | 1,72 | 204,75 | 2001.10.09 | |
| I.8 | 299 | Frag. de diáfise de fémur | 0,74 | 1,83 | 204,75 | 2001.10.09 | |
| I.8 | 302 | 1.º molar inferior dº | 0,78 | 1,93 | 204,71 | 2001.10.09 | |
| I.9 | 8 | 3.º molar inferior eº | 0,30 | 1,20 | 205,70 | 2001.07.26 | |
| I.9 | 25 | 1 - 1.º pré-molar inferior dº; 2 - 3.º molar inferior dº | | | | 2001.10.02 | Junto a ECM-7 |
| I.9 | 27 | 3.º molar superior dº | 1,59 | 0,27 | 204,80 | 2001.10.04 | |
| I.9 | 28 | Osso carbonizado | 1,58 | 0,40 | 204,79 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 2 | Frag. de dente | | | | 2001.07.23 | Crivo |
| J.8 | 3 | Osso carbonizado | | | | 2001.07.23 | Crivo |
| J.8 | 4 | Frag. de dente | | | | 2001.07.23 | Crivo |
| J.8 | 8 | Frag. de dente | | | | 2001.07.24 | Crivo |
| J.8 | 9 | Frag. de dente | | | | 2001.07.24 | Crivo |
| J.8 | 10 | Frag. de dente | | | | 2001.07.24 | Crivo |
| J.8 | 13 | Frag. de dente | | | 205,25 | 2001.07.24 | Crivo |
| J.8 | 18 | Frag. de maxilar superior com 1.º molar dº | | | | 2001.07.25 | Crivo |
| J.8 | 19 | Osso | 1,60 | 0,80 | 205,37 | 2001.07.25 | J.8-60. Frags. em saco à parte |
| J.8 | 20 | Pirâmide petrosial esquerda; Dois frags. de corpo de vértebra cervical; Frag. de vértebra torácica; | 1,03 | 1,19 | 205,51 | 2001.07.25 | |
| J.8 | 22 | 2.º pré-molar superior dº | | | 205,35 | 2001.07.26 | Crivo |
| J.8 | 24 | Frag. de dente | | | 205,34 | 2001.07.26 | |
| J.8 | 26 | Frag. de dente | 1,77 | 0,80 | 205,43 | 2001.07.27 | |
| J.8 | 28 | Frag. de molar | | | | 2001.07.27 | Crivo |
| J.8 | 29 | Coxal | 0,96 | 0,70 | 205,39 | 2001.07.27 | Cm-2 ? |
| J.8 | 30 | Osso | 0,59 | 0,48 | 205,38 | 2001.07.31 | |
| J.8 | 31 | Osso | 1,69 | 0,22 | 205,35 | 2001.07.31 | |
| J.8 | 32 | Frag. molar inferior | 1,75 | 0,72 | 205,41 | 2001.07.31 | |
| J.8 | 34 | 1.º pré-molar inferior dº | 1,54 | 1,02 | 205,41 | 2001.07.31 | |
| J.8 | 39 | Frag. de dente | | | 205,32 | 2001.08.01 | Crivo |
| J.8 | 40 | 2.º pré-molar inferior dº | | | 205,35 | 2001.08.01 | Crivo |
| J.8 | 43 | 3.º molar superior eº | 0,90 | 0,24 | 205,36 | 2001.08.02 | |
| J.8 | 46 | Osso carbonizado | 1,91 | 0,79 | 205,33 | 2001.08.02 | |
| J.8 | 47 | Frag. de dente | | | 205,31 | 2001.08.02 | Crivo |
| J.8 | 48 + 700 | 2.º molar inferior eº | | | | 2001.08.02 | Crivo |
| J.8 | 49 | 1.º pré-molar superior eº | 1,56 | 0,17 | 205,33 | 2001.08.03 | |
| J.8 | 51 | Frag. de dente | 1,80 | 1,12 | 205,38 | 2001.08.03 | |
| J.8 | 52 | Frag. de dente | 0,15 | 1,49 | 205,32 | 2001.08.03 | |
| J.8 | 56 | Clavícula | 1,67 1,76 | 0,97 1,05 | 205,35 205,34 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 57 | Esterno | 1,68 1,40 | 0,95 | 205,33 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 58 | Costelas | 1,70 | 1,06 | 205,37 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 59 | Rádio dto | 1,52 1,73 | 0,78 0,81 | 205,34 205,33 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 60 | Cúbito/ulna dto | 1,49 1,69 | 0,82 0,81 | 205,35 205,34 | 2001.08.08 | Cm-2 |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|------------------------------------|--------------|--------------|------------------|------------|-------------|
| J.8 | 61 | Úmero esq | 1,49 1,70 | 0,91 1,02 | 205,33 205,32 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 62 | Rádio esq | 1,50 1,70 | 0,89 0,83 | 205,33 205,33 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 63 | Cúbito/ulna esq | 1,47 0,80 | 1,48 0,83 | 205,33 205,32 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 64 | Mão esq (?) | 1,77 | 0,81 | 205,39 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 65 | Fémur esq | 1,14 1,14 | 0,76 1,17 | 205,32 205,27 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 66 | Rótula/patela esq | 1,09 | 0,74 | 205,33 205,32 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 67 | Tíbia esq | 1,08 0,83 | 0,79 1,06 | 205,31 205,32 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 68 | Vértebra | 1,16 | 1,00 | 205,30 205,28 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 69 | Tarso esq | 0,79 | 1,07 | 205,33 205,30 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 70 | Metatarso esq | 0,77 | 1,09 | 205,34 205,28 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 71 | Tíbia dta | 0,95 0,95 | 0,80 1,13 | 205,34 205,31 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 72 | Perónio/fíbula dta | 0,97 0,97 | 0,86 1,03 | 205,34 205,32 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 73 | Rótula/patela dta | 0,94 | 0,74 | 205,36 205,33 | 2001.08.08 | Cm-2 |
| J.8 | 75 | Frag. de molar inferior | 0,53 | 0,29 | 205,29 | 2001.08.09 | |
| J.8 | 76 | Frag. de dente | 0,67 | 0,29 | 205,25 | 2001.08.09 | |
| J.8 | 78 | Frag. molar inferior | 1,65 | 0,89 | 205,32 | 2001.08.10 | |
| J.8 | 82 | 2.º pré-molar inferior eº | 1,66 | 0,84 | 205,31 | 2001.08.11 | |
| J.8 | 91 | Canino superior eº decidual | 1,65 | 0,43 | 205,28 | 2001.08.14 | |
| J.8 | 92 | Crânio (frag.) | 1,79 | 0,74 | 205,30 | 2001.08.14 | |
| J.8 | 98 | Frag. de dente | 1,34 | 0,92 | 205,25 | 2001.08.15 | |
| J.8 | 105 | 2.º pré-molar superior dº | 1,11 | 1,00 | 205,22 | 2001.08.17 | |
| J.8 | 106 | Frag. de dente | | | | 2001.08.17 | Crivo |
| J.8 | 107 | 2.º molar inferior eº | 1,02 | 0,75 | 205,22 | 2001.08.17 | |
| J.8 | 109 | Frag. de dente | | | | 2001.08.17 | Crivo |
| J.8 | 110 | Frag. de dente | 0,65 | 1,25 | 205,19 | 2001.08.17 | |
| J.8 | 111 | Frag. molar inferior | | | | 2001.08.18 | Crivo |
| J.8 | 112 | Incisivo central superior dº | 0,67 | 0,91 | 205,20 | 2001.08.18 | |
| J.8 | 118 | Crânio | 0,95 | 0,63 | 205,28 205,14 | 2001.08.18 | Cm-3 |
| J.8 | 120 | Incisivo lateral superior dº | 1,41 | 0,34 | 205,20 | 2001.08.20 | |
| J.8 | 121 | Incisivo central superior decidual | 1,11 | 0,57 | 205,20 | 2001.08.20 | |
| J.8 | 123 | Crânio (frag.) | 1,78 | 0,87 | 205,21 | 2001.08.20 | Cm-2 ? |
| J.8 | 125 | Crânio (frag.) | 1,82 | 0,70 | 205,20 | 2001.08.20 | Cm-2 ? |
| J.8 | 126 | 2.º molar superior dº | 1,88 | 0,67 | 205,20 | 2001.08.20 | Cm-2 ? |
| J.8 | 127 | Crânio (frag.) | 1,64 | 0,84 | 205,20 | 2001.08.20 | Cm-2 ? |
| J.8 | 128 | 3.º molar superior dº | 1,77 | 0,84 | 205,20 | 2001.08.21 | Cm-2 ? |
| J.8 | 129 | Falange intermédia da mão | 1,15 | 0,78 | 205,19 | 2001.08.21 | Cm-2 ? |
| J.8 | 130 | 2.º pré-molar inferior dº | 1,44 | 0,90 | 205,19 | 2001.08.21 | Cm-2 ? |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|--------|------------|-------------|
| J.8 | 131 | 1.º pré-molar superior dº | 1,18 | 0,87 | 205,18 | 2001.08.21 | Cm-2 ? |
| J.8 | 133 | Frag. de falange proximal do pé | 0,77 | 0,22 | 205,22 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 135 | Garra de animal | 0,75 | 0,14 | 205,19 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 138 | Osso c/ articulação | 0,83 | 0,28 | 205,19 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 142 | Crânio (frag.) | 1,50 | 0,94 | 205,18 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 143 | Canino inferior dº | 1,35 | 0,98 | 205,18 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 144 | Osso carbonizado | 1,11 | 0,96 | 205,18 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 147 | Frag. de dente | 1,68 | 1,01 | 205,18 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 148 | Falanges distal e proximal do pé | 0,74 | 0,16 | 205,18 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 149 | 2.º pré-molar eº | 0,60 | 0,24 | 205,22 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 150 | Frag. de dente | 1,58 | 1,02 | 205,18 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 152 | Crânio (frag.) | 0,71 | 0,38 | 205,18 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 153 | Crânio (frag.) | 1,53 | 1,13 | 205,21 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 156 | Crânio (frag.) | 0,56 | 0,48 | 205,22 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 157 | Osso carbonizado | 1,70 | 0,16 | 205,20 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 159 | ONI | 0,56 | 0,56 | 205,22 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 160 | Garra | 0,55 | 0,50 | 205,22 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 161 | 2.º molar inferior dº | 0,52 | 0,53 | 205,22 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 163 | Crânio (frag.) | 0,50 | 0,72 | 205,22 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 164 | Frag. de dente | 0,51 | 0,24 | 205,19 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 165 | 1.º molar superior dº | 0,43 | 0,24 | 205,09 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 166 | Dente | 0,47 | 0,16 | 205,13 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 167 | Osso c/ articulação | 0,67 | 0,32 | 205,16 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 168 | Falange intermédia do pé | 0,72 | 0,89 | 205,13 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 169 | Frag. de costelas | 0,77 | 0,35 | 205,17 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 172 | Frag. de cabeça de fémur eº | 0,66 | 0,42 | 205,16 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 173 | Frag. de vértebra cervical | 0,59 | 0,39 | 205,16 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 174 | Frag. de acromio | 0,96 | 0,06 | 205,17 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 175 | 1.º pré-molar superior eº | 0,93 | 0,91 | 205,15 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 177 | Crânio (frag.) | 0,73 | 0,92 | 205,15 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 178 | Frag. de costela | 0,70 | 0,35 | 205,16 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 182 | Arcada supraciliar | 0,83 | 0,91 | 205,14 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 184 | 2.º pré-molar inferior dº | 0,89 | 0,99 | 205,13 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 185 | Frag. de dente | 0,83 | 0,57 | 205,17 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 186 | Frag. de dente | 1,12 | 1,06 | 205,13 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 187 | Frag. pré-molar superior | 1,17 | 0,79 | 205,13 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 189 | Falange proximal da mão; 2.º molar inferior dº | 0,56 | 0,60 | 205,13 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 191 | Frag. de dente | 1,32 | 0,83 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 192 | Frag. de dente | 1,57 | 0,86 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 193 | Frag. de dente | 1,58 | 0,77 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 194 | Vértebra | 0,83 | 0,53 | 205,13 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 196 | Frag. de costela | 0,73 | 0,83 | 205,13 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 197 | Crânio (frag.) | 0,45 | 0,30 | 205,15 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 198 | Crânio (frag.) | 0,86 | 0,02 | 205,13 | 2001.08.24 | |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|----------------------------------|------|------|--------|------------|---------------------|
| J.8 | 200 | Maxilar (frag.) | 1,64 | 1,11 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 203 | 1.º molar superior dº | 1,66 | 1,15 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 204 | Incisivo central inferior dº | 1,56 | 1,05 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 205 | Frag. de dente | 1,49 | 0,50 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 207 | Frag. de dente | | | 205,13 | 2001.08.25 | Crivo |
| J.8 | 213 | Crânio (frag.) | 1,20 | 0,13 | 205,13 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 214 | Crânio (frag.) | 1,25 | 0,20 | 205,08 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 215 | Crânio (frag.) | 1,36 | 0,23 | 205,12 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 216 | Frag. de dente | 1,22 | 0,22 | 205,13 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 217 | Frag. molar superior | 1,57 | 0,32 | 205,05 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 219 | 1.º molar superior dº | 0,95 | 0,98 | 205,02 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 221 | Incisivo central inferior dº | | | 205,08 | 2001.08.27 | Crivo |
| J.8 | 222 | 3.º molar superior eº | | | 205,08 | 2001.08.27 | Crivo |
| J.8 | 223 | Frag. de molar superior | | | 205,08 | 2001.08.27 | Crivo |
| J.8 | 224 | Frag. de dente | | | 205,08 | 2001.08.27 | Crivo |
| J.8 | 225 | 2.º pré-molar superior eº | | | 205,08 | 2001.08.27 | Crivo |
| J.8 | 226 | Frag. molar inferior | | | 205,08 | 2001.08.27 | Crivo, junto a Cm-4 |
| J.8 | 227 | Frag. de dente | | | 205,08 | 2001.08.27 | Crivo |
| J.8 | 228 | Frag. de falange proximal da mão | 0,86 | 0,89 | 205,02 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 230 | Osso carbonizado | 0,76 | 0,69 | 205,04 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 231 | Falange proximal da mão | 1,02 | 0,79 | 205,02 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 232 | Frag. de dente | 0,76 | 0,69 | 205,03 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 234 | 3.º molar inferior dº | 0,59 | 0,60 | 205,03 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 235 | Frag. de dente | 0,98 | 0,70 | 205,04 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 237 | Frag. de dente | 0,52 | 0,52 | 205,03 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 238 | Frag. de dente | 1,36 | 0,65 | 205,02 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 239 | Frag. de dente | 1,64 | 0,93 | 205,02 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 242 | Frag. de dente | 0,22 | 0,21 | 205,26 | 2001.08.28 | |
| J.8 | 244 | Frag. de dente | | | 205,02 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 246 | Crânio (frags.) | 1,67 | 0,66 | 205,07 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 247 | Incisivo central inferior dº | 1,58 | 0,42 | 205,07 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 249 | Crânio (frags.) | 1,71 | 0,48 | 205,07 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 250 | Osso carbonizado | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 251 | Frag. de dente | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 252 | Frag. de dente | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 253 | Frag. de pré-molar inferior | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 254 | Frag. de dente | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 255 | Frag. de dente | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 256 | Frag. de dente | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 258 | Frag. de dente | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 259 | 2.º molar inferior eº | | | 205,07 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 261 | 1.º pré-molar inferior dº | 1,71 | 0,37 | 205,05 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 263 | Crânio (frags.) | 1,62 | 0,54 | 205,05 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 264 | Frag. de dente | 1,78 | 0,51 | 205,05 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 265 | Osso carbonizado | | | 205,02 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 266 | Frag. de dente | | | 205,02 | 2001.08.28 | Crivo |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|--------------|--------------|--------|------------|-------------|
| J.8 | 267 | Frag. de dente | | | 205,02 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 268 | Frag. de dente | | | 205,02 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 269 | Frag. de dente | | | 205,02 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 270 | Frag. de dente | | | 205,02 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 271 | Frag. de dente | | | 205,02 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 272 | Frag. de dente | | | 205,02 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 273 | Falange | 1,49 | 0,29 | 205,05 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 274 | Frag. da cabeça de fémur dº | 1,70 | 1,45 | 205,05 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 275 | ONI | 1,55 | 1,53 | 205,05 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 277 | Falange | 1,33 | 0,57 | 205,05 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 278 | Crânio (frag.) | 0,36 | 0,40 | 205,03 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 280 | Osso carbonizado | 0,93 | 0,42 | 205,09 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 281 | Falange intermédia da mão; frag. de falange do pé | 1,62 | 0,24 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 282 | Falange | 1,62 | 0,29 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 283 | ONI | 1,67 | 0,30 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 284 | 1.º molar inferior dº | 1,60 | 0,31 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 285 | ONI | 1,67 | 0,33 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 286 | ONI | 1,64 | 0,36 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 287 | Falange distal da mão; falange interproximal da mão | 1,58 1,55 | 0,38 0,39 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 288 | Crânio (frags.) | 0,93 | 0,23 | 205,09 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 289 | 1.º pré-molar superior dº | 1,38 | 0,46 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 290 | Incisivo lateral inferior dº | 1,37 | 0,44 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 293 | Dente (frags.) | | | 205,09 | 2001.08.29 | Crivo |
| J.8 | 294 | Dente (frags.) | | | 205,09 | 2001.08.29 | Crivo |
| J.8 | 295 | 1.º molar superior dº | | | 205,09 | 2001.08.29 | Crivo |
| J.8 | 296 | 2.º pré-molar inferior dº | | | 205,09 | 2001.08.29 | Crivo |
| J.8 | 297 | Incisivo lateral superior eº decidual | | | 205,00 | 2001.08.29 | Crivo, Cm-4 |
| J.8 | 298 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.08.29 | Crivo, Cm-4 |
| J.8 | 299 | Falange | | | 205,00 | 2001.08.29 | Crivo, Cm-4 |
| J.8 | 300 | Frag. de dente | 1,21 | 0,17 | 205,13 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 301 | 3.º molar superior eº | 1,58 | 0,03 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 302 | Frag. de dente | 1,65 | 0,50 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 303 | 1.º pré-molar inferior dº | 1,40 | 0,51 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 304 | 2.º molar inferior eº | 1,39 | 0,51 | 205,00 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 305 | Frag. de dente | 1,89 | 0,53 | 205,04 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 306 | Frag. de dente | 0,96 | 0,40 | 205,09 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 308 | Frag. de dente | 1,17 | 0,41 | 205,09 | 2001.08.29 | Cm-4 |
| J.8 | 314 | Falange distal do pé | | | 205,00 | 2001.08.30 | Crivo, Cm-4 |
| J.8 | 315 | 3.º molar inferior dº | | | 205,00 | 2001.08.30 | Crivo, Cm-4 |
| J.8 | 316 | Frag. de dente | 1,00 | 0,55 | 205,04 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 317 | Incisivo central dº inferior | 0,85 | 0,49 | 205,09 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 318 | 2.º molar eº inferior decidual | 0,85 | 0,27 | 205,06 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 320 | 1.º pré-molar inferior eº | 0,92 | 0,17 | 205,04 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 321 | 1.º molar inferior eº | 0,76 | 0,27 | 205,04 | 2001.08.30 | |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|---|--------------|--------------|--------|------------|-------------|
| J.8 | 322 | Frag. de pré-molar inferior | 0,88 | 0,08 | 205,0 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 323 | 2.º pré-molar inferior dº | 1,27 | 0,25 | 205,00 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 326 | Falange intermédia da mão | 1,02 | 0,05 | 205,00 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 328 | Incisivo lateral superior eº decidua | 1,00 | 0,24 | 205,03 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 329 | Falange proximal da mão | 1,00 | 0,24 | 205,03 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 330 | Dente carbonizado | | | 205,09 | 2001.08.30 | Crivo |
| J.8 | 331 | Frag. de dente | | | 205,09 | 2001.08.30 | Crivo |
| J.8 | 332 | Frag. de dente | | | 205,09 | 2001.08.30 | Crivo |
| J.8 | 333 | Frag. de dente | | | 205,09 | 2001.08.30 | Crivo |
| J.8 | 334 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.08.30 | Crivo |
| J.8 | 336 | Falange distal da mão de não-adulto | | | 205,00 | 2001.08.30 | Crivo |
| J.8 | 337 | Falange proximal do 1.º dedo do pé | | | 205,00 | 2001.08.30 | Crivo |
| J.8 | 339 | Falange distal da mão | | | 205,08 | 2001.08.30 | Crivo |
| J.8 | 340 | Fémur (frag. c/ articulação) | 0,79 0,81 | 0,87 0,79 | 205,09 | 2001.08.31 | Cm-4? |
| J.8 | 341 | Fémur (frag.) | 1,28 1,17 | 0,93 0,84 | 205,09 | 2001.08.31 | Cm-4 |
| J.8 | 342 | Fémur (frag. c/ articulação) | 1,43 1,37 | 0,20 0,27 | 205,05 | 2001.08.31 | Cm-4 |
| J.8 | 343 | Falange proximal do 1.º dedo da mão esquerda | 0,56 | 0,48 | 205,08 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 344 | 3.º molar inferior eº | 0,28 | 0,07 | 205,04 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 346 | Frag. molar inferior | | | 205,04 | 2001.08.31 | Crivo |
| J.8 | 347 | Dente | | | 205,04 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 348 | Osso carbonizado | 0,46 | 0,32 | 205,07 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 350 | Frag. de dente | 1,62 | 0,86 | 205,02 | 2001.08.31 | Cm-4 |
| J.8 | 351 | Frag. de dente | 1,60 | 1,20 | 205,02 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 358 | 2.º molar inferior dº | 1,48 | 0,91 | 205,01 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 359 | Falange distal da mão | 0,45 | 0,54 | 205,06 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 360 | Frag. molar inferior | 1,56 | 0,82 | 205,00 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 361 | Crânio (frag.) c/ substância branca associada | 0,88 | 0,78 | 205,00 | 2001.08.31 | Cm-5 |
| J.8 | 362 | Costela (frag.) | 1,46 | 1,10 | 205,00 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 364 | 1.º pré-molar inferior dº | 1,43 | 1,11 | 205,00 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 365 | Frag. molar inferior | 1,13 | 0,72 | 205,00 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 366 | Frag. de dente | 0,87 | 0,70 | 205,00 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 370 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 371 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 372 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 373 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 374 | Falange intermédia da mão | 1,30 | 1,04 | 205,00 | 2001.09.01 | |
| J.8 | 375 | Osso carbonizado | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 378 | Dente | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 379 | 2 – frag. de molar inferior | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 380 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|---|------|--------------|--------|------------|-------------|
| J.8 | 381 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 382 | Crânio (frags.) | 1,46 | 1,22 | 205,07 | 2001.09.01 | |
| J.8 | 383 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 384 | Frag. de dente | 0,81 | 0,87 | 205,02 | 2001.09.01 | |
| J.8 | 385 | 2.º pré-molar inferior eº | 0,69 | 0,89 | 205,02 | 2001.09.01 | |
| J.8 | 386 | 1.º pré-molar inferior eº | 0,76 | 1,02 | 205,02 | 2001.09.01 | |
| J.8 | 389 | Frag. da parte distal da diáfise de úmero eº | 1,10 | 0,80 0,88 | 205,03 | 2001.09.01 | Cm-5 |
| J.8 | 390 | Osso carbonizado | | | 205,00 | 2001.09.03 | Crivo |
| J.8 | 391 | 2 – Incisivo central superior decidual | | | 205,00 | 2001.09.03 | Crivo |
| J.8 | 392 | Frag. de dente | | | 205,00 | 2001.09.03 | Crivo |
| J.8 | 393 | 2 – frag. pré-molar inferior; 3 – canino inferior eº | | | 205,00 | 2001.09.03 | Crivo |
| J.8 | 394 | Frag. de dente | 1,86 | 0,14 | 204,93 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 395 | Falange proximal da mão | 1,75 | 0,23 | 204,97 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 396 | Crânio (frags.) | 1,80 | 0,24 | 204,95 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 397 | Frag. de falange proximal do 1.º dedo do pé | 1,52 | 0,06 | 204,97 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 399 | Crânio (frag.) | 0,84 | 0,25 | 204,98 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 402 | Crânio (frags.) | 1,13 | 0,35 | 204,98 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 403 | 2.º molar inferior dº | 1,07 | 0,24 | 204,95 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 406 | Falange interproximal de mão | | | 204,93 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 407 | 1 – Incisivo central superior eº | 1,62 | 0,20 | 204,95 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 408 | Pequeno frag. de maxilar superior | 1,80 | 0,26 | 204,97 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 411 | Frag. molar inferior | 1,66 | 0,20 | 205,94 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 416 | 1 – Canino superior dº | 1,63 | 0,54 | 204,94 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 417 | Frag. molar inferior | 1,79 | 0,50 | 204,94 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 419 | 1.º molar superior dº e canino eº inferior | 0,88 | 0,40 | 204,96 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 421 | Falange interproximal da m | | | 204,93 | 2001.09.03 | Crivo |
| J.8 | 422 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.03 | Crivo |
| J.8 | 424 | Canino superior dº | 1,50 | 0,59 | 204,93 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 425 | Canino inferior eº | 1,38 | 0,51 | 204,93 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 426 | 1 - Canino inferior eº; 2 – 1.º pré-molar inferior dº. | 1,44 | 0,56 | 204,97 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 427 | Crânio (frags.) | 0,87 | 0,30 | 204,96 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 428 | 1.º pré-molar inferior dº | 1,43 | 0,52 | 204,93 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 429 | Frag. de pré-molar inferior | | | 204,93 | 2001.09.03 | Crivo |
| J.8 | 430 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.03 | Crivo |
| J.8 | 431 | Frag. de molar superior | | | 204,93 | 2001.09.03 | Crivo |
| J.8 | 433 | 2.º molar superior eº | 1,37 | 0,66 | 204,94 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 434 | Frag. de dente | 1,23 | 0,57 | 204,98 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 435 | 2.º molar inferior eº | 0,96 | 0,57 | 204,99 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 436 | Frag. de dente | 0,80 | 0,48 | 204,98 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 437 | Canino inferior eº decidual | 0,82 | 0,47 | 204,97 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 439 | Falange interproximal do pé | 0,73 | 0,30 | 204,97 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 441 | Frag. de dente | 1,48 | 0,69 | 204,92 | 2001.09.04 | |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|--------|------------|-------------|
| J.8 | 443 | Frag. da extremidade distal de rádio dº | 0,72 | 0,34 | 204,93 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 444 | Frag. da extremidade proximal de cúbito eº | 0,87 | 0,36 | 204,93 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 445 | 2.º molar superior dº | 0,71 | 0,44 | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 447 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 448 | 1.º pré-molar inferior | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 449 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 450 | Incisivo central superior dº | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 451 | 1.º pré-molar superior eº | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 452 | Frag. de diáfise de tibia | 0,76 | 0,24 | 204,93 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 454 | Crânio (frags.) | 0,74 | 0,64 | 204,95 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 455 | Frag. de dente | 1,40 | 0,78 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 456 | Frag. de diáfise de úmero dº | 0,71 | 0,40 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 459 | Osso | 1,13 | 0,57 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 460 | Crânio (frag.) | 0,89 | 0,05 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 461 | Frag. de dente | 0,60 | 0,22 | 204,93 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 462 | Incisivo central superior eº | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 463 | Falange distal da mão | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 464 | Falange intermédia da mão | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 465 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 466 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 467 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 468 | 3.º molar superior dº | 1,41 | 0,70 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 469 | Incisivo lateral superior eº | 1,57 | 0,98 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 470 | Incisivo central eº superior | 1,14 | 1,06 | 204,95 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 472 | Osso carbonizado | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 473 | Incisivo central superior dº | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 474 | 2.º molar inferior eº decidua | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 475 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 476 | Frag. de incisivo central superior | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 477 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 478 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 479 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 480 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 481 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 482 | Incisivo lateral inferior dº | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 483 | Frag. de molar inferior | | | 204,93 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 484 | Frag. de dente | 1,62 | 1,14 | 204,95 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 486 | Frag. de dente | 1,40 | 1,18 | 204,98 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 487 | Incisivo central superior dº | 0,66 | 0,51 | 204,92 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 490 | Frag. da extremidade distal de úmero dº | 0,42 | 0,45 | 204,99 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 491 | Frag. de dente | 1,73 | 1,14 | 204,98 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 492 | Falange intermédia da mão | 1,78 | 0,96 | 204,97 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 493 | Canino inferior eº | 0,95 | 0,77 | 204,98 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 495 | Osso carbonizado | 0,50 | 0,46 | 204,92 | 2001.09.05 | |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|---|------|------|--------|------------|-------------|
| J.8 | 497 | Frag. de dente | 0,46 | 0,67 | 204,99 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 499 | Crânio (frags.) | 0,60 | 0,70 | 204,98 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 500 | Falange interproximal da mão | 0,87 | 0,64 | 204,92 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 501 | Falange distal da mão | | | 204,95 | 2001.09.05 | Crivo |
| J.8 | 504 | Falange intermédia da mão | | | 204,95 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 506 | Frag. de falange intermédia do pé | 0,76 | 0,85 | 204,95 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 509 | Osso carbonizado | | | 204,83 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 514 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 515 | Frag. de mandíbula com 3.º molar dierito | 0,74 | 0,78 | 204,92 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 516 | Frag. de dente | 0,51 | 0,75 | 204,95 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 517 | Frag. da parte distal da diáfise de úmero eº | 0,50 | 0,73 | 204,95 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 518 | Frag.s cranianos | 0,64 | 0,95 | 204,95 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 520 | Osso carbonizado | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 521 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 522 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 523 | 3.º molar superior dº | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 526 | Frag. de diáfise de tibia esquerda, 0,84 | 0,67 | 0,61 | 204,92 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 530 | 3.º molar superior dº | | | 204,85 | 2001.09.07 | |
| J.8 | 531 | Frag. de molar superior | | | 204,85 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.8 | 532 | 3.º molar inferior dº | | | 204,85 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.8 | 533 | Frag. de diáfise de fémur; Frag. de diáfise de fémur eº; Frag. de diáfise de tibia; Frag. de acetábulo. Frag. distal de diáfise de úmero eº; Frags. cranianos; Frag. de faceta articular esquerda do atlas; Frag. de acetábulo; Frag. de faceta articular de vértebra; Frag. de epífise proximal de cúbito; Frag. da diáfise proximal de fémur dº; Frag. de pirâmide petrosial; Frag. de rádio; Frag. de extremidade proximal de fémur dº; Frag. de costela; Sesamóide; Frag. de metade direita de maxilar superior; 3 frags. de corpo de vértebra cervical; Frag. de faceta articular esquerda do atlas; Escafóide eº; Pisiforme eº; Frag. de 5.º metacarpiano; Frag. de 2.º cuneiforme dº; Frag. de talus dº; 2 frags. de falanges intermédias da mão; Frag. de diáfise de metacarpiano; Frags. de falanges distais da mão; | | | 204,85 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.8 | 535 | 1.º molar inferior dº | 0,86 | 0,62 | 204,85 | 2001.09.07 | |
| J.8 | 539 | Osso carbonizado | | | 204,85 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.8 | 540 | 2 – 2.º molar superior eº | | | 204,85 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.8 | 541 | Frag. de dente | | | 204,85 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.8 | 542 | Frag. de molar superior | | | 204,85 | 2001.09.07 | Crivo |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|--------|------------|-----------------|
| J.8 | 543 | 3.º molar inferior eº | | | 204,85 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.8 | 544 | Canino inferior eº | 0,70 | 0,42 | 204,85 | 2001.09.07 | |
| J.8 | 545 | Frag. de mandíbula; apófise mastóide esquerda; dois frags. de parte distal de úmero eº; frags. de costela; frag. de osso da mão; frags. de ossos do tarso; semi-lunar eº; frag. de diáfise de rádio eº | 0,92 | 0,47 | 204,85 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 546 | 3.º molar superior eº | 1,20 | 0,87 | 204,85 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 547 | 1.º molar inferior eº | 1,44 | 0,82 | 204,85 | 2001.09.07 | |
| J.8 | 548 | Falange distal da mão | 1,56 | 0,74 | 204,85 | 2001.09.07 | |
| J.8 | 550 | Canino superior dierito | 0,83 | 0,44 | 204,85 | 2001.09.08 | Junto a J.8-529 |
| J.8 | 551 | Incisivo central inferior dº | 0,83 | 0,44 | 204,85 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 552 | Incisivo central superior dº | 0,83 | 0,44 | 204,85 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 554 | Frag. de diáfise de úmero eº | 0,80 | 0,24 | 204,84 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 555 | Falange intermédia da mão | 0,65 | 0,30 | 204,84 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 557 | 1.º molar inferior eº | | | 204,85 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 558 | Frag. de dente | | | 204,85 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 559 | Canino inferior dº | | | 204,85 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 560 | Frag. de dente | | | 204,85 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 561 | Frag. de incisivo central superior | | | 204,85 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 562 | Frag. de dente | | | 204,85 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 563 | Frag. proximal da diáfise de rádio eº | | | 204,85 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 564 | Frag. de dente | | | 204,85 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 565 | Frag. de sacro | 0,92 | 0,59 | 204,84 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 566 | Frag. proximal da diáfise de cúbito dº | 1,02 | 0,63 | 204,84 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 567 | Canino inferior dº decidual | 1,18 | 0,80 | 204,84 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 569 | 2.º molar superior eº | | | 204,84 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 570 | 1.º pré-molar superior eº | | | 204,84 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 571 | Canino superior dº | 0,93 | 0,32 | 204,85 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 574 | 2.º molar superior dº | 0,97 | 0,14 | 204,84 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 575 | Frag. de dente | 1,02 | 0,43 | 204,84 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 580 | Falange intermédia do pé | | | 204,85 | 2001.09.13 | Crivo |
| J.8 | 581 | Frag. cranianos; Frags. de costela de adulto e não-adulto; Frag. de extremidade distal de perónio dº; Frag. de fossa glenóide; Frag. de diáfise de fémur; 3 frags. e vértebra; Frag. de epífise de perónio dº; Frag. de processo espinhoso de vértebra torácica; Frag. de extremidade proximal de tibia; Frag. de processo caracóide eº; 2 Falanges distais do pé; Frag. de extremidade distal do 1.º metatarsiano; Falange proximal do pé; Falange intermédia do 5.º dedo do pé; Pisiforme eº; Pisiforme dº; Frag. de semi-lunar; | | | 204,85 | 2001.09.13 | Crivo |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|--------|------------|-------------------------|
| | | Frag. proximal de 2.º metacarpiano; Frag. da diáfise de metacarpiano com entesopatia | | | | | |
| | | Frag. distal de falange proximal da mão com artrose ligeira; Frag. de falange intermédia da mão; | | | | | |
| | | Frag. de ossos do tarso | | | | | |
| J.8 | 582 | Canino inferior dº | | | 204,85 | 2001.09.13 | Crivo |
| J.8 | 583 | Falange intermédia do pé | | | 204,85 | 2001.09.13 | Crivo |
| | | Canino superior eº | | | | | |
| J.8 | 584 | Incisivo lateral superior dº | | | 204,85 | 2001.09.13 | Crivo |
| J.8 | 585 | Incisivo lateral superior dº | | | 204,85 | 2001.09.13 | Crivo |
| J.8 | 587 | .18 – frag. de pré-molar superior | | | 204,85 | 2001.09.13 | Crivo |
| J.8 | 588 | Crânio (frags.) | 1,66 | 0,63 | 204,87 | 2001.09.13 | Para datação |
| J.8 | 590 | 1.º pré-molar superior dº | 1,63 | 0,51 | 204,92 | 2001.09.18 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 592 | Crânio (frags.) | 1,63 | 0,50 | 204,89 | 2001.09.18 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 593 | Crânio (frag.) | 1,74 | 0,65 | 204,92 | 2001.09.18 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 595 | Frag. de mandíbula com 1.º e 2.º molares | 1,79 | 0,74 | 204,87 | 2001.09.18 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 596 | Crânio (frags.) | 1,74 | 0,86 | 204,87 | 2001.09.18 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 598 | Frag. de dente | | | 204,85 | 2001.09.18 | Crivo, sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 599 | 1.º pré-molar superior dº | | | 204,85 | 2001.09.19 | Crivo, sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 600 | Canino superior eº decidual | | | 204,85 | 2001.09.19 | Crivo, sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 601 | Falange proximal da mão | 1,70 | 0,30 | 204,87 | 2001.09.19 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 602 | 2.º pré-molar inferior eº | 1,75 | 0,38 | 204,87 | 2001.09.19 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 603 | 2 – incisivo lateral inferior dº | 1,76 | 0,33 | 204,89 | 2001.09.19 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 604 | Falange proximal do pé | 1,80 | 0,59 | 204,86 | 2001.09.19 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 605 | Frag. de extremidade proximal de cúbito eº | 1,85 | 0,51 | 204,91 | 2001.09.19 | sob pseudo ECm-5 |
| J.8 | 609 | Crânio (frag.) | 1,75 | 0,20 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 610 | Canino inferior eº | 1,35 | 0,10 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 611 | 1 – 1.º pré-molar superior eº; 2 – Incisivo lateral inferior dº; 3 – Canino inferior dº | 1,00 | 0,05 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 612 | Falange proximal do pé | 1,20 | 0,06 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 613 | Falange proximal do pé | 1,10 | 0,10 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 614 | Falange proximal da mão | 1,27 | 0,26 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 615 | Osso c/ articulação | 1,28 | 0,48 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 616 | 1 – Canino superior dº decidual; 2 – Canino superior eº | 0,75 | 0,49 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 617 | 1 – 2.º molar superior dº decidual; 2 – Canino superior eº | 1,59 | 0,55 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 618 | 1.º molar superior eº | 1,27 | 0,01 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 619 | 2.º molar inferior dº | 1,21 | 0,01 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 620 | Falange proximal do pé | 1,10 | 0,06 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 621 | Falange proximal do pé | 0,70 | 0,11 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 623 | Crânio (frag.) | 0,25 | 0,13 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 624 | Falange intermédia da mão | 0,52 | 0,12 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 625 | Frag. de dente | 0,20 | 0,12 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 628 | Crânio (frags.) | 1,76 | 0,23 | 204,82 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 629 | 1.º metacarpiano dº | 1,76 | 0,27 | 204,82 | 2001.09.26 | |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|---|------|------|--------|------------|------------------------|
| J.8 | 630 | 1 – incisivo central dº inferior; 2 – 2.º pré-molar inferior eº; 3 – frag. de molar inferior | 1,76 | 0,29 | 204,82 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 631 | Crânio (frags.) | 1,76 | 0,38 | 204,82 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 633 | Frag. de dente | 0,80 | 0,46 | 204,82 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 637 | Canino superior dº | 0,71 | 1,03 | 204,85 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 640 | 1 – 3.º molar superior dº; 3 – 1.º molar inferior eº; . – incisivo lateral superior eº; 7 – 2.º pré-molar inferior dº; 8 – incisivo central inferior eº | | | 204,82 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 642 | Incisivo lateral superior eº | 1,51 | 0,58 | 204,79 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 650 | Frag. de mandíbula com 2.º molar inferior dº | 1,48 | 0,94 | 204,79 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 651 | Frag. de dente | 1,38 | 0,62 | 204,79 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 652 | 2.º pré-molar superior eº | 1,38 | 0,62 | 204,79 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 653 | 2.º molar superior eº) | 1,68 | 0,56 | 204,79 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 654 | 1º pré-molar superior dº | 1,76 | 0,49 | 204,79 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 655 | 1 – canino superior dº decidual; 2 canino superior eº decidual; 4 – 3.º molar inferior dº | 1,50 | 0,65 | 204,79 | 2001.09.27 | Dentes em saco à parte |
| J.8 | 656 | Crânio (frags.) | 1,50 | 0,73 | 204,79 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 660 | Frag. de maxilar superior dº com 1.º molar decidual | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 661 | Canino superior eº decidual | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 662 | 2.º molar eº superior decidual | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 663 | Frag. de dente | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 664 | 2.º pré-molar inferior dº | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 665 | 1.º pré-molar superior eº | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 666 | 2.º molar inferior eº | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 671 | Falange distal do pé | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 672 | Falange distal da mão | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 673 | 2.º molar superior eº | 1,47 | 0,18 | 204,78 | 2001.09.28 | |
| J.8 | 674 | 1.º pré-molar superior eº | 1,74 | 0,26 | 204,78 | 2001.09.28 | |
| J.8 | 677 | Frag. de dente | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 678 | 1.º pré-molar superior eº | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 679 | 2.º molar superior eº | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 680 | Incisivo lateral inferior dº | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 681 | Frag. de dente | | | | 2001.09.17 | Crivo |
| J.8 | 682 | Frag. de dente | | | | 2001.09.17 | Crivo |
| J.8 | 683 | Frag. de dente | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 684 | Incisivo central superior eº | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 685 | Frag. de molar inferior | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 686 | 1.º pré-molar superior eº | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 687 | Frag. de dente | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 689 | Falange intermédia do pé | 1,38 | 0,28 | 204,76 | 2001.10.01 | |
| J.8 | 692 | Crânio (frags.) | 0,51 | 0,60 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 693 | Frag. de molar inferior | 0,90 | 0,32 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 694 | Frag. cranianos | 1,07 | 0,60 | 204,70 | 2001.10.02 | |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|---|------|------|--------|------------|-------------|
| J.8 | 695 | Incisivo central superior dº | 1,05 | 0,50 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 696 | Falange proximal do pé | 1,07 | 0,66 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 699 | Frag. de dente | | | | 2001.10.02 | Crivo |
| J.8 | 700 | Ver J8.048 | | | | 2001.10.02 | Crivo |
| J.8 | 701 | Falange distal da mão | 0,84 | 0,44 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 702 | Falange proximal do pé | 1,00 | 0,51 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 703 | 3.º metacarpiano dº | 0,98 | 0,60 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 704 | Frag. de dente | 1,01 | 0,55 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 705 | Falange proximal do pé | 1,03 | 0,72 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 706 | Canino superior eº | 1,12 | 0,80 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 708 | 1.º molar superior eº | 1,20 | 0,25 | 204,70 | 2001.10.03 | |
| J.8 | 709 | Falange da mão | 1,03 | 0,56 | 204,70 | 2001.10.03 | |
| J.8 | 710 | Falange proximal do 1.º dedo do pé de não-adulto | 0,65 | 0,60 | 204,70 | 2001.10.03 | |
| J.8 | 711 | Canino superior eº | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 712 | Incisivo lateral superior eº | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 713 | Frag. de molar inferior) | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 714 | Frag. de molar inferior | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 718 | 2.º molar superior eº | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 719 | Frag. de dente | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 720 | Frag. de dente | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 721 | 1 – incisivo lateral inferior dº; 2 – canino inferior dº; 3 – 1.º pré-molar inferior dº; 4 – 2.º pré-molar inferior dº; 5 – 2.º molar inferior dº; 7 – canino inferior eº; 8 – 1.º pré-molar inferior eº; 9 – 1.º molar inferior eº; 10 – 2.º molar inferior eº; 11 canino superior dº; 12 – 2.º pré-molar superior dº; 13 – canino superior eº. | 1,43 | 0,60 | 204,77 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 725 | Falange proximal do 1.º dedo do pé | 1,40 | 0,49 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 726 | 1.º pré-molar inferior dº | 0,80 | 0,32 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 727 | Frag. de molar inferior | 1,02 | 0,40 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 728 | Falange intermédia da mão | 0,88 | 0,48 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 729 | Falange proximal do pé | 0,96 | 0,40 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 730 | Incisivo central superior eº | 1,09 | 0,40 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 731 | Falange proximal do pé | 0,87 | 0,48 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 732 | Falange proximal do pé | 1,08 | 0,46 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 733 | Incisivo central superior eº | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 734 | Incisivo central inferior eº | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 735 | 3.º molar inferior dº | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 736 | Falange intermédia da mão | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 738 | Falange da mão de não-adulto | 0,65 | 0,68 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 739 | Incisivo lateral inferior eº | 1,42 | 0,57 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 740 | 1.º molar superior dº | | | | 2001.10.05 | Crivo |
| J.8 | 741 | Frag. de dente | | | | 2001.10.05 | Crivo |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|--------|------------|-------------|
| J.8 | 745 | Frag. de dente | 0,80 | 0,25 | 204,63 | 2001.10.05 | |
| J.8 | 746 | Incisivo lateral superior eº | 1,00 | 0,32 | 204,63 | 2001.10.05 | |
| J.8 | 747 | 2.º pré-molar superior dº | 1,62 | 0,38 | 204,63 | 2001.10.05 | |
| J.8 | 748 | Canino superior dº decidual | 1,40 | 0,36 | 204,63 | 2001.10.05 | |
| J.8 | 749 | Falange intermédia da mão | 1,35 | 0,53 | 204,63 | 2001.10.05 | |
| J.8 | 752 | 2.º molar inferior dº | 0,63 | 0,13 | 204,65 | 2001.10.08 | |
| J.8 | 753 | 1.º pré-molar superior dº | 0,71 | 0,10 | 204,65 | 2001.10.08 | |
| J.8 | 754 | Corpo de vértebra torácica | 1,05 | 0,41 | 204,65 | 2001.10.08 | |
| J.8 | 755 | Falange proximal do 1.º dedo do pé | 1,15 | 0,45 | 204,65 | 2001.10.08 | |
| J.8 | 756 | Falange intermédia da mão | 0,69 | 0,09 | 204,65 | 2001.10.08 | |
| J.8 | 757 | Falange intermédia da mão | 0,70 | 0,01 | 204,65 | 2001.10.08 | |
| J.8 | 758 | Falange proximal do 1.º dedo do pé eº | 0,13 | 0,72 | 204,65 | 2001.10.09 | |
| J.8 | 759 | Falange proximal do pé | 0,07 | 0,72 | 204,65 | 2001.10.09 | |
| J.8 | 760 | Falange proximal do pé, 2 falanges intermédias do pé | 0,08 | 0,77 | 204,65 | 2001.10.09 | Em conexão |
| J.8 | 761 | 1.º molar superior dº decidual | 0,10 | 0,84 | 204,65 | 2001.10.09 | |
| J.8 | 762 | Incisivo central superior dº | 0,36 | 0,80 | 204,60 | 2001.10.09 | |
| J.8 | 765 | 2 – canino inferior eº | 0,23 | 1,59 | 204,58 | 2001.10.09 | |
| J.8 | 766 | Falange proximal do pé | 0,09 | 0,79 | 204,65 | 2001.10.09 | |
| J.8 | 770 | Frag. de dente | | | | 2001.10.10 | Crivo |
| J.8 | 771 | Frag. de dente | | | | 2001.10.10 | Crivo |
| J.8 | 772 | Canino superior eº | | | | 2001.10.10 | Crivo |
| J.8 | 773 | Frag. de molar | | | | 2001.10.10 | Crivo |
| J.8 | 774 | Frag. de dente | | | | 2001.10.10 | Crivo |
| J.8 | 775 | Falange interproximal do pé | | | | 2001.10.10 | Crivo |
| J.9 | 23 | Frag. de dente | | | | 2001.08.07 | Crivo |
| J.9 | 27 | Frag. de dente | | | 205,35 | 2001.08.09 | Crivo |
| J.9 | 28 | 2.º pré-molar inferior eº | 0,32 | 1,83 | 205,33 | 2001.08.09 | |
| J.9 | 35 | Frag. de dente | | | 205,27 | 2001.08.10 | Crivo |
| J.9 | 39 | Frag. de dente | 0,46 | 1,65 | 205,23 | 2001.08.11 | |
| J.9 | 45 | Frag. de rótula | 1,00 | 1,07 | 205,23 | 2001.08.16 | |
| J.9 | 50 | Frag. de molar inferior | 0,40 | 0,57 | 205,17 | 2001.08.30 | |
| J.9 | 51 | Frag. de dente | | | 205,15 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.9 | 53 | Frag. de dente | 0,38 | 0,22 | 205,15 | 2001.09.01 | |
| J.9 | 55 | Frag. de pré-molar inferior | 0,47 | 0,27 | 205,17 | 2001.09.03 | |
| J.9 | 56 | Frag. de dente | 0,39 | 0,40 | 205,23 | 2001.09.04 | |
| J.9 | 57 | Frag. de dente | 0,45 | 0,37 | 205,16 | 2001.09.04 | |
| J.9 | 58 | 1.º pré-molar superior dº | 0,32 | 0,20 | 205,20 | 2001.09.04 | |
| J.9 | 60 | Frag. de cabeça de fémur eº | 0,26 | 0,11 | 205,30 | 2001.09.06 | |
| J.9 | 64 | Frag. de dente | | | 205,17 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.9 | 66 | Ossos carbonizados | | | | 2001.09.08 | |
| J.9 | 71 | 1.º pré-molar superior eº | 1,10 | 0,38 | 205,10 | 2001.09.13 | |
| J.9 | 74 | 2.º molar inferior dº | 0,30 | 0,02 | 204,87 | 2001.09.13 | |
| J.9 | 76 | 1 – 1.º pré-molar inferior eº; 2 – 3.º molar superior dº; 3 – canino inferior eº decidual; 4 – 1.º molar inferior dº decidual; 5 – 2.º molar inferior eº | | | 204,90 | 2001.09.13 | |

na Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|--|------|------|--------|------------|------------------------------|
| J.9 | 85 | Osso carbonizado | 0,67 | 0,26 | 205,00 | 2001.09.19 | |
| J.9 | 86 | 3.º molar inferior dº | 0,68 | 0,14 | 205,00 | 2001.09.19 | |
| J.9 | 88 | Crânio (frags.) | 0,14 | 0,11 | 204,91 | 2001.09.20 | |
| J.9 | 89 | 2.º pré-molar inferior dº | 0,34 | 0,12 | 204,91 | 2001.09.20 | |
| J.9 | 90 | Frag. de dente | 0,14 | 0,02 | 204,90 | 2001.09.20 | |
| J.9 | 91 | Incisivo central superior dº | 0,07 | 0,10 | 204,94 | 2001.09.20 | |
| J.9 | 92 | Frag. de corpo de vértebra torácica; Frag. de corpo de vértebra cervical; Frags. de costela; Frag. de processo caracóide de não-adulto; Falange distal do pé; Frag. de corpo vertebral; Frag. de diáfise de tibia; Falange proximal da mão | 0,26 | 0,23 | 204,94 | 2001.09.20 | |
| J.9 | 93 | 2.º molar superior dº | | | | 2001.09.18 | Crivo |
| J.9 | 94 | Fauna | | | 204,97 | 2001.09.20 | Crivo. Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 97 | Incisivo lateral superior eº | | | 204,93 | 2001.09.24 | Crivo. Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 98 | Frag. de dente | 0,89 | 1,40 | 204,83 | 2001.09.25 | |
| J.9 | 101 | Frag. de dente | | | | 2001.09.26 | Crivo. Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 111 | Frag. de 1.º metatarsiano | 0,43 | 0,31 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 114 | Incisivo central superior eº | 0,41 | 0,28 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 117 | 3.º molar superior dº | 0,14 | 0,46 | 205,03 | 2001.10.01 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 119 | Osso carbonizado | 0,64 | 0,86 | 204,93 | 2001.10.01 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 120 | 1.º molar superior dº | 0,40 | 0,33 | 204,92 | 2001.09.26 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 121 | Incisivo central superior dº | | | 204,93 | 2001.10.02 | Crivo. Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 125 | Frag. de dente | | | 204,93 | 2001.10.02 | Crivo. Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 131 | Falange distal do 1.º dedo do pé dº | | | | 2001.10.12 | |

NOTAS:

1. os dois valores que aparecem nas cotas de X e Y de alguns registos, referem-se às altimetrias das extremidade proximal e distal, respectivamente. Quando surgem dois valores nas cotas de Z, estes indicam os valores de antes e depois do levantamento;

2. ONI: Osso não identificado.

1.2. Restos faunísticos

(ver capítulo específico, nestes Anexos)

1.3. Flora carbonizada

Corredor

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|-----------|------|------|--------|------------|--|
| G.8 | 12 | CRV | CARVÃO | 0,68 | 0,90 | 204,87 | 2001.08.17 | |
| G.8 | 15 | CRV | CARVÃO | 1,17 | 0,29 | 204,87 | 2001.08.18 | |
| H.8 | 29 | CRV | CARVÃO | 0,74 | 1,56 | 205,00 | 2001.07.30 | |
| H.8 | 35 | CRV | CARVÃO | | | 204,97 | 2001.08.01 | Crivo |
| H.8 | 37 | CRV | CARVÃO | | | 204,95 | 2001.08.01 | Crivo |
| H.8 | 38 | CRV | CARVÃO | 0,53 | 1,69 | 204,99 | 2001.08.02 | |
| H.8 | 39 | CRV | CARVÃO | 0,57 | 1,44 | 204,94 | 2001.08.02 | |
| H.8 | 55 | CRV | CARVÃO | | | 204,86 | 2001.08.09 | Abaixo do nível do vaso H.8-7 |
| H.8 | 56 | CRV | CARVÃO | 0,96 | 1,83 | 204,90 | 2001.08.09 | Abaixo do nível do vaso H.8-7 |
| H.8 | 63 | CRV | CARVÃO | | | 204,84 | 2001.10.08 | Abaixo do nível do vaso H.8-7 |
| H.8 | 64 | CRV | CARVÃO | 0,79 | 1,62 | 204,88 | 2001.10.08 | Abaixo do nível do vaso H.8-7 |
| H.8 | 65 | CRV | CARVÃO | 0,67 | 1,60 | 204,84 | 2001.08.11 | Abaixo do nível do vaso H.8-7 |
| H.8 | 66 | CRV | CARVÃO | 0,60 | 1,54 | 204,88 | 2001.08.11 | |
| H.8 | 67 | CRV | CARVÃO | | | 204,91 | 2001.08.11 | Crivo |
| H.8 | 69 | CRV | CARVÃO | | | 204,93 | 2001.08.13 | Crivo |
| H.8 | 75 | CRV | CARVÃO | 0,94 | 2,00 | 204,80 | 2001.08.17 | Abaixo do nível do vaso H.8-7 |
| H.8 | 78 | CRV | CARVÃO | 0,87 | 1,62 | 204,80 | 2001.08.20 | NVU 2 |
| H.8 | 79 | CRV | CARVÃO | | | 204,80 | 2001.08.20 | NVU 2 |
| H.8 | 83 | CRV | CARVÃO | 0,87 | 1,73 | 204,72 | 2001.08.21 | NVU 2 |
| H.8 | 84 | CRV | CARVÃO | 0,86 | 1,81 | 204,72 | 2001.08.21 | NVU 2 |
| H.8 | 85 | CRV | CARVÃO | 0,65 | 1,72 | 204,73 | 2001.08.22 | NVU 2 |
| H.8 | 86 | CRV | CARVÃO | 0,67 | 1,58 | 204,71 | 2001.08.22 | NVU 2 |
| H.8 | 89 | CRV | CARVÃO | 0,36 | 1,65 | 204,71 | 2001.08.22 | NVU 2, ao nível do frag. de PXG H.8-87 |
| H.8 | 91 | CRV | CARVÃO | 0,69 | 1,59 | 204,70 | 2001.08.22 | NVU 2, ao nível do frag. de PXG H.8-87 |
| H.8 | 94 | CRV | CARVÃO | 0,61 | 1,31 | 204,76 | 2001.08.22 | NVU 2 |
| H.8 | 95 | CRV | CARVÃO | 0,61 | 1,32 | 204,76 | 2001.08.22 | NVU 2 |
| H.8 | 96 | CRV | CARVÃO | 0,48 | 1,40 | 204,70 | 2001.08.22 | NVU 2, ao nível do frag. de PXG H.8-87 |
| H.8 | 102 | CRV | CARVÃO | 0,68 | 1,15 | 204,77 | 2001.08.22 | NVU 2 |
| H.8 | 104 | CRV | CARVÃO | 0,54 | 1,87 | 204,72 | 2001.08.23 | NVU 2, ao nível do frag. de PXG H.8-87 |
| H.8 | 105 | CRV | CARVÃO | 0,54 | 1,99 | 204,72 | 2001.08.23 | NVU 2, ao nível do frag. de PXG H.8-87 |
| H.8 | 110 | CRV | CARVÃO | 0,58 | 0,92 | 204,83 | 2001.08.24 | NVU 2 |
| H.8 | 114 | CRV | CARVÃO | 1,08 | 1,08 | 204,81 | 2001.08.27 | NVU 2 |
| H.8 | 116 | CRV | CARVÃO | 0,59 | 0,75 | 204,81 | 2001.08.27 | NVU 2 |
| H.8 | 120 | CRV | CARVÃO | 0,59 | 0,38 | 204,84 | 2001.08.28 | NVU 2 |
| H.8 | 127 | CRV | CARVÃO | 1,36 | 1,41 | 204,90 | 2001.08.30 | Sob o contrapeso #15 |
| H.8 | 128 | CRV | CARVÃO | 1,16 | 1,27 | 204,89 | 2001.08.30 | Sob o contrapeso #15 |
| H.8 | 129 | CRV | CARVÃO | | | | 2001.08.30 | Sob o contrapeso #15 |
| H.8 | 133 | CRV | CARVÃO | 1,18 | 1,87 | 204,72 | 2001.08.31 | Sob o contrapeso #15, ao nível de base |
| H.8 | 134 | CRV | CARVÃO | 1,32 | 1,66 | 204,71 | 2001.08.31 | Sob o contrapeso #15, ao nível de base |
| I.8 | 28 | CRV | CARVÃO | 0,83 | 0,20 | 205,05 | 2001.07.31 | |
| I.8 | 298 | CRV | CARVÃO | 0,61 | 0,02 | 204,94 | 2001.08.01 | |
| I.8 | 32 | CRV | CARVÃO | 1,03 | 0,30 | 204,92 | 2001.08.02 | Abaixo do nível do vaso H.8-7 |
| I.8 | 71 | CRV | CARVÃO | | | 204,86 | 2001.08.08 | Abaixo do nível do vaso H.8-7 |
| I.8 | 77 | CRV | CARVÃO | | | 204,86 | 2001.08.09 | Crivo, abaixo do nível do vaso H.8-7 |
| I.8 | 112 | CRV | CARVÃO | 1,17 | 0,09 | 204,3 | 2001.08.21 | |

Corredor [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|----------------|------|------|--------|------------|------------------|
| I.8 | 8 | CRV | CARVÃO | 1,87 | 1,21 | 205,52 | 2001.07.24 | |
| I.8 | 19 | CRV | CARVÃO | 0,49 | 1,37 | 205,37 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 20 | CRV | CARVÃO | 0,09 | 1,60 | 205,38 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 23 | CRV | CARVÃO | | | | 2001.07.26 | Crivo |
| I.8 | 25 | CRV | CARVÃO | | | | 2001.07.27 | Crivo |
| I.8 | 44 | CRV | CARVÃO | 0,73 | 1,79 | 205,26 | 2001.08.06 | Ao nível de Cm-2 |
| I.8 | 54 | CRV | CARVÃO | 1,36 | 1,35 | 205,22 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 56 | CRV | CARVÃO | 0,56 | 1,72 | 205,24 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 59 | CRV | CARVÃO | 1,83 | 1,10 | 205,20 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 62 | CRV | CARVÃO | 1,32 | 1,10 | 205,13 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 65 | CRV | CARVÃO | | | 205,22 | 2001.08.07 | Crivo |
| I.8 | 68 | CRV | CARVÃO | 1,80 | 1,09 | 205,15 | 2001.08.08 | |
| I.8 | 70 | CRV | CARVÃO | 1,73 | 1,27 | 205,14 | 2001.08.08 | |
| I.8 | 83 | CRV | CARVÃO | 1,63 | 1,84 | 205,23 | 2001.08.10 | |
| I.8 | 86 | CRV | CARVÃO | 1,66 | 1,86 | 205,26 | 2001.08.10 | |
| I.8 | 90 | CRV | CARVÃO | 0,36 | 1,89 | 205,17 | 2001.08.15 | |
| I.8 | 94 | CRV | CARVÃO | 0,14 | 1,72 | 205,19 | 2001.08.17 | Associado a Cm-3 |
| I.8 | 101 | CRV | CARVÃO | 0,41 | 1,95 | 205,14 | 2001.08.18 | Associado a Cm-3 |
| I.8 | 110 | CRV | CARVÃO | 1,20 | 0,69 | 205,23 | 2001.08.20 | Transição Cr/Cm |
| I.8 | 180 | CRV | SEMENTE CARB. | | | 204,98 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 198 | CRV | AMORA(?) CARB. | | | 204,93 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 261 | CRV | CARVÃO | 1,22 | 0,89 | 204,78 | 2001.09.19 | |
| I.8 | 268 | CRV | CARVÃO | 1,02 | 0,89 | 204,69 | 2001.09.20 | |
| I.9 | 17 | CRV | CARVÃO | 0,01 | 1,35 | 205,16 | 2001.08.13 | |
| J.8 | 6 | CRV | CARVÃO | 1,55 | 1,83 | 205,31 | 2001.07.24 | |
| J.8 | 23 | CRV | CARVÃO | 1,25 | 1,95 | 205,32 | 2001.07.26 | |
| J.8 | 25 | CRV | CARVÃO | | | 205,36 | 2001.07.26 | |
| J.8 | 44 | CRV | CARVÃO | 0,60 | 1,70 | 205,33 | 2001.08.02 | |
| J.8 | 79 | CRV | CARVÃO | 1,62 | 0,89 | 205,31 | 2001.08.10 | |
| J.8 | 87 | CRV | CARVÃO | 1,28 | 0,28 | 205,25 | 2001.08.13 | |
| J.8 | 90 | CRV | CARVÃO | 1,34 | 0,39 | 205,26 | 2001.08.14 | |
| J.8 | 96 | CRV | CARVÃO | 0,20 | 0,10 | 205,26 | 2001.08.14 | |
| J.8 | 97 | CRV | CARVÃO | 1,58 | 0,86 | 205,25 | 2001.08.15 | |
| J.8 | 100 | CRV | CARVÃO | 1,04 | 0,01 | 205,21 | 2001.08.16 | |
| J.8 | 102 | CRV | CARVÃO | 1,00 | 1,22 | 205,21 | 2001.08.16 | |
| J.8 | 115 | CRV | CARVÃO | 1,31 | 0,61 | 205,21 | 2001.08.18 | |
| J.8 | 132 | CRV | CARVÃO | 1,39 | 0,88 | 205,19 | 2001.08.21 | Cm-2 |
| J.8 | 134 | CRV | CARVÃO | 0,67 | 0,14 | 205,18 | 2001.08.21 | Cm-3 |
| J.8 | 136 | CRV | CARVÃO | 0,82 | 0,21 | 205,19 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 137 | CRV | CARVÃO | 0,84 | 0,24 | 205,19 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 141 | CRV | CARVÃO | 1,64 | 0,99 | 205,19 | 2001.08.21 | Cm-2 |
| J.8 | 145 | CRV | CARVÃO | 1,95 | 1,04 | 205,18 | 2001.08.21 | Cm-2 |
| J.8 | 146 | CRV | CARVÃO | 1,96 | 1,03 | 205,18 | 2001.08.21 | Cm-2 |
| J.8 | 158 | CRV | CARVÃO | 1,59 | 1,17 | 205,20 | 2001.08.22 | Cm-2 |
| J.8 | 170 | CRV | CARVÃO | 0,81 | 0,95 | 205,18 | 2001.08.22 | Cm-2 |
| J.8 | 171 | CRV | CARVÃO | 0,73 | 0,69 | 205,12 | 2001.08.22 | |
| J.8 | 180 | CRV | CARVÃO | 0,88 | 0,68 | 205,13 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 181 | CRV | CARVÃO | 0,12 | 1,08 | 205,17 | 2001.08.23 | |

Corredor [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|---------------|------|------|--------|------------|-----------------------|
| J.8 | 183 | CRV | CARVÃO | 1,01 | 0,90 | 205,13 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 188 | CRV | CARVÃO | 0,74 | 0,58 | 205,12 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 190 | CRV | CARVÃO | 1,18 | 0,72 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 209 | CRV | CARVÃO | 1,40 | 0,90 | 205,06 | 2001.08.25 | |
| J.8 | 236 | CRV | CARVÃO | 0,42 | 0,32 | 205,04 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 257 | CRV | CARVÃO | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 260 | CRV | CARVÃO | 1,80 | 0,41 | 205,07 | 2001.08.28 | |
| J.8 | 262 | CRV | CARVÃO | 1,88 | 0,40 | 205,05 | 2001.08.28 | |
| J.8 | 279 | CRV | SEMENTE CARB. | 1,43 | 0,44 | 205,04 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 291 | CRV | CARVÃO | 1,47 | 0,42 | 205,00 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 292 | CRV | CARVÃO | 1,82 | 0,32 | 205,00 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 310 | CRV | CARVÃO | 1,48 | 0,59 | 205,03 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 319 | CRV | CARVÃO | 0,88 | 0,29 | 205,06 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 325 | CRV | SEMENTE CARB. | 0,97 | 0,26 | 205,00 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 398 | CRV | CARVÃO | 1,44 | 0,29 | 204,97 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 400 | CRV | CARVÃO | 1,23 | 0,34 | 204,97 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 401 | CRV | SEMENTE CARB. | 1,13 | 0,33 | 204,95 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 410 | CRV | CARVÃO | 1,42 | 0,50 | 204,95 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 412 | CRV | CARVÃO | 1,39 | 0,55 | 204,95 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 438 | CRV | SEMENTE CARB. | 0,81 | 0,25 | 204,94 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 453 | CRV | CARVÃO | | | 204,93 | 2001.09.04 | Crivo |
| J.8 | 471 | CRV | CARVÃO | 1,15 | 1,16 | 204,97 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 485 | CRV | CARVÃO | 1,50 | 1,20 | 204,95 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 489 | CRV | CARVÃO | 0,51 | 0,49 | 204,92 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 494 | CRV | SEMENTE CARB. | 1,09 | 0,27 | 204,92 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 505 | CRV | CARVÃO | 0,70 | 0,82 | 204,93 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 524 | CRV | CARVÃO | 0,86 | 0,13 | 204,85 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 536 | CRV | CARVÃO | 0,48 | 0,49 | 204,83 | 2001.09.07 | Junto a J.8-529 |
| J.8 | 572 | CRV | SEMENTE CARB. | 1,00 | 0,27 | 204,86 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 573 | CRV | CARVÃO | 1,00 | 0,22 | 204,84 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 606 | CRV | CARVÃO | | | | 2001.09.19 | Crivo |
| J.8 | 626 | CRV | CARVÃO | 0,99 | 0,32 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 627 | CRV | CARVÃO | 0,98 | 0,53 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.9 | 18 | CRV | CARVÃO | 0,70 | 1,69 | 205,34 | 2001.08.06 | |
| J.9 | 24 | CRV | CARVÃO | 0,97 | 1,46 | 205,36 | 2001.08.08 | |
| J.9 | 25 | CRV | CARVÃO | | | 205,37 | 2001.08.08 | |
| J.9 | 31 | CRV | CARVÃO | 0,98 | 0,97 | 205,28 | 2001.08.09 | |
| J.9 | 33 | CRV | CARVÃO | 1,07 | 1,23 | 205,26 | 2001.08.10 | |
| J.9 | 34 | CRV | CARVÃO | 1,04 | 0,95 | 205,26 | 2001.08.10 | |
| J.9 | 44 | CRV | CARVÃO | 1,38 | 1,36 | 205,23 | 2001.08.15 | |
| J.9 | 47 | CRV | CARVÃO | 0,95 | 1,13 | 205,17 | 2001.08.17 | |
| J.9 | 83 | CRV | CARVÃO | 0,75 | 0,37 | 204,96 | 2001.09.19 | |
| J.9 | 95 | CRV | CARVÃO | | | 204,97 | 2001.09.20 | |
| J.9 | 116 | CRV | CARVÃO | 0,40 | 0,97 | 204,93 | 2001.09.28 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 118 | CRV | CARVÃO | 0,39 | 0,85 | 204,93 | 2001.10.01 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 123 | CRV | CARVÃO | 0,55 | 1,09 | 204,93 | 2001.10.02 | Alvéolo junto a ECm-5 |

ABREVIATURAS: CRV: Carvão ou matéria carbonizada

1.4. Artefactos e objectos

(Anotações específicas com indicações de colagens ou observações sobre contextos associados foram incluídas no campo das Observações. Quando o artefacto foi identificado durante a crivagem, tal é assinalado nas OBSERVAÇÕES. Artefactos sem X e Y, e não provenientes do crivo, foram identificados dentro de torrões de terra, pelo que também neles apenas se registou a coordenada Z)

Corredor

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|-------------------------|------|------|--------|------------|-------------------------------|
| G.8 | 3 | CER | BORDO | 1,11 | 0,98 | 204,99 | 2001.08.03 | |
| G.8 | 4 | PL | LASCA QH | 1,28 | 1,10 | 204,99 | 2001.08.03 | |
| G.8 | 6 | CER | TC (FRAG.) | 0,45 | 1,76 | 205,02 | 2001.08.13 | |
| G.8 | 7 | CER | BORDO (E FRAGS.) | 1,00 | 1,07 | 204,90 | 2001.08.15 | |
| G.8 | 8 | CER | TC (FRAG | 1,27 | 1,12 | 204,96 | 2001.08.15 | |
| G.8 | 11 | AAP | CC (DISCÓIDE XISTO) | | | 204,88 | 2001.08.16 | Crivo |
| G.8 | 13 | PL | PONTA SETA (XISTO) | 1,16 | 0,68 | 204,86 | 2001.08.17 | |
| G.8 | 14 | PL | NÚCLEO QTZ (FRAG.) | 1,36 | 1,03 | 204,86 | 2001.08.18 | |
| G.8 | 16 | CER | TAÇA (BORDO/FUNDO) | 1,29 | 1,56 | 205,00 | 2001.08.18 | |
| G.8 | 17 | PL | PONTA SETA (S) | 1,46 | 1,63 | 204,98 | 2001.08.18 | |
| G.8 | 18 | CER | BORDO | 1,35 | 1,58 | 204,93 | 2001.08.18 | Fragmentado |
| G.8 | 20 | CER | TC (FRAG.) | | | | 2001.07.28 | |
| G.8 | 21 | CER | BORDO | | | | 2001.08.02 | |
| G.8 | 22 | CER | BORDO | | | | 2001.08.15 | |
| G.8 | 23 | CER | BORDO | | | | 2001.07.28 | |
| G.8 | 19 | CER | BORDO | | | | 2001.07.28 | |
| H.8 | 1 | MOD | MOEDA | | | | 2001.07.04 | Revolvimento |
| H.8 | 2 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.06 | Revolvimento – <i>Tumulus</i> |
| H.8 | 3 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.06 | Revolvimento – <i>Tumulus</i> |
| H.8 | 4 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.06 | Revolvimento – <i>Tumulus</i> |
| H.8 | 5 | SAG | PXG | | | | 2001.07.06 | Revolvimento – <i>Tumulus</i> |
| H.8 | 6 | CER | BOJO | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| H.8 | 7 | CER | VASO | 0,71 | 1,78 | 205,05 | 2001.07.19 | C/ boca virada para cima |
| H.8 | 12 | AAP | CC BTC ABATIDA XISTO | 0,91 | 0,95 | 205,02 | 2001.07.19 | |
| H.8 | 14 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | | | 205,02 | 2001.07.19 | Crivo |
| H.8 | 16 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.19 | Crivo |
| H.8 | 17 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | | | | 2001.07.19 | Crivo |
| H.8 | 18 | PL | LÂMINA RIOLITE | 0,89 | 0,10 | 205,17 | 2001.07.21 | |
| H.8 | 20 | CER | TAÇA (FRAG.) | 0,63 | 0,76 | 205,09 | 2001.07.23 | |
| H.8 | 24 | PL | RT S | 1,19 | 0,33 | 205,00 | 2001.07.25 | |
| H.8 | 27 | AAP | CC | | | | 2001.07.26 | Crivo |
| H.8 | 30 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,84 | 1,31 | 205,03 | 2001.07.31 | |

Corredor [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|----------------------|------|------|--------|------------|-------------|
| H.8 | 31 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,03 | 2001.07.31 | Crivo |
| H.8 | 33 | PL | PONTA SETA S | | | | 2001.07.31 | Crivo |
| H.8 | 34 | PL | PONTA SETA S | 0,89 | 1,71 | 204,95 | 2001.08.01 | |
| H.8 | 43 | AAP | CC | | | 204,95 | 2001.08.02 | |
| H.8 | 44 | AAP | CC | 0,89 | 1,21 | 204,91 | 2001.08.03 | |
| H.8 | 46 | PL | RT QTZ | 0,69 | 1,31 | 204,92 | 2001.08.04 | |
| H.8 | 47 | PL | RT QH | | | 204,92 | 2001.08.04 | |
| H.8 | 50 | PL | PONTA SETA S (FRAG.) | | | 204,92 | 2001.08.04 | |
| H.8 | 54 | PL | PONTA SETA S (FRAG.) | 0,40 | 0,80 | 204,95 | 2001.08.07 | |
| H.8 | 57 | AAP | CC | | | 204,91 | 2001.08.09 | Crivo |
| H.8 | 60 | PL | RT QH | 0,94 | 1,73 | 204,85 | 2001.08.10 | |
| H.8 | 61 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,83 | 0,32 | 204,94 | 2001.08.10 | |
| H.8 | 70 | CER | BORDO | 0,82 | 1,33 | 204,89 | 2001.08.13 | |
| H.8 | 72 | CER | BORDO | 0,72 | 1,11 | 204,89 | 2001.08.14 | |
| H.8 | 74 | AAP | CC XISTO | | | 204,86 | 2001.08.17 | |
| H.8 | 76 | CER | BORDO | 0,97 | 1,88 | 204,79 | 2001.08.18 | |
| H.8 | 77 | AAP | CC | 0,69 | 1,82 | 204,82 | 2001.08.18 | |
| H.8 | 80 | PL | LAMELA S (FRAG.) | 0,82 | 1,36 | 204,80 | 2001.08.20 | |
| H.8 | 81 | PL | LAMELA QH (FRAG.) | 0,90 | 1,81 | 204,73 | 2001.08.21 | |
| H.8 | 87 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,67 | 1,62 | 204,60 | 2001.08.22 | |
| H.8 | 88 | CER | BORDO | 0,74 | 1,45 | 204,76 | 2001.08.22 | |
| H.8 | 92 | PL | PONTA SETA S | 0,93 | 1,45 | 204,78 | 2001.08.22 | |
| H.8 | 97 | PL | RT QTZ | | | 204,70 | 2001.08.22 | Crivo |
| H.8 | 103 | AAP | CC | 1,07 | 1,25 | 204,75 | 2001.08.23 | |
| H.8 | 106 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,56 | 1,01 | 204,82 | 2001.08.23 | |
| H.8 | 107 | CER | TC (FRAG.) | 0,62 | 1,09 | 204,81 | 2001.08.24 | |
| H.8 | 109 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,62 | 1,07 | 204,76 | 2001.08.24 | |
| H.8 | 111 | CER | FUNDO | 1,10 | 1,07 | 204,84 | 2001.08.24 | |
| H.8 | 113 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,16 | 0,93 | 204,88 | 2001.08.27 | |
| H.8 | 115 | PL | PONTA SETA S | 1,09 | 1,17 | 204,81 | 2001.08.27 | |
| H.8 | 117 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,92 | 0,65 | 204,81 | 2001.08.27 | |
| H.8 | 118 | PL | RT S | | | 204,82 | 2001.08.27 | Crivo |
| H.8 | 121 | CER | FUNDO ? | 1,15 | 0,36 | 204,83 | 2001.08.28 | |
| H.8 | 123 | CER | BORDO | | | 204,75 | 2001.08.29 | Crivo |
| H.8 | 124 | AAP | CC | | | 204,75 | 2001.08.29 | Crivo |
| H.8 | 125 | AAP | CC | | | 204,75 | 2001.08.30 | Crivo |
| H.8 | 135 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.18 | |
| H.8 | 136 | SAG | PX (FRAG.) | | | 204,80 | 2001.08.30 | |
| H.8 | 137 | CER | BORDO | | | 204,72 | 2001.08.22 | |
| H.8 | 138 | SAG | PX (FRAG.) | | | 204,82 | 2001.08.24 | |
| H.8 | 139 | CER | BORDO | | | | 2001.08.13 | |
| H.8 | 140 | CER | BORDO | | | | 2001.07.18 | |
| H.8 | 141 | CER | BORDO | | | | 2001.07.18 | |
| H.8 | 142 | CER | BORDO | | | | | |

Corredor [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|-------------|------|------|--------|------------|-------------|
| H.8 | 143 | CER | BORDO | | | 204,71 | 2001.09.01 | |
| I.8 | 37 | AAP | CC | | | 204,92 | 2001.08.03 | Crivo |
| I.8 | 73 | SAG | PXG (FRAG.) | 129 | 0,33 | 204,88 | 2001.08.08 | |
| I.8 | 91 | CER | BORDO | 0,10 | 1,39 | 204,83 | 2001.08.15 | |
| I.8 | 97 | AAP | CC | 1,38 | 0,25 | 204,79 | 2001.08.17 | |
| I.8 | 100 | AAP | CC | 1,38 | 0,26 | 204,79 | 2001.08.17 | |
| I.8 | 113 | SAG | PXG | 0,74 | 0,03 | 204,72 | 2001.08.21 | |

Câmara

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|----------------|------|------|--------|------------|-----------------|
| I.8 | 1 | CER | BORDO | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| I.8 | 2 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.07 | Revolvimento |
| I.8 | 3 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,50 | 1,40 | 205,59 | 2001.07.23 | |
| I.8 | 5 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,44 | 2001.07.23 | |
| I.8 | 7 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,54 | 0,65 | 205,45 | 2001.07.23 | |
| I.8 | 9 | CER | BORDO | 1,60 | 1,15 | 205,32 | 2001.07.25 | |
| I.8 | 10 | CER | BORDO | 1,21 | 1,88 | 205,41 | 2001.07.25 | |
| I.8 | 11 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.25 | Crivo |
| I.8 | 12 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.25 | Crivo |
| I.8 | 13 | AAP | CC XISTO | 1,52 | 0,60 | 205,25 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 15 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,12 | 1,32 | 205,40 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 16 | AAP | CC XISTO | 1,58 | 1,98 | 205,36 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 18 | CER | BOJO | 0,87 | 1,38 | 205,37 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 21 | CER | BOJO | 1,10 | 1,24 | 205,38 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 22 | PL | RT S | 0,54 | 1,55 | 205,32 | 2001.07.26 | |
| I.8 | 26 | CER | TC (FRAG.) | | | | 2001.07.27 | Crivo |
| I.8 | 27 | AAP | CC | 1,04 | 0,70 | 205,47 | 2001.07.27 | Transição Cm/Cr |
| I.8 | 30 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,74 | 1,64 | 205,34 | 2001.08.01 | |
| I.8 | 39 | AAP | CC | 1,05 | 1,85 | 205,33 | 2001.08.03 | |
| I.8 | 40 | CER | BORDO | | | 205,25 | 2001.08.04 | |
| I.8 | 41 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,25 | 2001.08.04 | |
| I.8 | 45 | CER | BORDO | 1,04 | 1,68 | 205,13 | 2001.08.06 | |
| I.8 | 46 | PL | NÚCLEO (FRAG.) | 1,10 | 1,62 | 205,18 | 2001.08.06 | |
| I.8 | 47 | CER | BORDO | | | 205,20 | 2001.08.06 | Crivo |
| I.8 | 48 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,18 | 1,25 | 205,25 | 2001.08.06 | |
| I.8 | 49 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,20 | 2001.08.06 | Crivo |
| I.8 | 50 | CER | BORDO DE PRATO | 1,70 | 1,62 | 205,26 | 2001.08.06 | |
| I.8 | 51 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,20 | 2001.08.06 | |
| I.8 | 61 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,23 | 2001.08.07 | Crivo |
| I.8 | 63 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,84 | 0,90 | 205,16 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 66 | CER | BORDO | | | 205,18 | 2001.08.07 | |
| I.8 | 67 | AAP | CC XISTO | | | 205,22 | 2001.08.08 | Crivo |
| I.8 | 72 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,68 | 0,99 | 205,14 | 2001.08.08 | |
| I.8 | 74 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,14 | 2001.08.08 | Crivo |
| I.8 | 80 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,72 | 1,83 | 205,20 | 2001.08.09 | |

Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|--------------------------|------|------|--------|------------|----------------------------|
| I.8 | 92 | MP | QTZ | 0,47 | 0,96 | 205,19 | 2001.08.15 | Associado Cm-3 |
| I.8 | 93 | MP | QTZ | 0,20 | 1,90 | 205,18 | 2001.08.17 | Associado Cm-3 |
| I.8 | 95 | CER | TAÇA BAIXA | 0,05 | 1,83 | 205,23 | 2001.08.17 | Associado Cm-3 |
| I.8 | 96 | SAG | PXG (frag.) | 0,28 | 1,89 | 205,19 | 2001.08.17 | Associado Cm-3 |
| I.8 | 107 | PL | PONTA SETA | | | | 2001.08.20 | Transição Cm/Cr |
| I.8 | 108 | CER | BORDO | | | | 2001.08.20 | Transição Cm/Cr |
| I.8 | 109 | PAF | PLACA DE GRANITO APARADA | 1,18 | 0,59 | 205,20 | 2001.08.20 | Transição Cm/Cr |
| I.8 | 114 | CER | BORDO | 1,22 | 1,45 | 205,15 | 2001.08.18 | Associado ao cão de Cm-3 |
| I.8 | 115 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,43 | 0,51 | 205,31 | 2001.08.25 | Transição Cm/Cr |
| I.8 | 117 | AAP | CC | 0,80 | 1,65 | 205,07 | 2001.09.03 | |
| I.8 | 118 | CER | BOJO | 1,18 | 1,16 | 205,07 | 2001.09.03 | |
| I.8 | 119 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,33 | 1,25 | 205,07 | 2001.09.03 | |
| I.8 | 120 | AAP | CC XISTO | 1,30 | 1,83 | 205,07 | 2001.09.03 | |
| I.8 | 121 | AAP | CC XISTO | | | 205,07 | 2001.09.03 | |
| I.8 | 122 | AAP | CC XISTO | | | 205,07 | 2001.09.03 | |
| I.8 | 123 | AAP | CC XISTO | | | 205,12 | 2001.09.03 | Crivo |
| I.8 | 124 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,12 | 2001.09.03 | Crivo |
| I.8 | 125 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,12 | 2001.09.03 | Crivo |
| I.8 | 129 | PL | PONTA SETA QTZ | 1,83 | 1,86 | 205,16 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 130 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,36 | 1,55 | 205,11 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 132 | AAP | CC XISTO | 0,50 | 1,50 | 205,10 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 134 | CER | BORDO | 0,96 | 1,85 | 205,11 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 136 | AAP | CC XISTO | 0,37 | 1,24 | 205,09 | 2001.0.04 | |
| I.8 | 138 | CER | BORDO | 0,65 | 0,90 | 205,09 | 2001.09.04 | |
| I.8 | 143 | AAP | CC | 0,68 | 1,44 | 205,06 | 2001.09.05 | |
| I.8 | 145 | CER | BORDO | 0,85 | 1,36 | 205,06 | 2001.09.05 | |
| I.8 | 147 | CER | BORDO | 0,79 | 1,46 | 205,07 | 2001.09.06 | Cola com J.8-529, 352, 553 |
| I.8 | 148 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,07 | 1,58 | 205,05 | 2001.09.05 | Cola com I.8-235 |
| I.8 | 149 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,10 | 0,88 | 205,11 | 2001.09.05 | Cola com I.8-155 |
| I.8 | 150 | AAP | CC | 1,13 | 1,72 | 205,07 | 2001.09.06 | |
| I.8 | 151 | PP | ENXÓ (FRAG.) | 1,87 | 1,63 | 205,07 | 2001.09.06 | Jaspe |
| I.8 | 152 | AAP | CC | 1,85 | 1,60 | 205,06 | 2001.09.06 | |
| I.8 | 153 | CER | BORDO | | | 205,07 | 2001.09.06 | Crivo |
| I.8 | 155 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,07 | 2001.09.06 | Crivo Cola com I.8-149 |
| I.8 | 159 | AAP | CC | | | 205,04 | 2001.09.06 | Crivo |
| I.8 | 165 | PL | PONTA SETA XISTO | | | 205,04 | 2001.09.06 | Crivo |
| I.8 | 166 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,86 | 1,87 | 205,01 | 2001.09.06 | |
| I.8 | 167 | AAP | ALFINETE CABELO (FRAG.) | 1,34 | 1,92 | 204,98 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 171 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | 1,38 | 1,70 | 204,98 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 175 | AAP | CC | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 176 | AAP | CC BTC CERÂMICA | | | 204,98 | 2001.09.07 | Crivo |
| I.8 | 177 | CER | BORDO | 1,22 | 1,63 | 204,98 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 184 | CER | BORDO GLOBULAR | | | 204,98 | 2001.09.07 | |
| I.8 | 185 | CER | BORDO - TAÇA | | | 204,98 | 2001.09.07 | Cola com I.8 - 40 |
| I.8 | 192 | AAP | CC BTC ANFIBOLITO | 1,20 | 0,87 | 204,93 | 2001.09.08 | |

Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|----------------------------|------|------|--------|------------|-----------------------------|
| I.8 | 193 | AAP | CC | | | 204,93 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 194 | AAP | CC | | | 204,93 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 202 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 203 | CER | BOLA | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 210 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 212 | CER | BORDO | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 214 | AAP | CC | | | 204,86 | 2001.09.08 | Crivo |
| I.8 | 220 | CER | CER. DECORADA | | | 204,96 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 221 | CER | TC (FRAG.) | | | 204,94 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 222 | CER | BORDO | | | 204,94 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 223 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,45 | 1,30 | 204,90 | 2001.09.08 | |
| I.8 | 224 | CER | TC (FRAG.) | 0,87 | 0,90 | 204,90 | 2001.09.12 | |
| I.8 | 225 | CER | BORDO | | | 204,90 | 2001.09.12 | |
| I.8 | 226 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | | | 204,90 | 2001.09.13 | Crivo |
| I.8 | 227 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,36 | 1,10 | 204,89 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 228 | CER | BORDO COM MAMILO | | | 205,15 | 2001.09.13 | Sob ECm-7 |
| I.8 | 229 | CER | BORDO | | | 205,15 | 2001.09.13 | Sob ECm-7 |
| I.8 | 231 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | | | 204,98 | 2001.09.12 | Crivo |
| I.8 | 232 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | | | 204,95 | 2001.09.12 | Crivo |
| I.8 | 233 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,30 | 0,74 | 204,82 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 235 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 204,90 | 2001.09.13 | Cola com I.8-148 |
| I.8 | 236 | CER | BORDO | | | 204,90 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 237 | AAP | HASTE ALFINETE DE CABELO ? | | | 204,85 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 245 | PL | RT, S | | | 204,85 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 246 | MP | QTZ | | | 205,05 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 247 | SAG | PXG | 1,99 | 1,30 | 204,88 | 2001.09.17 | |
| I.8 | 248 | PL | PONTA SETA S | | | | 2001.09.18 | Crivo |
| I.8 | 250 | AAP | CC DISCÓIDE PEDRA VERDE | 1,99 | 1,50 | 204,98 | 2001.09.18 | |
| I.8 | 255 | PL | LAMELA QTZ (FRAG?) | | | | 2001.09.18 | Crivo |
| I.8 | 259 | SAG | PXG | 1,37 | 0,76 | 204,78 | 2001.09.19 | Decoração virada para baixo |
| I.8 | 262 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,93 | 0,75 | 204,78 | 2001.09.19 | |
| I.8 | 264 | AAP | CC DISCÓIDE PEDRA VERDE | 1,34 | 0,90 | 204,78 | 2001.09.19 | |
| I.8 | 269 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,48 | 0,70 | 204,75 | 2001.09.24 | |
| I.8 | 273 | CER | BORDO | 1,58 | 0,36 | 204,78 | 2001.09.24 | |
| I.8 | 277 | AAP | CC XISTO | | | | 2001.09.25 | Crivo |
| I.8 | 281 | PL | RT QTZ | | | | 2001.09.26 | Crivo |
| I.8 | 282 | AAP | CC XISTO | | | | 2001.09.26 | Crivo |
| I.8 | 283 | PL | LASCA QTZ | | | | 2001.09.26 | Crivo |
| I.8 | 286 | CER | BOJO (DECORADO?) | 0,61 | 0,65 | 204,73 | 2001.10.02 | |
| I.8 | 287 | MP | QTZ | 1,01 | 0,70 | 204,73 | 2001.10.02 | |
| I.8 | 290 | PAF | PEDRA ALMOFADA | | | | 2001.10.03 | Interior de ECm-7 |
| I.8 | 291 | CER | BORDO | 0,11 | 1,38 | 204,69 | 2001.10.05 | |
| I.8 | 300 | ? | OSSO POLIDO | 0,33 | 1,08 | 204,74 | 2001.10.09 | Artefacto duvidoso? |
| I.8 | 301 | SAG | PX (FRAGMENTO) | | | | 2001.10.09 | Limpeza Corte Sul |

Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|--------------------|------|------|--------|------------|-----------------------------------|
| I.8 | 303 | CER | BORDO | | | 204,90 | 2001.10.14 | Crivo |
| I.8 | 304 | SAG | PXG (FRAGMENTO) | | | 205,07 | 2001.09.06 | Crivo |
| I.8 | 305 | CER | TC (BORDO) | | | 204,89 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 306 | CER | BORDO | | | 204,89 | 2001.09.13 | |
| I.8 | 307 | CER | TC (FRAG.) | | | | 2001.07.24 | |
| I.8 | 308 | CER | BORDO | | | | 2001.08.02 | Crivo |
| I.8 | 309 | CER | BORDO | | | | 2001.08.03 | |
| I.8 | 310 | CER | BOJO (C/ ALMAGRE) | | | 205,07 | 2001.09.06 | |
| I.9 | 1 | PL | RT | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| I.9 | 2 | PL | NÚCLEO QTZ ? | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| I.9 | 3 | PAF | PERCUTOR | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| I.9 | 4 | CER | BORDO PERF | | | | 2001.07.07 | Revolvimento |
| I.9 | 5 | PL | PONTA SETA QTZ | | | | 2001.07.07 | Revolvimento |
| I.9 | 6 | PL | RT S | | | | 2001.07.07 | Revolvimento |
| I.9 | 7 | CER | BORDO | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| I.9 | 9 | CER | FUNDO - PRATO | 0,20 | 1,30 | 205,49 | 2001.07.26 | |
| I.9 | 10 | PL | LÂMINA | 1,98 | 1,61 | 205,44 | 2001.07.28 | |
| I.9 | 11 | CER | BORDO | | | | 2001.08.02 | Crivo |
| I.9 | 12 | PL | LASCA | | | | 2001.08.02 | |
| I.9 | 13 | PL | LÂMINA S (FRAG.) | | | 205,23 | 2001.08.03 | Crivo |
| I.9 | 14 | CER | FUNDO | 0,09 | 1,53 | 205,23 | 2001.08.13 | |
| I.9 | 15 | CER | BORDO | 0,08 | 1,30 | 205,20 | 2001.08.13 | |
| I.9 | 16 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,13 | 1,66 | 205,18 | 2001.08.13 | |
| I.9 | 19 | PL | LÂMINA (FRAG.) | 0,50 | 1,47 | 205,24 | 2001.08.14 | |
| I.9 | 20 | PL | NÚCLEO QTZ | | | | 2001.09.13 | |
| I.9 | 21 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,10 | 0,87 | 204,98 | 2001.09.13 | |
| I.9 | 22 | SAG | PXG | 0,07 | 1,48 | 204,86 | 2001.09.17 | Decoração para baixo, Cabeça a NW |
| I.9 | 23 | CER | BORDO | 0,10 | 1,85 | 204,86 | 2001.09.24 | |
| I.9 | 24 | MP | QTZ | 0,72 | 1,94 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| I.9 | 29 | CER | BORDO | | | | 2001.08.14 | |
| I.9 | 30 | CER | BORDO | | | | 2001.07.24 | |
| I.9 | 31 | CER | BORDO | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| J.8 | 1 | AAP | CC PEDRA VERDE | 1,44 | 0,57 | 205,23 | 2001.07.13 | |
| J.8 | 5 | AAP | CC | 0,92 | 0,22 | 205,44 | 2001.07.23 | |
| J.8 | 7 | AAP | CC PEDRA VERDE | 1,36 | 0,70 | 205,41 | 2001.07.24 | |
| J.8 | 11 | SAG | PXG (VERSO) | | | 205,63 | 2001.07.24 | |
| J.8 | 12 | PL | LASCA QTZ | | | | 2001.07.24 | Crivo |
| J.8 | 14 | CER | BORDO | | | 205,29 | 2001.07.24 | Crivo |
| J.8 | 15 | CER | BORDO - BOJO | | | 205,34 | 2001.07.24 | |
| J.8 | 16 | PL | LASCA QTZ | | | | 2001.07.25 | |
| J.8 | 17 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.25 | Crivo |
| J.8 | 21 | CER | BORDO | 2,00 | 0,97 | 205,49 | 2001.07.25 | |
| J.8 | 27 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,85 | 0,61 | 205,49 | 2001.07.27 | |
| J.8 | 33 | PL | LAMELA S (FRAG.) ? | 1,86 | 0,87 | 205,42 | 2001.07.31 | |
| J.8 | 35 | AAP | CC | 1,43 | 1,10 | 205,41 | 2001.07.31 | |
| J.8 | 36 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,62 | 0,53 | 205,33 | 2001.07.31 | |
| J.8 | 38 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,32 | 2001.08.01 | Crivo |

Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|---------------------|------|------|--------|------------|---------------------------|
| J.8 | 41 | PL | ESQUIÚROLA S | | | 205,32 | 2001.08.01 | Crivo |
| J.8 | 42 | AAP | CC (FRAG.) | | | | 2001.08.01 | Crivo |
| J.8 | 45 | AAP | CC | 1,87 | 0,80 | 205,33 | 2001.08.02 | |
| J.8 | 50 | SAG | PXG (FRAGS.) | 1,79 | 1,06 | 205,38 | 2001.08.03 | |
| J.8 | 53 | PL | RT QH | 1,99 | 0,11 | 205,32 | 2001.08.04 | |
| J.8 | 54 | CER | VASO FRAGMENTADO | 1,21 | 0,31 | 205,28 | 2001.08.04 | |
| J.8 | 55 | PL | RT ? | 1,19 | 0,04 | 205,24 | 2001.08.04 | |
| J.8 | 74 | AAP | CC | 0,36 | 0,04 | 205,25 | 2001.08.09 | |
| J.8 | 77 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,16 | 0,44 | 205,28 | 2001.08.10 | |
| J.8 | 80 | PL | LAMELA S | 1,71 | 1,03 | 205,30 | 2001.08.11 | |
| J.8 | 81 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,31 | 2001.08.11 | |
| J.8 | 83 | AAP | CC XISTO | 1,90 | 1,05 | 205,31 | 2001.08.11 | |
| J.8 | 84 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,78 | 0,74 | 205,30 | 2001.08.11 | |
| J.8 | 85 | CER | BORDO | 1,34 | 0,16 | 205,25 | 2001.08.13 | |
| J.8 | 86 | CER | BORDO | 1,40 | 0,27 | 205,25 | 2001.08.13 | |
| J.8 | 88 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,53 | 0,09 | 205,23 | 2001.08.13 | Cm-3 |
| J.8 | 89 | AAP | CC | 1,59 | 0,21 | 205,26 | 2001.08.14 | |
| J.8 | 93 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,30 | 2001.08.14 | Crivo |
| J.8 | 94 | AAP | CC | 1,96 | 0,70 | 205,25 | 2001.08.11 | |
| J.8 | 95 | CER | BOJO | 0,35 | 0,15 | 205,25 | 2001.08.14 | Cm-3 |
| J.8 | 99 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.08.16 | Crivo |
| J.8 | 101 | AAP | CC | 1,15 | 0,81 | 205,23 | 2001.08.16 | 3 |
| J.8 | 103 | PL | PONTA SETA QH | 0,77 | 1,04 | 205,20 | 2001.08.16 | Cm-2 |
| J.8 | 104 | CER | BORDO | 0,63 | 0,92 | 205,28 | 2001.08.16 | |
| J.8 | 108 | CER | BORDO | 1,10 | 0,66 | 205,22 | 2001.08.16 | |
| J.8 | 113 | CER | BORDO | 1,55 | 0,49 | 205,28 | 2001.08.18 | |
| J.8 | 114 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,20 | 2001.08.18 | |
| J.8 | 116 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,47 | 0,67 | 205,20 | 2001.08.18 | |
| J.8 | 117 | PL | LASCA QTZ | 0,43 | 0,04 | 205,25 | 2001.08.18 | |
| J.8 | 119 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,24 | 0,08 | 205,19 | 2001.08.18 | Cm-3 |
| J.8 | 124 | AAP | CC | 1,10 | 0,11 | 205,19 | 2001.08.20 | |
| J.8 | 139 | CER | BORDO | 1,60 | 0,60 | 205,19 | 2001.08.21 | |
| J.8 | 151 | AAP | CC | 1,40 | 0,84 | 205,18 | 2001.08.21 | Cm-2 |
| J.8 | 154 | CER | BOJO | 1,02 | 0,49 | 205,21 | 2001.08.22 | Cm-2 |
| J.8 | 155 | PL | QTZ LEITOSO | 1,30 | 1,20 | 205,22 | 2001.08.22 | Cm-2 |
| J.8 | 176 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,08 | 1,44 | 205,13 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 179 | PL | PONTA SETA | 0,41 | 0,87 | 205,16 | 2001.08.23 | |
| J.8 | 195 | PL | LASCA QTZ ? | 1,66 | 0,69 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 199 | CER | BORDO | 0,86 | 0,02 | 205,13 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 201 | AAP | CC (FRAG.) | 1,61 | 1,07 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 202 | AAP | CC | 1,64 | 1,04 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 206 | AAP | CC | 0,72 | 0,25 | 205,14 | 2001.08.24 | |
| J.8 | 208 | AAP | CC | 1,41 | 1,20 | 205,06 | 2001.08.25 | |
| J.8 | 210 | CER | BORDO | 1,61 | 1,25 | 205,06 | 2001.08.25 | Cola c/ J.8-54,108,J.9-54 |
| J.8 | 211 | AAP | CC | 0,82 | 1,11 | 205,02 | 2001.08.25 | |
| J.8 | 212 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,85 | 1,21 | 205,02 | 2001.08.25 | |

Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|----------------------------|------|------|--------|------------|-----------------------------|
| J.8 | 218 | CER | BORDO | 1,67 | 0,28 | 205,13 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 220 | PL | LASCA QTZ | 0,93 | 0,98 | 205,01 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 229 | CER | TC (FRAG.) | 1,02 | 0,93 | 205,04 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 233 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,98 | 0,78 | 205,03 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 240 | PL | RT S | 1,75 | 0,70 | 205,02 | 2001.08.27 | |
| J.8 | 241 | AAP | CC | 1,31 | 0,94 | 205,02 | 2001.08.28 | Cm-4 |
| J.8 | 243 | CER | BORDO | 1,35 | 0,30 | 205,13 | 2001.08.28 | |
| J.8 | 245 | PL | PONTA SETA S | 1,50 | 0,12 | 205,15 | 2001.08.28 | Com ext. distal apontando N |
| J.8 | 248 | AAP | CC | | | 205,05 | 2001.08.28 | Crivo |
| J.8 | 276 | PL | RT QH | | | 205,05 | 2001.08.28 | Cm-4 - Crivo |
| J.8 | 307 | AAP | CC PEDRA VERDE | 1,13 | 0,39 | 205,09 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 309 | CER | BOJO | 1,94 | 0,88 | 205,04 | 2001.08.29 | |
| J.8 | 311 | PL | PONTA SETA S | 0,97 | 0,26 | 205,06 | 2001.08.30 | Com ext. dist. apontando E |
| J.8 | 312 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,03 | 0,29 | 205,04 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 313 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,78 | 0,63 | 205,09 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 324 | AAP | CC XISTO | 1,66 | 0,01 | 205,08 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 327 | SAG | PXG (FRAGS.) | 0,63 | 0,28 | 205,08 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 335 | AAP | CC | | | 205,00 | 2001.08.30 | Crivo |
| J.8 | 338 | AAP | CC | 0,73 | 0,06 | 204,07 | 2001.08.30 | |
| J.8 | 345 | PL | PONTA SETA S (FRAG.) | 0,16 | 0,08 | 205,03 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 349 | CER | BORDO | 0,24 | 0,20 | 205,07 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 352 | CER | FUNDO (PRATO/TAÇA) | 0,31 | 0,38 | 205,06 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 353 | AAP | CC XISTO | 0,41 | 0,38 | 205,05 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 354 | PL | RT QTZ LEITOSO | 0,47 | 0,36 | 205,02 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 355 | AAP | CC BTC ABATIDA PEDRA VERDE | 1,37 | 1,11 | 205,03 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 356 | AAP | CC XISTO | 0,48 | 0,44 | 205,03 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 357 | AAP | CC XISTO | 1,51 | 0,87 | 205,02 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 363 | CER | BORDO | 1,47 | 0,80 | 205,00 | 2001.08.31 | |
| J.8 | 368 | PL | RT S | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 369 | PL | RT QUARTZITO | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 376 | PL | RT QH | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 377 | PL | RT QUARTZITO | | | 205,00 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.8 | 387 | AAP | CC BTC XISTO | 0,73 | 1,09 | 205,04 | 2001.09.01 | |
| J.8 | 388 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,78 | 1,25 | 205,03 | 2001.09.01 | |
| J.8 | 404 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,02 | 0,33 | 204,98 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 405 | AAP | CC XISTO | 1,75 | 0,29 | 204,99 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 409 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,83 | 0,22 | 204,94 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 413 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,80 | 0,43 | 204,98 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 414 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,03 | 0,40 | 204,93 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 415 | AAP | CC PEDRA VERDE | 0,89 | 0,21 | 204,93 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 418 | CER | BORDO ESP. EXT. | 0,79 | 0,08 | 204,96 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 420 | PL | RT ROCHA SILICIOSA | 0,89 | 0,42 | 204,96 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 423 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,58 | 0,52 | 204,92 | 2001.09.03 | |
| J.8 | 432 | CER | BORDO | 1,72 | 0,65 | 204,92 | 2001.09.04 | Cola com I.8 – 303 |

Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|----------------------------|------|------|--------|-------------|------------------------------------|
| J.8 | 440 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,65 | 0,66 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 442 | PL | PONTA SETA XISTO | 0,96 | 0,11 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 446 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,66 | 0,46 | 204,95 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 457 | AAP | CC PEDRA VERDE | 0,96 | 0,42 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 458 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,34 | 0,47 | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 488 | CER | TC (FRAG.) | 0,55 | 0,51 | 204,99 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 496 | AAP | CC XISTO | 0,56 | 0,67 | 204,99 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 498 | PL | NÚCLEO QTZ | 0,97 | 0,86 | 204,92 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 502 | PL | RT S | 0,83 | 1,00 | 204,95 | 2001.09.05 | |
| J.8 | 503 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,75 | 0,86 | 204,99 | 2001.09.05 | Cola com J.8 - 527 |
| J.8 | 507 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,71 | 1,20 | 204,98 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 508 | AAP | CC XISTO | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 510 | PL | RT QH | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 511 | PL | RT QH | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 512 | PL | RT QTZ LEITOSO | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 513 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 204,93 | 2001.09.06 | Crivo |
| J.8 | 519 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | 1,85 | 1,28 | 205,11 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 525 | SAG | PXG FRAG | 0,47 | 0,71 | 204,85 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 527 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,87 | 1,40 | 204,84 | 2001.09.06 | Cola com J.8 - 503 |
| J.8 | 528 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,62 | 1,16 | 204,85 | 2001.09.06 | |
| J.8 | 529 | CER | TAÇA CALOTE (BORDO E BOJO) | 0,53 | 0,49 | 204,85 | 2001.09.07 | Cola com I8-147, J.8 - 352, 553 |
| J.8 | 534 | AAP | CC XISTO | | | 204,85 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.8 | 537 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 204,84 | 2001.09.07 | Crivo |
| J.8 | 538 | AAP | CC BTC | 1,10 | 0,62 | 204,84 | 2001.09.07 | |
| J.8 | 549 | MP | QTZ | 1,52 | 0,76 | 204,85 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 553 | CER | BOJO | 0,48 | 0,77 | 204,84 | 2001.09.08 | Cola com I.8 - 147, J.8 - 352, 529 |
| J.8 | 556 | PL | RT QH | | | 204,85 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.8 | 568 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,20 | 0,85 | 204,84 | 2001.09.08 | |
| J.8 | 576 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,25 | 1,42 | 204,85 | 2001.09.12 | |
| J.8 | 577 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | | | 204,85 | 2001.09.12 | Crivo |
| J.8 | 578 | PL | PONTA SETA QH | | | 204,85 | 2001.09.13 | Crivo |
| J.8 | 579 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | | | 204,85 | 2001.09.13 | Crivo |
| J.8 | 589 | AAP | CC | 1,73 | 1,30 | 204,87 | 2001.09.13. | |
| J.8 | 591 | PL | RT QTZ LEITOSO | 1,70 | 0,78 | 204,92 | 2001.09.18 | |
| J.8 | 592 | AAP | ALFINETE CABELO (FRAG.) | 1,56 | 0,56 | 204,85 | 2001.09.18 | |
| J.8 | 607 | CER | BORDO | | | | 2001.08.23 | |
| J.8 | 608 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,48 | 0,30 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 622 | MP | QTZ | 1,10 | 0,05 | 204,80 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 632 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,10 | 0,62 | 204,84 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 634 | AAP | ALFINETE CABELO (HASTE) | 0,94 | 0,32 | 204,82 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 635 | SAG | PXG (FRAGS.) | | | 204,82 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 638 | CER | BORDO | | | 204,82 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 639 | CER | BORDO | | | 204,82 | 2001.09.26 | |
| J.8 | 641 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | 1,47 | 0,61 | 204,79 | 2001.09.27 | |

Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|----------------------------------|------|------|--------|------------|---|
| J.8 | 643 | MP | QTZ | 1,55 | 1,03 | 204,79 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 644 | AAP | CC | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 645 | AAP | CC DISCÓIDE PEDRA VERDE | 1,81 | 1,02 | 204,89 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 646 | MP | QTZ | 1,59 | 0,58 | 204,79 | 2001.09.27 | |
| J.8 | 657 | AAP | CC | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 658 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 659 | AAP | CC BTC PEDRA VERDE | | | | 2001.09.27 | Crivo |
| J.8 | 667 | SAG | PLACA DE XISTO ANTROPOMÓRFICA | 1,63 | 0,70 | 204,79 | 2001.09.27 | Face principal para cima Cabeça orientada S. Cm-7. |
| J.8 | 668 | PL | RT QTZ | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 669 | AAP | CC | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 670 | AAP | CC | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 675 | AAP | ALFINETE CABELO (FRAG.) | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 676 | CER | BORDO | | | | 2001.09.28 | Crivo |
| J.8 | 688 | SAG | PXG (FRAGMENTO) | 0,60 | 1,00 | 204,70 | 2001.10.01 | |
| J.8 | 690 | AAP | ALFINETE DE CABELO (FRAG.) | 1,17 | 0,59 | 204,70 | 2001.10.01 | |
| J.8 | 691 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,70 | 0,63 | 204,80 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 697 | AAP | CC (XISTO) | 0,73 | 0,77 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 698 | AAP | CC (XISTO) | 0,73 | 0,78 | 204,70 | 2001.10.02 | |
| J.8 | 707 | CER | BORDO | 1,40 | 0,25 | 204,70 | 2001.10.03 | Topo da Fossa |
| J.8 | 715 | AAP | ALFINETE DE CABELO (FRAG.) | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 716 | AAP | ALFINETE DE CABELO (FRAG.) | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 717 | AAP | ALFINETE DE CABELO (FRAG.) | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 722 | AAP | ALFINETE DE CABELO (FRAGS.) | 1,60 | 0,63 | 204,75 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 723 | CER | BORDO | 1,57 | 0,76 | 204,63 | 2001.10.04 | Na Fossa, mesmo recipiente que J.8 - 778 |
| J.8 | 724 | PL | RASPADEIRA (S) | 1,63 | 0,46 | 204,68 | 2001.10.04 | |
| J.8 | 737 | AAP | CC DISC. (XISTO) | | | | 2001.10.04 | Crivo |
| J.8 | 742 | AAP | OSSO POLIDO | | | | 2001.10.05 | Crivo |
| J.8 | 743 | MP | QTZ | | | | 2001.10.05 | Crivo |
| J.8 | 744 | CER | BORDO | 1,38 | 0,82 | 204,59 | 2001.10.05 | Na Fossa |
| J.8 | 750 | AAP | CC (PV) | | | | 2001.10.05 | Crivo |
| J.8 | 751 | AAP | CC (XISTO) | | | 204,63 | 2001.10.05 | Crivo |
| J.8 | 763 | CER | BORDO | 0,25 | 1,31 | 204,60 | 2001.10.09 | Na Fossa |
| J.8 | 764 | CER | BORDO | 0,47 | 1,09 | 204,60 | 2001.10.09 | Na Fossa |
| J.8 | 767 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,42 | 1,03 | 204,59 | 2001.10.09 | |
| J.8 | 768 | AAP | CC (PV) | 1,87 | 0,78 | 205,17 | 2001.10.10 | Sob Pseudo Ecm-5 |
| J.8 | 769 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.10.10 | Crivo |
| J.8 | 777 | CER | BOJO | 1,20 | 0,80 | 204,48 | 2001.10.11 | Na Fossa |
| J.8 | 778 | CER | BORDO | 0,95 | 0,81 | 204,47 | 2001.10.11 | Na Fossa, mesmo recipiente que J.8 - 553 |
| J.8 | 779 | CER | BORDO | 1,68 | 0,51 | 204,48 | 2001.10.11 | Na Fossa |
| J.8 | 780 | CER | BOJO | 1,66 | 0,58 | 204,36 | 2001.10.11 | Na Fossa |

Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|-------------------|------|------|--------|------------|----------------------------|
| J.8 | 781 | PL | NÚCLEO | 1,60 | 0,24 | 204,37 | 2001.10.11 | Na Fossa |
| J.8 | 782 | CER | BOJO | 1,07 | 1,20 | 204,37 | 2001.10.11 | Na Fossa |
| J.8 | 783 | CER | BOJO | 1,10 | 1,05 | 204,36 | 2001.10.11 | Na Fossa |
| J.8 | 784 | CER | TC (FRAG.) | | | | 2001.08.17 | |
| J.8 | 785 | CER | TC (FRAG.) | | | 204,92 | 2001.09.04 | |
| J.8 | 786 | CER | BORDO | | | 204,74 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 787 | CER | BORDO | | | 204,78 | 2001.09.25 | |
| J.8 | 788 | CER | BORDO | | | | 2001.08.02 | |
| J.8 | 789 | CER | BORDO | | | | 2001.08.27 | |
| J.8 | 790 | AAP | ALFINETE CABELO | | | 205,00 | 2001.08.31 | Extremidade distal |
| J.9 | 1 | CER | BORDO | 1,23 | 0,33 | 205,71 | 2001.07.13 | |
| J.9 | 2 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,72 | 2001.07.25 | |
| J.9 | 3 | AAP | CC (FRAG.) | | | 205,72 | 2001.07.25 | |
| J.9 | 4 | CER | BORDO | 1,55 | 0,10 | 205,59 | 2001.07.30 | |
| J.9 | 5 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,85 | 0,64 | 205,62 | 2001.07.30 | |
| J.9 | 6 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,59 | 2001.07.31 | |
| J.9 | 7 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,55 | 2001.07.31 | |
| J.9 | 8 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,54 | 2001.07.31 | |
| J.9 | 9 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,00 | 1,85 | 205,52 | 2001.08.02 | |
| J.9 | 10 | PL | RT S | | | | 2001.08.02 | |
| J.9 | 11 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,52 | 2001.08.02 | |
| J.9 | 12 | AAP | CC | | | 205,38 | 2001.08.06 | Exterior ECm-4 |
| J.9 | 13 | AAP | CC | | | 205,38 | 2001.08.06 | Exterior ECm-4 |
| J.9 | 14 | AAP | CC | | | 205,38 | 2001.08.06 | Exterior ECm-4 |
| J.9 | 15 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,30 | 1,70 | 205,34 | 2001.08.06 | |
| J.9 | 16 | CER | BORDO | 0,60 | 1,54 | 205,41 | 2001.08.06 | |
| J.9 | 17 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,75 | 1,74 | 205,36 | 2001.08.06 | |
| J.9 | 19 | CER | BORDO | 0,40 | 1,24 | 205,34 | 2001.08.06 | |
| J.9 | 20 | PL | LAMELA QH | | | | 2001.08.06 | Crivo |
| J.9 | 21 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,36 | 2001.08.06 | |
| J.9 | 22 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,36 | 2001.08.06 | |
| J.9 | 26 | CER | BORDO | | | 205,35 | 2001.08.08 | Crivo |
| J.9 | 29 | PL | RT | 1,63 | 1,48 | 205,31 | 2001.08.08 | |
| J.9 | 30 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,58 | 1,49 | 205,24 | 2001.08.08 | |
| J.9 | 32 | PL | LAMELA S | | | 205,26 | 2001.08.10 | |
| J.9 | 36 | SAG | PXG (FRAGMENTADA) | 1,56 | 0,80 | 205,24 | 2001.08.10 | |
| J.9 | 37 | AAP | CC | 0,08 | 0,02 | 205,37 | 2001.08.10 | |
| J.9 | 38 | AAP | CC | 0,14 | 0,13 | 205,40 | 2001.08.11 | |
| J.9 | 40 | PL | RT QTZ | | | 205,24 | 2001.08.13 | Crivo |
| J.9 | 41 | SAG | PXG | 0,63 | 1,52 | 205,16 | 2001.08.13 | Face gravada apontada O SE |
| J.9 | 43 | AAP | CC XISTO | 0,51 | 0,82 | 205,19 | 2001.08.14 | |
| J.9 | 46 | PL | LÂMINA | 0,62 | 0,80 | 205,15 | 2001.08.17 | |
| J.9 | 48 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,18 | 0,92 | 205,44 | 2001.08.21 | |
| J.9 | 49 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,46 | 0,46 | 205,17 | 2001.08.30 | |
| J.9 | 52 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,15 | 2001.09.01 | Crivo |
| J.9 | 54 | CER | BORDO + BOJO | 0,46 | 0,24 | 205,30 | 2001.09.03 | |

Câmara [cont.]

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|-----------------------------|------|-------|--------|------------|------------------------------|
| J.9 | 59 | CER | TC (frag.) | 0,34 | 0,14 | 205,27 | 2001.09.05 | |
| J.9 | 61 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.09.06 | Crivo |
| J.9 | 62 | AAP | CC PEDRA VERDE (FRAG.) | 0,36 | 1,03 | 205,20 | 2001.09.06 | |
| J.9 | 63 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,39 | 0,36 | 205,19 | 2001.09.06 | |
| J.9 | 65 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,15 | 2001.09.08 | Crivo |
| J.9 | 67 | AAP | CC DISCÓIDE PEDRA VERDE | 0,05 | 0,05 | 205,10 | 2001.09.10 | |
| J.9 | 68 | PL | NÚCLEO QH | 0,85 | 0,42 | 205,15 | 2001.09.12 | Parte interna ECm-6 |
| J.9 | 69 | CER | TC (frag.) | | | 205,10 | 2001.09.12 | Parte interna ECm-6 |
| J.9 | 70 | PL | LASCA S | | | 205,10 | 2001.09.12 | |
| J.9 | 72 | AAP | CC DISCÓIDE | 0,73 | 0,40 | 204,96 | 2001.09.13 | |
| J.9 | 73 | AAP | CC DISCÓIDE | 0,88 | 0,15 | 205,92 | 2001.09.13 | |
| J.9 | 75 | AAP | CC | 0,07 | 0,08 | 204,96 | 2001.09.13 | |
| J.9 | 77 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,49 | 0,92 | 205,08 | 2001.09.18 | |
| J.9 | 78 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,72 | 0,99 | 205,08 | 2001.09.18 | |
| J.9 | 79 | CER | BORDO | | | 205,08 | 2001.09.18 | |
| J.9 | 80 | CER | BORDO | 0,67 | 0,65 | 205,08 | 2001.09.19 | |
| J.9 | 81 | AAP | CC DISCÓIDE XISTO | 0,56 | 0,65 | 205,08 | 2001.09.19 | |
| J.9 | 82 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 205,08 | 2001.09.19 | |
| J.9 | 84 | PL | PONTA SETA S | 0,48 | 1,17 | 204,98 | 2001.09.19 | |
| J.9 | 87 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 204,98 | 2001.09.19 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 96 | SAG | PXG (FRAG.) | 1,16 | 0,41 | 204,83 | 2001.09.24 | Cola com J.9-36 |
| J.9 | 99 | AAP | CC XISTO | 0,43 | 0,12 | 204,93 | 2001.09.26 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 100 | AAP | CC XISTO | 0,43 | 0,11 | 204,93 | 2001.09.26 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 102 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 204,93 | 2001.09.26 | Alvéolo junto a ECm-5 Crivo |
| J.9 | 103 | AAP | CC XISTO | 0,49 | 0,17 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 104 | AAP | CC PV | 0,56 | 0,18 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 105 | AAP | CC PV | 0,56 | 0,18 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 106 | AAP | CC XISTO | 0,51 | 0,192 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 107 | AAP | CC XISTO | 0,51 | 0,19 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 108 | AAP | CC PV | 0,51 | 0,19 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 109 | AAP | CC XISTO | 0,51 | 0,19 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 110 | AAP | CC XISTO | 0,51 | 0,20 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 112 | AAP | CC XISTO | 0,41 | 0,19 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 113 | AAP | CC PV | 0,45 | 0,22 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 115 | AAP | ALFINETE DE CABELO (FRAG.)? | 0,44 | 0,26 | 204,91 | 2001.09.27 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 122 | MP | QTZ | | | 204,92 | 2001.10.02 | Crivo. Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 124 | SAG | PXG (FRAG.) | | | 204,93 | 2001.10.02 | Crivo. Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 126 | SAG | PX (FRAG.) | | | 204,91 | 2001.10.03 | Alvéolo junto a ECm-5 |
| J.9 | 127 | CER | BORDO | | | | 2001.10.12 | Limpeza do Corte Oeste |
| J.9 | 128 | AAP | CC | | | | 2001.10.02 | Sob ECm-5 |
| J.9 | 129 | AAP | OSSO POLIDO | | | | 2001.10.12 | Sob ECm-5 |
| J.9 | 130 | CER | BORDO | | | | 2001.10.12 | |
| J.9 | 132 | CER | FUNDO | | | | 2001.10.12 | |
| J.9 | 133 | CER | TC (FRAG.) | | | | 2001.08.05 | |

Tumulus

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|------|-----|-----|----------------------------------|------|------|--------|------------|----------------------|
| D.13 | 1 | CER | BORDO | | | | 2001.07.03 | Recolha de Sup. |
| E.13 | 1 | CER | BORDO | | | | 2001.07.03 | Recolha de Sup. |
| F.08 | 1 | MOD | FIVELA | | | | 2001.07.04 | Revolvimento |
| F.10 | 1 | CER | BORDO MAMILADO | | | | 2001.07.10 | Recolha de Sup. |
| F.10 | 2 | CER | BORDO MAM C/ DUPLA PERFURAÇÃO | | | | 2001.07.10 | Recolha de Sup. |
| G.10 | 1 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.04 | Revolvimento |
| G.10 | 2 | PL | RT QTZ ? | | | | 2001.07.04 | Revolvimento |
| G.10 | 3 | PL | LAMELA QTZ (FRAG.) | | | | 2001.07.04 | Revolvimento |
| H.07 | 1 | PL | LASCA QTZITO | | | | 2001.07.03 | Recolha de Sup. |
| H.09 | 1 | CER | TC MAMS (FRAG.) | | | | 2001.07.04 | Revolvimento |
| H.09 | 2 | CER | CARENA | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| H.09 | 4 | PL | PONTA SETA S | 0,64 | 1.41 | 205,49 | 2001.07.30 | Revolvimento |
| H.09 | 5 | AAP | CC PV | | | | 2001.09.27 | Recolha de Sup |
| H.09 | 6 | CER | BORDO | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| H.10 | 1 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| H.9 | 3 | CER | BORDO PERF. | | | | 2001.07.04 | Revolvimento |
| I.06 | 1 | CER | BORDO | | | | 2001.07.09 | Revolvimento |
| I.07 | 1 | PL | LASCA QH | | | | 2001.07.03 | Superfície |
| I.07 | 2 | CER | BORDO | | | | 2001.07.06 | Revolvimento |
| I.07 | 3 | AAP | CC | | | | 2001.10.01 | Revolvimento |
| I.07 | 5 | CER | BORDO | | | | 2001.10.02 | |
| J.10 | 1 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.18 | Superfície |
| K.07 | 1 | PL | RT S | | | | 2001.07.10 | Revolvimento |
| K.07 | 2 | PL | RT S | | | | 2001.07.10 | Revolvimento |
| K.07 | 3 | CER | BORDO | | | | 2001.07.10 | Revolvimento |
| K.08 | 1 | PL | LASCA S | | | | 2001.07.05 | Revolvimento |
| K.08 | 2 | CER | BORDO | | | | 2001.07.10 | Revolvimento |
| K.08 | 3 | SAG | PXG (FRAG.) | 0,22 | 0,70 | 205,11 | 2001.07.31 | |
| K.08 | 4 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001 | |
| K.08 | 5 | CER | ARRANQUE DE PEGA OU MAM | | | | 2001.10.12 | Limpeza do Corte Sul |
| K.10 | 1 | CER | BORDO | | | | 2001.07.05 | Revolvimento |
| K.10 | 2 | CER | BOJO | | | | 2001.07.05 | Revolvimento |
| K.10 | 3 | CER | BORDO | | | | 2001.07.05 | Revolvimento |
| K.10 | 4 | PL | LASCA | 0,75 | 1.49 | SUP | 2001.07.18 | |
| L.12 | 1 | PL | NÚCLEO QH | | | | 2001.08.29 | Superfície |
| M.04 | 1 | PL | NÚCLEO S | | | | 2001.07.17 | Revolvimento |
| M.08 | 1 | SAG | PX (FRAG.) | | | | 2001.07.12 | Recolha de Sup |
| M.09 | 1 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.07.17 | Superfície |

Recolhas de superfície

| Qd | N.º | Cod | Descrição | X | Y | Z | Data | Observações |
|-----|-----|-----|---------------------------|---|---|---|------------|-------------|
| SUP | 1 | CER | FRAG. | | | | 2001.07.02 | |
| SUP | 2 | CER | FRAG. | | | | 2001.07.02 | |
| SUP | 3 | PL | SEIXO TALHADO | | | | 2001.07.02 | |
| SUP | 4 | PL | NÚCLEO DE BASALTO ALT. | | | | 2001.07.02 | |
| SUP | 5 | PL | SEIXO TALHADO | | | | 2001.07.02 | |
| SUP | 6 | PL | RT QH | | | | 2001.07.03 | |
| SUP | 7 | SAG | PX (FRAG.) | | | | 2001.07.04 | |
| SUP | 8 | CER | BORDO | | | | 2001.07.04 | |
| SUP | 9 | PL | PRISMA DE QTZ | | | | 2001.07.04 | |
| SUP | 10 | PL | SEIXO TALHADO | | | | 2001.07.04 | |
| SUP | 11 | PL | SEIXO TALHADO | | | | 2001.07.05 | |
| SUP | 12 | SAG | PXG (FRAG.) | | | | 2001.08.31 | |
| SUP | 13 | SAG | PX (FRAG.) | | | | 2001 | |
| SUP | 14 | CER | BORDO | | | | 2001.07.04 | |
| SUP | 15 | CER | BORDO | | | | 2001.07.05 | |
| SUP | 16 | CER | TC (FRAG.) | | | | 2001 | |

ABREVIATURAS

- AAP: artefactos para adorno pessoal
- BTC: bitroncocónica (conta de colar)
- CC: conta de colar
- CER: cerâmica
- CRV: Carvão ou matéria carbonizada
- Cm: câmara
- Cm-2: deposição funerária Cm-2
- Cm-3: deposição funerária Cm-3
- Cr: corredor
- ECm-2: 2.º esteio da câmara
- ECm-3: 3.º esteio da câmara
- ECm-4: 4.º esteio da câmara
- ECm-5: 5.º esteio da câmara
- ECm-6: 6.º esteio da câmara
- ECm-7: 7.º esteio da câmara
- MOD: artefactos modernos
- MP: matéria prima
- NVU: nível de utilização
- PAF: pedra afeiçãoada
- PL: pedra lascada
- PP: pedra polida
- PXG: placa de xisto gravada
- QTZ: quartzo
- QTZITO: quartzito
- RT: resto de talhe
- SAG: artefactos directamente relacionados com o sagrado
- S: sílex

* na realidade, o espólio do *Tumulus* deve ser considerado ou como espólio do Corredor, deslocado de sítio, ou como espólio da Câmara (ver texto). No campo *Obs.* registou-se a origem real presumida de cada artefacto.

2. Caracterização e estudo dos materiais antropológicos provenientes da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida

EUGÉNIA CUNHA
ANA MARIA SILVA
MARTA MIRANDA

Fotografias de V. S. Gonçalves.

1. Introdução e objectivos

A análise antropológica dos restos humanos exumados da Anta da Herdade de Santa Margarida 3 (STAM-3) teve como objectivos principais descortinar alguns aspectos relativos ao mundo dos mortos da comunidade em questão e reconstruir alguns aspectos relativos à vida dessas mesmas populações.

Os objectivos mais específicos são os seguintes.

1. Através da distribuição espacial dos ossos e/ou fragmentos ósseos, avaliar o tipo de inumação e, eventualmente, algum tipo de ritual funerário.
2. Inferir se se trata de um local de inumação seleccionado ou se, pelo contrário, um local de enterramento de toda a população em geral.
3. Estimar o número mínimo de indivíduos representados.
4. Inferir o perfil demográfico da série através da avaliação da distribuição por sexos e idades.
5. Perscrutar alterações patológicas nos ossos e dentes.
6. Detectar indicadores ósseos relacionáveis com *stress* ocupacional.
7. Recolher dados que permitam fazer ilações sobre a dieta.

Entre os restos ósseos recuperados foram detectadas duas inumações que preservavam algumas articulações *in situ* (Cm-2 e Cm-3), que por isso foram objecto de uma análise particular.

A análise que a seguir se apresenta refere-se a todo o outro espólio osteológico. Esta está ainda dividida em duas partes: análise dos ossos e análise dos dentes.

2. Hipóteses iniciais

Como em qualquer trabalho científico, partimos de determinadas hipóteses de trabalho iniciais, que passamos a apresentar.

1.º – Se a representatividade de cada um dos elementos ósseos do esqueleto for sensivelmente a mesma, ou seja, se o número de indivíduos representado pelos ossos das mãos for sensivelmente o mesmo do dos ossos longos e/ou crânio, é muito provável que se trate de um local de inumação primário. Ou seja, os indivíduos só foram sujeitos a um local de inumação.

2.º – Em oposição, se se detectar uma representatividade bastante superior de determinados ossos em detrimento de outros, é bastante mais provável que se trate de um local de inumação secundário. Neste caso, há duas alternativas: Ora os corpos inicialmente depositos no local em análise, terão sido removidos para outro sítio, depois de esqueletizados, com permanência no local original dos ossos de pequenas dimensões; ou, se forem precisamente esses ossos de pequenas dimensões os ausentes, com uma grande incidência de ossos longos, o local poderá ser interpretado como o de segunda deposição.

3.º – Se forem detectados indivíduos de ambos os sexos e dos vários grupos etários, tratar-se-á de uma população natural.

4.º – Pelo contrário, se só um dos sexos ou uma forte predominância de um dado grupo etário for obtido, estaremos perante uma série seleccionada, logo um local de inumação seleccionado.

3. Tratamento inicial dos restos ósseos

Os restos ósseos exumados de Santa Margarida 3 (STAM-3) chegaram ao Departamento de Antropologia em sacos de plástico devidamente etiquetados com referência ao Quadrado, Localização, Tipo, Data e Coordenadas. De referir que nem todos os sacos tinham referências às coordenadas, uma vez que alguns ossos provinham do crivo.

Cada um dos 303 sacos, foi analisado individualmente três vezes. Cada observação foi separada no tempo em cerca de 3 semanas. Atendendo ao pouco tempo disponível para o estudo e à grande quantidade de material, optou-se por não se proceder à marcação individual de cada um dos fragmentos ósseos. De modo a prevenir qualquer mistura de material, a análise foi realizada saco a saco, só se procedendo à abertura dum segundo saco quando o estudo do primeiro estava finalizado.

3.1. Identificação das peças ósseas

A tarefa de identificação de cada um dos restos ósseos foi bastante difícil. A fragmentação era uma constante (Fig. 4). Para ilustrá-la, refira-se que como ossos inteiros apenas foram recuperados os de pequenas dimensões como os ossos das mãos e dos pés. De todos os outros ossos, longos e/ou chatos, não foi recuperado qualquer osso completo. A maior fragmentação ocorreu nos ossos do crânio e ossos longos. Para estes, em muitos casos, foi inclusivamente impossível identificar qual a parte óssea representada e/ou qual a lateralidade. Para além disso, para alguns fragmentos foi inviável saber de que osso longo se tratava.

O registo relativo à identificação de cada peça óssea foi introduzido numa base de dados.

Numa primeira fase analisou-se cada tipo ósseo: crânio; cintura escapular, braço, antebraço, mão, tórax, cintura pélvica, coxa, perna e pé. Posteriormente os ossos foram separados em adultos e não adultos. Finalmente dentro de cada tipo de osso, uma vez separadas as várias porções do mesmo, procedeu-se à separação por lateralidade.

No total foram identificados 1162 fragmentos ósseos e/ou ossos inteiros (Fig. 5), dos quais 252 estavam completos.

Quando o número de ossos e fragmentos ósseos identificados foi dividido por quadrados, o quadrado J.8 ressalta pelo maior número de peças ósseas identificadas (Fig. 1).

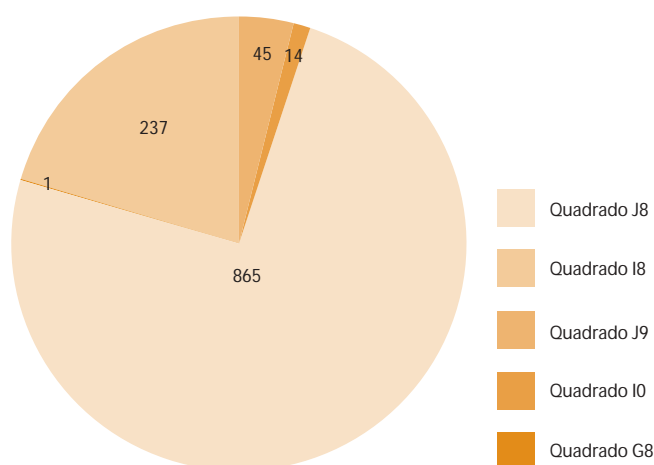


FIG. 1 – Distribuição pelos respectivos quadrados do número de ossos e/ou fragmentos identificados.

4. Alterações tafonómicas

O termo tafonomia, dos vocábulos gregos *taphos*, que significa enterramento, e de *nomos*, que significa lei, foi criado em 1940 pelo paleontólogo russo Efremov, para designar um novo ramo da paleontologia devotado ao estudo dos vários processos geológicos e biológicos intercalados, que operam nos restos orgânicos após a morte para gerar depósitos esqueléticos arqueológicos (Olson, 1980; Shipman, 1981; Garland e Janaway, 1989; Micozzi, 1991; White, 2000; Nawarocki, 1995; Hurlbut, 2000).

Estes processos, denominados de *post mortem*, constituem a base da tafonomia, a qual, num sentido lato, estuda os processos que actuam sobre um organismo entre a morte e o momento em que é estudado em laboratório (White, 2000).

Os factores intervenientes na preservação do esqueleto dividem-se em duas categorias principais, os intrínsecos e os extrínsecos. Os factores intrínsecos referem-se às características físico-químicas do osso, cujas variáveis são o tamanho, forma, densidade e idade do osso. Os extrínsecos, referem-se às condições do ambiente imediato ao osso, e incluem a água, tipo de solo, temperatura, oxigénio, flora e fauna. Neste grupo também se inclui o homem, na medida em que a complexidade das práticas mortuárias influenciam em grande medida o potencial de preservação do esqueleto.

Muitos dos ossos de STAM 3 apresentavam graves alterações tafonómicas, nomeadamente uma espessa camada de carbonato de cálcio (Fig. 2) a qual inviabilizou, nalguns casos, tanto a identificação do osso como da sua lateralidade.

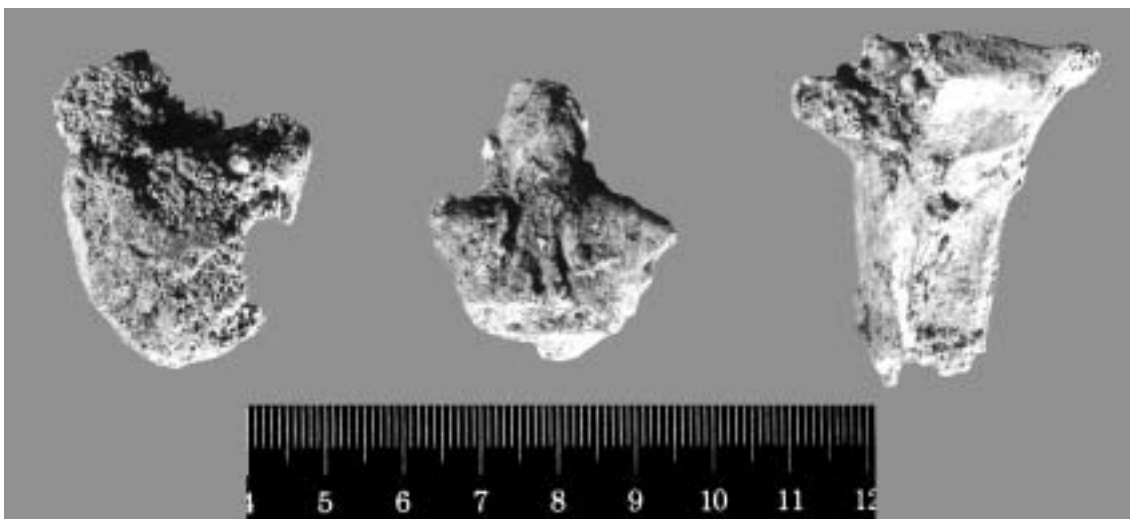


FIG. 2 – Peças ósseas com grandes depósitos de carbonato de cálcio. Da esquerda para a direita: corpo vertebral, fragmento de axis e fragmento da epífise proximal de cúbito (#J.8/Z=204,70).

Os depósitos de carbonato de cálcio acontecem quando o dióxido de carbono que se encontra na atmosfera se dissolve nas águas superficiais e produz ácido carbónico, que baixa o pH da água. A água ao entrar em contacto com o calcário produz bicarbonato de cálcio. Quando este, dissolvido na água, penetra no solo, transforma-se em carbonato de cálcio (que é insolúvel) dada a diminuição da pressão parcial de dióxido de carbono. O carbonato de cálcio em contacto com os ossos tem tendência a depositar-se em finas camadas que se sobrepõem e podem atingir uma espessura considerável (Botella et al., 2000). Por outro lado, são visíveis nos ossos alterações cromáticas e de textura (Fig. 3). Relativamente às primeiras, estas caracterizam-se por colorações negras que se podem dever à impregnação de manganês do solo nos ossos, ou ainda ao contacto

com os fungos. Também se observaram situações em que o osso sofreu “descamação”. Este fenómeno tem sido associado à exposição aos elementos climáticos (Botella et al., 2000).

No entanto, a mais marcante alteração ocorrida *post mortem* é, sem dúvida, a grande fragmentação (Fig. 4), para a qual terá contribuído, entre outros factores, a acção das raízes das plantas. Estas podem ser muito destrutivas

para os ossos, para além de poderem deixar marcas que se parecem com alterações patológicas (Henderson, 1987). A sua acção deve-se à secreção de ácido carbónico e outros ácidos orgânicos, tais como o ácido cítrico. Estes conduzem à dissolução da matéria mineral do osso provocando muitas vezes ranhuras e canais dendríticos que se assemelham a redes na superfície destes (Behrensmeyer, 1991; Etxeberria, 1996; White, 2000). Para além disto, podem alterar a cor dos ossos por descalcificação pela segregação dos ácidos, fazendo com que as zonas onde as raízes actuaram sejam mais claras que o osso adjacente (White, 2000).

De modo a quantificar a fragmentação do material ósseo, estimou-se a percentagem de ossos fragmentados em STAM-3, tendo-se obtido o valor de 78% (Fig. 5).

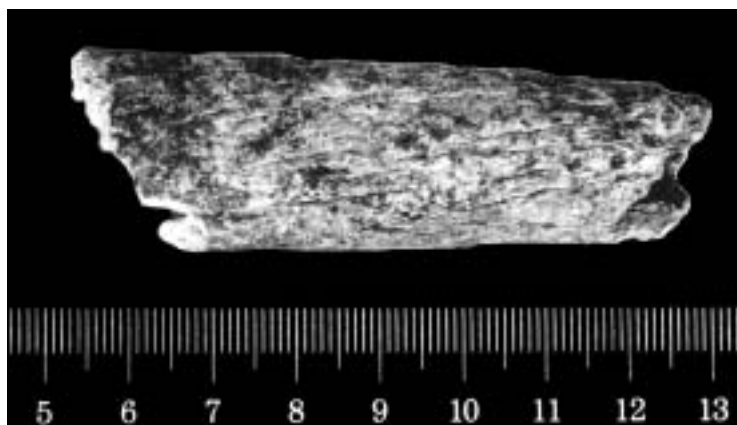


FIG. 3 – Fragmento de diáfise de úmero onde são visíveis alterações tafonómicas como a “descamação” e coloração negra (#1.8/Z=204,85).

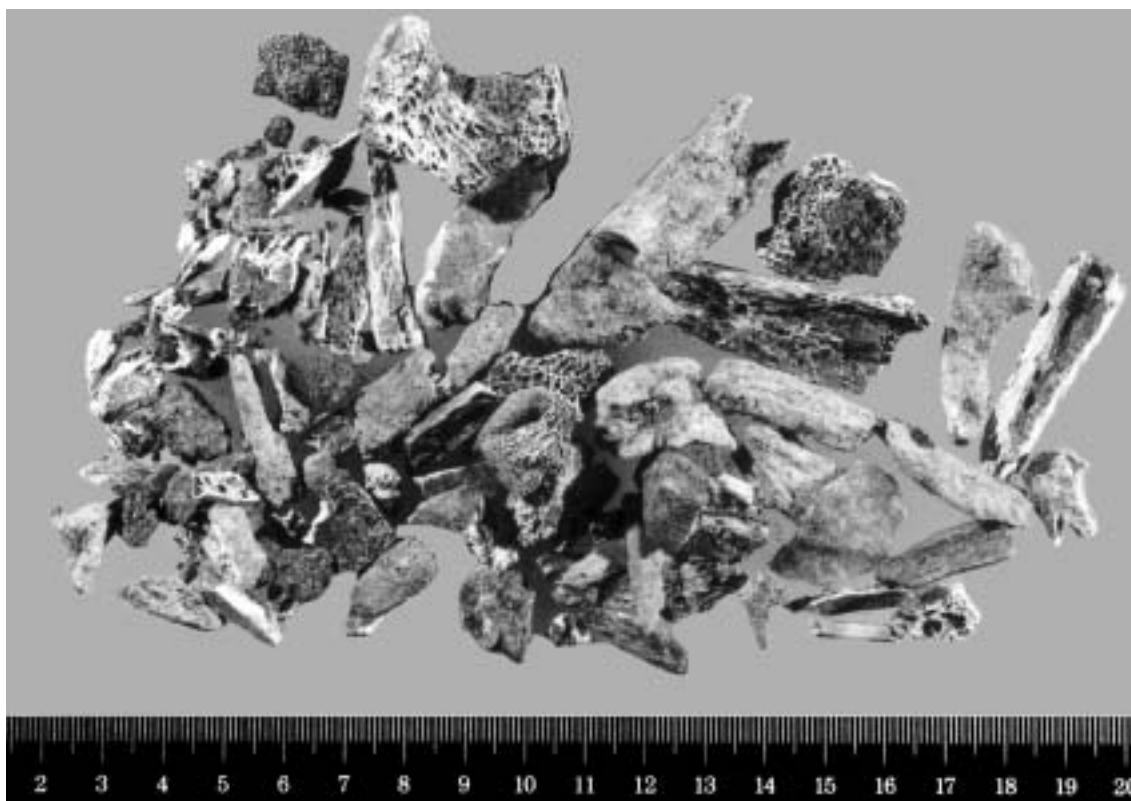


FIG. 4 – Ilustração da grande fragmentação do material ósseo de STAM-3 (#1.8, Z:204.93).

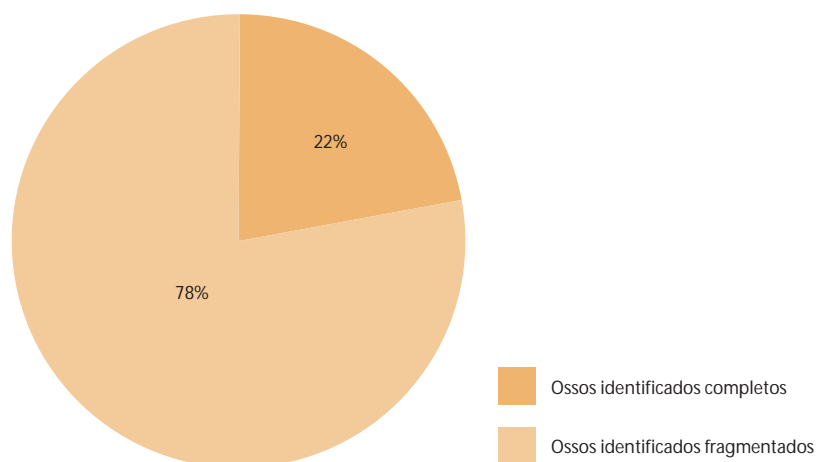


FIG. 5 – Percentagens relativas ao estado de preservação do material osteológico proveniente de STAM-3.

Note-se que no cálculo da percentagem de fragmentação não estão contabilizadas as centenas de fragmentos de pequenas dimensões cuja identificação se revelou infrutífera. Ou seja, a estimativa do número mínimo de indivíduos aqui apresentada é feita somente com base nos ossos e fragmentos identificados. O coeficiente de fragmentação aumentaria consideravelmente se todos estes fragmentos tivessem sido contabilizados, pelo que o valor de 78% encontrado é, claramente, uma subestimativa.

Os valores de conservação mais elevados foram observados para os ossos de pequenas dimensões, designadamente para o escafoíde, o pisiforme e o capitato (ossos do carpo). Para as mãos, há uma maior representatividade de ossos completos do lado esquerdo enquanto que para os pés há uma maior preservação de ossos do lado direito (Figs. 6 e 7).

Embora se tenha recuperado um número significativo de falanges tanto dos pés como das mãos, note-se que a morfologia destas inviabiliza na maior parte das vezes a identificação da sua lateralidade.

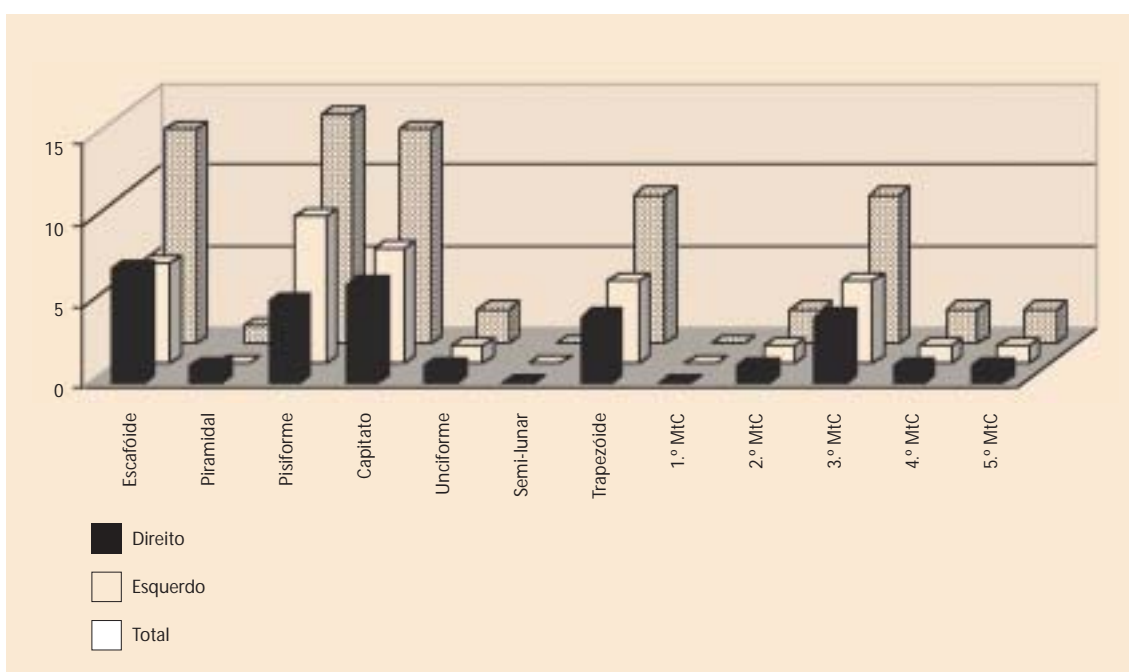


FIG. 6 – Número de ossos do carpo e metacarpianos completos recuperados de STAM-3.

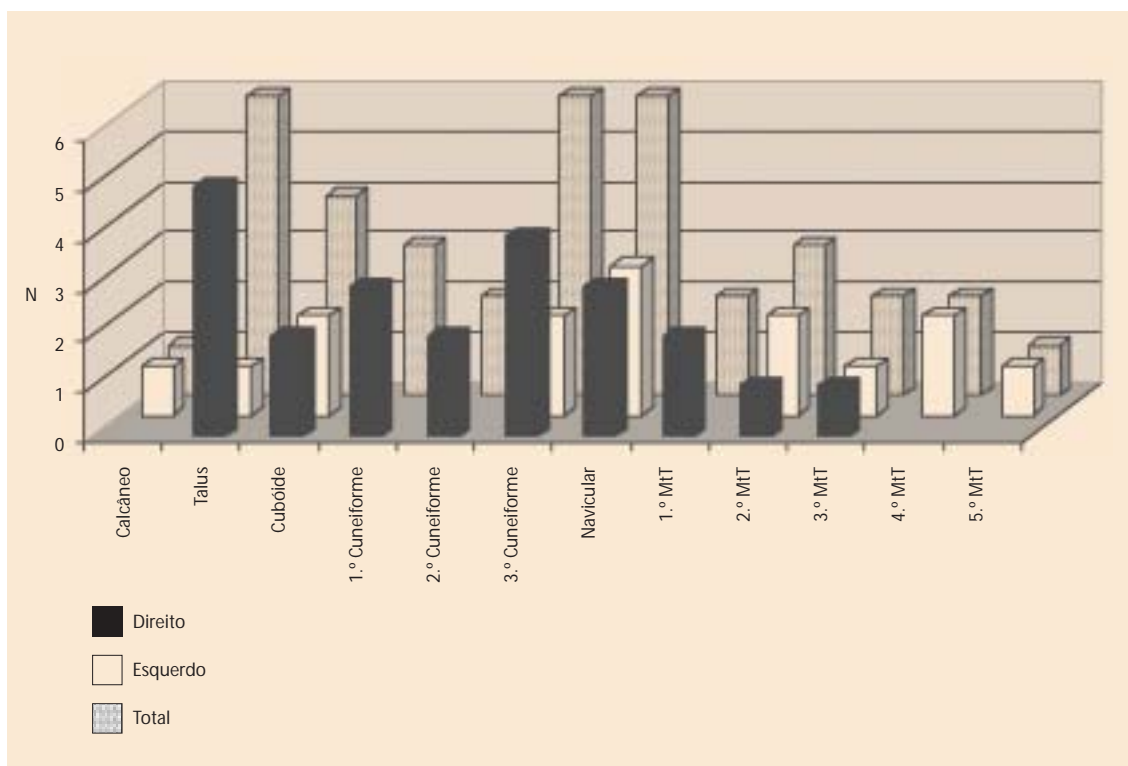


FIG. 7 – Número de ossos do tarso e metatarsianos completos recuperados de STAM-3.

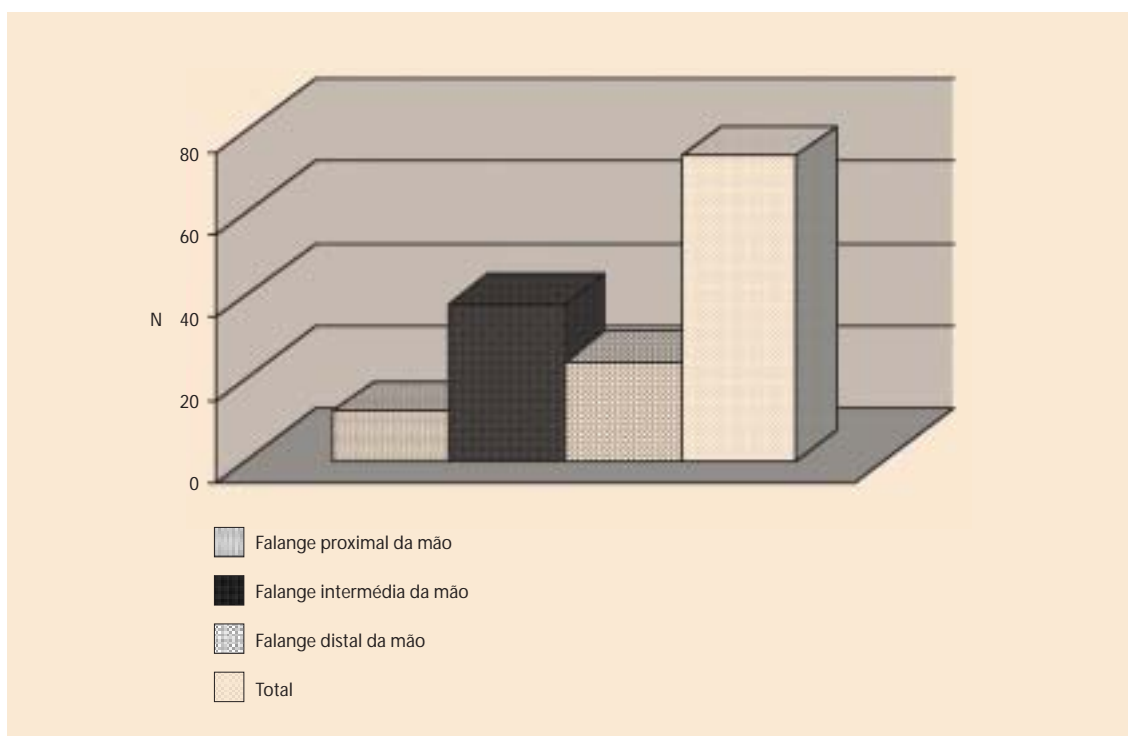


FIG. 8 – Número de falanges da mão completas recuperadas de STAM-3.

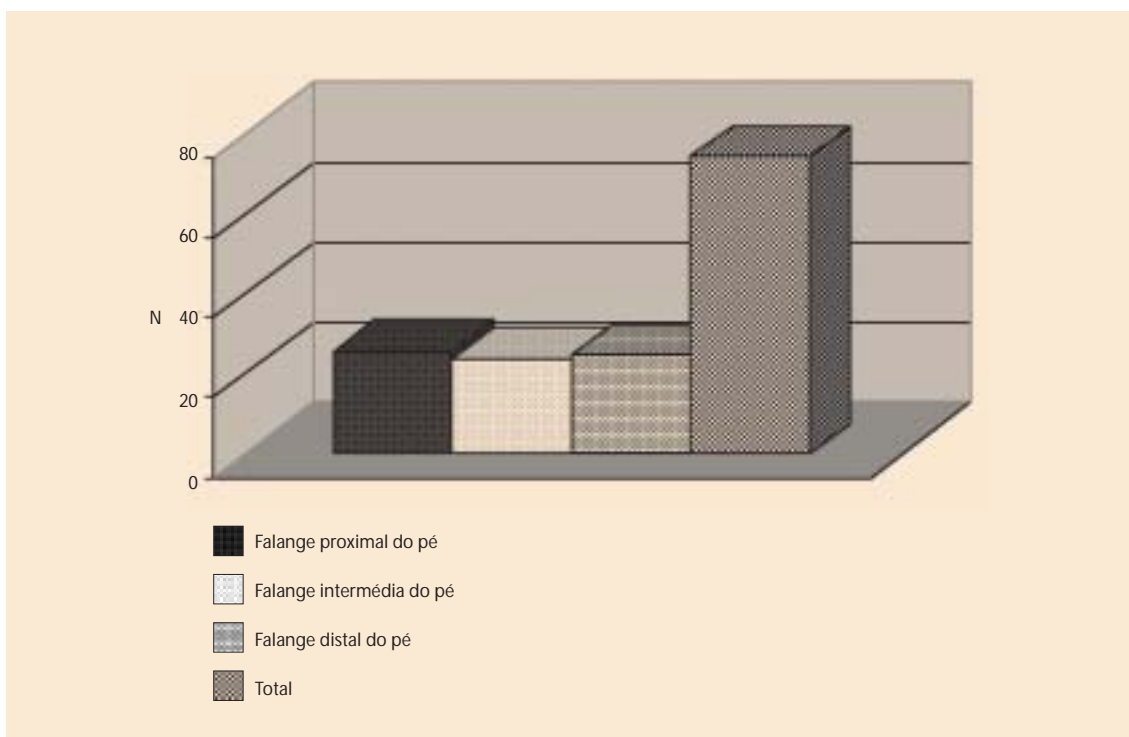


FIG. 9 – Número de falanges do pé completas recuperadas de STAM-3.

As mãos apresentam um maior número de ossos completos ($N=141$) que os pés ($N=113$), o que está de acordo com o menor tamanho dos ossos das extremidades dos membros superiores, o que leva a uma maior preservação dos mesmos.

Efectivamente a destruição diferencial dos ossos, é influenciada pela sua forma, tamanho e densidade. Por exemplo, o crânio e os ossos da bacia vistos como uma unidade, são muito mais susceptíveis ao esmagamento e deformação pela pressão do solo e a quebrarem-se, particularmente, aquando de uma escavação. Um osso de pequenas dimensões, como os ossos do carpo e do tarso, têm por isso um maior potencial de preservação. Por outro lado, a densidade do osso, descrita como as proporções de osso compacto e esponjoso, varia ao longo do esqueleto. A proporção e distribuição de osso cortical denso e esponjoso influenciam a sobrevivência diferencial e susceptibilidade à fragmentação tanto dos diversos ossos, como dos diferentes segmentos que os constituem (Boddington et al. 1987; Henderson, 1987; Miccozi, 1991; Janaway, 1996; White, 2000).

Como consequência destas diferenças de propriedade, os processos diagénicos operam muito mais lentamente no esmalte que no osso ou na dentina, daí que aquando de uma escavação haja uma maior probabilidade de encontrar dentes num local cujo ambiente apresente condições adversas, do que material esquelético (Parker e Toots, 1980), justificando assim a designação atribuída aos dentes “o material de ouro da antropologia”. Os dentes não foram considerados na análise da fragmentação, na medida em que serão objecto de uma análise antropológica particular que é apresentada numa unidade à parte (capítulo 10).

A fauna, principalmente a carnívora pode ter um impacto dramático nos ossos. Com o intuito de atingir a medula óssea, estes animais tendem a quebrar os ossos, principalmente nas porções trabeculares (White, 2000).

Embora os roedores sejam geralmente mais pequenos que os carnívoros, podem ser igualmente destrutivos. Tal como os carnívoros, estes podem transportar os ossos do local de depo-

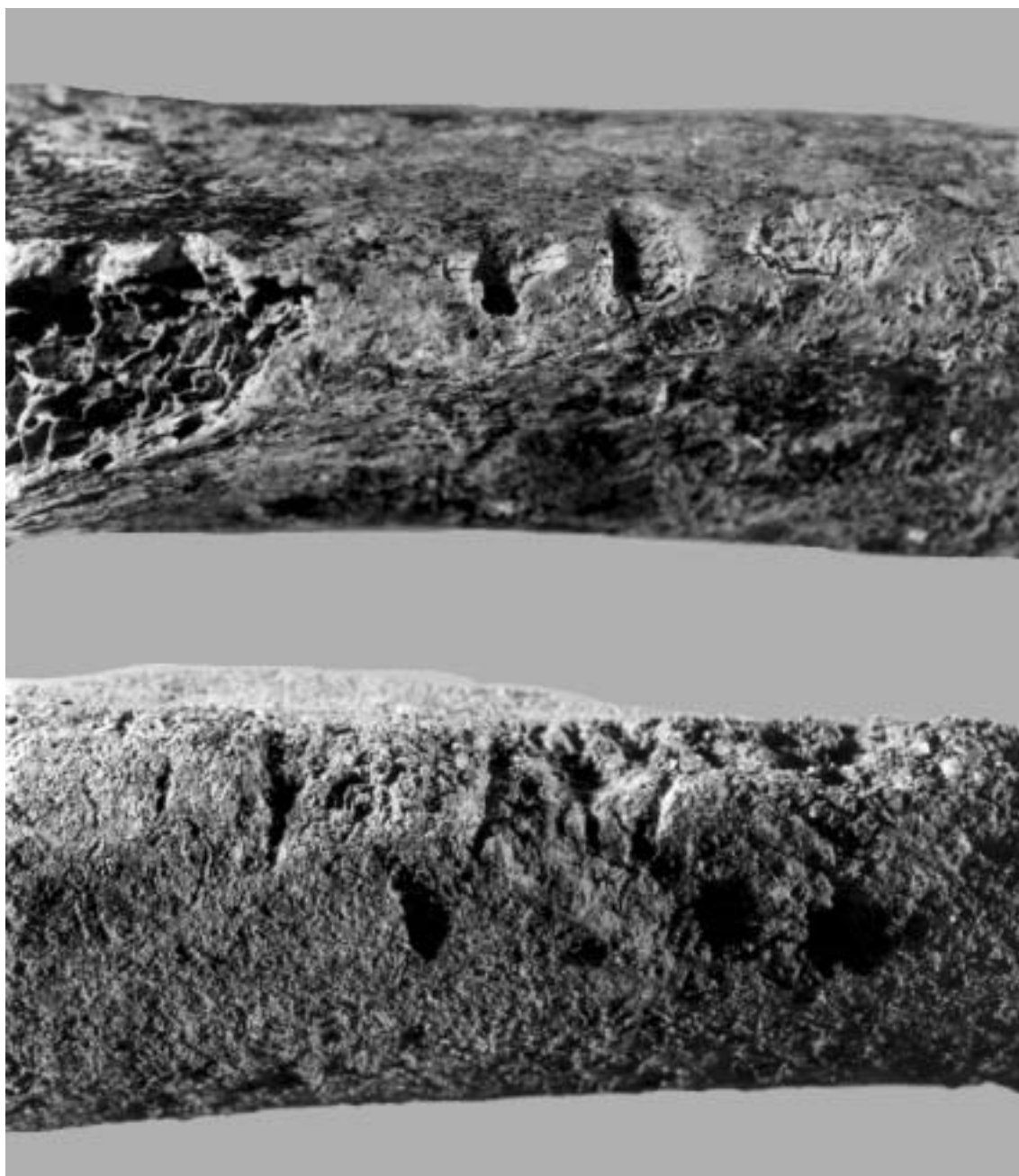


FIG. 10— Diáfise de osso longo com marcas de mordeduras de carnívoros.

sição inicial e modificá-los aquando da mastigação. Este tipo de alterações criam muitas vezes determinados padrões nos ossos que, embora relativamente regulares, não devem ser confundidos com modificações feitas pela acção do homem (nomeadamente descarnação intencional ou ritual) (White, 2000).

Foi neste sentido que foi dada uma atenção particular à pesquisa de marcas de mordeduras e de corte. No que respeita a estas últimas, tentou-se detectar marcas de desarticulação e de descarnamento. As marcas de desarticulação são incisões que ficam nos ossos em resultado do corte das partes moles para separar, entre si, os diferentes segmentos corporais das articulações (Botella et al., 2000). Segundo os mesmos autores, é comum encontrarem-se com estas mar-

cas, outras que se relacionam com a manipulação intencional do cadáver. Não foram detectadas quaisquer marcas destes tipos.

Como as mordeduras e outras alterações tafonômicas produzidas por fauna e/ou flora podem mascarar as denominadas marcas de corte, os ossos foram igualmente detalhadamente analisados com o intuito de verificar marcas de dentes, raízes, etc. Foram detectadas marcas de dentes que podem ser atribuídas a carnívoros, ou seja há ossos (diáfises de ossos longos) com mordeduras de carnívoros (Fig. 10). A localização das mordeduras não é nos locais mais comuns das marcas de desarticulação, pelo que não estarão a mascarar quaisquer evidências desse tipo.

5. Estimativa do número mínimo de indivíduos

Este cálculo foi feito com base nos fragmentos ósseos e com base nos dentes, os quais, como já foi referido são analisados no capítulo 10.

1 - *Indivíduos adultos:*

A estimativa do número mínimo foi dificultada pelo elevado estado de fragmentação do material ósseo. Para uma melhor precisão deste cálculo, ou seja, por forma a chegar ao valor mais aproximado do real, procedeu-se à contabilização pelos diferentes tipos de ossos e respectivos fragmentos (Fig. 11). Nas figuras seguintes, apresenta-se os resultados obtidos com base nos ossos das mãos e dos pés, reportando-se os mesmos apenas à lateralidade que forneceu o maior número de indivíduos.

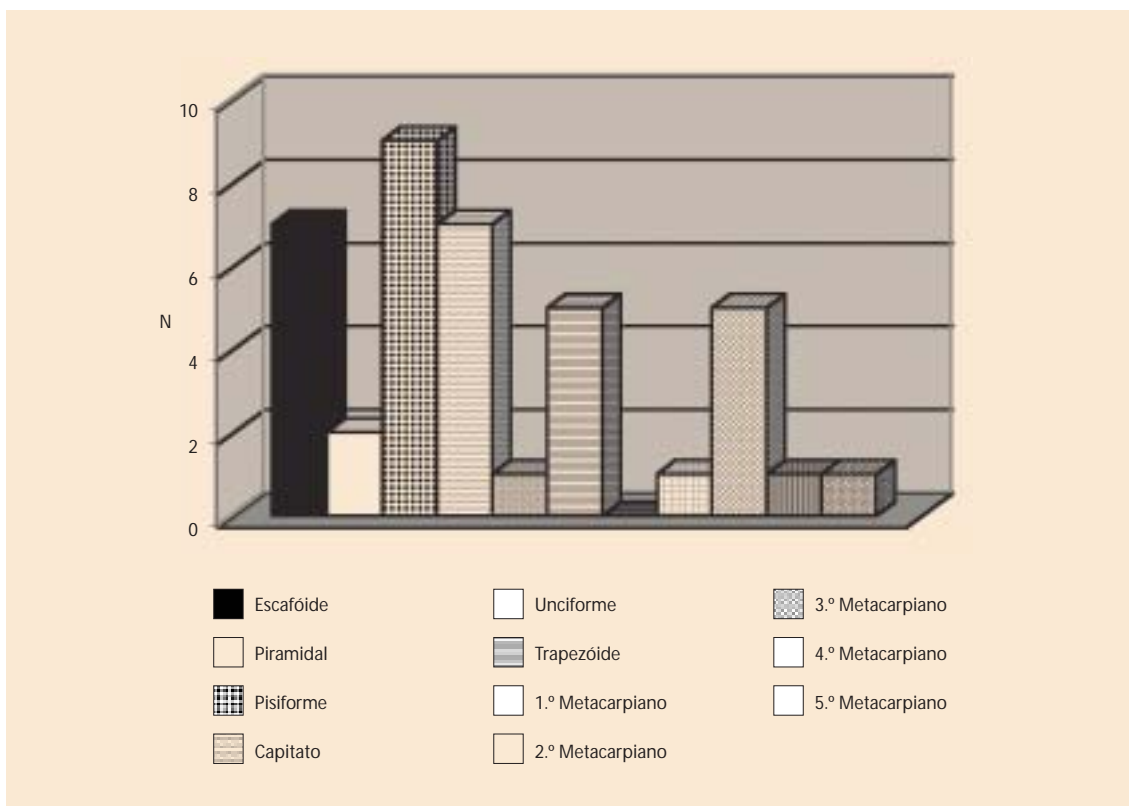


FIG. 11 – Número mínimo de indivíduos de STAM-3 pelos vários ossos da mão (os resultados apresentados reportam-se apenas à lateralidade que forneceu o maior número de indivíduos).

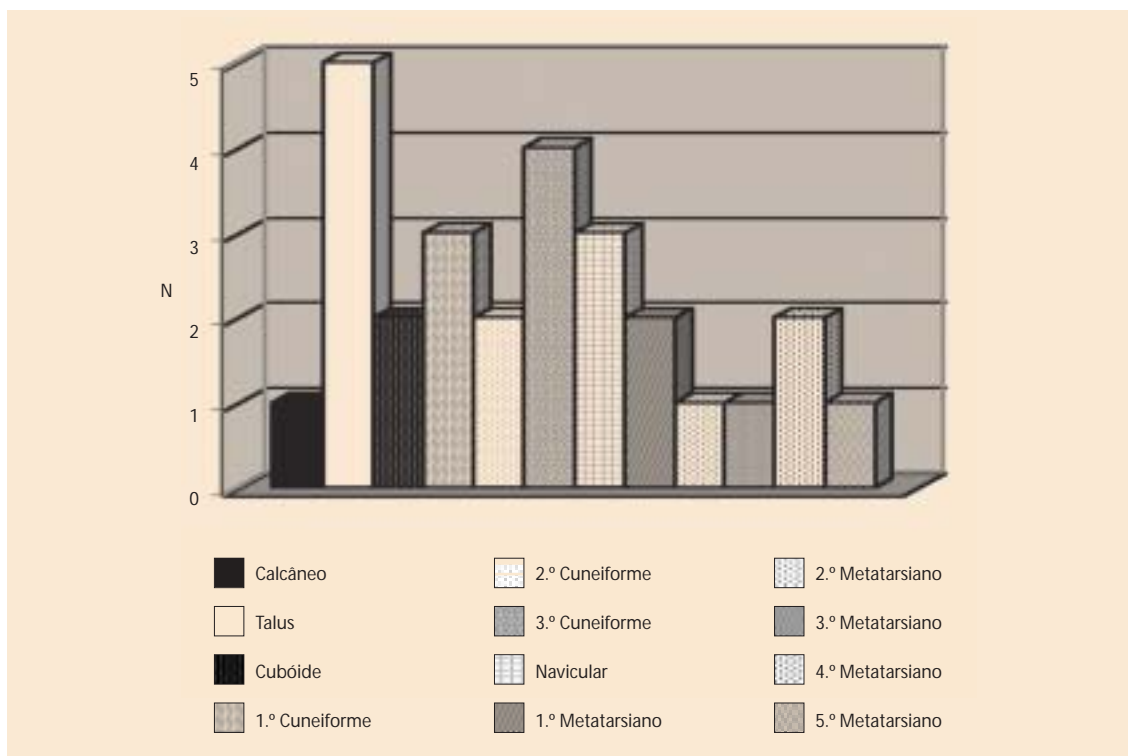


FIG. 12 – Número mínimo de indivíduos de STAM-3 pelos diferentes ossos do pé (os resultados apresentados reportam-se apenas à lateralidade que forneceu o maior número de indivíduos).

Nas tabelas seguintes, são apresentados os resultados do número mínimo de indivíduos adultos com base nos ossos longos (e rótula). Como se pode verificar, foram muito poucos os fragmentos da diáfise dos ossos longos que permitiram inferir a lateralidade enquanto que os fragmentos de lateralidade indeterminada ascendem a mais de 150.

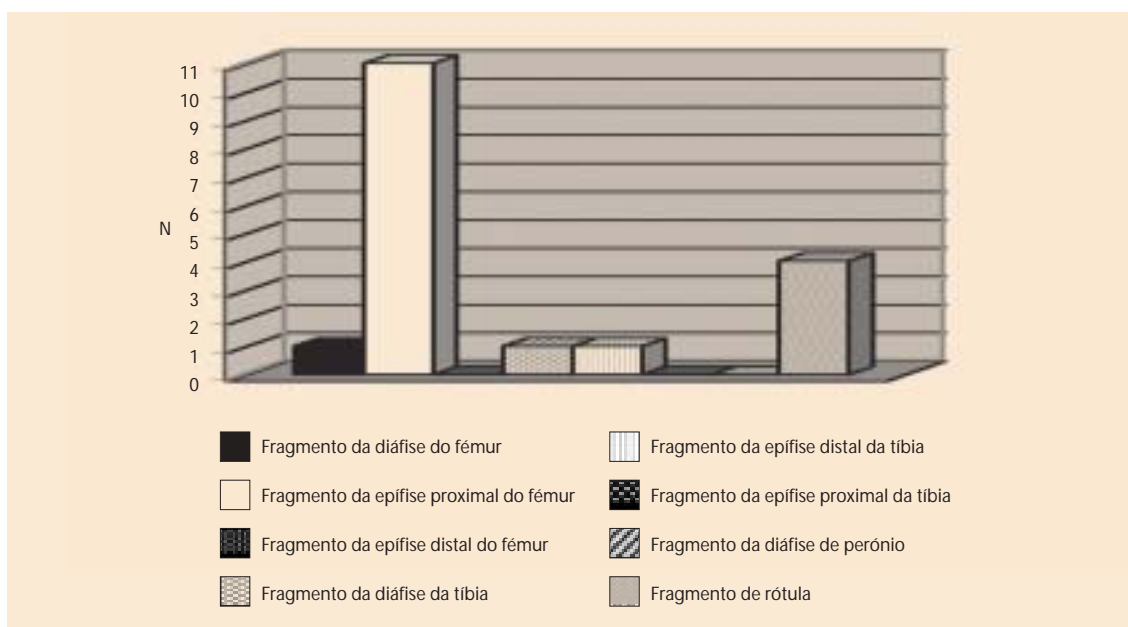


FIG. 13 – Número mínimo de indivíduos de STAM-3 pelos membros inferiores (os resultados apresentados reportam-se apenas à lateralidade que forneceu o maior número de indivíduos).

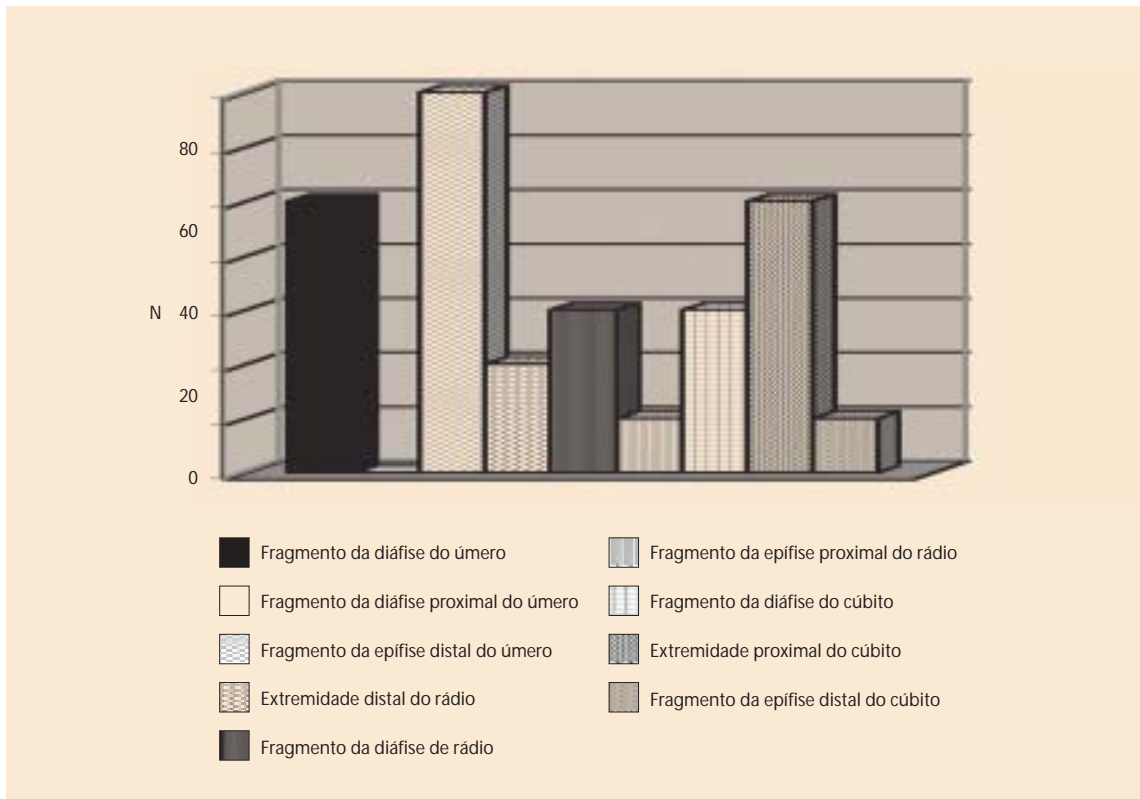


FIG. 14 – Número mínimo de indivíduos de STAM-3 pelos membros superiores (os resultados apresentados reportam-se apenas à lateralidade que forneceu o maior número de indivíduos).

Entre os ossos do esqueleto pós-craniano são, sem dúvida, os ossos das mãos, seguidos dos pés, os que indicam a presença de um maior número de indivíduos.

O gráfico seguinte ilustra os resultados obtidos para a quantificação dos indivíduos com base nos ossos do crânio.

São os fragmentos temporais relativos à zona da pirâmide petrosial (zona craniana particularmente espessa) os que fornecem o maior número mínimo de indivíduos (tabela 1).

TABELA 1

Distribuição da lateralidade das pirâmides petrosiais com os resultados relativos à estimativa do número mínimo de indivíduos.

| Osso | Esquerdo | Direito | Indeterminados | N.º mínimo de indivíduos |
|--------------------|----------|---------|----------------|--------------------------|
| Pirâmide petrosial | 13 | 7 | 2 | 13 |

Em estudos de material osteológico deste tipo é normalmente a pirâmide petrosial (Fig. 15), descrita como parte óssea densa, que denomina o aspecto endocraniano do temporal e que aloja os delicados órgãos da audição e do equilíbrio, que melhor se conserva, logo a que fornece o maior número de indivíduos adultos. A maior consistência e dureza óssea desta porção do temporal, por isso mesmo apelidada de rochedo, assim o justifica (Fig. 15). A detecção de uma maior representatividade do temporal deve-se, sem dúvida, à maior espessura deste osso relativamente aos parietais e frontal. Por outro lado, também a forma irregular do temporal contrasta com a maior uniformidade dos parietais e frontal a qual inviabiliza, na maior parte dos casos, a identificação da lateralidade dos mesmos.

Quando se contrapõem os resultados do n.º de indivíduos fornecidos pelo crânio e esqueleto pós-craniano, verifica-se que é através do crânio que se obtém o maior número mínimo: 13. No entanto a diferença entre os dois, em termos quantitativos, é de apenas três unidades. Ou seja, podemos afirmar que há uma representatividade muito idêntica dos ossos do crânio e do esqueleto pós-craniano, em particular dos ossos das extremidades. Os ossos longos, por sua vez, apontam para um número inferior (N=7). No entanto, relativamente a estes últimos, convém lembrar que a maior parte dos fragmentos de ossos longos não foram identificados, pelo que se trata de uma subestimação.

Ou seja, mesmo sem análise dos dentes, *a priori*, poderemos afirmar que se trata de um local de inumação primário, ou seja, é aceite a hipótese 1 e rejeitada a hipótese 2.

2 - Indivíduos não-adultos

Relativamente à estimativa do número mínimo de indivíduos não-adultos, foram as diferentes dimensões dos ossos que forneceram os resultados. Os ossos pertencentes a indivíduos que ainda não eram adultos foram analisados à parte mas também por tipo de ossos. Dentro de cada tipo, era igualmente feita a separação por lateralidade, dando-se particular relevo às diferenças de tamanho entre ossos do mesmo tipo e/ou de tipo diferente. Nestas condições foi estimado um número mínimo de 10 indivíduos não-adultos.

Ao todo, o estudo das peças ósseas recuperadas sem conexão anatómica de STAM-3 aponta para uma representatividade mínima de 23 indivíduos, 13 adultos e 10 não-adultos.



FIG. 15 – Pirâmide petrosial direita (#1.8).

6. Composição etária da amostra

Neste aspecto, há duas grandes limitações ao estudo da presente amostra: o estudo da composição etária em conjuntos de ossos desarticulados não tende a ser muito credível na medida em que a análise é efectuada em ossos individualizados e não em esqueletos completos; por outro lado, o elevado estado de fragmentação do material de STAM-3 invalidou, em muitos casos, a atribuição de intervalos etários mais específicos, possibilitando apenas indicar que se trata de um adulto.

Assim sendo, na impossibilidade de utilizar os métodos de estimativa de idade à morte que permitem atribuir intervalos etários concretos (nomeadamente devido à ausência dos ossos mais fidedignos para o efeito), recorreu-se também, no caso dos ossos de indivíduos adultos, à observação do desenvolvimento de patologias degenerativas tanto articulares como não-articulares.

Para os ossos de indivíduos não-adultos, observaram-se o comprimento das diáfises e o grau de união das epífises e das diáfises dos ossos longos (Fig. 16), na medida em que durante o crescimento ósseo ocorrem alterações sequenciais cronológicas nos diferentes constituintes do esqueleto, o que permite a atribuição de intervalos etários mais precisos (Ubelaker, 1989; Buikstra e Ubelaker, 1994).

Os vários ossos adultos analisados indicam estarem representados adultos jovens, de meia idade e idosos. Há ossos sem quaisquer sinais de patologia degenerativa articular e não-articu-

lar assim como elementos ósseos cujas patologias pressupõem uma idade à morte relativamente avançada para o grau de severidade em questão.

Para os indivíduos não-adultos detectaram-se ossos que terão pertencido a indivíduos que variam entre uma idade à morte inferior a 1 ano até à adolescência (Fig. 17)



FIG. 16 – Ossos de indivíduo não-adulto encontrados em STAM-3. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: falange intermédia da mão (#1.8-239/Z=204,85), falange proximal do 1.º dedo do pé (#J.8-710/X=0,65/Y=0,60/Z=204,70), ischion (#J.8), processo de vértebra (#J.8/crivo), *pars-basilaris* (#J.8-Z=204,78).

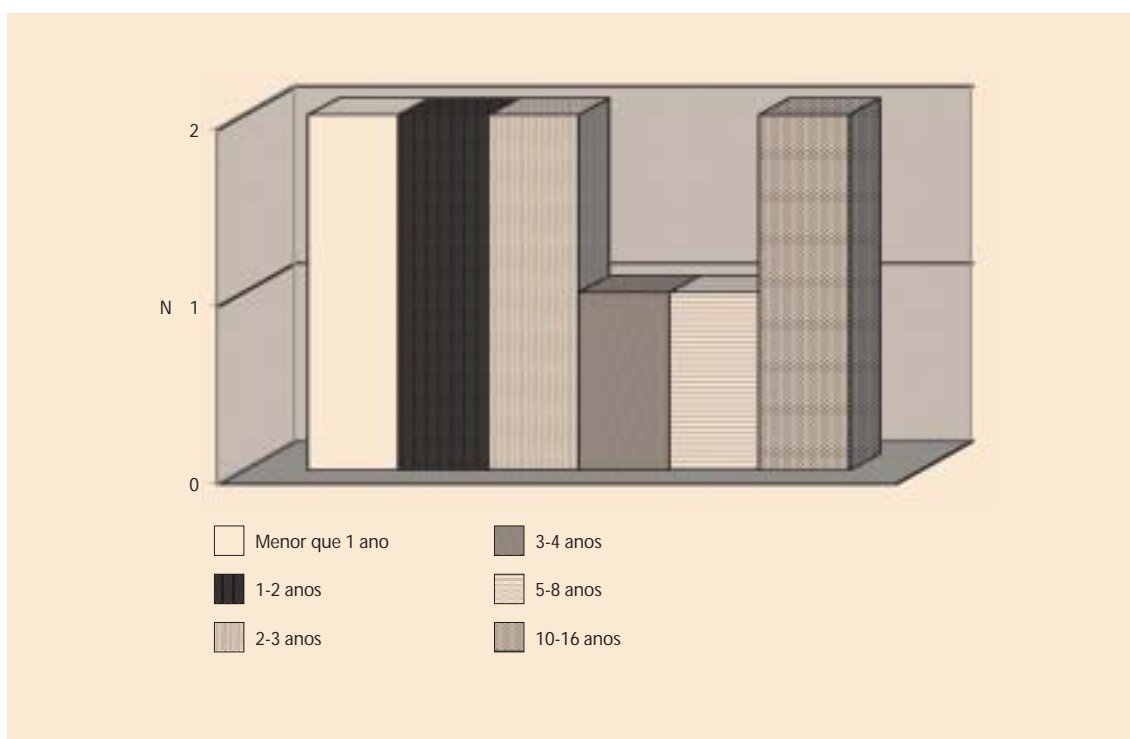


FIG. 17 – Distribuição etária dos indivíduos não-adultos de STAM-3 com bases nos ossos.

Para o cálculo do número mínimo de indivíduos, quando tínhamos dois ou mais elementos ósseos que apontavam para o mesmo intervalo etário, era colocada a hipótese de poderem representar o mesmo indivíduo, pelo que eram contabilizados como um.

7. Diagnose sexual

O dimorfismo sexual no esqueleto humano caracteriza-se geralmente pelo menor tamanho e maior gracilidade dos elementos femininos (White, 2000), manifestando-se o dimorfismo em virtude da função reprodutora, das diferentes influências genéticas no desenvolvimento dos ossos e nas suas proporções, e também na quantidade e proporção da massa muscular (Thieme e Schull, 1957). No entanto, há que considerar a variação individual intrapopulacional, a qual pode conduzir a diagnoses erradas.

No caso dos indivíduos não-adultos o problema acentua-se, já que as características sexuais secundárias que surgem aquando da puberdade ainda não se desenvolveram, embora a diferenciação sexual tenha início nos primeiros estádios da vida fetal (Bass, 1995). Realmente, verifica-se na literatura antropológica uma falta de métodos credíveis para a determinação do sexo nos não-adultos.

Na presente amostra, o elevado estado de fragmentação do material osteológico, e a ausência de ossos ou fragmentos ósseos passíveis de serem analisados não permitiram qualquer diagnose sexual (Ferembach et al., 1980; Wasterlain, 2000). No entanto, há que notar que foram detectados vários indicadores ósseos da existência de indivíduos adultos de ambos os sexos (apófises mastóides, cabeças de fémur, tamanho, robustez ou gracilidade de determinados fragmentos de ossos longos).

8. Análise morfológica

Uma análise morfológica compreende o estudo dos caracteres métricos e não-métricos dos diferentes ossos, com o intuito de caracterizar fisicamente os indivíduos e verificar semelhanças e/ou diferenças morfológicas entre populações (Silva, 1996).

Atendendo a que as variações morfológicas, nomeadamente os caracteres não-métricos, dependem de factores genéticos e ambientais, podem verificar-se variações intrapopulacionais a nível anatómico, que pela sua homogeneidade ou heterogeneidade morfológica, podem levar a ilações sobre possíveis relações de parentesco entre os indivíduos (Blondiaux e Boucher, 1990; Crubézy, 2000).

Os caracteres não-métricos são pequenas variações não patológicas nos ossos, caracterizadas pela sua distribuição descontínua, sendo classificados como presentes ou ausentes (Crubézy, 1992; Cunha, 1994; Silva, 1996). Remetem-se principalmente a variações numéricas nos ossos, variações nos *foramina*, variações hiperostóticas e variações numéricas nos dentes.

O facto de alguns traços apresentarem diferenças consideráveis na sua frequência permite que sejam utilizados de modo a estabelecer as distâncias biológicas entre grupos numa mesma população. No entanto são poucos os caracteres cujo determinismo genético está demonstrado. Na sua maioria são polifactoriais, resultantes de uma interacção específica entre o genótipo e o ambiente (Crubézy, 1991 in Cunha 1994), entendendo-se neste contexto o ambiente como um factor, doença, dieta ou comportamento, exterior ao indivíduo, cujos efeitos se podem repercutir no seu desenvolvimento normal (Hillson, 1996).

Como já foi referido anteriormente, o mau estado de preservação desta amostra invalidou a análise métrica dos ossos. No entanto, a nível morfológico, o estudo dos caracteres não-métricos revelou a presença de três rótulas direitas com nó *vastus* (Fig. 18) (Saunders, 1978). O que é um valor significativo, na medida em que somente foram recuperadas cinco rótulas completas, quatro direitas e uma esquerda.

Para além deste carácter, também se detectou um fragmento de epífise distal de úmero direito com abertura septal (Fig. 19).



FIG. 18 – Rótulas direitas com nó *vastus* provenientes de STAM-3. Da esquerda para a direita: #1.8/Z=204,72; #1.8/Z=204,59; #J.8/Z=204,70.

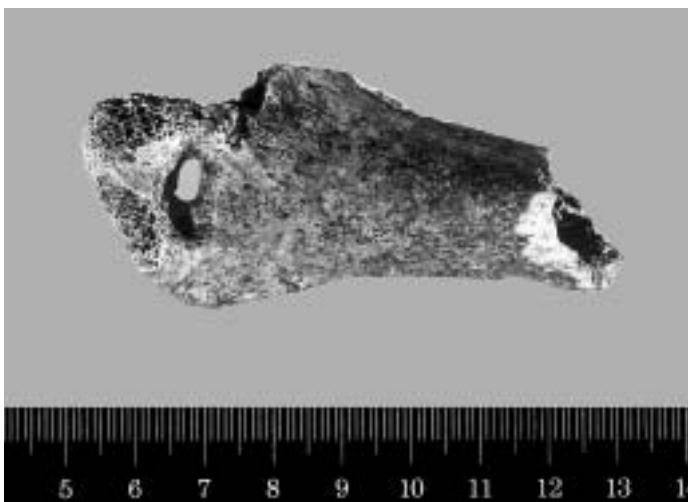


FIG. 19 – Fragmento de epífise distal de úmero direito (#J.8-490/X=0,42/Y=0,45/Z=204,99) com abertura septal.

9. Alterações paleopatológicas

A paleopatologia tenta não só descrever o aparecimento e evolução de alterações patológicas, mas também identificar a sua causa. Esta é muitas vezes uma tarefa difícil, já que a paleopatologia examina evidências residuais num determinado ponto, a morte, a qual representa simplesmente mais uma etapa na história natural da doença (Rothschild, 1992). Por outro lado, muitas patologias não envolvem mudanças que transmitam uma evidência directa da sua ocorrência.

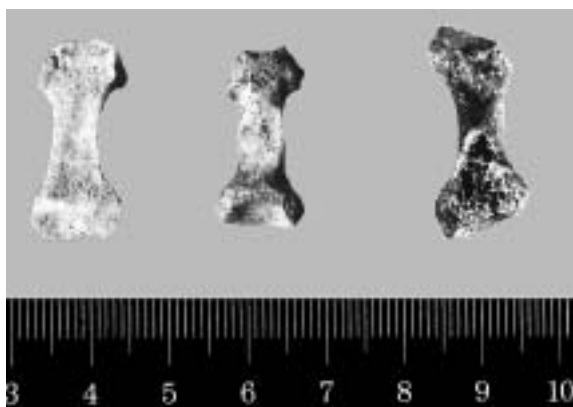


FIG. 20 – Falanges dos pés com artrose ligeira. Da esquerda para a direita: #I.8-266/ $X=0,59/Y=1,34/Z=204,69$; #J.8-766/ $X=0,79/Y=0,09/Z=204,65$; #I.8-218/ $Z=204,86$.

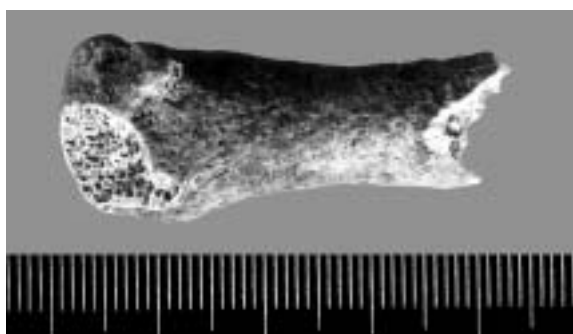


FIG. 21 – Falange da mão com artrose acentuada (#J.8/ $Z=204,93$).

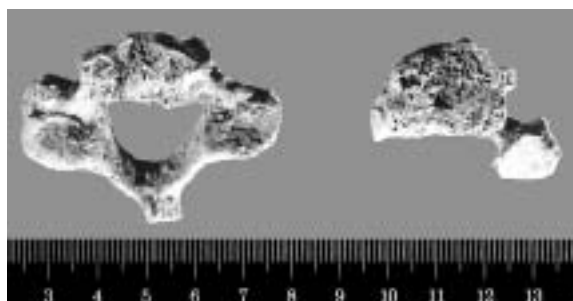
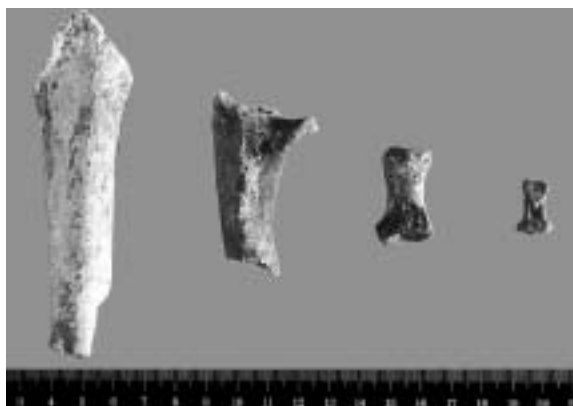


FIG. 22 – Artrose nos corpos vertebrais de duas vértebras cervicais. De cima para baixo: #J.8/ $Z=204,70$; #J.8 173/ $X=0,59/Y=0,39/Z=205,16$.



cia, o que associado ao facto de muitas destas produzirem respostas morfológicamente similares no esqueleto, torna muitas vezes impossível o diagnóstico exacto da patologia observada (Ubelaker, 1989; Larsen, 1997; White, 2000; Cunha 2001; Santos, 2002).

Devido ao estado de fragmentação do material esquelético, a análise paleopatológica sofreu vários constrangimentos, principalmente em relação ao estudo da patologia degenerativa articular, uma vez que foram poucas as zonas articulares preservadas. Por outro lado, as graves alterações tafonómicas da superfície óssea (alterações da cor e textura) comprometeram a análise da patologia infecciosa, nomeadamente a detecção de periostite.

Mesmo assim detectaram-se algumas situações de artrose ligeira e acentuada (Cru-bézy, 1988), nomeadamente em falanges das mão (Fig. 20) e pés (Fig. 21), de notar que, como foi referido anteriormente, estes estão entre os ossos melhor preservados, e nos corpos de duas vértebras cervicais (Fig. 22).

A artrose, definida como uma artropatia crónica, consiste inicialmente na degenerescência da cartilagem articular. Associada quase sempre a remodelação óssea no decurso da sua evolução crónica, tem início em regiões que sofrem maiores constrangimentos mecânicos (Cunha, 2002). A idade, a predisposição genética, tipo de vida e factores ambientais do indivíduo também são factores importantes no desenvolvimento desta patologia (Roberts e Manchester, 1995), de modo que o factor mecânico provavelmente determina quais as articulações envolvidas no desenvolvimento da patologia num indivíduo por si só predisposto à doença (Rogers e Waldron, 1995).

O estudo da patologia degenerativa não-articular remete-se à análise das entesopatias. Estas, entendidas como marcadores ósseos de *stress* ocupacional, são lesões inflamatórias que afectam a área de inser-

FIG. 23 – Ossos e fragmentos ósseos com entesopatias. Da esquerda para a direita: fragmento proximal da diáfise de cúbito direito (#I.8/ $Z=204,85$), falange intermédia da mão (#J.8-406/ $Z=204,93$), falange proximal do pé (#I.8-186/ $Z=204,98$), fragmento distal da diáfise de úmero esquerdo (#I.8-517/ $X=0,50/Y=0,73/Z=204,95$).



FIG. 24 – Falange distal do 1.º dedo do pé direito com um calo ósseo (#18/Z=204,78).

Quanto à patologia traumática, observou-se numa falange distal do 1º dedo do pé direito, um calo ósseo (Fig. 24) provavelmente devido a uma fractura ocorrida algum tempo antes da morte do indivíduo, na medida em que o osso se encontra totalmente remodelado.

ção dos tendões ou músculos nos ossos do esqueleto. Devem-se ao recorrer contínuo e repetitivo dos músculos, com uma forte tendência para formar fibrose (Cunha e Umbelino, 1995).

Em geral, dada a elevada fragmentação, foi impossível a detecção deste tipo de marcadores ósseos, no entanto detectaram-se algumas entesopatias (Fig. 23) em falanges tanto dos pés como das mãos, sendo mais acentuadas nas mãos, o que se pode dever a actividades físicas que exigissem a flexão destas. Também se detectou uma entesopatia num cúbito e na crista supracondilar de um úmero.



FIG. 25 – Fragmento mandibular esquerdo com perda *ante-mortem* de dente e formação de um abscesso (#1.8, Z:204,93). Foto A.A.

10. Análise dos dentes provenientes de STAM-3

1. Introdução

Os dentes são elementos de extrema importância no decurso de uma análise paleobiológica. De todos os elementos esqueléticos, são os mais resistentes à destruição química e física, estando muitas vezes, em amostras esqueléticas arqueológicas, sobrerrepresentados relativamente a outras partes do esqueleto.

Outro dos factores de relevância para a importância dos dentes na reconstrução biológica das populações do passado, é o facto destes permitirem ilações sobre a idade, diagnose sexual, tipo de dieta, estado de saúde e relações de parentesco das populações do passado. São, por isso, elementos valiosos e multi-informativos.

A dentição inicia a sua formação ainda na fase gestacional, completando o seu desenvolvimento aproximadamente na terceira década de vida. As agressões que o organismo e os dentes sofrem ao longo da vida de um indivíduo podem ficar registadas permanentemente nos dentes. Enquanto que os ossos têm a capacidade de se remodelar e deste modo apagar as alterações mais antigas (Mayhall, 2000), as marcas formadas ao longo do desenvolvimento dos dentes são irreversíveis. Referimo-nos especificamente às hipoplasias do esmalte dentário.

As características particulares da dentição, nomeadamente o facto de se conhecerem os estádios de erupção e calcificação dentárias e a morfologia particular de cada tipo de dente, permitem também a estimativa do número mínimo de indivíduos. Uma vez que são muitos os dentes recuperados de STAM-3, decidiu-se proceder a um estudo mais exaustivo.

Nesta análise foram considerados os fragmentos mandibulares ou maxilares (dentes *in situ*) e os dentes soltos. Foram feitas três observações separadas no tempo em cerca de três semanas.

Os dentes foram primeiramente separados em deciduais e definitivos. Posteriormente em dentes do maxilar superior e inferior, tendo-se seguido o estudo da morfologia dentária de modo a identificar cada tipo de dente e a sua lateralidade.

De referir que neste capítulo não estão incluídos os dados obtidos para os enterramentos recuperados *in situ* (ver capítulo 11).

2. Recenseamento das peças dentárias

O material odontológico de STAM-3 corresponde a 551 peças dentárias, das quais 316 são dentes completos e 235 são fragmentos de dentes e/ou raízes (Fig. 25).

Dos dentes identificados, 33 são deciduais (22 superiores e 11 inferiores) e 284 são definitivos (138 superiores e 146 inferiores) (tabela 2). Para ambos os tipos de dentição foram recuperados dentes que ainda se encontravam em processo de calcificação (frequentemente, a extremidade da raízes dentárias encontrava-se fragmentada impedindo confirmar se o desenvolvimento estava completo).

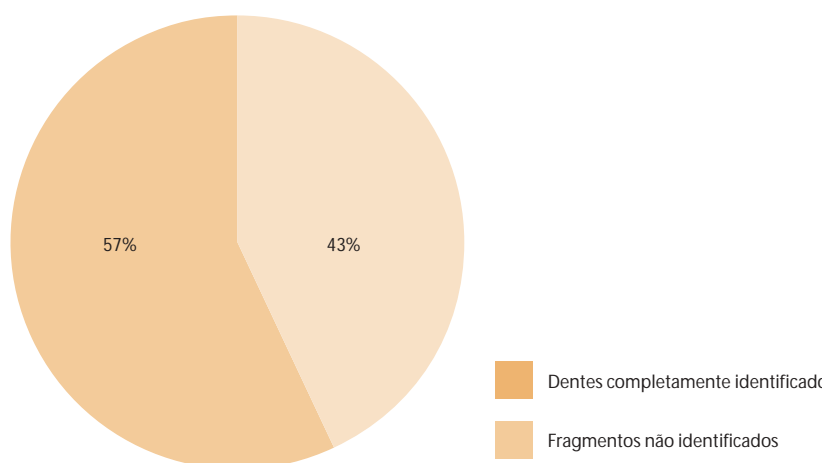


FIG. 26 – Percentagem de dentes completamente identificados (57%) versus os fragmentos que não permitiram identificação.

TABELA 2

Número de dentes definitivos recuperados de STAM-3.

| | Completamente formados | Em formação | Total |
|------------|------------------------|-------------|-------|
| Superiores | 100 | 38 | 138 |
| Inferiores | 106 | 40 | 146 |
| TOTAL | 206 | 78 | — |

Vários dentes encontravam-se em muito mau estado de conservação, o que aliado ao facto de terem sido maioritariamente recuperados soltos (dos 551 contabilizados apenas 2 deciduais e 7 permanentes foram recuperados *in situ*), constituem factores que invalidaram identificação de um elevado número de peças dentárias. Assim sendo, há que considerar que os valores apresentados estão subrepresentados, porque não foram contabilizados os dentes cuja identificação se mostrou inviável.

O estudo mais pormenorizado das peças dentárias, frequentemente os restos esqueléticos melhor preservados, pode ser de extrema importância no reconhecimento do tipo de inumação de

uma sepultura colectiva (primária *versus* secundária) (Crubézy et al., 1998). Neste âmbito inclui-se o estudo da representatividade dos diferentes tipos de dentes recuperados e a análise comparativa da proporção obtida e teórica dos dentes mono-radiculares (dentes com uma raiz: incisivos, caninos, 2.º pré-molar superior, pré-molares inferiores) e pluri-radiculares, superiores e inferiores (dentes com duas ou mais raízes: 1.º pré-molar superior, molares superiores e inferiores).

Durante o processo de decomposição de um cadáver, após a degradação dos tecidos envolventes, os dentes mono-radiculares caem mais facilmente dos alvéolos que os pluri-radiculares, especialmente se há manipulação do crânio, não só devida à forma cónica do alvéolo mas também pelo facto de possuírem apenas uma raiz. Por outro lado, os superiores deverão cair mais facilmente que os inferiores devido à acção da gravidade (Crubézy et al., 1998). Estas considerações são pertinentes quando se pretende estudar a funcionalidade e dinâmica de uma sepultura colectiva.

Nas Figs. 26 e 27 estão representados os dentes definitivos, superiores e inferiores, recuperados de STAM 3, não se registando diferenças significativas entre os diferentes tipos de dentes. Contudo, o número de dentes representados nas referidas Figs não traduz directamente o número mínimo de indivíduos, uma vez que a conclusão da calcificação dos dentes definitivos é diferente para os diferentes tipos de dentes, ocorrendo entre, aproximadamente, os 8 anos (incisivo central) e os 15 anos (2.º molar). Nesta análise é frequentemente excluído o 3.º molar por apresentar uma grande variabilidade deste parâmetro (18-25 anos) para além de poder não existir (agénese), ver *infra*.

A análise da proporção de dentes mono-radiculares *versus* pluri-radiculares recuperados de STAM-3 (tabelas 3 e 4) não revela resultados muito diferentes dos esperados para um local de inumação primário.

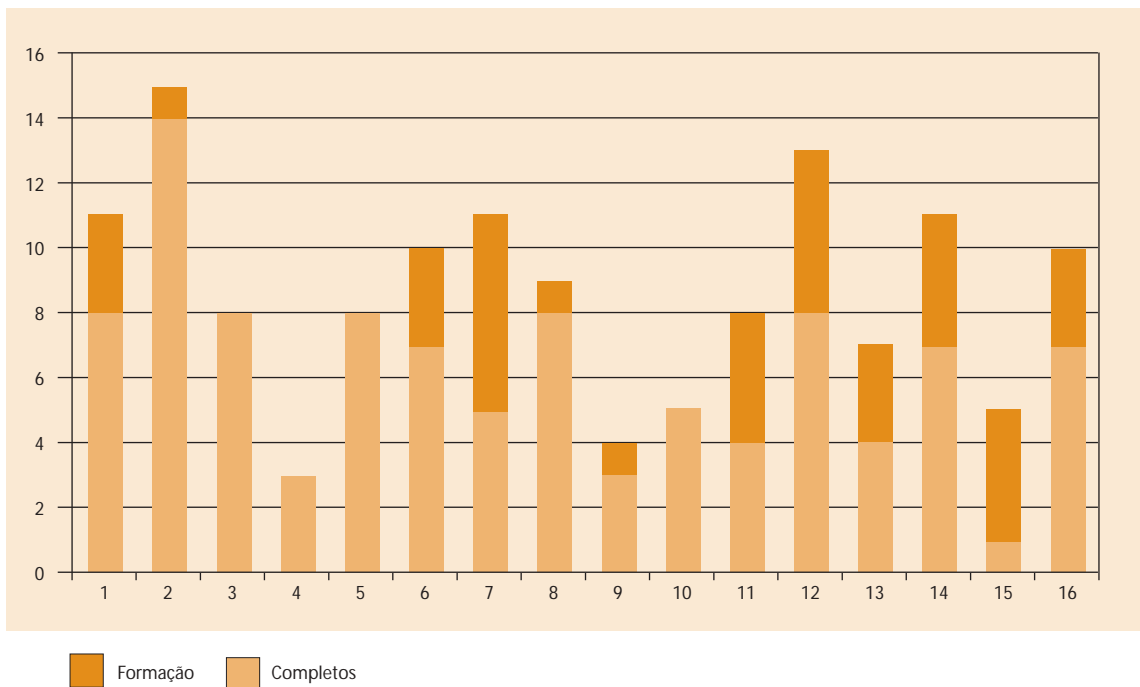


FIG. 27 – Representatividade dos dentes definitivos superiores recuperados de STAM-3.

Legenda: Formação – dentes em desenvolvimento; completos – dentes com desenvolvimento concluído; 1 - Incisivo central esquerdo; 2 - Incisivo central direito; 3 - Incisivo lateral esquerdo; 4 - Incisivo lateral direito; 5 - Canino esquerdo; 6 - Canino direito; 7 - 1.º pré-molar esquerdo; 8 - 1.º pré-molar direito; 9 - 2.º pré-molar esquerdo; 10 - 2.º pré-molar direito; 11 - 1.º molar esquerdo; 12 - 1.º molar direito; 13 - 2.º molar esquerdo; 14 - 2.º molar direito; 15 - 3.º molar esquerdo; 16 - 3.º molar direito.

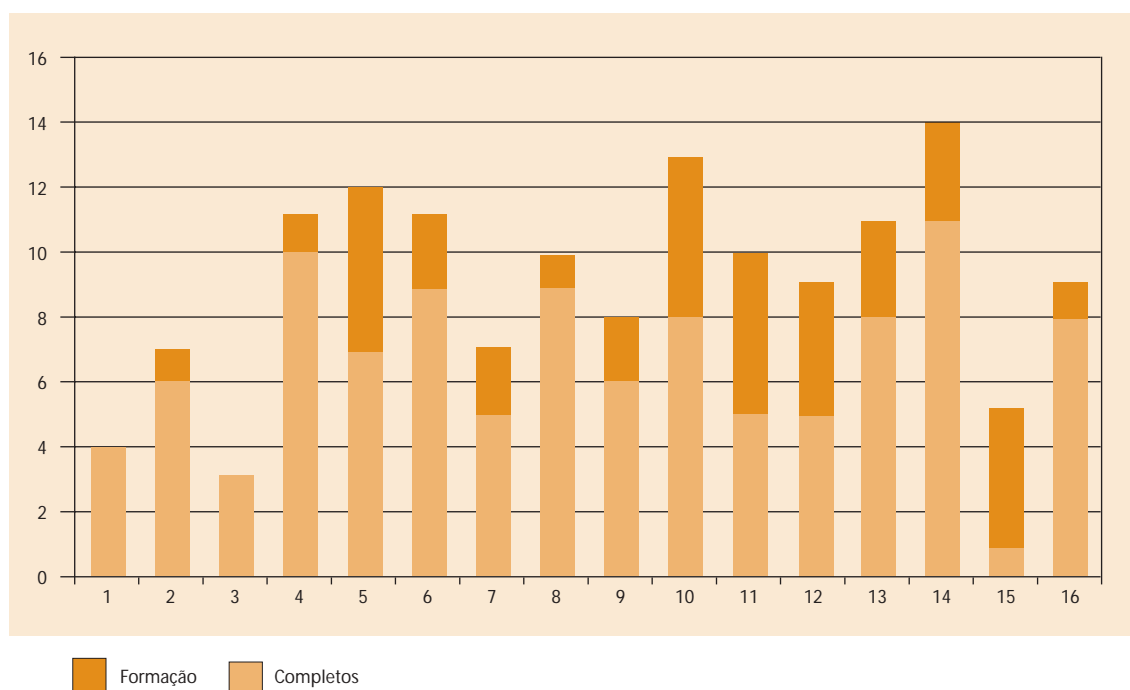


FIG. 28 – Representatividade dos dentes definitivos inferiores recuperados de STAM-3.

Legenda: Formação – dentes em desenvolvimento; completos – dentes com desenvolvimento concluído; 1 - Incisivo central esquerdo; 2 - Incisivo central direito; 3 - Incisivo lateral esquerdo; 4 - Incisivo lateral direito; 5 - Canino esquerdo; 6 - Canino direito; 7 - 1.º pré-molar esquerdo; 8 - 1.º pré-molar direito; 9 - 2.º pré-molar esquerdo; 10 - 2.º pré-molar direito; 11 - 1.º molar esquerdo; 12 - 1.º molar direito; 13 - 2.º molar esquerdo; 14 - 2.º molar direito; 15 - 3.º molar esquerdo; 16 - 3.º molar direito.

TABELA 3

Percentagens dos dentes mono-radiculares e pluri-radiculares recuperados de STAM-3.

| Dentes | N | % obtida | % esperada* |
|--|------|----------|-------------|
| Mono-radiculares superiores | 56 | 27,3 | 25,0 |
| Bi- e pluri-radiculares superiores | 44 | 21,5 | 25,0 |
| Mono-radiculares inferiores | 67 | 32,7 | 31,2 |
| Pluri-radiculares inferiores ³⁸ | 18,5 | 18,8 | |

NOTA: * Para os dentes superiores: incisivos centrais e laterais, caninos e 2.º pré-molares / 1.º pré-molar, 1.º, 2.º e 3.º molares; para os inferiores: incisivos centrais, caninos, 1.º e 2.º pré-molares / 1.º, 2.º e 3.º molares.

TABELA 4

Proporção de dentes superiores e inferiores recuperados de STAM-3.

| | Mono-radiculares | Pluri-radiculares | Proporção obtida | Proporção esperada |
|-------------------|------------------|-------------------|------------------|--------------------|
| Dentes superiores | 56 | 44 | 1,3 | 1 |
| Dentes inferiores | 67 | 38 | 1,7 | 1,7 |

NOTA: ver legenda da tabela 3.

A análise da representatividade diferencial e da proporção dos dentes mono-radiculares e pluri-radiculares definitivos recuperados sugere que STAM-3 constitua um local de inunção primário.

3. Estimativa do número de indivíduos pelos restos dentários

Na estimativa do número mínimo de indivíduos pelos dentes, vários são os factores que se tem que ter em conta. Para além do já referido período diferencial de formação e conclusão da calcificação dos diversos dentes, para os adultos as perdas *ante mortem* dos dentes definitivos têm também que ser contabilizadas.

3.1. Indivíduos não-adultos

Uma vez que o segundo molar completa a sua calcificação por volta dos 15 anos, e o terceiro molar, cuja erupção e calcificação são consideradas como sinais evidentes da idade adulta, calcifica por volta dos 21 anos (idade muito variável, já que muitas vezes encontram-se indivíduos cujo esqueleto pós-craniano aponta para uma idade à morte superior a 25 anos e o terceiro molar ainda não erupcionou completamente, podendo também acontecer o inverso), 15 anos foi considerada a idade limite para dividir os indivíduos em adultos e não-adultos a partir dos restos dentários. De referir que com base no esqueleto pós-craniano, foram considerados indivíduos adultos os que têm mais de 21 anos.

O estudo dos dentes deciduais e dos permanentes em formação aponta para 16 como o número mínimo de indivíduos não-adultos. Este valor foi conseguido não só com base num determinado tipo de dente, mas também jogando com os diferentes estádios de calcificação e erupção dentários, ou seja, com as várias idades biológicas.

Como já foi referido anteriormente, o facto de se conhecer os “timings” dos diversos estádios de desenvolvimento da dentição humana, permitiu para além da estimativa do número mínimo de indivíduos, também a distribuição etária dos mesmos, a qual pode ser observada no gráfico a seguir (Fig. 28). Foram recuperados indivíduos de todos os grupos etários, desde uma idade inferior a um ano até aos 13 anos.

Os dois indivíduos mais jovens foram identificados pelas coroas de dois incisivos inferiores centrais deciduais. Foram também dentes deciduais, respectivamente um canino inferior e um 1.º molar inferior, que permitiram reconhecer as duas crianças de aproximadamente 6 e 18/24 meses. Todos os restantes, foram identificados por dentes definitivos em formação.

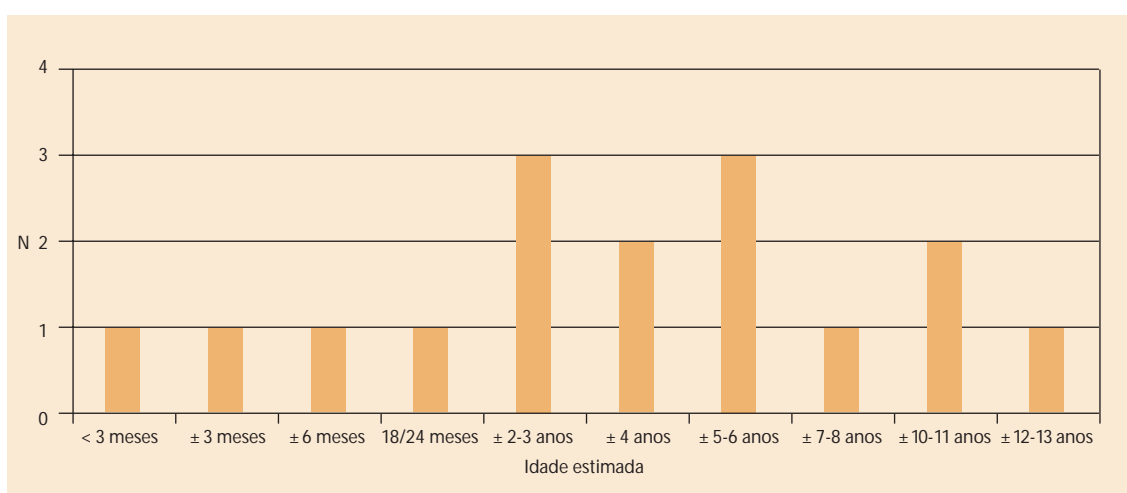


FIG. 29 – Estrutura etária dos indivíduos não adultos (<15 anos) de STAM-3 obtida pela análise dos dentes.

3.2. *Indivíduos adultos*

Com base nos dentes foi quantificado um número mínimo de 11 indivíduos (>15 anos). Este número foi providenciado pelo segundo molar inferior direito, o que está de acordo com o potencial de preservação deste tipo de dente e a idade a que termina a sua calcificação. Ainda que se tenham recuperado 14 incisivos centrais superiores direitos (ver Fig. 26), este tipo de dente completa a sua formação por volta dos 8 anos, pelo que não pode ser considerado directamente na estimativa do número mínimo de indivíduos adultos.

Na presente amostra a perda *ante mortem* de dentes não influenciou a estimativa do NMI.

4. *Desgaste dentário e patologia oral*

Após a erupção dos dentes na cavidade oral, estes estão sujeitos a um *stress* contínuo de natureza mecânica, química e patogénica, todos fortemente afectados por factores relacionados com a dieta. A interacção destes factores, isto é, a textura e composição química da comida ingerida e a frequência da exposição dentária a alimentos cariogénicos, aliado às características endógenas dos dentes e o ambiente da cavidade oral (consistência e composição química da saliva, velocidade de fluência) determina a saúde dentária da população (Powell, 1985). Este elevado potencial informativo fornecido pelos dentes permite que se encontre entre as condições patológicas mais documentadas em populações do passado (Freeth, 2000; Hillson, 2000).

O desgaste dentário refere-se à perda da superfície oclusal ou de mastigação dos dentes que ocorre devido ao contacto directo entre os dentes (atrimento) e devido à introdução de substâncias estranhas (abrasão). Ainda que o desgaste não seja uma condição patológica mas mecânica, é frequentemente estudado conjuntamente com as diversas patologias dentárias cuja prevalência pode afectar (Freeth, 2000).

A manifestação das doenças dentárias é limitada mas as mais frequentemente observadas em populações arqueológicas são as cáries, o tártaro, a doença periodontal, os abscessos, a perda *ante mortem* de dentes e as hipoplasias do esmalte dentário. Dada a natureza da presente amostra, quase exclusivamente formada por dentes soltos, a doença periodontal não foi avaliada no presente trabalho não só dada a escassez de fragmentos de maxilares recuperados como estes apresentarem, regra geral, muitas alterações tafonómicas.

4.1. *Metodologia*

O desgaste dentário foi classificado recorrendo à escala de Smith (1984) com as modificações propostas em 1996 por Silva, com o fim de permitir um registo mais preciso dos dentes provenientes de um contexto colectivo, onde frequentemente predominam os dentes soltos.

A cárie foi classificada quanto ao seu tamanho segundo o esquema proposto por Lukacs (1989) que inclui 4 graus e quanto ao local de origem, de acordo com Moore e Corbert (1971, in Powell, 1985). Esta classificação considera 6 locais (incluindo um de origem desconhecida).

O tártaro foi anotado recorrendo a escala de 5 graus de Martin e Saller (1956 in Lamarque, 1991).

Dado o reduzido número de fragmentos de maxilares preservados, a presença de abscessos foi apenas avaliada macroscopicamente.

Os resultados obtidos foram, sempre que possível, comparados com outras séries portuguesas coevas.

4.2. Resultados

A – Dentes deciduais

Nos dentes deciduais (n=33) não foram observadas lesões cariogénicas. Alguns apresentavam um desgaste dentário elevado, sugerindo uma alimentação abrasiva e, por vezes, pequenos depósitos de tártaro.

B – Dentes definitivos

Os dentes de STAM-3 caracterizam-se por apresentar um desgaste dentário baixo a médio. Contudo, é natural que este valor se encontre um pouco subestimado, já que muitos dos fragmentos dentários não completamente identificados apresentavam um desgaste dentário acentuado.

Na Fig. 29 é bem visível que não há grandes diferenças no desgaste dentário registado para os quatro quadrantes dentários considerados, assim como, se examinarmos a dentição superior *versus* inferior, respectivamente, 2,74 (n=95) e 2,78 (n=92).

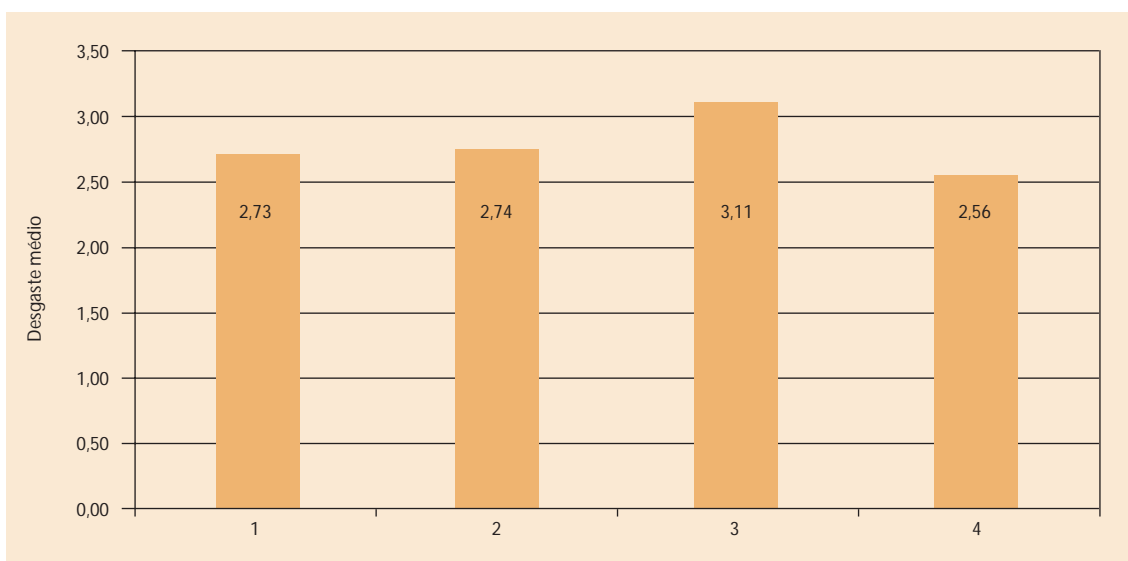


FIG. 30 – Desgaste médio dos dentes (definitivos) recuperados de STAM 3.

Legenda: 1 - Dentes anteriores (incisivo e caninos) superiores (n=45); 2 - posteriores (pré-molares e molares) superiores (n=50); 3 - anteriores e inferiores (n=37); 4 - posteriores e inferiores (n= 55).

A média obtida para os dentes de STAM-3 representa um valor mais baixo ao determinado para séries portuguesas coevas (Silva, 2002), onde as médias oscilam entre os graus 3 e 4 (escala de 8 graus). Contudo, esta diferença pode ser mais aparente que real já que há um número muito elevado de peças dentárias não identificáveis de STAM-3.

As lesões cariogénicas foram observadas em 8,2% (14/170) dos dentes definitivos (apenas dentes completamente formados). Uma análise da sua ocorrência nos diferentes quadrantes mostra que a maior ocorrência destas lesões foi observada nos dentes anteriores (incisivos e caninos) superiores (6/41= 14,6%) e a menor nos simétricos inferiores (0/37). Nos outros dois quadrantes, as frequências encontradas foram de 7,1% (3/42) e 10% (5/10), respectivamente, para os dentes posteriores superiores e posteriores inferiores. Na dentição anterior apenas se registaram cáries de pequeno tamanho e nas regiões de contacto com os dentes adjacentes. Já na dentição posterior, foram observadas lesões de todos os graus, incluindo de grau máximo. Porém, quanto à localização destas, esta restringe-se novamente às regiões de contacto com os dentes

ou sobre a linha cimento-esmalte. A presente série encontra-se entre as séries portuguesas do Neolítico final/Calcolítico com uma das prevalências mais elevada de cáries, igualando a obtida para a amostra proveniente da gruta natural da Cova da Moura (Silva, 2002). Noutras séries como, a do *tholos* de Paimogo I, Cabeço da Arruda I, Dólmen junto à estrada de Ansião, Gruta artificial de São Pedro do Estoril II, Hipogeu de São Paulo II e a Necrópole da Serra da Roupá, os valores oscilam entre os 2,2% e 6,7%. Apenas no Hipogeu de Monte Canelas I, Silva (1996) detectou uma frequência de cáries superior, de 11,5%.

A perda de dentes ante mortem, ou seja, em vida do indivíduo, e a eventual existência de abscessos só podem ser avaliados em fragmentos dos maxilares. Estes foram, no entanto, muito escassos: respectivamente, 45 alvéolos superiores e 23, inferiores. Perdas ante mortem de dentes apenas foram registados em 8 casos (dentes superiores, 17,7%, de pré-molares e molares). Este valor enquadra-se nos obtidos para as séries portuguesas coevas acima mencionadas.

Sinais de abscessos também só foram encontrados em fragmentos de maxilares superiores, concretamente dois casos: um entre a raiz de um 1º e 2º pré-molar esquerdos e outro junto à raiz de um 2º pré-molar direito ($2/45=4,4\%$). A prevalência desta patologia oral infecciosa em séries portuguesas do Neolítico final/Calcolítico é baixa, geralmente inferior a 2%. A frequência mais elevada obtida para STAM-3 pode, mais uma vez, ser consequência do tipo de amostra e, portanto, não ser significativamente diferente.

O tártaro constituiu um parâmetro difícil de avaliar nesta amostra devido ao desconhecimento da magnitude de perda *post mortem* ocorrida, assim como, as várias alterações tafonómicas registadas que impediam observar a existência destes depósitos.

5. Hipoplasias do esmalte dentário

As hipoplasias do esmalte dentário constituem deficiências do esmalte dentário resultante da cessação ou interrupção da deposição de esmalte durante a secreção ou formação da matriz de amelogenese (Goodman e Armelagos, 1985). Estes defeitos, que aparecem sob a forma de bandas, sulcos ou pequenos picotados podem resultar de um trauma local, condições hereditárias ou *stress* fisiológico (Corruccini et al., 1985; Goodman e Armelagos, 1985). Os dois primeiros tipos são muito raros, representando menos de 1% nas populações actuais, não havendo razões para supor que terá sido muito diferente nas populações do passado. Deste modo, a maioria das hipoplasias do esmalte dentário observadas em populações humanas contemporâneas e arqueológicas devem estar relacionadas com *stresses* fisiológicos (Goodman e Rose, 1991; Larsen, 1997).

Investigações clínicas e epidemiológicas revelaram que entre as condições que podem causar perturbações fisiológicas incluem-se a subnutrição, traumas, infecções e temperaturas extremas (Goodman e Song, 1999).

Estes defeitos reflectem períodos de *stress* ocorridos desde o 6º mês de vida uterina (para alguns dentes deciduais) e que se podem estender até aos 12 anos para o 3º molar (Crubézy et al., 1998; Lewis, 2000, entre outros). Ao contrário da maioria dos tecidos biológicos, o esmalte não tem capacidade de se remodelar durante toda a vida do indivíduo, constituindo deste modo um registo permanente dos *stresses* sofridos pelos indivíduos durante o seu período de crescimento (Malville, 1997), excepto se for removido por trauma ou desgaste dentário acentuado. Consequentemente, este indicador tem sido largamente utilizado em estudos paleopatológicos e paleoepidemiológicos, por providenciar uma indicação do nível relativo de *stress* fisiológico sofrido pelos indivíduos durante a sua infância (até cerca dos 12 anos) e, deste modo,

servir como indicador da experiência, em termos de *stress* fisiológico, da respectiva população (Berti e Mahaney, 1992; Blakey e Armelagos, 1985; Cook e Buikstra, 1979; Cunha, 1995; Goodman e Armelagos, 1985; Larsen, 1997).

5.1. Metodologia

A pesquisa de hipoplasias lineares do esmalte dentário foi realizada em todos os dentes decíduais e permanentes, em boas condições de luminosidade e recorrendo a uma lupa.

5.2. Resultados

Mais uma vez, as várias alterações tafonómicas sofridas pelos dentes recuperados de STAM-3 podem levar a uma subestimação deste parâmetro. Hipoplasias lineares do esmalte dentário só foram detectadas em 4 dentes permanentes inferiores, respectivamente um incisivo central (1/7) e três caninos (3/11) direitos, sugerindo que estes indivíduos não estiveram sujeitos a *stresses* fisiológicos importantes durante a infância.

Uma consulta à literatura sobre a prevalência de hipoplasias lineares do esmalte dentário em séries portuguesas coevas (ver Silva, 2002), para além de enfrentar o problema das diferentes metodologias empregues pelos diferentes investigadores, parece sugerir que a prevalência das hipoplasias lineares do esmalte dentário seja, regra geral, baixa e consequentemente, que eventualmente estas populações pré-históricas não se encontravam sujeitas a períodos de *stress* fisiológicos muito severos. Na tabela 5 estão representados as frequências de hipoplasias lineares do esmalte dentário obtidas para várias séries portuguesas mais ou menos contemporâneas de STAM-3. Para facilitar a comparação estão indicados os valores obtidos para os dentes mais hipoplásicos, incisivos centrais superiores ou caninos inferiores, excepto quando não foram encontrados defeitos nestes dentes.

TABELA 5

Frequência de hipoplasias lineares do esmalte dentário detectadas em séries portuguesas do Neolítico final/Calcolítico (ver Silva, 2002: 298).

| Série | Dente | Frequência | Autor |
|--------------------------------------|-------------------------|----------------|---------------|
| STAM-3 | Caninos inf. d° | 27,3 % (3/11) | — |
| Grutas artificiais Tojal de Vila Chã | Caninos inferiores | 16,6% (28/169) | Duarte (1993) |
| São Pedro do Estoril II | — | 0% (0/49) | Silva (1993) |
| Hipogeu de Monte Canelas I | Caninos inf. esquerdos | 13,5% (5/37) | Silva (1996) |
| São Pedro do Estoril I e II | Caninos inf. e° e d° | 59,2% (45/76) | Araújo (1996) |
| Gruta natural da Cova da Moura | 1.° pré-molar superior* | 33,3% (3/9) | Silva (2000) |
| Tholos de Paimogo I | Canino inf. d° | 11/213 (5,2%) | Silva (2002) |
| Hipogeu de São Paulo II | Canino inferior d° | 6/154 (3,9%) | Silva (2002) |
| Cabeço da Arruda I | Canino inferior | 1 / 2 | Silva (2002) |
| Cabeço da Arruda II | — | 0/27 (0%) | Silva (2002) |
| Dólmen junto à estrada de Ansião | Inc. lat. Sup. d°** | 2/13 (15,4%) | Silva (2002) |
| Necrópole da Serra da Roupã | — | 0 (=61) | Silva (2002) |

* Não foram detectadas em incisivos ou caninos.

** Apenas há defeitos detectados em dentes superiores, embora não em caninos.

6. Análise morfológica dos dentes

Nos últimos anos, numerosas análises de biodistância baseadas na morfologia, forma e tamanho do esqueleto têm revelado continuidades e descontinuidades entre as populações humanas. Estas diferenças são importantes para interpretar tendências biológicas importantes das comunidades humanas quando analisadas numa perspectiva temporal ou espacial, incluindo doenças, padrões de actividade, alterações da dieta, entre outros (Larsen, 1997), para além de aspectos relacionados com o fluxo genético, a deriva genética e os graus de cruzamento (Tyrell, 2000). Mais recentemente, estas análises têm sido utilizadas no estudo da organização dos espaços funerários (Crubézy, 1995; Crubézy e Sellier, 1990; Crubézy et al., 1999).

Os caracteres odontológicos constituem um óptimo instrumento para a análise de parentesco dada a melhor preservação dos dentes e maxilares comparativamente a outras regiões do esqueleto acrescido do facto de serem facilmente validados em populações vivas, uma vez que para muitos está disponível informação sobre a hereditariedade (Alt e Vach, 1998; Scott e Turner, 1997; Turner et al., 1991).

Em Portugal esta abordagem começa agora a dar os primeiros passos. Apesar da amostra de STAM-3 se encontrar um pouco fragmentada, decidimos registar e apresentar as frequências de alguns caracteres dentários com o intuito de poder contribuir, num futuro próximo, na interpretação das relações genéticas entre as populações portuguesas pré-históricas.

6.1. Metodologia

Os caracteres dentários seleccionados foram tomados recorrendo ao *Arizona State University Dental Anthropology System* desenvolvido pelo *Dental Anthropology Laboratory of Arizona State University* onde um conjunto de caracteres dentários foi devidamente seleccionado e descrito. Existem inclusivamente placas ou moldes do sistema ASU para vários destes caracteres (Turner et al. 1991), ou seja, a representação física dos vários graus de expressão dos caracteres dentários, com o intuito de facilitar a uniformização da tomada dos dados.

Na presente investigação foram apenas considerados caracteres dos 2.º pré-molares inferiores e dos 1.º e 2.º molares inferiores, não só pela sua maior representatividade como por serem mais facilmente observados em dentes com algumas alterações tafonómicas.

Dada a natureza da amostra de STAM-3, predominantemente constituída por dentes soltos, as frequências foram primeiro calculadas por lateralidade. Posteriormente, dada a não detecção de diferenças significativas entre os resultados obtidos para as duas lateralidades, estes foram considerados conjuntamente, nomeadamente para permitir a comparação com outras séries portuguesas coevas (Silva, 2002).

6.2. Resultados

Na tabela 6 estão representadas as frequências por lateralidade dos caracteres discretos dentários estudados.

TABELA 6

Frequência dos caracteres dentários seleccionados na amostra de STAM-3.

| Carácter | Frequência |
|--|---------------------------|
| 1 – Duas ou mais cúspides linguais no 2.º pré-molar inferior | 7/8 (87,5%) 6/12 (50%) |
| 2 – Presença 5 cúspides no 1.º molar inferior | 8/8 (100%) 5/5 (100%) |
| 3 – Padrão y no 1.º molar inferior | 7/8 (87,5%) 4/4 (100%) |
| 4 – Presença de C6 no 1.º molar inferior | 0/7 (0%) 0/5 (0%) |
| 5 – Presença de C7 no 1.º molar inferior | 1/7 (14,3%) 1/5 (20%) |
| 6 – Ausência de 5 cúspides no 2.º molar inferior | 6/8 (75%) 9/9 (100%) |
| 7 – Padrão x no 2.º molar inferior | 3/6 (50%) 6/9 (66,7%) |
| 8 – Presença de C6 no 2.º molar inferior | 2/6 (33,3%) 0/6 (0%) |
| 9 – Presença de C7 no 2.º molar inferior | 0/7 (0%) 0/7 (0%) |

NOTA: nas frequências é sempre primeiro indicado o resultado obtido para o lado esquerdo e por baixo, do lado direito.

Ao reunirmos os valores obtidos para as duas lateralidades (tabela 7) e quando comparado com outras séries portuguesas, a amostra de STAM-3 sobressai por constituir a série que revela a frequência mais elevada da cúspide supranumerária C7 no 1.º molar inferior e da C6 no 2.º molar inferior. Todos os outros valores encontram-se dentro da magnitude dos observados para as outras amostras. De qualquer do modo, estes resultados tem que ser interpretados com cautela, porque as amostras apresentam um número de dentes muito variável, o que pode eventualmente distorcer as frequências determinadas.

TABELA 7

Frequência dos caracteres discretos dentários estudados em STAM-3 e os obtidos em outras séries portuguesas coevas.

| N.º | STAM-3 | CAI | CM | DEA | PM | SP | SR | MCI | EP |
|-----|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 1 | 65,0% | 50% | 42,9% | 47,1% | 68,9% | 63,0% | 66,7% | 22,2% | 44% |
| 2 | 100% | 92,9% | 89,1% | 95,1% | 94,0% | 88,9% | 100% | 100% | 96,4% |
| 3 | 91,7% | 92,6% | 89,1% | 95,1% | 94,0% | 88,9% | 100% | 100% | 96,4% |
| 4 | 0% | 0% | 1,9% | 8,3% | 1,1% | 4,4% | 0% | 0% | 1,5% |
| 5 | 16,7% | 0% | 1,9% | 11,1% | 5,5% | 0% | 0% | 5,7% | 2,2% |
| 6 | 88,2% | 80% | 96,1% | 97,0% | 89,2% | 97,7% | 87,5% | 94,9% | 89,5% |
| 7 | 60,0% | 75% | 46,3% | 76,9% | 52,1% | 55,6% | 75,0% | 68% | 64,3% |
| 8 | 16,7% | 9,1% | 0% | 0% | 1,9% | 0% | 0% | 0% | 2,3% |
| 9 | 0% | 0% | 2,0% | 0% | 1,2% | 7,1% | 0% | 0% | 0,8% |

LEGENDA: 1 – Duas ou mais cúspides linguais no 2.º pré-molar inferior; 2 – Presença de 5 cúspides no 1.º molar inferior; 3 – Padrão y no 1.º molar inferior; 4 – Presença de C6 no 1.º molar inferior; 5 – Presença de C7 no 1.º molar inferior; 6 – Ausência de 5 cúspides no 2.º molar inferior; 7 – Padrão X no 2.º molar inferior; 8 – Presença de C6 no 2.º molar inferior; 9 – Presença de C7 no 2.º molar inferior; CAI – Cabeço da Arruda I; CM – Gruta natural da Cova da Moura; DEA – Dólmen junto à estrada de Ansião; PM – *Tholos* de Paimogo I; SP – Hipogeu de São Paulo II; SR – Necrópole da Serra da Roupá; MCI – Hipogeu de Monte Canelas I; EP – Eira Pedrinha.

II. Análise dos indivíduos encontrados *in situ*

Os esqueletos designados por Cm-3 e Cm-2, pelas razões que se explicitam de seguida, justificam plenamente uma análise separada dos restantes ossos recuperados em STAM-3.

1. Esqueleto “Cm-3”

1.1. Antropologia funerária

O indivíduo denominado Cm-3 retinha vários ossos em articulação, ou seja, preservava, parcialmente, a posição de inumação original. Como pode ser observado nas imagens obtidas durante o trabalho de campo, este indivíduo terá sido deposto sobre os restantes indivíduos representados por ossos desarticulados e inumado, lado a lado, com o indivíduo Cm-2. Pela interpretação das mesmas imagens e desenho, o indivíduo terá sido inumado em posição semifetal sobre o lado esquerdo. A detecção de dois esqueletos calcolíticos numa anta, que preservam ainda as posições de inumação é um achado raro e invulgar o que faz da Anta de Santa Margarida 3 uma mais-valia para o conhecimento das sociedades do III milénio.

1.2. Estado de conservação

Não obstante o trabalho cuidadoso realizado no campo, o periclitante estado de preservação do esqueleto, designadamente a fragilidade óssea, limitou a análise laboratorial deste esqueleto. Como pode ser visto nas Figs. 30 e 31, foram recuperados ossos do esqueleto craniano e pós-craniano: ossos da abóbada craniana, fragmento do maxilar superior, fragmento mandibular, dentes (ver ficha dentária na Fig. 34); ossos do membro superior direito, mão inclusive; ossos dos membros inferiores (sem pés). As zonas da coluna, tórax, bacia e pés estavam totalmente ausentes.

Em laboratório, fruto de um cuidado trabalho de reconstrução realizado pela antropóloga Sónia Codinha, foi possível reconstruir parcialmente a parte antero-superior da abóbada craniana (Figs. 32 e 33). Recuperou-se assim a maioria do osso frontal e grande parte dos parietais (Fig. 31).

1.3. Alterações tafonómicas

A preservação diferencial deste esqueleto requer uma atenta análise tafonómica. Porquê a preservação de grande parte da mão direita e a total ausência da esquerda? Esta é uma das mui-



FIG. 31 – Ossos recuperados de Cm-3.



FIG. 32 – Material osteológico do indivíduo Cm-3. Foto A.A.

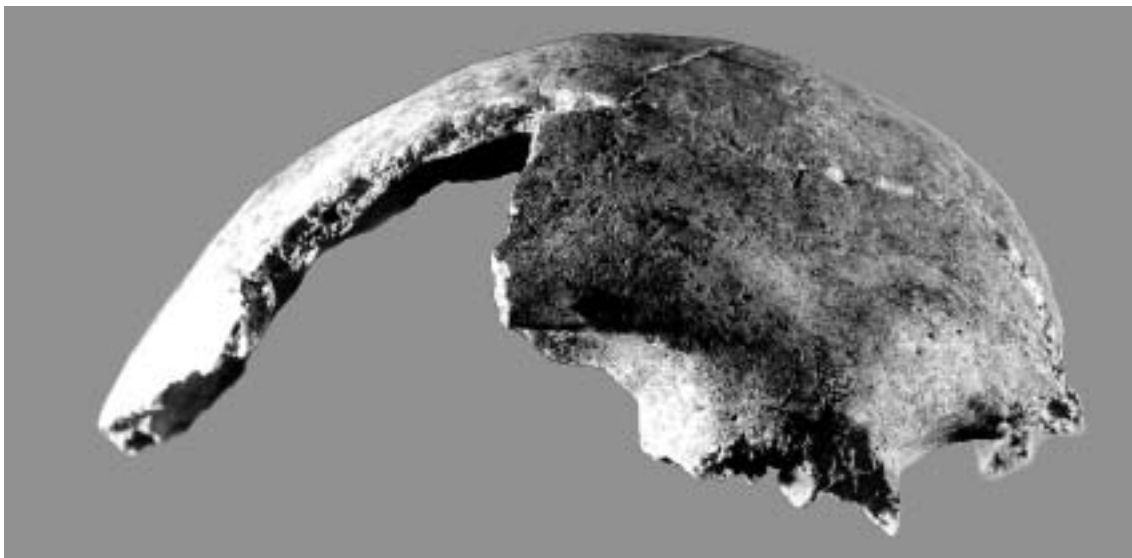


FIG. 33 – Crânio Cm-3.



FIG. 34 – Calote craniana do indivíduo Cm-3, onde são visíveis as suturas exocranianas.

tas questões que a compreensão do ambiente tafonómico local, aliado à posição de inumação, pode vir a elucidar.

A conservação de áreas esqueléticas como algumas partes dos fémures que contrasta com a total ausência da coluna, por exemplo, é facilmente explicável pela natureza intrínseca dos ossos em questão. As vértebras são essencialmente constituídas por tecido esponjoso, muito mais rapidamente degradável que o tecido ósseo compacto que forma as diáfises dos ossos longos. Já a fragmentação craniana encontra explicação em factores extrínsecos, designadamente na acção de raízes as quais tipicamente se alojam no interior do crânio fragmentando-o à medida que crescem. As raízes são também responsáveis pela fragmentação da quase totalidade dos ossos longos.

Ossos de forma mais irregular, tais como coxais e omoplatas, ter-se-ão fracturado *post mortem* com bastante mais facilidade que os ossos de forma regular (como o fémur e úmero), o que terá contribuído para a total ausência de preservação. Acresce referir que estamos perante um esqueleto cujos ossos eram já pouco espessos o que, sem dúvida, contribui para uma degradação mais rápida. Quanto à conservação diferencial dos ossos das mãos, esta requer uma análise detalhada da posição de inumação na tentativa de perscrutar factores responsáveis. Quiçá o solo onde estavam depostas cada uma das extremidades teria uma composição em termos de acidez e microorganismos diferente. Só uma análise química de amostras de solo retirados sob cada uma das mãos poderia, eventualmente, ajudar a compreender. De qualquer modo, nunca poderemos aceder à totalidade de microorganismos existentes durante os cerca de 4 mil anos de deposição. Sem dúvida que os factores diagénicos seriam desiguais. É também possível que algum/s animal/s tivesse deslocado alguns dos ossos ausentes das suas posições originais. Atendendo a que este indivíduo foi deposto com a mão direita sob o crânio (ver antropologia funerária), isto terá contribuído para a sua preservação, enquanto que o membro superior esquerdo terá sido deslocado da sua posição original de inumação por acção de fauna e do próprio homem.

De referir ainda a fragilidade dos dentes. Esta poderá ser explicada pela acção conjunta de factores inerentes ao próprio indivíduo (grande desgaste dentário) e factores extrínsecos.

1.4. *Diagnose sexual*

Conforme foi já referido, as zonas do esqueleto mais credíveis para efeitos de diagnóstico sexual não estão representadas no esqueleto de Cm-3. Assim, na ausência dos ossos da bacia, os restantes ossos, crânio e ossos longos, por ordem decrescente de credibilidade para o efeito em questão, foram examinados.

1.4.1. *Crânio*

Os ossos cranianos são pouco espessos. A parte anterior do osso frontal, correspondente à testa, é direita. São ainda perceptíveis as zonas correspondentes às bossas frontais. A zona da glabella não ostenta qualquer relevo e no que resta das arcadas supraciliares, designadamente da totalidade da esquerda e de parte da direita, não é visível qualquer robustez. Estas características são compatíveis com o sexo feminino (Buikstra e Ubelaker, 1994; Ferembach et al., 1980).

1.4.2. *Esqueleto pós-craniano*

Apesar de muito fragmentado, as dimensões ósseas, tais como a largura da epífise superior da tíbia esquerda (68 mm) e a observação das poucas áreas preservadas de inserção muscular sugerem, igualmente, estar-se perante uma mulher (as análises paleogenéticas efectuadas, apesar de serem inconclusivas, sugerem que este indivíduo seria efectivamente do sexo feminino).

1.5. *Estimativa da idade à morte*

A estimativa da idade à morte de esqueletos adultos é um dos grandes problemas actuais da antropologia das populações do passado (Cunha, 2002). Mesmo quando o esqueleto está completo, o máximo que se aufere é um grupo etário, amplo, e nunca uma idade precisa. Obviamente que perante fragmentos ósseos, para além de inviabilizada a leitura do esqueleto como um todo, determinados indicadores, mormente os da zona da bacia, estão ausentes. Há então que pro-

ceder à leitura possível dos fragmentos existentes, já que a omissão de fragmentos introduz sempre mais erro na análise paleobiológica que a sua leitura.

Trata-se inequivocamente dum esqueleto adulto.

A reconstrução de parte da abóbada craniana permitiu observar a quase totalidade das suturas coronal e sagital (Fig. 33). Ao nível endocraniano, estas encontravam-se obliteradas enquanto que na face do exocrânio apresentavam algumas secções em processo de encerramento. A não preservação da sutura lambdóide impede a aplicação de equações de regressão desenvolvidas com o intuito de estimar a idade à morte (Masset, 1982).

No entanto, o grau geral de obliteração, permite-nos adiantar, com segurança, que estamos perante um indivíduo que terá morrido com mais de 30 anos. Com menos segurança, arriscaríamos até com mais de 40 anos. As razões subjacentes à maior insegurança desta última afirmação, residem no desconhecimento dos factores que realmente interferem no encerramento das suturas. Cada vez mais, sabe-se que para além da idade, outros factores tais como seculares e genéticos, afectam a velocidade de obliteração das suturas.

Outro indicador potencialmente importante para avaliar a idade na altura da morte é a dentição, designadamente o desgaste dentário. Mais uma vez estamos perante um processo polifactorial em que o contributo de cada um dos factores é variável de indivíduo para indivíduo. Cm-3 tem, claramente um desgaste anterior mais severo que o posterior (ver sub-capítulo da análise da dentição). Enquanto que os incisivos e caninos apresentam um desgaste máximo (8) na escala de Smith (1984), os pré-molares e molares não vão além do grau 6. Ora um padrão de desgaste deste tipo não pode ser explicado só com base na idade, nem mesmo apenas só com base na dieta. Logo, apesar de uma primeira análise da dentição do Cm-3 sugerir uma idade avançada (mais de 40 anos), mais uma vez optamos por ser cautelosos e por não utilizar o desgaste dentário para auferir o grupo etário.

Foi ainda tentado verificar o estado de transparência radicular (Lamendin et al., 1992), no entanto o mau estado de preservação não permitiu qualquer observação.

Ainda no que se refere à estimativa da idade, a perda do canino superior direito ainda em vida, inferido com base na reabsorção alveolar do respectivo alvéolo, é um outro dado a favor da idade até aqui avançada. No entanto, e mais uma vez, é de salientar que também a perda de dentes *ante mortem* pode ocorrer muito precocemente.

Finalmente, acrescenta-se que o desenvolvimento das zonas de inserção muscular das mãos (ver *stress* ocupacional) é compatível com a baliza cronológica inferior avançada.

Quanto à baliza etária superior, apesar de ser tentador avançar com um número concreto, a prudência e a experiência levam-nos a referir apenas que não seria um indivíduo idoso.

1.6. *Análise métrica, morfológica e paleopatológica*

Uma vez discutidos os dois parâmetros chave da reconstrução das populações do passado, sexo e idade, caberia agora a vez de analisar detalhadamente os resultados obtidos para a reconstrução morfológica e paleopatológica. Infelizmente, a má conservação do esqueleto limitou seriamente estas etapas.

No campo morfológico não foi possível estimar a estatura nem tão pouco quantificar a robustez e o achatamento dos ossos longos. A observação geral dos fragmentos ósseos recuperados parece sugerir uma mulher de complexão mediana.

No âmbito da paleopatologia, não foram detectados quaisquer marcas nos ossos de carácter patológico. A este propósito, relembramos que a ausência de qualquer evidência patológica não significa que esta mulher estivesse sã na altura da morte (Cunha, 2001). Há apenas a refe-

rir a detecção de entesopatias nas falanges intermédias das mãos na zona de inserção dos flexores (*flexor digitorum superficialis* e *flexor digitorum profundus*), que sugerem um grande esforço físico ao nível da mão. Ou seja, as calcificações observadas ao nível das zonas de inserção destes tendões, podem ser vistas como um marcador de *stress* ocupacional.

1.7. Análise da dentição

Quanto ao estudo da dentição, este foi complicado pelas alterações tafonómicas dos dentes, nomeadamente a elevada fragilidade dos mesmos e fragmentação (Fig. 36). Como se pode verificar na ficha dentária do Cm-3 (Fig. 34) em 32 dentes que constituem a dentição definitiva humana, deste indivíduo somente foram recuperados 13 dentes, dos quais sete resumem-se às raízes.

Os incisivos centrais e laterais superiores estão *in situ* e apresentam um desgaste máximo (grau 8 na escala de Smith, 1984). Também neste maxilar se detectou a perda *ante mortem* do canino direito (Fig. 35), a qual poderá ter ocorrido pouco tempo antes da morte do indivíduo na medida em que o alvéolo ainda se encontra na fase inicial de reabsorção.

Quanto aos dentes do maxilar inferior, dois incisivos resumem-se às raízes dado o desgaste de grau 8 que apresentam. O mesmo ocorre para um canino inferior e para um dos pré-molares. O primeiro e segundo molares inferiores esquerdos apresentam desgaste de grau 6. Em resumo, o indivíduo apresenta um desgaste dentário acentuado. Embora este esteja de acordo com a idade à morte estimada para o indivíduo, há que considerar a hipótese desta severidade se dever às características abrasivas da dieta.

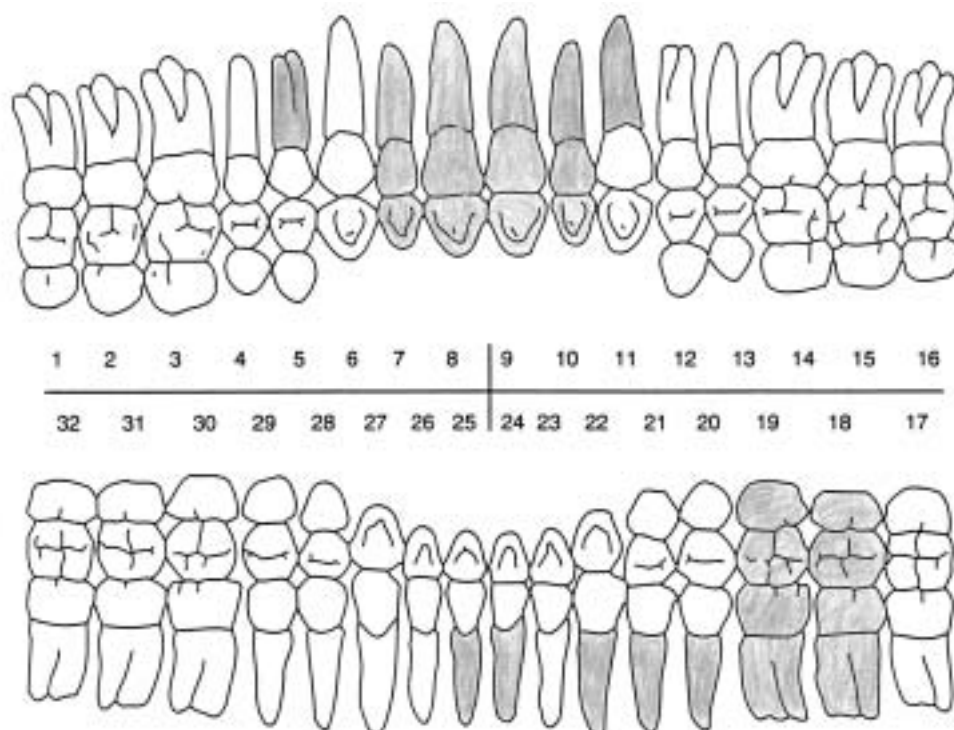


FIG. 35 – Ficha dentária de Cm-3.

2. Esqueleto “Cm-2”

2.1. Antropologia funerária

À semelhança de Cm-3, também este indivíduo poderá ter sido objecto dum tratamento funerário particular já que preserva uma parte das articulações ainda *in situ*. Terá sido deposto em posição semi-fetal, a uma curta distância de Cm-3.

2.2. Estado de conservação

O esqueleto estava bastante fragmentado. Como pode ser visto pelas Figs 37 e 38, conservava menos ossos que o precedente. É de assinalar a ausência do crânio o qual não foi detectado no momento da escavação. É de colocar a hipótese de ter sido removido intencionalmente ou, alternativamente, que se tenha fragmentado a tal ponto que os seus restos se misturaram com os restos dos restantes indivíduos sobre os quais Cm-2 foi deposto, hipótese defendida pelo arqueólogo responsável pela escavação.

Verifica-se uma ausência total de ossos da coluna, tórax, cintura escapular, mãos e cintura pélvica.

2.3. Alterações tafonómicas

As considerações feitas para Cm-3 no que se refere à acção das raízes aplicam-se, também, a este esqueleto.

2.4. Diagnose sexual

Embora a ausência de ossos e/ou fragmentos ósseos mais fiáveis para a diagnose sexual seja uma constante, a largura epicondilar do úmero esquerdo (59 mm), indica que o indivíduo é do sexo masculino, de acordo com Wasterlain (2000) (ponto de cisão 56,6).

Também as poucas zonas de inserção muscular que se preservaram designadamente a *linea aspera* do fémur esquerdo, sugerem tratar-se de um homem. De igual modo os ossos dos pés (Fig. 39) sustentam esta hipótese.



FIG. 38 – Ossos recuperados de Cm-2.
Foto A.A.



FIG. 36 – Fragmento de maxilar superior direito de Cm-3 onde é visível a perda *ante mortem* do canino direito e o início da respectiva reabsorção alveolar.
Foto A.A.



FIG. 37 – Fragmentos de maxilar superior e mandíbula, assim como os dentes recuperados de Cm-3. Foto A.A.



FIG. 39 – Estado de conservação de Cm-2.

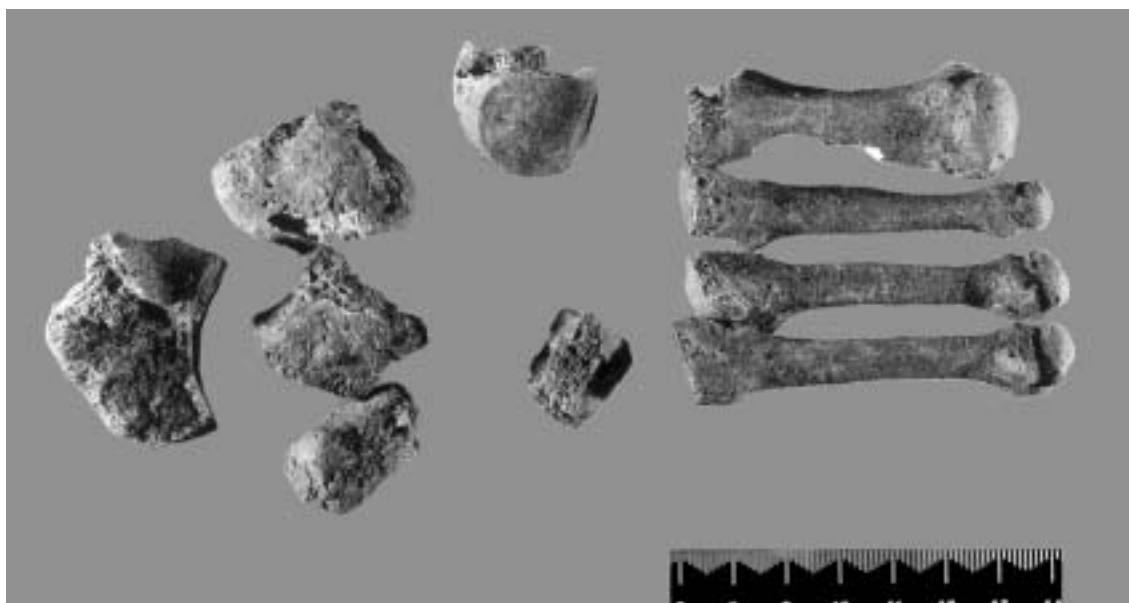


FIG. 40 – Pé esquerdo do indivíduo Cm-2.

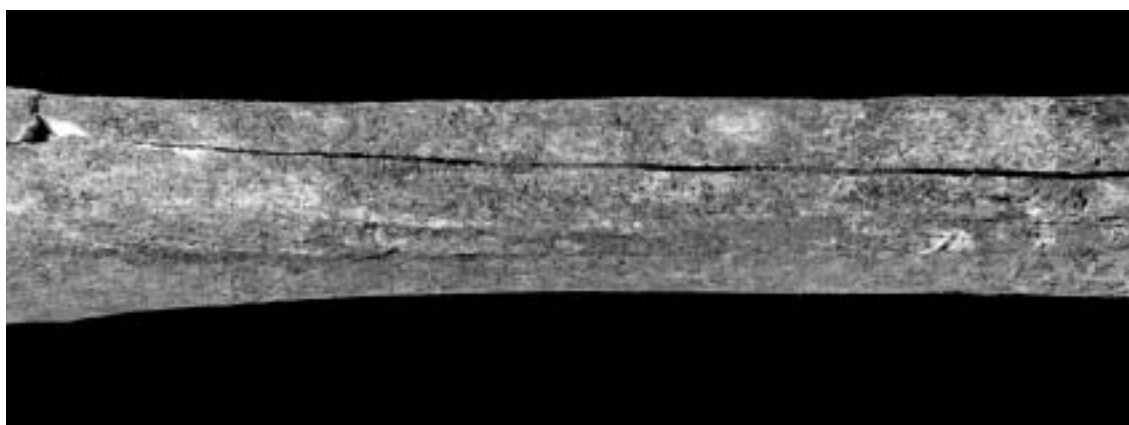


FIG. 41 – *Linea aspera* do fémur esquerdo de Cm-2.

2.5. *Estimativa da idade à morte*

Na ausência das suturas cranianas, dos dentes, das áreas da bacia úteis para esta estimativa, ficou inviabilizada a aplicação de qualquer método macroscópico que permitisse aceder a um intervalo etário. Apenas podemos afirmar ser um indivíduo adulto. Poder-se-á acrescentar que a artrose ligeira que mais à frente se faz referência assim como as ligeiras entesopatias, poderão deixar supor ser um adulto maduro.

2.6. *Caracterização métrica e morfológica*

Apesar de terem sido poucos os fragmentos recuperados foi possível estimar a estatura e quantificar o achatamento.

Embora a tíbia não esteja completa, por comparação com ossos completos, esta poderia medir aproximadamente 384 mm, o que providencia uma estatura aproximada de 170-171 cm.

Por outro lado, a presença dos primeiro, segundo, terceiro e quarto metatarsianos esquerdos (Fig. 4), permitiu o cálculo da estatura pela fórmula combinada de Byers et al. (1989), em $168,88 \pm 6,33$ cm.

Quanto às análises métrica e morfológica, a *linea aspera* do fémur (Fig. 35) sugere alguma robustez.

O índice de achatamento da tíbia é 56.09, classificando-se como platicnêmica, ou seja, com achatamento transversal, o que poderá estar relacionado com a flexão frequente das pernas.

2.7. Aspectos paleopatológicos

Como era de esperar, dado o estado de deterioração dos ossos, as informações do foro paleopatológico são diminutas.

A diáfise da tíbia esquerda apresenta sinais ténues de infecção remodelada. Foram detectadas entesopatias ligeiras na rótula direita e na área de inserção do *biceps* e do *triceps* no úmero esquerdo. Este tipo de alterações estão associadas a *stress* ocupacional. O único fragmento vertebral recuperado (Fig. 41) apresentava artrose ligeira, tal como as articulações que compreendem o cotovelo esquerdo.



FIG. 42 – Fragmento vertebral de Cm-2 com artrose ligeira na faceta articular. Foto A.A.

3. Esqueleto “Cm-1”

Cm-1 resume-se a um fragmento da superfície auricular do coxal. A análise deste fragmento através da comparação com os *slides* de Bedford et al., 1989, indica tratar-se de um indivíduo não idoso. Arriscaríamos um intervalo de 30 a 44 anos, no entanto a ilegibilidade da superfície, por alterações *post mortem*, não permite uma estimativa mais credível. É evidente que parece não existir estriação transversal, nem granulidade grosseira, assim como ausência de microporosidade, o que exclui um indivíduo adulto jovem. Quanto à actividade apical e retroauricular, não foi possível qualquer observação.

Relativamente ao diagnóstico sexual, o único elemento disponível para a observação é uma pequena porção da abertura da grande chanfradura ciática, a qual parece ser em V, fechada, o que sugere tratar-se de um indivíduo do sexo masculino.

Poderia colocar-se a hipótese deste coxal (também a análise paleogenética parece indicar o indivíduo como masculino) poder pertencer ao esqueleto designado por Cm-2, mas a datação radiocarbónica relaciona-o às primeiras deposições no monumento.



FIG. 43 – 1.º Molar superior esquerdo de Cm-4 com um grande depósito de tártaro na face bucal.

4. Cm-4

Conjuntamente com Cm-2 foram recuperados cinco dentes (incisivo central superior esquerdo; segundo molar inferior direito; primeiro molar superior direito; primeiro molar superior esquerdo; segundo pré-molar superior direito). Embora inicialmente se pensasse que pertenciam ao referido indivíduo, o facto destes se repetirem e/ou apresentarem características morfológicas diferentes dos dentes do Cm-2, levou a que fossem considerados como pertencentes a outro indivíduo.

Estes dentes caracterizam-se por um desgaste relativamente ligeiro (entre os graus dois e três segundo a escala de oito graus de Smith, 1984). No entanto ao contrário dos dentes do Cm-2, nalguns foram detectadas cáries e tártaro (ver tabela 8).

O segundo molar inferior direito apresenta uma cárie pequena (Lukacs, 1989), interproximal mesial (Moore e Corbert; 1971 in Powell, 1985), ou seja, a cárie encontra-se no ponto de contacto entre o primeiro e o segundo molar. As cáries dos primeiros molares esquerdo e direito, tal como do 2º pré-molar direito, caracterizam-se por serem todas cervicais, ou seja, estão localizadas na linha de junção cimento-esmalte.

De notar o elevado estado de desenvolvimento de tártaro detectado no 1º molar superior esquerdo (Fig. 42), o qual envolve mais de metade da superfície bucal do dente. Neste dente também foi detectada uma pequena cárie cervical distal.

TABELA 8

Descrição das patologias orais detectadas nos dentes recuperados de Cm-4.

| Dente | Desgaste Dentário (Smith, 1984) | Cáries | | Tártaro (Martin e Saller, 1956 in Lamarque, 1991) |
|------------------------------|---------------------------------|------------------------|--|---|
| | | Tamanho (Lukacs, 1989) | Locí (Moore e Corbert, 1971 in Powell, 1985) | |
| Incisivo central superior eº | Grau 2 | — | — | — |
| 2.º Molar inferior dº | Grau 3 | Pequena | Interproximal mesial | — |
| 1.º Molar superior dº | Grau 3 | Média | Cervical mesial | — |
| 1.º Molar superior eº | Grau 3 | Pequena | Cervical distal | Estado 4 na face bucal |
| 2º Pré-molar superior dº | Grau 3 | — | Cervical mesial | — |

3. Estudio del patrón de microestriación vestibular de los dientes del dolmen de Santa Margarida 3 (Portugal)

ALEJANDRO PÉREZ-PÉREZ*

JORDI GALBANY*

Material

El material estudiado está formado por un total de 13 dientes. Los dientes fueron recibidos en la Universidad de Barcelona el 14 de Noviembre de 2001 en 9 bolsas separadas. La mayoría de ellas (7) contienen un único diente, las demás (2) contienen 3 cada una. Todas las bolsas contienen una etiqueta con la referencia de las piezas.

Con el fin de diferenciar el material a analizar, en la Universitat de Barcelona renumeramos las piezas dentarias añadiendo decimales. Además, como las piezas no vienen diagnosticadas, realizamos un diagnóstico preliminar de la pieza y del desgaste oclusal (DO) macroscópico. En ningún caso el diagnóstico del diente debe considerarse definitivo y se recomienda que lo realice una persona experta del campo odontológico. La dificultad en el diagnóstico definitivo de estas piezas consiste en que presentan en general una robustez considerable respecto a otros dientes neolíticos y calcolíticos de la Península Ibérica que hemos podido estudiar con anterioridad, y por encontrarse además aislados y en algún caso fragmentados. El desgaste oclusal se ha estimado *grosso modo* sin seguir ninguna pauta ni metodología particular.

Una vez ordenada, la muestra ha quedado formada por el material siguiente:

1. I.8-249.1 - 2001.09.18 - M1 inferior derecho - DO moderado
2. I.8-249.2 - 2001.09.18 - M2 inferior derecho - DO moderado
3. I.8-249.3 - 2001.09.18 - M?I fragmento - DO leve
4. I.8-253 - 2001.09.18 - M2 inferior derecho - DO leve
5. J.8-253.2.1 - Pm - DO fuerte
6. J.8-253.2.2 - C superior derecho - DO fuerte
7. J.8-253.2.3 - C superior derecho - DO leve / inclinado
8. J.8-625 - 2001.09.25 - M2 inferior derecho - DO fuerte
9. J.8-633 - 2001.09.26 - M1 superior derecho - DO ausente
10. J.8-663 - 2001.09.27 - M2 inferior izquierdo - DO moderado
11. J.8-677 - 2001.09.28 - M2 inferior izquierdo - DO moderado
12. J.8-771 - 2001.10.10 - M1 inferior izquierdo - DO moderado
13. Cm-3 («Marta») - M2 inferior - fragmentos

Método

El estudio microscópico de las superficies vestibulares de las piezas dentarias para la caracterización de la dieta de las poblaciones humanas requiere tres pasos sucesivos: 1) obtención de moldes de las piezas dentarias con resinas plásticas; 2) obtención de imágenes digitales de las superficies de esmalte vestibular mediante microscopía electrónica de barrido (SEM); y 3) caracterización del patrón de estriación dentaria y comparación poblacional.

Los moldes dentarios de las 13 piezas fueron realizados el 18, 19 y 20 de Diciembre de 2001. El proceso de preparación de la muestra consta de cuatro fases: 1) obtención de un molde negativo del diente con resina de Polivinilo de President Jet MicroSystem (*regular body*); 2) obtención de un positivo con resina Epoxy EpoTek 301 de QdA rellenando el negativo, centrifugando y dejando secar durante 24 horas; 3) montaje de los positivos sobre un *stub* de Aluminio para observación con microscopía electrónica (SEM); y 4) metalización de los moldes con Oro vaporizado en un *sputtering* de vacío.

Una vez preparado el material, se obtienen imágenes SEM para su análisis posterior. Las fotografías fueron obtenidas el 1 de marzo de 2002 en un Microscopio Electrónico de Barrido

(SEM) modelo Cambridge Stereoscan S-120. La técnica de estudio de las superficies de esmalte se realizó siguiendo las técnicas habituales descritas en múltiples publicaciones, especialmente en Pérez-Pérez et al. (1999) donde se describe detalladamente la metodología utilizada y las técnicas de microscopía electrónica.

El patrón de estriación dentaria vestibular es una técnica de análisis del esmalte dentario mediante microscopía electrónica que permite realizar inferencias alimentarias a partir del patrón de microestriación. Este se obtiene del análisis de la densidad, longitud y orientación de las estrías observables en una superficie de 0,56 mm² de esmalte en el tercio medio de las caras vestibulares del diente.

Resultados

Al realizar las fotografías se busca las superficies de esmalte que estén bien conservadas y que no presenten alteraciones atribuibles a procesos tafonómicos *post-mortem*. En total se obtuvieron 12 fotografías que se muestran a continuación.

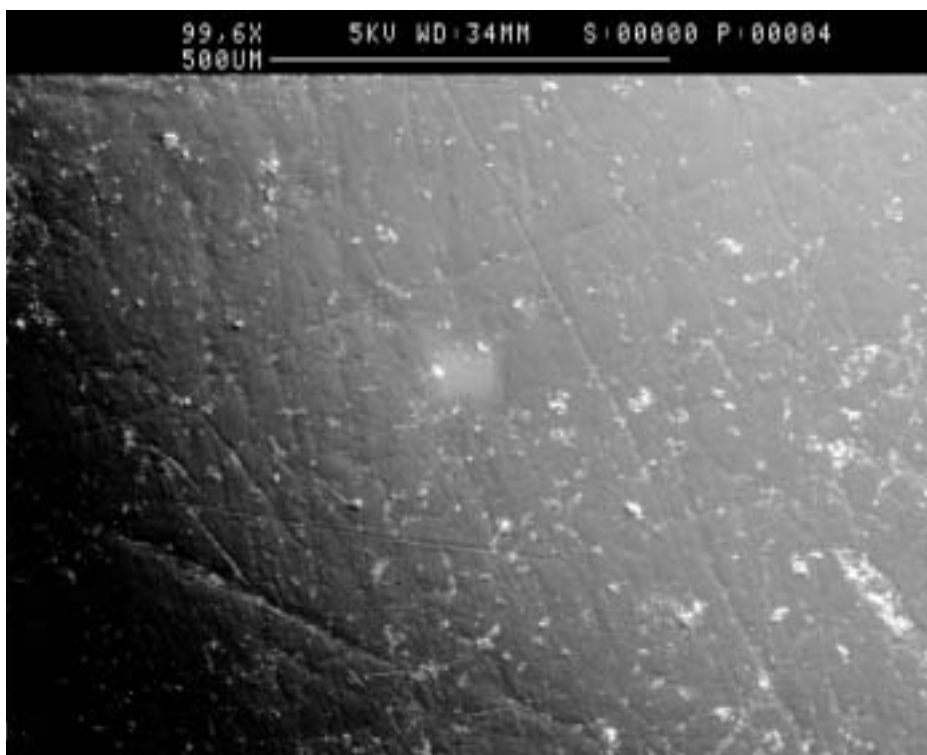


FIG. 1 – STAM-3-249.1.a - Cara vestibular a >99.6x aumentos. El esmalte está bien preservado. Presenta múltiples estrías alimentarias junto con algunos depósitos sobre el esmalte.

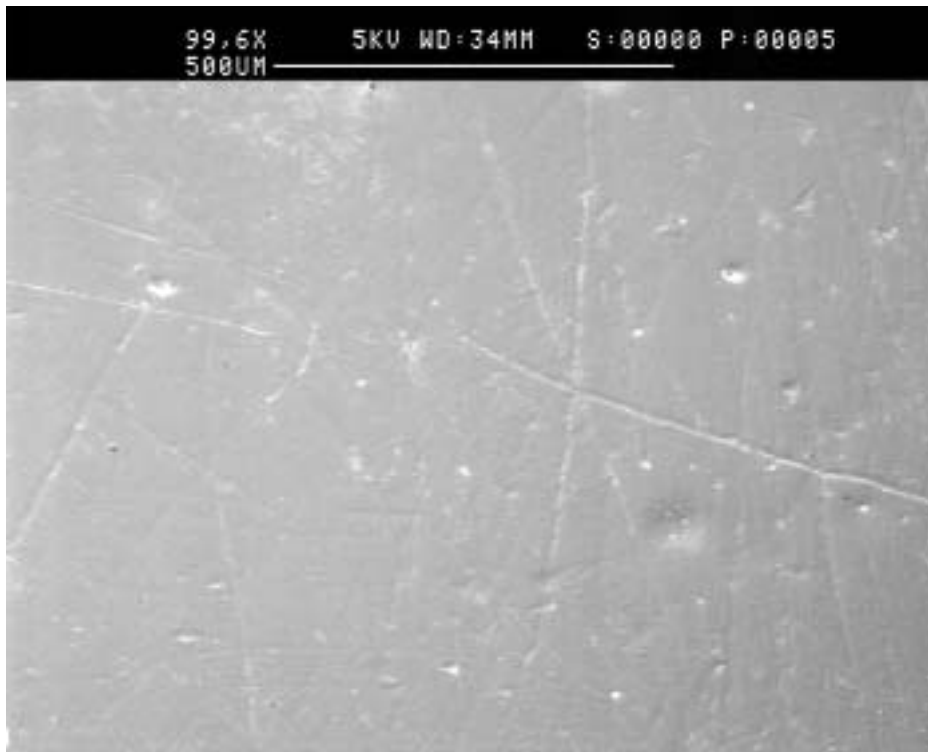


FIG. 2 – STAM-3-249.2.a - >99.6x aumentos. Esmalte bien preservado y muestra estrías alimentarias características del patrón alimentario.

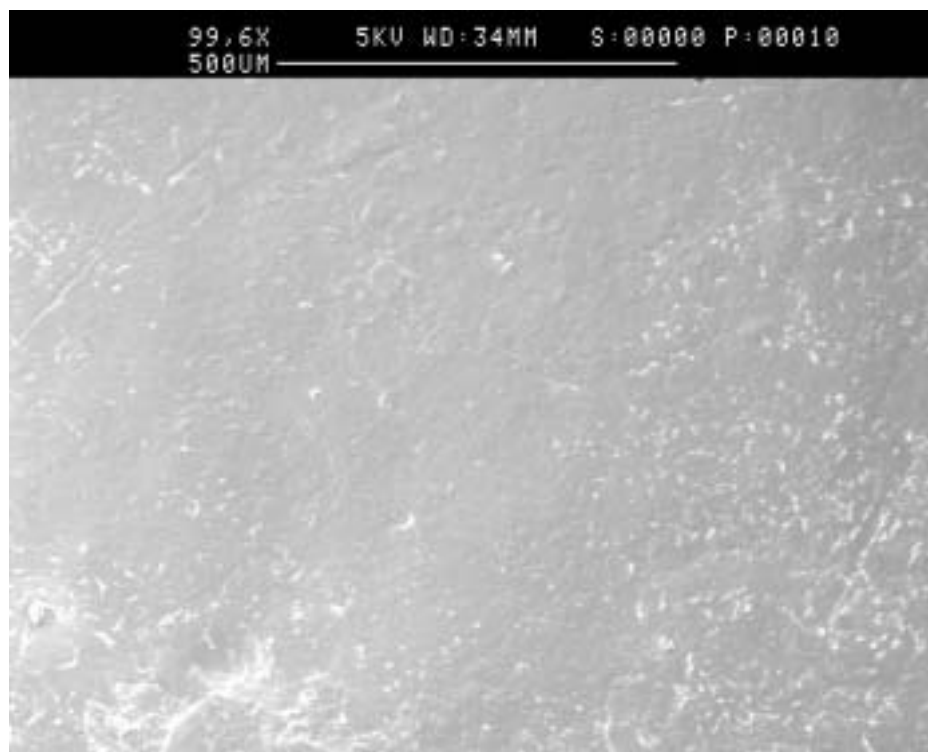


FIG. 3 – STAM-3-249.3.a - Cara vestibular a >99.6x aumentos. Superficie pulida, sin apenas estrías, probablemente debido a alteraciones *post-mortem* del diente.



FIG. 4 – STAM-3-253.1.a - >99.8x aumentos. Esmalte muy liso, con escasas estrías; afectado por depósitos que dificultan la observación de estrías.



FIG. 5 – STAM-3-253.2.3.a - >99.6x aumentos. Superficie erosionada, difícil de estudiar; afectada también por depósitos sobre el esmalte que impiden el análisis.



FIG. 6 – STAM-3-625.a. - >50,3x aumentos. Esmalte de la cara vestibular muy alterado y erosionado. No utilizable para el estudio del patrón alimentario de estriación.

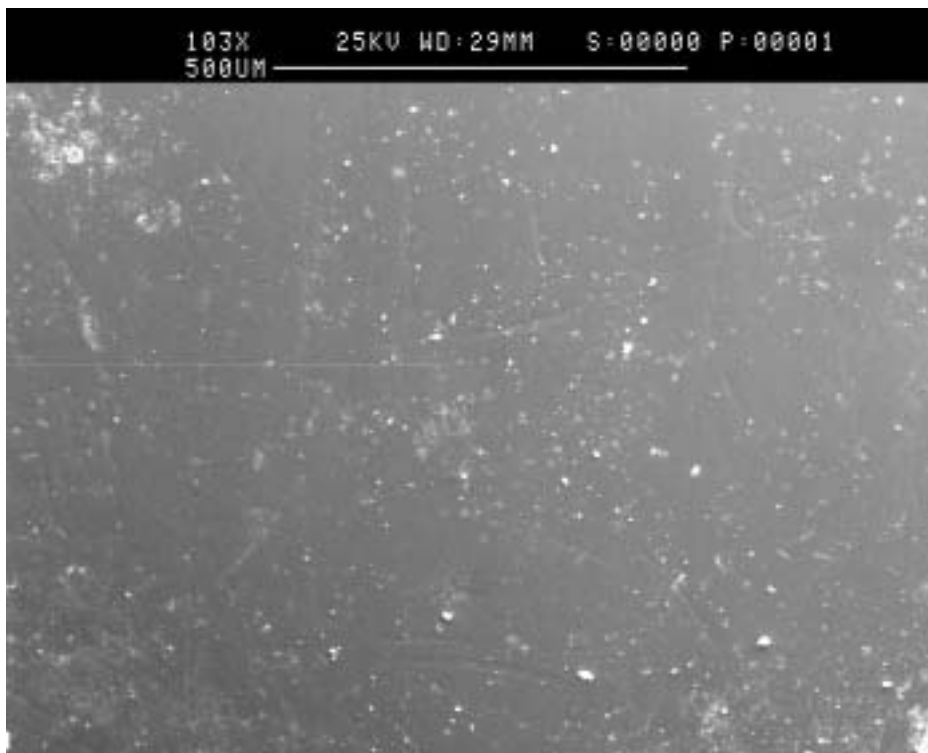


FIG. 7 – STAM-3-633.a - >103x aumentos. Esmalte liso, muy pulido, con pocas estrías. No parece afectado por alteraciones *post-mortem*, sigue el mismo patrón que los otros dientes.

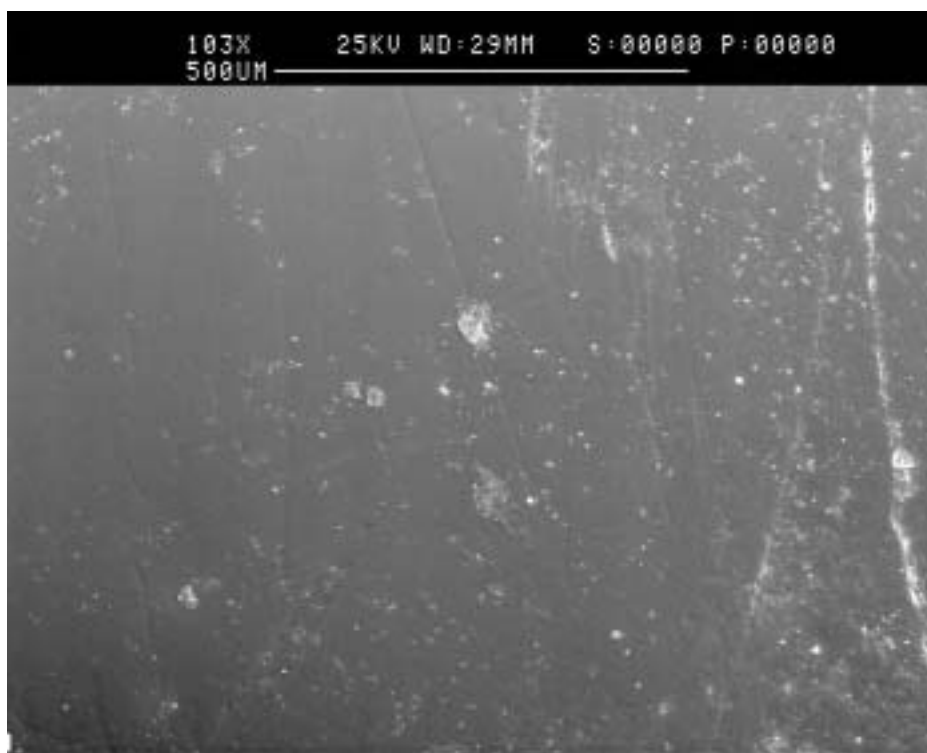


FIG. 8 – STAM-3-633.b - >103x aumentos. Esmalte liso, bien conservado, con pocas estrías; algunas de mayor grosor, atribuibles a fracturas del esmalte.



FIG. 9 – STAM-3-663.b - >99.6x aumentos. Superficie bien preservada; región próxima al tercio superior de la corona. Presenta estrías mayoritariamente orientadas hacia la cara oclusal.

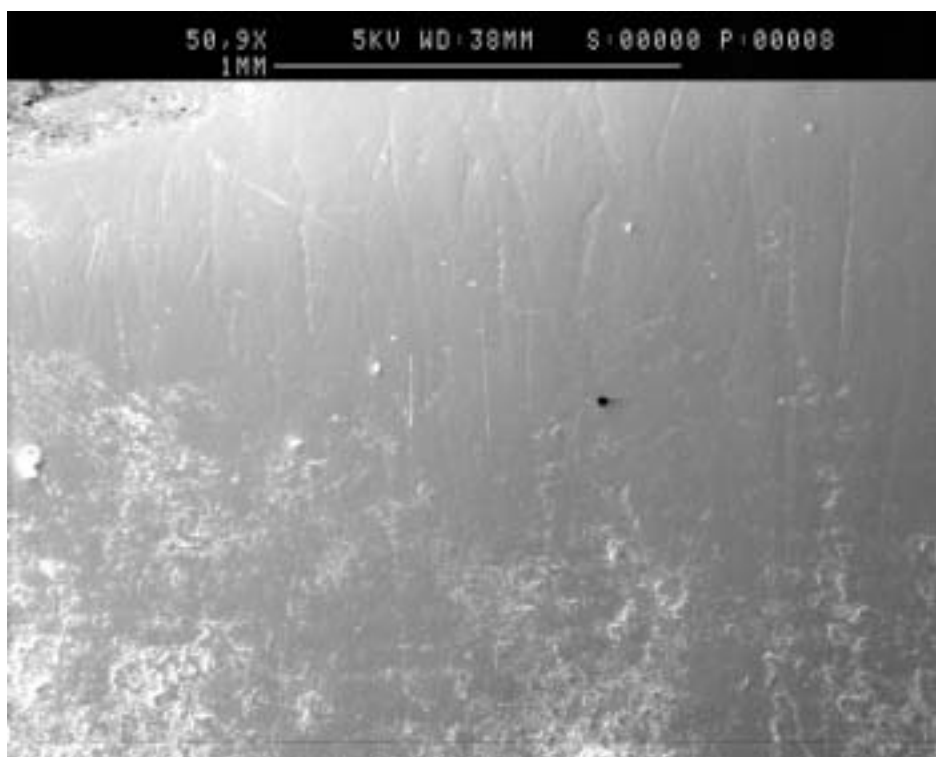


FIG. 10 – STAM-3-677.a - >50.9x aumentos. Esmalte liso, con pocas estrías, algo erosionada, pero en general bien conservada; se observa una fractura vertical del esmalte.

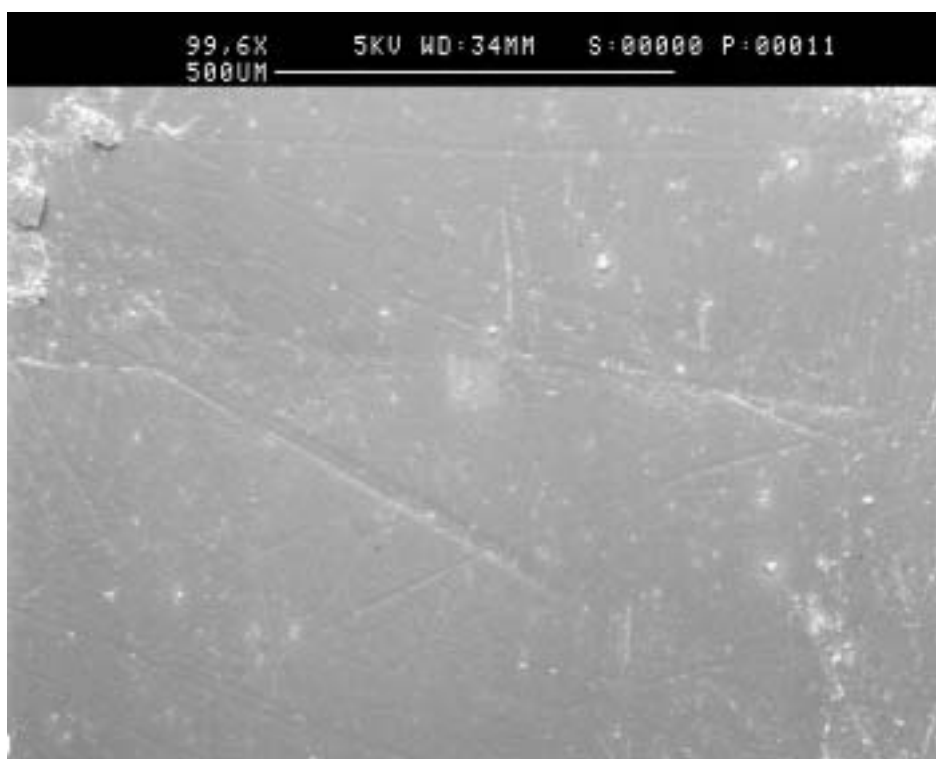


FIG. 11 – STAM-3-771.a - >50.9x aumentos. Esmalte liso con estrías en el tercio oclusal; alterado en el tercio medio.

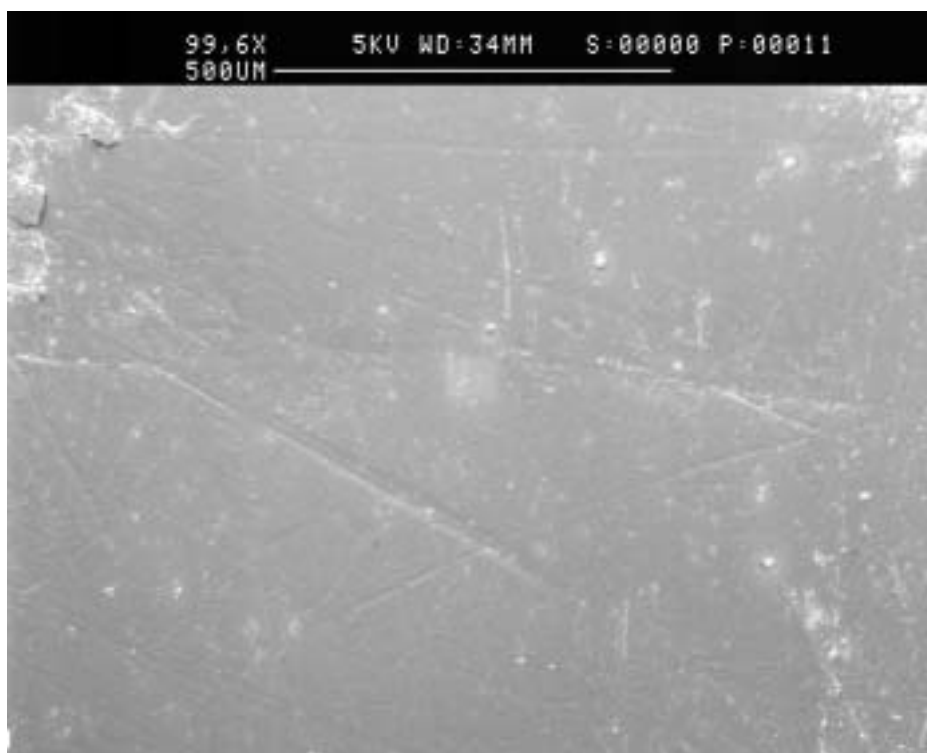


FIG. 12 – CM3.a- >99.6x aumentos. Esmalte bien preservado, con pocas estrías; típicamente alimentarias con orientaciones diversas.

Conservación del esmalte

El esmalte de los dientes estudiados presenta dos tipos de alteración. En primer lugar se observan depósitos sobre diversas zonas de la corona, posiblemente de tipo calcáreo. Estos dificultan la observación de algunas regiones del esmalte vestibular ya que se superponen a él ocultando las microestriaciones dentaria. En segundo lugar, se observan algunas regiones del esmalte con una muy leve erosión *post-mortem* que a nivel microscópico se manifiesta como pequeñas fracturas del esmalte, claramente distinguibles de las microestriaciones por ser de mayor grosor, y por zonas si esmalte o con una cierta abrasión.

Sin embargo, la conservación del esmalte en los diente estudiados es en gran medida adecuada, ya que son visible amplias zonas con el esmalte liso, típico de superficies no alteradas, donde se superponen las estrías alimentarias, que son generalmente de longitud y orientación variables. Por tanto, podemos decir que las estriaciones observable en dichas superficies vestibulares corresponden al patrón de microestriación *ante-mortem* característico de la masticación de alimentos en vida, proporcional al grado de abrasividad de la dieta. Para este estudio hay que descartar, sin embargo, las zonas más próximas al tercio oclusal, donde siempre las estrías tienden a tener una orientación subvertical y son más numerosas.

Patrón de microestriación

El análisis de las superficies bien conservadas muestra claramente que el número de estrías es en todos los casos bajo, con valores que tienden a ser inferiores a las 80-120 estrías en la zona analizada. Sin embargo, por el momento no se ha realizado una cuantificación detallada ya que

los valores de densidad de estrías que se derivarían serían muy inferiores a los que disponemos en otras series de época Neolítica y Calcolítica de comparación. En general se observa que un régimen alimentario basado en la agricultura intensiva, con sistemas de trituración del grano mediante molinos de piedra, produce un patrón de microestriación superior a las 250 estrías. Eso se ha visto ya en la serie medieval de La Olmeda (Palencia), pero no disponemos hasta el momento de otros datos de comparación. Por ello, de momento hemos evitado hacer comparaciones numéricas. Sin embargo, está en curso un amplio estudio cuantitativo de series mesolíticas y neolíticas de la Península Ibérica (tanto de Portugal como de España), en colaboración con la Dra. E. Cunha, que en futuro proporcionará datos de comparación más apropiados.

De todas formas, el análisis cualitativo del patrón de microestriación realizado nos permite aventurar ciertas precisiones que convendrá ampliar y corroborar o no en el futuro:

1. La morfología y robustez de algunas piezas dentarias y el grosor del esmalte parecen divergir del patrón dentario observado en series como Muge o los dientes neolíticos del Levante Peninsular, aunque difieren claramente del de la dentición del mesolíticos como La Oliva (Valencia). Sin embargo, es necesario un estudio comparativo amplio para afirmar cualquier cosa a este respecto.
2. El patrón de microestriación dentaria de la serie de dientes del Dolmen de Santa Margarida 3 muestra una densidad de estrías muy inferior a lo que cabría esperar en una serie de época neolítica o calcolítica. Ello podría sugerir un moderado componente abrasivo de la dieta, divergente del observado en sociedades cerealísticas de base intensa.
3. No cabe excluir un componente alimentario vegetal importante, evidente tanto en el desgaste oclusal de algunas piezas dentarias como en la presencia de un número significativo de estrías vestibulares largas.

No es posible por el momento afinar en el diagnóstico del tipo de comportamiento alimentario de la serie estudiada ya que ello sólo es posible en un contexto comparativo con otras series de periodos y contextos sociales similares. Aunque disponemos de un amplio número de series cazadoras-recolectoras de comparación, también hemos demostrado que las series de base agrícola se comportan de forma muy distinta en lo que respecta al patrón de microestriación dentaria, de la misma forma que las colecciones de fósiles humanos muestran un patrón divergente del de los cazadores-recolectores modernos.

Es necesario establecer un modelo de referencia específico para la transición Mesolítico-Neolítico-Calcolítico-Bronce, de la misma forma que actualmente estamos construyendo un modelo para la transición Pleistoceno Medio-Superior y para el Paleolítico Medio-Superior y Mesolítico. Cuando estos datos estén disponibles será factible un análisis mucho más detallado del patrón de microestriación dentaria. Por el momento es necesario realizar estudios amplios que se dilatan en el tiempo, para eventualmente cubrir, como es nuestro propósito, los últimos 6 millones de años de evolución de los Homínidos.

* Secc. Antropología, Dpto. Biología Animal, Fac. Biología, Universitat de Barcelona

4. Estudo dos restos faunísticos da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)

MARTA MORENO GARCÍA

Introdução

Apresentamos o estudo do pequeno espólio arqueofaunístico recuperado durante os trabalhos de escavação na Anta 3 de Santa Margarida – distrito de Évora, concelho de Reguengos de Monsaraz, da responsabilidade do Prof. Victor S. Gonçalves.

A Anta 3 integra-se no conjunto megalítico da Herdade de Santa Margarida, datado de inícios do III milénio (Gonçalves, 2001). Os fragmentos ósseos estudados encontravam-se localizados no corredor e na câmara da anta. Nenhum deles, com excepção do esqueleto parcial de um cão, recuperado sob a deposição funerária Cm-3, junto à deposição funerária destruída Cm-4, parece estar directamente associado ao ritual funerário.

Métodos

Identificação e Quantificação. As identificações taxonómicas foram realizadas com o auxílio da colecção de referência de vertebrados do CIPA-IPA.

Todos os ossos e dentes foram examinados e quantificados (Tabela 1). Na fracção de não identificados distinguem-se aqueles fragmentos que pelos seus caracteres morfológicos provavelmente pertencem a mamíferos de tamanho médio, mas que não foram especificamente determinados. As suas proporções relativas podem comparar-se com as das espécies identificadas, das quais presumivelmente derivam, e assim, ajudar-nos a compreender problemas tafonómicos, como a recuperação diferencial ou a existência de diferentes padrões de fracturação. Os ossos que vulgarmente são registados nesta categoria são aqueles onde não é possível identificar a espécie, i.e., fragmentos de ossos longos, costelas e vértebras.

Idade. Dois métodos osteológicos, normalmente utilizados pela arqueozoologia para determinar a idade de morte dos mamíferos, foram aplicados apenas no caso do esqueleto parcial do cão. Um considera o estado de ligação das epífises com as diáfises dos ossos longos do esqueleto apendicular. As extremidades destes ossos não ligam às respectivas epífises até ao fim do período de crescimento do animal (Silver, 1969). Portanto, a existência de epífises não ligadas indica a presença de indivíduos juvenis e sub-adultos. O outro método considera a erupção da dentição permanente e consequente substituição dos dentes de leite, assim como os diferentes estados de desgaste das suas superfícies de abrasão (Silver, 1969).

Dados métricos. As medidas foram tomadas com a craveira digital Mitutoyo CD-15DC e a craveira manual Mitutoyo CN75 seguindo os padrões de von den Driesch (1976).

Recuperação e estado de conservação

O material faunístico foi recuperado manualmente no acto da escavação e durante a crivagem a seco do sedimento, através de uma malha de 2 mm. A recuperação de restos parece ter sido razoavelmente boa, como fica demonstrado pelos restos identificados de répteis e anfíbios (Tabela 1), apesar da utilização desta malha poder ter implicado a perda de material de menores dimensões (Payne, 1975). Cerca de 20% da amostra apresenta fracturas recentes produzidas durante os trabalhos de escavação e após escavação, devidas na sua grande maioria ao mau estado de conservação dos restos. Quase a metade deles apresenta superfícies desgastadas ou muito desgastadas. A maior parte dos ossos do cão estão cobertos por uma deposição calcítica que dificulta a observação da superfície original e consequentemente de quaisquer marcas.

Não são evidentes cortes ou outros sinais quer de origem antrópica, quer de origem animal, i.e. roídos. Também não foram recuperados restos queimados.

TABELA 1

Anta 3. Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Número Total de Restos e Número Mínimo de Indivíduos. Dentes isolados entre parêntesis.

| | NR | NMI |
|--------------------------------|----------|-----|
| MAMÍFEROS | | |
| <i>Ovis aries/Capra hircus</i> | (1) | 1 |
| <i>Sus scrofa</i> | (1) | 1 |
| <i>Oryctolagus cuniculus</i> | 60 (6) | 5 |
| <i>Canis familiaris</i> | 58 (3) | 1 |
| Rodentia | 5 | 2 |
| ANFÍBIOS | | |
| <i>Anura</i> | 3 | 1 |
| REPTÉIS | | |
| <i>Lacerta lepida</i> | 1 | 1 |
| <i>Malpolon monspessulanus</i> | 4 | 1 |
| Colubridae | 11 | 1 |
| TOTAL IDENTIFICADO | 142 (11) | 14 |
| Mamífero médio | 2 (1) | |
| Mamífero não identificado | 20 | |
| TOTAL NÃO IDENTIFICADO | 22 (1) | |
| TOTAL DE RESTOS | 164 (12) | |

Espécies presentes

Foram identificados 142 ossos e 11 dentes (Tabela 1). O coelho é a espécie dominante não só pelo NMI (Número Mínimo de Indivíduos) = 5, mas também pelo número de restos (66). Ovicaprídeos e suídeos estão apenas representados por um fragmento de dente cada um. Os restos de cão são os segundos mais numerosos (NR= 61), mas pertencem a um único indivíduo. A associação faunística completa-se com os restos de dois roedores, um anfíbio e três répteis.

Os fragmentos não identificados, NR= 23 (13% do total da amostra recuperada), correspondem a pequenas esquirolas, provavelmente derivadas das espécies identificadas.

Mamíferos

- Ovelha/Cabra (*Ovis/Capra*)
O único resto é um primeiro molar superior direito já desgastado, pertencente a um indivíduo sub-adulto ou adulto.
- Porco/ Javali (*Sus* sp.)
No corredor da Anta foi recuperado um fragmento de dente incompleto.
- Coelho (*Oryctolagus cuniculus*)
Predominam os elementos do esqueleto apendicular, em particular das patas posteriores, quer na sua parte superior (pelvis, fémur e tibia), quer na parte inferior (tarsais, metatarsais e falanges) (Tabela 2). O osso mais representado é a tibia, a partir do qual foi calculado o NMI.

A ausência de marcas, quer de descarne, quer de fogo, não permite relacionar estes restos como sendo derivados de consumo alimentar. O número relativamente elevado de ossos das patas posteriores, pode estar relacionado com questões de ordem tafonómica, uma vez que estes ossos, mais robustos, se conservam melhor (Lyman, 1994). Por outro lado, dado que entre os cinco coelhos identificados existem um neonato e um feto, é possível que os restos desta espécie pudessem constituir parte natural do sedimento utilizado na cobertura das deposições funerárias, tratar-se de intrusões contemporâneas ou posteriores à construção da Anta.

TABELA 2

Anta 3. Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Representação de partes esqueléticas do coelho.

| Esqueleto | % |
|------------------|------|
| Cranial | 18,5 |
| Axial | 12,3 |
| Apendicular: AS. | 10,8 |
| PS. | 32,3 |
| AI. | 6,1 |
| PI. | 20,0 |

Crâneal: crânio, mandíbulas e dentes. Axial: vértebras e costelas. AS: escápula, úmero, rádio e ulna. PS: pélvis, fémur, tibia. AI: carpais, metacarpais e falanges. PI: tarsais, metatarsais e falanges.

- Cão (*Canis familiaris*)
A descrição detalhada destes restos é feita mais adiante.
- Rodentia
Foram classificados neste grupo um fragmento de crânio, duas vértebras (cervical e lombar) e dois fémures proximais direitos. Não foi possível elevar a sua identificação a nível específico, mas a diferença do tamanho dos fémures indica a presença de dois indivíduos. A maior parte dos pequenos roedores desenvolvem actividade fossorial e a sua intrusão naqueles sedimentos poderá ficar a dever-se a este comportamento. Dado que não apresentam quaisquer evidências de predação (Andrews, 1990) a sua ocorrência poderá relacionar-se com a utilização daquele espaço como abrigo ou refúgio.

Anfíbios

Os três restos de anfíbios (tibiotarso, úmero e calcâneo/astrágalo) pertencem a anuros (rãs e sapos). A boa conservação e coloração do calcâneo/astrágalo sugerem tratar-se de uma intrusão recente.

Os anfíbios são um grupo que requer a presença de meios húmidos, condições favoráveis que poderão ter encontrado no interior da Anta.

Répteis

Entre os restos de répteis foi possível identificar a vértebra caudal de um sardão (*Lacerta lepida*) e quinze vértebras dorsais pertencentes a duas cobras. Onze delas estavam em conexão. As outras quatro, pelas suas dimensões e morfologia, sugerem pertencer a uma cobra-rateira

(*Malpolon monspessulanus*). Como nos casos dos anfíbios e roedores, tudo indica tratar-se de animais que de forma natural pereceram ali.

O cão da Anta-3 de Santa Margarida

Sob a deposição funerária Cm-3, junto à deposição funerária destruída Cm-4, apareceram restos (NR= 58) das duas patas posteriores de um cão e três dentes. A datação deste esqueleto parcial é estatisticamente a mesma que foi obtida para as três deposições funerárias humanas. Pode portanto concluir-se que aquele cão terá sido depositado junto aos cadáveres como parte do ritual funerário.

Conservação

Metatarsos e tarsais estão ainda articulados e cobertos por uma deposição calcítica que impede a observação da superfície óssea (Fig. 1). Este facto sugere que o esqueleto do cão não foi perturbado durante um longo período de tempo. Se tivesse havido perturbação, aqueles pequenos ossos apresentar-se-iam dispersos.

O membro posterior do lado esquerdo está mais completo que o direito. Assim, embora se apresentassem muito fragmentados, foram recuperados pequenos fragmentos de pélvis, o fémur quase completo, a patela, a tíbia e parte da fíbula esquerdos (Tabela 3).



FIG. 1 – Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Comparação dos restos de cão recuperados sob o enterramento Cm-3 (em baixo) com os de um cão pastor alemão (CIPA n.º 744, em cima). É possível observar a parte distal da tíbia, calcâneo, astrágalo, ossos tarsais, metatarsos e falanges do membro posterior esquerdo.

TABELA 3

Anta 3. Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Restos ósseos do *Canis familiaris* recuperado sob a deposição funerária Cm-3.

| | Esquerdo | Direito | Sem definir |
|--------------------------|----------|---------|-------------|
| Dentes: | | | |
| PM3 inferior | | 1 | |
| M1 inferior | | 1 | |
| Incisivo superior | | | 1 |
| Membro posterior: | | | |
| Pélvis | 1 | | |
| Fémur | 1 | | |
| Patela | 1 | | |
| Tíbia | 1 | | |
| Fíbula | 1 | | |
| Astrágalo | 1 | 1 | |
| Calcâneo | 1 | 1 | |
| Tarsal | 5 | 5 | |
| Sesamoides | | | 8 |
| Metatarso 1 | | 1 | |
| Metatarso 2 | 1 | 1 | |
| Metatarso 3 | 1 | 1 | |
| Metatarso 4 | 1 | 1 | |
| Metatarso 5 | 1 | 1 | |
| Metápodo | | | 1 |
| Falange 1 | 4 | 4 | |
| Falange 2 | 4 | 2 | 1 |
| Falange 3 | | | 5 |
| Falange | | | 1 |



FIG. 2 – Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Incisivo superior do cão. À esquerda, vista da face lingual; à direita, vista lateral.



FIG. 3 – Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Primeiro molar inferior do cão. Em cima, vista da face oclusal; em baixo, face lingual.

Idade

O estado de ligação das epífises proximais e distais do fémur e da tíbia permite fazer uma estimativa aproximada da idade deste animal. Segundo Silver (1969) as duas epífises (proximal e distal) do fémur e a epífise proximal da tíbia ligam com a diáfise com cerca de 1,5 ano, e a epífise distal da tíbia liga entre 13-16 meses. Com excepção da tíbia proximal, cuja epífise não está consolidada, todas as outras se apresentam ligadas, permitindo concluir que aquele cão seria ainda um sub-adulto com aproximadamente 18 meses de idade.

Os três dentes recuperados (incisivo superior, primeiro molar inferior e fragmento do terceiro pré-molar inferior) pertencem já à dentição permanente. O desgaste mínimo que evidenciam sugere, do mesmo modo, que pertenciam a um animal relativamente jovem (Figs. 2 e 3).

Dados métricos

Apesar do mau estado de conservação destes restos, foi possível efectuar algumas medições que nos permitiram estimar o tamanho aproximado deste cão e compará-las com as de outros cães encontrados em jazidas arqueológicas na Península Ibérica, assim como com as de várias raças actualmente existentes (Tabela 4).

A altura, utilizando para o seu cálculo os factores de Koudelka (1885) e Harcourt (1974), está próxima de 58 cm. Esta medida, assim como a largura distal e longitude máxima da tíbia, as dimensões dos calcâneos, astrágalos e primeiro molar são apresentadas na Tabela 4, conjuntamente com as de uma fêmea adulta pastor alemão (CIPA n.º 744) e um macho adulto Castro Laboreiro actuais (CIPA n.º 1162). Se considerarmos que o cão da Anta-3 era ainda um sub-adulto que continuaria a crescer durante mais alguns meses, até os 2 anos, pode dizer-se que seria um cão de dimensões similares às do pastor alemão e certamente mais pequeno que o Castro Laboreiro. Entre as raças autóctones existentes hoje em dia em Portugal, o podengo e o perdigueiro português possuem dimensões semelhantes, levando a concluir que se trataria de um cão de tamanho médio.

Paralelos arqueológicos

Cardoso e Gomes (1997, p. 92) referem a ocorrência de restos de cão em Portugal no Calcolítico da Estremadura (i.e. povoado fortificado do Zambujal, Torres Vedras; Leceia, Oeiras e Penedo do Lexim, Mafra). Naqueles casos, estamos perante a ocorrência de ossos isolados de cão entre um elevado número de restos osteológicos de animais domésticos. Não parecem existir, portanto, paralelos em Portugal com a situação presente na Anta 3 de Santa Margarida, onde o cão aparece associado às deposições funerárias humanas.

Porém, num contexto geográfico mais alargado, foi registada uma circunstância semelhante no Norte da Península Ibérica, na Gruta de Marizulo (Urnieta, Guipúzcoa) (Laborde et al., 1967; Altuna, 1967) onde, sob uma deposição funerária humana, datada de 5285±65 BP (Altuna, 1994) e delimitada por três lajes de pedra, foram recuperados um esqueleto parcial de cão e um borrego de três meses de idade. Altuna (1994, p. 161) defende tratar-se da evidência de uma ligação afectiva entre o pastor e o cão, guardião de rebanhos, manifestando uma mudança no papel de caçador que teria desempenhado anteriormente.

De acordo com os dados biométricos publicados (Altuna, 1967, 1994), o cão de Marizulo, um exemplar adulto, teria menores dimensões que o da Anta 3 (Tabela 4). Altuna (1994) com-

para-o com um *setter* alemão ou dálmata actuais. De qualquer modo, seria também um cão de tamanho médio.

Ambos os cães (Santa Margarida e Marizulo) parecem estar distantes das dimensões atingidas pelas maiores raças actuais relacionadas com a pastorícia, como o Castro Laboreiro, Serra de Estrela ou o Mastim castelhano.

TABELA 4

Anta 3. Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Comparação dos dados osteométricos do *Canis familiaris* recuperado sob a deposição funerária Cm-3 com os de cães de raças actuais e o cão de Marizulo (Urnieta, Guipúzcoa) (Altuna, 1967, 1994).

| | Anta-3 | Pastor alemão ♀ ad (CIPA n.º 744) | Castro Laboreiro ♂ ad (CIPA n.º 1162) | Marizulo (Urnieta, Guipúzcoa) |
|-----------------|------------------------------|--------------------------------------|--|----------------------------------|
| Altura | 58 cm | 59,7 cm | 68,3 cm | 53 cm |
| Tíbia (GL) | 197 mm | 203 mm | 232,4 mm | 174 mm |
| Tíbia (BD) | 22,6 mm | 25,5 mm | 32,8 mm | 23,4 mm |
| Astrágalo (GL) | 26,4 mm (e.) 27,2 mm (d.) | 28,9 mm (e.) 28,7 mm (d.) | 32,5 (e.) 32,6 (d.) | — — |
| Calcâneo (GL) | 44,0 mm (e.) 43,6 mm (d.) | 52,2 mm (e.) 52,4 mm (d.) | 57,7 (e.) 57,9 (d.) | — — |
| LM1 (longitude) | 21,8 mm | 21,6 mm | 26,4 mm | 21,4 mm |
| LM1 (largura) | 9,08 mm | 9,10 mm | 10,7 mm | 8,3 mm |

GL: longitude máxima. BD: largura distal. E: esquerdo, d: direito.

Conclusão

O estudo do espólio arqueofaunístico da Anta 3 de Santa Margarida, embora pequeno, é de grande interesse, por constituir a primeira evidência arqueológica da estreita relação que uniria o homem com o cão nos finais do III milénio neste território.

Estamos longe de conhecer a história da domesticação e apuramento das raças caninas em Portugal. O registo arqueozoológico, apesar de ser muito reduzido para o Neolítico e Calcolítico, é fundamental para a compreender. Os dados revelados neste trabalho são uma pequena contribuição que esperamos ver alargada com novos achados.

Agradecimentos

Agradeço a José Paulo Ruas (CIPA-IPA) a execução das fotografias incluídas neste trabalho e a Carlos Pimenta (CIPA-IPA), não só pela identificação da microfauna, como também pela paciência e ajuda na correcção do meu português.

5. Estudos de Arqueobotânica sobre materiais provenientes da Anta 3 de Santa Margarida

PAULA FERNANDA QUEIROZ *

Introdução

Integrado no programa de salvamento do sítio arqueológico “Anta 3 da Herdade de Santa Margarida” – distrito de Évora, Concelho de Reguengos de Monsaraz, da responsabilidade de Victor S. Gonçalves, e ao abrigo do programa “Investigação Paleoecológica e Paleoetnobiológica em Sítios Arqueológicos”, promovido pelo Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências, foi realizado o estudo de um conjunto de amostras de material vegetal carbonizado recolhido durante os trabalhos de escavação.

A anta 3 da Herdade de Santa Margarida corresponde a um monumento funerário presumivelmente já do III milénio (Gonçalves, 2001b). Os fragmentos de carvão recolhidos encontravam-se dispersos ou em pequenas concentrações embaladas na camada arqueológica, não existindo associação directa dos fitoclastos com estruturas de combustão identificadas. Presumivelmente a ocorrência de material carbonizado poderia ter origem na realização de pequenos fogos votivos de carácter funerário (Gonçalves, com. pessoal).

Resultados

Do conjunto de amostras entregue, foi realizada uma sub-amostragem aleatória, tendo-se analisado um total de 263 fragmentos de material vegetal carbonizado, correspondendo aproximadamente a 2/3 dos carvões recolhidos.

Os fragmentos de carvão vegetal foram seccionados manualmente segundo as três secções de diagnóstico - transversal, radial e tangencial, e foram observados e diagnosticados à lupa binocular e ao microscópio óptico de luz reflectida. Os frutos carbonizados, inteiros ou fragmentados, foram observados e diagnosticados à lupa binocular.

Para a identificação dos carvões foram utilizadas as colecções de referência de cortes de madeira e de madeiras carbonizadas do CIPA-IPA bem como catálogos de anatomia de madeiras (Schweingruber, 1990; Queiroz e Van der Burgh, 1989; Van Leeuwen, em prep.). Para a identificação dos frutos carbonizados foi utilizada a colecção de referência de frutos e sementes do CIPA-IPA.

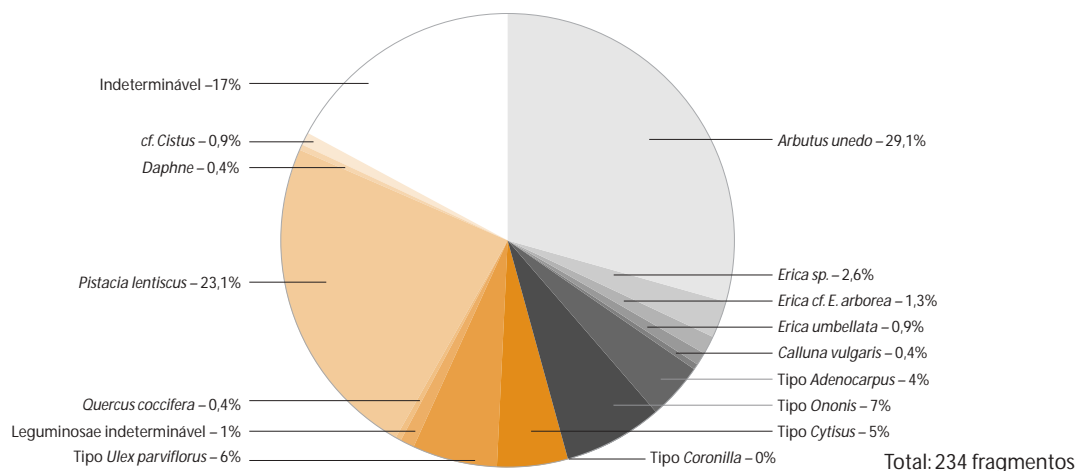
Os resultados obtidos encontram-se expressos na Tabela 1 e, de forma mais sugestiva, nos gráficos da Fig. 1.

Lista dos tipos de madeira carbonizada identificados:

- Fagaceae:
Quercus coccifera (carrasco)
- Ericaceae:
Arbutus unedo (medronheiro)
Erica cf. *E. arborea* (urze branca)
Erica umbellata (queiró)
Calluna vulgaris (urze roxa)
- Thymelaeaceae:
Daphne (trovisco)
- Anacardiaceae:
Pistacia lentiscus (aroeira)
- Cistaceae:
cf. *Cistus* (esteva)

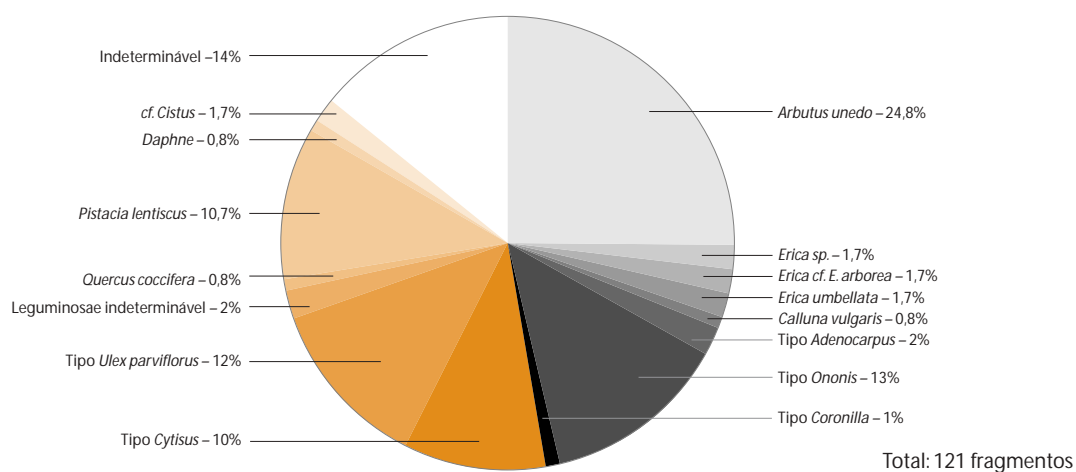
1

Madeira carbonizada – Total



2

Corredor



Câmara

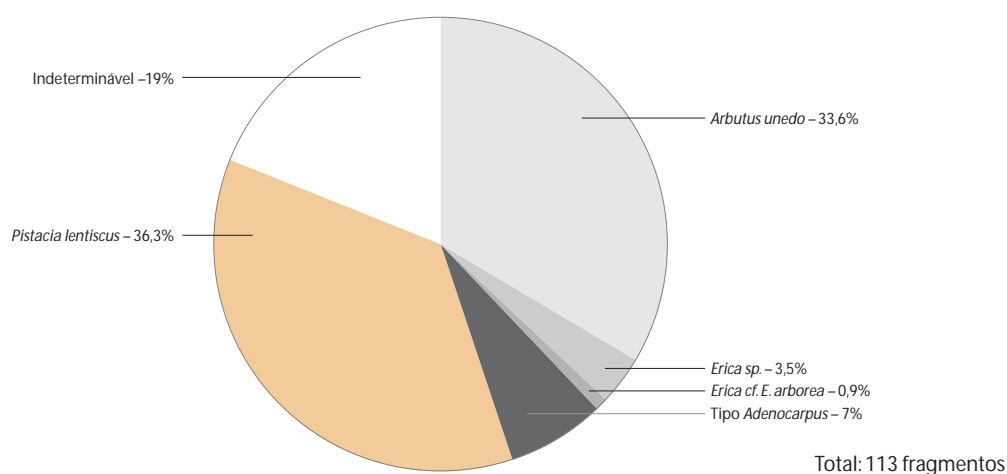


FIG. 1 – Santa Margarida – Anta 3. Fragmentos de madeira carbonizada: 1. Percentagem de cada tipo morfológico no total de amostras; 2. Percentagem de cada tipo morfológico nas amostras provenientes do corredor ou da câmara (valores percentuais calculados com base no número de fragmentos analisados).

- Leguminosae:
(tojo, giestas, piornos)
Tipo *Adenocarpus*
Tipo *Cytisus*
Tipo *Ononis*
Tipo *Coronilla*
Tipo *Ulex parviflorus*

Lista dos frutos carbonizados identificados:

- Ericaceae:
Arbutus unedo (medronho) (Estampa I)
- Rosaceae:
Rubus cf. *R. ulmifolius* (amora da silva) (Estampa II)
- Betulaceae:
cf. *Corylus avellana* (avelã)

Breve descrição das características morfológicas de diagnóstico na identificação dos fragmentos de carvão de madeira:

Fagaceae:

Quercus coccifera (Estampa III)

Secção transversal Porosidade difusa. Poros pouco frequentes, isolados, dispostos em longas fiadas radiais. Parênquima paratraqueal e apotraqueal tendendo para reticulado.

Secção tangencial Raios unisseriados abundantes, com até cerca de 12 células de altura, homogêneos, formados por células aproximadamente circulares em corte tangencial. Raios multisseriados muito largos presentes, pouco frequentes (apenas foi observada uma parte de um raio multisseriado).

Secção radial Raios homogêneos, formados exclusivamente por células prostradas. Pontuações intervasculares grandes. Pontuações radiovasculares grandes, opostas, por vezes alongadas radialmente. Placas de perfuração simples.

Ericaceae:

Arbutus unedo (Estampa III)

Secção transversal Porosidade difusa a semi-difusa, com uma maior concentração de poros grandes no início da camada de crescimento. Poros isolados ou em pequenos múltiplos radiais ou ligeiramente oblíquos (2-4 poros).

Secção tangencial Raios 2-6 seriados, relativamente curtos, de contorno fusiforme, com até cerca de 15 células de altura (ocasionalmente mais compridos).

Secção radial Raios heterogêneos com células prostradas no centro e 1 a 2 fiadas de células quadradas e erectas nas margens. Vasos com fortes espessamentos espiralados. Pontuações intervasculares circulares, com 5 – 7,5 µm. Placas de perfuração simples.

Erica cf. E. arborea

Secção transversal Porosidade difusa. Poros circulares, solitários, distribuídos regularmente pelo anel de crescimento. Limites do anel de crescimento distintos.

Secção tangencial Raios unisseriados e multisseriados com até 6 células de largura, relativamente curtos.

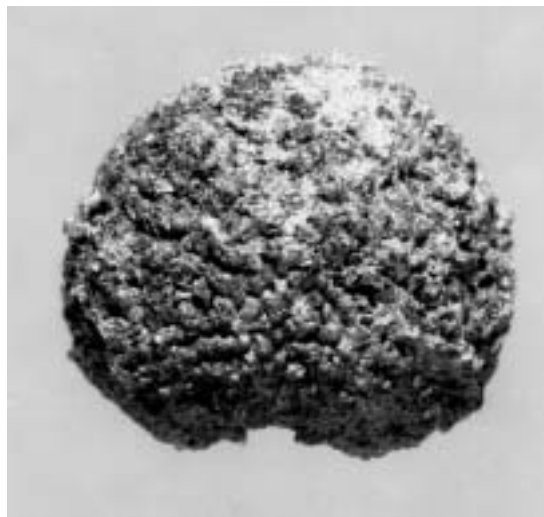
Secção radial Raios heterogêneos com 1 a 3 fiadas de células marginais quadradas ou erectas. Fibras e vasos densamente pontuados, com pontuações pequenas (até 2,5 µm). Placas de perfuração simples.

Erica umbellata (Estampa IV)

Secção transversal Porosidade difusa. Poros circulares, solitários, pequenos (até 25 µm), distribuídos regularmente pelo anel de crescimento. Limites do anel de crescimento distintos.

Secção tangencial Raios 1 a 2 (3) seriados, estreitos e curtos.

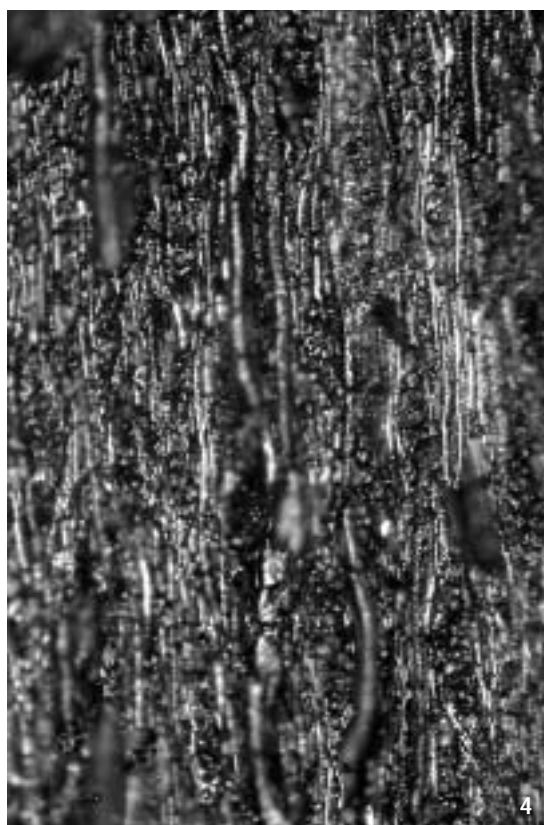
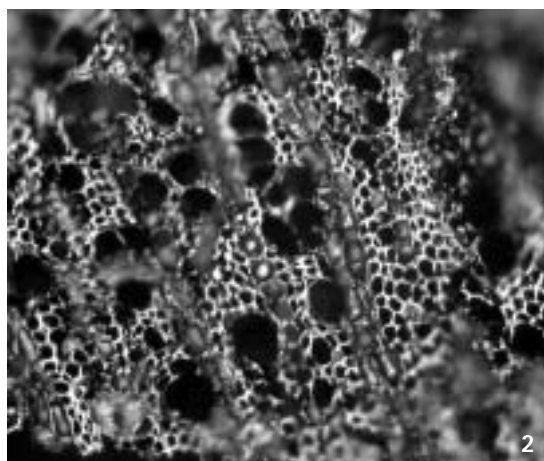
Secção radial Raios heterogêneos. Fibras e vasos densamente pontuados, com pontuações pequenas (até 2,5 µm). Placas de perfuração simples.



ESTAMPA I – Santa Margarida – Anta 3. *Arbutus unedo*. Frutos carbonizados (divisões da escala correspondem a 1 mm).
Fotos J. P. Ruas.



ESTAMPA II – Santa Margarida – Anta 3. *Rubus cf. R. ulmifolius*. Fruto carbonizado (divisões da escala correspondem a 1 mm).
Fotos J. P. Ruas.



ESTAMPA III – Santa Margarida – Anta 3. Fotos P. F. Queiroz.

Quercus coccifera – madeira carbonizada

1. Secção transversal. Porosidade (aprox. X 40)

Arbutus unedo – madeira carbonizada

2. Secção transversal. Porosidade (aprox. X 200)

3. Secção radial (aprox. X 100)

4. Secção tangencial. Raios multisseriados fusiformes (aprox. X 100)

5. Secção radial. Espessamentos espiralados (aprox. X 200)

Calluna vulgaris (Estampa IV)

Corte transversal Porosidade difusa, a semi-difusa; poros pequenos (até 30 µm) circulares, isolados.

Corte tangencial Raios exclusivamente unisseriados com 3 a 11 células de altura. Raios formados por células alongadas tangencialmente.

Corte radial Raios heterogêneos, com células quadradas e erectas. Fibras e vasos densamente pontuados. Pontuações intervasculares pequenas (até 3 µm) circulares. Placas de perfuração simples.

Thymelaeaceae:

Daphne

Corte transversal Porosidade difusa (pontualmente tendendo para semi-difusa). Poros infrequentes, reunidos principalmente no início da camada de crescimento, em pequenos grupos de orientação radial/oblíqua. Tecido vascular pouco diferenciado do tecido de suporte; tecido fibroso de paredes ligeiramente mais espessas que o tecido vascular.

Secção tangencial Raios exclusivamente unisseriados. Células dos raios elípticas, alongadas longitudinalmente.

Secção radial Raios homogêneos formados por células quadradas. Placas de perfuração simples.

Anacardiaceae:

Pistacia lentiscus (Estampa V)

Corte transversal Porosidade em anel. Anel frouxo, formado por poros de maior dimensão, com os poros dispostos em grupos mais ou menos radiais. Poros da madeira de Verão dispostos em múltiplos radiais.

Secção tangencial Raios 1-2(3) seriados, estreitos e curtos. Células dos raios unisseriados e células terminais dos raios multisseriados alongadas longitudinalmente. Raios com canais resiníferos presentes.

Secção radial Raios heterogêneos formados por células prostradas no centro e 1 a 3 fiadas de células quadradas e erectas nas margens. Raios unisseriados com células quadradas e erectas. Vasos com espessamentos espiralados bem distintos. Vasos maiores com tilos abundantes e sem espirais. Pontuações intervasculares grandes, areoladas, alternas, abundantes. Placas de perfuração simples.

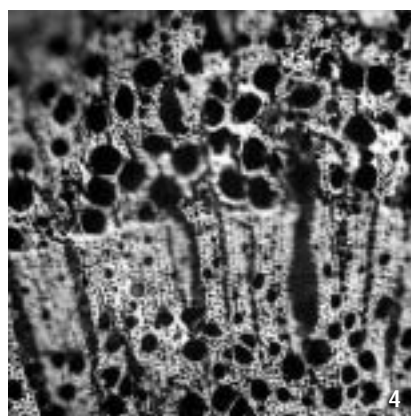
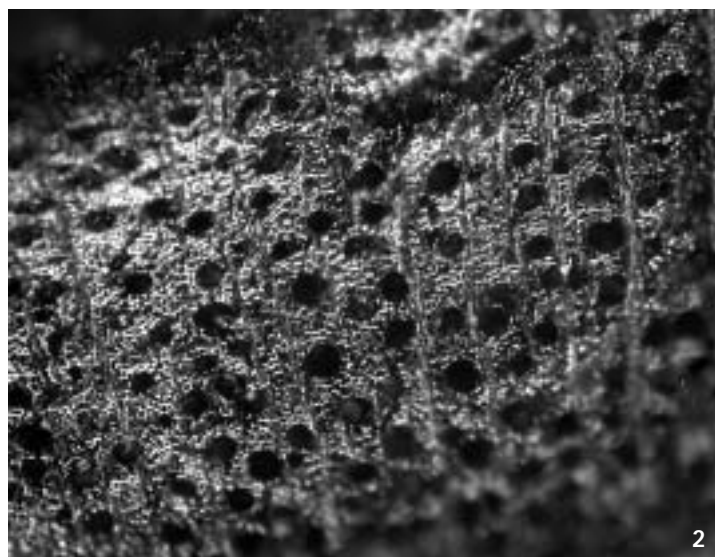
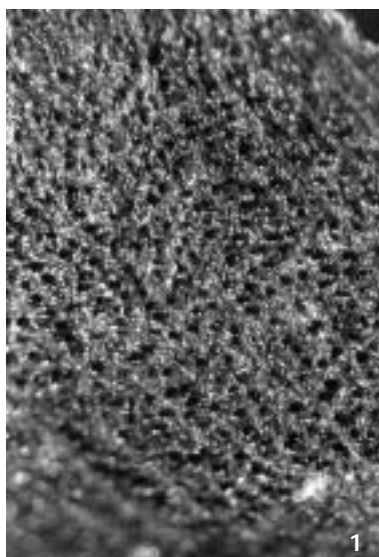
Cistaceae:

cf. *Cistus*

Secção transversal Porosidade difusa. Poros solitários.

Secção tangencial (não observada)

Secção radial Raios heterogêneos. Pontuações intervasculares grandes (6 µm). Placas de perfuração simples.



ESTAMPA IV – Santa Margarida – Anta 3.
Fotos P. F. Queiroz.

Erica umbellata – madeira carbonizada

6. Secção transversal. Porosidade
(aprox. X 80)

7. Secção transversal. Porosidade
(aprox. X 200)

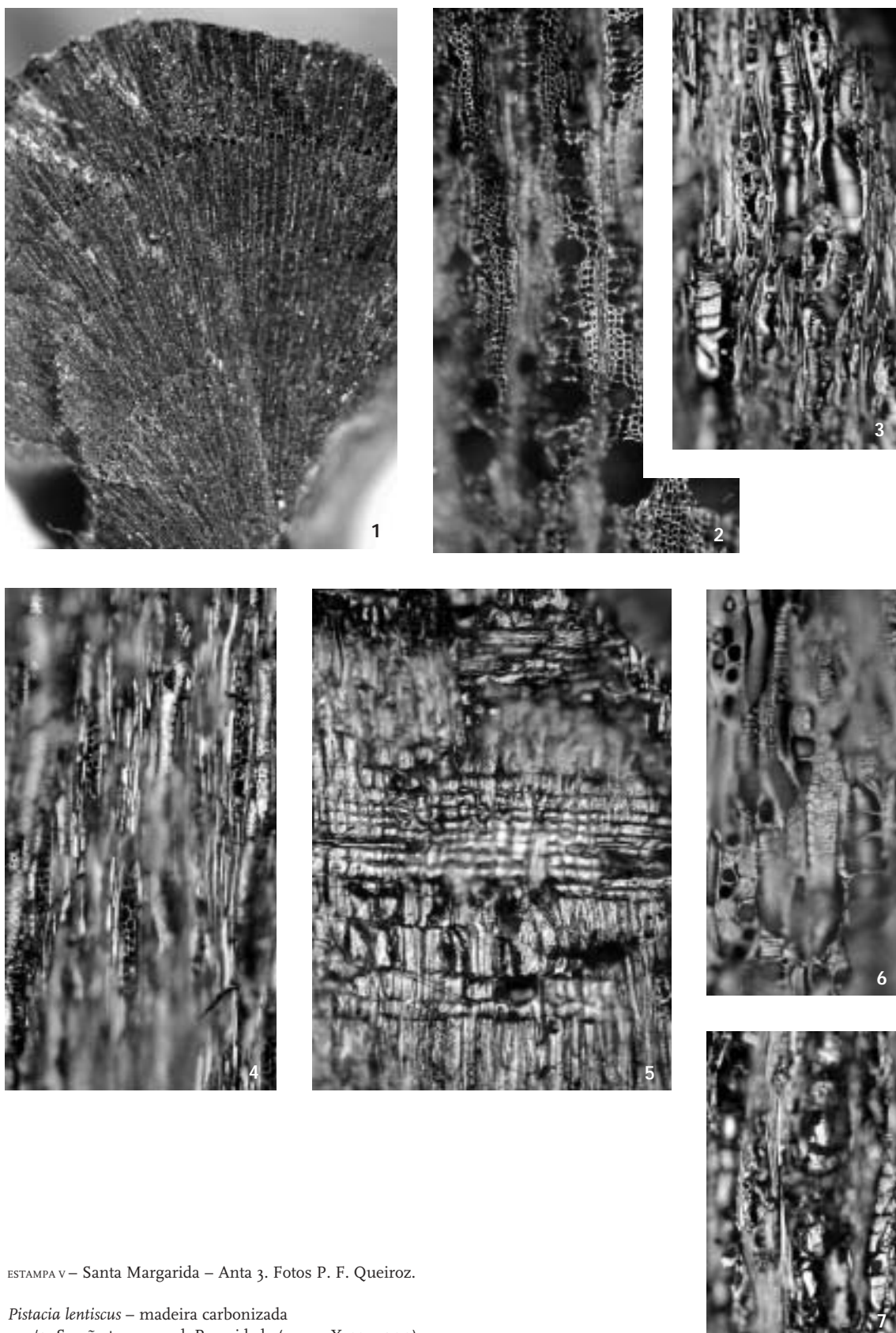
Calluna vulgaris – madeira carbonizada

8. Secção transversal. Porosidade
(aprox. X 80)

9. Secção transversal. Porosidade
(aprox. X 160)

10. Secção radial. Pontuações
intervasculares (aprox. X 300)

11. Secção radial. Raio formado por
células quadradas (aprox. X 200)



ESTAMPA V – Santa Margarida – Anta 3. Fotos P. F. Queiroz.

Pistacia lentiscus – madeira carbonizada

- 1/2. Secção transversal. Porosidade (aprox. X 40 e 200)
3. Secção tangencial. Raios e espessamentos espiralados (aprox. X 200)
4. Secção tangencial. Raios bisseriados (aprox. X 150)
5. Secção radial. Raios (aprox. X 150)
6. Secção tangencial. Pontuações intervasculares (aprox. X 300)
7. Secção tangencial. Raio com canal resinífero (aprox. X 200)

Leguminosae:

A identificação do carvão (e madeira) das leguminosas, quer ao nível específico quer mesmo ao género, é particularmente difícil já que este grupo de plantas apresenta uma grande variabilidade estrutural. Algumas espécies têm sido descritas detalhadamente do ponto de vista xilotómico (Schweingruber, 1990), enquanto outras são apenas agrupadas em grandes grupos xilomórficos multi-genéricos, baseados essencialmente em a) padrão de porosidade, b) largura e comprimento dos raios, e c) ocorrência/ausência de espessamentos espiralados. Os tipos de carvão aqui considerados referem-se assim a entidades morfológicas (e não entidades taxonómicas) que provavelmente incluem um vasto conjunto de espécies (e géneros) para além do usado no nome do tipo.

Um estudo detalhado futuro sobre a anatomia das madeiras das leguminosas portuguesas torna-se essencial para uma boa determinação taxonómica dentro deste grupo.

Tipo *Adenocarpus*

Secção transversal Porosidade difusa. Poros agrupados em pequenos múltiplos globosos, por vezes com curtos prolongamentos radiais.

Secção tangencial Raios 1 a 3 seriados, estreitos e relativamente compridos, alguns com mais de 20 células de altura. Fiadas tangenciais de raios compridos presentes.

Secção radial Raios homogéneos a ligeiramente heterogéneos. Fibras e vasos pontuados densamente. Espessamentos espiralados presentes nas paredes dos vasos. Placas de perfuração simples.

Este tipo xilotómico inclui *Adenocarpus*, *Anthyllis*, *Genista* e provavelmente outras leguminosas.

Tipo *Cytisus*

Secção transversal Porosidade em anel. Poros distribuídos em grupos mais ou menos irregulares, formando um anel contínuo de poros maiores no início da camada de crescimento.

Secção tangencial Raios 1 a 3 seriados, estreitos e relativamente curtos, com até 20 células de altura. Fiadas tangenciais de raios mais compridos presentes.

Secção radial Raios heterogéneos, por vezes homogéneos. Fibras e vasos pontuados densamente. Espessamentos espiralados presentes nas paredes dos vasos. Placas de perfuração simples.

Este tipo xilotómico inclui *Cytisus*, *Spartium*, *Genista*, *Adenocarpus* e provavelmente outras leguminosas.

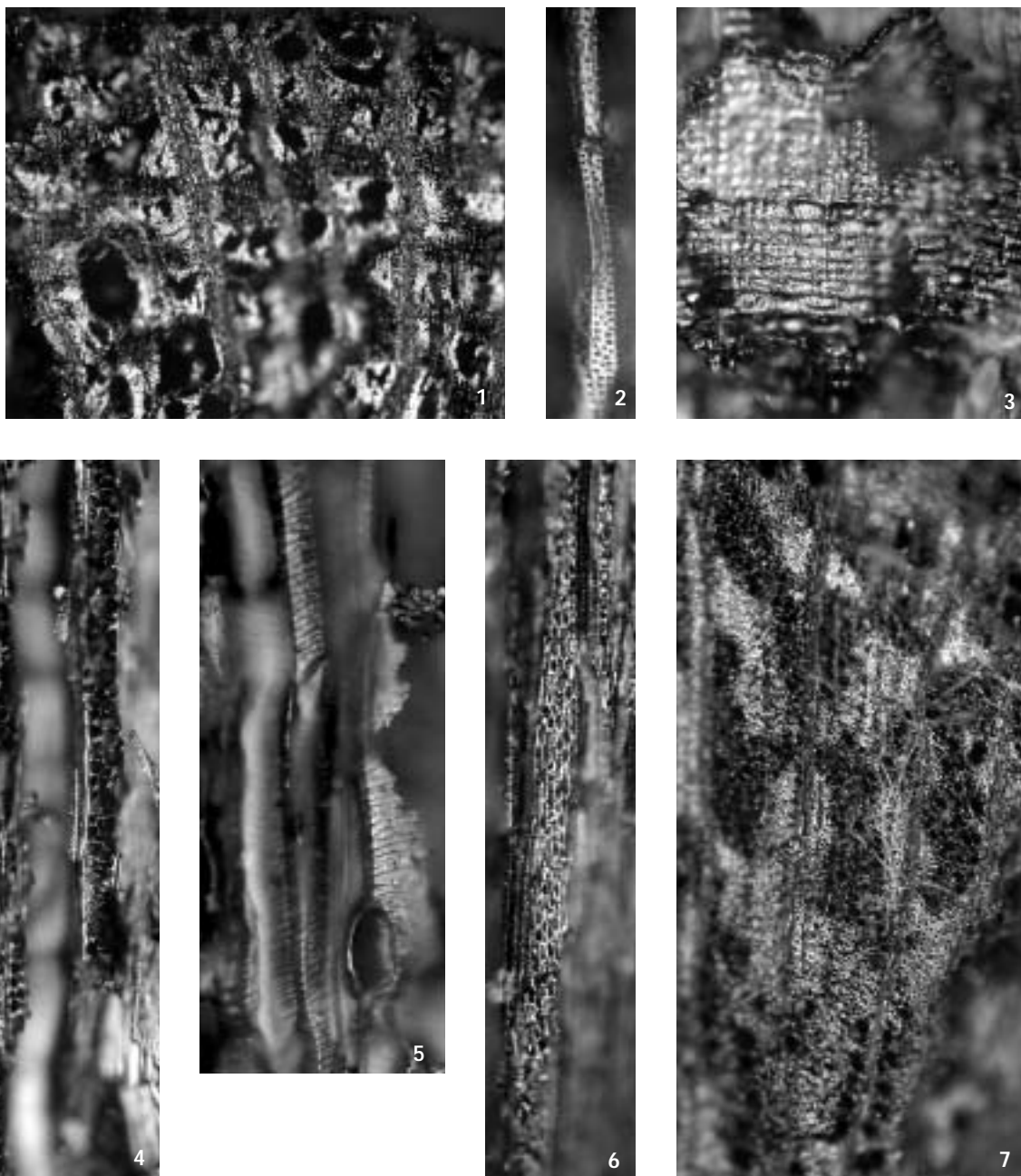
Tipo *Ononis* (Estampa VI)

Secção transversal Porosidade difusa. Poros agrupados em pequenos múltiplos circulares, mais ou menos isolados. Grupos de poros mais ou menos oblíquos, relativamente ao anel de crescimento. Limites dos anéis de crescimento distintos.

Secção tangencial Raios 3 a 5 (6) seriados, muito compridos, com mais de 50 células de altura.

Secção radial Raios ligeiramente heterogéneos. Fibras e vasos pontuados densamente. Espessamentos espiralados presentes nas paredes dos vasos. Placas de perfuração simples.

Este tipo xilotómico inclui *Ononis*, *Adenocarpus*, *Genista*, *Cytisus* e provavelmente outras leguminosas.



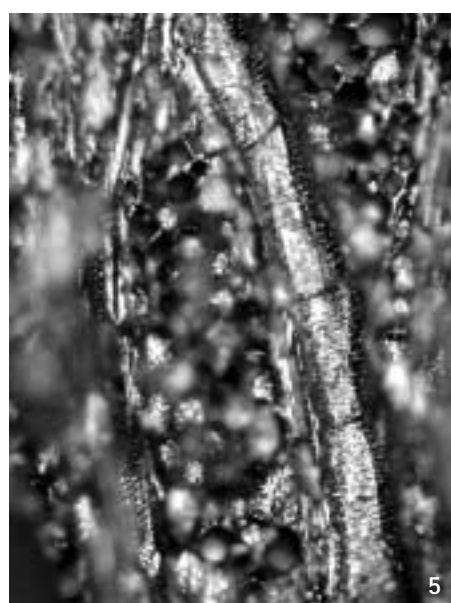
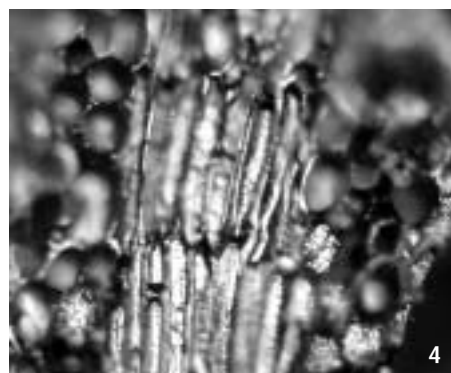
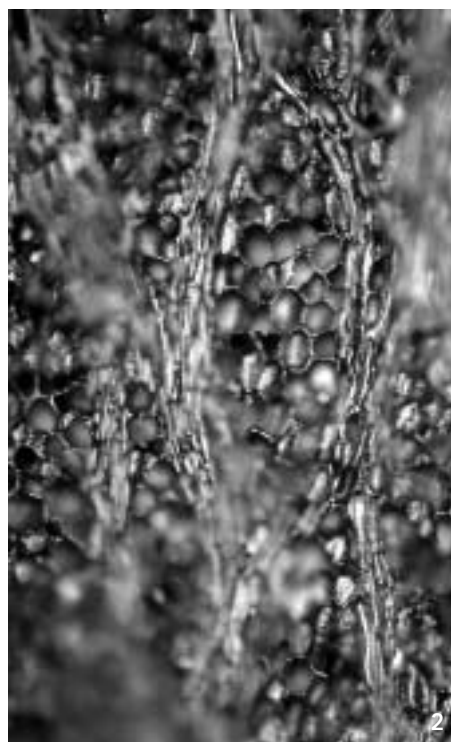
ESTAMPA VI – Santa Margarida – Anta 3. Fotos P. F. Queiroz.

Tipo *Ononis* – madeira carbonizada

1. Secção transversal. Porosidade (aprox. X 100)
2. Secção radial. Pontuações intervasculares (aprox. X 400)
3. Secção radial. Raio com células prostradas curtas (aprox. X 200)
4. Secção tangencial. Raios multisseriados muito compridos (aprox. X 200)
5. Secção radial. Espessamentos espiralados (aprox. X 400)

Tipo *Coronilla* – madeira carbonizada

6. Secção tangencial. Raio muito comprido e raio curto (aprox. X 200)
7. Secção transversal. Porosidade (aprox. X 100)



ESTAMPA VII – Santa Margarida – Anta 3. Fotos P. F. Queiroz.

Tipo *Ulex parviflorus* – madeira carbonizada

1. Secção transversal. Porosidade (aprox. X 100)
2. Secção tangencial. Raios largos e curtos de contorno fusiforme (aprox. X 200)
3. Secção radial. Células radiais curtas (aprox. X 100)
4. Secção tangencial. Fibras (aprox. X 300)
5. Secção tangencial. Vaso com pontuações e espessamentos espiralados (aprox. X 200)

Tipo *Coronilla* (Estampa VI)

Secção transversal Porosidade difusa. Poros pequenos, agrupados em bandas transversais a oblíquas. Bandas de tecido vascular alternando com bandas de tecido de suporte. Limites dos anéis de crescimento pouco visíveis.

Secção tangencial Raios (1) 2 a 5 seriados, estreitos e muito compridos, variáveis, com 10 a mais de 70 células de altura.

Secção radial Raios ligeiramente heterogéneos. Espessamentos espiralados presentes nas paredes dos vasos. Placas de perfuração simples.

Este tipo xilotómico inclui *Coronilla*, *Ulex*, *Genista*, *Cytisus*, *Calicotome* e provavelmente outras leguminosas.

Tipo *Ulex parviflorus* (Estampa VII)

Secção transversal Porosidade difusa (a semi-difusa). Poros pouco frequentes, dispostos irregularmente, alternando com bandas de tecido de suporte com paredes espessas. Raios largos frequentes, formados por células largas.

Secção tangencial Raios exclusivamente multisseriados largos e curtos, de contorno fusiforme. Largura dos raios entre 4 e 10 células. Fibras curtas, longitudinalmente imbricadas umas nas outras.

Secção radial Raios homogéneos a heterogéneos, formados por células prostradas curtas ou quadradas. Fibras curtas. Espessamentos espiralados fortes, presentes nas paredes dos vasos. Pontuações grandes e abundantes. Placas de perfuração simples.

Este tipo xilotómico inclui *Ulex parviflorus*, provavelmente outros *Ulex*, *Genista*, *Cytisus* e outras leguminosas.

Primeiros comentários e interpretações

Os monumentos megalíticos da Herdade de Santa Margarida, nos quais se integra a Anta 3 agora em estudo, localizam-se numa região de montado, cuja paisagem, marcada por uma agricultura de sequeiro extensiva, se encontra muito desarborizada, sobressaindo apenas pequenas aglomerações de azinheiras, com ocorrência pontual de sobreiros e oliveiras (Figs. 2 e 3).

A milenar intervenção humana nesta região, produzindo uma acentuada e acumulada (quicá irreversível) eco-transformação dos ecossistemas naturais (*sensu* Mateus, 1990), traduz-se num afastamento incomensurável das actuais comunidades vegetais face ao coberto vegetal que durante o Neolítico aí prevaleceu.

Em termos bioclimáticos, esta região alentejana apresenta hoje em dia um clima de características mesomediterrânicas, com Verões quentes e secos e Invernos curtos e chuvosos. A temperatura média anual ronda os 16° C e a precipitação varia entre os 600 e 700 mm por ano.

Insere-se na província biogeográfica Luso-Extremadurense, sector Mariânico-Monchiquense, subsector Araceno-Pacense, superdistrito Altoalentejano (Rivas-Martínez et al., 1990), caracterizada por uma vegetação que os fitossociólogos integram na série *Pyro-bourgeanae-Querceto rotundifoliae sigmentum* – série de vegetação mesomediterrânica seca a sub-húmida e silicícola.

Do ponto de vista da vegetação potencial (leia-se do futuro), considerada em função do macroclima, a região corresponde assim ao domínio climácico da azinheira (*Quercus rotundifolia*), sendo o azinhal a mata dominante que, em condições naturais (sem intervenção humana) dominaria a região. Convém ter em conta, no entanto, que esta caracterização biogeográfica se

refere à situação bioclimática e vegetacional actual, e não deverá ser remetida para o passado de forma simplista, sem a evidência directa de *proxies* adequados.

Fazemos notar que se torna difícil no presente contexto reconstituir o coberto vegetal da região durante o III milénio. Faltam na região o que vimos designando por “arquivos naturais da memória ecológica” (Mateus e Queiroz, 1993; Mateus, 1996), onde micro-estratigrafias organo-genéticas possam preservar (mumificar, no sentido de Mateus, 1996) “arqueoimagens” dos territórios ecológicos antigos.

O conjunto de material vegetal carbonizado estudado, embora de natureza artefactual e nesse sentido culturalmente distorcido face ao coberto vegetal envolvente (tanto quantitativa como qualitativamente), poderá fornecer alguma informação relativamente à ocorrência de espécies — note-se, no entanto, a incapacidade de uma reconstituição em termos de abundância/cobertura ou ausência de espécies.



FIG. 1 – Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz. Localização das Antas (Ortofotomapas falsa cor IR, voo 1995, Centro Nacional de Informação Geográfica).

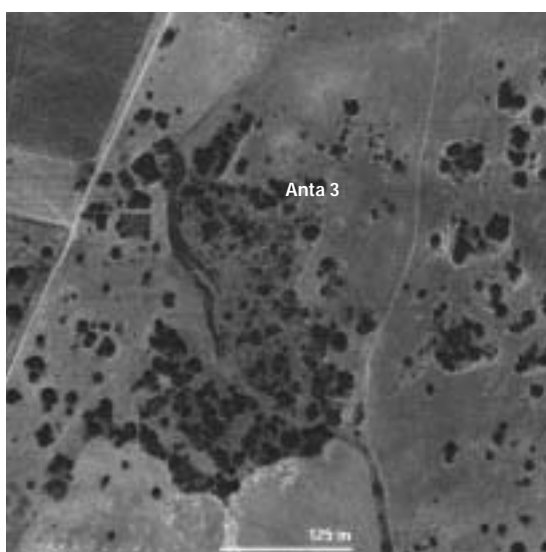
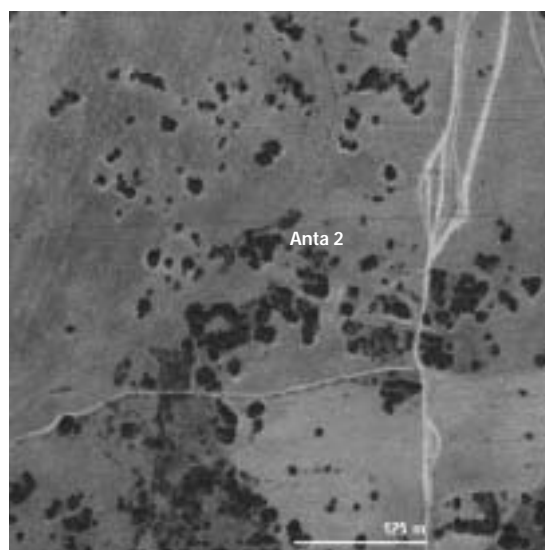
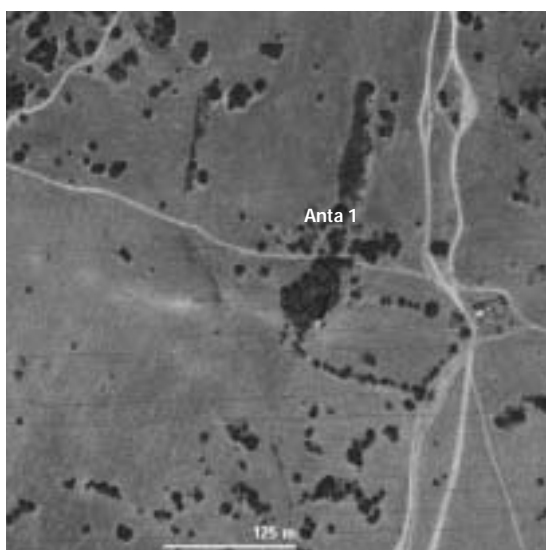


FIG. 2 – Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz. Localização das Antas; Detalhe sobre cada local (Ortofotomapas falsa cor IR, voo 1995, Centro Nacional de Informação Geográfica).

Será necessário compreender o contexto tafonómico destes fitoclastos (origem, deposição, incorporação, preservação), previamente a qualquer interpretação dos resultados. Torna-se importante referir o facto dos fragmentos de carvão estudados não estarem associados directamente a estruturas de combustão identificadas, o que poderia atestar a sua sincronia com horizontes de ocupação, de natureza ritual ou não, claramente identificados no monumento, mas sim mais ou menos dispersos pela camada arqueológica. De facto, a simples ocorrência de material vegetal carbonizado na camada arqueológica não é suficiente para fazer corresponder a sua presença com momentos particulares da edificação ou a utilização (pré-histórica ou não) do monumento. Mesmo sem indícios evidentes de remeximento e remobilização de sedimentos arqueológicos, a origem dos fitoclastos poderá ser mais antiga, porventura herdada nos solos ter-
raplanados ou usados como inertes na construção, ou, pelo contrário, ter origem na intrusão de materiais em épocas posteriores.

Efectivamente, foram realizadas datações absolutas a partir de material vegetal carbonizado recolhido na Anta 3 de Santa Margarida (ver Gonçalves, neste volume, Parte 2, capítulo 4). As datas obtidas para as três amostras revelaram uma origem muito mais recente — medieval e moderna — relativamente à cronologia do monumento.

Os resultados antracológicos obtidos em todas as amostras são aparentemente mais ou menos homogêneos, não existindo diferenças significativas no elenco específico registado entre grupos de amostras com cotas altimétricas diferentes ou com origem na câmara ou no corredor do monumento. No entanto, apenas dois frutos (*Arbutus*) e um fragmento de madeira (*Pistacia*) foram datados, com resultados diferentes, o que não poderá provar uma cronologia medieval ou moderna, idêntica para todos os fitoclastos associados. Ficamos assim com um conjunto de material, relativamente homogêneo no que se refere ao elenco específico representado, mas de cronologia incerta: parte será medieval e testemunhará (embora de forma incompleta e condicionada, como referido) o coberto vegetal regional de então, parte terá uma origem mais recente, e parte poderá eventualmente ter cronologia muito diferente. Em termos globais os espectros antracológicos estudados poderão relacionar-se com o coberto vegetal da região ao longo de um período de tempo mais ou menos alargado e indeterminado.

A maioria do carvão analisado pertence a espécies características das matas e dos matos e matagais de carácter mediterrâneo — *Quercus coccifera* (carrasco); *Arbutus unedo* (medronheiro); *Pistacia lentiscus* (aroeira); *Daphne* (trovisco) — que parecem assim estar bem representadas nos espectros antracológicos. Uma melhor caracterização destas formações não é possível com os dados disponíveis. Todo este elenco específico é comum quer à mata quer ainda aos matos e matagais de substituição desta após corte e fogo.

No que respeita à floresta (mata), poderemos estar em presença tanto do azinhal de carácter mais continental (de *Quercus rotundifolia*) como do carvalhal cerquinho mais oceânico (de *Quercus faginea*), já que o elenco específico referido é comum a estas duas formações. No espólio da Anta 2 de Santa Margarida ocorreram alguns fragmentos de carvão de carvalho cerquinho (*Quercus faginea*) atestando a presença regional desta espécie (Queiroz, 2001). Da ocorrência de azinheira (*Quercus rotundifolia*) não temos testemunho.

Embora hoje em dia o domínio climático regional seja o azinhal, as antigas florestas dominantes nesta região poderão ter sido os carvalhais de carvalho cerquinho, que poderão eventualmente ter prevalecido até à Idade Média. Não possuímos, no entanto, dados suficientes para resolver definitivamente esta questão. Sobre a sua importância no território e área de cobertura e distribuição, também não nos é possível avaliar qualquer hipótese, face à inexistência de dados fiáveis.

A presença de ericáceas — *Erica arborea* (urze-branca); *Erica umbellata* (queiró) e *Calluna vulgaris* (urze-roxa) (estas duas últimas ocorrendo também na Anta 2), leguminosas — tipos *Cytisus*, *Coronilla*, *Adenocarpus*, *Ononis* e *Ulex parviflorus* (giestas, piornos, tojos), e eventualmente cistáceas — cf. *Cistus* (esteva, roselha ou sargaço), está provavelmente relacionada com a presença de formações vegetais mais abertas, matos e charnecas, de substituição, provavelmente associadas a um espaço ecoterritorial mais intervencionado (zonas próxima a periférica, segundo Mateus, 1990).

Mais uma vez falta-nos a perspectiva sobre o tipo de charnecas e matos baixos representados. Apenas com os dados da ocorrência dos tipos xilotómicos referidos não nos é possível optar por uma integração fitossociológica em qualquer uma das classes possíveis — *Calluno-Ulicetea*, *Cytisetea scopario-striati* ou *Cisto-Lavanduletea*, nem daí inferir um maior número de factores ambientais ou vegetacionais.

Refira-se ainda que as limitações referidas anteriormente sobre a caracterização das antigas formações vegetais (quer relativamente à floresta quer às formações de substituição) poderiam ser de algum modo minimizadas através de um detalhado estudo geobotânico regional, onde se pudessem identificar e caracterizar com pormenor as actuais comunidades vegetais presentes nos diferentes habitats regionais, identificando eventualmente situações de refúgio ou de maior maturidade das comunidades vegetais, porventura reveladoras de antigas situações ecológicas e vegetacionais. Este estudo, no entanto, não foi realizado no âmbito deste trabalho.

Os fragmentos de carvão identificados correspondem na sua totalidade a madeira e frutos de espécies arbustivas (ver Tabela 1), não estando representadas árvores de maior porte. Por outro lado a presença frequente de frutos carbonizados sugere a representação dos ramos terminais dos arbustos, provavelmente indicando a utilização de lenha “pequena”. Este facto poderá ter duas explicações alternativas: por um lado poderá reflectir uma recolha intencional de madeira de pequena dimensão; por outro, poderá corresponder tão-somente ao material lenhoso disponível, numa paisagem já fortemente desarborizada. A partir da evidência dos dados arqueobotânicos não é possível optar por nenhuma destas explicações.

A primeira hipótese poderá indiciar uma relação dos restos vegetais carbonizados com fogos de pequena dimensão, eventualmente de curta duração — poderemos especular sobre eventuais pequenas fogueiras de pastores medievais abrigados momentaneamente sob os esteios do monumento megalítico. Note-se porém que a câmara de um monumento funcionará sempre como espaço de retenção de carvões provenientes de fogos naturais ocorridos ao longo das décadas, séculos e milénios, podendo esta ser a origem exclusiva ou parcial dos fragmentos de material vegetal carbonizado presentes.

O medronheiro (*Arbutus unedo*) é um arbusto que floresce entre Outubro e Fevereiro, estando os frutos maduros no outono seguinte; por sua vez a silva comum (*Rubus ulmifolius*) tem uma floração algo tardia — Maio a Agosto (Coutinho, 1939), estando também as amoras maduras nos finais do Verão, inícios de Outono.

A ocorrência frequente de medronhos e a presença de uma amora nos conjuntos de carvões estudados, presumivelmente resultado da queima de ramos terminais de arbustos como referido, poderá indicar que os fogos correspondentes se realizaram durante esta época do ano — final do Verão/ início do Outono (altura própria também para a ocorrência de fogos naturais). Poder-se-á contrapor a possibilidade dos ramos de medronheiro terem sido recolhidos nesse período, mas só posteriormente queimados; A ocorrência de uma amora carbonizada, no entanto, poderá corroborar esta ideia, já que não será plausível assumir a conservação deste fruto durante muito tempo, previamente à sua carbonização.

Tal como referido, a ausência de árvores no espectro antracológico não poderá testemunhar a sua inexistência na paisagem regional. No entanto, a eventual existência de uma paisagem antiga aberta e desflorestada nos interflúvios alentejanos, na continuidade de uma acção prolongada e continuada provavelmente desde o Neolítico antigo, condicionaria todos os recursos energéticos disponíveis. Na ausência de evidência directa para a região em estudo, refira-se que no caso do Alentejo litoral, os primeiros sinais de impacte humano são visíveis precisamente nas zonas de interflúvio, sendo as matas e ecossistemas das baixas aluviais menos acessíveis (eventualmente dada a maior robustez dos próprios ecossistemas), correspondendo já o III milénio a uma fase de acentuada desmatção dos pinhais dos interflúvios do litoral alentejano (Mateus, 1992; Mateus e Queiroz, 1993; Queiroz, 1999, 2000).

* Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências
Instituto Português de Arqueologia
Av. da Índia, 136 – 1300-300 Lisboa
pqueiroz@ipa.min-cultura.pt

- (2000) *Munsell Soil Color Charts*. New York: GretagMacbeth.
- ALT, K.; VACH, W. (1998) - Kinship studies in skeletal remains: concepts and examples. In ALT, K.; ROESING, F.; TESCHLER-NICOLA, M., eds. - *Dental Anthropology. Fundamentals, Limits and Prospects*. Wien: Springer Verlag, p. 537-554.
- ALLISON, P. A.; BRIGGS, D. E. G., eds. (1991) - *Taphonomy: Releasing the Data Locked in the Fossil Record*. New York: Plenum Press, 9.
- ALTUNA, J. (1967) - Fauna de mamíferos del yacimiento prehistórico de Marizulo (Urniet), Guipúzcoa. *Munibe*. San Sebastián, 19, p. 271-298.
- ALTUNA, J. (1994) - El perro en los yacimientos arqueológicos del norte de la Península Ibérica. In LASHERAS, J.A., ed. - *Homenaje al Dr. Joaquín González Echegaray*. Museo y Centro de Investigación de Altamira. Monografías 17, p. 159-162.
- ANDREWS, P. (1990) - *Owls, Caves and Fossils*. London: British Museum (Natural History).
- ARAÚJO, A. C.; LEJEUNE, M. (1995) - *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica* [Trabalhos de Arqueologia, 8]. Lisboa: IPPAR.
- BASS, W. M. (1995) - *Human Osteology, a Laboratory and Field Manual*. Columbia: Missouri Archaeological Society.
- BEHENRENSMEYER, A. K. (1991) - Terrestrial Vertebrate Accumulations. In PETER, A.; ALLISON, DEREK. E. G., BRIGGS, eds. - *Taphonomy, Releasing the Data Locked in the Fossil Record*. New York: Plenum Press, 9, p. 291-335.
- BELÉN, M.; AMO, M. D. (1985) - Investigaciones sobre el megalitismo en la provincia de Huelva. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 4, p. 7-106.
- BERTI, P. R.; MAHANEY, M. C. (1992) - Quantification of the confidence interval of linear enamel hypoplasia chronologies. In GOODMAN, A.; CAPASSO, L., eds. - *Recent contributions to the study of enamel developmental defects. Journal of Paleopathology. Monographic Publications*. Chieti. 2, p. 19-30.
- BLAKEY, M.; ARMELAGOS, G. (1985) - Deciduous enamel defects in prehistoric Americans from Dickson Mounds: Prenatal and Postnatal stress. *American Journal of Physical Anthropology*. New York. 66, p. 371-380.
- BLONDIAUX, J.; BUCHET, L. (1990) - La place de l'anthropologie morphologique dans l'étude des nécropoles. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris. 2:3-4, p. 191-200.
- BODDINGTON, A.; GARLAND, A. N.; JANAWAY, R. C. (1987) - Flesh, bones, dust and society. In BODDINGTON, A.; GARLAND, A. N.; JANAWAY R. C. eds. - *Death, decay and reconstruction: approaches to archaeology and forensic science*. Manchester: University Press, p. 3-9.
- BOTELLA, M. C.; ALEMÁN, I.; JIMÉNEZ, S. A. (2000) - *Los huesos humanos, manipulación y alteraciones*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- BOURDIEU, P. (1980) - *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, P. (1997) - *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1988) - *Los dólmenes de Valencia de Alcantara*. [Excavaciones Arqueológicas en España. 155]. Madrid.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1991) - *Los dólmenes de Azután y la Estrella (Toledo)*. [Excavaciones Arqueológicas en España. 159]. Madrid: Ministerio de Cultura.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1992) - Les plaques décorées alentéjaines: approche de leur étude et analyse. *L'Anthropologie*. Paris. 16:2-3, p. 573-604.
- BUICKSTRA, J.; UBELAKER, D. (1994) - *Standards for data collection from human skeletal remains (Proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History)*. Arkansas: Archaeological survey research series, 44.
- BURNS, K. R. (1999) - *Forensic Anthropology Training Manual*. New Jersey: Prentice-Hall.
- BYERS, S.; AKOSHIMA, K.; CURRAN, B. (1989) - Determination of adult stature from metatarsal length. *American Journal of Physical Anthropology*. New York. 79, p. 275-279.
- CABRERO GARCÍA, R. (1978) - El conjunto megalítico de Los Gabrieles. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 4, p. 79-143.
- CABRERO GARCÍA, R. (1985) - Tipología de sepulcros calcolíticos en Andalucía Occidental. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 7, p. 207-265.
- CARDOSO, J. L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. (1995) - Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-madan*. Almada. 2.ª série. 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L.; GOMES, M. V. (1997) - O consumo de cão, em contextos fenício-púnicos, no território português. *Estudos Orientais*. Lisboa. 6, p. 89-117.
- CARROL, L. (1876) [2003] - A caça ao Snark. Desenhos de Henry Holiday, tradução de Manuel Resende. Lisboa: Assírio & Alvim [Assirinha].
- CARVALHO, A. F. (1998) - A pedra lascada do Monumento Funerário 1: análise dos materiais recolhidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1. p. 129-137. In LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.;

- CARVALHO, A. F. (1998) - Povoado dos Perdighões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 45-152.
- CARVALHO, A. F.; ANTUNES-FERREIRA, N.; VALENTE, M. J. (2003) - A Gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 101-119.
- CERDÁN MÁRQUEZ, C.; LEISNER, G.; LEISNER, V. (1952) - *Los sepulcros megalíticos de Huelva. Excavaciones arqueológicas del plan nacional 1946*. Madrid: Ministerio de Educación Nacional.
- COOK, D.; BUIKSTRA J. (1979) - Health and differential survival in prehistoric populations: prenatal dental defects. *American Journal of Physical Anthropology*. New York. 51, p. 649-664.
- CORRUCCINI, R.; HANDLER, J.; JACOBI, K. (1985) - Chronological distribution of enamel hypoplasias and weaning in a Caribbean Slave population. *Human Biology*. Detroit. 57:4, p. 699-711.
- COUTINHO, A.X.P. (1939) - *Flora de Portugal (Plantas Vasculares)*. Lisboa: Bertrand, Lda.
- CRUBEZY, E. (1988) - *Interactions entre facteurs bio cultures, pathologie et caractères discrets. Exemple d'une population médiévale: Chanac (Aveyron)*. Thèse de Doctorat. Montpellier: Université de Montpellier.
- CRUBEZY, E. (1992) - De l'Anthropologie physique à la Paleo-Etnologie Funéraire et la Paleo-Biologie. *Archeo-Nil*. Paris. 2, p. 7-19.
- CRUBEZY, E. (2000) - L'étude des sépultures ou du monde des morts au monde des vivants. Anthropologie, archéologie funéraire et anthropologie de terrain. In FERDIÈRE, A., ed. - *Archéologie funéraire*. Collection «Archéologiques». Paris: Editions Errance, p. 8-54.
- CRUBEZY, E. [et al.] (1998) - *Pratiques et Espaces funéraires: Les grands Causses au Néolithique*. Ouvrage 1 du P.C.R. Pratiques et Espaces funéraires: Les grands Causses du Néolithique au Moyen Âge.
- CRUBEZY, E. [et al.] (1999) - Microévolution d'une population historique. Étude des caractères discrets de la population de Missiminia (Soudan, IIIème-VIème siècle). *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris. 11:1-2, p. 1-213.
- CRUBEZY, E.; SELLIER, P. (1990) - Caractères discrets et organisation des ensembles sépulcraux. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris. 2:3-4, p. 171-178.
- CUNHA, E., (1994) - *Paleobiologia das Populações Medievais Portuguesas: Os casos de Fão e São João de Almedina*. Tese de Doutoramento em Antropologia. Coimbra: Departamento de Antropologia, F.C.T.U.C.
- CUNHA, E. (1995) - Testing identification records: evidence from Coimbra Identified Skeletal Collections (19 and 20 centuries). In SAUNDERS, S.; HERRING, A., eds. - *Grave reflections: portraying the past through cemetery studies*. Toronto: Canadian Scholar's Press, p. 179-198.
- CUNHA, E. (2002) - Enfermedades reumáticas. In ISIDRO, A.; MALGOSA, A. - eds. - *Paleopatología. La enfermedad no escrita*. Barcelona: Masson.
- CUNHA, E. (2001) - Bioarqueologia na Península Ibérica: o estado da questão. In 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. *Actas*. Porto: ADECAP. 9, p. 309-319.
- CUNHA, E.; UMBELINO, C. (1995) - What can bones tell about labour and occupation: the analysis of skeletal markers of occupational stress in the Identified Skeletal Collection of the Anthropological Museum of the University of Coimbra (preliminary results). *Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 13, p. 49-68.
- DRIESCH, A. von den (1976) - *A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites*. Harvard: Peabody Museum Bulletin 1. Cambridge Mass., Harvard University.
- DUARTE, C. (1998) - Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo. Contexto cronológico e espaço funerário. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 1:2. p. 107-118.
- EQUIP MINFERRI (1997) - Noves dades per a la caracterització dels assentaments a l'aire lliure durant la meitat del II mil·lenni cal BC: primers resultats de les excavacions en el jaciment de Minferri (Juneda, Les Garrigues). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 7, p. 161-211.
- ETXEBERRIA, F. (1996) - *Tafonomía. Estudio de la antigüedad de los restos humanos. (Curso de Introducción a la Antropología forense)*. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- ETXEBERRIA, F. (2001) - The accidental, the intentional and the ritual in human burials. In 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. *Actas*. Porto: ADECAP, 9, p. 291-308.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. (1980) - Recommendations for Age and Sex Diagnoses of Skeletons. Workshop of European Anthropologists. *Journal of Human Evolution*. London. 9, p. 517-549.
- FREETH, C. (2000) - Dental health in British Antiquity. In KATZENBERG, M. A.; SAUNDERS, S. eds. - *Biological Anthropology of the Human Skeleton*. New-York: Wiley-Liss, p. 227-237.
- GARLAND, A. N.; JANAWAY, R. C. (1989) - The taphonomy of inhumation burials. In ROBERTS, A.; FRANCES, L.; BINTLIFF, J., eds. - *Burial Archaeology current research and developments*. [British Archaeological Reports. British Series]. London. 211, p. 15-37.

- GILBERT, J. M. (1990) - La dent-outil – troisième main de l'homme. Le «crocheur» de la Nécropole de Benon. *Bulletin du Groupe Vendéen d'Études Préhistoriques*. La Roche sur Yon. 23, p. 31-59.
- GOMES, M. V. (1997) - Anta da Belhoa (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados da campanha de escavações de 1992. *Cadernos de Cultura*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 36-69.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. (1994) - A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.
- GÓMEZ, A. (1978) Nuevas aportaciones al estudio de los dólmenes de El Pozuelo: El dolmen de "Martín Gil". *Huelva Arqueológica*. Huelva. 4, p. 11-78.
- GONÇALVES, V. S. (1970) - Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 407-421.
- GONÇALVES, V. S. (1978a) - *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura
- GONÇALVES, V. S. (1978b) - Para um programa de estudos do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 28-29, p. 147-162.
- GONÇALVES, V. S. (1980) - Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 47-58.
- GONÇALVES, V. S. (1982) - O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche). *Clio*. Lisboa. 4, p. 7-18.
- GONÇALVES, V. S. (1983-84) - Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da campanha 1(83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico. *Clio – Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 69-75.
- GONÇALVES, V. S. (1987) - O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1(88). *Portugalia*. Porto. N. S. 8-9, p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. N.S. 9-10, p. 47-60.
- GONÇALVES, V. S. (1989a) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa. INIC - UNIARQ. 2 vols.
- GONÇALVES, V. S. (1989b) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1990/91) - TESP3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. N. S., 11-12; p. 53-72.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1993) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa. 5.ª Série. 15, p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1995a) - *Sítios, «Horizontes» e Artefactos*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1995b) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. In *O Megalitismo no Centro de Portugal: Mangualde, Nov. 1992*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira-Alta, p. 115-135. [Actas do colóquio, Nov. 1992].
- GONÇALVES, V. S. (1996) [2003] - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz. *Ophiussa*. Lisboa. 0, p. 77-96.
- GONÇALVES, V. S. (1997a) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. (Comunicação apresentada às I Jornadas de Arqueologia do Sudoeste Alentejano, Sagres, 1991). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 199-216.
- GONÇALVES, V. S. (1997b) - IPPAR e IPA no fim do milénio: as (más?) perspectivas possíveis. *Al-madan*. Almada. 6. 2.ª Série, p. 86-87.
- GONÇALVES, V. S. (1999a) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1999b) - Time, landscape and burials. 1. Megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal: an initial overview. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 83-91.
- GONÇALVES, V. S. (2000-2001) - O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3.º milénio no Centro e Sul de Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 53-54, p. 273-292.
- GONÇALVES, V. S. (2001a) - A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 115-206.
- GONÇALVES, V. S. (2001b) - As antas da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Al-madan*. Almada. 2.ª Série. 10, p. 204-207.
- GONÇALVES, V. S. (2002a) - Intervenções arqueológicas em monumentos do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz na área a inundar pela Barragem de Alqueva. Um ponto da situação em fins de 2001. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 39-65.
- GONÇALVES, V. S. (2002b) - Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas junto ao Guadiana e à Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz). Um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 153-189.

- GONÇALVES, V. S. (2002c) - Cobre, RPS e fortificações no Centro e Sul de Portugal (ontem, hoje e talvez amanhã, numa perspectiva pessoal. *Arqueologia e História*. Lisboa. 54, p. 87-102.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. «A síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) - A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 143-166.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) - *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Estudos sobre o 3.º milénio no Centro e Sul de Portugal*. (2.ª edição, revista e ampliada de Gonçalves, 1995a). Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997a) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente Peninsular. In *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Gallega, Universidade de Santiago de Compostela, Unión Internacional de Ciencias Préhistóricas e Protohistóricas; p. 609-634.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997b) - Uma primeira notícia sobre a ocupação pré-histórica do sítio Areias 15 (Reguengos de Monsaraz, Évora). *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz. Boletim Cultural do Município*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 71-95.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 11-104.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2003) - Novos dados sobre as práticas funerárias das antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz: o limite oriental. In *Muita gente, poucas antas. Origens, espaços e contextos do megalitismo. Actas do 2.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 2000)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia. 25]; p. 195-221.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2000) - *Muitas antas, pouca gente. Actas do 1.º Colóquio Internacional sobre megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. [Trabalhos de Arqueologia. 16]
- GONÇALVES, V. S., ed. (2003) - *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo. Actas do 2.º Colóquio Internacional sobre megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 25]
- GONÇALVES, V. S.; CALADO, M.; ROCHA, L. (1992) - Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 391-412.
- GOODMAN, A.; ARMELAGOS, G. (1985) - Factors affecting the distribution of enamel hypoplasias within the human permanent dentition. *American Journal of Physical Anthropology*. New York. 68, p. 479-493.
- GOODMAN, A.; ROSE, J. (1991) - Dental enamel hypoplasias as indicators of nutritional status. In KELLEY, M.; LARSEN, C. eds. - *Advances in Dental Anthropology*. New York: Wiley-Liss, p. 279-293.
- GOODMAN, A.; SONG, R.-J. (1999) - Sources of variation in estimated ages at formation of linear enamel hypoplasias. In HOPPA, R.; FITZGERALD, C. eds. - *Human growth in the past. Studies from bones and teeth*. Cambridge: University Press.
- HARCOURT, R. A. (1974) - The dog in prehistoric and early historic Britain. *Journal of Archaeological Science*. Kent. 1, 151-175.
- HENDERSON, J. (1987) - Factors determining the state of preservation of human remains. In BODDINGTON, A.; GARLAND, A. N.; JANAWAY, R. C., eds. - *Death, decay and reconstruction: approaches to archaeology and forensic science*. Manchester: University Press, p. 43-54.
- HILLSON, S. (1996) - *Dental Anthropology*. Cambridge: University Press.
- HURLBUT, S. A. (2000) - The Taphonomy of Cannibalism: A Review of Anthropogenic Bone Modification in the American Southwest. *International Journal of Osteoarchaeology*. London. 10:1, p. 4-26.
- JANAWAY, R. C. (1987) - The preservation of organic materials in association with metal artefacts deposited in inhumation graves. In BODDINGTON, A.; GARLAND, A. N.; JANAWAY, R. C. eds. - *Death, decay and reconstruction: approaches to archaeology and forensic science*. Manchester: University Press, p. 127-148.
- JANAWAY, R. C. (1996) - The decay of buried human remains and their associated materials. In HUNTER, J.; ROBERTS, C.; MARTIN, A., eds. - *Studies in crime: an introduction to forensic archaeology*. London: Batsford, p. 58-85.
- KOUDELKA, F. (1885) - Das Verhältnis der Ossa longa zur Skeletthöhe bei den Säugetieren. *Verhandl. D. Naturforsch. Ver. Brunn*. 24, p. 127-153.
- LABORDE, M.; BARANDIARÁN, J. M. de, ATAURI, T.; ALTUNA, J. (1967) - Excavaciones en Marizulo (Urnieta). (Campañas 1965 y 1967). *Munibe*. San Sebastián. 19, p. 261-270.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. (1998) - Povoado dos Perdigoões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 45-152.

- LALUEZA, C.; PÉREZ-PÉREZ, A. (1993) - The diet of the Neanderthal Child Gibraltar 2 (Devil's Tower) through the study of the vestibular striation pattern. *Journal of Human Evolution*. London. 24, p. 29-41.
- LALUEZA, C.; PÉREZ-PÉREZ, A.; TURBÓN, D. (1993) - Microscopic study of the Banyoles mandible (Girona, Spain): Diet, cultural activity and toothpick use. *Journal of Human Evolution*. London. 24, p. 281-300.
- LALUEZA, C.; PÉREZ-PÉREZ, A.; TURBÓN, D. (1996) - Dietary inferences through buccal microwear analysis of Middle and Upper Pleistocene human fossils. *American Journal of Physical Anthropology*. New York. 100, p. 367-387.
- LAMARQUE, C. (1991) - *Caries, usure et parodontie d'une population médiévale provenant du Quartier Saint-Étienne à Toulouse*. Bordeaux: Université de Bordeaux. 1.
- LAMENDIN, H. [et al.] (1992) - A simple technique for age estimation in adult corpses: the two criteria dental method. *Journal of Forensic Science*. Colorado. 37, p. 1372-1379.
- LARSEN, C. S. (1997) - *Bioarchaeology. Interpreting behaviour from the human skeleton*. Cambridge: University Press.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura (reeditado pelo INIC/UNIARQ, Lisboa, 1985).
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1953) - Contribuição para o registo das Antas portuguesas. *O Arqueólogo Português*. Nova Série. Lisboa. 2, p. 227-256.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do; RIBEIRO, L. (1964) - *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo et la Culture du Vase Campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1969) - *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- LEWIS, M. (2000) - Non-adults paleopathology: current status and future potential. In COX, M.; MAYS, S. eds. - *Human Osteology in Archaeology and Forensic Science*. London: Greenwich Medical Media, Ltd., p. 39-57.
- LILLIOS, K. (2002) - Some new views of the engraved schist plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 135-152.
- LIZCANO, R., CAMARA, J. A., RIQUELME, J. A., CAÑABATE, M.^a L., SÁNCHEZ, A., AFONSO, J. A. (1991-1992) - El Polideportivo de Martos. Producción económica y símbolos de cohesión en un asentamiento del Neolítico Final en las Campañas del Alto Guadalquivir. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. Granada. 16-17, p. 5-101.
- LOUX, F. (1981) - L'Ogre et la dent.
- LUKACS, J. R. (1989) - Dental Paleopathology: Methods for Reconstructing Dietary Patterns. In ISCAN, M. Y.; KENNEDY, K. A. R., eds. - *Reconstruction of life from the skeleton*. New York: Alan R. Liss, Inc., p. 261-286.
- LYMAN, R. L. (1994) - *Vertebrate taphonomy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MALVILLE, N. (1997) - Enamel hypoplasia in Ancestral Puebloan Populations from South-western Colorado: I. Permanent Dentition. *American Journal of Physical Anthropology*. New York, 102, p. 351-367.
- MASSSET, C. (1982) - *Estimation de l'Age au Décès par les Sutures Crâniennes*. Thèse Doctoral Paris: Laboratoire d'Anthropologie Biologique, Université de Paris. VII.
- MATEUS, J. E.; QUEIROZ, P. F. (2000) - *Lakelets, lagoons and peat-mires in the coastal plane South of Lisbon - Palaeoecology of the Northern Littoral of Alentejo*. Excursion guide of the 2nd workshop of the Southern European working group of the European Lake Drilling Programme (ELPD-ESF). In MATEUS, J. E.; QUEIROZ, P. F. - Rapid environmental change in the Mediterranean Region - The contribution of the high-resolution lacustrine records from the last 80 millennia. Ed. IPA, Lisboa.
- MATEUS, J. E. (1992) - *Holocene and present-day ecosystems of the Carvalhal Region, Southwest Portugal*. Tese de Doutoramento, Universidade de Utreque. 184 p.
- MATEUS, J. E. (1996) - Arqueologia da Paisagem e Paleoecologia. *Al-madan*. Almada. II.^a Série. 5, p. 96-108.
- MATEUS, J. E.; QUEIROZ, P. F. (1993) - Os estudos de Vegetação Quaternária em Portugal: Contextos, balanço de resultados, perspectivas. In *O Quaternário em Portugal*. Lisboa: Colibri.
- MATEUS, J. E. (1990) - A teoria da zonação do ecossistema territorial. In GAMITO, T., ed. - *Arqueologia Hoje I. Etno-Arqueologia*. Faro: Universidade do Algarve, p. 196-219.
- MAYHALL, J. (2000) - Dental Morphology: techniques and strategies. In KATZENBERG, M. A.; SAUNDERS, S., eds. - *Biological Anthropology of the Human Skeleton*. New-York: Wiley-Liss, p. 103-134.
- MICOZZI, M. S. (1991) - *Post-mortem Changes in Human and Animal Remains. A Systematic Approach*. Illinois: Charles C. Thomas, Publisher.
- NAWAROCKI, S. P. (1995) - Taphonomic Processes in Historic Cemeteries. In GRAUER, A. L., ed. - *Bodies of Evidence, Reconstructing History through skeletal analysis*. New York: Wiley-Liss, p. 49-66.

- OLIVEIRA, J. (1995) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Vols. 2-3, policopiados (Universidade de Évora).
- OLIVEIRA, J. (1997) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Vol. 1. Lisboa: Edições Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2000) - A Anta da Fábrica da Celulose. In *Memórias de Odiana. Estudos arqueológicos do Alqueva*. Beja: EDIA. 2; p. 195-217.
- OLSON, E. C. (1980) - Taphonomy: its history and role in community evolution. In BEHRENSMEYER, A. K.; HILL, A. P., eds. - *Fossils in the Making: Vertebrate Taphonomy and Paleoecology*. Chicago: University Press, p. 5-19.
- PARKER, R. B.; TOOTS, H. (1980) - Trace elements in bones as paleobiological indicators. In BEHRENSMEYER, A. K.; HILL, A. P., eds. - *Fossils in the Making: Vertebrate Taphonomy and Paleoecology*. Chicago: University Press.
- PARREIRA, R.; SERPA, F. (1995) - Novos dados sobre o povoamento da região de Alcalar (Portimão) no IV e III milénios a.C. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:3, p. 235-256.
- PAYNE, S. (1975) - Partial recovery and sample bias. In CLASON, A.T., ed. - *Archaeozoological studies*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, p. 7-17.
- PÉREZ-PÉREZ, A.; LALUEZA C.; TURBÓN D. (1994) - Intraindividual and intragroup variability of buccal tooth striation pattern. *American Journal of Physical Anthropology*. New York. 94, p. 175-187.
- PÉREZ-PÉREZ, A.; BERMÚDEZ DE CASTRO, J. M.; ARSUAGA, J. L. (1999) - Nonocclusal dental microwear análisis of 300,000 year-old Homo heidelbergensis teeth from Sima de los Huesos (Sierra de Atapuerca, Spain). *American Journal of Physical Anthropology*. New York. 108, p. 433-457.
- PINA, H. L. (1961) - A Anta da Herdade do Duque. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71, p. 13-26.
- PINA, H. L. (1963) - A Anta da Azinheira (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 19:1, p. 25-46.
- PINA, H. L.; CARVALHO, A. M. G. (1962) - A Anta da Velada das Éguas. Barrocal - Évora. *Boletim Distrital de Évora*. Évora. 2, p. 159-202.
- PIÑÓN VARELA, F.; BUENO RAMÍREZ, P. (1985) - Algunos objetos de la cultura megalítica onubense. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 7, p. 293-306.
- POWELL, M. L. (1985) - The analysis of dental wear and caries for dietary reconstruction. In GILBERT, R. I.; MIELKE, J. H. eds. - *The analysis of prehistoric diets*. Orlando: Academic Press, p. 307-338.
- PROUST, M. (1927) - *A la recherche du temps perdu*. XV. *Le temps retrouvé (deuxième partie)*. Paris: Gallimard.
- QUEIROZ, P. F.; VAN DER BURGH, J. (1989) - Wood Anatomy of Iberian Ericales. *Revista de Biologia*, 14, p. 95-134.
- QUEIROZ, P. F. (1999) - *Ecologia Histórica da Paisagem do Noroeste Alentejano*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, 300 p.
- QUEIROZ, P. F. (2001) - Estudos de Arqueobotânica sobre materiais provenientes da Anta 2 de Santa Margarida. In GONÇALVES, V. S. - A Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 186-190.
- REYES, G.; JIMÉNEZ BARRIENTOS, J. C.; OLIVA ALONSO, D.; GARCÍA DE LEANIZ, M. P. (1985) - El sepulcro de galería de "El Hoyo del gigante" (Moron de la Frontera, Sevilla). *Huelva Arqueológica*. Huelva. 4, p. 265-292.
- RIVAS-MARTÍNEZ, S.; LOUSA, M.; DÍAZ, T.E.; FERNÁNDEZ-GONZÁLEZ, F.; COSTA, J.C. (1990) - La vegetación del sur de Portugal (Sado, Alentejo y Algarve). *Itinera Geobotanica*. León. 3:5, p. 126.
- ROBERTS, C. (1996) - Forensic anthropology: the contribution of biological anthropology to forensic contexts. In HUNTER, J.; ROBERTS, C.; MARTIN, A., eds. - *Studies in Crime: An Introduction to Forensic Archaeology*. London: B. T. Batsford, Ltd.
- ROBERTS, C.; MANCHESTER, K. (1995) - *The Archaeology of Disease*. New York: Alan Sutton Publishing.
- ROCHA, L. (1998) - *Povoamento megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História regional*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (1999) - Aspectos do megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 71-95.
- ROCHA, L. (2001) - Povoamento pré-histórico da área de Pavia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 17-43.
- RODRÍGUEZ CASAL, A. A. (1988) - *La necrópolis megalítica de Parxubeira*. A Coruña: Museu Arqueológico Provincial.
- ROGERS, J.; WALDRON, T. (1995) - *A field guide to joint disease in archaeology*. New York: Wiley-Liss.
- ROTHSCHILD, B. M. (1992) - Advances in Detecting Disease in Earlier Human Populations. In SAUNDERS, S. R.; KATZENBERG, A. M. eds. - *Skeletal biology of past people: research methods*. New York: Wiley-Liss, p. 131-151.
- SANTONJA, M. (1987) - Anotaciones en torno al megalitismo del occidente de la Meseta (Salamanca). In *El megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid. p. 199-210.
- SANTOS, A. L. (2002) - Os caminhos da paleopatologia: passado e desafios. *Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 16/17, p. 161-184.

- SANTOS, M. F. (1971) - Manifestações votivas da necrópole da Gruta do escoural. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Junta Nacional de Educação. 1, p. 95-97.
- SAUNDERS, S. (1992) - Subadult skeletons and growth related studies. In SAUNDERS, S.; KATZENBERG, M. A. eds. - *Skeletal biology of past peoples: research methods*. New York: Wiley-Liss, p. 1-20.
- SCHUBART, H. (1973) - Tumbas megalíticas con enterramientos secundarios de la Edad del Bronce de Colada de Monte Nuevo de Olivenza. In *XII Congreso Nacional de Arqueología*, p. 175-191.
- SCHWEINGRUBER, F.H (1990) - *Anatomy of European woods*. Haupt.
- SCOTT, G. R.; TURNER, C. G. (1997) - *The anthropology of modern human teeth. Dental morphology and its variation in recent human populations (Cambridge Studies in Biological Anthropology)*. Cambridge: University Press.
- SHIPMAN, P. (1981) - *Life history of a fossil. An introduction to Taphonomy and Paleoecology*. Cambridge: Harvard University Press.
- SILVA, A. M. (1996) - *O Hipogeu de Monte Canelas I (IV - III milénios a.C.): Estudo paleobiológico da população humana exumada*. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. [Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica]
- SILVA, A. M. (2002) - *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/Calcolítico*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra sob a direcção de Eric Crubézy e Eugénia Cunha. Policopiada.
- SILVER, I. A. (1969) - The ageing of domestic animals. In BROTHWELL, D.R.; HIGGS, E., eds. - *Science in Archaeology*. London: Thames and Hudson, p. 250-268.
- SMITH, B. H. (1984) - Patterns of molar wear in hunter-gathers and agriculturalists. *American Journal of Physical Anthropology*. New York. 63, p. 39-84.
- SOARES, A. M.; ARNAUD, J. (1984) - Escavação do sepulcro megalítico MV2 (V. V. Ficalho, Serpa). *Arquivo de Beja*. Beja. 2.^a série. 1, p. 67-82.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. M. P. (1984) - Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 2, p. 167-214.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. M. P. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33:3-4, p. 217-226.
- THIEME, F.; SCHULL, W. (1957) - Sex determination from the skeleton. *Human Biology*. Detroit. 29, p. 242-273.
- TURNER, C. G.; NICHOL, C.; SCOTT, G. R. (1991) - Scoring procedures for key morphological traits of the permanent dentition: the Arizona State University Dental Anthropology System. In KELLEY, M.; LARSEN, C. eds. - *Advances in Dental anthropology*. New York: Wiley-Liss, p. 13-31.
- TYRRELL, A. (2000) - Skeletal non-metric traits and the assessment of inter- and intra-population diversity: past problems and future potential. In COX, M.; MAYS, S., eds. - *Human Osteology in Archaeology and Forensic Science*. London: Greenwich Medical Media, Ltd., p. 289-306.
- UBELAKER, D. H. (1989) - *Human skeletal remains: excavation, analysis and interpretation*. Washington: Taraxacum.
- VALERA, A.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L. S. (2000) - Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões. *ERA-Arqueologia*. Lisboa. 2, p. 84-105.
- VAN LEEUWAARDEN, W. (in prep.) - *Wood anatomy of Portuguese Quercus - recent and fossil wood and charcoal*. Trabalhos do CIPA. Lisboa.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1894a) - Notícias várias. 1. Antas do termo de Monsaraz (Alentejo). *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 222-223.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1894b) - Antas de Monsaraz. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 279.
- VIAN, B. (1962) - *L'arrache-cœur*. Paris: Jean-Jacques Pauvert.
- VIANA, A.; ANDRADE, A. F.; FERREIRA, O. V. (1961) - O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 483-492.
- VILAÇA, R.; RIBEIRO, J. P. (1987) - Escavações arqueológicas na Gruta dos Alqueves (S. Martinho do Bispo, Coimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 27:1-4, p. 27-65.
- WASTERLAIN, S. (2000) - *Morphé (Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra)*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra: Departamento de Antropologia, F.C.T.U.C.
- WHITE, T. (2000) - *Human Osteology*. San Diego: Academic Press.

Abstract

These are the results obtained on the excavation and study of the materials originating from Anta 3 of the Santa Margarida Estate (Reguengos de Monsaraz, Évora, Portugal). This monument, with a short passage, was built during the beginning of the 3rd millennium and rebuilt and reused during the last quarter of the same millennium. It was violated on two separate occasions during the Middle Ages and was about to be dismantled in 2000 of our era.

Structure

Chamber: originally of seven orthostats, on an axis of 130g, with the original dimensions of 2,90 m in length by 3,00 in width, rebuilt during the last centuries of the 3rd millennium with a vaguely cystoid shape measuring 2,90 by 1,80. This reconstruction implied the integral removal of support orthostat 5 of the Chamber (substituted by another one in the form of a smaller slab) and the displacement of the other orthostats both towards the centre of the original Chamber and to the west, actually overstepping the limits of the capstone.

Passage: formula 1+1 with 2.33 in length and a minimum internal height of 1,17 m. It had mobile stone structures of closure to access from the exterior and a cover stone which closed the transition Passage-Chamber. As one of the orthostats of the Passage was shorter than the other, this was compensated with two height correcting stones.

Artifacts

Numerous votive artifacts were gathered namely:

1. In the Passage: 16 necklace beads, one intact ceramic vase and 12 identifiable fragments; two bladelets, one flake and one nucleus, eight arrow heads, various lithic debris and 16 fragments of schist plaques, of which a minimum of three can be identified as individual plaques;
2. In the Chamber: 13 fragments attributable to hair pins of polished bone, perhaps corresponding to 5 examples, one of which associated to the remains of a cranium from Cm-7, the deposition with the big schist plaque, 102 necklace beads mostly discoid in shape, but also bitronconical, beaten and elongated. Among the majority of schist artifacts particularly worthy of mention are those of green stone, one of earthenware and another amphibolite (bitronconical elongated), 61 ceramic pieces designed as individual recipients, among which an intact bowl, associated with grave deposition Cm-3, a small globular vessel with out-turned brim associated with the dog, fragments of carinated bowls, mamillated earthenware, a plate and bowl with externally thickened edge, a large spheroidal recipient with out-turned rim, nine bladelets, various flakes, 12 arrow heads, various lithic debris, a small fragment of a polished stone adze, four schist plaques with geometric decoration, one of which is an extraordinary example of the big sculpted plaques, 100 fragments of schist with geometric decoration, often of a very small size due to the consequences of the

medieval violations. The whole schist plaques, and the fragments are recognized to be components of individualized plaques, and add up to a presumable total of 22 plaques for the monument (three in the Passage and 19 in the Chamber). In the Chamber was also found a pit full of medium sized stones, which covered the remnants of five earthenware bowls, four of a large size, and were deemed to be part of a ritual foundation of the monument;

3. in the *Tumulus*: 11 earthenware fragments whose shape was recognized, a bladelet, various flakes, a nucleus, one arrow head and five fragments of schist with geometric decoration, this series being deemed to be the result of violations to the Chamber and thus accounted.

Anthropology

The monument revealed two types of human remains: isolated or in articulation *in situ* integrating funereal depositions recognized as such, all pertaining to primary burials.

The calculation of the minimum number of individuals was carried out in compliance with two distinct methodologies: the long bones and the teeth. Analysis of the first revealed a minimum number of 25 individuals (15 adults, 10 sub-adults). The estimation carried out on the basis of the teeth collected indicated the presence of a larger number of individuals, 28 (12 adults, 16 sub-adults (between the ages of 0/6 months and 15 years), including with the three individual adults of the late 3rd millennium).

Of all these funereal depositions, only three undeniably belong to the monument's second phase of use (Cm-2, Cm-3, Cm-4), the remainder being attributable to the first phase, that is, undoubtedly associated to the construction and use of an original funereal monument, and planned as an collective burial.

The joint study revealed the non-selective nature of these funereal manifestations, concluding that men and women of all age groups were present.

A study of the patterns of the dental microgrooves pointed towards the existence of a type of food with very little abrasive qualities, different from that usual in societies with high cereal consumption levels.

On the paleopathological level various cases of arthritis were identified in the phalanges of the hands and the feet, in an ulna and in a humero, in addition to a fracture (remodeled) of the first toe of a right foot. All these pathological manifestations can be deemed as ordinary.

The teeth reveal one of the highest frequencies of caries for the period in question – 8,2% (14/170 definitive teeth). Reference must also be made to the detection of some teeth loss *ante mortem* and two abscesses. The *linear hipoplasias* of the dental enamel were rare.

Rituals

In the monument Chamber next to the central orthostat of the Chamber (ECm-4) a finding was identified and interpreted as a foundation ritual, which constituted 5 earthenware vessels associated to non-identified organic matter (certainly animal, human or not) deposited in a pit dug into the granite.

Also in the Chamber, specific funereal rituals were identified, some corresponding to part of the minimum of 28 individuals identified.

In the first phase of the monument at the outset of the 3rd millennium, the big schist plaque of the funereal deposition Cm-7 was found below the jaw and fragments of a cranium

with some phalanges of the hand associated, thus suggesting that the plaque was effectively worn around the neck of the deceased.

In the reutilization phase, in the last quarter of the 3rd Millennium, the funereal deposition Cm-3 presents an exceptionally well-defined situation: a woman aged of approximately 40-45 was deposited with a vessel close to her, while three of four white quartz fragments (one of which was in her mouth) was found deposited over a young dog of about 18 months of age and medium stature. Next to the dog's paws there was a small globular vessel. From the dental wear and tear and the specific deformation evidenced in the woman's hands, it is admissible that she was a basket weaver. The funeral depositions Cm-2, Cm-3 and Cm-4, as well as the dog itself, were radiocarbon-dated and are found to originate from exactly the same period, the last centuries of the 3rd millennium.

In the Passage, traces of three funereal depositions were registered, all highly affected by post-deposition phenomenon and according to archeological analysis corresponding to the first phase of the use of the monument.

Chronology

In Portugal, the situation of being able to directly date a funereal deposition in a megalithic orthostatic monument is very rare, in that the organic remains of human origin are extremely scarce.

Generally, the available dating pertains to coals, the origin of which is not always rigorously connectable to burials or even to the monument itself. In the case of STAM-3 all the significant dating was carried out on human bones attributed to specific funereal depositions. We thus verify that the dates of 2930-2500 cal BC pertain to the construction and of the first phase of the use of the monument with three dates indicating an exceptionally short interval period, one of them for the funereal deposition Cm-7 which was associated to the large cut plaque J.8-667, between 2920-2870 cal BC, an interval period considered to be very probable for the effective construction of the monument to be placed within this period.

Among the remaining plaques, plaque H.8-5 originating from the Passage with two engraved sides and motifs related with the Mother Goddess is particularly worthy of note. It is in fact an ideotechnical artifact which presents characteristics of the "mad plaques syndrome" as described in the text.

The second phase of use of the monument, following its reconstruction, and based on funereal depositions Cm-2, -3 and -4 and the associated dog was dated as from 2280 to 2120 cal BC (see text).

Radiocarbon dating was also used to date three violations, two medieval and an extremely recent one, the latter probably corresponding to the attempt to destroy the monument around the year 2000 of our era. The first two of the three major violations were certainly carried out in the Autumn, a time when the strawberry tree (*Arbutus unedo*) is ripe (14 carbonized fruits were found at different levels and associated to a bramble which has the same period of maturation). The dates indicated two intervals of time, one corresponding to the XIIIth and the other to the XIVth century and the first thirty years of the XVth of our era. The last of the three violations provoked between 1999 and 2000 of our era a migration of the carbonized organic matter (lentisc, *Pistacia lentiscus*) almost to the back end of the monument, to the junction Passage-Chamber.

Resumo

Apresentam-se os resultados obtidos pela escavação e estudo dos materiais provenientes da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz, Évora, Portugal).

Este monumento, de Corredor curto, foi construído durante os inícios do III milénio e reconstruído e reutilizado no último quartel do mesmo milénio. Foi violado por duas vezes durante a Idade Média e ia começar a ser desmantelado em 2000 da nossa era.

Estruturas

Câmara: originalmente de sete esteios, orientada a 130º, com as dimensões originais de 2,90 m, na longitudinal, por 3,00 m, transversal, reconstruída nos últimos séculos do III milénio com um aspecto vagamente cistóide com as dimensões 2,90 x 1,80 m. Esta reconstrução implicou a remoção integral do esteio 5 da Câmara (substituído por outro tipo laje, mais pequeno) e deslocações dos outros esteios quer em direcção ao centro da Câmara original quer para Oeste, ultrapassando mesmo os limites do esteio de cabeceira.

Corredor: fórmula 1+1, com o comprimento de 2,33 m e uma altura interna mínima de 1,17 m. Tinha estruturas pétreas móveis de fecho do acesso exterior e um opérculo que encerrava a transição Corredor – Câmara. Como um dos esteios do Corredor era de altura inferior ao outro, foi compensado com duas pedras correctoras de altura.

Artefactos

Recolheram-se numerosos artefactos votivos, nomeadamente

1. No Corredor: 16 contas de colar, um vaso cerâmico intacto e 12 fragmentos de forma identificável, duas lamelas, uma lâmina e um núcleo, oito pontas de seta, vários restos de talhe e 16 fragmentos de placas de xisto, dos quais se identificam como placas um número mínimo de três;
2. na Câmara: 13 fragmentos atribuíveis a alfinetes de cabelo de osso polido, correspondentes talvez a cinco exemplares, um dos quais associado aos restos de crânio de Cm-7, a deposição com a placa recortada, 102 contas de colar, maioritariamente discóides, mas também bitroncocónicas abatidas e alongadas. Entre a maioria, de xisto, salientam-se algumas de pedra verde, uma de cerâmica e outra de anfíbolito (bitroncocónica alongada), 61 registos cerâmicos desenhados como recipientes individuais, entre os quais uma taça intacta, associada à deposição funerária Cm-3, um pequeno vaso globular de bordo exvertido, associado ao cão, fragmentos de taças carenadas, cerâmica mamilada, prato e taça de bordo espessado externamente, um grande recipiente esférico de bordo exvertido, nove lamelas ou pequenas lâminas, várias lascas, 12 pontas de seta, vários restos de talhe, um pequeno fragmento de uma enxó de pedra polida, quatro placas de xisto com decoração geométrica, uma das quais um extraordinário exemplar de placa recortada, 100 fragmentos de placas de xisto com

decoração geométrica, por vezes de muito pequena dimensão, em consequência das violações medievais. As placas de xisto inteiras, e as fragmentadas reconhecidas como componentes de placa individualizáveis, somam um total presumível de 22 placas para o monumento (três no Corredor, 19 na Câmara). Na Câmara, foi também definida uma fossa cheia de pedras de dimensão média, que cobriam restos de cinco vasos cerâmicos, quatro de grandes dimensões, no que foi considerado como um ritual de fundação do monumento;

3. no *Tumulus*: 11 fragmentos de cerâmica cuja forma foi reconhecida, uma lamela, várias lascas, um núcleo, uma ponta de seta e cinco fragmentos de placas de xisto com decoração geométrica, sendo esta série considerada como resultante de violações da Câmara e como tal contabilizada.

Antropologia

O monumento revelou restos humanos de dois tipos: isolados ou em articulação *in situ* integrando deposições funerárias reconhecidas como tal, todos referentes a inumações primárias.

O cálculo do número mínimo de indivíduos foi efectuado de acordo com duas metodologias distintas: os ossos longos e os dentes. A análise dos primeiros revelou um número mínimo de 25 indivíduos (15 adultos, 10 subadultos). Já a estimativa efectuada a partir dos dentes recolhidos indicou a presença de um número maior de indivíduos, 28 (12 adultos, 16 subadultos (entre os 0/6 meses e os 15 anos de idade), incluindo os três adultos individualizados).

De todas estas deposições funerárias, apenas três pertencem indiscutivelmente à segunda fase de utilização do monumento, sendo as restantes atribuíveis à primeira fase, ou seja, indubitavelmente associada à construção e uso de um monumento funerário de origem, planeado como colectivo.

O estudo do conjunto tornou evidente o carácter não selectivo destas manifestações funerárias, concluído pela presença de homens e mulheres de todos os grupos etários.

O estudo dos padrões de microestriação dentária apontou para a existência de um tipo de alimentação com componentes pouco abrasivos, diferente do habitual em sociedades com consumos elevados de cereais.

A nível da paleopatologia, identificaram-se diversos casos de artrose, nas falanges das mãos e pés e em duas vértebras cervicais, entesopatias, tanto em falanges dos pés como das mãos, num cúbito e num úmero, para além de uma fractura (remodelada) de primeiro dedo de um pé direito. Todas estas manifestações patológicas podem ser consideradas vulgares.

Os dentes revelaram uma das mais altas frequências de cárie para o período em questão — 8,2% (14/170 dentes definitivos). Referência ainda para a detecção de algumas perdas de dentes *ante mortem* e dois abscessos. As hipoplasias lineares do esmalte dentário eram escassas.

Ritos funerários

Na Câmara do monumento, foi identificado, junto ao esteio de cabeceira (ECm-4), o que se interpretou como um ritual de fundação, consistindo na deposição, numa fossa escavada no granito, de cinco vasos cerâmicos associados a matéria orgânica não identificada (certamente animal, humana ou não).

Também na Câmara, foram identificados ritos funerários específicos, alguns correspondendo a parte dos 28 indivíduos identificados.

Na primeira fase do monumento, em inícios do III milénio, a grande placa recortada da deposição funerária Cm-7 encontrava-se logo abaixo da mandíbula e de fragmentos de um crâ-

nio, com algumas falanges da mão associadas, indicando que se encontraria efectivamente ao pescoço do morto.

Na fase de reutilização, no último quartel do III milénio, a deposição funerária Cm-3 configura uma situação excepcionalmente bem definida: uma mulher de 40-45 anos foi depositada com um vaso perto de si, três fragmentos de quartzo branco (um dos quais na boca), depositada sobre um cão jovem, com cerca de 18 meses de vida, de porte médio. Junto às patas do cão, encontrava-se um pequeno vaso globular. Pelo desgaste dentário e pelas específicas deformações das mãos da mulher, admite-se estarmos perante uma cesteira. As deposições funerárias Cm-2, Cm-3 e Cm-4, bem como o próprio cão, foram datadas pelo radiocarbono da mesma época, os últimos séculos do III milénio.

No Corredor, registaram-se traços de três deposições funerárias, muito afectadas por fenómenos pós-deposicionais, todas correspondendo, de acordo com a análise arqueológica, à primeira fase de uso do monumento.

Cronologia

Em Portugal, é muito rara a situação de se poder datar directamente uma deposição funerária num monumento megalítico ortostático, uma vez que os restos orgânicos de origem humana são extremamente escassos. Geralmente, as datações disponíveis referem-se a carvões, de origem nem sempre rigorosamente conectável com enterramentos ou mesmo com o próprio monumento. No caso de STAM-3, todas as datações significativas foram efectuadas sobre os ossos humanos atribuídos a deposições funerárias específicas. Verifica-se assim que à construção e primeira fase de utilização do monumento se referem datas compreendidas entre 2930-2500 cal BC, com três datações indicando um intervalo de tempo excepcionalmente curto, uma delas para a deposição funerária Cm-7, a que se encontrava associada a grande placa recortada J.8-667, entre 2920-2870 cal BC, intervalo de tempo considerado muito provável para nele estar contida a construção efectiva do monumento.

Entre as restantes placas, salienta-se a placa H.8-5, proveniente do Corredor, com duas faces gravadas e motivos relacionáveis com a Deusa Mãe. Trata-se, aliás, de um artefacto ideotécnico que apresenta características da «síndrome das placas loucas», descrita no texto.

A segunda fase de utilização do monumento, na sequência de uma sua reconstrução, foi datada, a partir das deposições funerárias Cm-2, -3 e -4, e do cão associado, entre 2280-2120 cal BC (ver texto).

Identificaram-se ainda, e dataram-se pelo radiocarbono, três violações, duas medievais e uma extremamente recente, provavelmente correspondendo esta última à tentativa de destruição do monumento ocorrida em 2000 da nossa era. As duas primeiras das três violações principais foram certamente efectuadas no Outono, altura em que os frutos do medronheiro (*Arbutus unedo*) estão maduros (encontraram-se 14 frutos carbonizados, em diferentes altimetrias, associados a uma amora, que tem o mesmo período de maturação). As datações indicaram dois intervalos de tempo, um correspondendo ao século XIII, outro ao século XIV e primeiros trinta anos do XV da nossa era. A última das três violações provocou, entre 1999 e 2000 da nossa era, migração de matéria orgânica carbonizada (aroeira, *Pistacia lentiscus*) quase até ao fundo do monumento, na área de junção Corredor – Câmara.